O Livro de Gabriel

Saga Vanir IV

Lena Valenti

Depois de salvar a vida da Caçadora, Gabriel é reclamado pelos deuses para que tome seu lugar no Asgard. Agora, convertido em einherjar, um guerreiro imortal de Odín, passa seu tempo treinando no Valhall, preparando-se para o Ragnarök e recebendo todo tipo de cuidados das valkyrias. Entretanto, o tempo de preparação chegou a seu fim. Três dos objetos mais poderosos dos deuses foram roubados para trazer o caos a Terra e provocar um final dos tempos adiantado. Gabriel será enviado como líder dos einherjars para alertar a todos os guerreiros, unificar os clãs e salvar uma raça humana a que nada mais os une. E enquanto tenta obter seus objetivos, esperará encontrar não só com suas amigas mais queridas, mas também, com a vanira que o obcecou até a morte: Danna McKenna. Mas essa obsessão pode fazer que nunca conheça a mulher que na realidade o ama...

Não é fácil ser uma valkyria como Gúnnr. Ela é diferente do resto, não tem nem os poderes nem a fúria nem o temperamento que caracteriza os de sua raça, todos a veem como "a doce e inofensiva Gúnnr". Por isso se surpreende quando a alma de um guerreio com cara de anjo, o esperado pelos deuses, reinvidica que ela cuide dele. E assim o fará religiosamente até que um engano nascido de sua repentina paixão provocará que o Engel dela se distancie, mas não por muito tempo. Odín e Freyja exigem para que juntos e de maneira indivisível desçam à Terra para recuperar um dos objetos desaparecidos: o martelo de Thor. Gúnnr lutará ao lado de Gabriel e encetará na maior batalha de todas, a de ensinar ao guerreiro de cara de anjo que, por estar cego com uma mulher, está perdendo o resto do desfile.

As valkyrias e os einherjars descem à Terra para que os jotuns de Loki não consigam acelerar o Ragnarök antes de tempo.

Os deuses jogam tudo ou nada.

E dois amigos estão a ponto de descobrir que quando se trata de amor, se aposta sempre no vermelho.

Traduzido do Espanhol
Disp em Espanhol: MR
Envio do arquivo: Gisa
Revisão Inicial: Cris Reinbold
Revisão Final e Formatação: Lucilene
Finalização: Sandra Maia e Lisa de Weerd
TWKliek

Comentário Cris Reinbold: Como uma paixão pode desencadear a *fúria* guardada dentro do corpo de uma mulher, que vibra com olhos vermelhos, que ama com asas, que entesoura as lembranças vividas. Que dá ao guerreiro a coragem para lutar a guerra mais importante de sua vida, a guerra pelo amor.
Venha conhecer Gúnnr o *raio* que veio iluminar a saga Vanir.

Comentário Lucilene: Não sei me expressar de forma tão poética quanto a Cris, mas ai vai minha opinião: **RE-CO-MEN-DA-DÍS-SI-MO!!!!** O livro é muito intenso, faz você vibrar a cada página. Se um livro for uma obra de arte que desperta sentimentos, esse se encaixa nessa categoria, principalmente para nós, leitoras tão ávidas! O Gabriel é um fofo, apesar de ter momentos de você querer matá-lo. Gúnnr tem uma evolução perfeita no livro, você torce por ela a cada instante. Entram em cena novos personagens, que te faz ficar mais curiosa pelo desfecho da série, eu mesma já estou com crise de abstinência!

Glossário de Termos
Saga Vanir IV

Alfather: O Pai de todos.
Álfheim: Reino dos elfos.
Asgard: Reino que compõe Vanenheim, Álfheim e Nidavellir.
Asynjur: Grito de guerra das Valkyrias quando querem convocar aos raios.
Blue: Braceletes largos de metal que usam as Valkyrias. Delas saem os arcos e as flechas.
Cáraid: "Companheiro" em gaélico.
Disir: Deusas menores.
Druht: Dom que outorga Odín aos einherjars.
Dvelgar: Anão.
Guddine: Dos deuses.

Folkvang: As terras de Freyja.
Furie: Fúria das Valkyrias.
Hanbun: Metade em japonês
Hildskálf: Trono de Odín através do qual aparecem a todos os reinos.
Hjelp: Remédio que os anões suprem o pai das Valkyrias.
Helbredelse: O pai das Valkyrias. Funciona com seus einherjars.
Hrmithur: Raça de gigantes.
Jotunheim: Reino dos jotuns e os gigantes.
Katt: Significa gatinha em norueguês.
Kompromiss: É o vínculo que cria entre a Valkyria e seu einherjars.
Kompis: Significa Companheiro em norueguês.
Kone: Significa Mulher ou esposa em norueguês.
Leder: Significa Líder em norueguês.
Muspellheim: Reino dos gigantes de fogo.
Nidavellir: Reino dos pequenos.
Nilfheim: Reino dos infernos.
Noaiti: Significa "xamã" em norueguês.
Seirdrman: É o bruxo que utiliza a magia Seirdr para escuros objetivos.
Sessrúmnir: Palácio de Freyja.
Svartalfheim: Reino dos elfos sombrios.
Valhall: Terra das Valkyrias e de Freyja.
Vanenheim: Reino dos Vanir.
Vingólf: Palácio de quinhentas e quarenta portas onde residem as Valkyrias e seus einherjars

Prólogo

Diz a profecia da vidente:

Haverá uma batalha final entre as forças celestes e as do Submundo. Será uma luta cruel que dará origem ao final dos tempos conhecidos. Esta será a última guerra em que os deuses chegarão a seu anoitecer e onde demônios e humanos perecerão no dia chamado "O final dos tempos", o Ragnarök

Na visão da *völva*, Odín, conhecido como "o Pai de todos", morria às mãos do lobo Fenrir, liderado por Loki. Desatava o caos e a humanidade desaparecia. De todos os deuses escandinavos, só Njörd retornava ao *Vanenheim* de novo. O resto morre na guerra contra as forças do Mal.

Depois de tão sombrio presságio, a *völva* falava do ressurgir de um novo amanhecer. Um futuro mais brilhante no novo mundo.

O *Ragnarök* se origina quando Loki, filho dos gigantes Farbauti e Laufey, que uma vez foi proclamado irmão de sangue por Odín, mais tarde declarado inimigo acérrimo do mesmo e

renomado *O Traidor* por todos os deuses, nega a ajoelhar-se diante da raça inferior humana. Odín quer que os humanos evoluam e cheguem a se converter em mestres de seus próprios mestres, mas Loki se nega a dar uma oportunidade à humanidade, pois, segundo ele, não merecem tal misericórdia.

Quando o deus Aesir escutou da boca da vidente o poema profético sobre o destino, decidiu tomar uma atitude no assunto para que aquilo não acontecesse. Não podia permitir que a profecia se cumprisse, ele não podia desaparecer, a humanidade não podia ser aniquilada, assim sequestrou Loki, *a Origem de todo mal,* do Jotunheim, e o prendeu no *Asgard* em uma prisão invisível de rochas de cristal. Odín já sabia que ninguém podia confiar em Loki, pois era um vigarista, um deus transformista que adotava mil faces distintas quando melhor o convinha. Ele mesmo sofreu da pior maneira as artimanhas de tamanho enganador e seu querido filho Balder perdeu a vida devido as suas maquinações.

Entretanto, Loki, através de um de seus famosos disfarces, escapou da prisão e desceu ao *Midgard*, a Terra, para rir da humanidade e quebrar o projeto de Odín.

Foi quando as duas famílias do panteão escandinavo que não eram amigas em outros tempos, os Aesir, liderados por Odín, e os Vanir, liderados por Freyja, uniram suas forças de novo e criaram os berserkers e os vaniros para proteger a humanidade das maldades de Loki, o filho dos Jotuns.

Odín foi o primeiro que escolheu seus guerreiros *einherjars*, vikings imortais, e os tocou com sua lança outorgando o Od, a *fúria* animal, convertendo-os assim em guerreiros berserkers com semelhanças genéticas e instintivas a dos lobos, seu animal favorito. Fez descer a Terra com o objetivo de manter Loki à distância, e durante um tempo esteve possível; mas as mulheres humanas eram muito atraentes para eles, assim mantiveram relações sexuais e hibridaram a raça pura berserker.

O deus gigante Loki conseguiu levar a seu terreno alguns dos híbridos, já que ao ser de natureza semi-humana eram muito mais fracos e suscetíveis às promessas e os desejos que ele oferecia em troca de se unir às suas filas. Transformou a todos os que foram com ele em lobachos, seres abomináveis e sedentos de sangue que podiam parecer humanos, mas que, ao mudar, convertiam-se em autênticos monstros assassinos, chamados homens lobo. Loki conseguia dessa maneira zombar de Odín e de sua criação.

O *Midgard* então se descontrolou, cada vez eram menos os berserkers híbridos capazes de ignorar e negar Loki. A Terra entrava em uma época convulsa de escuridão e guerra onde não havia capacidade para a luz nem a esperança.

Foi naquele momento quando os Vanir, ao ver o escasso êxito que teve Odín para manter Loki na linha, apoiaram o deus Aesir e criaram uma raça própria de guerreiros para que também pudesse representar na Terra. Entretanto, os Vanir não conheciam nada sobre manipulação de armas nem tampouco sobre guerra. Eles eram deuses da beleza, do amor, da arte, da fecundidade, da sensualidade e da magia: não sabiam nada de destruição. Assim fizeram um acordo com os guerreiros humanos mais poderosos da terra e os mudaram, outorgando-lhes dons sobrenaturais.

Os deuses Vanir Njörd, Frey e Freyja escolheram membros de alguns clãs humanos que então povoavam a terra, e a cada um outorgou dons fascinantes. Mas também, temerosos de que alguma vez pudessem os ultrapassar em poderes, deram alguma outra debilidade.

Assim nasceram os vaniros, seres que uma vez foram humanos e a quem os deuses acrescentaram uma força sobrenatural, convertendo-os em homens e mulheres imortais. Eram telepatas, telecinesios, podiam falar com os animais, podiam voar e tinham presas como seus criadores Vanir; mas não podiam caminhar sob o sol e, além disso, suportariam a tortura da cruz da fome eterna até que encontrassem seus companheiros eternos, homens e mulheres especiais capazes de entregar tudo aquilo que seus corações desejassem. Mas Loki, conhecedor da insaciável sede vanira, também os tentou oferecendo uma vida em que a fome poderia se resolver sem remorsos de consciência. Em troca, eles só teriam que entregar sua alma e se unir a seu exército de jotuns. Os mais fracos, aqueles que se renderam a sua oferta, aceitaram o trato e se converteram em vampiros, seres egoístas que absorvem a vida e o sangue humano. Assassinos.

Agora, diante do reforço e da ofensiva de Loki e seu séquito, os vaniros e os berserkers que não se venderam a ele se verão obrigados a afastar todas suas diferenças e a permanecer unidos para lutar contra todos aqueles que se confabularam para conseguir que o *Ragnarök* chegue a Terra e possa destruir assim a humanidade.

Não obstante, na luta cruel contra o mal, nem sequer a ajuda destas duas raças de seres imortais é suficiente para a causa. Os vaniros e os berserkers são fortes, mas precisam ficar aliados agora que se aproxima a destruição da Terra.

Muitos humanos de almas sombrias que estão à ordem de Loki uniram suas forças, sabedores de que o *Ragnarök* se aproxima; segundo eles, a Terra é regida por ciclos, e o ciclo final deve chegar quanto antes para que seu deus, Loki, faça chegar um novo dia. Durante séculos, criaram seitas e organizações que estudam, sequestram e maltratam seres como os vaniros e os berserkers e de acordo com isso, tentam provocar essa abertura dimensional, essa porta através da qual Loki poderia entrar em nosso mundo e mergulhá-lo para sempre na escuridão. Organizações como Newscientists, a Seita Lokasenna, bruxos e feiticeiros, lobachos, vampiros e a escória humana decidiram provocar esse parto planetário antes do tempo, através da manipulação de mentes privilegiadas de geólogos e físicos quânticos. E é algo que Odín e Freyja decidiram evitar a toda custo.

Até agora, os deuses não podiam interceder diretamente no plano evolutivo da humanidade e esperavam um sinal, um acontecimento, a chegada de um novo guerreiro que desencadeasse a jogada mestra e começasse a mover as fichas.

Esse momento chegou.

A deusa Vanir e o deus Aesir enviarão à Terra a todos os exércitos do *Asgard* e do *Vanenheim*, em uma tentativa desesperada de igualar as forças e dar uma mão a vaniros e berserkers.

Freyja dará carta branca a suas *Valkyrias* para que por fim desçam à Terra e implantem sua lei. Estas mulheres guerreiras são desumanas, caprichosas e letais, e permaneceram no *Víngolf* junto à Freyja desde o momento em que foram concebidas e dotadas de seus dons. A deusa vai

dar a oportunidade de liberar sua frustração e abraçar de uma vez por toda sua ansiada liberdade, embora para isso tenham que arriscar e deixar para trás a segurança que os muros do *Valhall* as deu.

Odín, por sua vez, enviará seus *einherjars*, aqueles guerreiros imortais que não transformou em berserkers. Estes guerreiros foram uma vez humanos, e entregaram sua vida honrosamente em defesa dos seus e dos deuses. Agora são homens poderosos, com grandes dons, e estão dispostos a tudo com tal de lutar em nome de Odín.

O destino da humanidade está nas mãos destes seres, e nem sequer a tapeçaria das *nornas* no que se lê o destino é claro quanto ao final que da raça humana se refere. Não obstante, os deuses sabem que se o ser humano perder esta batalha desaparecerá com eles, e isso não vão permitir. Há muito em jogo.

Mas nem sequer estes guerreiros que vão lutar pela humanidade estão a salvo da energia da Terra. Uma energia que se move através do amor, do ódio, da raiva, da compaixão e do sexo. O ser humano é visceral, igual à realidade em que vive. *Valkyrias* e *einherjars* descerão dos céus para nos defender, mas como se defenderão eles de um planeta tão carregado de emoções? Protegerão seus corações?

A tapeçaria do destino não está acabada, e cada movimento que se faz na Terra a transforma e dá novas cores e novas formas. Cada ação terá uma reação. Não há maiores estrategistas que os deuses, mas inclusive eles não estão seguros de ganhar a partida contra Loki por que: O que importam os planos quando se está em uma realidade tão imprevisível e volúvel como a nossa?

Uns nos defendem, os outros nos atacam.

Uns esperam nossa aniquilação, e os outros se sentem obrigados a nos defender e lutam por nossa salvação, sem ser conscientes de que enquanto nos salvam, alguns de nós também podemos salvá-los.

Os humanos são a raça fraca, estamos justo no meio, vivendo nossas próprias vidas, ignorantes daquilo que nos rodeia. Mas inclusive a raça menor pode dar lições às raças superiores, como por exemplo, que na guerra e na vingança do mais fraco é sempre o mais feroz.

A batalha final entre o Bem e o Mal vem sendo travado há tempos, mas desta vez, as paixões, os desejos, a amizade, o coração, o amor e a valentia, serão fatores decisivos em seu desenlace.

O *Ragnarök* se aproxima.

E você, de que lado está?

No coração da Saga Vanir, uma nova raça de guerreiros chega ao *Midgard*.

Não existe a luz sem a escuridão.

Não se concebe o bem sem o mal.

Não há perdão sem ofensa.

Não há redenção sem rendição.

Em um mundo de opostos onde vivemos, uns seres imortais vêm nos proteger não só de Loki, mas também de nós mesmos.

A linha entre o que é bom e o que não é, é muito subjetiva, muito fina para nós, mas invisível para seres que há milênios estão lutando por uma raça humana que demonstra muito poucos escrúpulos em todas suas ações. Merecemos ser salvos?

Capítulo 1

Valhall. Residência das Valkyrias

Os seres humanos olham o céu e não veem mais que um teto de cor azul, pintado de nuvens e às vezes de estrelas, se é que param para observar. Há algo mais aí em cima? Alguém nos observa? É vazio e infinito? Ninguém está disposto a acreditar por acreditar, a isso se chama fé, e as pessoas deixam de sonhar e ter esperança e muito menos acreditar naquilo que não pode ver. Não obstante, só terá que dar uma olhada às histórias mitológicas de todas as culturas para se dar conta de que todas estão inspiradas em uma grande verdade. Somos o que somos porque alguém acima de nós desceu dos céus e nos ensinou isso tudo. E se toda essa informação está gravada em pedras ou em papiros ou em livros antigos e de mil anos, então forma parte de nossa memória histórica, uma que nos leva a um ponto comum, seja da religião que formos, tenham-nos ensinado a acreditar ou não, e é a seguinte: não estamos sozinhos e nunca estivemos.

Disso davam fé as *Valkyrias* e os *einherjars* que se congregaram no *Valhall*. Os deuses anunciaram a possível chegada de um guerreiro esperado por todos e foram dar uma calorosa boas vindas.

Reuniam-se no *Víngolf*, lar das *Valkyrias*, um impressionante palácio de marfim rodeado de rios e cascatas de águas cristalinas. O céu era rosáceo, as estrelas brilhavam e se moviam fulgurantes de um lado ao outro, e alguma ou outra ave de espécie desconhecida voava em círculos sobre as cabeças dos ali presentes. O palácio *Víngolf* tinha mais de quinhentas e quarenta portas, tão grandes cada uma, que em um momento podiam entrar e sair através delas mais de seiscentos e quarenta mil e quatrocentos guerreiros. Eram muitos os que ali viviam, entretanto, segundo a profecia da *völva*, não seriam suficientes para vencer no *Ragnarök*.

Todas as *Valkyrias* estavam no pátio central de semelhante forte celestial.

Para receber os guerreiros mortos em batalha, estavam vestidos de águias e corvos, em representação das aves fetiches de Odín que viam tudo das alturas.

Todos os homens mortos no *Midgard* que sacrificaram suas vidas pelo plano e a humanidade encontravam seu lugar de repouso no *Valhall*. Ali, o deus Aesir e a deusa Vanir, junto com seus exércitos celestiais, esperavam a chegada dos caídos e os acolhiam em seus exércitos.

Entre as *Valkyrias* que ali se reuniam, achavam-se três muito importantes para Freyja e para Odín, Gúnnr, Róta e Bryn.

Era um dia muito especial para as três.

Bryn, *a selvagem*, por fim ia conhecer o suposto superior no comando que ia ter no *Ragnarök*, já que dizia que esse guerreiro ia liderar os *einherjars* e às *Valkyrias* na batalha final, e Bryn, era a líder das *Valkyrias*, Generela, assim gostava que a chamassem. Portanto, Bryn

trabalharia lado a lado com ele, e faria o melhor possível, porque ela era muito competente e se comprometia cem por cento, contudo.

Por sua parte, Róta sempre foi considerada entre suas irmãs *como aquela que tudo vê*, simplesmente porque tinha o dom da psicometria muito desenvolvido, esse que permite localizar pessoas ou objetos de pessoas através do tato de algo familiar ou relacionado com eles. Róta e Gúnnr faziam uma prova, algo que tinha relação com a segunda. A chegada desse guerreiro demonstraria se o que viu Róta sobre Gúnnr era ou não era verdade.

E por último, Gúnnr, *a doce,* desejava encontrar o guerreiro que antes de morrer cuidou do céu e pôs seus olhos nela.

Quando um humano morria com honra e cravava seu olhar moribundo nas nuvens, entregava sua alma a uma *Valkyria*, e esta se convertia na encarregada de mimá-lo, cuidá-lo e recuperá-lo no *Valhall*. Gúnnr havia sentido os olhos azuis escuros e insondáveis do homem fixos nela e como este se entregava a seus cuidados voluntariamente. E isso nunca aconteceu. De fato, era um milagre das *nornas*, porque não acreditava que ninguém pudesse encomendar a ela, já que ela não era uma *Valkyria* comum. Muitas das *Valkyrias* ali reunidas tinham seus próprios guerreiros, mas ela não, e confiava em que havia uma razão para isso; além disso, a verdade era que nunca sentiu a necessidade nem o chamado de nenhum guerreiro até alguns dias. Gúnnr não se considerava uma *Valkyria* comum. Tinha boa pontaria com as flechas, mas não era uma mulher guerreira. Suas irmãs diziam continuamente:

—Gúnnr, fique perto de mim e não se afaste — dizia Bryn nas brigas com os jotuns do Jotunheim— Corre quando eu disser. Se agache. Se esconda.

Todas as protegiam porque estava defeituosa. As *Valkyrias* necessitavam a *fúria* para lutar, e ela não sentia *fúria* de nenhuma das maneiras, e aquilo era uma contradição, porque seu nome significava *Fúria.*

Suas irmãs, que eram todas muito apaixonadas e lutadoras, sobretudo Bryn, tentavam fazê-la sentir raiva algumas vezes para ver se assim, por fim, ela tirava as garras e explodia, mas suas artimanhas não funcionava. E, além disso, era a menina mimada de Freyja, e a deusa sempre a protegia.

Na realidade, Freyja amava muito as suas *Valkyrias*, mas havia a menina dos olhos para ela, essa era Gúnnr. Inclusive a deusa dava por feito que Gúnnr tinha mais essência de elfa que de *Valkyria* e mesmo assim não importava, a amava mais devido a isso.

As elfas eram conhecidas por sua doçura e sua serenidade. As *Valkyrias* eram conhecidas no *Asgard* porque todas estavam loucas, eram temperamentais, sangrentas e muito caprichosas.

Gúnnr sabia que, de todas suas irmãs, ela era a que mais bom senso tinha. Não sentia nenhum tipo de atração pelos diamantes, bom, não muito, e, além disso, não era nada temperamental, mas bem ao contrário, era tranquila e de caráter muito suave e cometido.

O que falhava nela?

—Muito bem, filhote de águia — sussurrou Róta com sua voz rouca e sexy, inclinando-se para falar no seu ouvido. Róta era mais alta que ela— Aposto um waffle coberto de creme e seu DVD *do Diário de Noa* que o ratinho que nos trazem para comer vai direto a seu ninho.

Gúnnr meio sorriu e mordeu o lábio. Róta sempre a fazia rir. Para Róta, os guerreiros mortos em combate que chegavam eram como ratinhos, um alimento para as águias. As *Valkyrias* eram as águias, é óbvio.

—Você consegue o waffle, mas o DVD nem de brincadeira —respondeu ela girando para olhá-la por cima do ombro— Além disso, Róta, duvido muito que alguém me reinvidique. Deve ser um engano, algo criado por minha mente.

Róta era a *Valkyria* mais sensual do *Valhall*. Tinha umas curvas espetaculares, uma cintura de vespa que matava e um peito que podia amamentar a uma matilha de homens. Era uma beldade de cabelo muito vermelho e olhos azuis muito claros; tinha uns lábios que faziam bicos sem querer, e isso já era o cúmulo das injustiças porque a mulher era bonita mesmo sem querer; as bochechas rosadas, e umas sobrancelhas em forma de arco de um ligeiro tom mais escuro que o cabelo que davam um toque feminino e destruidor. E tinha sardas sobre a bochecha, justo debaixo do canto do olho esquerdo. Inclusive vestida como estava, com o gorro em forma de bico de corvo sobre sua cabeça e toda ela coberta com plumas negras que, por certo, cobriam o necessário, era bonita. O *Asgard* era cruel e igual de injusto que o *Midgard*.

— Por que parece um escândalo de mulher e eu em troca pareço um escândalo de espantalho? —perguntou Gúnnr, ofendida.

Róta começou a rir e deu um golpe no bico de águia que havia sobre sua cabeça.

— O que tem hoje, filhote de águia? Sente-se insegura por algo?

Gúnnr revirou olhos azeviches e negou com a cabeça movendo graciosamente seu cabelo cor chocolate. Cruzou seus braços cheios de plumas marrons e olhou à frente.

—Por Freyja, que chata é você… —Grunhiu— Bryn, pode tirar o pássaro de cima?

Olhou a sua outra irmã loira, de cabelo encaracolado e comprido, com olhos tão grandes e claros penetrantes, seu nariz chato e lábios voluptuosos. Bryn parecia um anjo, mas seu caráter e sua ânsia de guerra a convertiam em um anjo do inferno. Gúnnr se orgulhava dela porque toda essa necessidade de luta e violência a empregava sempre para proteger suas irmãs, sobretudo ela, que era a que menos *fúria* tinha. Menos ou nada. Zero, na realidade.

—Dê-lhe ouro — respondeu Bryn encolhendo os ombros — Os corvos desejam muito o ouro — piscou um olho a Róta.

—Ei, você também está vestida de corvo — se queixou Róta olhando as plumas, com desgosto— Odín está louco. Insiste em nos disfarçar de grandes pássaros quando temos que receber nossos guerreiros. Pensarão que em vez de *Valkyrias* somos um bando de loucas saídas de um dos carnavais que celebram no *Midgard*. Não sei como Freyja permite — apostilou indignada.

—Odín é um hedonista — respondeu Bryn entre dentes— adora os corvos.

— Munin e Hugin? —Gúnnr franziu o cenho— Tenho a sensação de que esses dois corvos estão possuídos por louros, não deixam de falar com Odín.

Róta e Bryn começaram a rir.

—Ao menos nossos *einherjars* não estão vestidos de gralhas — sussurrou Róta olhando os homens com interesse.

Os guerreiros *einherjars* foram receber um novo irmão, um muito especial. Todos usavam

suas roupas de guerra. Ombreiras metálicas com fitas de couro negro que rodeavam os musculosos bíceps e o torso descoberto. Suas pernas iam cobertas com umas calças ajustadas marrom escuro e usavam joelheiras prateadas e botas de couro negro com fivelas e ponteiras prateadas. E umas pulseiras de titânio nos antebraços que se convertiam em espadas. Eram um cruzamento entre espartanos e motoqueiros, e todos tinham cicatrizes de guerras antigas que as *Valkyrias* e a imortalidade fizeram cicatrizar. Usavam lança em honra a Odín em suas mãos.

—São sexys, não me digam que não — comentou a *Valkyria* de cabelo vermelho com um sorriso lisonjeador.

De repente fez-se o silêncio.

No centro do *Víngolf*, em uma plataforma circular de mármore negro, apareceram Odín e Freyja.

O deus vestia uma túnica negra que cobria seu imenso corpo, e seu cabelo loiro e comprido estava meio preso. Tinha um tapa-olho de couro negro no olho direito e uma barba muito bem cortada. Era um homem com umas costas enormes e uns braços muito musculosos. Em cada ombro havia um corvo e parecia que sussurravam coisas ao seu ouvido. Odín se sentou em um trono dourada e olhou os presentes.

—Olha os papagaios — disse Róta em voz baixa a Gúnnr, referindo-se aos corvos que ela odiava.

Gúnnr sorriu e se concentrou em Freyja. A deusa vestia uma túnica vermelha transparente que deixava muito pouco à imaginação. Seus olhos cinzas e amendoados pareciam divertidos quando estudaram os corvos. Girou, olhou a todas as *Valkyrias* e sorriu com doçura. Logo deu a volta de novo para encarar Odín e o saudou com cara de aborrecimento. No *Asgard* se comentava que Odín e Freyja se desejavam tanto como se odiavam, era um desses segredos a vozes baixas que os deuses comentavam entre sussurros.

Freyja colocou o longo cabelo loiro sobre um ombro e pigarreou enquanto tomava assento ao lado de Odín.

—Frígida — murmurou o deus em voz baixa a saudando.

—Travesti — respondeu mordazmente a deusa.

Freyja e Odín em representação dos Vanir e os Aesir, as duas famílias mais poderosas do panteão escandinavo, recebiam a todos aqueles guerreiros mortos em batalha. A tradição era convidar Bragi, filho de Odín, com a gigante Gunlod. Era o deus da poesia e dos bardos, e um Aesir muito sábio.

Quando o guerreiro caído chegava ao *Valhall*, Bragi se aproximava dele e dava boas vindas cortesmente e oferecia um gole de ambrósia, bebida que outorgava a imortalidade e permitia viver no *Asgard*.

Bragi entrou em cena usava uma harpa nas mãos, o cabelo loiro preso em um coque alto e uma barba um tanto oblíqua que cobria sua mandíbula quadrada. Vestia-se com uma túnica marrom e ia com um calçado de tiras de pele.

Odín saudou seu filho com um gesto de queixo e Freyja bocejou e olhou para outro lado. Então, por atrás do trono de Freyja, apareceram dois tigres de bengala brancos, felinos de

incomensurável beleza. Gúnnr sorriu ao vê-los, adorava esses gatos e sabia que Freyja não deixava que ninguém os tocasse, exceto ela.

Bragi olhou os felinos sorrateiramente e logo elevou uma sobrancelha para olhar à deusa:

—Suponho que já lhes deu de comer, Freyja — disse Bragi.

—Meus gatinhos estão muito bem cuidados e, de todos os modos, não tem por que se preocupar. Se tiverem fome já disse que primeiro coma os caolhos. —tampou a boca e abriu os olhos olhando a Odín— Ups! Disse em voz alta? —Sorriu abertamente— Não lembrava que só havia um em todo o *Valhall*.

Odín estalou com a língua enquanto tentava não sorrir, e olhava meio aborrecido a seu filho. Subitamente, o deus Aesir se levantou do trono e olhou à frente. O espetacular céu do *Valhall* se cobriu de luzes de todas as cores, e centenas de trovões e uma brisa cheia de eletricidade agitaram os presentes.

Gúnnr olhou para o centro daquela sala de mármore negro que havia ao ar livre. Umas majestosas colunas brancas com as esculturas dos deuses a rodeavam.

Quem viria? Quem seria? Tratava-se dele? *Não pode pensar nessas coisas, Gúnnr. Sabe que tem um defeito como Valkyria, e por isso não pode convocar seu guerreiro. É impossível que haja um guerreiro para receber seus cuidados. Impossível*, disse a si mesma. *O que viu não foi real*. Com esse pensamento, engoliu saliva e levantou os ombros. Seus olhos azuis escuros se cravaram no trovão que fez crepitar o chão e as colunas do pátio do *Víngolf*, um trovão que agora levitava no centro daquele mágico lugar. A luz azulada e brilhante teria cegado e queimado qualquer um, mas eles não eram humanos, eram imortais.

O trovão nascia em um buraco no céu do *Valhall* e caía como um cipó até o *Víngolf*. Do céu desceu uma *Valkyria* espetacular, vestida com roupa negra e prateada. Tinha o homem que media e pesava quase o dobro dela. O humano tinha a cabeça jogada para trás e os braços caíam lassos aos lados. A *Valkyria* olhou a Gúnnr. Com seus olhos marrons avermelhados e sua boca em forma de beijo, sorriu enigmática enquanto seu cabelo curto, castanho e em camadas se movia de um lado a outro devido à energia eletrostática. Tinha as bochechas rosadas e os olhos brilhantes.

Gúnnr franziu a testa. O que acontecia? Parecia como se ao descer ao *Midgard,* algo a tivesse afetado.

—Como gosta de exagerar, a Nanna. Eu adoro — disse Róta com um suspiro.

Nanna segurava o trovão com uma mão e com a outra segurava o guerreiro.

O homem era loiro e tinha o cabelo encaracolado, um pouco comprido e bonito. Gúnnr não via bem suas feições, mas quando o rosto se voltou a um lado, a jovem *Valkyria* ficou petrificada.

O rosto desse menino era tão belo e doce… Parecia um grego. As sobrancelhas loiras e em forma de arco, as maçãs do rosto altas, o queixo quadrado e uma mandíbula marcada. O nariz patrício e uma boca tão suculenta e masculina que podia chegar a hipnotizar. Gúnnr estremeceu ao vê-lo e suas orelhas bicudas tremeram e ficaram em alerta. Não podia ser.

Bryn a olhou e se aproximou, sempre tão protetora.

— Está bem? —perguntou preocupada.

—Não, não está nada bem — disse Róta orgulhosa de si mesma— Gúnnr, deve-me um

waffle transbordando de creme. É ele.

Gúnnr engoliu saliva e recuou assustada.

Nanna deixou o corpo do homem de longos membros no chão. Deu dois passos atrás com suas longas pernas e se retirou, ficando à margem e olhando de frente aos deuses.

Quando Bragi se aproximou com a taça cheia de ambrósia para dar ao guerreiro, Freyja o parou. A deusa elevou a mão e olhou a suas *Valkyrias*:

—Um momento — exclamou— hoje é um dia especial. Faremos de outro modo. Nenhuma de minhas filhas reinvidica este homem? —Perguntou em voz alta.

Um murmúrio surdo se levantou no *Víngolf*. Gúnnr estremeceu de novo e olhou a Róta, assustada. Róta entrelaçou os dedos com ela para transmitir segurança. Isso nunca acontecia assim. As boas vindas ao guerreiro era coisa de Bragi. O guerreiro bebia e recebia as palavras do deus poeta. Logo, receberia o beijo de Freyja e o dom Druht de Odín, que o convertia em *einherjars*, e no final, a *Valkyria* o levava ao *Víngolf* e o ressarcia de sua cruel morte.

—Diga — sussurrou Róta.

— O que? —Disse Gúnnr negando reiteradamente— Não.

—Diga — a animou de novo em voz baixa. Seus olhos azuis sorriam— O que perde com isso? Faz pelo waffle? —perguntou frustrada— Não tem problema perder de vez em quando, Gunny.

—Não seja absurda. Não faço por isso.

A deusa levantou e as orelhas de Gúnnr voltaram a tremer.

—É o guerreiro que esperávamos — afirmou Freyja— Desta vez, as boas vindas e a ambrósia as entregará sua *Valkyria*. A quem entrego este homem? —gritou, e cravou seus olhos cinzas em Gúnnr. Sorriu e esperou que a *Valkyria* desse um passo a frente. Ao ver que não respondia, Freyja encolheu os ombros e decidiu provocar a sua jovem guerreira— Acaso tenho eu que escolher quem será sua cuidadora? —Olhou a suas mulheres e as analisou uma a uma.

Gúnnr apertou o pulso de Róta e esta franziu a testa e se queixou.

— Gúnnr! —Exclamou em voz baixa— Está me machucando.

—Não. —Disse Gúnnr para si mesma. “Não pode haver outra cuidadora”. “Ninguém mais pode se encarregar dele”. Apertou o pulso de Róta com mais força.

—Gúnnr, solte a mão dela— disse Bryn tomando o outro pulso de sua irmã *Valkyria*.

Freyja se aproximou de uma *Valkyria* de cabelo negro e muito curto. Era alta e magra e tinha um traseiro perfeito. Era Prúdr, a filha de Thor.

Gúnnr sentiu a bílis na garganta ao pensar que esse homem loiro que havia no chão pudesse cair nas mãos dela. Gúnnr e Prúdr não se davam bem. A filha de Thor era soberba e cretina. Não. Nem pensar. Ela não ia levá-lo.

Era ele. Era o homem que a havia requerido. Só queria ver seus olhos para acabar de descobrir. Mas, por que estava tão assustada? Fácil. Não era valente.

— Levante a mão, Bryn! —exclamou Róta em tom baixo.

— O que? —A loira a olhou por cima da cabeça de Gúnnr— O que diz?

— A mão, merda! A mão! —Exclamou Róta frustrada, tentando se libertar das garras da pequena e repentinamente forte Gúnnr— Levante!

Bryn pediu perdão a Gúnnr com olhos, e sem saber por que, obedeceu Róta. Levantou sua mão e todas os olhos se cravaram nelas.

Freyja as encarou e Bryn empurrou Gúnnr para que desse um passo à frente.

—Gúnnr, é você? —Perguntou Freyja com voz inocente e elevando as sobrancelhas com fingidas surpresa— Doce Gúnnr, aproxime-se.

Gúnnr recuperou a consciência quando Róta voltou a empurrá-la para que caminhasse até ela. O que aconteceu? Por que paralisou?

Milhares de olhos estavam cravados em sua pessoa. E não gostava de ser o centro das atenções. Ela, diferente de suas duas irmãs, vestia-se de águia. Tinha plumas por todo o corpo e duas asas majestosas cobriam seus braços. Suas longas pernas se viam bronzeadas e usava um calçado baixo de tiras romanas. Um vestido com espartilho marrom levantam seus seios e moldava sua cintura e seus quadris de maneira insolente. Seu cabelo cor chocolate brilhava solto e selvagem e seus olhos azuis escuros faiscavam sexys e desafiantes, embora ela não fosse consciente da provocação de seu olhar.

Freyja sorriu ao ver como se aproximava. Gúnnr não tinha nem ideia de como a olhavam os homens. Era um doce, não desses lascivos e suculentos cubinho de açúcar que deixavam excitados a qualquer um. Nela via inocência e pureza, muita doçura, algo que brincar e manusear. Para a deusa, a beleza de Gúnnr era única e exclusiva, era cativante porque tocava o coração e não o pênis. Gúnnr inspirava, por isso Bragi, secretamente, estava obcecado por ela, e isso que o deus poeta estava casado com Idúnn. *Coisas de palácio, pensou* Freyja.

Gúnnr se colocou diante da deusa e elevou o queixo para encará-la.

—Não levantou a mão. —Repreendeu Freyja em voz baixa, para que ninguém a escutasse.

Gúnnr não baixou o olhar.

—É verdade, não o fiz.

— Por quê? Se ele é seu, por que não levantou a mão, *Valkyria*? —aproximou-se mais para que ninguém a ouvisse— Não é este o guerreiro que reinvidicou, Gunny?

Gúnnr olhou.

— Como sabe?

—Sei tudo — respondeu como se ainda não entendesse por que as pessoas não captavam esse detalhe— É uma *Valkyria*, Gúnnr. Coloque isso na cabeça.

—Ainda não sei por que sou uma *Valkyria*, Freyja — respondeu confusa— O único que sei fazer bem é mover minhas orelhas bicudas. Não sou forte nem poderosa como as demais, e é impossível que um homem — assinalou o guerreiro com um movimento de seu bicudo queixo—, tenha requerido a mim. Se quase não sei cuidar de mim mesma, deusa.

—Por isso quero que fique com ele. Ele não entenderá por que é o guerreiro que esperamos. São ideais um para o outro. Gúnnr — pôs as mãos sobre seus ombros cheios de plumas— vamos ver como explico isso: ele é seu trabalho e eu não aceito um não como resposta. As *Valkyrias* recebem seus guerreiros e os cuidam e ajudam em tudo o que eles necessitam. Só tem que fazer isso.

—Ele não quererá estar comigo. É um guerreiro por excelência, Freyja. Tem olhos, verá

outras *Valkyrias* mais fortes e mais experimentadas que eu e…

—Você é Gúnnr. Não precisa de nada mais. Não me irrite e faça o que a ordeno — seus olhos cinzas se converteram em mercúrio, sinal de que seu humor estava mudando— Tem o que terá que ter ou a devolvo ao *Midgard*, Gúnnr?

Gúnnr se horrorizou ao ouvir isso. Devolver ao *Midgard* uma *Valkyria* era o mais atroz que podia fazer. Arrebatavam-lhe os dons e a imortalidade, e a tratava como um humano mais. Não. Isso era horrível.

Gúnnr apertou a ponte do nariz. Nem sequer era uma *fúria* e tinha que se encarregar do guerreiro mais importante dos *einherjars*? De seu líder? Ela? E se fracassava? Pelos deuses, ia ter um ataque de ansiedade aí mesmo.

—Além disso, lembra que foi ele quem a chamou — disse Freyja aproximando a taça de Bragi— Toma pequena. O batize, dê-lhe de beber ambrósia e entregue seu novo nome. E por Nerthus, Gúnnr, tira as garras de uma puta vez.

Aquele conselho estava cheio de entusiasmo, pensou Gúnnr, e de cansaço, também. Se Freyja soubesse que tinha tanta vontade de ficar furiosa como ela esperava…

Lentamente, aproximou-se daquele homem. Era bastante grande. Tinha rosto de melancolia e bondade. Fantástico. Era fantástico.

—Dê ambrósia de sua própria boca, Gúnnr — ordenou Freyja com um brilho malicioso em seus olhos prateados.

A jovem parou em seco e cravou os dedos na taça até que o nódulos de seus dedos ficaram brancos.

— Como disse? —Bom, não seria um beijo, não? Ela nunca beijou ninguém.

—Verte o líquido em sua boca e passa a ele. Ouviu Gunny? —Freyja sabia que para alguém tão tímida como Gúnnr aquilo era levar ao limite. E o faria diante de todos. A *Valkyria* tinha que despertar.

—Sim, Freyja — disse com um fio de voz. Agachou o olhar e arrastou os pés até chegar àquele loiro com cara de menino bom. Cara de anjo.

As *Valkyrias* adoravam Freyja, ela adorava Freyja, mas às vezes não gostava nenhum pouco de seus joguinhos. Era a primeira vez que uma *Valkyria* ia das boas vindas em público a um guerreiro, mas esse não era qualquer guerreiro e ainda por cima tinha que dar-lhe de beber a ambrósia de seus lábios. Róta e Bryn tinham que estar rachando de rir.

Os olhos daquele homem estavam fechados e sua apetecível boca estava semiaberta. Gúnnr se deixou cair de joelho e levou a taça à boca. A encheu daquele líquido doce e revitalizado, doador de vida. Penetrou suas mãos debaixo da nuca do loiro e elevou sua cabeça até apoiá-la nos joelhos. *Que bonito é,* pensou acariciando-lhe inconscientemente a cabeça. *Perdoe-me, farei o melhor que saiba para que nunca se arrependa de sua escolha.* Armou-se de coragem e cobriu sua boca com a sua, vertendo o líquido pouco a pouco em seu interior.

Algo doce tocou-lhe a língua. Era uma sensação líquida, fria e forte. Desceu por sua garganta e penetrou em seu estômago. Como podia ser consciente disso? Como podia se dar conta do

momento exato em que seu coração bombeou de novo? Os músculos sentiram um impulso elétrico e suas extremidades se moveram em uma sequência de espasmos fracos. Fosse o que fosse o que bebia, gostava. Poderia ser ela? Poderia ser que Daanna McKenna, a vanira, estivesse alimentando-o com seu sangue para salvá-lo? Desejou com todas suas forças que assim fosse, porque isso implicava que ela sentia algo por ele e que estava lhe dando uma oportunidade.

Merda, sua vida foi uma loucura. Seu cérebro fez um flashback de suas lembranças.

No mundo existiam seres chamados vaniros e berserkers, criações dos deuses nórdicos para proteger os humanos de um deus caído chamado Loki. As duas raças eram a versão boa dos vampiros e dos homens lobo. E, para piorar as coisas, Aileen, uma de suas melhores amigas revelou ser uma mistura entre as duas raças ancestrais criadas pelos deuses escandinavos, e agora estava unida a Caleb McKenna, o líder do clã vaniro de Black Country. E a outra, Ruth, era a Caçadora de almas, uma sacerdotisa da deusa Nerthus. Talvez o que ele estivesse bebendo nesse momento fosse o sangue de Daanna, ele poderia se converter em vaniro e ser tão especial como elas. Tinha que ser porque não queria deixa-las sozinhas em suas batalhas. Teria essa sorte? Será que Daanna, a escolhida, estava escolhendo a ele em vez do curador do clã vaniro? Não podia acreditar. Seria possível? Daanna amava Menw McCloud, um loiro muito perigoso de seu clã, então, por que merda estava fazendo isso?

Ele morreu. Sabia. Morreu protegendo Ruth, e protegendo os gêmeos, sobrinhos de Adam, o xamã do clã berserker de Wolverhamptom, o homem que estava apaixonado por sua amiga. Na tentativa por defendê-la de uma berserker traidora que queria sacrificá-los, Margött —assim se chamava a puta que o assassinou rasgando sua garganta. As berserkers eram muito fortes e rápidas e, infelizmente, ele não teve nenhuma possibilidade como humano.

Lembrava-se de ter morrido. Lembrava a escuridão e o frio. A dor. O vazio. E as lágrimas de Ruth. Merda, ainda doía vê-la chorar assim. Não importava, assim que abrisse os olhos a procuraria e a abraçaria para demonstrar que não podiam acabar com ele tão facilmente.

O líquido era refrescante, e sentiu que os lábios formigavam. Uma quente sensação banhou sua boca.

Era um beijo. Contato de boca a boca. Era Daanna, sem dúvida, a suavidade de uma mulher e a ternura de alguém tão perfeita como ela. Sorriu e abriu os olhos com lentidão.

Diante dele, uns olhos muito grandes e infantis de cor azeviches, um negro azulado precioso, estavam olhando-o com cautela. O cabelo cor chocolate cobria a ambos. Não eram as feições de sua Daanna, eram as feições suaves e elegantes de um duende de orelhas bicudas. E presas, percebeu, presas pequenas e também afiadas que apareciam entre o lábio superior. Caralho, era muito bonita, mas…

—Daanna? —Disse afligido pelo calor que desprendiam os olhos daquela mulher— É você, preciosa? —elevou a mão para acariciar a bochecha rosada.

Gúnnr pigarreou, obrigando-se a sair daquele sonho. Sentiu uma faísca em seu interior, como algo que fazia contato e se preparava para ligar um motor que, pela falta de uso, estava frio e adormecido.

—Não. Não sou Daanna — respondeu vermelha como um tomate— Qual é seu nome?

—G-gabriel. Está certa de que não é Daanna?

—Gabriel — repetiu ela saboreando o nome em sua língua— Não sei quem é Daanna. — Inclinou a cabeça a um lado e seus olhos azuis escuros lançaram um olhar irado que apressou a ocultar. O que foi essa faísca?— Já abriu os olhos — gritou à multidão, perdendo o contato com seu olhar e colocando sua cabeça no chão negro.

Gabriel franziu o cenho e se levantou com cautela.

—Não. Você não é ela — murmurou com a voz ainda adormecida. Levo a mão à garganta e notou como a carne aberta cicatrizava e fechava. O que estava acontecendo? Sentiu que aquele líquido poderoso insuflava vida e energia em seu corpo. Seu sangue circulava com força e parecia eufórico. Olhou a seu redor.

Onde estava? Havia milhares de pessoas naquele lugar. As mulheres estavam disfarçadas de pássaros. Os homens pareciam espartanos. Em frente havia um homem com uma harpa e uma barba muito estranha a ponto de começar um cântico. E atrás dele, um casal, muito alto os dois e vermelhos. Ele tinha dois corvos nos ombros e um tapa-olho no olho. Ela acariciava dois tigres brancos de listras negras enormes. E o que era aquilo que havia em um altar? Uma cabra? Que estava enchendo bacias de ouro como se tratasse de um barril de cerveja, e não era leite o que a cabra tirava de seus úberes.

Sacudiu a cabeça e levou as mãos ao cabelo. Procurou a mulher que o beijou. Olhava-o com cara de preocupação, como se estivesse envergonhada, e apertava as mãos nervosamente. Era um gorro com um bico de águia o que usava na cabeça?

— Estou em um puto zoológico? É um sonho pós-morte?

— Disse *puto zoológico?* —gritou Bragi, ofendido, tocando secamente uma corda de sua harpa. A nota vibrou fortemente.

Fez-se o silêncio. Um tenso, desses que cortam com uma faca.

O loiro enorme, com o tapa-olho, negou com a cabeça e se aproximou dele.

—Bem-vindo *einherjars*. Sabe onde está?

Gabriel se especializou com um crédito universitário em mitologia escandinava. De algum jeito, desde que chegou a Londres para ver sua amiga Aileen e foram ocorrendo todos os eventos como a aparição de vaniros, berserkers, deuses, homens lobo e vampiros, ele compreendeu tudo dentro de suas possibilidades. Seus dois últimos meses em terra foram maravilhosos e reveladores. Sabia qual era o jargão dos deuses e conhecia todas as famílias do panteão nórdico. Entendia que moviam o *Ragnarök*, e conhecia os nove mundos. Esse homem com um tapa-olho, com uma suspeita semelhança de Odín, o chamou de *einherjars*, guerreiro imortal.

Estava a um passo de ser possuído pelo deus da histeria. Mas ele sabia como controlar a histeria. Cahal McCloud, um dos vaniros da Black Country que estava muito versado nas artes orientais da meditação, o ensinou. Apoiava-se em modular a respiração e controlá-la. Tomou uma inspiração lenta e profunda e tentou relaxar. Jogou mão a todos seus conhecimentos.

O líquido que lhe deram despertou seu cérebro e podia lembrar muitíssimas coisas mais do que lembrava quando estava vivo. Merda, morreu. Morto. Que forte.

Encheram os olhos de lágrimas. Queria ver de novo a suas amigas, assegurar de que estavam

bem. Queria assegurar de que Ruth e Aileen viviam e que as estavam cuidando como mereciam. Queria ver Daanna feliz.

—Me dê um momento — apertou a ponte do nariz e fechou os olhos com força. Necessitava integridade para falar com esse deus.

—Que fofo — sussurrou Freyja acariciando a cabeça de seu enorme gatinho.

Gúnnr sentiu a dor do homem como dela e estremeceu.

—Se controle cara — dizia Gabriel a si mesmo. Quando abriu os olhos, focalizou e registrou em sua cabeça tudo o que havia a seu redor— Isto é um palácio…

—Sim — respondeu Gúnnr desejosa de ajudar— É o *Víngolf*.

—O *Víngolf*… — repetiu Gabriel passando a mão pelo rosto e despenteando o cabelo encaracolado por todos os lados. *Bem. O que havia no Víngolf? Vamos, lembra, lembra*. Batia na testa.

—*Valkyrias* — respondeu Gúnnr com as mãos entrelaçadas e meio sorrindo— Vê? — levantou o cabelo e mostrou suas orelhas.

Gabriel olhou àquela jovem e sorriu ao ver o movimento de suas orelhas bicudas.

—De acordo, *Valkyrias* — sussurrou mais relaxado. Olhou o loiro enorme vestido com uma túnica negra— Acredito que você, o do tapa-olho, é Odín. A dos gatos enormes é Freyja. Se não errar, o da harpa é Bragi, filho de um de seus casos com uma gigante cujo nome não recordo… — Freyja começou a rir diante daquele comentário— E todos os que nos rodeiam disfarçados de pássaros e guerreiros são *Valkyrias* e *einherjars*.

Freyja saltou de alegria e deu palmadas eufóricas como uma criança.

— Adorei você! —gritou feliz— Este me encantou, viking! —puxou o braço de Odín e o apertou com as mãos.

Gúnnr riu e Odín olhou com adoração a Freyja, em um desses momentos estranhos que às vezes emergia de um nada entre eles. Mas, tal e como veio se foi.

—Gabriel, resgatei-o para o *Midgard* porque entregou sua vida pela Caçadora. E a Caçadora é uma de nós — esclareceu o deus Aesir— Lutará em nosso nome.

—Amo Ruth, é minha amiga, faz parte de mim — respondeu Gabriel solene— Ela merece minha vida.

Gúnnr se incomodou diante dessas palavras, mas seguiu observando-o de cima a baixo o *einherjars*. Chamava-se Gabriel, como o anjo.

—É honorável, guerreiro — assegurou Odín— A questão é que esperávamos a chegada de alguém que se entregasse desinteressadamente pelo ser humano. Alguém que fosse um exemplo. Um homem que entendesse qual era nossa filosofia e nossa razão de ser e que conhecesse os clãs que já há na terra. Esse alguém já chegou e comandará nossos exércitos de *einherjars* e *Valkyrias* no *Ragnarök*.

Gabriel apertou a mandíbula.

— Não estará falando de mim, não? —era impossível que se referisse a ele. Ele era um dom ninguém, um sabichão cheio de músculos que nunca foi a primeira escolha de ninguém. Ele não era importante.

—É óbvio que falo de você. Estudou mitologia escandinava, entregou sua vida pela continuação do plano. Foi muito importante que salvasse a Caçadora, Gabriel. E você é o único que pode fazer que nosso plano continue.

—Então, salvei Ruth? — Perguntou emocionado— Não fizeram…? Não a feriram?

—Não. Sua intervenção foi determinante — respondeu Odín com orgulho.

— E Aileen? E os meninos? Todos estão bem?

—Graças a você, sim.

Gabriel assentiu e agachou a cabeça para que não vissem como chorava. Era a melhor notícia que podia receber em sua morte. Suas amigas eram sua família e para ele, eram o melhor que tinha em sua vida. Quando se tranquilizou, levantou a cabeça e secou as lágrimas com o antebraço.

—Diz que posso fazer que seu plano continue. Mas isto é um retiro, não? É como um céu. Se ficar aqui, como acha que posso fazer que seu plano siga em frente?

Freyja se situou ao lado de Gabriel e o olhou fixamente:

—O guerreiro que luta por nós, merece um desejo no *Valhall*. Um desejo para alguém do *Midgard*. Qual é seu desejo, guerreiro? Pensa bem e nos surpreenda. Não valem desejos como *a paz mundial,* e coisas desse tipo…, porque no *Midgard* isso não funciona.

Gabriel ficou pensativo. Um desejo. Olhou no interior de seu coração e o primeiro que veio a sua mente foram os olhos divertidos e ambarinos de Ruth, os lilás esplêndidos da Aileen, mas ela já estavam bem e tinham quem as cuidasse e se encarregassem delas. Então, veio uma morena de olhos verdes espetaculares e rosto de deusa: Daanna. Ela estava magoada, e embora ele fosse estar apaixonado por ela durante toda a eternidade, justamente porque a amava, desejava o melhor para ela. E o melhor para sua Daanna era que Menw e ela tivessem sua segunda oportunidade porque, pelo visto, a primeira foi um desastre.

—Quero que minha Daanna tenha uma chance de consertar as coisas com Menw. Quero que eles tenham a oportunidade de corrigir tudo, ou então, tenho a sensação de que será muito tarde para ambos.

Odín olhou Freyja e esta sorriu com orgulho. A deusa tomou Gabriel pelo rosto e o beijou nos lábios. Era o beijo de Freyja, de boas vindas a sua casa. Um sinal de que aceitava que o guerreiro *einherjars* fosse cuidado por uma de suas *Valkyrias*.

Gúnnr olhou para outro lado com o rosto impassível, esse que ela sabia pôr à perfeição.

Gabriel estava desfrutando desse beijo.

Odín tomou Freyja pelo cotovelo e a separou dele, censurando-a com o olhar. Surpreendida, Freyja o assinalou com o dedo.

—Diga a esse olho que não me olhe assim — ordenou com fingida ofensa. Olhou por última vez a Odín e começou rir— Comece a mover fichas, viking.

Gabriel sorria como um tolo, observando como Freyja se afastava para sentar em seu trono. Então, Odín decidiu marcar com sua lança e gravar o Druht nele. A ponta da lança queimou no centro do seu peito e Gabriel gritou ao sentir a queimação. Caiu de joelhos e sentiu o poder como percorria seu corpo. O Druht era o dom que outorgava Odín aos *einherjars*; a força bruta, a

velocidade e a estratégia, assim como alguns conhecimentos sobre a magia. Os músculos de Gabriel se afiaram, seu corpo convulsionou. A camiseta desintegrou de seu corpo e uma tatuagem imensa em forma de asas angélicas e tribais cobriu suas costas. Umas largas pulseiras de titânio rodearam seus antebraços por arte de magia. Seu cabelo loiro clareou ligeiramente e seus olhos mudaram alternativamente do azul escuro à cor das chamas, do fogo. Laranjas, amarelos e vermelhos, todos misturados.

Gúnnr correu a seu lado e se ajoelhou, sem tocá-lo, só fazendo companhia.

—A dor não durará — disse com voz doce — Só aceita.

—Bem-vindo a meu mundo, Gabriel — disse Odín olhando-o das alturas—o mataram na terra, mas quis lhe dar esta segunda oportunidade ao sua valentia. É meu *einherjars* e vai liderar meu exército no *Ragnarök*. Aceita?

Gabriel tinha as veias do pescoço inchadas e fazia titânicos esforços para não gritar e começar a correr. A dor e a sensação de que as chamas queimando o corpo eram necessárias?

Gúnnr pôs uma mão sobre seu ombro. Gabriel a olhou e a *Valkyria* sorriu dando-lhe forças. De algum jeito, o toque dessa garota o tranquilizou e acalmou a abrasão da lança.

— Aceita o dom que outorgo Gabriel? —repetiu Odín.

O Druht entregou a coragem e anulou o medo. Gabriel sentia-se como nunca se sentiu. Poderoso e seguro de si mesmo. Não sabia o que podia implicar ser o *einherjars* líder de Odín, mas por seu deus, faria. Ele era seu pai. O pai de todos.

—Farei Odín — ergueu-se pouco a pouco e levantou. Cara a cara com Odín, não perdeu seu olhar em nenhum momento— Entrego-me a você.

Odín assentiu e olhou a Gúnnr.

—Dê-lhe um nome, *Valkyria*.

Gúnnr olhou suas costas. Estudou seu aspecto, e seus olhos azuis estavam cheios de bondade, foi um homem bom e amou muito a seus amigos. Gabriel ia ser sobretudo um mensageiro de Odín, um de seus máximos representantes no *Midgard*. Recordou ter estudado que em hebreu, anjo significava *mensageiro*. As *Valkyrias* adoravam os idiomas e às vezes competiam para ver quem sabiam mais.

Gabriel levantou uma sobrancelha e olhou a jovem *Valkyria* com diversão.

—Nada de apelidos, *Valkyria* — sussurrou piscando um olho— E esqueça-se dos Valerianos, Sigfridos e Brígidos… Eu não gosto.

Gúnnr ficou parada ao ouvir como chamou *Valkyria*. Sorriu. E o fez abertamente, fazendo que duas covinhas arrebatadoras se desenhassem em suas bochechas. Sim, podia ser sua *Valkyria*. A dele e ninguém mais, a não ser que ele a rechaçasse. Olhou seus olhos azuis que ainda faiscavam com laranjas, amarelos e vermelhos. Estavam cheios de gentileza e ternura. E soube. Soube que podia cuidar de Gabriel sem nenhum problema, porque ele era um bom homem, tinha uma alma transparente e não ia fazê-la se sentir jamais incômoda. Era puro em seu interior. E se chamava Gabriel.

—Quero chamá-lo de Engel.

—Anjo — Odín meditou o nome— Mmm… sim, eu gosto — assentiu— O anjo Gabriel. É

brega…, mas eu gosto.

Ofereceu a mão a Gabriel e este tomou seu antebraço. Odín, satisfeito com esse gesto, tomou o seu.

—Sei como se saúdam os berserkers — recordou Gabriel— aprendi muito deles.

—Então, espero que saiba como duro vai ser isto, Engel. Começa sua formação e também sua recuperação. Este é seu momento, tudo o que fez como humano, o bom e o mau, o trouxe a este instante, este agora. Agora é meu filho, é dos nossos. Esta é sua família — acrescentou Gúnnr e a todos os ali pressente— Deverá estar preparado para quando o necessitarmos.

—Assim vai ser Odín. Podem contar comigo.

Odín assentiu concordando, e o olhou intensamente.

— Por quê? Por que foi tão fácil?

—Porque prefiro isto que a merda da Terra. Eu não gosto dos humanos.

—Não. Minha amiga Aileen é uma híbrida, minha amiga Ruth é uma caçadora de almas imortais, e a mulher que amo é uma vanira. Não há rastro de humanidade nelas. Digamos que prefiro viver aqui.

— Por que, Gabriel? —Perguntou o deus com interesse— E seus pais? Sua família?

Gabriel encolheu os ombros.

—Não se pode viver para aqueles com os que não quereria viver, e a humanidade está podre. Não me importa defendê-los, Odín, mas sabendo o que sou e quem sou. Já não sou humano — esclareceu olhando Gúnnr sorrateiramente— Não tenho que aguentá-los.

—Será pior. Terá que os proteger. E não podemos muda-los, são como são.

—Não me importa. Nunca tentei mudar a alguém, nunca tentei obrigar às pessoas a serem quem não são. Precisamente, graças a isso, hoje conheço o ser humano.

—Alegra-me saber — o deus bateu em seu ombro em um gesto amistoso— Mas sabe o que? Você nos devolveu a fé neles. Talvez haja mais como você aí embaixo, que também precisam ser salvos. Tentaremos que não morram antes.

Gabriel assentiu.

— O que acha de sua *Valkyria*? Vai ser ela que o ensinará e estará à sua disposição para tudo o que desejar.

Gabriel olhou Gúnnr como se fosse sua irmã caçula e ela não gostou nenhum pouco daquele olhar de falta de interesse. Mas aceitou. Sim, melhor, assim nunca haveria problemas maiores.

—Eu gosto dela — sorriu educadamente— Seremos bons amigos, verdade?

Gúnnr assentiu com cumplicidade com a cabeça.

—Como desejar, Engel — agachou a cabeça em sinal de respeito.

Odín se dirigiu a Bragi e pediu que desse boas vindas pública a Gabriel. O deus poeta obedeceu imediatamente, fechou os olhos e esperou a que chegasse a inspiração. Elevou uma mão e todos escutaram com atenção:

—*Det har skjedd sa mye siden sist!!!*[1] —Os *einherjars* aclamaram e fizeram chocar as lanças contra o chão e as *Valkyrias* gritaram e bramaram como eles— Aí vai minhas boas vindas:

[1] *Passou tanto desde a última vez!*

Dizem que na Terra há humanos.
Que nunca oferecem ao próximo à mão.
Dizem que Loki todas as almas apodreceu,
E que o tempo em nome da humanidade é perdido.
Mas hoje digo que um guerreiro chegou.
Um que implantará um novo legado.
Um transparente, forte e puro.
Capaz de ver a luz no caminho mais escuro.
Demos boas vindas a nosso líder alado.
Um anjo sangrento que lutará de nosso lado.

— Por Gabriel, nosso Engel!
— Por Gabriel! —trovejaram todos.

Capítulo 2

Um ano depois, no Valhall

Gúnnr organizou tudo para a chegada de Gabriel.

No *Víngolf*, todas as *Valkyrias* se preparavam para a chegada de seus guerreiros *einherjars*.

No *Valhall*, os *einherjars* treinavam cada dia, faziam a todas as horas. Assim passavam o tempo. Treinando para o *Ragnarök*. Depois das brigas iam beber hidromel, e por último, chegavam ao *Víngolf* para que os mimassem. Lutavam entre eles e se feriam, não importava a multidão de cortes ou feridas espalhafatosas que pudessem ter em seu corpo.

Eles sabiam que logo tinham sua ansiada recompensa. As *Valkyrias* os cuidariam e os ajudariam a sanar.

Aquelas que foram requeridas, como Gúnnr, podiam dispor de seu guerreiro, a sós. E as que não, podiam se repartir em grupos e ajudar as escolhidas em seus cuidados.

Gúnnr decidiu que não queria ajuda de nenhum tipo. Ela podia com Gabriel. Não necessitava que mãos que não fossem as dela o tocassem e o ressarcissem. Essa era sua missão e o que ela adorava fazer. Assim não necessitava ajuda, nem o necessitava nem o suportaria. Tomava o trabalho muito a sério e era consciente do papel tão importante que desempenhava com Gabriel. E seu Engel era algo primitivo para ela.

Amava o guerreiro de cabelo loiro, longo e encaracolado; amava-o muito, de uma maneira estranha, de um modo que não entendia e que fazia arder às vísceras. Eram muito bons amigos, havia confiança entre eles e, embora não trataram de assuntos muito pessoais nem fizeram grandes revelações, havia um nó invisível e forte entre ambos, um que os unia.

Observou toda a sala. No chão de marfim branco se dispôs uma manta de seda negra. Sobre

ela, um punhado de almofadas douradas e vermelhas. Havia uma bandeja cheia de frutas exóticas, morangos, mamões, uvas, cocos…, e uma terrina cheia de óleo perfumado para massagem. A chaminé estava acesa, o fogo crepitava brandamente, e ia pôr a música favorita de Gabriel. A canção do *Far and away* de Enya começou a soar. Sorriu. Também gostava muito do que criava essa humana. Era uma voz celestial.

As velas balançaram ao ritmo da música, iluminavam o salão e davam uma aparência muito acolhedora. Os salões do *Víngolf* desenhavam sozinhos segundo o humor das *Valkyrias*. Gúnnr só tinha que fixar uma imagem em sua mente e imaginar como queria a sala aquele dia. Algumas de suas irmãs utilizavam imagens do *Midgard*; ilhas desérticas, campos cheios de flores, lindas vistas escarpadas… Mas ela não. Ela preferia algo mais quente, mais íntimo.

—Gunny, não tem problemas com o óleo?—perguntou Róta a suas costas, movendo o nariz e farejando o ar.

Gúnnr soprou e girou zangada.

—Róta, afaste-se agora mesmo daqui. — seus olhos dessa estranha cor negra azulada refulgiram ameaçadores.

Róta começou a rir e levantou uma sobrancelha vermelha.

—É muito possessiva com ele. Compartilha-o, mulher— brincou.

—Não há nada que compartilhar. O Engel prefere assim, Róta.

— Disse isso?

—Não. Mas… Sei.

— E como sabe?—Pôs suas mãos sobre os quadris enquanto estudava sua irmã.

—Sei.

— Instinto de *Valkyria*?—estreitou os olhos azuis como o mar— Está despertando, Gúnnr?

Gúnnr não respondeu e se limitou a recolocar as velas colericamente.

Ordem. Gostava da ordem. A ordem era controle. Sabia onde estava tudo, como colocar tudo. Sabia o que gostava, e aquilo era genial porque não havia capacidade para o engano. Gúnnr se limitava a obedecer e a satisfazer os desejos de Gabriel. E o estava fazendo muito bem porque, até agora, ele não se queixou. Sim, o Engel estava contente com ela. E ela estava com ele.

Róta perguntou se estava despertando. Não sabia. Havia coisas em seu interior que revolviam, agitavam e a deixavam nervosa.

Sensações que nunca antes experimentou. Sensações que tinham a ver com esse homem loiro e adorável que vinha a ela a cada dia a pouco mais de um ano do *Asgard*.

Gabriel. O guerreiro que a estava deixando louca de pedra e lhe roubando horas de sonho. Não deixava de pensar nele.

—Chegará a qualquer momento—Gúnnr levantou os ombros, girou de novo e sorriu ao ver o traje tão sexy que usava Róta.

As *Valkyrias* recebiam seus guerreiros quase nuas. Róta usava um short negro tão curto que parecia um cinturão, e um blusa espetacular quase transparente da mesma cor.

—Gabriel demorará um tempo em vir—informou Róta como quem não quer nada.

— Como sabe?

—Está falando com Nanna a respeito de um brilhante que caiu do Engel no *Midgard* quando ela o recolheu e subiu ao *Valhall*.

Gúnnr sabia do brilhante, um pendente que seu Engel usava como humano. Na realidade, não interessava, porque não era ambiciosa nem tampouco era louca por diamantes como ao resto de suas irmãs. Mas saber que Nanna solicitava algo de Gabriel a incomodava.

—Pelo visto—prosseguiu Róta—, Nanna está muito interessada em ir buscá-lo. Fez uma aposta comigo. Já sabe como é Nanna. Adora o jogo e a competição.

— Quando aconteceu tudo isto? —Perguntou intrigada— Agora mesmo?

—Sim— sorriu a *Valkyria*— Fizemos uma aposta para ver quem alcançava mais maçãs com flechas. Perdi.

Gúnnr levantou uma sobrancelha. Perdeu porque tampouco interessava, supôs Gúnnr. Do contrário, Róta estaria irritada por perder algo.

—E me utilizou para saber onde estava exatamente o brilhante. O vi no Wolverhamptom — explicou a *Valkyria*—, sob o Totem dos berserkers. Ali onde iriam incinerar Gabriel.

—Entendo — disse em voz baixa— E o que vai fazer Nanna?

—O irá procurar, é óbvio. Mas antes tem que pedir permissão a Freyja para fazê-lo. Passará o tempo até que dê seu assentimento. Sempre funciona igual. Já sabe como é nossa deusa, gosta de controlar tudo.

Gúnnr suspirou e acariciou com o dedo uma taça de ouro cheia de hidromel. Ela queria um brilhante também. E o queria agora que sabia que Nanna ia ter o de Gabriel.

Nanna não podia ser tocada por nenhum macho, fosse da raça que fosse. Só podia tocar os homens mortos, e ninguém sabia a razão. Por esse motivo, ela se encarregava de recolher os caídos na batalha. Isso também era injusto para Nanna.

Deu a volta com os ombros um tanto decaídos, triste pelo destino de sua amiga e também pelo seu. Mas quando admirou Róta, todos os males passaram.

—Róta, é escandalosamente bonita —sussurrou Gúnnr sorrindo— O dia que um guerreiro a reivindicar, morrerá de prazer de novo ao vê-la.

Róta sorriu e acariciou o plano ventre.

—Por Freyja, Gunny — revirou os olhos e se deixou cair sobre as almofadas— antes da aposta com Nanna, vi uma sessão de cinema. Freyja nos deixou ver através da Ethernet o berserker dos gêmeos e a Caçadora. Pura dinamite. Estou excitada como uma cadela, e preciso tocar um homem.

—É uma pervertida — mas ela também viu.

A Ethernet era o meio através do qual Freyja e Odín podiam ver os acontecimentos que davam lugar na Terra. Parecia, o planeta azul tinha a seu redor uma espécie de cinturão magnético onde gravava toda a informação como se tratasse de um disco rígido. Chamavam-no cinturão de Van Allen e através dele podia ler e ver tudo o que se quisesse. Freyja, ultimamente, ensinou suas *Valkyrias* todo tipo de encontros sexuais entre os berserkers, os vaniros e seus respectivos companheiros. E ela estava desfrutando muito com essas sessões.

Adam Njörd agarrou Ruth antes de entrar em sua casa do Wolverhamptom, e a prendeu

contra a parede. Parecia que discutiram porque ele queria que sua *Kone*[2] usasse um carro um pouco mais seguro e adaptado também para seus sobrinhos gêmeos. A caçadora de almas era uma fã incondicional de seu Smart Roadstar negro e laranja, apelidado "O bombozinho". Ruth ficou feita uma fera ao receber ordens de Adam de que não voltasse a pegar o carro.

— Droga nenhuma! —Exclamou ela ao entrar na casa— Tem um complexo com os carros pequenos, mas eu gosto do meu e não penso deixar de dirigi-lo só porque você…

Então, Adam a fez girar até prendê-la com seu enorme corpo na parede.

—Esse seu caráter trará problemas — murmurou o berserkers com os olhos completamente vermelhos— Sempre me contradiz, Caçadora.

—Seu ego necessita, lobinho.

O moreno raspado jogou o pescoço para trás e soltou uma gargalhada.

—Olha o que diz meu ego — pressionou com os quadris contra a virilha de Ruth e levantou a saia negra, deslizando as mãos morenas pela pele de suas coxas e mais acima, até abranger suas nádegas. Esfregou contra ela até que umedeceram sua calcinha — Me esquenta, *Katt*[3].

—Deus, Adam… — Grunhiu ela apoiando a cabeça na parede e fechando os olhos presa do desejo— você adora solucionar as coisas assim.

O *noaiti*[4] sorriu maliciosamente e se inclinou para dar um beijo úmido no queixo arrebitado de Ruth. Penetrou os polegares na calcinha rosa de sua garota e as tirou pouco a pouco sem deixar de olhá-la.

— Sabe o que vou fazer? —Apertou todo seu corpo contra ela e mordeu o lóbulo da orelha apertando o justo para logo acalmar a espetada com a língua— vou brocar como um pistão, amor. Ajustarei esses parafusos soltos que tem e logo veremos se cede ou não à minha proposta — cobriu o sexo liso de Ruth com a mão e a acariciou levianamente.

Ruth abriu seus olhos ambarinos e passou a língua para umedecer o lábio inferior.

—Mmm… Vejamos como vai a Black And Decker de meu xamã — apoiou-se em seus ombros musculosos e se equilibrou para beijar sua boca.

O peito de Adam rugiu como o de um animal selvagem e, sustentando com a pélvis, tirou o suéter azul escuro de pescoço alto pela cabeça. Logo, cada vez mais ansioso, desabotoou o sutiã rosa e a deixou com as botas negras de salto que usava. Seguidamente, soltou o elástico do cabelo, que prendeu em um coque alto e, segurando-a com uma mão pelo traseiro, com a outra baixou o zíper sem deixar de beijá-la para deixar sair seu pênis dolorosamente ereto.

—Não vou devagar, meu bem — disse sobre sua boca, agarrando o pênis venoso e dirigindo-o à sua entrada já úmida— Passei todo o dia vendo como meneia esse traseiro, apertado na diminuta saia que usa. Estou esfomeado.

A Ruth ficou arrepiada e mordeu-lhe o lábio inferior, puxando-o de um modo brincalhão.

—Pois venha. Coma-me, lobinho.

Gúnnr lembrou tudo o que se disse e como ele reagiu ao penetrá-la. Adam adiantou os

[2] *Palavra Norueguesa que significa mulher ou esposa.*
[3] *Gatinha em norueguês.*
[4] *Nome que se dá ao xamã do clã Berserkers.*

quadris ao tempo que deixou cair Ruth sobre sua ereção. Quando a cabeça entrou, esqueceu-se de ser suave e paciente. Ela bramou como louca ao sentir que ele entrava nela. Enquanto notava as pernas apertadas de Ruth o envolvendo, cravou os pés no chão e começou a mover a pélvis de cima a baixo, como uma broca, tal e como prometeu.

—Amor, cada vez é melhor —murmurou ele levando um seio de Ruth à boca— Tão apertada…

— Adam! Oh Deus, sim! Não pare! —Ela afundou o rosto em seu ombro e se agarrou a seu pescoço, completamente abandonada a tudo o que estava fazendo aí embaixo.

Era fascinante para Gúnnr ver como um homem e uma mulher podiam desfrutar tanto um do outro, e como se desinibiam e desenfreavam até misturar suas próprias identidades em uma só. Isso era o sexo?

—Tire a roupa — sussurrou ela ao ouvido dele. Acariciou-lhe as costas e agarrou a camiseta branca ajustada que usava para subir até em cima. Ajudou com a outra mão até tirar pela cabeça. Então acariciou seu peito e sorriu ao pôr uma mão sobre a cabeça do dragão que tatuou no peitoral e que rodeava o ombro esquerdo e parte das costas— Olá, dragãozinho —murmurou. Olhou nos olhos vermelhos de Adam e disse— Diga ao dragão que quero que me beije.

Adam sorriu e a abraçou fortemente, grudando todo seu torso escuro ao dela de modo que a boca do dragão estivesse sobre o peito de Ruth. Apoiou-a na parede e não deixava de investi-la com ferocidade. E a jovem parecia muito contente com esse trato. Ela soluçava e ele grunhia sobre seu pescoço.

—Quero um Mini Countryman… — murmurou ela.

— Ah, sim!

—Um verde… OH, Meu Deus! E branco… Com todas as comodidades e… — A garota lutava por toma ar.

— O que quiser, meu bem!

—E um motor de tantos cavalos como é… Ai, Merda…! Como é possível! Adam, não posso mais!

—Goze gatinha.

E ela o fez imediatamente. Como se essa ordem tivesse algum tipo de poder.

Mas ele não deixou de se mover, pois ainda não chegou a culminar.

—Vamos querido, deixe ir. Isso mesmo — ela o animava e acariciava a cabeça rapada— Eu gosto Adam. Eu gosto!

Então os dois explodiram de uma vez, de novo. E se fundiram em um beijo demolidor, que se converteu em um mais doce à medida que se acalmavam progressivamente. Ele se deixou cair de joelhos no chão, mantendo Ruth trespassada por seu membro, como se essa mulher fosse seu bote salva-vidas e não fosse deixá-la escapar nunca.

—*Jeg elskar deg*[5], furadeira — sussurrou ela com a voz cheia de prazer. Começou a rir e acariciou sua bochecha com os lábios.

—Pode escolher o carro que quiser, gatinha — respirava com dificuldade enquanto voltava a

[5] *Expressão norueguês que quer dizer Eu te amo.*

se mover no interior da garota—, mas deixa o de brinquedo em casa.

Ruth sorriu muito a seu pesar, e negou com a cabeça só para provocá-lo.

Freyja se dedicava a transtorná-las com esse tipo de demonstrações.

Ruth, Adam, Caleb, Aileen… por que insistia em mostrar como felizes eram esses casais juntos se elas não podiam ser tocadas de igual forma?

Róta sorriu ao notar que Gunny ruborizava diante da lembrança do que viram.

— E me chama pervertida? —Exclamou Róta— A culpa é de Freyja! Está louca! As *Valkyrias* são virgens, não podemos ter relações sexuais com nossos guerreiros. Uma das normas de Freyja, é óbvio —grunhiu— Só podemos olhá-los e cuidá-los, satisfazer a eles, não a nós. E com o que nos sai a louca de nossa deusa?

—Não blasfeme.

—Com pornô! E não pornô qualquer! Sexo autêntico, merda! Pornô cheio de amor e paixão — deu uma volta sobre si mesmo e tocou os seios— Morro de fome por sentir o que a Caçadora sentiu com um garanhão assim entre as pernas.

Gúnnr meneou a cabeça e arrumou as almofadas.

— Por que vocês gostam de ver isso se sabem que logo ficam assim más? Não entendo por que vocês gostam de se torturar. Eu tento não fazê-lo.

— Como não vê-lo? Aprende-se muitas coisas — apoiou-se em um cotovelo e olhou Gúnnr de cima a baixo.

Gúnnr usava uma gaze prateada como vestido vaporoso e leve que se ajustava à cintura e deixava seus ombros descobertos. Prendeu seu espesso arbusto chocolate de cabelo liso e longo em um coque alto e desordenado. Várias mechas caíam por sua nuca e ao redor do rosto.

—Gúnnr, vai ser freira? —perguntou Róta.

A *Valkyria* passou às mãos pelo vestido prateado e franziu o cenho.

—Eu gosto disto. Não tenho por que sair nua como você, não?

—As demais saem nuas, eu ao menos cubro as áreas importantes —esclareceu— Você em troca… —Bufou com dramatismo— Mostra seu corpo. É bonito e elegante. Com tanta roupa é impossível que deixe a esse homem excitado. Impossível.

—Não fale assim dele —grunhiu Gúnnr— Ele é… Ele é o guerreiro mais importante e não precisa ficar excitado com ninguém.

—É um homem, Gúnnr. Ainda não pediu que o toque? As *Valkyrias* fazem esse tipo de favores. Tudo por nosso guerreiro… — levou as mãos ao coração, teatralmente— Não gosta, Gúnnr?

Gúnnr baixou o olhar e mordeu o lábio inferior, incômoda.

— Sabia! —Disse Róta puxando uma almofada dourada— Quer comê-lo inteiro. Tem proposto algo?

— Algo como o que?

—Algo como: Gabriel, papai garanhão, deixe-me averiguar qual o sabor do seu pirulito.

Gúnnr abriu a boca e soltou uma gargalhada que marcou duas covinhas nas bochechas.

— É incorrigível! O espírito de Bragi a está possuindo.

—Culpa os outros. Nanna nos está mal acostumando, sabe? Em cada uma dessas escapadas a terra traz algo, a última vez me trouxe um CD de um tal Dom Omar. Eu gosto, tem estilo. Olha como se mexe… la la la… — entoou uma parte da canção da Diva Virtual enquanto meneava os quadris.

—Você gosta de todos, Róta.

—Sou uma mulher de grandes apetites. As *Valkyrias* são assim. Você não? —Perguntou colocando uma uva na boca— Diga isso e não direi a ninguém. Diga as palavrinhas mágicas — a esporeou.

—Eu gosto de Gabriel.

Soltou tão rápido como pôde, sabendo que Róta não riria dela.

—Isso é normal que você goste. É seu *einherjars*. Às *Valkyrias* gosta de nossos *einherjars*. Sobretudo aqueles que as solicitam — colocou outra uva na boca.

—Mas… — Pigarreou e jogou com o fogo de vela— Mas eu gosto de… Gostar.

— Você gosta? —Róta franziu o cenho e seus olhos azuis claros se encheram de preocupação— Gostar de gostar de gostar de gostar?

Gúnnr assentiu repetidas vezes. Passou os dedos pela franja cor chocolate e a jogou para trás. Meio sorriu, envergonhada. Sim, gostava de Gabriel. Muito.

—Não a tocou "intimamente", Gúnnr?

A jovem *Valkyria* negou com a cabeça.

—Quero encontrar a coragem —explicou contrariada— Ultimamente sai daqui muito tenso, muito…

—Excitado — levantou o braço e fechou o punho.

—Sim. E quero saber como posso tocá-lo. Sinto curiosidade…

Uma chispa vermelha cheia de interesse se acendeu nos olhos da jovem *Valkyria*. Curiosidade era boa palavra. Uma que podia definir seu estado à perfeição, mas não era a correta. A sua era desejo vulcânico.

Queria descobrir qual era o sabor de seus lábios, que ruídos fariam se ela lambesse aquele estômago musculoso… Gúnnr também viu Caleb e Aileen em ação, e se esquentou tanto que não queria voltar a vê-los mais, sobretudo sabendo que nunca poderia chegar a sentir esse tipo de contato. Freyja a jogaria no *Midgard* e a abandonaria a sua sorte, a ela e a quem fosse que se atrevesse a perder sua virgindade. E isso era tão frustrante. Levou as mãos às bochechas e ventilou um pouco o rosto, as movendo como se fossem um leque.

Róta se levantou correndo com o rosto cheio de surpresa e a puxou pelos ombros.

—Deus, Gunny. Uma faísca! Seus olhos…

— O que acontece com seus olhos?

Gúnnr deu a volta e, como sempre acontecia quando o via, uma energia elétrica percorreu sua coluna vertebral e arrepiou todo seu corpo.

Gabriel estava aí, de pé, mais largo e grande que nunca. O exercício o tonificou muitíssimo, e o sol do *Valhall* dourou sua pele. O cabelo o tinha mais loiro e claro que quando chegou, e mais longo, à altura dos ombros. E seu olhar azul se enchia de ternura quando a olhava.

Róta os estudou a ambos com um meio sorriso.

—*Valkyria* Róta —disse Gabriel olhando-a com muito interesse— se una a Sig, há três guerreiros que necessitam de seus cuidados.

Gabriel, ao ser o *einherjars* líder, podia dar ordens a todas as *Valkyrias*. Exceto a Bryn, que era a Generela. Além disso, todo mundo sabia que Bryn não servia os *einherjars*. A nenhum.

— Não me necessita aqui? —perguntou Róta olhando Gúnnr com curiosidade só para ver como reagia sua irmã.

Gúnnr apertou os punhos, mas colocou as mãos atrás de suas costas, para que ele não visse que estava tensa.

Gabriel entrou como se fosse o homem da casa, que era, e deixou suas duas espadas de treinamento apoiadas na parede. Ia vestido só com calças negras e baixas na cintura. E usava suas ombreiras prateadas com runas gravadas nelas. Marcavam-lhe os ossos dos quadris, as veias e os abdominais emergiam em seu estômago como se fossem montanhas. Tinha o torso suarento e cheio de feridas, e os braços salpicados de cortes superficiais por todos os lados.

—Estou satisfeito com Gúnnr, obrigado — respondeu Gab parando frente a sua *Valkyria*.

—Como quiser. Vou me esfregar contra uma árvore — disse Róta movendo os quadris de um lado ao outro e piscando um olho a Gúnnr.

Quando a sexy *Valkyria* desaparecer, Gabriel começou a rir.

—Róta é muito perigosa. Não a reivindicou nenhum guerreiro ainda? —perguntou com interesse.

Gúnns o olhou de esguelha enquanto negava com a cabeça.

—Ainda não. Mas é melhor que alguém procure seu vibrador ou pode converter isto em Sodoma e Gomorra. Está descontrolada.

—Deite-se Engel — ordenou Gúnnr com suavidade.

—Gabriel. Disse muitas vezes, florzinha. Chame-me Gabriel — agarrou um morango da bandeja e o colocou na boca— Merda, que bom… Venha e come comigo.

Gúnnr pigarreou e o seguiu. Esperou que ele deitasse, e então ela se ajoelhou a seu lado.

Florzinha. Chamava-a florzinha e ela parecia ridícula ao ruborizar sempre que ele pronunciava esse apelido. E passava tanto tempo falando isso.

— Foi bem o dia… Gabriel?

Gabriel a olhou através de seus longos cílios castanhos claros e sorriu com os olhos.

—Foi bem. Matei a cento e cinquenta *einherjars*. Eu sozinho — piscou um olho— Embora não conta, porque logo ressuscitam.

Gúnnr engoliu saliva e afastou o olhar.

A Gabriel encantava notar como aquela *Valkyria* adorável ficava vermelha como um tomate quando a olhava. Era enternecedor como era tímida, e esse acanhamento, essa modéstia nela, parecia refrescante. As *Valkyrias* eram mulheres tão sensuais e tão fortes, tão soberbas e seguras de si mesmas, que se deparar com uma como Gúnnr era algo estranho. Ela era elegante, cheia de uma beleza especial, frágil. Era sensual precisamente porque não era consciente de sua própria sensualidade. E rodeada como estava de mulheres tão espantosas e agressivas sexualmente,

Gúnnr dava a calma que necessitava.

Desde que a conheceu, ela se limitou a entregar sua amizade e seus cuidados e ele, que se sentia muito só, aproveitou-se. Agora era sua melhor amiga, como foram Ruth e Aileen. Gúnnr despertava tudo isso nele; ganha de protegê-la, de brincar com ela, de cuidá-la. Era fantástico poder contar com ela. Olhou a seu redor: velas aromáticas, o óleo, a comida… Era perfeito, seu momento favorito do dia.

Gúnnr sabia o que gostava e o preparava tudo com tanto amor que o fazia se sentir humilde e agradecido por ela. Fechou os olhos com prazer e entrelaçou as mãos atrás da nuca.

Desde que voltou para a vida como *einherjars*, aprendeu muitas coisas sobre ele mesmo no *Asgard*.

Para começar, adorava brigar. Havia-se erigido como o maior estrategista de Odín e sabia que suas batalhas eram vistas pelos deuses como autênticas lições sobre a arte da guerra. Era um adorador do Sun Tzu e quando era humano foi um nerd dos videogames tipo WarCraft, Heroes e World in Conflict, todos de estratégia militar. Era um ás e esses conhecimentos serviam para pô-lo em prática nos treinamentos do *Valhall*. Disseram que era calculista e frio na batalha, e não obstante, suas ordens e seu modo de falar e organizar aos *einherjars* era apaixonado. Odín gostava que a paixão fosse algo vital na guerra.

—É feito de cromo, sabia? —murmurou Gúnnr com essa vozinha de professora que estava acostumado a pôr quando o recriminava por algo— Onde foi hoje?

—Fomos até *Álfheim*, e lutamos um momento com os elfos. Um deles me acertou no ombro com uma de suas flechas. Passou por debaixo da ombreira e cravou na carne. Que idiotas, têm uma pontaria os condenados…

Sim, os malditos elfos da luz, com suas orelhas mais longas e bicudas que as *Valkyrias*, com seu cabelo liso e comprido e aqueles olhos tão rasgados e tão claros… Eram tão velozes e tão preciosos com suas armas, que era muito difícil vencê-los porque não tentava se aproximar vinte metros deles e já tinha vinte flechas cravadas no corpo, uma por cada metro. Os elfos eram a raça mais fria de todo o *Asgard*, e também a mais espiritual. Estudavam todos com raciocínio e sabiam ler muitos bem os sinais. Na guerra, saber ler os acontecimentos era básico para sobreviver.

Os elfos eram os melhores leitores do terreno, mas faltava a força física dos *einherjars*. Não eram guerreiros de corpo a corpo.

Era incrível tudo o que aprendeu e compreendeu desde sua chegada. Estudar mitologia escandinava era uma coisa, e vivê-la era outra completamente diferente.

Os deuses asseguravam, segundo sua cosmologia, que havia nove mundos: O *Asgard* era o lar dos deuses. Logo estava *Vanenheim*, o lar dos Vanir; *Álfheim*, o dos elfos de luz; *Nidavellir*, o reino dos anões; *Midgard* era a Terra dos Humanos; *Jotunheim,* o reino dos *jotuns* e gigantes; Svartalfheim, a terra dos elfos escuros; Nilfheim, o mundo dos mortos ou o inferno; e por último, *Muspellheim,* a casa dos gigantes de fogo.

O *Asgard* era constituído por *Vanenheim*, *Álfheim* e *Nidavellir*, e estava cercado por uma muralha incompleta. Depois das guerras originárias com os deuses Vanir, a muralha ficou destroçada e Odín mandou construir de novo uma gigante, um Hrmithur. *Asgard* era uma terra

opulenta e fértil, cheia de minerais preciosos e banhada em ouro, e seus deuses Aesis eram guerreiros fortes, talentosos e belos.

Nidavellir estava localizada ao norte de *Asgard*. *Ra,* um lugar montanhoso e rochoso, onde reinava o eterno entardecer, chamavam de "a planície escura". Não havia sol que iluminasse seus penhascos, nem lua que pudesse dominar suas noites. Os anões da raça de Sigri trabalhavam para os deuses, eram autênticos mineiros e viviam nas cavernas subterrâneas das montanhas. Não mediam mais de um metro e todos tinham os lóbulos das orelhas muito alargados, os olhos muito pequenos e da cor de vidros, de fato, diziam que os anões não podiam ver de dia devido à constante escuridão em que viviam. Se o sol tocava suas peles, convertiam-se em pedra. Era seu calcanhar de Aquiles.

E *Vanenheim* era o puto paraíso. Nessas terras cheias de cor e magnetismo se achava o *Valhall*, um éden cheio de *Valkyrias* seminuas que viviam exclusivamente para sanar os homens.

— Por que me olha assim? —perguntou Gúnnr tirando-o de seus pensamentos.

— Assim? Como? —Agitou a cabeça sem entender.

—Tinha esse sorriso… Sorriso de tolo.

— Seriamente? —arqueou as sobrancelhas loiras.

—Sim. Deixe-me ver — Gúnnr inclinou e tocou a ferida do ombro com seus dedos. Gabriel deu um salto— Não seja criança, Gabriel.

—Respeito, *Valkyria* — respondeu franzindo o cenho.

—Tocou o osso. Cale-se e fica quieto. —colocou suas mãos sobre a ferida e a contornou com os dedos. A carne aberta e avermelhada do braço se iluminou, fechou e cicatrizou imediatamente.

Gabriel sempre se maravilhava diante do tato e o dom de Gúnnr.

As *Valkyrias* e seus guerreiros criavam uma associação conhecida como o *kompromiss.* O compromisso. As *Valkyrias* se convertiam nas curadoras dos guerreiros que entregaram a seus cuidados, e só a que eles escolheram podia fazer que cicatrizassem suas feridas com o toque mágico de suas mãos. O mesmo acontecia com os *einherjars*, só eles podiam ajudar a sanar suas *Valkyrias*.

A *Valkyria* possuía a *fúria* e também a *helbredelse.* A primeira era a *fúria* das *Valkyrias*, uma energia interna tão potente e tão cheia de raiva e fogo que podia aniquilar exércitos inteiros. A outra era toda contrária à *fúria*; a cura. Tinha a capacidade de sanar os guerreiros que lutavam com elas, a aqueles que se entregaram a seus cuidados. E eram mulheres contraditórias e apaixonadas. Fascinantes.

Quando era humano e estudava mitologia, diziam-se pouco das *Valkyrias*. Agora, e graças a Gúnnr, entendia melhor seu mundo. Ainda lembrava a noite em que a jovem contou quem eram na realidade.

—Dizem pouco sobre nós nos livros — disse enquanto massageava-lhe os ombros— Nos chamam disir, deusas menores. Mas não somos filhas de Odín, nem somos filhas de Freyja. Sabe o que somos?

—Não — respondeu ele morto de vontade— Conta, florzinha.

Gúnnr deixou de massageá-lo durante uns segundos e Gabriel notou sua surpresa.

— Você não gosta que a chame florzinha? —Era a primeira vez que a chamava assim.

A *Valkyria*, que estava de joelhos às suas costas, pigarreou:

—Não… Bom, sim… Não sei. Se você gosta de me chamar assim, como desejar, Engel.

—Quero que me chame Gabriel a partir de agora.

Houve outro silêncio.

—Está bem — respondeu Gúnnr.

—Continua falando, por favor.

—Sim… Mmm… A verdade é que somos humanas. Como um dia foi você.

— Como?

—Verá, nossas mães são humanas. Thor, que é o deus do trovão, nos tem em alta estima porque ele sempre diz que somos suas filhas, embora não seja de tudo certo. Na Terra, quando uma mulher que está grávida é alcançada por um raio ou um relâmpago, cai fulminada, morta em décimos de segundo. Freyja pactua com as mulheres e estende sua vida uns meses mais até a concepção. Quando estão a ponto de parir, as levam ao *Valhall*. Aqui nascemos e crescemos, e aos vinte anos, Idúnn, a mulher de Bragi…

— O nerd dos poemas?

Gúnnr começou a rir.

—Sim. Sua mulher nos dá maçãs que nos fazem eternamente jovens e nossos corpos não envelhecem nunca mais. Convertem-nos em imortais.

— Então tem vinte anos? —perguntou com interesse.

—Tenho centenas de anos, Engel.

—Sou mais velho que você.

—Claro, você está dizendo. — respondeu rindo dele.

—Ou seja, são filhas do trovão? Por isso Thor diz que são dele.

—Exato. Os deuses não nos deram nada. É o trovão que nos muda e nos dá os poderes iniciais. Outorga-nos um dom. Podemos manipular os trovões e os relâmpagos. Lançamos descargas elétricas com nossas mãos e somos velozes e ágeis. Aqui, no *Valhall*, aprendemos todo o resto: como controlar nossos poderes, como nos exercitar… Só podemos morrer se arrancarem nosso coração. Os deuses dizem que é feito de trovão, e se nos tiram isso, nosso poder, que é nossa essência, e nossa vida, desaparece.

Gabriel a escutou com supremo interesse e girou a cabeça para olhá-la por cima do ombro.

—Nunca a vi fazer nada disso —murmurou Gabriel— eu adoraria vê-la em ação. Lança raios?

Ela removeu a suas costas e ficou em silêncio.

—Nem sou grande coisa. Todas as demais lutam melhor que eu. Eu só tenho boa pontaria com o arco. Não tenho poderes como as demais *Valkyrias*.

— Por quê?

—Porque sou defeituosa — respondeu ela em tom franco.

—Duvido florzinha. É perfeita e quem disser o contrário, contarei a cabeça.

Notou como ela se comoveu ao ouvir essas palavras. Seus dedos apertaram-lhe os ombros, agradecendo, e logo prosseguiu com a massagem, com força e suavidade.

— E as orelhas bicudas? —perguntou ele para quebrar o silêncio.

—Freyja pediu que nos diferenciasse das deidades, e decidiu nos pôr estas orelhas de duende — zombou de si mesma— São menos longas que a dos elfos e não tão feias como a dos anões…

—Nem que o diga. Os anões parecem zulus.

Gúnnr deixou escapar um sorriso.

—Também nos deu estes dentes superiores que nenhuma de nós encontramos uma boa utilidade — passou a língua por uma branca e diminuta presa.

Gúnnr ria muito de si mesmo e era um traço que Gabriel achava fascinante.

E nesse momento, agora, voltava a receber uma dessas massagens que o deixavam tremente. A conversa que Gúnnr trocou com Róta fazia uns minutos foi muito reveladora.

Ficou escutando como um mal educado. Era algo que quando humano não fazia, e agora, com os anos, tudo se acentuava mais.

Agora sabia algo que preferiu não saber.

—Você disse muitas vezes que eu não gosto que vá ao *Álfheim* —disse Gúnnr, retirando a bandeja de frutas que esvaziou de entre os dois— Os elfos da luz são muito fortes e suas flechas muito dolorosas. E as elfas são vingativas. Se o atingem não pararão até cortar uma extremidade. E já sabe como é doloroso que nasça uma extremidade, Gabriel.

OH, sim que sabia. Gúnnr o embebedou com hidromel para que não notasse tanto dor. Um *einherjars* cortou-lhe o braço, e teve que esperar um dia inteiro junto a Gúnnr até ela fazer que crescesse de novo.

—Não penso aguentar outra vez nesse plano de ataque— assegurou Gúnnr passando desta vez os dedos pelos abdominais machucados e arroxeados.

—Sim, irritam-me quando me cortam um braço. Devo ser tolo — moveu a mão como se não desse importância ao comentário. Alguns cachos loiros caíram sobre seus olhos risonhos e olharam a Gúnnr com diversão— Deram-me a *Valkyria* mais mandona.

Então a aludida beliscou-lhe o bico do peito com força e começou a brigar.

—Não brinque com isso!

— Ouch! Selvagem! —exclamou Gabriel esfregando o mamilo.

—Fecha os olhos e deixa que o cure, quer? —pediu brandamente.

Ele ficou olhando. Adorava Gúnnr. Era muito querida e isso que, na realidade, não sabia muito dela, mas de algum modo parecia conectado a níveis inexplicáveis. Relaxou os braços a cada lado do corpo e com um sorriso cheio de segurança fechou os olhos para que ela o sanasse.

Só com ela podia fechar e ficar tranquilo, porque ela jamais se aproveitaria dele. Não era como as demais *Valkyrias* que se jogavam em seus braços como se ele fosse um fodido cantor de rock. Era o Engel, e pelo visto todas tinham vontade de brincar com ele. Por sorte, Gúnnr, até sabendo o que agora sabia sobre ela, nunca faria nada disso.

Eu gosto dele, disse a jovem.

As mãos daquela *Valkyria* eram um bálsamo. Tocava com tanta lentidão, com a pressão justa, com cuidado de não o ferir. A doce Gúnnr.

Tão inofensiva. Tão ela.

Não como Daanna. A vanira estava gravada a fogo em sua pele. Olha que tinha que ser tolo. Apaixonar-se por alguém tão inalcançável como ela. Seus olhos verdes que tiravam o sentido, seu rosto, seu caráter… Era uma pantera. Espetacular.

Merda. Merda. E estava aí outra vez.

Em algum momento, não sabia quando nem como começava, o sangue vinha diretamente ao pênis e ficava duro como uma pedra. E mortificava que fosse ela, Daanna, quem o despertasse desse modo, e ainda por cima estava Gúnnr. Merda, seguro que parecia uma tenda armada. Levou uma mão à virilha e a deixou aí parada, pressionando um pouco para que o membro relaxasse.

Merda, necessitava sexo. Sexo. Sexo. Beirava a obsessão.

Passou muitíssimo tempo sem uma mulher e suas fantasias estavam povoadas de uma vanira que bebia sangue. E não podia pedir a Gúnnr que fizesse nenhum favor de nenhum tipo porque, simplesmente, não podia. Não com ela. As *Valkyrias* podiam fazer todo tipo de favores sexuais a seus *einherjars*, inclusive eles podiam toca-las com seu desejo se era o que desejavam, embora nunca pudessem lhe roubar a virgindade. Não era que não gostasse de Gúnnr, porque Gúnnr era uma mulher especial, como uma guloseima que alguém queria roubar de uma loja de guloseimas. Tinha esse corpo esbelto, e esses seios insolentes tão bem feitos, e um rosto tão delicioso e tão belo que era impossível que um homem não ficasse cativado ao vê-la. Era uma garota travessa, um tanto tímida, mas era tão adorável, entretanto…, não era Daanna. E ele se apaixonou por Daanna, e morreu cheio de amor para ela. Não podia esquecer.

De repente notou que a mão de Gúnnr se colocava em cima da que ele tinha sobre seu pênis. Gabriel sentiu que as bochechas ardiam. *Merda. Não, não, não.*

— Gabriel?

—Não é nada… você continue com a massagem —Gúnnr estava acariciando com suavidade a mão que cobria sua virilha— É um galho. E sabe como são os bosques do *Álfheim*. Estão cheios de gramas tão altas como minhas pernas e há um montão de plantas estranhas e cheias de cores que se movem e se envolvem nas coxas e nas panturrilhas e o tentam fazer cair… Eu caí pelo chão deve ter me penetrado um ramo de algo. Não é nada. Afasta a mão, por favor.

Gúnnr engoliu saliva e olhou o pênis enorme de Gabriel. Esse homem estava tendo uma ereção com ela. E aconteceu outras vezes, muitas, além disso, e dizia que não era nada? Não entendia por que o *einherjars* não lhe pedia que fizesse algo a respeito. Ela estava esperando, morria de vontade e era algo que Róta já descobriu minutos atrás.

Não era tão ousada como Róta, nem tampouco tão doce como Freyja pensava, mas não era tola, e tinha desejos como qualquer fêmea, fosse da raça que fosse e, nem muito menos, não era a irmã de Gabriel.

— Um galho? —Perguntou segurando a risada, entre maravilhada e a surpresa. Esse era o momento. Tinha que aproveitá-lo e ganhar coragem.

—Sim, Gúnnr. Não preste atenção — apertava os olhos com força, como se estivesse envergonhado.

Que bonito, pensou ela.

—Pois… Isto… Gabriel?

— O que?

—Saiu um galho em todo o pênis.

Gabriel abriu os olhos de repente e ficou olhando com assombro. Levantou sobre os cotovelos e a observou de cima a baixo*. Hã, o que disse Gúnnr?*

—Isso foi muito direto — sussurrou ele com o cenho franzido.

Gúnnr mordeu o lábio, ferroando-o ligeiramente com a diminuta presa, sorrindo com naturalidade, como uma menina travessa. Precisava ter coragem. E perguntaria e ponto.

—Inclusive para mim, verdade? —Perguntou divertida— O assustei? Fui muito bruta, não?

Assustado? Gabriel não estava assustado exatamente.

—Não estou assustado.

—Sabe que algumas *Valkyrias* oferecem calor a seus guerreiros, verdade? Acalmam outro tipo de… dor.

—São virgens —respondeu ele levantando ainda mais— Não é assim? —Olhou-a com olhos acusadores— me corrija se estiver errado.

A *Valkyria* assistiu, ruborizada ao máximo.

—Sim, sim. Claro que sim. Mas isso não quer dizer que não possamos fazer outras coisas.

—Está vermelha como um tomate.

—Você me deixou assim. Bom, me escute. Veio a mim cada noite. E há algum tempo, bastante diria eu, sai daqui com esse "galho" entre as pernas.

—Pode chamá-lo de pênis, já se encarregou de quebrar o gelo.

Gúnnr se sentou sobre seus calcanhares e o olhou fixamente.

—Sarcasmo. Isso é novo — sussurrou ela em voz baixa, impressionada pelo brilho perigoso dos olhos azuis escuros de Gabriel.

— Quer me perguntar algo? —Gabriel nunca se sentiu tão incômodo em sua vida— Venha, sei que pode ser direta, florzinha.

Gúnnr o olhou com esses olhos escuros insondáveis tão grandes que mal cabiam no rosto, ligeiramente puxados para cima. O que devia dizer e como? O que faria Róta? E Bryn? Enfim, não se tratava delas, tratava-se de seu momento e de seu *einherjars*. Seria ela mesma.

—Quero dizer que se doer, eu… posso… Poderia fazer que deixasse de doer.

Cravou as unhas nas palmas e baixou o olhar. O silêncio pareceu eterno até que ouviu que as almofadas se moviam e escutou o roce das calças contra a manta de seda. No momento, sentiu as quentes palmas das mãos de Gabriel em suas bochechas e como levantava a cabeça para olhá-la. Deuses, por fim ia beija-la!

Ficava sem respiração quando o olhava. Era tão viril. Tão cuidadoso. Tão atrativo. Tão… Troiano. *Olha-o no rosto, Gúnnr. Não perca nada deste momento. Vai receber seu primeiro beijo. Por fim vou sentir os lábios de Gabriel sobre os meus.*

—Com você não, florzinha. Com você não. — juntou sua testa à dela e a olhou fixamente nos olhos— Nunca com minha Gúnnr.

Demorou uns segundos em entender suas palavras. Gúnnr sentiu que algo ardia no peito e na garganta. Era uma dor surda, uma queimação que quase abrangia seu coração. Tinha vontade de chorar. Isso era. Era a dor amarga da rejeição.

—Não posso fazer nada disto com você porque é minha amiga, minha *Valkyria*. E porque não é justo para você. Nem tampouco para mim. Eu gosto da relação que temos, me faz estar a vontade, Gúnnr. Não compliquemos as coisas. Ouvi a conversa que teve com Róta. Você não precisa fazer nada disso comigo. Estamos bem assim.

A jovem assentiu com a cabeça, aturdida ao saber que a escutou às escondidas falando de suas particulares inquietações com Róta.

Levantou o queixo, um tanto desorientada. Também gostava da relação que tinham. Então, por que não podia ser? Devolveu muitas coisas, além de segurança e autoestima, devolveu a *Chispa.* Não era nem o trovão, nem o raio, nem a *fúria*, mas sim era uma Chispa. Tocar e dar prazer complicaria as coisas? Por quê?

— É por ela? —Soltou de repente. E essa Chispa estava aí, acendendo em sua garganta. Saindo em forma de palavras.

Gabriel enrijeceu e soltou o rosto.

—Ela nunca saberia, Gabriel —prosseguiu Gúnnr entendendo tudo, disposta a ficar em segundo plano só por estar com ele— Daanna sabe que está morto, ela não sabe o que você faz aqui.

— Pareço que estou morto? —perguntou friamente olhando a ereção.

—Ela acredita que sim —respondeu frustrada— Eu só digo que pode seguir com sua vida. E não tem por que sair cada dia deste salão com uma dor… — mostrou o pênis nervosa— galopante. Se por acaso não se dá conta, estou me oferecendo a você, guerreiro — levantou suas mãos trementes e as colocou no busto do vestido de gaze prateada. Ela ia baixá-lo.

Gabriel voltou a ficar duro diante do tom direto de Gúnnr. Caralho com a florzinha, não era o que parecia ser. Gúnnr fazia isso com alguém mais? Uma vontade louca de descobrir o atacou.

— Para, Gúnnr! —logo gritou parando suas mãos.

— Por quê? Quero toca-lo e quero que você me toque. Temos o kompromiss, podemos fazer. Quero fazer e quero que seja você — suplicou com doçura.

— Tocou alguém assim alguma vez? —grunhiu imobilizando suas mãos.

Gúnnr parou e umedeceu os lábios.

— Não! —respondeu ela horrorizada— Não, por Odín! —ele estava interpretando tudo errado. Separou-se dele e colocou o vestido, sentindo-se desconcertada.

—Então, por que quer me fazer uma mamada?

Gúnnr abriu a boca e a moveu como se fosse um peixe, mas só saíram sons incongruentes de seus lábios.

—Chama-se assim, Gúnnr. Mamada — explicou ele, irritado com a situação.

—Eu… Acredito que… Acredito que posso fazer que se sentisse melhor, Gabriel — respondeu no mesmo tom que ele— Quero fazer por você.

—E isso é o que fazem as *Valkyrias* por seu *einherjars*, verdade?

—Podem fazê-lo, sim — assegurou cada vez mais fria.

—Então, está disposta a comer o prato que esquentou outra mulher só porque é minha *Valkyria*? —Gúnnr foi para trás, como se dessem uma bofetada— Sabe que estou apaixonado por Daanna. Continuo vivo. A morte não faz que nos esqueçamos das pessoas que amamos. Isto que vê aqui — destacou a ereção— é minha mente pensando nela enquanto você me toca. Não acredito que queira se rebaixar a isso.

Gabriel sabia o que aconteceu quando viu Gúnnr empalidecer e notou que as orelhas se esticavam. Seus olhos azuis tão escuros como a noite se tornaram gelados e o quarto congelou. Fazia frio. Frio de verdade. Gúnnr levantou dignamente e, rígida como um pau, levantou os ombros e enlaçou as mãos recatadamente.

—Entendo — tremia o queixo e doía o estômago— Precisa algo mais, Engel? —sua voz soou neutra, não havia nada da doçura de antes nela.

Gabriel apertou a mandíbula e se amaldiçoou por ser tão idiota. Suas feridas já sanaram. Olhou o corpo com atenção. Agora, seria o momento em que faria uma dessas massagens intermináveis e falariam de um montão de coisas sem importância. Mas a massagem hoje não aconteceria.

—Sim. Esquece isto que aconteceu, certo? —ordenou passando a mão pela cabeça.

—Esquecido — assegurou encolhendo ligeiramente os ombros.

Gabriel deu a volta e se dirigiu à saída.

— Já vai? —perguntou visivelmente magoada.

—Nos vemos amanhã — falou sem convicção— É melhor assim, Gúnnr.

—Como deseja, Engel.

Embora os dois soubessem que o amanhã não ia ser igual. Jamais.

Quando a porta se fechou, Gúnnr não percebeu de que estava cravando as unhas nas palmas das mãos. Nem tampouco notou que seus olhos adquiriram a cor do sangue. Só sabia que picavam e que estavam cheios de lágrimas. Era uma fracassada.

Limitou-se a recolher tudo e tentou não pensar na rejeição de Gabriel. As velas ainda tremeluziam, assim que foi apagar cada uma dela com um bufo raivoso.

Toc.

Alguém bateu a porta.

Não estava de humor para falar com ninguém. Não abriria.

Toc toc toc

Não podia ser outra que Bryn. Era a única *Valkyria* que não precisava prestar atenção a nenhum *einherjars* porque não queria e não se sentia obrigada a fazer. Nunca mais. Assim aí estava, a incomodando.

Gúnnr limpou as lágrimas com o antebraço e abriu para sua irmã.

Bryn a olhou de cima a baixo. A Generela estava vestida com uniforme de guerra. Com roupa negra e prateada, ombreiras em ponta, espartilho, joelheiras e botas metálicas, luvas negras e prateadas e seu arco de marfim negro. Bryn tinha o arco mais mortal de todo o *Valhall*. Era capaz de disparar mais de dez flecha de uma vez.

— O que aconteceu? Por que chora? —Cheia de raiva, entrou no salão e agitou os braços. O arco se reduziu até se converter em um bracelete de metal negro que rodeava seu pulso. Eram as *bue*[6] das *Valkyrias*. Delas saíam suas flechas e seus arcos.

—Nada —nunca, melhor dizendo— Não aconteceu nada — recuperou o controle de sua voz e de suas emoções.

—Não se chora por nada.

—E isso diz por que nunca derramou uma lágrima — soltou Gúnnr.

Bryn levantou uma sobrancelha loira e sorriu com curiosidade. Gúnnr se arrependeu de falar assim. Ela e Róta sabiam muito bem o que mal aconteceu a Bryn, embora ela nunca o reconhecesse.

— *Fúria*, irmãzinha? Está furiosa?

—Gabriel me rejeitou. Eu… Ofereci-me para fazer algo mais que sanar e… Bom, ele me disse que nunca faria comigo. Que está apaixonado por outra.

—Em poucas palavras: que você não é Daanna —recordou as palavras em voz alta que disse o guerreiro em sua cerimônia de boas vindas— Todas ouvimos o que disse depois que deu-lhe de beber a ambrósia.

—Sim — apertou os dentes e cruzou os braços. Suas orelhas bicudas se agitaram e ficaram muito tensas— É fantástico que todos ouvissem — acrescentou com sarcasmo.

—Não. Só as *Valkyrias* —esclareceu Bryn pondo uma mão no ombro— Nosso ouvido é muito afiado.

Gúnnr não queria continuar falando com ela. Queria se fechar em algum lugar, dar cinco ou seis gritos e que a raiva desaparecesse. Queria lamber as feridas a sós.

—Gunny… Sabe que tem os olhos vermelhos?

—É de chorar —limpou as cantos dos olhos— Me senti tão humilhada, tive tanta raiva… Tanta, tanta raiva!

—Não, não, está equivocada, *nonne*[7]— puxou-a pela mão e a colocou frente ao espelho— Olhe.

Gúnnr ficou plantada, de pé frente ao grande espelho ovalado com a moldura de ouro cheio de tribais que embutiram na parede. Estudou. Era verdade, seus olhos passavam do azeviche ao vermelho, alternativamente.

— O que é…? — tocou as pálpebras com a ponta de seus elegantes dedos— Pela Freyja… Meus olhos, Bryn… Estão…

Bryn se colocou atrás dela e pôs ambas as mãos nos seus ombros.

—Chama-se estar furiosa, doce Gúnnr — e sorriu com orgulho— A *fúria*. Assim ficamos as *Valkyrias* antes que cheguem os fogos artificiais. — piscou um olho.

Capítulo 3

[6] *São braceletes metálicos negros e vermelhos que usam as Valkyrias nos pulsos. Agitando, um deles se transforma em arco e o outro cria as flechas de natureza elétrica.*

[7] *Apelido carinhoso que significa irmãzinha.*

Quatorze amanheceres depois…

Um episódio de *fúria*.

Um fodido episódio de *fúria* que estava se estendendo mais que o normal, isso era o que tinha. Bryn e Róta olhavam entretidas a sua irmã caçula. Estavam apoiadas em um imenso freixo, parecido ao *Yggdrasil.*

Por todo o bosque circundante do *Valhall* havia fabulosas réplicas dessa árvore que as *nornas* teciam a tapeçaria do destino. Ao redor de dito bosque, havia amplos alvos de tiro ao alvo, lugar de treinamento das *Valkyrias*. E Gúnnr estava treinando, imaginando que um dos poucos alvos que não estavam chamuscados pelo temperamento Valkyr, era a cabeça de Gabriel.

Gúnnr tencionou a corda do arco enquanto meditava sobre o enxame de emoções que se amontoaram em seu interior desde que o Engel a rejeitou há duas semanas. Duas eternas semanas, cheias de aborrecimento e ira.

Apoiou o pequeno queixo na *bue* negra e vermelha, que fazia a sua vez de bracelete metálico, e esticou a corda.

Disse que no dia seguinte voltaria, mas mentiu. Passava quatorze amanheceres sem aparecer, sem falar com ela, e para cúmulo, isso não era o mais humilhante.

Cravou seus olhos, que voltavam a ficar vermelhos como o sangue, no alvo. Uma mariposa amarela, ignorante do estado emocional de Gúnnr, brilhante e cheia de luz, rondou sobre sua cabeça e acariciou sua orelha com o bater de suas asas. A orelha sacudiu e a mariposa fugiu.

O mais humilhante foi que o muito tolo lutou com todos e cada um dos dias após e o feriram muitas vezes, mas não foi a ela para que cuidasse dele. Não. Deixou que outras *Valkyrias* o sanassem com unguentos e bebidas mágicas com as que traficavam os anões, porque elas não tinham um kompromiss com ele e não podiam curá-lo naturalmente, como em troca sim podia fazer ela. Com esse gesto Gabriel foi muito claro. E muito cruel.

Não a queria. Depois de tanto tempo desfrutando de sua companhia, o atrevimento de Gúnnr saiu muito caro.

Que tola fui.

Grunhiu e soltou a corda do arco. A flecha negra cortou o ar e, com um assobio, cruzou o campo até alcançar o centro do alvo. Jogou os ombros para trás e apoio um extremo do arco no chão, segurando-se nele como se fosse uma bengala.

O Engel havia se comportado muito mal, ou acaso foi ela a culpada? Não deveria ter dado esse passo adiante. Não deveria ter cedido a esse impulso de querer tocá-lo desse modo. Negou com a cabeça e jogou o cabelo para trás.

Agora todos sabiam que ele não queria que o tocasse desse modo nem de nenhuma outra maneira. Já não só tinha que lutar com sua falta de poderes, mas sim, além disso, tinha que lutar com a vergonha de ser rechaçada pelo *einherjars* mais importante. O líder.

Sim. Estava furiosa. Mas era uma *fúria* interna que nem sabia, nem podia expressar, nem liberar. Sua dor ia por dentro, por isso seus poderes não se manifestaram de maneira nenhuma.

Seus olhos estavam a maior parte do tempo vermelhos, mas nada mais. Era um vulcão que não podia explodir por nenhum lado.

Bryn, que estava comendo uma maçã, aproximou-se dela.

—Passa duas semanas sem falar — disse farta da situação e do silêncio de sua irmã— É um voto de silêncio?

Gúnnr olhou a Bryn de sorrateiramente enquanto agitava seu *bue* e este se recolhia em seu pulso. Sim, era um voto de silêncio. Precisava meditar. Sua repentina impulsividade com Gabriel fez que ele se afastasse dela, que fugisse. De agora em diante, pensaria as coisas mais a fundo antes de falar e de agir.

A espontaneidade e o desejo eram uma merda.

—É incrível que esteja assim —disse Bryn dando outra dentada à maçã— E sabe o que é mais incrível?

Não. Não sabia.

—Que ainda não tenha arrancado o pomo-de-adão desse falso anjinho. Agora estará nas mãos de algumas irmãs, sendo manuseado e desfrutando de seus cuidados. E enquanto isso, você está aqui, chorando como a *Valkyria* fraca e frágil que dizem que é.

—Não estou chorando — respondeu Gúnnr elevando o queixo tremente.

Bryn a compadeceu e tomou-lhe o queixo com a mão.

—Rejeitou os favores que você, como sua *Valkyria* que é, pode oferecer. É intolerável.

—Fez porque o surpreendi e não sou o que ele quer. Foi honesto.

—Chora por dentro, solte tudo —ordenou com suavidade— É uma *Valkyria*, embora você não ache.

—Pare já —Gúnnr retirou o rosto— Insiste em despertar minha *fúria*, mas o problema é que minha *fúria* não está adormecida Bryn. O autêntico problema é que eu não tenho *fúria*.

— Sim que tem! —assegurou Róta da outra ponta, sentada sobre as raízes do freixo, arrancando um galho do chão.

— Me deixe em paz Róta! Você e sua história me puseram nesta situação! — Exclamou Gúnnr assinalando com o dedo.

Róta levantou como se tivesse uma mola no traseiro e em dois segundos estava diante de Gúnnr, jogando raios e trovões vermelhos pelos olhos.

—Não é minha culpa, nem tampouco foi sua — Róta franziu os lábios e sussurrou como uma serpente— É culpa dele. O Engel é um puto covarde. E ele vai liderar às *Valkyrias* quando nem sequer sabe lutar com você? É uma piada ruim. Os homens se medem por como tratam a suas mulheres, e Gabriel a tratou como se fosse o encantador de cães. O que acreditou?

— Quem é O encantador de cadelas? —perguntou Bryn sem entender Róta.

—Cães — retificou sua irmã de cabelo vermelho— é um desses programas terrestres que Freyja gosta de pôr através da Ethernet. É divertido— se justificou Róta ao ver o rosto de preocupação de sua Generela — Gunny, eu não pensei que ele ia tratá-la assim… É um cretino — murmurou apaixonada.

Gúnnr olhou Róta. Suspirou com cansaço e negou com a cabeça:

—Não me defenda e não me faça caretas.

Róta fez cara de pena. Sentia-se muito culpada de ter animado Gúnnr a se insinuar a Gabriel.

Gúnnr revirou os olhos e soprou.

—É inútil. Nem sequer posso estar furiosa com você nem um momento. Sou uma fraude.

Róta sorriu agradecida e jogou-lhe os braços ao pescoço.

—Tranquila irmãzinha. Superaremos — sussurrou dando um beijo na bochecha— Eu corto as pernas, Bryn os braços e você o pênis. E veremos se as misturas dos anões fazem que cresçam as extremidades.

— Não pensa reinvidicá-lo, Gúnnr? —perguntou Bryn.

— A Gabriel? —Não entendia a pergunta. Esse guerreiro a desvalorizou e deixou de lado— Não. Deixou muito claro o que quer. Eu não devia ter feito isso, nem tampouco devia falar dela. Daanna é sagrada para ele.

— Freyja não se pronunciou? Ela a adora, não pode gostar que a fizesse isso — insistiu a loira jogando o miolo da maçã ao chão. A maçã se fundiu com a terra fértil do campo e imediatamente emergiu um ramo que, em um futuro, converteria-se em uma árvore de maçãs.

—Freyja tem muitas preocupações para também ter que ficar responsável de solucionar meus enganos.

— Não foi seu engano!—Exclamaram indignadas, as duas de uma vez.

Alguém pigarreou a suas costas.

Gúnnr girou e encarou o intruso.

O sol do *Valhall* iluminava Gabriel. Estava cheio de suor e se apoiava no cabo de sua espada. Tinha meia juba loira presa, e parte de seu cabelo encaracolado e úmido pelo suor caía por seus ombros.

Gúnnr esperou que a olhasse no rosto, mas esse gesto não chegou.

—Bryn — disse Gabriel.

— O que quer? —perguntou a loira com desinteresse, como se sua presença a incomodasse.

Gabriel levantou uma sobrancelha arrogante, e sorriu com soberba. Gúnnr tinha dois ossos duros de roer como protetoras. Alegrou-se por isso.

—Reúne às *Valkyrias*. Odín e Freyja nos esperam no Sessrúmnir.

Bryn ficou tensa e franziu o cenho.

— Aconteceu algo?

— Isso parece — Gabriel olhou a Róta, que o ignorava por completo. A *Valkyria*, ao menos, tinha mais roupa que a última vez que a viu— Encontrou seu guarda-roupa?

— E você a sua *Valkyria*? —Respondeu com atrevimento— Acredito que a perdeu faz duas semanas, e teve dificuldade para encontra-la. Não é assim, Engel?

—Róta — Gúnnr censurou com um olhar à *Valkyria*.

Gabriel elevou o canto do lábio. Mereceu.

Comportou-se de um modo atroz. Não sabia que mosca o picou. Bom, se, na realidade não queria fazer sofrer Gúnnr. *Eu gosto de gostar*, a reconheceu. Gabriel sabia o que era isso, passou

com Daanna e não era do agrado de ninguém que jogassem com seus sentimentos. Ele odiava jogar. Não era que Daanna tivesse jogado, ela na realidade não teve que fazer nada para que ele caísse de joelhos a seus pés. Havia mulheres que eram assim e tinham esse poder. Havia mulheres que respondiam a um ideal, e Daanna respondia ao dele. Mas a situação com Gúnnr podia dar lugar a maus entendidos; ele poderia deixar-se levar um dia e cometer um engano muito grande, e a pequena Gúnnr não merecia isso.

Gúnnr merecia que cuidassem dela e que a tocassem sabendo que era nela em quem pensavam e não em outra mulher. E também o contrário, claro.

Tinha que falar com Gúnnr. Viu-a todos os dias e não se atreveu a dizer nada. Sentia-se incômodo como nunca. Nunca se considerou um covarde, mas a situação entre eles se esfriou muito e agora não sabia como se dirigir a ela, já não era somente sua amiga. Era uma mulher.

Ali estava Gúnnr, com esse olhar cheio de feitiço e açúcar cravado nele. Toda vestida de negro, com seus esbeltos ombros ao ar jogados para trás. Tinha os olhos vermelhos? Caralho! Impressionava um pouco. A franja lisa e muito longa caía graciosamente sobre as sobrancelhas arqueadas e sexys, e as orelhas que apareciam detrás do cabelo cor chocolate e macio davam um toque de vulnerabilidade. Seus lábios desenhavam uma careta de desagrado.

— Pode saber o que esta olhando? —perguntou Gúnnr impaciente.

Gabriel pestanejou. Às vezes ficava imerso em seus pensamentos enquanto a olhava. Mas não tinha importância, porque ele tinha uma grande capacidade para se dispersar e se abstrair de tudo o que o rodeava.

— Nada — respondeu. De repente não soube que dizer. Coçou a nuca e moveu a ponta da espada em círculos, as assinalando — As espero ali.

Deu a volta e se afastou.

Gúnnr o odiaria se continuasse se comportando assim. Bom, isso se não o odiava já.

No Folkvang, nas terras do *Asgard* posse de Freyja, estava o palácio Sessrúmnir. Sessrúmnir era conhecido porque em uma de suas salas circulares tinha tantas cadeiras como *Valkyrias* e *einherjars* se achavam em suas filas.

Todo o palácio levitava sobre o *Asgard* e se mesclava com o cosmos.

Aquele pátio central onde estavam não tinha paredes, assim deviam tomar cuidado de não cair ao abismo.

Gabriel e seus *einherjars* sentaram fazia um momento. O *einherjars* estudou com curiosidade o que ali acontecia.

Freyja, *a Resplandecente,* estava sentada em seu trono de jade, acariciando distraída seus dois tigres brancos. Odín falava com ela como tentando que entrasse em razão sobre algo. Também se encontravam o deus Frey e o deus Thor.

Thor era o deus do trovão, um Aesir, deus da batalha, do clima ou das viagens, entre outras coisas. Não se deixava ver nunca no *Asgard*, porque se achava sempre nas brigas nas terras dos gigantes, vigiando que nenhum deles penetrasse em seu mundo. Era um deus muito venerado e

respeitado por todos.

O deus Frey deixou *Álfheim* para ir à reunião. Ele era o deus da fertilidade, da virilidade, da chuva e do sol nascente ou amanhecer, e tomou parte na transformação dos vaniros. Sua irmã era Freyja, ambos os filhos de Nerthus e Njörd.

As *nornas* se achavam em um canto, observadas por todos: três donzelas jovens e temidas pela maioria. As três de pele marfim, olhos negros e cabelo vermelho. Skuld era a mais baixa delas, e também a que mais força irradiava. Seu nome queria dizer: *o que deveria acontecer*; Urdr, *o que aconteceu*, estava a seu lado com os braços cruzados, olhando pensativa aos exércitos de *Valkyrias* e *einherjars* dos que dispunham, e Verdandi, *o que ocorre agora,* tinha o olhar cravado no horizonte abismal. Gabriel leu que na realidade eram *Valkyrias*. Mas não era certo. Só Skuld cumpria às vezes a função da *Valkyria*. Mesmo assim, aquelas mulheres se distanciavam muito de ser guerreiras, tinham um aspecto etéreo e transmitiam uma serenidade assustadora, o contrário do que uma *Valkyria*, tão cheia de impulsos e de sangue quente, podia irradiar. Gúnnr havia lhe explicado que o dom de profecia tinha cobrado sua conta. Elas e ninguém mais podiam ver o futuro imediato da terra e do Universo.

Quando as *Valkyrias* chegaram a Sessrúmnir, Gabriel procurou Gúnnr com o olhar.

A *Valkyria* se colocou no final de todas suas irmãs, como se não quisesse que a olhassem ou que a assinalassem com o dedo. Seguro que isso era precisamente o que fariam muitas de suas irmãs, e tudo por sua culpa e sua pouca discrição. Não soube aguentar o atrevimento de Gúnnr e agora a pobre estava pagando seu desatino.

Quando acabasse a assembleia dos deuses, falaria com ela e tentaria recuperar a amizade de antes. Uma amizade que se distanciava muito de ser íntima, mas, ao menos, ela era alguém com quem podia relaxar e falar de tudo sem necessidade de aprofundar em nada. E, além disso, estava o fato de que adorava sua companhia. Gostava de senti-la perto e adorava suas mãos. Não só adorava. Sentia falta. As outras *Valkyrias* curaram as feridas com esses cremes dos dvelgar, os pequenos Mótsognir e Durin. Esses pequenos sabiam fazer de tudo.

As *Valkyrias* que não tinham *einherjars* próprio ajudavam suas irmãs que foram convocadas e tinham um kompromiss, e o faziam untando as mãos desse creme pastoso e gelatinoso a que apelidaram hjelp, o remédio, e assim podiam ajudar a sanar também o guerreiro.

Merda. Tinha o corpo melado de hjelp, e cheirava a metal. Os anões obtinham o unguento do barro úmido do interior das cavernas.

Eram alquimistas, trabalhavam as pedras para conseguir delas todo tipo de elixires e beberagens ou, como neste caso, remédios para cicatrizar feridas. E também eram inventores. Trabalhavam muito a tecnologia. Gabriel não entendia como podia obter algo líquido de uma superfície sólida, mas os dvelgar, os anões, conseguiam.

Assim Gúnnr ficou para trás, ocultando-se de todos e de tudo. E certamente, escondendo-se dele. A *Valkyria* o observou fugazmente e afastou o rosto para que ele não se desse conta de que o estava olhando. Mas ele se dava conta de muitas coisas, sobretudo de quando o observavam.

Odín fez dramalhões com as mãos e reclamou atenção a todos seus guerreiros. Olhou com aquele olho que tudo via, com serenidade e indulgência.

—Como sabem, os humanos são nossos mais prezados experimentos. Encontram-se em meio de uma batalha entre o desgraçado de Loki e todos nós —abrangeu a sala com o gesto de sua mão— Loki tenta destruí-los, e muitos deles permitem que faça. Sabem que no *Midgard* há seitas de humanos que estão a par da Grande Verdade.

A Grande Verdade era a certeza de que outras realidades existiam, de que haviam outras dimensões e outros universos paralelos.

—Esses humanos passam estudando há muitíssimo tempo a possibilidade de entrar nestas outras dimensões, dimensões nas que nos encontramos. Procuram contatar com elas e entrar nelas através de atalhos e portais cósmicos. Newscientists, cujos líderes são berserkers e vaniros que venderam sua alma a Loki, conseguiram abrir uma brecha. E entraram em nosso mundo — declarou raivoso.

Todos ficaram alerta. A multidão se remexeu, inquieta.

— Como entraram? —perguntou Gabriel.

— Abriram um portal na Terra e subiram até aqui —explicou o deus Aesir esfregando a barba— Levam anos estudando os pontos eletromagnéticos da terra para tentar dar um salto dimensional. A terra esta alterada e sinto que em pouco tempo o alinhamento planetário dará lugar a essa aproximação de dimensões, e aquilo que não se vê, será revelado. A energia eletromagnética desta terra está descontrolada e eles sabem, assim não duvidaram em pôr a prova.

— Foi Loki? —perguntou Bryn.

—Não. Loki é ou era, até agora, uma entidade mental — disse Freyja levantando e caminhando de um lado a outro— É imaterial. Quando fugiu ao plano dimensional da Terra, ele mesmo se ocultou de nós, desaparecendo fisicamente. O que veio aqui tinha corpo, tinha um veículo com o que poder tocar e manipular as coisas. Era um transformista. Como ele — assinalou com os olhos cheios de ódio.

— E não se sabe de quem se trata?

Thor e Odín se olharam um ao outro, receosos de responder.

—Temos uma leve ideia, mas não podemos assegurar, porque não temos certeza se é ou não possível tal conjetura. E, além disso, se oculta de nós e das *nornas*. Não deixa que o encontremos.

—Então, diz que entraram aqui. Mas, o que fez, exatamente?—perguntou Gabriel de novo.

—O intruso se fez passar por Freyja e entrou em *Álfheim*, ali onde residem as armas de luz — respondeu Odín com cara de preocupação— Os elfos não tiveram nenhuma dúvida em deixá-lo entrar, porque para eles Freyja é sua única deusa. E ela pode brincar de correr por aí como gosta.

— Sou mulher. Sou poderosa. Estou boa e sou uma deusa. O que esperava? —respondeu Freyja mordazmente.

As *Valkyrias* sorriram, mas os *einherjars* não gostaram nada do comentário.

Gabriel sabia que os elfos de luz, dentro da cosmologia dos deuses, não pertenciam a nenhum lado, mas em caso de ir à guerra, sempre lutariam do lado dos Aesir e dos Vanir porque para eles, havia uma raça menor, a humana, que necessitava segurança e ser salva, e, portanto,

lutariam com aqueles que a defendessem. Por isso, essa arbitrariedade serviu para serem os depositários fiéis dessas armas tão destruidoras. Os elfos não eram nada egoístas nem tampouco caprichosos, ao contrário, eram benevolentes e muito hospitaleiros, não desejavam o poder, e nunca tocavam nada que não fosse deles. Por essa razão as armas estavam em um lugar em suas mãos, ou ao menos estiveram. Gabriel sempre brincava com eles e dizia que Tolkien esteve errado. Légolas[8] havia passado a influência do anel excessivamente guardada.

—A questão é que entraram na sala das armas, ali onde guardamos nossas mais apreciadas posses para lutar no *Ragnarök*, e levaram o Mjölnir e o Seier – anuncio Odín.

—Como disse?! —gritou Bryn jogando raios vermelhos pelos olhos.

Gabriel levou as mãos à cabeça.

—Não pode ser…

Mjölnir era o martelo de Thor, o açoite de todos aqueles que ousavam lutar contra os Aesir. Era uma arma poderosa e destrutiva. Se alguém ousava utilizá-la na Terra, poderia criar o caos.

—O fim do mundo —assentiu Thor lendo a mente de Gabriel— Se alguém usar o martelo na Terra, acabou tudo. Não entendo quem faria, nem como pôde sequer pegar sem que o martelo descarregasse os trovões nele. Só eu estou preparado para segurá-lo. Os pequenos Sindri e Brok, que fizeram o Mjölnir para mim, asseguraram que só eu podia usar o martelo. Como puderam roubá-lo?

— E como levaram o Seier? É a espada da vitória de Frey. Nenhum exército pode vencê-la. Essa puta espada luta sozinha! —exclamou Gabriel fazendo cruzamentos do que aconteceu.

—Eu pedi a Freyja que desativasse a magia Seirdr[9] —respondeu Frey— O Seier não gostava de estar em mãos alheias, e se protegia de todo aquele que se aproximasse e não fosse eu —o deus de cabelo liso e loiro, como eram quase todos os deuses Vanir e Aesir, encolheu os ombros— Os elfos estavam um pouco fartos.

Odín e Freyja se olharam preocupados.

— Isso não é tudo — Odín elevou a voz e acalmou os ânimos dos ali presente— Não só levaram Mjölnir e Seier. Também – apertou a mandíbula e os punhos como se quisesse matar a alguém — …Também roubaram Gungnir.

O palácio emudeceu.

Gúnnr estremeceu diante da notícia.

Gabriel empalideceu e as *Valkyrias* e os *einherjars* guardaram um minuto de silêncio. Que desaparecesse Gungnir era a pior noticia de todas.

Seier e Mjölnir eram armas poderosas, mas Gungnir podia desencadear tudo.

Gungnir era a lança de Odín. As *nornas* profetizaram que o dia que Gungnir tocasse o chão do *Midgard*, esse dia seria o início da batalha final, do *Ragnarök*.

Gabriel acreditava estar desvinculado já da energia da Terra e de seus habitantes. Ele já não se considerava um deles. Entretanto, tinha a certeza de que com Gungnir em mão erradas, chegaria a grande sacudida, como significava seu nome, e então tudo se acabaria. Saber provocava

[8] *Referência ao filme o Senhor dos Anéis.*
[9] *Magia negra que e utilizada principalmente por Loki e seus bruxos.*

um vazio estranho no peito.

—Como puderam roubar Gungnir? —perguntou Gúnnr sem elevar a voz. Era uma pergunta direta e sem rodeios, e não estavam acostumados a ouvir Gúnnr falar assim— É sua lança, Odín. Como puderam tirá-la?

Os olhos cinza de Freyja olharam a Gúnnr com interesse e orgulho.

— Já fala? —perguntou a deusa.

Gúnnr não se intimidou pelo tom de Freyja. A deusa sorriu e olhou a Odín sorrateiramente.

—Conte, Odín. Por que tiraram Gungnir?

Odín apertou os punhos e atravessou à deusa Vanir com seu único olho azul.

—Está desfrutando com isto, verdade?

— Absolutamente — um sorriso cheio de malícia se desenhou em seu rosto de marfim.

Odín murmurou algo para si mesmo e suspirou:

— Entrou no Gladheim, meu palácio. Pensei que se tratava de Freyja e que…fazia-me uma visita. Pior que não era a deusa, era ele. Quando me dei conta, já tinha levado a lança.

— E como o despistou? —perguntou Thor, com sua barba, suas tranças castanhas claras e seus olhos claros, ligeiramente divertidos.

— E como não importa —assegurou Thor com voz severa— O único que importa é recuperar estes objetos antes que façam uso deles. O *Ragnarök* não pode chegar antes de tempo, do contrário estamos todos perdidos. Newscientists conseguiu abrir estes portais porque Loki e seus bruxos querem destruir já o *Midgard*. A alienação cósmica tem uma data e não podem acelerar os acontecimentos antes que estejamos completamente preparados, por isso decidiram provar com outro tipo de artimanhas. Enviaremos um grupo de *einherjars* e *Valkyrias* a Terra para que nos tragam nossos totens.

—Queremos os melhores executores, assim Engel e Bryn liderarão a equipe que desce — explicou Freyja.

— Sabem onde estão seus totens? —Perguntou Gabriel. Necessitava toda a informação possível— temos alguma pista sobre seu paradeiro? Não podemos dar golpes a cego, não há tempo para isso.

—Observei o *Midgard* através de meu trono Hildskálf – respondeu Odín.

Hildskálf era o trono através do qual o deus Aesir podia observar tudo o que acontecia na Terra. O trono estava localizado no Valaskalf, um palácio construído pelos deuses em prata pura. Gabriel entendia que os deuses, embora o vissem tudo, não podiam interceder nos planos da humanidade, nem em suas guerras, nem em seus conflitos, nem em suas decisões.

Eles somente observavam, mas não podiam interagir com eles. Por isso enviavam os *einherjars* e às *Valkyrias*, e por isso enviaram os vaniros e berserkers com antecedência.

— Não sei nada sobre o Gungnir, não a capto — explicou Odín com muito pesar— Seier e Mjölnir se encontram em terras americanas, os brilhos provêm dali, e é ali onde vamos enviá-los. Entretanto, acreditam que as estão ocultando de nossos olhos. Nem Skuld, nem Verdandi podem ver nada, exceto escuridão. E Urdr não pode ler nada sobre o passado porque a vetaram. As ordens são claras: cercar todas as sedes do Newscientists, as destruir e encontrar os objetos para

devolvê-los ao *Asgard*. Se eles abrirem os portais, quem entrou voltará para eles para entregar os totens.

— Quando? —perguntou uma Bryn muito ansiosa— Quando vai nos enviar?

—Hoje mesmo —respondeu Freyja— por agora só podemos enviar os *einherjars* e às *Valkyrias* que tenham um kompromiss, os melhores, só assim poderão sobreviver, se ficarem feridos, será o único modo de se recuperarem o antes possível.

Gabriel olhou a Gúnnr sorrateiramente. Eles tinham um kompromiss. Como ia sobreviver Gúnnr em um planeta tão bélico como a terra? Essa garota não tinha poderes.

—E mesmo assim — continuou a deusa—, sei que, se for sua hora de morrer, morrerão. A Terra não é o *Valhall*. Se arrancarem seu coração ou cortam sua cabeça — olhou a Gabriel —acabou. Não ressuscitarão como aqui.

—Sabemos que a Terra não é nosso campo de treinamento, Freyja — asseverou Gabriel.

—Foram treinados para estes momentos —disse Odín— Pensávamos descer todos juntos no *Ragnarök*, mas não vai poder ser. Necessito vocês lá em baixo já. Sinto parecer precipitado ou se não dou tempo para se acostumar com a ideia, mas são meus guerreiros e sei que não vão me decepcionar.

— Não faremos, Alfather — assim é como chamavam os guerreiros de Odín. Ele era o Pai de todos.

—Alegra-me, Engel. Você é o líder dos *einherjars*. E será nosso mensageiro. Não só vai recuperar os totens. Tem que dar um aviso muito importante a todos os clãs guerreiros de seu ex-mundo. Contatará com vaniros, berserkers e *einherjars* que já desceram ao *Midgard*.

— Do que se trata? O que tenho que fazer?

—Alertará a todo aquele que encontre sobre os o totens e os unificará para que lutemos todos juntos quando se aproximar o dia. Também dirá que Daanna virá por seus líderes. Seu dom vai despertar.

O Engel franziu o cenho sem compreender.

—Daanna. Daanna McKenna — recordou Freyja— Seu desejo, o desejo que tomou para ela vai fazer que a vanira por fim saiba qual será sua função.

Era escutar seu nome e ficava nervoso. Daanna ia despertar graças a ele? Mas esse não foi seu desejo. Seu desejo foi que Menw e ela arrumassem suas diferenças. Tinha a ver isso com que ela despertasse? Como? Não entendia. E se Daanna não voltou com Menw? Estaria livre? Poderia Daanna se interessar por ele sendo um guerreiro imortal como agora era? Merda, estava tendo vontade loucas de retornar à Terra só para poder vê-la.

—Bem, e agora que ficou tudo esclarecido —disse Thor cruzando os braços— Preparemos sua descida.

— Um momento! – Freyja levantou de seu trono, toda digna— Necessito um momento a sós com minhas *Valkyrias*.

Freyja selecionou a um grupo muito reduzido de *Valkyrias*. Os *einherjars* se foram com Odín, Thor e Frey, e elas estavam agora com sua deusa. Preparadas para ouvir o que fosse que tivessem que ouvir.

Gúnnr, que era a única a que os tigres permitiam que os tocasse, acariciava distraída os dois majestosos felinos brancos de Freyja. Estes tentavam chamar sua atenção empurrando-lhe as mãos com os imensos focinhos para que os coçasse atrás das orelhas, mas a jovem estava pensativa, pensando na missão que ia empreender junto a Gabriel.

—Gunny — Freyja chamou sua atenção com aquela voz musical. A deusa levantou de seu trono de jade e se aproximou dela, olhando-a das alturas— É a *Valkyria* do Engel, descerá com ele.

Gúnnr lambeu os lábios e seus olhos enormes se cobriram de preocupação.

— Como posso ajuda-lo, Freyja? As demais *Valkyrias* têm todos seus poderes disponíveis, eu só me valho de minhas flechas, não tenho nada mais.

—Têm o kompromiss. Ajude-o ao menos a sarar. Se não sabe fazer nada mais — disse alfinetando-a acidamente— cumpre ao menos com sua função básica para ele. Ele te escolheu por algo. Vai pôr em dúvida o critério de Gabriel?

Róta e Bryn, junto com o resto das *Valkyrias* se incomodaram diante desse comentário. Gúnnr era sua irmã, não permitiam que lhe falassem assim, embora fosse sua deusa quem dirigisse essas cruéis palavras.

—Não o ponho em dúvida, só sou honesta —elevou o queixo— Só digo que não sei lançar trovões, e não posso convocar os raios se não tiver tempestades. Não sei provocar descargas elétricas. Não acredito que…

— Basta de choramingações! —Freyja elevou a mão— vai ter que fazer, Gúnnr. Aí embaixo não cuidarão de você como fizeram aqui. Se puderem submetê-la, farão. Eu tenho confiança em que exploda em algum momento, e quero ver os raios e centelhas. É minha, Gúnnr. É uma *Valkyria*, é que é uma fodida *Valkyria*. Entendido? Pode fazer tempestades.

—Sim, sou a mulher do tempo —sussurrou sarcástica afastando o rosto— Predizer o tempo não é um dom de guerreiro.

—Não prediz o tempo, Gúnnr. Digo que sente as tempestades. Pode ser útil — murmurou Freyja enigmática, pondo-lhe as mãos sobre os ombros— Desejo o melhor para você.

A Gúnnr parecia um dom tão ridículo que nunca o mencionou a suas irmãs, só a Freyja.

—Eu desejo o melhor para todas vocês — assegurou a deusa.

Bryn soprou e olhou para outro lado.

— Algo a dizer, Bryn? — Freyja a transpassou com o olhar.

—Nada, Freyja — respondeu secamente.

A deusa elevou os cantos dos lábios desenhando um sinistro sorriso. Não gostava do caráter rebelde de Bryn.

—Se alegrará saber — Freyja passou os dedos pelo cabelo murcho de Gúnnr— que decidi lhe dar de presente algo. Não sei quando voltarei a vê-la, nem sequer sei se retornarão com vida de sua aventura na terra. Desejo que sim— olhou com carinho a Gúnnr e acariciou-lhe a bochecha com o polegar— A energia do *Midgard* é poderosa, é muito sinérgica e brutal. Era importante para mim que minhas filhas fossem virgens enquanto permanecessem em minhas terras. Não queria que nenhum homem as ferisse. Mas as normas mudaram. É uma desgraça morrer, mas é ainda pior morrer virgem. Assim que dou carta branca para que experimentem com seus corpos ali

embaixo. A virgindade não tem razão de ser nos humanos, os filhos do Heimdall. Portanto, tampouco terá razão de ser em minhas filhas.

Róta ficou boquiaberta.

A energia elétrica de Bryn disparou.

E Gúnnr, em troca, não saía de seu assombro. Sexo?

— Agora sim que podemos deixar que os homens nos toquem, Freyja? Agora!? —Gritou Bryn apertando os punhos— Me manipulou!— acusou com os olhos vermelhos e cheios de lágrimas e o cabelo loiro ondeado a seu redor— Jogou comigo!

Freyja elevou a mão e de repente o corpo de Bryn se viu amordaçado magicamente por uma corda dourada que a oprimia de cima a baixo como uma sucuri. Outra mordaça menor cobriu sua boca.

—Seu gênio me tira do sério, Generela —respondeu feliz com seus reflexos— Falarei com você mais tarde. Como ia dizendo…

—Deixe-me ver se entendi bem…—disse Róta apertando os olhos com incredulidade— As *Valkyrias* que descem ao *Midgard* poderão deixar sua virgindade para trás?

—Assim é. Isso se não se matarem antes.

— Por quê? —Gúnnr mordeu o lábio inferior— Diz que não quer que nenhum homem nos faça mal, e entretanto, agora nos dá carta branca para ter relações com eles.

—O homem pode infligir à ferida mais incurável, mas pode entregar o maior dos prazeres. São criaturas muito contraditórias. Esse é meu presente para vocês. Não obstante, não se deixem levar pelos caprichos, nem pelo desejo que às vezes pode cegar. O *Midgard* está cheio de coisas atraentes, muito magnéticas. Não percam o objetivo, desfrutem de seus guerreiros, lutem ao lado deles, cuide-os e se entreguem por completo aos deuses e à sua missão. Façam-me sentir orgulhosa de quem é. Nada as limita ali embaixo. Terão dinheiro e disporão de tudo o que necessitem. Gastem e façam o que dê vontade, são *Valkyrias*! —Exclamou com um sorriso— aprenderam muitas coisas sobre a terra, mostrei tudo o que pude através da Ethernet e Nanna subiu muitos objetos para vocês. Descem aí para lutar e morrer, ao menos espero que se divirtam. Se morrerem, morram com um sorriso nos lábios, cobertas de joias e o ardor que supõe ser possuída por um homem. Não há morte mais digna para minhas *Valkyrias*, entendido?

Gúnnr sorriu. Freyja era uma deusa que gostava, por cima de todas as coisas, da diversão e da vaidade. Com suas palavras não dava espaço à dúvidas. Para ela, na guerra também havia lugar para o prazer.

A deusa levantou o queixo de Gúnnr e cravou seus olhos nela para sussurrar em voz baixa:

—Vou lhe dar um conselho: a *Valkyria* e a mulher são indivisíveis, Gúnnr. A *fúria* e a paixão vão sempre de mão dadas, não vivem uma sem a outra, ao contrário, vivem uma na outra. Desperta apara as duas e revoluciona o Midgard com seus raios. Deixe ir e me surpreenda. Você é a escolhida do Engel, demonstre por que.

— E as que não têm kompromiss? —Róta cruzou os braços como uma menina pequena, reclamando a atenção de uma mulher tão zelosa como ela requeria. Justamente por isso Freyja gostava dela, porque de algum modo, Róta lembrava a ela mesma. Era imprevisível.

— As que não tenham kompromiss ficarão aqui— Freyja analisou com o olhar cinza as suas *Valkyria*— E eu porei toda a Ethernet que encontrar para satisfazer sua curiosidade. Mas você e eu sabemos que não estará entre as que ficarão aqui, sabe que esse não é seu caso verdade, Róta?

Róta apertou a mandíbula e ruborizou de cima a baixo. Humilhada, desviou o olhar para outro lado.

Bryn desviou a vista até sua irmã com audácia, meneando o corpo como se fosse uma serpente, como se as palavras de sua deusa tivessem revelado algo que ela não sabia. Ela era a Generela! Como podia não saber essa informação sobre Róta?

Nanna se fez espaço entre as *Valkyrias* e olhou fixamente Freyja.

— E eu, Deusa? Fico aqui ou desço com elas?

Nanna era a encarregada de recolher aos guerreiros mortos e ascendê-los ao *Valhall*, só ela podia fazer, pois era a única que, pelo visto, tinha a permissão dos deuses para isso. Freyja sorriu com doçura a sua guerreira, sua Nanna.

—Não pode descer, Nanna. Necessito-a comigo… por agora.

Nanna assentiu, não muito de acordo com sua resposta e para se consolar, passou um braço por cima de Gúnnr.

—Gunifacia — murmuro ao ouvido. A Nanna adorava mudar os nomes e modificá-los a seu desejo— Poderei roubar o DVD do diário de Noah?

Gúnnr assentiu. Nanna acrescentava um apelido final no nome do menino, mas já estava acostumada às mudanças gramaticais da *Valkyria*.

Por que não? Claro que dava, ela não ia vê-lo mais, porque agora tinha sua particular prova de fogo frente a seu nariz. Seu próprio filme no *Midgard*.

Podia morrer na Terra como uma *Valkyria* fraca e sem dons, ou se confrontar particularmente. Gabriel poderia não querê-la como ela o queria, mas sua rejeição ia motiva-la para demonstrar que, provavelmente, não era a melhor guerreira do *Asgard*, nem a mais habilidosa, mas sim que ia ser uma mulher lutadora dos pés à cabeça e não ia permitir que ele se envergonhasse dela.

Abriam-se as apostas.

Apostava tudo ou nada.

Que começasse o jogo.

Capítulo 4

Iriam descer.

Descer do *Valhall* ao *Midgard*, do paraíso a terra. A sensação era estranha, não porque ele não queria voltar, mas sim porque, desta vez, ele retornava como alguém diferente. Como humano foi um dom ninguém. Sim, foi um cara inteligente e engraçado que as garotas gostavam e adotavam rapidamente como bichinho de pelúcia oficial. Então ele era inofensivo. Mas agora… Agora tudo mudou. Olhou seu American Express Black. Os deuses deram um a cada um.

—Os fazemos descer em casais porque não sobreviveriam um sem o outro. Se ficarem feridos, têm a cura ao lado— Explicou Freyja aparecendo no abismo—Lá embaixo dispõem de contas bancárias em seu nome e podem usá-las segundo suas necessidades. O dinheiro é indispensável para se mover com liberdade na Terra, sua sociedade o criou assim, e vocês não têm os poderes mentais dos vaniros para obter dinheiro gratuitamente. É o justo, não?

Gabriel e seus *einherjars* e *Valkyrias* se achavam no Valaskalf, no palácio de Odín. Todos rodeavam o trono do deus, Hildskálf, através do qual Odín podia ver o que acontecia em todos os mundos.

Com Gabriel desciam Reso e Clemo, dois *einherjars* que eram as mãos direitas de Gabriel, e também suas companheiras *Valkyrias*, as gêmeas Liba e Sura. E além de Gúnnr, desciam Bryn e Róta, que eram as únicas que desciam sem companheiro, e ninguém, exceto elas, sabiam por que faziam. *Os melhores*, disse Odín.

Um redemoinho de trovões e relâmpagos começou a se formar a seus pés. Odín se colocou atrás de Gabriel e disse:

—Chegou seu vez, Engel. Nossos totens ficam sob sua responsabilidade. Sei que, embora custe, os achará.

Gabriel olhou a seu deus e assentiu solene.

— Quanto tempo passou no *Midgard*, Alfather?

—Pouco mais de três semanas desde que faleceu—respondeu Odín acariciando a barba e olhando com seriedade o redemoinho.

Pouco mais de três semanas?! Não era nada. A linha de tempo no *Midgard*, era completamente diferente a da terra. Pouco mais de um ano no *Asgard*, correspondia a três semanas na Terra. Caralho…

Cumpriria-se seu objetivo, iria rapidamente entrar em contato com Ruth e Aileen, levariam um susto de morte ao vê-lo, mas ele precisava abraçá-las outra vez, dizer que elas eram as únicas que realmente valeram a pena em sua vida como humano. Bom, elas e Daanna.

—Se está pensando em entrar em contato com sua gente, Gabriel, desiste disso. —sugeriu o deus.

— Por que razão?—Ele precisava ir vê-las.

—Porque não pode mover o destino a seu desejo. Se tiver que ser será. Não force as coisas, serão eles quem o encontrarão, não você a eles. Assim deve ser. Fica claro?—os olhos do deus se tornaram completamente negros.

—É óbvio, Alfather— embora frustrasse não poder entrar em contato com seus amigos, sempre havia uma razão para isso. Assim esperaria a que o destino os unisse de novo. Se essas eram as normas, devia cumpri-las. Já compreendeu que estes deuses não diziam as coisas por puro capricho.

—O martelo— disse Thor se aproximando — atrai às tempestades. As *Valkyrias*— olhou a Gúnnr, que estava colocando bem os protetores metálicos dos antebraços e as luvas negras— comunicam-se com os trovões. Podem convocá-los e podem viajar através deles. Têm que trabalhar com os *einherjars* e ajudá-los. Eles não podem voar. — de momento sorriu com mistério.

—Faremos— asseverou Bryn procurando seu lugar frente a suas irmãs.

Tinha o rosto vermelho e os olhos um pouco inchados, como se tivesse estado chorando.

Gabriel franziu o cenho e em seguida quis saber o que a afetou desse modo. Bryn nunca chorava. Jamais.

Gúnnr se colocou ao lado de sua irmã e, pelo que Gabriel pôde perceber, estava transmitindo ânimo e apoio.

—Estamos à disposição de nosso *einherjars*— disse a Generela olhando a seu líder.

—E nós a sua— assegurou Gabriel.

Bom, ao menos teriam facilidades, pensou Gabriel. Olhou Gúnnr sorrateiramente e esta em seguida percebeu seu olhar e o olhou a sua vez.

—As tempestades elétricas dirão onde esteve ou está o martelo— disse Thor cruzando os braços e olhando Gúnnr de cima a baixo—Serão muito mais fortes que o habitual. E talvez se forem inteligentes, adivinhem com antecipação qual será o seguinte movimento e para onde se dirige Mjölnir.

—De momento, a tempestade está nas montanhas rochosas do Colorado. O martelo talvez possa estar lá ainda. —apontou Odín.

—A oeste dos Estados Unidos—acrescentou Gabriel. Adorava geografia e sabia todos os países e capitais do mundo.

— Conhece a área, Engel?—pergunto Gúnnr levantando uma sobrancelha.

Gabriel ficou olhando Gúnnr.

—Nunca fui lá como humano.— explicou ele— Mas sei que é uma área muito árida.

—Não agora. Começa a chover e a tempestade está em seu máximo apogeu— disse Odín apressando— Desça, ninguém os verá com os relâmpagos. Já sabem quem são seus inimigos: vampiros, lobachos, Newcientist…

—Loki— apontou Freyja.

—Aqueles que levaram os totens não serão tão tolos para não cobrir bem suas costas. Sabem que iremos atrás deles— disse Gabriel— Talvez tenham reforços.

—Certo. Depois, só vocês saberão realmente contra o que ou quem estão enfrentando. Gúnnr— olhou por cima do ombro a jovem *Valkyria*. — não o deixe nem por um momento, você é sua cura, sua salvação.

Gúnnr assentiu com as bochechas vermelhas. Não era sua salvação, mas sim que ia ser uma boa companheira de guerra.

Gabriel levantou a palma da mão e esperou a que sua amiga *irritada* enlaçasse seus dedos com os dele.

A *Valkyria* verificou suas *bue* negras e vermelhas, e antes de tomar a mão de Gabriel, olhou pela última vez a Freyja. A deusa sorriu e agitou a mão em sinal de despedida.

—Lembra o que disse— soletrou Freyja com os lábios.

Gúnnr engoliu saliva e assentiu. Olhou a mão de Gabriel durante uns segundos que pareceram intermináveis e pousou seus dedos sobre a palma da mão imensa de seu guerreiro, morena e curtida em comparação à sua, pequena e pálida. Gabriel fechou a mão e encheu sua

pele e seu coração de calor e estremecimentos. Gúnnr fechou os olhos com força, pois sabia que estavam ficando vermelhos de novo. Relaxou e quando os abriu disse:

— Confia em mim, Engel?

—Ninguém melhor que você, Gúnnr— sorriu com doçura.

A *Valkyria* se absteve e revirou os olhos. Era um bajulador. Mas sua atitude serviria para relaxar as coisas entre os dois. Teriam que falar do que aconteceu, mas, mais tarde, se o tempo no *Midgard* permitisse.

Ela entrelaçou seus dedos com os dele e olhou ao abismo.

—Somos os primeiros em saltar. Não me solte.

—Prometo que não o farei— disse ele agachando a cabeça para olhá-la entre seus longos cílios—Não tem que temer nada, florzinha.

O túnel criou um campo energético ao redor, e movia o longo cabelo de Gúnnr de um lado a outro. Milhares de raios brancos o percorriam e iluminavam intermitentemente os rostos de ambos.

—Não temo por mim, *einherjars*— sorriu maliciosamente — Se me soltar, se eletrocutará e se desvanecerá como se fosse pó. Eu sou filha dos trovões— levantou o queixo com soberba— você não.

E dito isto, saltou ao vazio levando a um surpreso Gabriel com ela.

Na mitologia cristã, fala de um grupo de anjos que, por se rebelar contra Deus, foram exilados e expulsos do céu. Estes anjos caíram em avalanche à Terra e se dedicaram a manipular o ser humano, porque eram mais poderosos que eles e não entendiam por que Deus os tinha em tão alta estima. Hoje, eram os demônios dos que falava a Igreja.

Gabriel meditava sobre esta história, agarrado à mão de Gúnnr, descia ao mundo que uma vez o acolheu, e que não o tratou bem.

A história cristã não era distinta do que Odín fazia com Loki. Mera casualidade?

Que diferença havia entre esses anjos e eles? E se a descida dos caídos era algo muito parecido ao que faziam eles agora, só que no lado contrário? Eles deviam castigar aqueles que roubaram os totens dos deuses. E queriam proteger o ser humano de seu incrível poder, e do mal que poderia ser em mãos erradas.

Gúnnr apertou-lhe a mão com força enquanto com a outra se segurava a um raio iridescente como se de uma inofensiva trepadeira se tratasse. Tinha o gesto sério e olhava com atenção aquilo que se divisava sob seus pés.

Não podiam falar. O ruído dos estalos elétricos era ensurdecedor.

— Estamos chegando!—gritou Gúnnr.

Gabriel fez negações com a cabeça, assinalou para baixo, ao final do túnel.

Era a terra o que se vislumbrava no término do túnel?

Pouco a pouco desceram em terra firme.

Quando Gabriel tocou com a ponta de suas botas de motoqueiro o chão úmido do deserto do Colorado, as emoções se aglomeraram em seu interior. Fechou os olhos e encheu seus pulmões

de ar. O ar cheirava a queimado e chuva. Estavam em meio de uma incrível tempestade elétrica. Os relâmpagos e os raios caíam com força sobre as poças do terreno.

— Onde estamos?—perguntou Gúnnr olhando o horizonte desértico, estreitando seus olhos.

—Não se solte, Gabriel. Sou seu para-raios— assinalou com o dedo para cima— Os relâmpagos o torrarão antes do tempo. Enquanto estiver em contato comigo não o alcançarão. Em todo caso, me alcançarão , e não me fazem mal.

Ele moveu a cabeça afirmativamente. Ambos jorravam de cima a baixo, a chuva caía incessante. Gúnnr não parecia tão inofensiva quando estava em contato com os trovões. Parecia uma guerreira.

—Pode tocar os raios e deslizar por eles. Entendi que não sabia fazer nada do que faziam as *Valkyrias*.

—Não sou uma inepta— se queixou ela fulminando-o com os olhos.

Gabriel elevou abruptamente a mão direita para se defender de seu olhar acusador.

—Sinto muito. Não queria insinuar isso. É só que me surpreendeu.

Gúnnr relaxou.

—Posso convocar os raios quando houver uma tempestade sobre minha cabeça, e posso me deslizar através deles. O que não sei fazer é convocar um raio em um céu espaçoso, nem tampouco sei lançá-los através das palmas de minhas mãos… As demais sim podem. Eu não. — reconheceu com humildade.

Por que não? Por que Gúnnr não podia? E por que tinha que ser tão sincera e tão honesta? Outras *Valkyrias* mentiriam para não mostrar nunca os pontos fracos. Gúnnr deveria aprender a fazer isso.

—De acordo, florzinha. Entendido.

—Não me chame assim — disse entre dentes.

—Por que não?—perguntou ele intrigado, passando os dedos pelo cabelo molhado— Continua zangada comigo?

— O que você acha?—arqueou as sobrancelhas e o olhou por debaixo dos cílios.

As *Valkyrias* e os *einherjars* chegavam um após o outro. Tinha a uma equipe de grandes guerreiros, escolhidos todos por Odín por sua valentia, sua força e sua dignidade. Um trácio e um espartano que eram muito agressivos, e cinco *Valkyrias* das quais, três delas o odiavam. Róta, Bryn e Gúnnr juntas. Deus, ia ser um suplício.

Gabriel conhecia seus dois guerreiros, e se dava muito bem com eles. Embora o certo fosse que a mentalidade que Reso e Clemo tinham, seguia sendo muito retrógrada em comparação à sua. Ambos seguiam sendo guerreiros em corpo e alma, viviam por e para a espada, eram muito pouco emocionais e eram muito selvagens. Primitivos. No *Valhall* não aprenderam muito, afinal faziam o mesmo que quando eram humanos; viviam para a luta, as *Valkyrias* acalmavam sua libido e bebiam hidromel até quase ficar inconscientes. Seguiam sendo uns animais. Mas eram uns animais simpáticos.

Em troca, ele não era assim. Ele era um ser estranho para todos. O Engel se distinguia um antes e um depois nos *einherjars*. Era um homem do século vinte e um, mais evoluído. E enquanto

ele se esforçava em aprender a mentalidade de seus guerreiros para explorar suas virtudes, eles seguiam com sua teimosia, tão quadrados e toscos como foram antes que o deus Aesir os reinvidicasse.

Róta e Bryn desceram do túnel e chegaram juntas. Elas não tinham *einherjars*, embora pelo visto, aquilo não era de tudo certo.

Gúnnr sorriu ao olhá-las e decidiu que mais tarde as interrogaria.

Quando todos tiveram aterrissado, Gabriel elevou a mão que tinha livre e girou para falar. Ele era o líder. Era o estrategista do *Valhall*. O que deviam fazer agora?

A estratégia era, na realidade, a perícia para dirigir e solucionar um assunto. Não tinha nem ideia de onde estavam. Não havia rastro de totens, e não havia tampouco rastro de inimigos à vista. Estavam em um puto deserto de rocha avermelhada e flora verde escassa, rodeados de uma imponente tempestade elétrica, sem teto e sem lugar para poder, no mínimo, parar e pensar em como deviam proceder. Quando se encontrava nessas situações sempre pensava na arte da Guerra de Sun Tzu. *O Generela deve estar seguro de poder explodir a situação em seu proveito, conforme o exijam as circunstâncias. Não está vinculado a procedimentos determinados.*

—Devemos procurar um lugar onde podemos nos estabelecer. O martelo esteve aqui e talvez ainda esteja em algum lugar perto. Não há inimigos à vista, caímos em uma localização vazia, mas mesmo assim estamos muito expostos. Assim nos cubramos e meditemos nossos passos.

—Como diz, Engel— assentiu Bryn. A loira *Valkyria* centrou a vista em uma esplanada rochosa um tanto elevada que havia a uns vinte quilômetros de onde se encontravam—Estamos em campo descoberto. E se formos ali? Parece que há cavernas.

Gabriel girou com Gúnnr segura pela mão e cravou seu olhar azul no lugar que indicava Bryn. Era uma planície, toda de rocha árida em que, aparentemente, distinguiam orifícios de distintos tamanhos. Sim, ali poderiam se resguardar do clima extremo, embora a verdade fosse que as *Valkyrias* estavam encantadas com aquela situação. Gúnnr não fazia mais que elevar o rosto e abrir a boca para beber água de chuva, e o fazia com um grande sorriso infantil. Gabriel a imaginou com umas botas de água amarelas, saltando de atoleiro em atoleiro e rindo de todos. Adorável.

— Outra vez?—Disse Gúnnr sorrateiramente.

— Outra vez o que?

—Olha-me assim… Estranho.

Gabriel começou a rir e puxou-a para gruda-la a seu corpo.

— Podem chegar até ali através dos relâmpagos, *Valkyrias*?—Perguntou desafiando a suas companheiras e em especial a sua amiga, Gúnnr.

A *Valkyria* se deu por desentendida e levantou uma sobrancelha depreciativa.

—É óbvio que podemos levá-los. —disse Róta.

—Eu Tarzan, você Jane— murmurou Gúnnr piscando, contente de poder demonstrar a seu *einherjars* que embora não tivesse todos os dons que tinham suas irmãs, sim que podia transportá-lo enquanto houvesse tempestade— Agarre bem forte— elevou uma mão e

exclamou— *Asynjur!*[10]

Um raio obediente enrolou no pulso de Gúnnr. Todas as *Valkyrias* copiaram o grito de guerra.

— *Asynjur!*

— *Asynjur!*

Gabriel elevou Gúnnr pela cintura e a rodeou com seus fortes braços. Tremeram-lhe as orelhas, mas, embora se ruborizasse, não quis olhá-lo nos olhos.

Ele sentiu que algo faiscava em seu interior. *São os trovões,* pensou.

Todos se elevaram e as *Valkyrias* agarraram os raios como se fossem ramos. E assim, de raio em raio, deslocaram-se a grande velocidade, até aquela estranha planície que observavam no horizonte.

Em apenas sessenta segundos chegaram à planície; Depois, o que acreditavam que eram cavernas, era, para estupefação de todos, uma espécie de povoado construído na própria rocha, no topo daquele lugar.

Era um povoado abandonado? Ninguém aparecia às janelas. As portas estavam fechadas. Os relâmpagos iluminavam o lugar e os céus estavam tão cobertos que não sabiam se era de dia ou de noite. Enormes atoleiros salpicavam o chão daquele povoado.

Na diminuta praça central havia uns vinte espantalhos com estranhas e grandes máscaras na cabeça. As máscaras eram horrendas, algumas representavam falcões, outras tigres, lobos… Nenhuma era humana.

—Há gente aqui dentro— sussurrou Gúnnr— os ouve?

Gabriel levou o dedo indicador aos lábios e assentiu. Sim que ouvia. Eram humanos. Quais viviam nessas condições? Dariam proteção?

De repente, ouviu-se um grito infantil. Vinha do interior de uma das casas de pedra.

— O que é isso?—perguntou Róta tampando os ouvidos desgostosa—Parece um grito de *Valkyria*.

—É um bebê— respondeu Gabriel— Fique aqui, vou bater em uma das portas. Se nos veem aparecer juntos se assustarão.

Gabriel soltou a mão de Gúnnr.

—Vou com você— disse ela olhando ao céu.

Os dois juntos se plantaram diante de uma das portas de madeira.

Gúnnr bateu a porta.

—Em que idioma falo?—perguntou Gúnnr um pouco insegura.

Gabriel franziu o cenho. Em inglês? Ele, como guerreiro *einherjars* que era, foi tocado com o dom da xenoglossia.[11] Todas as *Valkyrias* e os *einherjars* o tinham, assim podiam falar qualquer idioma inventado com tão somente ouvi-lo. Estando nas Rochosas, o que se falaria? O espanhol ou o inglês?

---

[10] *Grito de guerra das Valkyrias, assim convocam os raios.*

[11] *é um suposto fenômeno metapsíquico no qual uma pessoa seria capaz de falar idiomas que nunca aprendeu, como, por exemplo, uma pessoa começar a falar alemão fluentemente sem nunca ter aprendido alemão, ser alemão ou conviver com alemães.*

—Holá?—disse Gúnnr em espanhol, forçando a porta— Hello?

Ninguém respondeu. Gúnnr olhou Gabriel com preocupação.

—Estão aí dentro. Por que não abrem?

—Estão assustados. —Deu uma olhada aos espantalhos que haviam no centro daquele povoado—colocaram esses bonecos para espantar algo que dava medo. Seja o que for, o querem longe de suas terras.

A porta se abriu acompanhada de um rugido de um humano desesperado. O homem era menos alto que Gabriel, mas mais que Gúnnr. Parecia um índio. Tinha o cabelo comprido e liso, da cor do carvão. Imitava grunhidos de animais com a boca, e tinha uma lança muito afiada nas mãos. Usava pouca roupa: só uma calça de tecido marrom e umas botas. Tinha as bochechas pintadas com duas linhas vermelhas e negras, e um colar de plumas de cores no pescoço. Com um passo adiante se abateu sobre o corpo de Gabriel e este tomou a lança com uma mão e a partiu. O homem então se levantou orgulhoso e esperou, com uma moderação estremecedora, a que Gabriel o golpeasse, certo de que ia morrer, e aceitando sem temor.

Gúnnr sorriu e disse com voz doce, negando com a cabeça e levantando a mão em sinal de paz:

—Não vai atacá-lo.

O homem a olhou nos olhos e ficou mudo, abduzido com os olhos da *Valkyria*. O índio levantou a mão e acariciou-lhe o cabelo, como se sua mão tivesse vida própria.

Gabriel estreitou os olhos. O que estava fazendo esse cara? Agarrou pelo pulso e disse:

—Não a toque amigo.

— O que faz?—perguntou Gúnnr intrigada.

Gabriel ia responder, surpreso também por seu gesto, quando uma voz que provinha do interior da choça disse:

—*Pam taaga lolma*[12].

A voz de um ancião.

Gúnnr e Gabriel repetiram as palavras mentalmente. A xenoglossia faria o resto.

—*Pam kiy ep'e*[13]. —disse de novo aquele homem misterioso, oculto pelas sombras e a pouca luz do lugar— *Pam oohtanige ooviy pitu*[14].

O dom recortava as palavras, sua etimologia ajudava a encontrar o sujeito e o predicado, o tempo verbal e sua tradução imediata.

—*Pam itamuy hablayy anigat*[15]… por que veio.

Voilá!, pensou Gabriel. Quando entendeu o que estavam dizendo, animou-se a falar em seu mesmo idioma. Um idioma muito antigo.

—Estamos encantados de estar aqui.

O índio jovem ficou boquiaberto e olhou Gabriel como se fosse um extraterrestre. Gúnnr sentiu simpatia imediata pelo jovem e começou a rir.

[12] *Expressão Hopi, Esse home e bom.*
[13] *Expressão Hopi, Está em sua casa.*
[14] *Expressão Hopi, Veio nos visitar.*
[15] *Expressão Hopi, Devemos estar contentes.*

—Necessitamos proteção. A tempestade nos pegou por surpresa e requeremos um teto. — disse Gúnnr com suavidade em seu mesmo idioma.

Seus receios se acalmaram ao ouvir a voz de Gúnnr, mas mesmo assim não confiava em Gabriel.

— De onde saiu?—perguntou o jovem sem deixá-los entrar ainda.

—Chosobi, Onde está sua hospitalidade?—disse o ancião— Os Hopi nunca foram ariscos.

Merda. Merda, pensou Gabriel.

— Hopi?—disse Gúnnr sem compreender.

O ancião resultou ser um índio Hopi de cabelo branco e liso que a Gabriel lembrava a Tyra, uma das sacerdotisas da Black Country. Todo ele tinha um halo de misticismo a seu redor e era o mais velho da planície, o único de olhos azuis e claros. Uma raridade entre os membros de sua tribo.

Quando os deixaram se abrigar da chuva, foram o objeto de centenas de olhos, todos negros. Todos índios.

Os homens olhavam às *Valkyrias* com muito interesse. A verdade é que as filhas de Freyja eram espantosas e usavam todas essas roupas elásticas tão ajustadas que não ocultavam nenhuma das formas de seus corpos.

Por sua parte, as mulheres Hopi sorriam aos homens *einherjars*, não com desejo, mas sim como se estivessem brincando com eles.

Os *einherjars* olhavam suas roupas, também muito chamativas comparadas com a dos membros daquela tribo. Do que riam?

Gabriel começou a rir ao ver como Reso e Clemo cobriam com seus corpos a suas respectivas *Valkyrias*. Eram muito possessivos. Que estranho…

O que era o que fazia que o homem acreditasse que uma mulher era de sua propriedade? Que instinto selvagem estimulava aquele dogma? Quando, sendo humano, chegou a Black Country e conheceu o mundo dos vaniros e os berserkers, não podia acreditar que alguém pudesse reinvidicar uma mulher de um modo tão possessivo e dominante como fez Caleb e Adam com suas amigas Aileen e Ruth. Ele os tachou de machistas e arrogantes e de muito antiquados. As mulheres eram livres, iguais aos homens. Ninguém tinha a ninguém. Ninguém era de ninguém. Ninguém pertencia a ninguém. Adam e Caleb eram homens que tinham séculos de idade, podia entender que em suas mentes cavernícolas ainda acreditassem que o homem podia carregar no ombro uma garota e reclamá-la ao estilo highlander: *Quero isto. Isto é meu. Isto terei.* Como Reso e Clemo, seus dois companheiros de guerra. Reso era um trácio carpiano e Clemo era um espartano. Suas mulheres eram deles. Estavam protegendo a suas *Valkyrias* com todo o corpo, marcando o território, e estava convencido de que em Reso, que era o mais mandão dos dois, estava saindo uma úlcera ao ver tantos olhos masculinos cravados no espetacular traseiro de sua garota. E sua *Valkyria*, Sura, estava mais que encantada com aquela amostra de possessividade.

Procurou Gúnnr com os olhos. A *Valkyria* era crédula e doce por natureza. Não se dava conta dos olhares que prodigalizavam. Não era consciente do que se movia a seu redor. Róta, Bryn e as

demais *Valkyrias*, Róta sobretudo, eram coquetes e usavam sua sensualidade para seus propósitos pessoais. Bryn estava apoiada na porta, observando como os raios caíam sobre a Terra, executando seu particular baile de poder. Róta sorria e olhava com soberba a todos os que ousavam olhá-la. Mas Gúnnr não. Gúnnr não se serviria jamais de sua beleza. Ela evitava esse detalhe. Como se ela mesma não se desse conta de como era bonita.

Daanna também era bonita, mas ela controlava seu corpo e sua feminilidade e a utilizava como barreira, às vezes, e como ímã, outras mais. Era uma arma de mulher e sabia jogar com isso.

Mas Gunny não sabia fazer. E isso era mais perigoso porque era como um coelhinho para os lobos.

Agora a *Valkyria* estava falando com Chosobi, que a olhava como se fosse uma deusa. Bom, é que Gúnnr era uma deusa, uma deusa menor que vinha dos céus no final. Certamente, o jovem *pássaro azul*, isso era o que Chosobi significava, nem sequer podia imaginar com quem estava falando. E Gabriel não gostava de como olhava a Gúnnr. O que ele acreditava? Que ele tinha alguma possibilidade com a *Valkyria*? Deixava claro…

Gabriel estava sentado sobre uma cadeira de madeira. Uma mulher Hopi ofereceu milho, e ele o pegou sem afastar os olhos de Gúnnr. Tinha uma *Valkyria*. Era impressionante o fácil que se amoldou àquela situação, o normal que pareceu tudo. O fez sentir imediatamente a vontade, e desenvolveu um vínculo, algo que ele nunca teve com ninguém, não desse modo. Mas era um vínculo forçado, de necessidade, e mesmo assim, adorava que fosse ela quem cuidasse dele.

Iriam passar muitos dias juntos na terra até que encontrassem os objetos, mais era melhor que cuidasse dela, ou Gúnnr ia se meter em muitas confusões sem nem saber porquê.

O ancião Hopi não tirava o olho de cima dele. Gabriel podia sentir seus claros olhos centrados nele, até que o homem indicou que se sentasse a seu lado. Ele obedeceu. Quando era humano, ouviu falar sobre os índios Hopi, mas nunca viu um. Agora, podia falar com eles.

Fascinante.

— O que trouxe para estas terras?—disse o ancião para chamar sua atenção.

— A curiosidade?—respondeu Gabriel.

— Curiosidade por…encontrar algo?—disse o ancião com voz áspera. Os olhos azuis do índio viam muito mais do que parecia— Os curiosos são grandes empreendedores e visionários. Você é do tipo que escuta atrás da porta ou dos que descobrem a América?

Gabriel sorriu interiormente. *Grande velho… Se soubesse que por culpa de minha curiosidade Gúnnr e eu estamos um tanto distanciados… Merda, teria preferido não saber que Gúnnr tinha sentimentos por mim. Isto mudou tudo.*

—Não sei que tipo de curioso sou, ainda— respondeu Gabriel com sinceridade— Mas estamos aqui porque viemos recuperar algo que nos tiraram.

—Já vejo.

— Está havendo muitas tempestades elétricas como esta por estas terras?

— Como esta?—sorriu e negou com a cabeça— Refere-se a tempestades elétricas que engolem coisas?—o índio sorriu com sabedoria e seus olhos azuis e velhos faiscaram.

Gabriel engoliu o milho que tinha na boca e o olhou fixamente.

— Trouxe algo esta tempestade? Você o viu?

—Meu nome é Ankti.

—Ankti…—repetiu Gabriel— Dança repetida?

—Sim. Sabe por que me chamam assim, jovem?—Gabriel negou com a cabeça— Porque dancei muitas vezes com os raios e os trovões. Meus olhos viram de tudo. Vi muitas tempestades, mas nenhuma como há de dois dias. —levantou da cadeira e se apoiou na bengala. O homem mancava bastante e Gabriel, com muita educação, ajudou-o para que se apoiasse nele. Jogou a espiga de milho na terrina dos restos de comida.

— O que viu, Ankti?

— Além de homens com armaduras e mulheres de orelhas bicudas que falam Hopi perfeitamente?—disse arqueando as sobrancelhas brancas e espessas, dando a entender que sabia que eles não eram muito normais.

Os olhos de Gabriel brilharam com interesse.

—Vi aos Kachina— anunciou o homem finalmente.

— Quais são os Kachina?

—Os que vêm de cima e de baixo. Uns bons e outros maus, como os humanos.

— Viu-os chegar?

Ankti assentiu enquanto caminhava segurando o braço de Gabriel. Passaram pelo lado de Bryn e saíram ao pátio interior. Chosobi e Gúnnr os seguiram, e a seguir, tanto Hopis como *einherjars* e *Valkyrias* se uniram a eles. Todos queriam escutar o que o velho Ankti tinha que dizer.

—Um redemoinho gigante se abriu lá— assinalou o céu com sua bengala—Perto do Grande Canyon. Através desse redemoinho, saíram muitos Kachinas maus. Os sombrios. Os filhos de Trickster, o *Trapaceiro*. —tocou o rosto com as mãos trementes—Nós o chamamos o MA'iI.

—O coiote— disse Bryn.

— Fala de Loki, o Vigarista?—perguntou Gabriel.

—Os que desceram do céu tinham rostos cheios de terror, como se fossem animais. Eles trazem a escuridão a Terra— girou e assinalou os espantalhos do centro do povoado — Nós fazemos corpos como os dos filhos Trickster, para que quando eles venham e vejam seus rostos refletidos em nossas máscaras, se assustem e nos deixem em paz. Aqui os conhecemos como os *Devoradores*. Está *o da máscara de lobo*— assinalou a um dos espantalhos que tinha os olhos avermelhados, presas amareladas e cara de lobo— Também *O Gélido*— esta era outra máscara com rosto de homem demoníaco, olhos brancos com veias avermelhadas, presas e tez esbranquiçada— E logo vêm todos outros: *O Destruidor, O Devorador de cadáveres, O Lamacento, O Macho Caprino*— para cada homem havia um espantalho.

Bryn se colocou ao lado de Gabriel.

—Os filhos de loki. Os jotuns— disse o *einherjars*, impressionado. Quantos nomes podia dar a loki? Quantas faces tinha o diabo?

—As máscaras que ficaram parecem com a dos devoradores— comentou Bryn.

—Os filhos de Loki não são só os lobachos e os nosferatus. São, sobretudo, os etones,[16] tursos e troll— explicou Róta enquanto dava uma única olhada às máscaras— Devoradores. Demônios menores que ajudam a que se desenvolva o caos.

Gabriel ficou olhando Róta.

— Alguma ideia de como detê-los, *Valkyria* Róta?

—Se forem na realidade o que parecem ser, só morrem diante do martelo de Thor. Thor nos explicava muitas vezes como lutou contra eles em jotunheim. Mas então, tinha o Mjölnir com ele.

Mmm… Interessante. O martelo de Thor tinha a capacidade não só de destruir, mas também de eletrocutar, pois tinha a força ampérica que conferia o mais potente dos trovões.

— Vieram outras vezes, Ankti? Eles incomodaram os das máscaras?—perguntou Gabriel com interesse.

— Ao Hopi Land?— Sorriu com uns dentes um pouco trincados— Sim. O povo Hopi sabe muitas coisas e eles sabem da importância deste lugar. — abrangeu o povoado com o braço que tinha livre— Eles são demônios. Não gostam de nós porque sabem que sabemos quem são e o que são capazes de fazer. Eles devem destruir este planeta e alguns humanos maus os ajudam. Nossas profecias falam deles, pelo que farão. Mas…—girou e elevou a vista até Gabriel— Também sonhei com você, Anjo.

Gúnnr caminhou com Chosobi seguindo seus calcanhares e a jovem *Valkyria* colocou-se frente à Ankti e puxou-lhe os ombros.

— O que sonhou?—perguntou protetora.

—Sonhei que ele chegaria. E tinha que ser antes que a estrela azul se elevasse no céu. Quando a estrela se elevar—levantou a mão e a abriu desenhando figuras no ar—então saberemos do Final dos Tempos. E seremos julgados.

—Fala do *Ragnarök*— sussurrou Gúnnr.

—Mas quando sair à estrela azul, todos devemos estar preparados. Por isso você tem que estar aqui já, Anjo. Há Kachinas bons na Terra. Não são deuses, mas são filhos deles, espíritos benignos e ancestrais. Como você— assinalou Gabriel—, e como você— olhou a Gúnnr com muito carinho— Os Hopi esperavam sua chegada— elevou o queixo com muito orgulho— Porque, como ia nossa Terra sair ganhadora do confronto entre o bem e o mal, se não tínhamos suficientes guerreiros que também lutassem por nós? Por fim, vocês chegaram e meu ancião coração se enche de alegria. Outros amigos dos Hopi, sacerdotisas, magos e humanos com dons, falaram de seres que não são humanos e ajudam ao ser humano. Têm poderes e são… diferentes— olhou as orelhas bicudas de Gúnnr e sua peculiar vestimenta— Uns se transformam em metade animais, e os outros têm presas… O ser humano se assustaria se descobrisse que o mundo que não vê está cheio de coisas tão incríveis, não é? Mas, o que desceu do redemoinho é muito mau— assegurou com veemência— Tão mau como os Kachinas que esperam para subir aqui e destruir nosso lar.

— Viu se o ser que desceu do céu trazia algo nas mãos?—perguntou Gabriel.

—Com ele desciam muitos demônios. Era como um enxame de abelhas. Ele era o mel e

[16] *Os seres dedicados a pôr em perigo a ordem cósmica, representantes do caos, recebiam o nome de "Devoradores". Se trata dos etones, identificados como trolls no âmbito nórdico (ser sobrenatural, sobre-humano do mais perverso).*

outros o protegiam. Mas todos o vimos de longe, não sei se levava algo com ele.

—Não levou somente os tesouros dos deuses— murmurou Róta, cruzando os braços— Se o que diz é verdade, então, quem entrou no *Asgard* trouxe com ele a muitos jotuns para lutar no *Midgard*.

—Por que querem destruir seu lar?—perguntou Gúnnr com preocupação.

—É porque este lugar… Estamos nos quatro cantos, no coração da grande tartaruga. —Disse Ankti.

—O que meu avô quer dizer é que— explicou Chosobi olhando Gúnnr— que estamos no centro dos Estados Unidos. Nos limites estatais do Arizona, Novo México, Utah e Colorado. Por isso se chama as quatro cantos. Estamos rodeados por quatro montanhas mágicas e nossas danças e nossos cantos protegeram este lugar da mancha do MA'iI. Há uma cúpula de proteção a nosso redor que não se vê, só se sente. Mas desde que vimos o redemoinho, os ataques dos Kachinas se intensificaram e está a ponto de quebrar. Rezamos e oramos a nossa mãe Terra para que fortaleça a cúpula que nos protege, mas necessitamos uma noite mais para isso. Considera-se que este lugar é sagrado. Que é um ponto de energia telúrica muito importante na Terra. Se eles o violarem, o que acontecerá quando chegar a estrela azul? Onde estaremos os Hopi para ajudar a guiar ao ser humano quando tiver perdido o norte?

Gabriel queria compreender o ancião Ankti. O que ele viu era uma porta dimensional que se abria no céu e dele saía o ladrão dos totens dos deuses, e, além disso, vinha acompanhado com jotuns, e certamente outros demônios, considerando o teor das máscaras que fizeram os Hopi para os espantalhos.

Mas eles só desceram para recuperar o Mjölnir e…

—Seja o que for que está procurando— Ankti estudou Gabriel de cima a baixo—, já não está aqui. Mas o que está procurando trouxe algo que quer nos fazer mal.

Gabriel também sabia.

Só ficavam os trovões e a tempestade que se retirava por momentos, observou com ansiedade. O céu começava a abrir clarões, e revelava um entardecer cheio de cores amarelas e vermelhas. Se não se apressassem, perderiam a tempestade para poder viajar por ela e ficariam ali até encontrar um transporte que os tirasse do Hopi Land. As *Valkyrias* podiam se transportar mediante os trovões, sobretudo nas tempestades, mas pelo que ele sabia, só podiam convocar o trovão quando tinham que se transportar até o *Valhall*. Agora já não podiam retornar ali, e sem tempestade não poderiam se mover. Não ficava tempo a perder.

—Viemos para outra coisa, Ankti— desculpou-se Gabriel. Agradeço a hospitalidade do povo Hopi, mas…

A verdade era que sua missão estava clara. Recuperar os objetos e retorná-los ao *Asgard*. Nada de se relacionar muito com humanos nem se envolver em seus assuntos. Mas aqueles eram assuntos de deuses e demônios. Se havia seres que queriam fazer mal, então, eles podiam interceder, não?

Gúnnr franziu o cenho e olhou a seu *einherjars*. Ia se negar a ajudar? Como iam deixar a essas pessoas desprotegidas?

—O que for que está procurando, não está aqui. Mas nós sim. E vi em meu sonho que você nos ajudava. Não fará?—Perguntou Ankti com voz desolada— Necessitamos uma noite mais para que ninguém entre em nossa terra e vulnere a magia e a luz de nosso lar. Só uma noite mais. Não poderemos resistir outro ataque. A cúpula que antes nos cobria se está rachando devido a seus ataques e se a destruírem, nós desapareceremos. Eles nos eliminarão. Necessitamos sua ajuda, Anjo. Eles se reforçaram e quero acreditar que os bons também o fizeram com sua chegada. Não é assim?

—Só esta noite— acrescentou Chosobi— Parecem guerreiros. Eles os enviaram para nos defender, não?

—Gabriel— murmurou Gúnnr, suplicando com seus olhos azuis escuros que ficassem para dar uma mão.

Bryn e Róta se olharam a uma à outra, igual às gêmeas Liba e Sura. Reso e Clemo permaneciam impassíveis. A decisão do Engel seria a correta.

O guerreiro olhou a ponta prateada de suas botas negras. O que devia fazer?

Era curioso porque, embora já não fosse humano, ainda tinha emoções humanas que continuavam metendo-o em confusões. Olhou o povo Hopi. Todos tão morenos de pele, tão humildes e simples. Únicos. Uma tribo especial e antiga no mundo. Uma com princípios, e transbordantes de grande espiritualidade. Era incrível comprovar que, na terra, aqueles que menos tinham eram os que mais ofereciam logo.

Gabriel olhou a seus guerreiros. Todos acatariam sua decisão e nunca se rebelariam a seu contrario. Isso era o bom de ser o Engel. Sua palavra tinha valor.

—Não estamos aqui por acaso— disse finalmente— Os ajudaremos. Mas transcorrida esta noite, iremos.

—Obrigado, Anjo— disse Ankti— Se vocês nos ajudarem, nós ajudaremos a sair daqui amanhã ao entardecer. Deixe em nossas mãos — sorriu enigmático.

—Meu nome é Gabriel— esclareceu ele.

—E acaso Gabriel não era um anjo?—Perguntou Ankti enlaçando as mãos às costas e sorrindo agradecida.

Que os deuses me perdoem por me desviar de minha missão, rogou Gabriel.

Capítulo 5

—Por um momento pensei que ia dizer não.

Gabriel olhou por cima de seu ombro e encontrou com Gúnnr, apoiada na entrada de pedra de uma das choças.

Precisava estar sozinho uns instantes para saber como deviam agir. Não sabia contra quem lutariam e não conhecia a vulnerabilidade do inimigo. No *Valhall* treinaram lutando contra elfos da luz e contra *einherjars*; algumas vezes também contra *Valkyrias*, mas desta vez era diferente. Ia ser seu primeiro combate real. E se o inimigo conhecia suas debilidades, iria utilizá-las contra eles. Assim precisava pensar uns momentos sobre qual ia ser a melhor estratégia.

Chosobi dizia que aqueles que espreitavam, desde que apareceu o redemoinho no céu, podiam voar e tinham caras e expressões demoníacas. Outros se arrastavam pelo chão a grandes velocidades, e outros quantos tinham imensas garras e enormes línguas, tão longas como as dos lagartos. Ele conhecia os vampiros; podiam voar e tinham presas, e além disso se alimentavam de sangue humano.

—Só saem na escuridão, disse Ankti.

Os vampiros eram vulneráveis à luz do sol, uma razão mais para acreditar que parte dos seres que atacaram eram nosferatus, como os chamavam os clãs de vaniros e berserkers de Black Country. Contra eles sim que sabia lutar. Os que tinham imensas garras, podiam se tratar de lobachos. Contra eles também sabia lutar, embora... Merda, sempre que pensava em garras se lembrava do momento em que Margött destroçou seu pescoço e segregou sua vida.

Mas não podia pensar nisso. Agora era um guerreiro *einherjars* e tinha a possibilidade de lutar de igual para igual com aqueles que queriam arrebatar-lhe a imortalidade.

—Ia dizer que não— disse Gabriel olhando-a de cima a baixo. Gúnnr vestia-se de negro e prata. Com ombreiras e correntes metálicas, e umas luvas negras com seguranças nas articulações feitas de um metal que não existia na terra, seus *bue* negras e vermelhas pareciam largos braceletes metálicos. Usava uma espécie de body negro muito ajustado que realçava seus seios, e logo estavam essas calças que se assemelhavam à borracha e que se grudavam como uma segunda pele a seu corpo. E as botas, eram botas como as dele, mas que chegavam quase até os joelhos e tinham uma série de fivelas que começavam no pé e acabavam no início da rótula. Com o cabelo comprido e liso, a franja de uma menina boa e aqueles olhos inocentes, os homens da cidade a veriam e a confundiriam com uma espécie de anjo do inferno, perigosa, enganosamente dócil e pecaminosamente sexy.

Gúnnr se incomodou diante de seu olhar e se retirou da porta. Entrou com seu elegante andar naquela espartana cabana Hopi.

—Perguntei a Chosobi como pensam nos ajudar a sair daqui esta noite quando esmagarmos a esses cochinas.

Os ombros do guerreiro tremeram de risada.

—Kachinas.

A *Valkyria* encolheu os ombros como se não importasse uma merda errar.

—Chosobi me disse que nos ajudarão a convocar uma nova tempestade elétrica. Os índios Hopi podem fazer, sabe? É sua maneira de convocar os deuses. Fazem um ritual de dança com os raios e os relâmpagos — disse enquanto repassava com um dedo indicador e polegar, a cômoda de madeira. Logo esfregou o dedo indicador e polegar, como se tivesse descoberto desagradáveis rastros de poeira —depois desta noite, e se tudo sair bem, convocarão o deus do trovão.

Gúnnr, que estava olhando os dedos da mão, levantou o olhar azeviche e o cravou nele.

Tinham que falar. Ele sabia o que ela sentia por ele e a verdade era que ela queria fazer um trato. Um que não ferisse ninguém e que permitisse todo tipo de liberdades. Sabia que Gabriel amava Daanna, e não era algo que o *einherjars* pudesse esquecer nem negociar com ninguém. O deixou muito claro. A morte não fez que ele deixasse de amar a vanira, e era algo que em Gúnnr

ardia como uma ferida incômoda na boca do estômago.

—Por quê?—seus olhos brilhavam desafiantes através dos fios chocolate de sua franja.

— Por que, o que? —Gabriel não entendia.

— Por que gosta dela? Como sabe?

—Gúnnr —fez negações com a cabeça —Não é possível que não se dê conta quando um homem gosta de você. Vai estar na terra e eles a olharão e… — parou ao se dar conta de que falar sobre isso o incomodava.

— Sabe o que, Engel? Eu acreditei que sabia como interpretar os sinais de quando um homem gostava de mim. — disse ela com sua voz impregnada de sarcasmo, fazendo referência ao que aconteceu fazia duas semanas no *Asgard* – mas, parece, estava errada. Assim sendo, como sei que Chosobi não está pensando em outra quando me olha?

Ele levantou o queixo e jogou os ombros para trás, com um sorriso indolente em seus atraentes lábios.

—Sarcasmo. Isso é novo — repetiu as palavras que disse Gúnnr no *Valhall*.

Olharam-se durante um longo instante. Estudando um ao outro. Não havia dúvida de que tinham um grande problema. Ambos tinham um Kompromiss que dava lugar a isso. Entretanto, o *einherjars*, que se entregou aos cuidados dela livremente e por própria vontade, estava apaixonado por outra mulher. Como solucionariam?

—Quero arrumar as coisas com você antes de sair ao campo de batalha esta noite – disse Gabriel —É minha *Valkyria*, mas, além disso, é minha amiga e gosto de você. Odeio magoá-la, Gúnnr. Não lidei bem com a situação. Fui um bruto – levantou e se aproximou dela —não estou orgulhoso. Perdoa?

Gúnnr não deu um passo atrás. Gabriel era nobre como poucos e era um traço de sua personalidade que ela adorava. Observou e inclinou a cabeça a um lado enquanto o analisava. O perdoava porque foi honesto, embora isso não fazia que doesse menos. A honestidade dava asco, mas cortava as ilusões para que tocasse de pé na dura realidade. Ela não sabia o que era o amor, mas sim que conhecia o desejo. E desde o dia em que o viu, o desejou. Com o tempo, o desejo se converteu em algo mais quente com a chegada da amizade e a confiança.

Enfureceu-se ao descobrir que Gabriel, além de não ir a ela, estava usando o hjelp dos anões com outras *Valkyrias* só porque não queria vê-la, porque não queria que ela o tocasse. Seus olhos avermelharam diante do acordo.

—Gunny, seus olhos estão…— murmurou levantando-lhe o queixo com os dedos.

—Estão bem— afastou o rosto e se obrigou a relaxar. Não queria discutir com ele. Passava mal quando se zangava, e não entendia nem seu corpo nem as emoções que ferviam em seu interior. Temia o que aconteceria se chegasse explodir. Assim, pensando razoavelmente, decidiu que necessitava uma trégua imediatamente.

Eram amigos. Gabriel e ela iriam passar muito tempo juntos se sobrevivessem a todas suas batalhas.

—Perdoo você— sussurrou com convicção. Mas ia deixar as coisas claras.

Ele exalou o ar que retinha em seus pulmões. Queria voltar a ter Gúnnr perto, tal e como

sempre a teve. Acariciou-lhe o queixo com os nódulos.

—Freyja nos libertou de seu particular castigo de castidade— acrescentou ela calibrando sua reação.

— Sim?— murmuro incomodado, abduzido pelo rosto infantil da jovem.

—Que Freyja nos disse que morrer é um desastre, mas morrer virgem é a pior das desgraças. Permitiu que nos relacionasse com nossos guerreiros ou com quem nós quisermos. É nosso presente por descer ao *Midgard* antes de tempo. E um pequeno prêmio por arriscar nossas vidas aqui —olhou a seu redor.

A mão caiu como peso morto entre eles e sua mente trabalho rapidamente com conceitos de associação.

Gúnnr. Virgem. Sexo. Já não virgem. Com outro homem? Merda.

Seus olhos se tornaram completamente negros e seu corpo ficou em tensão.

Quando os *einherjars* ficam irritados, seus olhos se tornavam da cor do ônix. Escuros e brilhantes.

A *Valkyria* mordeu o interior da bochecha para não voltar a rir. A situação era muito cômica na verdade, adorava quando Gabriel perdia a estribeira.

—Repete.

—Que Freyja nos disse que…

—Não, isso não. O outro.

—Morrer virgem é a pior das desgraças.

—Não, merda —grunhiu exasperado — O seguinte.

—Ah— sorriu e jogou a juba lisa para trás. — *Certo, certo…*—Permite que nos deitemos com nossos guerreiros ou com quem nós desejarmos.

—Você não vai fazer nada disso— enfrentou-a, elevando-se com poderio e olhando-a das alturas.

—Já sei que não vai se deitar comigo —disse à defensiva.

—Nem eu nem ninguém.

A *Valkyria* não se intimidou e seu pôs nas pontas dos pés, franzindo o cenho e desenhando um v com suas arqueadas sobrancelhas negras.

— Ah, não?— perguntou com um resplendor de prazer nos enormes olhos.

—Não, bonita. Nem pensar— acabou o assunto de maneira fulminante. Freyja era uma puta louca. — Está sob minha responsabilidade. Não vou deixar que ninguém coloque uma mão em cima de você de nenhuma maneira.

—Gabriel, está errado —respondeu ela —não estou pedindo permissão, sabe? Simples e sinceramente o informo da situação. Que você não quer me tocar, não quer dizer que outros não estejam dispostos, *einherjars*. E é presente de Freyja. Quero desfrutar disso. Não sei que problema há. Deixou claro que você não gostava que…

—Quer se jogar sobre o primeiro homem que cruzar pela frente, florzinha? Faça isso. Não tem que me dar explicações. Não me importa —fez uma careta depreciativa com a boca.

—Sei—é óbvio que sabia. Por que ia se importar se não sentia nada por ela? Mas saber as

coisas não suavizava nada o doloroso corte.

— E por que fodida razão me conta isso, então?

Gabriel falava de um modo muito depreciativo quando se zangava. Era tosco. E também era… irresistível. Com os olhos completamente negros e as ombreiras de titânio negras, o cabelo loiro ainda úmido da chuva e tanto músculo definido por todos os lados, Gabriel era muito… homem. Masculino.

—Conto a você porque há um Kompromiss entre nós, e acredito justo que informe o que vou fazer —lambeu os lábios— sei que a você o kompromiss não importa, mas eu não gostei de você não ter vindo depois de nossa discussão e que, além disso, fosse às minhas outras irmãs para que o curassem. Eu não gosto de tratar os outros como eu não gostaria que me tratassem, assim decidi dizer isso. Queria que soubesse. Se seus guerreiros falarem de nós ou nos apontarem, ao menos saberá como se defender. Eu continuarei o curando, a não ser — acrescentou cínica e girando os olhos —que queira, é óbvio, que outras *Valkyrias* o curem. Embora, claro, aqui não está no *Valhall* e não se negocia com o hjelp dos anões, portanto, embora se incomode terá que vir para mim. Sinto que tenha que fazê-lo, de verdade —reconheceu baixando o olhar. A franja tampava-lhe os olhos por completo e suas orelhas bicudas apareciam entre o comprido cabelo macio— sei que repugna que o toque e…

—Pare já, Gúnnr! —Rugiu Gabriel com o olhar escuro cravado unicamente nela.

Gúnnr levantou sua cabeça e, desta vez, permitiu que o guerreiro visse seus olhos. Rubis enormes que iluminavam seu rosto. Vermelhos de raiva. Apertou os punhos aos lados dos quadris e sentiu a primeira rajada de energia real, de *fúria*, percorrer suas terminações nervosas e suas extremidades. *Por Freyja, o que está acontecendo? Gabriel gritou comigo? Atreveu-se a gritar?* Nunca, nunca se gritava a uma *Valkyria*. Não havia nada mais ofensivo que levantar a voz a uma *Valkyria*.

O Engel caminhou para ela obrigando-a a retroceder. Estava tão tenso como estava Gúnnr. Parecia que queria sacudi-la.

— Já tenho suficiente sabendo que meus homens de confiança vão transar com suas mulheres como loucos, para ter que me preocupar com você também, Gúnnr! —Não viu como a jovem apertava a mandíbula e se esforçava por não explodir diante dele— Que fique claro isto: você-não-vai-se-relacionar-com-ninguém! Entendido?! —estava a um centímetro de seu rosto. Seus narizes quase se roçavam.

Gúnnr sentiu uma faísca nas orelhas como se suas mãos se carregassem de eletricidade. Eletricidade…? Abriu e fechou os dedos até comprovar que pequenos fios cheios de energia azul dançavam entre seus dedos.

—Você não manda em mim, Engel —sussurrou entre dentes, desfrutando dessa discussão e da consequente recepção de imperiosa energia elétrica— Farei o que me der vontade, com ou sem sua permissão.

O melhor de Gúnnr era que, embora a tirasse do sério e a provocasse, sempre agia de uma maneira civilizada. Nunca perdia a compostura.

Gabriel ia rebater, mas a resposta de Gúnnr o deixou sem argumentos. Gúnnr não era

propriedade dele. Como se atreveu sequer a insinuá-lo? Fazia um instante, estava rindo do comportamento de Reso e Clemo com suas *Valkyrias*, e agora, estava fazendo o papel de um amo dominante com Gunny. Merda, merda.

Passou a mão pela boca. Sentia que o colocou em seu lugar.

Era justo deixar que Gúnnr encontrasse o que estava procurando já que ele não podia dar. E ainda por cima fez-lhe um feio e muito grande desprezo no *Valhall*. Deixou-a com o traseiro no ar, como um alvo preparado para que as flechas de alguma de suas irmãs pudessem espetar. A verdade era que não o agradava pensar nela com nenhum outro homem, porque os homens não seriam delicados com ela e… Gúnnr merecia que a tratassem bem. E, além disso, não queria que ninguém pusesse as mãos em cima dela por que… bom, pois, porque não, e ponto. Quando havia se tornado tão arrogante?

—Façamos um trato, Gúnnr. Se for isso o que quer eu estou disposto a…

Justo no instante que Gabriel ia propor algo a Gúnnr, Bryn apareço à porta da cabana.

—Engel, venha ver isto.

A noite caiu com rapidez. E com a escuridão, aqueles que os Hopi temiam saíram de seus esconderijos.

O que havia aos pés do pequeno planalto de pedra onde se encontrava o povoado Hopi era um autêntico exército da escuridão. É óbvio que havia vampiros: eram os que voavam em círculos sobre suas cabeças e se chocavam uma e outra vez contra a cúpula invisível de segurança. Alguns já nem sequer tinham cabelo. Eram vampiros velhos e parecia que não bebiam sangue há tempo. Tinham os olhos brancos e as presas muito amareladas, além de boqueiras asquerosas nos cantos dos lábios, lobachos famintos estavam escalando o pequeno topo para usurpar a cúpula de baixo. Cravavam suas garras na pedra e subiam como seu fossem elevadores humanos. Seus olhos vermelhos e amarelados brilhavam cheios de malícia, e seu rosto deformado pela mutação era um terror. Mas logo, havia outros seres que ele ainda não viu.

Reso e Clemo, que ouviram falar através de Thor sobre seus êxitos no Jotunheim, explicaram as características desses novos despropósitos.

—Nós nunca lutamos contra eles —assegurou Reso— mas o pouco que sabemos desses devoradores é isto: os que têm cara de serpente e têm aspecto viscoso e branco se chamam purs, e aqueles que gritam e uivam como histéricos e parecem gorilas gigantes são Trolls.

—Os etones manipulam a mente e absorvem a energia vital da pessoa —acrescentou Clemo olhando com receio—sua mordida é venenosa. Os purs têm a pele cheia de babas toxicas e corrosivas. Uma vez que se enrolam em seu corpo como se fossem sucuris, chupam a energia vital como se fosse o mamilo de uma mulher. Podem se mover sob a água. E por último, estão os Trolls. Têm uma força descomunal e sua mordida é paralisante. Assim que o deixa imóvel, começam a arrancar seus membros.

—Há quarenta e cinco devoradores aí embaixo, e uns dez vampiros e lobachos. São muitos— Gabriel os contou um a um.

Segundo Ankti, os devoradores, grupo em que o ancião incluía vampiros, lobachos e outros

monstros de Loki, podiam permanecer longas temporadas em cavernas, hibernando, esperando que chegasse seu momento. Então, quando esse momento chegava, saíam todos a caçar em manadas. Depois da tempestade elétrica, todos saíram, certamente por ordem expressa de Loki. O caos tinha que fazer presença na terra, e com o martelo de Thor, a espada da vitória de Frey e a lança de Odín em mãos de suas líderes, o fim estava mais perto que nunca.

—Thor os vencia com seu martelo, mas aqui não há martelo que sirva— Gabriel ativou suas pulseiras e tinha as duas espadas empunhadas uma em cada mão, observando a seus inimigos com olhos inteligentes— este é o plano; temos quatro *Valkyrias* que podem jogar raios pelas mãos.

—Cinco— murmuro Clemo olhando Gúnnr com seus olhos negros. A jovem estava olhando Gabriel como se a tivesse ferido— suponho que sua *Valkyria* também conta, não?

— Minha *Valkyria*?— Gabriel não queria pensar nela. Estava muito zangado pela discussão que tiveram no lar Hopi para uns instantes. Fez um movimento desdenhoso com os lábios e negou com a cabeça— minha *Valkyria* me dá mais problemas que outra coisa. Além disso, não pode me proteger.

Bryn e Róta emitiram um som abafado de surpresa e, imediatamente, olharam a Gúnnr. Sua jovem irmã girou a cabeça para que ninguém visse o muito que doeu esse comentário.

—Gúnnr tem melhor pontaria que vocês três juntos —assegurou Bryn. A Generela ficou ao lado de Gúnnr e sussurrou-lhe ao ouvido— Não ligue, Gúnnr.

Róta, em troca, não foi tão disciplinada como foi Bryn, nem tampouco tão educada. A *Valkyria* de cabelo vermelho se plantou frente a Gabriel e o olhou com desdém.

—Eu sempre acreditei que os *einherjars* se protegiam sozinhos. Em todo caso, entendo que eram eles quem devia cuidar de nós. Se ninguém lhe disse isso, eu lhe direi— colocou uma mão no ombro dele e o olhou como se não tivesse remédio— Sabe muito de estratégias, mas é um desastre com as mulheres.

—Róta, venha aqui— rogou Gúnnr sem olhar para eles.

Os Trolls começaram a gritar com força e a saltar e clamar sobre o deserto. Corriam dirigindo-se à cúpula de segurança.

Os Hopi estavam todos reunidos ao redor de uma fogueira, cantando e mentalizando um cântico antigo e ancestral, um que protegia e reforçava a cúpula mágica que cobria seus lares e a essência do que eles eram. Ouviam-se os tambores e o retumbar dos pés no chão, todos ao mesmo ritmo. Usavam máscaras que imitavam aos Kachinas bons, e que segundo eles, davam força e energia para rebater a maldade dos devoradores. Cantariam até o amanhecer para lutar ao lado do Engel e seus guerreiros, mas o fariam a sua maneira.

Gúnnr agitou seu *bue* e tomou o arco negro e vermelho. Moveu a outra *bue* e uma flecha avermelhada feita de energia e trovão se materializou em sua mão. Coloco-a na corda do arco, mas quando ia estica-la, Chosobi pôs a mão no seu ombro e a parou.

A *Valkyria* girou e olhou o índio com os olhos acesos como dois faróis vermelhos. Seu corpo tremia furioso e a ira percorria seu sangue como veneno. O índio trazia uma lança na mão e tinha a máscara sobre o crânio, como se fosse um diadema. A olhou nos olhos e sorriu docemente, para

logo, com infinita doçura, oferecer sua lança.

—Meu avô diz que as armas são para aqueles que defendem os seus com o corpo. Nós não sabemos lutar, só oramos. Mas eu gostaria de lutar com você, Gúnnr. Embora só fosse mediante esta lança. Você é uma guerreira alada— olhou o céu —uma mulher dos céus.

A *Valkyria* não ouvia a voz do Chosobi. Algo em seu interior mais poderoso que os raios estava fervendo como a lava. Algo que doía.

—O-obrigada— disse Gúnnr aceitando a lança.

Chosobi assentiu e olhou Gabriel sorrateiramente. O Engel o olhou a sua vez, meio ameaçando, e o índio não fez nem caso. Inclinou-se e deu um beijo na bochecha de Gúnnr. A *Valkyria* ficou parada. Era o primeiro beijo que recebia de um homem. O primeiro.

O Hopi se dirigiu ao círculo da fogueira e ficou a orar e a dançar com todo o povoado.

Gúnnr piscou e levou a mão à bochecha que recebeu o beijo.

—A única coisa que acho ruim no Chosobi— murmurou Róta em seu ouvido—é que não é imortal. Isso, e a roupa que usa, claro— particularizou.

Esse comentário provocou o sorriso de Gúnnr, mas não apagou o fulgor avermelhado em seu caminho. Por que Gabriel era tão duro com ela? Por que insistia em colocá-la em evidência? Ela só quis ser sua amiga especial. Se isso estava errado, então não faria mais, não seria sua amiga.

Se incomodava ao Engel, então só se veriam em caso de que tivesse ferimentos e precisasse de cura.

Sentiria falta dele. Muitíssimo. Porque ela sim o queria como fosse. Como amigo ou como amigo especial. Mas se isso fazia mal ao Engel, ela se afastaria e ponto. Lutariam e se utilizariam para todo o resto que não fosse nem fraternizar, nem conversar.

Gabril não gostou nenhum pouco da cena de Chosobi beijando Gúnnr. De fato, tinha vontade de cortar cabeças, e se era a de índio, muito melhor. Com um grunhido e deixando atrás o gole amargo da *cena do beijo*, dirigiu-se a seu esquadrão.

—As *Valkyrias* utilizarão seus raios para parar os devoradores. Bryn, organize-se —ordenou Gabriel— quero uma arqueira aqui. Você é a melhor — disse— assim que você fica nesta posição. Os vampiros são vulneráveis e atinjam no coração e na cabeça —destacou ambas as partes— as flechas são feitas de trovões, certo?

—Sim— responder a Generelaa.

—Preciso delas para atrasar os vampiros que temos sobre nossas cabeças. Quando caírem nós cortaremos suas cabeça e arrancaremos o coração. Os lobachos morrem de igual modo: cortem a cabeça ou arranquem o coração. Estão cercando o planalto e aparecerão por todos os lados. Os devoradores eram vencidos pelo martelo de Thor, portanto, são vulneráveis aos raios. Torrados. Reso e Clemo irão pelos lobachos e pelos devoradores que se dirijam ao povoado. Róta —se dirigiu a *Valkyria* que o olhava com ódio. Ele sorriu provocador— Róta… você, o que sabe fazer?

A *Valkyria* levantou o queixo e o fulminou com seus olhos azuis.

— Eu? Faço limonadas e asso umas bolachas de escândalo.

As *Valkyrias*, sobretudo Bryn, morderam o interior das bochechas para não começar a rir.

— Certo?—o Engel arqueou as sobrancelhas e a olhou de cima a baixo.

— Mas sabe que é o melhor que faço, cachinhos dourados?

Cachinhos dourados? Que idiota é. Sorriu muito a seu pesar e negou com a cabeça.

— Além de mostrar as tetas? Não sei. Ilumine-me.

Róta juntou as mãos, esfregou-as com força e quando as separou, milhares de raios se chocavam e dançavam entre sua palmas.

—Faço chorar os homens como você como se fossem meninas.

—Bem, porque necessito que faça chorar os aí em baixo, entende? Necessito como segundo esquadrão, na beira do planalto. Respeite os espaços e não permita que se aproximem muito. Se pelo motivo que for, ultrapassarem…

—Coisa que não vai acontecer— Róta cada vez parecia mais ofendida pelas graves acusações do Engel.

—Mas se ultrapassarem —Gabriel adorava implicar com ela— Bryn terá que estar de olho atento. De acordo? Quando não houver vampiros, poderão ajudar com todo o resto, mas primeiro terá que fazer cair os corvos. Sura e Liba —olhou às gêmeas fixamente— lutarão com seus *einherjars* lado a lado. Gúnnr, você vem comigo— não ia deixa-la aí. Ela necessitava segurança, não sabia lutar como as demais.

A jovem ficou rígida diante da ordem.

—Não —Estava vermelha como um tomate— Deixe-me lutar com elas, por favor —Não podia fazer isso. Se a afastava delas na luta como ia se igualar a uma *Valkyria*? Já tinha suficiente sem ter dons, sendo rechaçada por ele, para que ainda por cima a afastasse assim delas.

Gabriel levantou a mão e a ofereceu. Nem pensar. E se acontecia algo? Não o perdoaria nunca.

—Não, *Valkyria*. Você vem comigo.

—Isto é o cúmulo— Grunhiu Róta em voz baixa, chutando uma pedra do chão.

—Engel, por favor— pediu Bryn— Não faça isto…

O Engel e Gúnnr tinham um diálogo silencioso. Os olhos azuis de Gabriel se tornaram negros e os de Gúnnr eram tão vermelhos que emitiam luz.

—Engel —Bryn se aproximou e pediu humildemente— Deixa que lute com ela. Não a anule assim. Não pode…

— Maldição! Deixem de me defender! —Exclamou Gúnnr— Não falem por mim! —As mãos picavam e sentia que uma série de faíscas elétricas se aglomeravam em seu estômago. Centrou toda sua raiva em Gabriel— quer que vá com você?! Bem! —Agarrou a lança e o arco e foi dando enormes passos. Chegou a sua altura e passou ao longo dele.

—Deixa a lança aqui. –ordenou com frieza.

A *Valkyria* parou abruptamente.

—Não.

Os índios estavam cantando, chegando a momentos em pontos culminantes de êxtase. Os vampiros não deixavam de colidir contra a cúpula. E os *einherjars* e as *Valkyrias* estavam atentas ao desafio de Gúnnr a Gabriel.

— O que disse?

—Disse que não. Engel.

Está-me desafiando diante de todos?, pensou surpreso.

—Ou a lança ou o arco. Se for com as duas coisas irá se atrapalhar na hora de brigar. Só sabe lutar com seu arco, *Valkyria*, não acredito que…

Gúnnr fez desaparecer o arco e jogou a flecha vermelha e cheia de eletricidade aos pés de Gabriel. Esta desapareceu com uma faísca.

—Se não me deixa lutar com minhas irmãs, então tampouco lutarei com você como *Valkyria*. Mas não se preocupe—Sorriu, mas o gesto não chegou aos enormes olhos—não deixarei que morra antes que eu.

Uma exclamação de assombro percorreu a *einherjars* e *Valkyrias* por igual.

O loiro esfregou o queixo e fico estupefato.

De acordo, como ela quisesse.

—Vamos — Correu para Gúnnr, puxou-a pelo pulso e desceram o planalto— me siga!

A guerra era uma experiência estranha. Não era um combate, não era uma batalha. Em mente só se albergava o pensamento de que era uma partida em que se jogava o tudo ou nada. A vida e a morte. Um movimento mal dado, uma tática mal elaborada, um ataque mal executado, uma piscada na hora errada… eram os detalhes que permitiam que ao seguinte instante respirasse ou não.

— Se agache Gúnnr! —Ordenou. Um lobacho se lançou sobre eles e caiu de quatro. Agora mostrava as presas cheias de babas.

Estavam os dois no campo de batalha. Gúnnr e ele eram o único que importava nesse momento. A garota corria como o vento, era muito veloz e muito ágil. Tinha bons movimentos e se esquivava muito bem os golpes, como faziam as *Valkyrias*. Sincronizou com ele e isso que nunca treinaram juntos. E por que nenhuma vez fizeram?

— À esquerda! — moveram-se os dois de uma vez para se esquivar das garras do monstro. Ele tentava se colocar diante dela para protegê-la com seu corpo. Mas Gúnnr era a que às vezes o puxava para que outro golpe improvisado não o alcançasse.

Gabriel elevou as duas espadas e em um movimento de tesoura precioso, arrancou a cabeça de um vez do lobacho.

O sangue salpicou aos dois.

Os raios começaram a iluminar a área. Suas irmãs *Valkyrias* estavam fazendo a sua parte. A seu redor caíram dois vampiros com suas flechas cravadas no corpo. Gúnnr segurou a lança e a cravou no peito do vampiro.

Gabriel observou a cena com fascinação. A jovem meteu a mão na caixa torácica do vampiro e arrancou o coração. Mas antes de fazê-lo, o puto nojento arranhou-lhe o braço.

— Feriu-a! —Gritou Gabriel.

— Mata esse! —disse ela em resposta.

Ele se girou, girou sua espada no ar, fazendo-a rodar como a hélice de um helicóptero e cortou a cabeça do vampiro.

— Merda, feriu-a! —Disse desta vez mais preocupado— está bem?! —aproximou para inspecionar a ferida.

Ela assentiu com a cabeça.

Um grito da *Valkyria* cortou o ar. Róta descia o planalto lançando raios pelas mãos e chamuscando a qualquer Etone que se aproximasse da cúpula. Era uma esplêndida máquina de matar.

Dois vampiros mais caíram perto de onde eles estavam. Gúnnr se lançou por cada um deles com sua lança e Gabriel ia matá-lo com suas duas espadas, mas antes que pudesse executá-los definitivamente, quatro devoradores os rodearam.

—Atrás de mim, Gunny— pediu Gabriel elevando as duas espadas.

— Não se preocupe por mim e faça o que tenha que fazer! Sei me virar — Agarrou a lança com força e a colocou entre ela e os corpos de um Troll e um Purs— Os Purs são asquerosos…— Sussurrou olhando ao verme com asco.

Os devoradores tinham aparência humana, eram bípedes e tinham braços e mãos, mas suas caras e seus corpos… deixavam muito a desejar. O Purs tinha os olhos negros, a pele cinzenta, esverdeada e gelatinosa. Tinham dois orifícios como nariz, os lábios roxos. Suas bocas salivavam babas mucosas…deuses, que asco.

Gabriel e Gúnnr ficaram costas com costas. Um lobacho e um dos vampiros caídos também se acrescentaram à festa.

—Seis contra dois— Grunhiu Gabriel.

—Conta comigo agora, Engel? —Perguntou mordazmente.

— O que tem de errado em querer protegê-la?!

— Isso não é me proteger! É me desvalorizar! Menos mal que não disse seis contra um ou vou ao outro lado e converto isto em um sete contra um! —Murmurou ela mantendo a uma distância prudencial dos devoradores— E juro que o trespasso eu mesma.

Gabriel se amaldiçoou por colocar Gúnnr em uma situação como essa. Teria que tê-la deixado com as *Valkyrias*. Mas ele não queria deixá-la sem sua segurança.

—Se mova como eu disse—ordenou ele.

—Nem pensar—Respondeu Gúnnr. Colocou a lança como se fosse uma vara e saiu do cerco voando por cima da cabeça dos dois Trolls que tinha diante — Faz o que tenha que fazer. Proteja-se, Engel. Você acabou com três ou quatro mais.

— Gúnnr! —Gritou dando a volta. Mas esse movimento foi descuidado por sua parte. Nunca dê as costas a um inimigo. O vampiro golpeou-a no rim esquerdo e o deixou de joelhos. E logo arranhou suas costas, por debaixo do protetor dos ombros.

Gúnnr corria muito mais que os Trolls. Tentavam alcançá-la, mas ela era veloz como um raio. Colocou-se atrás do Troll e o transpassou com a lança. A desencravou, deu uma volta sobre si mesma e com a folha cortou-lhe a cabeça. Para ela, lutar era como uma coreografia, tentava ter estilo e de não subestimar nem desvalorizar o inimigo. Nunca. Não desvalorizava nunca ninguém

como Gabriel fazia com ela.

O purs que a perseguia agarrou-lhe uma perna e ela gritou de dor. A substância pegajosa de seu corpo estava queimando sua pele. Elevou a lança e a cravou no crânio até introduzi-lo e apertou até trespassá-lo por completo e ver como a lança saía pela virilha. O tirou de cima como pôde.

—Arde! —Gritou para si mesma olhando a queimadura da coxa.

A música dos Hopi acompanhava cada golpe, cada corte de espada, cada flecha… grande ritmo tinham.

Um troll deu um murro em todo seu rosto, e ela caiu de costas no chão. O troll subiu em cima dela e a tentou estrangular. Mostrava os dentes e estendeu sua língua até lamber-lhe a bochecha.

— Não! —Gritou ela a ponto de vomitar. Elevou o joelho e chutou com força entre as pernas dele. Mas o troll nem se alterou, continuou apertando-a com suas enormes mãos.

Escapava o ar dos pulmões. Se ficasse inconsciente, então a matariam. Olhou Gabriel. Estava fatiando o pescoço de um nosferatuns, enquanto com a outra espada cortava um braço de um lobacho. Era um guerreiro sem igual. Saltou sobre outro eton e deu-lhe um chute voador em todo o rosto. Caiu em cima dele e cortou sua cabeça.

Bryn e Róta liquidaram os *corvos*. Todos caíram a terra e agora eram vítimas de seus raios.

Reso e Clemo lutavam com Sura e Liba e o faziam como se fossem um quarteto de músicos que seguiam as notas de uma partitura. Os quatro eram muito atrativos e muito selvagens. Morenos, de cabelos compridos e olhares negros os deles e amendoadas as das gêmeas. Como se fossem quatro ciganos tocando sua música. O *dó* era trespassar um troll; o *fá* era eletrocutar um vampiro caído e arrancar-lhe o coração; o *ré* era cortar a cabeça de um lobacho. Os casais lutavam com uma sincronia invejável. Se fizessem o amor como lutavam, séria um maldito espetáculo.

Por que penso isso? Sou patética, raios!

Seu *einherjars* não tinha uma *Valkyria* comum. Tinha uma sem poderes, uma que não valia a seus olhos. Fechou os olhos e deixou que a *fúria* lhe desse as forças que necessitava para tirar o troll de cima. O troll mordeu-a na lateral do pescoço e ela soluçou de dor. Mas imediatamente, o feto de Loki se foi para trás, como se seu corpo tivesse sido eletrocutado. Ela levou as mãos aos lábios porque sentiu a mesma faísca. As presas, pequenas e afiadas, aumentaram discretamente. Picavam, mas não eram presas tão compridas como os de seus irmãos vaniros.

— Gunny! —Escutou a voz de Gabriel dilaceradora pelo medo — Levante, maldição!

Gúnnr abriu os olhos que fechou devido à dor, e olhou para ele. Pedia que abrisse os olhos. Que os abrisse! Não se dava conta que havia dois vampiros justo às suas costas e que se aproximavam sigilosamente sem que ele o percebesse.

—Gab…—Murmurou. Não tinha voz— atrás…

—Aguenta, Gunny! Já vou! —Corria como um louco.

Ele se aproximava mais, mas os vampiros estavam a ponto de alcançá-lo e derrubá-lo.

A raiva possuiu todo seu ser. Se o feriam ou morria, seria por sua culpa, por não o ter defendido bem como poderia ter feito. Por ser uma inepta. Por não ter *fúria*. Por ser a doce e

inofensiva Gúnnr. Mas… é que ela não era inofensiva!

Jogou a cabeça para trás e pela primeira vez em sua vida, de suas cordas vocais e de sua alma emitiu o primeiro grito da *Valkyria* de sua vida. Um grito tão ensurdecedor que inclusive o troll teve que sair de cima dela para tampar os ouvidos.

E então… um raio caiu em cima de Gúnnr e percorreu todo seu corpo, iluminando-a como se fosse uma lâmpada. Elevou-se vários metros enquanto ela se convulsionava e gritava como se fosse vítima da tortura mais dolorosa de todos os tempos, até que o raio desapareceu e ela caiu de repente, secamente na terra dura e úmida pela chuva.

Gabriel correu como louco a socorrê-la. O coração disparou pela sensação.

Gúnnr levantou como pôde e quando abriu os olhos, tinha-os em chamas. Ardiam às mãos, os joelhos tremiam e todo o corpo se sacudia com espasmos. Não havia tempo para pensar no que aconteceu. Agarrou a lança e trespassou o troll com ela, até deixá-lo caído no chão.

Ela não era inofensiva.

O que passava era que não entendia a *fúria* sem razão. Suas irmãs eram *fúria*s, não dominavam sua ira nem seu temperamento, nem importava. Podia provocar e sabia ao que viriam logo. Róta triturava sem compaixão a quem ela considerava que merecia seu castigo. Bryn não era misericordiosa, ao contrário, longe de ser tão sangrenta como Róta, ela era mais metódica. Fria e limpa. Mas não importava estar zangada para desenvolver seus dons, porque as *Valkyrias* nasciam com seu gênio e sua *fúria*, como se fosse sua faísca vital.

Uma bronca, uma briga, uma luta. Isso adoravam. Mas a ela nem tanto. Era que ela nunca teve um motivo pelo qual estar furiosa. Verdadeiramente furiosa.

Mas agora… olhou Gabriel e a *fúria* nela aumentou. Agora sim.

Já não sou inofensiva.

Respirando rapidamente, olhou as palmas das mãos e comprovou que os fios de eletricidade apareciam aí de novo. Poderia ser?

Olhou os dois vampiros que estavam a ponto de cortar a cabeça de Gabriel com suas garras. O Engel vinha para ela com o rosto decomposto. O que acontecia?

Os vampiros saltaram sobre Gabriel e ela dirigiu as palmas das mãos para eles. Um raio azulado e branco saiu de suas mãos e foi parar diretamente nos dois vampiros.

Gabriel se agachou e olhou assombrado para trás.

Gúnnr seguia atiçando-os com seus raios e não os soltava.

Estava furiosa, claro que sim. E não. Não era inofensiva.

Seu *einherjars* a ignorava como mulher e como guerreira. Tinha que beber sangue para que ele a notasse? Tinha que parecer com ela? O que era o próximo? Havia possibilidade de que ela pudesse se converter em vanira? Que mais tinha que acontecer? Por que aqueles que se supunha que tinha que aceitá-la faziam o possível para tirá-la de suas vidas? Por quê?!

Conferiu mais força aos raios até queimar por completo os corpos dos dois vampiros.

Gabriel rodou sobre si mesmo no chão e se levantou sem deixar de olhar a Gúnnr.

Mãe do bonito amor, pensou enfeitiçado pela cena. O cabelo de Gúnnr flutuava a seu redor. Seus olhos, completamente vermelhos, olhavam com determinação os vampiros, dos que já não

ficava nada. Um raio caiu e quando se levantou do chão se converteu na mulher relâmpago. Merda, olhando-a, já não ficava nada da doce Gúnnr. Agora era uma mulher fatal, magnética… O que aconteceu à sua Gunny?

Aproximaram-se dela com cautela. Quando a olhou, a pele ardendo da jovem passando a corrente, mas isso não fez que ele retirasse a mão. Rodeou-lhe o antebraço com os dedos. Estava-a compelindo a que baixasse os braços e deixasse de cuspir raios e centelhas de seu corpo.

Gúnnr cravou a vista nele, sem pestanejar. Grande espetáculo era a *Valkyria*, pensou.

—Já passou tudo, florzinha. Acalme-se. — sussurrou se aproximando muito a seu ouvido.

A orelha de Gúnnr tremeu e seus olhos piscaram sem tirar o olhar vermelho dele.

Gúnnr apertou os dentes. Não era inofensiva e estava furiosa com Gabriel.

Róta e Bryn chegaram em um instante. Suas irmãs a olhavam em um lugar entre a surpresa e a compaixão.

—Irmãzinha? O que foi isso? —Perguntou Róta aproximando-se dela.

Mas Gúnnr ignorava suas "irmãzinhas". Ela somente estava olhando fixamente a seu *einherjars*. Seguia cuspindo raios pelas mãos sem fazer caso a nada nem a ninguém.

Reso, Clemo e as gêmeas tampouco quiseram perder a cena.

—Baixa os braços, Gunny — pediu Gabriel com amabilidade. Caralho, estava olhando-o como se quisesse trespassá-lo também com a lança. A franja se movia sobre suas sobrancelhas e olhos devido à energia eletrostática que emanava dela. Estava fazendo um oco enorme na base do planalto— Trata-se de salvar os Hopi, florzinha. Não de afundar seu planalto — sorriu com simpatia.

Seus olhos vermelhos cintilaram.

—Não me faz graça, *botão de rosa*— disse com uma voz surpreendentemente suave para o desdobramento de força que estava demonstrando nesse momento.

Um raio caiu justo ao lado de seu pé e Gabriel separou-se dela assombrado porque o raio esteve a ponto de alcançá-lo.

—Merda, está muito descontrolada— Sussurrou Róta com um sorriso, satisfeita com o gesto de Gúnnr.

—Florzinha? *Botão de rosa*? —Soltou Reso com interesse— Você gosta da botânica, Engel? —zombou dele.

—Nós a levaremos. —disse a Generela, pegando Gúnnr pela mão e a puxando — Temos que isolá-la ou destroçará tudo.

—Temos que preparar a *vugge*[17]— Comentou Sura recolhendo seu comprido cabelo negro em um rabo.

—Perguntar a Ankti se sabe de algum lugar para isso —Liba levou Clemo com ela.

— Um berço? —repetiu Gabriel surpreso.

—Vamos rápido— Sugeriu Bryn.

Gabriel franziu o sobrecenho e negou com a cabeça. Bryn e Róta estavam arrastando virtualmente Gúnnr, que não deixava de olhá-lo por cima do ombro como se ele fosse um eton.

[17] *Em norueguês, berço.*

Ele não era o inimigo. Não?

— O que? Aonde a levam?

—Gúnnr quer fritá-lo, Engel— A *Valkyria* de cabelo vermelho sorriu com malícia. Passou um braço em cima de Gunny e acrescentou— Vamos fazer o molho. Nós gostamos da carne ao ponto.

Capítulo 6

Os Hopi celebravam a vitória cantando e dançando ao redor das fogueiras.

Reso, Clemo e as gêmeas sorriam e batiam palmas com eles, divertidos por seu modo de se mover e cantar. Os devoradores foram eliminados. A cúpula se reforçou. Agora, era momento de jantar e celebrar a proeza dos oito guerreiros que desceram dos céus para bater na cara dos devoradores, portanto, os Hopi estavam preparando um jantar especial para eles.

Traziam pratos de barro cheios de fatias de melões e cabaças assadas, e também serviam feijões fritos, milho e piki, este último era um tipo de milho que assavam sobre pedra muito quente.

Entretanto, Gabriel ouvia tocar suas flautas e seus tambores, e escutava seus guerreiros falar e rir com suas *Valkyrias* enquanto desfrutavam daquela hospitalidade, mas ele não estava com eles. Como ia estar com eles se não sabia o que acontecia com Gúnnr? Estaria bem? O que estavam fazendo?

Róta e Bryn a levaram a uma área resguardada da planície porque iam preparar o berço. Uma série de raios caíam detrás do penhasco onde sua amiga estava oculta sob os cuidados de suas irmãs.

Ouviu outro gemido acompanhado de um grito esmigalhado. Ficou tenso e afundou os dedos na rocha em que estava apoiado. Esse grito era de Gúnnr.

Queria ir ajudá-la. Ele era seu *einherjars* e ele devia cuidar dela. Por que o impediam?

Subitamente, como de um nada, apareceu Róta. Subiu de um salto sobre a rocha e o observou incriminatoriamente, como se ele fosse menos que uma merda.

Gabriel revirou os olhos. Aquela garota era uma insolente e não tinha respeito por seus superiores. Mas entendeu que aquela animosidade era culpa dele. Quando era humano já acontecia, as vezes as mulheres confundiam o bom ânimo e a simpatia como se fossem um convite para que um perdesse o respeito.

— Fofocando como um porteiro? — Perguntou a *Valkyria*.

—Quero ver Gúnnr. O que estão fazendo?

— Importa, Engel?

Gabriel odiava utilizar a intimidação com uma mulher, mas Róta começava a merecer. Outro grito e outro relâmpago encheram a noite. Gabriel estremeceu e amaldiçoou em voz baixa.

— Maldição!—impulsionou com os calcanhares e subiu a rocha para estar à mesma altura que Róta. Ele era muito mais alto que ela e gostou de ver o gesto de surpresa em seus olhos azuis

— O que estão fazendo?!

— Não fazemos nada! —Exclamou ofendida — Ela acaba de nascer e necessita um berço.

— Uma ova que acaba de nascer! Gúnnr é uma mulher, não um bebê.

— Caramba, já era hora! Já se deu conta de que é uma mulher? Por fim! —Fez um gesto com as mãos — E bem?

— E bem, o que?

— Fará algo a respeito? —O olhou como se fosse um tolo.

Gabriel apertou a ponte do nariz.

—Vou dizer isso só uma vez. O que acontecer entre minha *Valkyria* e eu, concerne a mim e Gúnnr. A ninguém mais.

—Não quando deixa a minha irmã no ridículo —negou ela categoricamente —como a deixou diante de todos. Todo o *Valhall* soube que o Engel preferia a cura de outras *Valkyrias* em vez da sua. Como acha que aconteceu? É que não tem coração?

— Não sou um puto ogro, Róta! —Gritou exasperado — E não tenho por que falar disto com você! Sou seu superior, não um jotuns, e me deve respeito. Agora vai me dizer onde está e o que posso fazer para ajudá-la ou a envio de volta ao *Valhall*!

Os olhos azuis claros de Róta se avermelharam e o aniquilaram com o olhar. A mulher apertou os punhos e mordeu a língua para não soltar a bíblia de palavrões da boca.

—Precisamente… Vinha informá-lo Engel —sua voz era enganosamente doce — É o *einherjars* quem tem que ajudá-la em sua metamorfose.

— Metamorfose?— *Em que merda está se convertendo? Em uma fodida mariposa?*

Róta sorriu com perícia e o olhou de cima a baixo.

—É trabalho do einherjars ajudá-la a sair de… sua larva —adicionou sem subterfúgios, meneando as mãos como se fossem pequenas asas.

Um relâmpago, este mais potente que o anterior, caiu a escassos metros de onde ele estava. Um gemido derrotado chegou a seus ouvidos. Por Deus, que insuportável era saber que Gúnnr estava sofrendo.

—Me diga o que tenho que fazer para ajudá-la, por favor —suplicou desesperado.

Ela cruzou os braços e o olhou de cima a baixo. O canto do voluptuoso lábio da *Valkyria* se elevou em um sorriso cheio de intriga.

Bryn colocou a última pedra ao redor da poça improvisada que criaram para Gúnnr. Estava cheia de água da chuva, água fria. No centro da poça havia um pedaço de madeira de uns dois metros ao que Gúnnr se agarrava como se fosse um colete salva-vidas.

A *Valkyria* apertou os lábios, apoiou a testa na madeira e cravou as unhas nela. Bryn olhou o céu e elevou o punho com orgulho.

—Aí vem outro, Gúnnr —a Generela tentava animá-la como podia, sabedora de que era uma operação difícil.

Sua irmã estava recebendo o batismo das *Valkyrias*. Criaram para isso um berço, a *vugge*. O berço constava de uma banheira cheia de água e uma vara metálica que funcionava a modo de

antena condutora para os raios. Mas, como não tinham nada disso naquelas condições áridas, fizeram um berço caseiro. Um buraco profundo na rocha que encheram de água da chuva, um tronco de árvore cravado no centro e, é óbvio, a *Valkyria*, que seria a verdadeira condutora da eletricidade, pois seu corpo tinha a água mais ionizada que o normal. Quando as *Valkyrias* nasciam no *Valhall*, faziam em um meio aquoso, quer dizer, mediante um parto aquático e natural. Freyja o pediu assim porque os bebês atraíam os raios e provocavam muitos destroços no *Víngolf*, e desse modo se assegurava de que os relâmpagos caíssem só onde deviam cair. A água era condutora e atraía os raios, mas o corpo das *Valkyrias* eram mais, assim desse modo criavam um circuito fechado, e evitavam acidentes. Não doía, e se doía já não lembravam, pois não tinham dias de vida e sua memória não alcançava para tanto.

Gúnnr murmurou uma imprecação e se preparou para o seguinte raio que não demorou em chegar. Caiu justo no extremo do tronco e percorreu a pele esbranquiçada da *Valkyria* como se tratasse de uma língua de luz.

Deuses, como queima, pensou Gúnnr. Não obstante, a dor, a dor era bem recebida. Aguentaria isso e muito mais, e o faria estoicamente porque necessitava esta iniciação. Diferente de suas irmãs *Valkyrias*, ela nunca teve, não recebeu a *vugge*. Ela não respondeu à canção de berço de Freyja. A deusa cantava a todas as *Valkyrias* uma canção que as insistia a agitar as mãos. Quando agitavam as mãos, as bebês lançavam raios, a prova de que eram autênticas *Valkyrias*.

Ela não atirou nenhum, agitou-as como um bebê normal, porque até essa noite, ela não teve *fúria*, nunca a experimentou. Mas agora sim. Por que agora? Teria sido Gabriel o detonante? Apertou os dentes e fechou os olhos com força. Era pensar nele e todo seu corpo se acendia.

Outro relâmpago caiu sobre suas costas e ela se arqueou como se a tivessem fustigado. Gritou e tremeu até que aconteceu a queimação. Tremiam-lhe os joelhos e batiam os dentes.

—É o poder, Gunny —sussurrou carinhosamente Bryn. Esperou pacientemente até que Gúnnr girou o pescoço para sua direção e a olhou. A loira *Valkyria* permanecia agachada diante dela, com os cotovelos apoiados nos joelhos e as mãos que caíam mortas entre as pernas —Recebe. Nunca vi um nascimento como este —jurou maravilhada —Teria que ver… Toda você desprende energia.

Gúnnr impressionava. Estava de costas a ela, com o corpo completamente nu tal e como veio ao mundo. Tinha todo o cabelo úmido jogado sobre um ombro, e naquelas elegantes costas reluziam suas asas tatuadas. Asas que todas as *Valkyrias* tinham, e, entretanto, não havia umas asas iguais. Na realidade, eram tribais que simulavam asas abertas, e em condições normais eram de cor dourada, como se todo o desenho tivesse sido salpicado de purpurina. Gúnnr nunca saia com as costas descobertas porque dava vergonha mostrá-las. Por que mostrar asas que a marcavam como algo que na realidade não era? Quando a *Valkyria* se enfurecia, a tatuagem refulgia com uma magnética cor vermelha furiosa, como se tratasse de um metal ardendo. Odín pediu que as *Valkyrias* representassem de algum modo um de seus animais favoritos: as águias. Daí que Freyja as marcasse com essas intrincadas e artísticas tatuagens em suas peles.

—Queima —protestou Gúnnr agarrando baforadas de ar de forma desesperada — Por Freyja, Bryn, isto queima uma barbaridade.

— Sim? Eu não me lembro de como foi meu nascimento. Você ao menos está nascendo conscientemente. Não é maravilhoso?

— Não! —Bramou de forma desoladora quando outro raio a alcançava totalmente nas costas — Quanto… —sussurrou com voz débil —… quanto dura a iniciação, Bryn? Só quero me conscientizar.

A Generela levantou e olhou à noite estrelada. Os raios vinham do *Valhall*. Devia dizer que ia estar horas recebendo o batismo?

—Talvez até o amanhecer. Embora nunca se sabe… —Encolheu os ombros.

Até o amanhecer? Fantástico…, Pensou Gúnnr com sarcasmo. Abraçou-se ao pau de madeira como se procurasse um pouco de consolo, esperando que a viga a abraçasse e a acalmasse, e fechou os olhos, rendida.

No *Valhall* nunca se enfureceu. Jamais. Ela sempre foi diferente, sentiu-se distinta ao resto de suas irmãs. E a verdade era que tampouco se sentiu realmente viva até que o *Cachinhos dourados* a solicitou. Passou o tempo e seu corpo despertou de outra maneira. Seguia entorpecido em muitos aspectos. Zero raiva, zero *fúria*, zero temperamento, mas não era indiferente à presença de Gabriel. Sentia. Sentia coisas por ele. E eram as primeiras sensações que percorriam seu ser de forma autêntica. Porque ela nasceu com uma espécie de anestesia geral permanente, uma indiferença por tudo que inclusive a chegou a assustar.

Até que Gabriel a rejeitou. Até esse momento.

Em duas semanas suas emoções se descontrolaram e já não tinha controle de seu corpo. Elevou as mãos e observou como os fios elétricos dançavam através de seus dedos, seus pulsos e os antebraços. Fechou os punhos e os voltou a abrir. Era fascinante.

— Me ensinará? — Perguntou olhando a Bryn por cima do ombro. — Me ensinará a controlar este poder?

A Generela sorriu amplamente até que saíram umas covinhas nas bochechas. Tanto ela como Bryn tinha essas ternas covinhas risonhas que só emergiam quando elevavam os cantos dos lábios. Assentiu com o queixo.

—É óbvio que sim, nonne.

Ficaram em silêncio. Gúnnr estava tensa, em qualquer momento receberia outra descarga que a deixaria necessitada de novo. Tinha que pensar em outras coisas.

—Bryn.

— Mmm?

— Irá procurá-lo?

O rosto de Bryn escureceu e seu olhar se tornou melancólico.

Gúnnr conhecia a história de Bryn e seu *einherjars*. Foi um assunto muito popular no *Valhall*. Todos consideravam a Generela uma mulher forte e orgulhosa que não cedia por nada nem por ninguém, e tampouco cedeu por aquele que solicitou a ela. Mas ela sabia que sua querida irmã tinha feridas que não deixava que ninguém visse. Todos sofriam por uma razão ou outra. Ninguém se salvava de ter o coração livre de culpa ou arrependimento, e Bryn não era a exceção.

—Não —respondeu com serenidade, umedecendo os lábios — é minha missão e não posso

me desviar—deu a volta para que sua irmã não visse o padecimento que se refletia em seu rosto.

Mas, ao girar, encontrou com alguém inesperado e em condições ainda mais inesperadas.

Gabriel. E não um Gabriel qualquer, não. Gabriel nu!

Tinha as duas imensas mãos cobrindo o pênis para que ela não o visse. A mente perversamente *Valkyria* de Bryn não pôde evitar fazer uma brincadeira: *Se necessitar duas mãos para cobrir-se é que temos um Engel muito bem dotado*. Abriu os olhos até que quase saíssem das órbitas. E justo quando ia soltar uma exclamação parecida com: *Olá? pode saber o que aconteceu com sua roupa?!,* O guerreiro sugeriu que se calasse, colocando o dedo indicador sobre os lábios. Logo indicou com a cabeça que desaparecesse de sua vista.

Bryn entrecerrou os olhos e o assinalou com um dedo acusador, enquanto franzia as sobrancelhas em um v perfeito loira platina.

O guerreiro esteve a ponto de soltar uma gargalhada pela situação em que se encontrava. Charles Chaplin estaria muito orgulhoso deles, pensou. Negou categoricamente com a cabeça e com um movimento de queixo a convidou a ir.

Bryn exalou.

Gabriel soprou.

Finalmente, a Generela olhou para trás. Gúnnr não se inteirava de nada. Não se deu conta de que Gabriel estava ali.

Bryn centrou seus olhos azuis no corpo nu de Gabriel e elevou a mão para fazer um gesto de tesouras com os dedos indicadores e anular, enquanto olhava o pênis coberto pelas mãos do *einherjars. Se machucá-la eu o corto* , isso era o que devia dizer o gesto.

Gabriel a fulminou com o olhar e deu golpes no interior da bochecha com a língua: *Vá chupar alguém, Valkyria*, pensou de modo ofensivo.

Bryn sorriu, levantou o dedo do meio e os deixou sozinhos.

O Engel fixou a vista naquela espécie de piscina em que se achava Gúnnr. Róta explicou como proceder para que ela não sentisse dor e isso ia fazer, porque estava em suas mãos, ela não sofreria mais. E o que não suportava Gabriel era ouvir gritar sua *Valkyria* porque sentia uma dor que ninguém podia curar. Ele podia. E faria.

Com decisão, deu dois passos à frente e se introduziu lentamente naquele improvisada berço.

—Sei muito bem quais são as ordens, Bryn. Mas, é que não gosta de ver? Já sabe — Gúnnr se abraçou com desespero à viga de madeira e tomou ar— Deuses…, isto me deixa nervosa. Aí vem outro rainho e cada vez é mais forte.

Gabriel ficou com o olhar fixo em suas costas. A água cobria sobre o osso sacro. Os músculos das costas se esticavam e relaxavam devido às convulsões que estavam sacudindo a jovem. Nunca viu as asas de Gúnnr. As *Valkyrias* acostumavam usar pouca roupa no *Valhall* e sim viu belas tatuagens no corpo de suas guerreiras, mas não a de Gúnnr. Ela sempre estava muito discreta e nunca mostrava mais do devido.

Gabriel sorriu com nervosismo. Morria para ver o rosto da garota quando ele a tocasse.

Róta disse que tinha que estar em contato com ela fisicamente. Que ao ser seu *einherjars* e a

ser a cura de um para o outro, ela não sentiria tanta dor como sentia, porque ele ia aplacar com seu próprio corpo.

Mas, caramba… Gúnnr estava banhada pela luz da lua e as estrelas. Sua pele parecia azulada devido à escuridão e à luminosidade do astro noturno. Até estando um pouco afligida, a imagem de Gúnnr abraçada à viga, com a água acariciando seu traseiro e cobrindo suas pernas e colorida pela estranha claridade da noite era, de longe, a imagem mais sensual que ele viu em sua vida mortal e imortal. Um espetáculo.

De repente, sentiu que tremiam as mãos e que o coração pulsava mais rápido que o normal. Estava nervoso, Merda, como não devia estar! Gúnnr podia se converter na Tempestade do X-Men em um abrir e fechar de olhos.

Aproximou-a até estar a um centímetro de distância para que suas peles se tocassem.

— Bryn? —As orelhas de Gúnnr se agitaram — Entrou na água comigo? —Perguntou agradecida — Saia daqui, por favor. Isto a machucará.

Gabriel mordeu o interior da bochecha para não rir aí mesmo e pôs voz de mulher para responder:

—Eu adoro que me machuquem, querida.

A *Valkyria* cravou as unhas na madeira e enrijeceu. Nem sequer. Nem sequer pestanejou. Ficou com o olhar vermelho cravado no horizonte. Estava nua, que fazia ele aí?

—Gabriel.

Gabriel repassou com o olhar a tatuagem de Gúnnr linha a linha. Eram asas lindas. Afundou uma mão na água e logo verteu a água pelo feminino ombro.

Róta sugeriu que Gúnnr tinha que estar úmida.

Orgulhoso, comprovou que a pele marfim da jovem arrepiava. Certo que os mamilos endureceram.

Ficou tenso de repente. Não podia pensar em Gúnnr daquela maneira. Ela era… Só uma amiga. Uma amiga especial. Pigarreou.

—Gabriela para você, querida. —disse com voz cantante.

—Saia —respondeu ela arisca, retirando o ombro de seu alcance. Abraçou-se ao poste, como se quisesse se fundir a ele.

Ele esperava esse recebimento. Gúnnr estava zangada com ele. Ele também estava consigo mesmo. Bom, ia ressarcir, por isso decidiu acatar os conselhos de Róta.

—Continua zangada comigo.

Gúnnr apertou a mandíbula, mas não respondeu.

—Está bem— jogou mão de seu senso de humor. Sempre fazia para quebrar o gelo—A perdoo por querer me violentar no *Valhall* e por me chamar de botão de rosa diante de meus guerreiros. Amigos?

— Eu não quis violentá-lo no *Valhall*! — gritou ofendida— Você me chama florzinha… E toda flor tem o seu botão! Não parece? Não foi um insulto.

—É uma garota muito esperta —adorava trocar ocorrências com ela.

—Não quero falar com você —confessou — Estou cansada. Vai.

—Pode ser que não, *Valkyria*. Por que não dá a volta e me olha? Tem umas costas e um pescoço lindos, mas eu não gosto de falar com uma coluna vertebral com asas.

—Sabe que estou nua, Engel.

— De verdade? —Fingiu surpresa.

— Sim! E está em meu berço!

—Sou um rouba berços— brincou ele — Deixa de me chamar Engel, florzinha. Vim me desculpar por meu comportamento com você e, sobretudo, vim cura-la.

Gúnnr tentou manter o cenho franzido, mas quando Gabriel falava desse modo tão sincero, pouco podia fazer para continuar zangada. Entretanto, sentia-se magoada.

— Sabe o que? —A voz de Gabriel soava estranha. Baixou um tom — Neste momento, as palavras Gúnnr e berço não podem ir na mesma frase.

Gúnnr engoliu saliva. Era um lisonjeador, um perigoso e rufião lisonjeador. Sua lábia e seu senso de humor salvavam em muitas ocasiões.

—Estou esperando sua desculpa. E me chamar perseguidora não é uma desculpa. —Ela estava muito nervosa. Nenhum homem a havia visto nua. E tinha que ser ele, que nem a desejava, nem a queria, o primeiro em vê-la? Isso não podia estar acontecendo. Não ia ceder — Quando a ouvir irá e me deixará em paz, de acordo?

O lábio do *einherjars* se elevou formando um meio sorriso.

—Está me mandando embora— ronronou. Que merda estava fazendo? Por que não podia afastar o olhar das elegantes costas tatuadas e o traseiro que se adivinhava sob a água?— Não vou. Além disso, quero que me cure, *Valkyria*.

Gúnnr apertou os punhos. Gabriel estava ferido como ela. E aqueles cortes na pele picavam muito. Mas não podia pensar nisso. Já chegava o raio…

— Saia daqui!

A língua de luz alcançou a madeira e Gúnnr jogou o pescoço para trás. De sua garganta emergiu um grito terrível de dor e desespero. Foi então quando sentiu algo quente e duro grudado às suas costas. As mãos enormes do guerreiro cobriram as suas, e a envolveu, cobrindo-a entre ele e a viga. A dor, a terrível dor minguou grandemente, até senti-lo como uma pequena e inocente descarrega elétrica.

O aroma de Gabriel a alagou, um aroma limpo de grama molhada. A hortelã. Esse era seu aroma. O aroma que deixava Gúnnr totalmente louca. Não sentia a água fria, nem sequer a brisa do deserto que acariciava sua pele. Só podia sentir a pele curtida desse homem em contato com a dela.

Ele entrelaçou os dedos com os de Gúnnr e se aproximou ainda mais às suas costas, como uma ventosa.

— Merda! Sinto muito! Perdoa! Fui um tolo, tolo… —disse afetado, falando rápido e se sentindo repentinamente culpado por tudo. Ver como o raio a alcançava e feria Gúnnr diante de seu nariz o nocauteou —Eu aqui falando em vez de cuidar de você como deveria ter feito desde o começo. Perdoa, Gunny?

—Engel…

— Merda! É isto o que tenho que fazer para que fique bem? —Falava atropeladamente — Para que os raios não a machuquem? Diga-me o que quer que faça e farei. Róta me disse algo sobre…

— Róta? —O cérebro de Gúnnr estava congestionado —Engel…

—…Sobre tocar e a fazer se sentir bem. O que for, Gúnnr. Não suporto vê-la assim —suas mãos deslizaram por seus antebraços e ficaram imóveis em seus quadris.

Ela abriu os olhos e a boca. O que contou Róta a Gabriel? Mentiu para ele! Era uma troll! Uma perturbada! Mas nem sequer isso era o mais importante.

—Engel…

— Gabriel! —Gritou ele dando uma sacudida em seus quadris —Não me chame Engel. Sou Gabriel —murmurou inclinando sua cabeça e inalando inconscientemente o aroma de seu cabelo chocolate — Ouça, a que…? —A consciência da proximidade e o perfume da *Valkyria* batiam como um murro — Caralho, cheira como a marshmellow. A guloseima.

—Gabriel —disse finalmente com voz afogada — penetrou outro raminho nas calças? — perguntou fracamente.

Ele olhou para baixo. *Pedaço de ereção, colega!*, pensou assombrado. E desta vez, nem sequer pensou em Daanna. Que merda acontecia?

Simples. Que Gúnnr era uma mulher, e ele era um homem que estava muito tempo sem sexo. Isso acontecia. E a seu pênis pouco importava se era Gunny ou não. Tratava-se de uma mulher linda, nua sob a luz da lua.

—É uma rampa —brincou ele.

— Está nu!? Está louco?! —Sua voz, sempre suave e sossegada, desta vez era a voz de apito de uma histérica.

—Sim. Nu em pelo. —grunhiu cravando os dedos nos quadris dela. *Em pelo. Que galã*, gozou de si mesmo.

A *Valkyria* sorriu e negou com a cabeça. Surrealista. Uma situação surrealista.

—Deveria… Deveria deixar de se aproximar de mim enquanto pensa em Daanna — aconselhou ela sem maldade.

Gabriel engoliu saliva. Não estava pensando em Daanna.

—Não estou pensando em… não importa. Estou preparado e disposto para o que quiser, florzinha. Diga-me o que necessita —se ofereceu amavelmente.

—Isto não está acontecendo —murmurou para si mesma— Isto não está acontecendo…

Gabriel sintonizou com os nervos de Gúnnr e compreendeu tudo imediatamente.

—Vim porque Róta me disse que, como seu *einherjars* que sou, posso ajudar a superar o batismo estando em contato com você e dando prazer. Ela me disse que tinha que entrar nu e… e ver como sofre —reconheceu com sinceridade— assim aceitei. —Gabriel era muito consciente do traseiro de Gúnnr tocando suas coxas. Suave. Muito suave— Mas me parece que me enganou, verdade? —Murmurou distraído pela suavidade da garota— Acredito que a matarei —disse sem convicção.

—Sim. Mentiu.

—Não sei nada de seu batismo, nunca me contou. —sussurrou isso sobre sua cabeça, enquanto a mantinha fortemente abraçada. Aquilo pareceu como uma recriminação.

—Nunca perguntou — recriminou ela.

Sua resposta também pareceu como outra recriminação.

Era verdade. Falaram sobre muitas coisas, mas nunca sobre assuntos íntimos ou importantes. Não sobre eles. Que curioso. Não sabia por que razão Gúnnr despertou a sua natureza tão tarde, nem sabia nada sobre o que devia fazer a respeito. Não sabia nada sobre aquela garota que cheirava a guloseimas.

—Então… —Sussurrou ela decepcionada— veio nu a mim porque Róta pediu isso?

—Não. Vim porque quero estar com você e ajudá-la a passar por isso. Não sei se foi porque é minha *Valkyria*, Gúnnr, mas não me sinto bem quando fica em perigo ou que a machuquem… Me… incomoda isso. Por isso quis que lutasse comigo. Não queria ofender. É que, desse modo, estando comigo, podia vigiar e ajudar em caso de que se encontrasse em dificuldades. Não posso explicar o porquê, mas assim me sinto a respeito de você. É importante para mim. E aqui estou.

Ficaram em silêncio. Gabriel podia ouvir a engrenagem do cérebro de Gúnnr se ajustando às novas revelações. Não disse nenhuma mentira. Abriu-se nesse momento como não fez com nenhuma outra garota. Era fácil comunicar com ela.

—Sou sua *Valkyria*, mas… me abandonou, Gabriel —acusou ela com voz afligida— Estive esperando você. Disse que iria vir no dia seguinte e não veio mais. Deixou-me… sozinha.

Gabriel apoiou o queixo sobre sua cabeça. Era agradável abraçar Gunny. Era como ser acariciado pelo sol depois de estar rodeado de frio e gelo.

—Não aceito muito bem a situação do kompromiss, florzinha. Eu nunca contei com que houvesse um interesse real entre nós.

— Há?

—É linda, é impossível não gostar de você.

Essa não era uma declaração de amor, mas bastava.

—Sei quais são os termos entre os *einherjars* e as *Valkyrias* —prosseguiu Gabriel—, mas pensei que você e eu estávamos bem como estávamos. Não queria feri-la.

Gúnnr soprou.

—Pois sua *rampa* não diz que não está satisfeita com a nova situação, ela está livre.

— Isto? —Adiantou os quadris e roçou seu pênis de propósito contra a parte baixa das costas de Gúnnr.

— Gabriel!

— O que aconteceu?!

— Fique quieto! Falo sério!

— Foi uma sucuri! —começou a rir, divertido ao ver seu desconforto.

— Está como um louco! —Acusou ela, girando o pescoço para olhá-lo por cima do ombro com dois rubis acusadores.

A vontade de brincar passou de repente. Teve que engolir saliva porque a garganta ficou repentinamente seca. As longas e negras pestanas de Gúnnr estavam úmidas das lágrimas que

derramou ao receber os raios. Tinha as bochechas rosadas e os olhos vermelhos e brilhantes como os de um animal perdido e inocente que ainda não conhecia seu verdadeiro poder. Apareciam as presas através daqueles lábios tão doces que pediam a gritos um beijo. Um beijo?

Sim, pensou Gabriel, definitivamente o espírito do Bragi o havia possuído.

O efeito foi o mesmo para Gúnnr. Gabriel tinha o cabelo comprido úmido e solto, loiro e escuro pela noite, um sorriso de destaque e aqueles ombros enormes que podiam suportar muitíssimo mais. E o peitoral… Ela estava apaixonada por seu peito. Tão definido, musculoso e inchado…

—Ei… —Murmuro ele, cativado pelo modo em que ela o olhava. Era uma garota adorável. Virgem. E era dele. Sua *Valkyria*. Tinha que ser responsável com sua situação, como era com aquela missão que os deuses o ordenaram— Me perdoa, não é, Gúnnr? — grudou-se a ela e a esmagou de novo contra a viga.

—Sim —respondeu fungando e olhando à frente. Esfregou a bochecha com o ombro— Em um dia já o perdoei duas vezes, *einherjars*. Não tente a sorte.

—Não farei — acariciou-lhe os quadris de cima e abaixo— Obrigado por cobrir minhas costas lá embaixo. Foi incrível. Alegra-me que tenha despertado, Gunny.

Gúnnr sorriu secretamente. Como gostava de receber esse tipo de lisonjas por parte de seu guerreiro.

—Róta o enganou. Não precisa me dar prazer para que o batismo não doa. Ela só… só queria me ajudar — mordeu o lábio, incômoda e de uma vez excitada ao sentir as carícias de Gabriel. Não podia mentir sobre isso. Não era justo. Entretanto, entristeceu-se quando ele cessou suas carícias de repente.

—Imaginava —um grunhido cheio de raiva saiu de seu peito.

—Bem. Já pode me soltar. —Tentou separar dele, mas a tinha bem presa.

—Espera. —Deslizou as mãos para cima até acariciar-lhe os lados dos seios e parou suas mãos sob suas axilas— Mas sentiu menos dor quando eu abracei, não é assim? —não estava disposto a soltá-la.

—É verdade —respondeu aturdida. Elevou os olhos ao céu negro e estrelado— Se aproxima outro, Gabriel —sussurrou abraçando a viga com força.

Ele se fundiu com ela e a rodeou com seus imensos braços. Gúnnr era pequena, mas estava cheia de energia e poder. Cobriu suas mãos com as suas maiores e grudou os lábios a sua orelha bicuda.

—Não doerá —sussurrou com doçura— Eu estou com você, ficarei até que sua iniciação acabe. Não vou deixar que sofra sozinha, de acordo? Você quer que fique?

Os olhos de Gúnnr se encheram de lágrimas e os fechou com força para que ele não as visse. Agradeceria a seu Engel que ficasse com ela nesse momento, e não unicamente nesse momento. Queria-o com ela para sempre.

Assentiu com a cabeça.

— Fico assim? Nu? Vai se aproveitar de mim? —Tentava relaxá-la e afastá-la da inquietação que supunha ser alcançada por outra descarga.

Os ombros de Gúnnr tremeram de risada.

—Deuses, cale-se já… Me disse que há uma sucuri por aqui, não faça ruído.

—Então não se mova, florzinha. Qualquer movimento a acorda —murmurou acariciando o lóbulo da sua orelha com os lábios.

Róta tinha razão. Qualquer carícia de Gabriel poderia fazê-la se sentir bem. Mas por que agia assim? Já disse que não era necessário.

—Ouça… não precisa que… disse que Róta…

—Não me fale da bruxa de cabelo vermelho —passou os lábios pelo pescoço e o ombro de Gúnnr. Não estava agindo nem com premeditação nem com traição. Por um momento, pareceu natural tocá-la desse modo. Era natural estar com ela. Tinham um kompromiss— Escute bem —murmurou de novo em sua orelha— meu dever é cuidar de você em todos os âmbitos. Acredito que somos amigos e somos adultos, não?

—Sim —respondeu ela fechando os olhos.

—Bom, embora estejamos em seu berço, quero dizer.

Gúnnr começou a rir enquanto negava com a cabeça.

—É tolo.

—E você é minha *Valkyria* —se surpreendeu do tonto, idiota e arrogante que soava aquela afirmação. Sentiu-se bem ao não receber nenhuma resposta negativa a respeito— Acredito que podemos fazer uso de nossa situação.

Que situação?

—Reclamo seus cuidados, decidi que os quero e em troca eu dou os meus.

— Perdão? — Falava a sério? Iriam ficar íntimos de verdade?

—É virgem, Gúnnr. Não vou permitir que ninguém ponha uma mão em cima de você e a machuque, já disse como me sinto a respeito de você —ele não podia ver o sorriso orgulhoso que desenhavam os lábios da *Valkyria*— E bem sabe Deus que estou farto de esmagá-la como se fosse um macaco. Assim vou aceitar qualquer coisa que possa me dar. Mas com uma condição.

Gúnnr o olhou por cima do ombro. Gabriel estava dando a entender que queria intimidade com ela, sim, mas com condições? Não importavam a condições se podia desfrutar do Engel em todo seu esplendor. Se podia tocá-lo, acariciá-lo ou beijá-lo, as condições não eram importantes. Porque ela estava louca por ele e já era hora de começar a reconhecê-lo. Assim saltou no vazio.

—Condições.

—Droga. É uma mulher muito bonita, Gúnnr —inalou seu cabelo úmido— Eu vou tomar tudo o que quiser, sem compromissos. Sem compromisso. Mas não vou reinvidicar seu coração —se afastou ligeiramente para ver a expressão do rosto de Gúnnr— Está de acordo?

—Não quer meu coração.

—Não. Porque eu não posso dar o meu. Entreguei-o faz tempo.

Gúnnr não podia entender que Gabriel estivesse cativado por uma mulher inclusive depois de sua morte. O que faria com ela? De tudo, supunha. Para amá-la tanto e para não poder tirá-la da cabeça, essa Daanna teria que ser um modelo de virtudes. Sentiu ciúmes de pensar que ele e ela compartilharam tantos momentos juntos.

—Então será só… prazer —concluiu confusa.

—Amizade e sexo. Podemos ser amigos com direito a toques. Se acatarmos estes termos, nosso kompromiss irá de vento em popa. Mas se em algum momento exige mais do que estou disposto a te dar, então irei.

— Tão certo está de que não pode sentir nada mais por mim? —Não deveria ter feito essa pergunta. Não se fazia esse tipo de pergunta, porque a resposta podia destroçá-la.

Gabriel pensou em Daanna um momento

—Quando cheguei ao *Valhall*, o único desejo que me outorgaram os deuses o dei a ela. Era o mais importante. E ainda não deixou de ser.

Um raio caiu sobre os dois, e este veio sem avisar. Gabriel a abraçou com força e sepultou seu rosto no pescoço de Gúnnr. Mas a dor já não o fazia trinca os dentes. Agora estavam os dois concentrados em uma conversa muito importante. Quando o raio desapareceu, ambos respiravam com agitação.

Gúnnr apoiou a testa na viga.

Pequeno golpe. O raio não foi nada comparado com a resposta de Gabriel. Ela não ia superar Daanna jamais.

— E se não aceitar? E se não estiver de acordo com estas condições? Dá por certo que direi que sim sem duvidar. Dá por certo… muitas coisas.

Gabriel ficou parado. Gúnnr devia aceitar o trato sim ou sim. Isso não era negociável.

—Sou a melhor escolha para você, florzinha. —deslizou uma mão por sua cintura e a desceu até sua coxa ferida. Uma energia de cor dourada surgiu dos dedos de Gabriel e iluminou o berço— É a primeira vez que faço isto com você. É como se o tivesse feito sempre. —Gúnnr suspirou e apoiou a cabeça no amplo peito masculino. Era tão bom— Dói? —Perguntou ele preocupado.

Ela negou com a cabeça e ficou olhando o céu estrelado. Os cortes dos arranhões se fecharam, mas a mão não parou e agora acariciava sua coxa de uma maneira muito excitante,

—Dê a volta, Gúnnr —sua voz soou tão rouca que parecia a de um animal— Deixe-me ver como está seu braço.

Gúnnr deu a volta hipnotizada pelo som estimulante das palavras de Gabriel, estava nua, sim, mas não importava. Vamos, se ele lhe dissesse que pulasse com uma perna só, ela o faria sem duvidar. Havia se metido em uma boa confusão.

—Não se separe da viga — pediu brandamente, apoiando suas costas no tronco de madeira— Se cobre? Não deixa que a veja? —os olhos azuis de Gabriel se obscureceram e estavam centrados em seus seios, cobertos pelas mãos.

É uma virgem. É uma virgem. Não a assuste, dizia uma e outra vez.

Mas não podia evitar devorá-la com o olhar. Não parecia muito bem. A lua não iluminava com a claridade suficiente para que contemplasse o corpo de sua *Valkyria* ao bel prazer, mas inclusive isso fazia tudo mais excitante. Era o jogo da insinuação.

—Tem sorte de ser você, florzinha —disse entre dentes— Ainda posso me controlar um pouco.

Gúnnr baixou o olhar envergonhada. Tinha sorte de não saber descontrolá-lo?

—Sinto não ser o tipo de mulher que…

—Não, não, não o entenda mal — corrigiu ele— Tem sorte de ser virgem, Gunny, se não fosse, estaria agora mesmo me afundando entre suas pernas como um bruto. Sua primeira vez não pode ser assim, penetrada contra uma viga. Nem pensar — passou a mão pelos lábios enquanto seus olhos brilhavam cheios de sensualidade.

—É muito descritivo.

—Deixe-me ver —se aproximou tanto a ela que suas pernas se tocaram e seu pênis ereto ficou estirado sobre seu ventre.

—Por Freyja —ela se sobressaltou. Lambeu os lábios e olhou para debaixo de lado. Não quis olhá-lo fixamente e afastou os olhos. Ela não tinha nenhum controle sobre a situação. Quando havia se oferecido a tocá-lo no *Valhall*, a satisfazê-lo, foi sua decisão e além disso, ela estava convencida de poder dar prazer e exorcizar Daanna de sua cabeça. Mas agora… Estava em seu berço. Um berço que chegava com séculos e séculos de atraso. E ainda por cima tinha seu Engel nu diante dela. Um homem que se oferecia para ser seu amigo com direito a carícias, mas nada mais. Isso estava errado? Os humanos podiam ter esse tipo de relações, os mesmos deuses eram muito promíscuos e pouco fiéis entre eles, mas ela… Não sabia se aceitaria bem.

Gabriel colocou as mãos sobre a viga, por cima da cabeça de Gúnnr.

—Não vou tocá-la se não quiser. Mas estou nu, florzinha. A água não me cobre tanto como você. Sou mais alto e tenho a sucuri que está erguendo a cabeça para tomar ar. Pode me olhar o quanto quiser, mas eu também quero olhar você. É o justo —um cacho comprido e loiro caiu sobre seu olho.

Respira… Respira! Deuses, que bonito é…, dizia Gúnnr.

— Florzinha? —Passou a mão pela ferida que Gúnnr tinha no braço, e a fechou no momento— Se tivesse o eton na frente, mataria-o pouco a pouco por fazer isto… —se lamentou— Não a protegi bem.

— Não é verdade! —Respondeu ela— Eu sai do seu lado, não pode se dividir, Gabriel.

Mas ele não a olhava. Gúnnr descobriu-se inconscientemente e agora mostrava os seios.

Pelo pênis de Odín!, gritou ele mentalmente. Essa garota tinha um busto tão bonito que tinha vontade de chorar com apenas vê-lo.

Gúnnr começou a hiperventilar e ficou sem forças nos braços para voltar a cobrir. Seu corpo tremia descontrolado, e parecia poderosa por despertar um desejo tão profundo como o que se vislumbrava nos olhos do Engel.

—Merda —ele exalou— Gunny… você é…

Gúnnr apertou os dentes e os punhos. Levou as mãos para trás e se agarrou à viga.

—Me abrace, Gabriel. Abrace-me, por favor!

Ele a cobriu com seu corpo imediatamente, antes que o relâmpago caísse totalmente. Ela deixou cair o pescoço para trás e gritou com todas suas forças, mas ao meio grito sua boca encontrou o peito quente de Gab. Grudou-se à sua nuca apertando-a ele enquanto com a outra mão a rodeava pela cintura e a grudava completamente a seu corpo.

—Aguenta, florzinha — pediu ele, suportando a eletricidade do raio, cada vez mais forte que

o anterior. Como podia um corpo tão pequeno como o dessa mulher ser um receptor tão grande de energia?

Quando a cauda de energia elétrica desapareceu, ambos estavam intimamente abraçados. Gúnnr enfiou-lhe as unhas nas costas e a pobrezinha tremia pela impressão.

—Este foi muito forte… —murmurou sobre seu peito, fungando como uma menininha pequena. Depois passou seus dedos por suas costas cheia de cortes, ofereceu a cura e as cicatrizou.

—Obrigado —murmurou ele sobre sua cabeça.

Sim. Foi muito forte. Acariciava o cabelo úmido com muita suavidade e massageava as costas com aquelas mãos imensas que Deus lhe deu. Tinha as mãos muito grandes. Uma mão das suas acariciaria por completo as nádegas de Gúnnr.

—Ouch… —Se queixou ela.

— O que? — afastou-a com cuidado para ver onde machucou a si mesma, tinha uma gotinha de sangue no lábio. Cortou-o ao mordê-lo. Os olhos vermelhos e brilhantes de Gúnnr o olhavam com uma mistura de assombro e cansaço— Se mordeu.

—Foi sem querer… minhas presas dispararam quando me abraçou… eu não sei o que me aconteceu…

—Calada —ele não deixava de olhar o lábio inferior— Os vaniros se alimentam do sangue de seus companheiros, sabe?

Ela engoliu saliva e assentiu com a cabeça. Daanna fazia.

—Sei.

Os dois se estudaram em silêncio.

— A beijaram alguma vez?

Não! Nunca! Nunca! Beije-me! Beije-me!, gritavam seus hormônios.

—Chosobi me deu um beijo, antes. —Especificou.

Gabriel grunhiu e grudou seu corpo ao seu até prendê-la a viga com seus próprios braços.

— Chosobi? —Murmurou raivoso.

—Sim. Foi muito doce. Na bochecha.

—Doce, não foi? Seja o que fez Chosobi, meu bem, não tem nada a ver com o que eu vou fazer agora. Vou ser o primeiro em tudo florzinha.

Gúnnr elevou uma sobrancelha insolente e Gabriel quis descê-la com um beijo.

—Não aceitei a sua proposta.

—Me acredite, fará.

Gabriel inclinou a cabeça e grudou seus lábios aos dela. Foi um beijo que tinha um objetivo claro. Fazê-la voar e desprender de seu corpo. Os lábios de Gabriel se abriram e capturaram seu lábio inferior. Chupou com delicadeza e ela sentiu uma palpitação entre as pernas. Precisava agarrar-se a ele ou desmaiava. Levou as mãos a seu longo cabelo loiro e ele soltou um grunhido de prazer.

Assim que isso era ser beijada. A suavidade, a paixão, a fome… Gúnnr sentia seu sexo arder, cada vez mais quente. Se com um beijo ficava assim, não queria pensar no que aconteceria

quando ele a tocasse de verdade. A água fria do berço a refrescava entre as pernas, mas aquilo, em vez de acalmá-la, estimulava-a de todos os modos.

Gabriel levou uma mão a sua bochecha e inclinou a cabeça para aprofundar o beijo. Gúnnr abriu a boca para respirar e esse gesto foi aproveitado pelo *einherjars* para introduzir a língua. Ela fechou o punho sobre seu cabelo loiro e deslizou sua outra mão até seu peito frio e duro como o mármore. Gemeu em sua boca e ele sorriu orgulhoso.

—Sua língua, Gúnnr. Me dê sua língua — pediu sobre seus lábios. Gúnnr o atraiu para ela de novo e o beijou, abriu a boca e puxando a língua à sua para que brincasse com a dele. As pontas se tocaram e acariciaram, e isso provocou que os dedos dos pés se dobrassem de prazer. Gabriel saqueava sua boca como se a quisesse roubar, e ela grudou seu peito ao dele e ficou nas pontas dos pés para beijá-lo com mais comodidade. OH, pelo Idúnn e suas maçãs! Sentia o corpo arder. Estava a ponto de explodir e custava tomar ar.

—Gabriel…

Ele a beijou de novo. Queria absorvê-la. Nunca sentiu nada parecido. Isso era um beijo de verdade e todo o resto foram tolices, meras brincadeiras de crianças. Tinha sabor de nuvem. Como era possível?

Gúnnr movia os quadris e se esfregava contra ele. Ele teve vontade de gritar vitorioso.

A beijou com lábios, língua e dentes e não lhe deu descanso. Ela não se queixava, ao contrário, parecia desfrutar desse beijo dilacerador e agressivo. Quando ficou assim?

Gúnnr arranhou-lhe as costas e puxou os cabelos de sua nuca.

Isso o deixou excitado e duro como um touro. Deslizou suas mãos pelas femininas costas e apertou-lhe as nádegas, as acariciando e as massageando, seguindo a forma perfeita e curvilínea de Gúnnr.

Ela se afastou para tomar ar de novo e fechou os olhos, apoiando-se na viga. Quando os abriu, tinha-os completamente escarlates e brilhavam, tanto que cativavam.

Ele se inclinou de novo, mas pôs os dedos no peito para mantê-lo à distância.

—Não pense em me afastar agora, meu bem. —murmuro ele com um deixe autoritário.

—Espera, espera… — rogou ela olhando tudo a seu redor como se não visse bem— Algo acontece…

— De que fala? —Gabriel levou a mão à ereção e sorriu ao ver suas presas de entre o lábio superior— Não vai escapar, Gúnnr.

Ela o afastou de novo.

—Gabriel, falo sério… —Tentava tomar ar e doía as costas. As asas ardiam.

— O que acontece? —lambeu o lábio superior e sacudiu a cabeça— Já vejo, vai me deixar assim, verdade? — destacou a imponente ereção, mas ela não a olhou— É sua particular vingança.

Ela negou sobressaltada.

—Então, me deixe que faça sentir melhor. O que acontece é que sente coisas que nunca sentiu —Gabriel a puxou pelos quadris e a aproximou dele de um puxão— Eu mostrarei.

—Disse que não, Gab…

Ele não a escutava. Estava ardendo por sua culpa. Se Gúnnr beijava assim quando nunca a

beijaram, o que aconteceria quando fizesse amor pela primeira vez? Ele ia ser o único em descobrir.

—Venha aqui —grunhiu e beijou-lhe o pescoço.

— Não! —Gúnnr o empurrou com tanta força que o corpo de Gabriel saiu voando fora do berço.

A *Valkyria* olhou as mãos. A eletricidade e os raios dançavam de palma a palma. Os olhos ardiam e um sabor alcalino se instalou em sua língua.

— Não se aproxime!

Um raio maior que o próprio cerco do berço, cobriu Gúnnr.

Outro raio mais potente se uniu a este e um terceiro elevou o corpo da *Valkyria*, o cabelo de Gúnnr dançava eletrocutado de um lado ao outro. Seus olhos e sua boca emitiam luz. Seu corpo nu desenhava um arco no céu, e era puro raio.

De repente, tal e como os raios apareceram, sumiram, e o corpo de Gúnnr caiu no berço provocando que a água salpicasse por toda parte. A jovem estava inconsciente.

Capítulo 7

Gabriel olhava Gúnnr enquanto esta dormia.

A garota não abriu os olhos desde o espetáculo pirotécnico que protagonizou em seu berço. Merda, não viu nada parecido na vida, excetuando o filme do Power.

A *Valkyria* dormia profundamente, de barriga para baixo, com todo o cabelo esparramado por aquela simples cama baixa no chão que preparam os Hopi. Tinha as costas ao ar e suas asas tatuadas, que cobriam todas suas costas, mudavam da cor vermelha ao dourado, como se fossem bipolares e não soubessem qual era realmente seu estado de ânimo. Gostava das duas maneiras.

Gúnnr parecia inocente e inofensiva quando dormia, e até então, quando estava acordada, também deu essa impressão. Mas Gabriel começou a intuir que não era assim. Bryn e Róta disseram que nunca viu um nascimento de *Valkyria* tão espetacular como foi o dela. Especulavam dizendo que era adulta e que a energia recebida podia variar, mas não o afirmavam com segurança. Ele tampouco afirmaria.

Gúnnr era como um diminuto frasco cheio de dinamite, e começava a preocupá-lo a incômoda influência que tinha sobre ele. Ainda lhe formigavam os lábios dos beijos explosivos que compartilharam sob os relâmpagos. Era recordá-lo e ficava duro imediatamente.

E não podia ser. Ele era o Engel e não podia dar nenhuma amostra de debilidade ao inimigo. Estava decidido a que isso não tivesse poder de nenhum tipo sobre ele. Gúnnr não podia ser uma influência de nenhum tipo, nem boa nem má, porque ele precisava estar dedicado a sua busca e que nada o desviasse. Tinham que falar e deixar os pontos mais importantes do kompromiss expostos. Como mínimo, precisava deixar claro seu ponto de vista.

Reso e Clemo apareceram à cabana em que ela estava descansando. Caminhavam como se fossem autênticos cowboys.

Gabriel os olhou de cima a baixo, sorriu e perguntou:

— E o cavalo?

Os dois começaram a rir.

—Consequências de passar a noite com uma *Valkyria*, Engel —assegurou Reso passando a mão pela cabeça raspada.

Se eles estavam assim, como estariam às gêmeas? Os *einherjars* eram esses animais, mais que tudo, porque os guerreiros de antigamente não eram precisamente cavalheiros na cama nem fora dela.

— Já deitaram com elas? Que rapidez.

—Levamos séculos esperando — respondeu Clemo olhando a Gúnnr fixamente— Como está?

—Está dormindo como uma pedra. Bryn e Róta me sugeriram que não a desperte. Seu corpo precisa se recuperar, mas acreditam que não demora a despertar.

— Você e ela consumaram o kompromiss?—Reso elevou o canto do lábio e estalou com a língua— Esta noite não transou, hein, Engel. Algo me diz que sua espada não foi desembainhada.

—Não era o momento— Gabriel a observou com atenção. Não era o momento, mas, se continuassem se beijando, ele teria jogado por terra sua decisão de não tomá-la contra a viga. Tal foi o poder de Gúnnr. E em que lugar o deixava isso? Quando se beijaram, ele pôde sentir milhares de raios que atravessavam seu interior e o aproximava ao descontrole total. Ao caos. E não o podia permitir. Não ia permitir. Não amava Gúnnr, mas a *Valkyria* tinha armas poderosas que podiam distraí-lo com facilidade— Espero que trate bem a suas *Valkyrias*.

Reso e Clemo se olharam um ao outro e explodiram em gargalhadas.

— Isso terá que dizer a elas!—Clemo deu-lhe um tapa amistoso nas costas— As *Valkyrias* são uma criação de Freyja e Odín, são… elétricas. Indomáveis. Quando deitar com ela —assinalou Gúnnr com o queixo—, verá o que digo… Acreditará que tem asas.

Reso soltou outra gargalhada e Gabriel o olhou enviesadamente.

—Já comprovou, cara —o espartano ficou sério— Enfim, Ankti nos disse que estão preparando o chamado às tempestades. Acredita que, ao entardecer, a tempestade elétrica cairá sobre os Quatro Cantos. As *Valkyrias* poderão nos transportar aonde precisemos ir através dela.

—Vamos muito atrasados. Os deuses bem poderiam nos deixar em outro lugar —afirmou Reso.

—Os deuses nos deixaram no lugar que os convinha —respondeu Gabriel— E agora nos toca sair daqui. O problema é que não temos nem ideia de onde está o martelo —acariciou um fio de cabelo de Gúnnr— Aqui não há televisão, nem rádio, nem nada que possa nos informar sobre o desenvolvimento de outra tempestade elétrica nos Estados Unidos. A linha telefônica foi para o espaço pela tempestade. Não podem chamar ninguém que nos facilite um transporte para sair daqui —a situação era uma grande merda, essa era a verdade. Os que tivessem o martelo em seu poder passavam dias de vantagem. Devia dar valor a opções— Ankti me disse que às vezes os visitam os turistas e vêm de ônibus, mas não com este clima.— Retirou uma mecha de cabelo que cobria a bochecha de Gúnnr— Thor nos disse que o martelo atraía as tempestades elétricas, e que saberíamos onde se localizava Mjölnir porque a tempestade que criaria seria descomunal. Mas é

época de tempestades, assim tampouco saberíamos com segurança para qual deveríamos nos dirigir. É uma puta loucura… Como um jogo de azar —sentenciou. Levantou e se dirigiu ao exterior. Reso e Clemo o seguiram.

—Então, o que fazemos? —perguntou o tracio carpiano.

—Teremos que aproveitar a única oportunidade que nos dão Ankti e sua tribo, e vamos explorá-la. Fica pouco para o entardecer.

—As *Valkyrias* asseguram que a tempestade está para cair, não demorará em chegar aqui nem duas horas— anunciou Clemo.

Tinham razão. Percebiam as correntes de ar quente e úmido. O céu começava a se cobrir com nuvens espessas, no nimbo faziam todo tipo de figuras abstratas. Só restava esperar que Gúnnr despertasse e sair dali viajando através dos raios. Despertaria, prepararíam-se e iriam.

—Muito bem —decidiu finalmente— Avisem às garotas e que estejam já preparadas para partir. Eu me encarrego de Gúnnr.

Os dois guerreiros assentiram e o deixaram sozinho.

Pensa, disse. Sun Tzu ensinou que, quando se levava uma luta ao final, os líderes deviam dar valor a cinco fundamentos. Gabriel tinha a luta de encontrar os objetos roubados dos deuses e devolvê-los a seus donos, mas devia fazê-lo o mais rápido possível, aproveitando cada situação que apresentasse para avançar em seu objetivo e evitando que ninguém de seu grupo perdesse a vida nela. Para obter uma vitória no final, que se resumia em conseguir o desafio marcado, tinha que obter e dar valor a esses cinco fatores: política, clima, terreno, comandante e doutrina.

Os deuses decidiram enviar sozinho a oito guerreiros na busca e resgate de seus totens. Só oito. Estavam em inferioridade? Bom, já veria. Repassou mentalmente cada fundamento essencial.

Política: os deuses o ressuscitaram e lhe deram a oportunidade de ir à guerra em seu nome. Lutavam por eles. Ele lutava por uns deuses escandinavos que outorgou o dom da segunda oportunidade através da honra e da guerra. Sim, era um motivo suficientemente poderoso para estar em harmonia com eles. Não temiam por suas vidas, pois eles já morreram uma vez. E as *Valkyrias* tinham gravadas a fogo em seu DNA as palavras *guerra de morte*. Sabiam pelo que lutavam.

Clima: Tinham às *Valkyrias* com eles, elas podiam utilizar a meteorologia adversa a seu desejo, não o incomodava. E ele sabia perfeitamente qual era o melhor momento para começar a se encarregar com o que tinham entre mãos. Tinha a um tracio e a um espartano a seu lado. Reso, o tracio, foi um excelente rastreador. E Clemo foi, na Esparta, famoso por suas emboscadas. Não importava o frio ou calor, se chovia ou fizesse sol, se o clima era desfavorável. Tinha a melhor equipe com ele.

Terreno: era básico conhecê-lo. Básico para sobreviver. E era, nesses momentos, o que menos controlava. Não saber as distâncias exatas, o como se deslocar e se estavam ou não expostos lá onde fossem, inquietava-o. Não saber aonde ir era exasperante. Não obstante, todos tinham reflexos suficientes para poder agir com rapidez e se amoldar às novas situações.

Comandante: Ele era o líder e acreditava possuir as qualidades que faziam que seus

guerreiros quisessem seguir; sabedoria, benevolência, disciplina, coragem e sinceridade.

E por último, a doutrina: saber que posição tinha cada um em seu exército, saber de que ferramentas dispunha para a guerra, as provisões e as rotas de fornecimento. Isso o tinha pela mão. O cartão Black ajudaria a obter aquilo imprescindível para sua tarefa. E estava desejando começar a estourá-lo assim que chegassem a alguma cidade. Tinham em mente muitos artefatos dos que ouviu falar… *Fundo ilimitado*, assegurou Freyja.

Cruzou os braços e olhou o horizonte. Os Hopi e sua solicitação os atrasaram, mas também agora davam uma mão. Foi para bem ou para mal, não sabia.

As *Valkyrias* os deslocariam na tempestade elétrica até o aeroporto mais próximo. Uma vez ali, informariam-se sobre as notícias meteorológicas do continente e então tomariam um avião e se dirigiriam ao ponto quente, a que seria a mãe de todas as tempestades, e ali prepararam o plano de ataque. Mas, como iriam viajar vestidos dessa maneira? Todo mundo sabia como eram as alfândegas americanas, e também as que não eram americanas. Comprariam roupas no aeroporto ou diriam que formavam parte de um espetáculo e que eles iriam fazer um show? Mas, se faziam isso, requisitariam suas armas e nem eles iriam se despojar de suas pulseiras e punhos americanos, nem as *Valkyrias* o fariam de seus *bue*. *Merda, há problema*.

Nenhum deles tinha poderes mentais dissuasivos como os vaniros. Eles somente sabiam lutar. Bom, assim estavam as coisas. Pensaria sobre isso depois.

Agora precisava despertar Gúnnr.

Quando Gabriel deu a volta, viu Chosobi que saía apressadamente da cabana. O einjerhars franziu o cenho e cerrou os punhos com força. Lá estava o índio do caralho incomodando-a.

Em três passos o alcançou e agarrou-o pelo braço.

—Tire suas sujas mãos de cima de mim. —disse Chosobi olhando-o no rosto.

— Por que entrou?

—Trouxe comida. Precisa comer e recuperar-se. Você não a cuida e ela está cansada. Alguém tem que fazer isso.

—Eu me encarrego.

— Você?—olhou-o de cima a baixo com desprezo— É um grande guerreiro, Anjo. Mas não acredito que saiba atender as necessidades de um pássaro tão bonito como o que há aí dentro —assinalou a cabana de Gúnnr com um movimento de seus olhos negros— Chosobi sim, sabe.

—Olha, Bacana— irritava que um homem que não sabia nada dele nem dela quisesse agora ganhar o favor de sua *Valkyria*. Entendia porque Gúnnr podia despertar esses sentimentos em somente vê-la, mas Gúnnr comeria o passarinho em alguns dias e, se não fosse ela, faria ele por se atrever sequer a acreditar que Gúnnr podia se interessar por ele —, essa mulher daí tem garras como os gatos. Os gatos comem os pássaros. E, além disso, está comigo.

Chosobi soprou como um cavalo.

—Não está com você, em todo caso está às suas ordens. E ela não me disse isso ontem.

—Importa uma merda o que ela disse— Seus olhos azuis se tornaram negros e obrigou o Hopi a retroceder— Está comigo, entende?

De onde merda saía toda essa possessividade? Teria que começar a controlar a *Valkyria* ou

poderia chegar a confundi-lo, e ele sempre teve as coisas muito claras. Sempre. Desde pequeno decidiu que tipo de mulher queria para ele e que tipo de homem seria para ela. Seu coração e sua mente já escolheram fazia tempo, e morreu com essa convicção. A convicção seguia aí e Gúnnr não podia apagá-la.

— É sua mulher? —perguntou Chosobi incrédulo.

—É minha… É… —Não era sua mulher, mas era sua Gúnnr— Ela me pertence. E eu não gosto que se aproximem, entendido? Chosobi, não faça mais ou tomarei como uma afronta pessoal.

—Sou bom com minha lança, guerreiro. Poderia ganhar.

Gabriel teve vontade de rir, mas longe de fazer, o que sentiu foi um profundo respeito por esse homem que sem ser imortal e sem estar preparado para lutar, desafiava alguém que dobrava em tamanho e em músculo e que não podia morrer.

O índio inclinou a cabeça a um lado e o observou com atenção.

—Está bem. Deixarei o colibri. Chosobi não se interpõe entre casais, mas tem que me prometer que vai cuidar dela.—ofereceu o braço e esperou.

—Sim. Prometo isso. —Gabriel sorriu e aceitou o antebraço.

—A palavra de um Hopi é para sempre.

—O juramento de um *einherjars* é eterno.

—De acordo —afirmou. Chosobi parecia orgulhoso de sua conversa, como se o único que quisesse fosse arrancar um juramento de Gabriel. Deu a volta e se afastou pelo caminho de terra que dava à pracinha central do povoado rochoso.

Gabriel entrou na choça, e se encontrou com uma Gúnnr sorridente, mastigando pão piki e melão como se nunca antes tivesse comido. Tinha uma manta jogada pelos ombros, e nada debaixo. Acompanhavam a bucólica imagem suas bochechas rosadas e o cabelo deliciosamente desordenado, como se tivesse transado. Estava faminta e ele sabia que ouviu a conversa com o índio, por isso tinha os úmidos lábios arqueados para cima. Sorrindo e feliz por suas palavras.

Deus, não queria confundi-la. Mas Chosobi tinha razão, tinha que cuidar dela mais e melhor.

— Como se encontra, florzinha? —sentou-se a seu lado.

A *Valkyria* deixou o melão sobre a cerâmica e mordeu o piki.

—Encontro-me bem, obrigada. Isto está delicioso— olhou-o com os olhos brilhantes cheios de lembranças de beijos úmidos.

Se acreditava que um simples melão com pão de milho estava delicioso, o que faria ao provar outros manjares que serviam na terra? Sorriu ao imaginar. Podia sentir o olhar azeviche de Gúnnr observando-o de lado. Parecia tímida ou melhor, envergonhada. As duas coisas de uma vez.

—Sinto o que aconteceu —disse ela limpando a mão na áspera manta.

— O que? — que se beijassem?

—Meu batismo se… —moveu a mão nervosamente—… Se descontrolou. Não queria assustá-lo. Não sei muito bem o que me aconteceu. Mas me alegra que estivesse lá comigo. Ajudou-me muito. Obrigada— Sorriu com doçura e segurou sua mão. *Deuses, que vontade tenho de lhe dar um beijo como o de ontem à noite*, pensou— O que disse Bryn e Róta sobre isso?

— Estão as duas muito impressionadas. E… E eu também —reconheceu, retirando a mão

com delicadeza— Me deu um bom susto.

Gúnnr o olhou nos olhos e sustentou o olhar.

—Sinto— Não a agradou a reação de Gabriel.

Gabriel encolheu os ombros e agarrou um pedaço de melão cuidadosamente cortado. O levou a boca e o saboreou. *O que aconteceu ontem não significou nada. Não seja tolo*, repetia mentalmente.

—Come o que puder, Gunny. Assim que repor as energias, iremos.

A *Valkyria* deu uma olhada a seu redor.

—Está bem. — Estava um pouco aturdida pela apatia do Engel— Onde está minha roupa?

—Espera. —deteve-se antes que se levantasse. Essa manta era muito curta. Não precisava ver mais pele nem mais corpo de Gúnnr. Ela estava muito melhor tapadinha. Ele passou sua roupa e suas botas.

Gúnnr seguia com olhar analítico os movimentos de Gabriel.

Gabriel estirou os braços e ofereceu a roupa. Ela a pegou sem dizer uma palavra. Quando ia retirar a manta para colocar as calças, Gabriel deu a volta.

Gúnnr ficou boba porque não esperava essa falta de interesse por sua parte, e mais ainda, depois do que fizeram a noite anterior. Sentia-se estranha, não só pela descarga brutal de seu batismo, mas também por como ele a tratava nesse momento.

— Tem ideia de porque aconteceu isso? Suas irmãs me disseram que não era normal.— Podia ouvir perfeitamente o som da roupa roçando a pele suave e macia de Gúnnr. Engoliu saliva— Acreditava que iria sair voando até a estratosfera.

—Não sei. Não sei o que me aconteceu, e a verdade é que me encontro um pouco aturdida ainda —respondeu colocando o espartilho e as ombreiras— Mas também me sinto forte e percebo a energia elétrica em meu interior. Encontro-me… bem. —Tentou fechar ela mesma o espartilho, mas não pôde. Necessitava que alguém o ajustasse. Não fechava com fitas, mas sim com fivelas metálicas nas costas que deviam fechar. Quando as *Valkyrias* se vestiam para os treinamentos, ajudavam umas às outras para fechar, mas Bryan e Róta não estavam aí— Gabriel?

— Sim?

—Feche meu espartilho, por favor.

Gabriel deu a volta.

Gúnnr era uma visão saída dos livros de fantasia. Tinha os lábios vermelhos por tê-los mordido, certamente, enquanto colocava as botas. Fazia muito isso, morder os lábios. Passou os dedos pelo cabelo e agora parecia sensual e selvagem. A franja cobria seus olhos o justo e elevava o nariz, como se o estivesse desafiando. O espartilho dançava ligeiramente solto e ocultava seu cremoso seio.

Ai, Deus. Gúnnr ia deixá-lo em sérios problemas. Um suor frio cobriu sua pele.

Caminhou para ela e colocou suas mãos sobre os ombros.

Gúnnr fechou os olhos e sorriu. *Menos mal. Estava desejando que me beijasse. Pensava que outra vez se fechou em si,* pensou ela.

Gabriel deu a volta até colocá-la de costas e não viu como lhe avermelhavam os olhos de

tristeza e decepção.

Ele começou a proceder com as fivelas em um silêncio cortante.

— O que acontece? —perguntou triste.

—Nada. —Fechou uma fivela. Clique— Temos pressa Gúnnr. Se troque, come, e saia para se reunir conosco. —Fechou outra fivela. Outro clique. Tremiam as mãos. O que acontece?

—Parece muito autoritário.

—É uma ordem. Sou seu líder —fechou as últimas duas fivelas. Clique. Clique.

Gúnnr deu um sobressalto e o olhou por cima do ombro. Não esquecia que ele era o líder. O olhar azul de Gabriel estava concentrado em sua tarefa, a qual podia ser uma desculpa para tocá-la ou abraçá-la, mas o mesmo o converteu em algo metódico e impessoal. Separou-se dela física e emocionalmente e isso desesperou Gúnnr.

— Vai tudo bem? —girou preocupada.

—Não há nenhum problema, já disse isso. Temos muito que fazer e não podemos perder tempo.

Gúnnr inspirou pelo nariz e assentiu, magoada por essa resposta.

Gabriel deu a volta para ir, mas, antes de fechar a porta, Gúnnr se armou de coragem. Não ia fugir nem se fechar. Então disse:

—Ficamos assim? —perguntou frustrada caminhando por volta dele— depois de ontem à noite, agora me sai com isso? Eu pensava que o que fizemos ontem…

Gabriel apertou a mandíbula e fechou os olhos com força.

—Ontem à noite não aconteceu nada, Gúnnr.

— Não aconteceu nada? — Não dava importância?

—Nada sério. Foi um mísero beijo. Eu a beijei e não passou daí, por isso não se converteu em um poste de eletricidade. Você e eu temos um kompromiss, não uma relação. Tem que lembrá-lo ou no final sairá ferida de tudo isto.

—Não foi somente um beijo —reprovou ela, ofendida.

—Sim, foi.

Ele começava a se agoniar. Começava a se sentir mal. Não queria relações doentias. Não queria relações dependentes. Evocavam a destruição, e ele não queria isso.

Nem sequer a imortalidade apagou as dolorosas lembranças.

Gúnnr apertou os olhos. Estava rechaçando falar com ela. Estava rebaixando o que compartilharam e desta vez o fazia mais friamente que em outras ocasiões, e doía muito mais por que para ela não foi um *mísero beijo*. Não havia nada miserável em beijar Gabriel.

— Fiz algo errado? Algo que você não gostou? É porque o afastei? Sentia o raio enorme que ia cair sobre mim e não queria…

—Não —respondeu irritado— Não fez nada errado. Se tranquilize —tentou transmitir calma, mas ele mesmo estava muito tenso a seu lado.

—Está bem, Engel.

Gabriel afirmou com a cabeça e quando ia finalmente cruzar o arco da porta, ela acrescentou:

—Só para me assegurar, segue em pé sua proposta? —perguntou Gúnnr ajustando as luvas para dissimular o tremor de suas mãos.

O *einherjars* ficou muito quieto.

—Sim.— Gabriel girou para olhá-la nos olhos— Segue em pé. Quero o mesmo que ontem à noite. Mas só se entender o que realmente significa. Já disse, não quero feri-la nem que se engane com respeito a nós.

— Só quer sexo e amizade?

—Exato.

—Bem. —ajustou a cintura da calça— Não quero voltar a me equivocar. —Porque não queria voltar a ficar em ridículo ou a criar falsas expectativas como as que fazia um momento— Explique como funciona nosso trato, por favor.

—Somos amigos —respondeu sinceramente— Nos deitamos quando quiser. Sem compromissos. Durante o dia quero meu espaço. Lutaremos juntos e compartilharemos nossa cura um com o outro. De noite, podemos desfrutar fisicamente um do outro, mas nada mais. Esta relação não implica ciúmes, nem posse, nem nada que tenha a ver com um sentimento de exclusividade. Somos completa e absolutamente independentes.

—Não há exclusividade —a voz tremeu.

—Não.

—Então só cobrimos necessidades básicas, não?

Desta vez, o tom de Gúnnr chamou a atenção de Gabriel e um brilho forte se refletiu em seus penetrantes olhos, mas o rosto da jovem não expressava nada.

—Isso. Se entender estes termos e os aceitar, poderemos levar o acordo a um bom porto e ninguém sairá ferido. É o melhor compromisso que podemos ter você e eu.

Ninguém sairá ferido? E uma merda, pensou. Ela podia sair escaldada.

—Então serei a primeira em chamar a atenção, Engel. Você não escolhe quem é melhor para mim, não está em nosso contrato. Nunca se atreva a falar com alguém mais do modo como falou com Chosobi. Não tem esse direito, amigo. —acabou de fechar as fivelas das botas— Já estou preparada, anjinho —se obrigou a sorrir maliciosamente e a colocar uma máscara de indiferença.

Gostava de Gabriel doce e considerado e queria desfrutar dele. Gostava como a tratava. E para que fosse assim com ela, ela devia acatar suas normas e fingir que sentia o mesmo vínculo impessoal entre eles. Só assim ele poderia relaxar com ela e voltar a tratá-la com o carinho e calor com que o fez no *Valhall*. O problema era que ia mentir como uma velhaca. Por estar com ele o faria. De acordo. Faria, no momento. No amor não havia orgulho, não? Depois essa seria sua maneira de lutar pelo guerreiro. Só estando perto dele, Gabriel poderia se dar conta de que podia fazê-lo feliz. Até que seu coração decidisse que já era suficiente, ela lutaria por ele. Seu batismo lhe deu a confiança para acreditar que, sendo uma *Valkyria* normal, ele poderia chegar a se interessar por ela. Agora não falhava nada nela, não havia nada pelo que ser repudiada.

Cruzou o arco da porta e passou pela frente dele.

A tensão de Gabriel desapareceu e em seu lugar fez presença uma estranha inquietação. Evitou-a e seguiu os passos ligeiros e seguros da *Valkyria*.

Capítulo 8

As nuvens criaram uma cortina fascinante, um muro que chegava do céu até a terra. Raios, relâmpagos e chuva eram arrastados por essa força da natureza que a passos acelerados se aproximava do povoado Hopi, seguindo o ritmo fervente e extasiado de como os índios atraíam as tempestades. E por todos os deuses! Que bom parecia o deserto árido das Quatro Cantos, era o melhor mirante para um espetáculo assim.

Gúnnr olhava com crescente admiração os Hopi. Se na terra havia seres humanos como eles, pessoas que sabiam respeitar o meio ambiente e que viviam em harmonia com a natureza, por que metade daquele reino estava em tão más condições? Supunha que era porque nem todos os humanos tinham a mesma paz espiritual que aqueles índios norte-americanos. Porque nem todos eram assim… Não?

Os deuses falavam do *Midgard* como o berço de uma nova civilização, mas nunca evitavam o significado de sua dupla personalidade. Eram destruidores e criadores. Capazes do pior e do melhor. Mas o melhor ainda não se viu. Irremediavelmente inconscientes, a grande maioria e insultantemente conscientes não os suficientes, que eram uma parte marginalizada e isolada do resto. Como aquele povo amável que os acolheu.

Róta e Bryn se colocaram a seu lado e olhavam excitadas como a tempestade elétrica ia para elas.

—Aí vem, meu bem.— sussurro Róta iludida — Vem para nós.

Gúnnr sorriu olhando-a de soslaio.

— Depois de seu batismo, Gúnnr, vai desfrutar disto muito mais— asseguro Bryn colocando as mãos nos quadris— Já o verá, é nosso poder, o único e absoluto, o originário das *Valkyrias*. Mergulhe nele e desfrute.

Gabriel explicou a todos o que iriam fazer com a tempestade e como utilizá-la a seu favor. Levariam-nos até Utah e lá tomariam um avião. Gúnnr sabia que a ideia de Gabriel era muito válida, e depois de subir em um avião, não obstante, havia algo em seu interior que se negava a essa ordem. E não porque não suportasse as ordens, que estava descobrindo que não as tolerava, mas sim porque ela sentia que podia fazer algo mais, que havia um caminho melhor.

—No que pensa?— perguntou Róta olhando-a fixamente.

— Em nada em concreto, tenho uma sensação estranha.

— Sobre o que?

— Sobre o plano a seguir.

— Que problema tem? — Perguntou Gabriel a suas costas tão perto que seus corpos se roçavam — Algo a objetar?

Gúnnr deu um sobressalto e o olhou sobre o ombro. Ele a estudava inquisitivamente e levantou uma sobrancelha loira.

—Não é um problema, é um pressentimento.

Gab inclinou a cabeça a um lado e cravou os olhos na tempestade.

— Não pode explicar isso melhor, Gunny?

Já estava aquele tom terno e amigável que ela tanto gostava e que fazia que todo seu corpo ficasse tremendo.

—Tenho a impressão que devemos ir a um lugar… É como um chamado. Há algo que está puxando a mim.

Róta e Bryn a olharam de cima a baixo em busca de algum tipo de corda que a segurasse.

—Talvez ainda sinta a eletricidade percorrer seu corpo Gúnnr— tentou explicar a Generelaa— Talvez seja essa a sensação de que fala.

Gúnnr negou com a cabeça e olhou ao chão com frustração.

—Não se trata disso. Tenho-a desde que despertei.

Sentia como se ela fosse um ímã e algo tentava atraí-la para algum lugar. Antes de abrir os olhos teve estranhas visões do Mjölnir. Como se ele a chamasse. Como? Quando? E por quê? Não sabia.

Gabriel a virou e ergueu-lhe o queixo.

—Conta para mim.

Ele devia escutar a todos seus guerreiros. Como líder, tinha que fazer caso a qualquer instinto ou percepção que tivesse sua equipe em relação à missão. Gúnnr era uma *Valkyria* e devia escutá-la.

Ela o olhou nos olhos e passou as mãos pela franja.

—Me diga Gunny— Insistiu ele— Sua opinião é importante para mim.

— De verdade? — Ela assentiu concordando.—Tenho a impressão de que posso me mover através da tempestade…

—Todas podemos—Admitiu Róta franzindo o cenho.

—Sim, mas não me refiro a isso. É uma certeza, uma intuição— Levou a mão ao peito. Que difícil era convencer alguém de algo que se sabia com certeza, mas não podia ver nem tocar. Concentrou-se em Gabriel.

—Engel, eu gostaria de poder explicá-lo melhor, mas não sei o que imagina o que devo fazer eu para estar tão convencida de que posso levá-los até o martelo.

— O que?!—Gritaram as gêmeas com o Reso e Clemo caminhando atrás delas.

— Silêncio! Sabe onde está o martelo?— Gabriel a puxou pelos ombros — Onde? Diga-me isso.

—Não. Não sei— apressou-se a negar— Mas desde que despertei, vêm rajadas mentais com imagens do martelo. Não posso dizer onde está porque não sei. Mas é como se ele tivesse tentando me atrair a algum lugar.

Reso e Clemo sopraram.

— Recebeu o batismo ontem, Engel— Assegurou Clemo— Talvez ainda esteja aturdida.

— Não estou aturdida— dirigiu-lhe um olhar venenoso e suas pupilas se tornaram vermelhas por completo.

— Ei— Gabriel pôs uma mão na sua bochecha e a obrigou a que se concentrasse nele— Acalma a *fúria*, *Valkyria*. Seus olhos estão completamente vermelhos.

— Então diga que não me provoque.

Ele não podia permitir que falassem dela como se fosse tola ou como se ainda se tratasse de uma menina. Fechou os olhos um segundo e quando os abriu eram daquela cor azeviche tão especial.

Ordenou algo a Engel. Todos pigarrearam e Gabriel estreitou os olhos com diversão. Essa Gúnnr com seu gênio, contestador e divertido. Ele gostava.

— Podia ser somente uma intuição— disse Gabriel— Não podemos desviar a missão só por seu pressentimento, Gúnnr, entende?

Gúnnr apertou os dentes e assentiu. O que pensava? Que Gabriel mudaria a direção do seguinte passo porque ela disse que tinha uma intuição? Estava acostumada a que não a levassem a sério. No *Valhall* ninguém fez e todos a olhavam mal porque era uma *Valkyria* defeituosa sem poderes e sem *fúria*. Pelo visto, agora despertou seus poderes, mas o título de "inútil e inofensiva" ainda pendurava em suas costas. Entretanto, ainda entendendo a posição de Gabriel com respeito a ela, ficou triste por sua falta de confiança.

— Seguiremos o rumo indicado, de acordo?— disse o Engel a sua equipe.

— Em posição, a tempestade se aproxima.

Gab não passou por cima da atitude derrotista de Gúnnr, assim que a puxou pela mão e entrelaçou seus dedos com ela.

Gúnnr ficou olhando fixamente como a mão enorme do guerreiro engoliu por completo à sua. As bochechas ficaram vermelhas e elevou os olhos para ele.

— Cuidará de mim na tempestade, *Valkyria*?—Pôs cara de aflito, sabendo que ela se sentiria menos agredida se visse que ele realmente a necessitava.

Gúnnr engoliu saliva e assentiu com convicção.

— Não se solte

Ele sorriu orgulhoso e lhe apertou a mão em agradecimento.

Ankti aproveitou o momento e se colocou diante deles. Os Hopi seguiam dançando e cantando ao redor das fogueiras. Ajudavam com flautas e tambores, e reinava neles o ardor e alegria pelo que faziam.

—A mulher aranha nos escutou e nos traz a chuva e os raios a nós— Assegurou com um sorriso satisfeito, vestia uma túnica branca e vermelha e tinha o cabelo grisalho dividido em duas tranças, presas com uma fita negra.

— A mulher aranha? — Pergunto Sura sem compreender.

— A deusa da terra— explico Ankti elevando os braços ao céu.

— Ela fala conosco e nos ajuda sempre que cantamos e oramos.

Gúnnr elevou-se nas pontas dos pés e disse ao ouvido de Gabriel:

— Deve se referir a Nerthus.

Nerthus era a mãe de Freyja. Odín a relegou a cuidar da terra e mover os fios convenientes para iniciar e despertar a todos aqueles que podiam lutar em nome dos deuses no *Ragnarök*. Era a grande deusa.

Ankti se apoiou com as duas mãos na bengala e os olhou a cada um.

— Não perguntei de onde vieram porque não é importante. Mas são filhos dos trovões e a eles devem voltar. Nós, os Hopi, seguirão aqui, esperando o dia em que o tudo deva ser decidido. Até então não deixaremos de dançar e de invocar a chuva e às tempestades para que os ajudem no final dos tempos. Somos muitos os que sabemos que haverá uma batalha entre a luz e a escuridão e de nosso coração Hopi, esperamos que quando o sinal apareça no céu, todos nós havermos de nos reunir em feliz comunhão para que a balança se incline do lado do amanhecer de um novo dia, e não da eternidade da noite. Os Hopi, embora nos vejam precários de recursos, seguimos em contato com a nossa maneira com todos esses humanos que ajudam a sua causa, "os dançantes da luz". Não precisamos ser muitos para obtê-lo. Trata-se de números. Com nossa ajuda e a de vocês evitaremos que o coiote nos destrua. A terra é de todos.

Gabriel se emocionou ao ouvir o discurso de despedida de Ankti. Se Ankti, que era um índio que não media mais de um metro e meio, tinha tanta confiança neles, como não iriam ter eles mesmos?

— Anjo, — Ankti agarrou a mão de Gabriel e a apertou—A humanidade esperará ver a estrela azul no céu, e nos indicará que o tempo de deixar de ter medo e lutar por aquilo que queremos chegou. Mas às vezes não precisamos elevar os olhos ao céu para encontrar uma estrela que nos guie no caminho. Às vezes está ao nosso redor e não sabemos ver— Ankti começou a rir e mostrou todos os dentes.

Gabriel tomou muito a sério as palavras do chefe índio. Chegou o momento de lutar pelo que queria?

Gúnnr sorriu a Ankti e este fez uma reverência enquanto comunicava com os olhos mais coisas das que ela podia captar.

—Não solte a mão, colibri— pediu Ankti com humildade.

Que não soltasse a mão? É óbvio que não faria, do contrário, Gabriel se torraria com os raios.

Chosobi correu ao lado de Ankti e ficou em frente à Gúnnr.

— Isto é para você— disse oferecendo um colibri esculpido em madeira, de maneira artesanal. Era lindo, pequeno, doce e cheio de detalhes como Gúnnr.

Ela olhou o pequeno presente como se tratasse de algo cheio de ouro e diamantes.

— Você os fez? —Perguntou com os olhos brilhantes de emoção.

—É óbvio, Chosobi sabe fazer muitas coisas, colibri. — Sorriu olhando de esguelha a Gabriel.

Ela tomou o presente artesanal entre suas mãos e o acariciou.

Gabriel se sentiu malvado ao ver que incomodava a alegria desmesurada de Gúnnr. Por que agia assim por uma figurinha de madeira?

— Ninguém nunca me deu nada, Chosobi. Muito obrigada. —Deu-lhe um beijo na bochecha e se afastou rapidamente, admirando seu presente como se fosse uma criança com um brinquedo novo.

Ninguém a deu alguma vez nada? Nenhuma vez? Então se sentiu mal por não ser o primeiro em poder dar de presente tudo o que ela necessitasse. Mas se asseguraria de oferecer tudo o que a negaram. Chosobi foi o primeiro em lhe dar um beijo e fazer um presente pessoal. Ele seria o

primeiro em todo o resto. Estava em sua natureza cuidar das pessoas que gostava, e ele gostava de Gúnnr, estava sob sua responsabilidade, não ia decepcioná-la.

— Se prepare— ordenou puxando sua mão, mais resmungão do que teria desejado—O pássaro vai chamuscar com os trovões.

Ela procurou algum lugar de seu corpo onde pudesse guardar seu prezado tesouro. Dirigiu o olhar a seu decote e o colocou aí.

—Assim não lhe acontecesse nada— olhou condescendente.

As quatro *Valkyrias* olhavam a cena com interesse. Róta sorria e Bryn deu uma cotovelada para que se concentrasse.

— Espero que Gúnnr jogue bem sua partida— Róta esfregou o braço dolorido pela cotovelada de Bryn.

— Deixa, não provoque.

A tempestade se abatia sobre eles.

Os oito se prepararam para chamar os trovões. As nuvens negras se deslocavam ameaçadoras, e o muro branco de nimbos já havia tocado a terra. Os trovões e relâmpagos iluminavam o céu, e a chuva e o vento açoitavam a superfície seca.

Gúnnr sentia a chamada do Mjölnir, mas não tinha nem ideia do que devia fazer. Onde estava? Por que parecia assim?

Em um movimento ágil e rápido, Gabriel pendurou Gúnnr em suas costas e fez que rodeasse a cintura com as esbeltas pernas. Colocou as mãos sobre suas coxas e a segurou assim.

— O que faz?—Estava completamente aberta de pernas e ele podia sentir como ela se acoplava às suas costas. Ou como seus seios se esmagavam contra aquela parede de músculos.

— Nego-me a ir agarrado a você como se fosse um cipó! Agarre-se a mim com as pernas e utiliza os braços para se deslocar através dos relâmpagos. É melhor.

Gúnnr franziu o cenho ao ver que Clemo e Reso faziam o mesmo com a Sura e Liba.

—Isto é muito…

— Ridículo— disse Bryn

— Incômodo— Disse Gúnnr envergonhada.

Gabriel deu-lhe uma bofetada na nádega e a olhou por cima do ombro. Desfrutou ao ver que a jovem *Valkyria* aumentou os olhos e estava vermelha como um tomate.

— Assim é como eu quero, é uma ordem. Não me desafie.

Gúnnr feito fumaça pelas orelhas bicudas.

— Me surrará?—sua voz soou baixa e rouca, cheia de surpresa.

— Lá vamos *Valkyrias*!—Exclamou Bryn. Quando as nuvens estiveram suficientemente baixas gritou:— Asynjur!

Se você pegou esse livro no blog "Romances Sobrenaturais', da Isis, saiba que ela prejudica propositalmente nosso grupo.
Estamos sendo ameaçados por editoras, cujos livros pedimos para não serem postados, e o blog citado, insiste em não acatar um dos pedidos que fazemos: "A não divulgação desses livros (séries compradas por editoras no Brasil) em blogs abertos".

<u>Ela quer que vocês fiquem sem os livros</u>!!!
E vocês estão colaborando com isso, ao participarem do blog dela.
Gostou desse livro? Pegue direto na fonte e não de terceiros que somente prejudicam quem verdadeiramente faz o trabalho!

A sensação de levitar sobre as nuvens e balançar pelos raios era inexplicável e única. As pernas incrivelmente fortes de Gúnnr se agarraram perfeitamente a ele. O vento e a chuva açoitavam sem piedade, mas se moviam sob os gritos eufóricos de suas *Valkyrias*, que desfrutavam do lindo em seu meio mais natural.

A única que não gritava era Gúnnr. Parecia concentrada no que fazia e não deixava de olhar por cima das nuvens, além da tempestade.

— O que acontece?—Gabriel apertou-lhe as coxas para que prestasse atenção.

Gúnnr negou com a cabeça e continuou consigo mesma.

Não. Nem pensar ele precisava escutar seus pensamentos.

— Fala Gúnnr!

Ela mordeu a língua, não queria voltar a importuná-lo sobre suas intuições, mas a sensação era cada vez mais forte. E desta vez algo no centro de seu peito formigava e a enchia de energia, como se fosse um receptor que acumulava potência para poder explodir a qualquer momento.

— Não vai me escutar.

— Sempre a escutei! O que acontece?—Perguntou preocupado.

— Não devemos nos mover na tempestade! Devemos voar sobre ela e encontrar algo.

— Algo?

—Sim. Algo.

— O que?

Gúnnr grunhiu frustrada e cravou os dedos de uma mão no ombro. A outra mão estava ocupada com o relâmpago.

— Não sei! Eu… Gabriel, eu somente sinto isto, mas não tenho ideia... Por Odín!

Um incrível relâmpago atravessou o peito de Gúnnr e ela jogou o pescoço para trás. As pernas tremeram, mas em nenhum momento soltou seu *einherjars*. Ele pôde sentir a potência e a energia dessa estranha luz. Não foi um relâmpago normal.

— Gunny!—girou como pôde e ficou de frente a ela— Está bem!?

—Não— choramingou, negando com a cabeça e tomando ar de forma compulsiva. — Vamos! Vamos para cima, Gabriel!

Ele olhou a seus guerreiros que ficaram suspensos no céu, sustentados pelos raios, olhando Gúnnr surpreendidos. A tempestade estava sob controle e não perdia nada em escutar Gúnnr.

— Por quê? O que há em cima?

—Sinto que tenho que ir. Mjölnir me chama— seus olhos estavam vermelhos por completo e suas pupilas se dilataram pela última descarga. —Sei que não entende, mas…

—Me olhe, querida— A puxou pelo queixo— Acha que pode nos levar ao Mjölnir? Como?

Ela não podia dar uma resposta a isso, porque não sabia se era capaz de levá-los até ele. Mas o chamado era cada vez mais forte. O martelo estava brocando seu sobrecenho e a estava

bombardeando com imagens.

Tomou ar e disse:

—Gabriel, confia em mim?—Cravando nele os dois rubis que tinha por olhos.

Confiar ou não confiar. Ceder momentaneamente o comando de sua missão a Gúnnr ou decidir não fazer.

O que perdia? Estava fazendo tudo às cegas em sua busca e ao menos sua *Valkyria* estava segura de algo.

Ela nunca tomou a iniciativa em nada. Não teve suficiente coragem, ou foi suficientemente corajosa para isso. Gúnnr cuidou dele como ninguém fez. Escutou-o e se entregou a ele, só para dar prazer, evitando sempre o seu. Não havia ninguém menos egoísta e mais desinteressado que ela. Se não confiava nela, em quem confiaria?

— Confio em você, florzinha. Nos leve para cima.

Gúnnr sorriu.

— Asynjur!—Uma língua elétrica percorreu seu braço e se fechou sobre seu antebraço como um cipó.

Gabriel e Gúnnr foram impulsionados para cima, transpassaram as carregadas nuvens e ficaram olhando o céu estrelado. Com um movimento de cabeça, Gúnnr assinalou uma estranha bruma dourada que levitava sobre a tempestade.

—Lá, leve-os até lá.

Gabriel olhou o estranho pó dourado. O que era isso?

— Está segura Gunny? — acariciou-lhe a bochecha— Estou lhe dando as rédeas, meu bem. É melhor que não esteja equivocada. — Um brilho avermelhado mais claro iluminou as profundidades dos exóticos olhos da *Valkyria*. Não parecia ofendida, mas bem interessada no que ocultava essa ameaça.

—Não tenho nem ideia do que é isso. Está certa?

— Sim. Devemos nos colocar lá.

Outro raio saiu da bruma dourada e rodeou Gúnnr por completo. Ela se abraçou a Gabriel enquanto gritava contra seu pescoço. A energia electroestática ondeava o cabelo de ambos e os misturava criando uma massa loira azeviche ao redor de seus rostos.

— Gabriel…

— Juntos Gunny!—Esse raio era diferente. Queimava e picava ao tato, mas, sobretudo provocava uma sensação de atordoamento muito incômoda.

— Bryn! – Necessitava ajuda. O raio queria engolir Gúnnr e a arrastava sem esforço para uma nuvem de poeira que se movia fazendo estranhas ondas.

Bryn e Róta tentaram liberar Gúnnr do anormal raio que mudava de cor e adotava a textura da nuvem de poeira.

Reso, Clemo e as gêmeas correram a detê-los também. Criaram uma bola humana e foram presas daquele estranho estrato que os levava a uma dimensão desconhecida.

Todos abraçados uns aos outros. Gabriel afundando a cabeça no peito de Gúnnr e ela sepultando o rosto no pescoço dele, foram absorvidos pela nuvem branca dourada. O corpo de

Gúnnr se iluminou então, a nuvem de partículas brilhantes explodiu como uma supernova, criando uma onda expansiva de luz azul, para logo desaparecer no chão, como se nunca existisse.

Capítulo 9

Em frente do lago Michigan —um imenso lago rodeado pelos estados de Michigan, Wisconsin, Illinois e Indiana— em uma de suas praias artificiais, havia um homem sentado na areia, com uma gabardina toda úmida pela chuva, uma barba descuidada e bebendo uma garrafa de uísque coberta com um saco de papel. Usava luvas negras de lã cortadas pelos dedos, e olhava com os olhos frágeis o imenso lago que, parecia, não tinha começo nem fim. A tempestade elétrica arremetia com força e não importava se um desses relâmpagos o alcançasse o acabasse matando. Sua vida se reduzia à bebida.

A escassos vinte metros de onde ele estava sentado, na borda daquela praia artificial, criou-se uma pequena bola de partículas douradas que levitava suspensa a uns dez metros da água. Os relâmpagos e os trovões caíram com força sobre ela e esta aumentou seu tamanho.

O homem deu um gole a sua garrafa e se aproximou cambaleante para ver que merda era aquilo. A chuva arremetia com força e o vento soprava com intensidade.

De repente, a bola dourada era muito maior que ele. E fazia ruído. Como um assobio; como o assobio que avisa que o que ferve na panela de pressão já está preparado, ou como o assobio que alerta de que uma bomba supersônica vai explodir.

Bum!

A bola dourada explodiu e criou uma onda expansiva de cor azul. Dela saíram oito pessoas disparadas para todos os lados. O homem, devido às ondas, ficou envolvido em uma luz e lutava por se manter acordado. Tentativa dar outro gole a sua garrafa de uísque, mas esta se quebrou ao impactar contra o chão. Fechou os olhos e desmaiou.

Róta e Bryn foram as primeiras em sair. Caíram bem, sobre seus pés, depois de fazer vários malabarismos no ar.

Mal tocou o chão, Róta se levantou e suas orelhas ficaram em estado de alerta. Inalou com ânsia e fechou os olhos. Quando os abriu de novo, seus olhos azuis claros fizeram uma análise do perímetro procurando a algo ou a alguém.

— Não estamos sozinhos? —Perguntou Bryn ao se dar conta de sua inquietação. A Generela também estava versada no rastreamento, embora ela não pudesse detectar nada.

—Não pode ser… —sussurrou Róta estupefata.

A *Valkyria* estava em estado de choque e não deixava de olhar para todas as partes, como se fosse um radar.

— Está bem? —Perguntou olhando para onde ela olhava.

A jovem de cabelo comprido e vermelho assentiu com nervosismo.

— Onde demônios estamos? —Disse a Generela.

Reso, Clemo e suas gêmeas saíram propulsados do buraco de luz e se afundaram na água

gelada do lago.

Gúnnr e Gabriel deram várias cambalhotas pelos ares e, no final, depois de cair na areia devido à inércia, seus corpos finalmente pararam.

Gúnnr ficou em cima de Gabriel, quase escarranchada sobre sua pélvis. Ambos tomavam grandes baforadas de ar, extenuados pela estranha viagem que fizeram.

Ela sentia os dedos de Gabriel cravados em sua tenra carne, à altura do traseiro. Levantou sobre as mãos e fixou seus olhos nele:

—Gabriel, está bem?

Quando ele focalizou o olhar, viu uma garota morena, de pele branca e enormes olhos amendoados da cor da noite. O cabelo caía sobre seu semblante como se fosse uma cascata de água escura. O céu que tinha às suas costas era cinza azulado, imponentemente elétrico. Sentiu-se cativado pela imagem de Gúnnr, e algo em seu estômago se encolheu.

Elevou uma mão e, diante da surpresa de Gúnnr, tocou-lhe os lábios com a ponta dos dedos.

— Onde me trouxe, florzinha?

Gúnnr beijou seus dedos tão rápido como o bater as asas de uma mariposa e levantou a cabeça para se localizar. Gabriel não percebeu sua carícia.

—Há uns enormes arranha-céus que rodeiam a praia. São muito grandes —comentou impressionada— Os raios caem sobre eles.

— A água desta praia é doce! —Gritou Reso, saindo da água com a Sura nos braços.

A mente de Gabriel começou a funcionar.

Levantou a cabeça e não teve dúvida de onde se encontrava.

A arquitetura dos edifícios não dava lugar a especulações.

Chicago era a cidade mais moderna e atraente que ele viu quando era humano. Ali vivia seu padrinho Jamie, que na realidade era *Jaime*, mas ele sempre dizia que se americanizou e que preferia o nome gringo.

Jamie fugiu de sua família, procurando a paz e a aceitação que não tinha em seu próprio lar. Igual a ele, pensou Gab. À exceção de que, em sua viagem a Londres, ele encontrou um final a sua vida e também um novo princípio.

Inspirou e fechou os olhos para se impregnar da essência da cidade. De algum modo, Gabriel parecia como se estivesse em casa.

Ao pensar em Jaime, sua mente não pôde evitar refletir em sua família: seu pai e sua mãe. Um estremecimento percorreu sua espinha dorsal. Quando ele saia de viagem, passavam dias até que entrava em contato com eles. Os teriam avisado? Os comunicou sua morte? O que aconteceria se fosse visitar seu padrinho?

Centrou seus olhos azuis em Gúnnr e levantou por completo.

— Estamos em Chicago! —Informou ao grupo sem deixar de olhá-la— por que nos trouxe até aqui?

Gúnnr sacudiu a cabeça com impotência.

—Faz perguntas que não sei responder. Só segui o impulso de meu corpo. Segui minha intuição.

—Não. Isto não foi intuição — contradisse ele.

—Não —conveio ela— Tem razão. É como um sexto sentido. Não sei o que é nem por que posso perceber isto mas, Gabriel, Mjölnir está aqui. Em algum lugar desta cidade. Posso sentir.

Gabriel levantou com Gúnnr nos braços e a deixou no chão novamente. Pôde ouvir, graças a seu excelente sentido auditivo, o som das botas de Gúnnr tocar aquela areia tão branca e especial. *Areia cantante* a chamavam os americanos. A areia das praias artificiais de Chicago tinha um alto conteúdo em quartzo, e chiava quando a pisava.

Elevou o olhar e se encontrou com um dos edifícios mais emblemáticos da cidade, o impressionante *Lake Point Tower*. A poucos metros de onde eles estavam, dentro na água, estava o *Navy Pier,* que era uma área portuária de lazer e cheia de parques públicos. Com esses dois pontos de referência tão à vista, sabia que se encontravam ao final de *Ohio Street*. Bem, dali ele saberia como se mover.

Passou três longos verões ali e estava muito familiarizado com a cidade. Com doze anos lembrava a si mesmo saindo da casa de seu tio, com uma boina vermelha na cabeça, um balão, uma toalha ao pescoço e correndo Ohio Street em direção à praia. Seu querido tio, alguém a quem ele amou muitíssimo, vivia justo nessa rua. Casualidades da vida? Acaso os deuses sabiam isso?

Gúnnr acreditava que Mjölnir estava aí, e ele já não tinha que duvidar de sua palavra. A *Valkyria* parecia ter uma conexão especial com o martelo de Thor. A razão pela qual isso era assim, era algo que escapava dos dedos, mas cedo ou tarde o averiguaria.

Girou para ela:

— De verdade acha? Pode senti-lo? Mjölnir a chama?

Gúnnr olhou ao céu e teve uma visão em que os raios desciam sobre a ponta dos edifícios mais altos. Era como uma orquestra sinfônica. Agora iluminava um, logo outro… E cada raio soava distinto. É óbvio que sabia que Mjölnir estava ali. Onde? Tinha que averiguá-lo. Mas esse tipo de eletricidade e a *fúria* exagerada da tempestade só podiam atrair algo muito poderoso, um totem divino. E o único totem que podia atrair tempestades de tal magnitude era Mjölnir.

Gabriel observou sua *Valkyria*. Gúnnr moveu as orelhas nervosamente. Tinha os cílios úmidos da chuva e todo o corpo cheio de areia. Todos estavam do mesmo jeito, mas essas condições lhe davam um ar inocente e pecaminoso ao mesmo tempo. Gabriel apertou os dentes.

Como podia ser tão contraditória? Estava girando seu cérebro como a um polvo. Por uma parte a queria provar, sobretudo quando demonstrava que era uma dominadora, mas por outra, não queria usá-la sem mais, porque o lado doce e frágil de Gúnnr poderia sair machucado.

O sexo para ele sempre foi liberação e uma forma de expressar e de reinvidicar o que não tinha em outros aspectos de sua vida. Mas ele sabia melhor que ninguém que, no momento em que Gúnnr conhecesse o verdadeiro poder que tinha como mulher, então os deixaria a todos loucos. Usaria-o em seu benefício. E o que aconteceria? Que ele se tornaria um ansioso, por uma simples razão: gostava dos desafios e adorava que o provocassem. Brincar com mulheres tímidas era uma coisa. Brincar com guerreiras era outra completamente diferente e o encantavam as segundas, porque as podia levar até o limite e sempre faziam que as vitórias se saboreassem mais e melhor.

Gabriel não se enganava. Era um homem de fortes apetites e necessidades; era exigente, embora seu caráter e sua extroversão dissessem o contrário. Gúnnr ia assusta-se, definitivamente, se seguisse com seu empenho de seduzi-lo desse modo inconsciente, e, finalmente, despertava à besta, um lado escuro que só ele conhecia. E a garota teria medo, porque à besta, os sentimentos e o decoro não importavam. Ele era um guerreiro. Um amigo. Um líder. Mas acima de todo o resto, era um homem com instintos que sempre manteve sob controle.

Dali sua fascinação por ter encontrado a alguém tão forte como Daanna. Ela saberia como domar ao selvagem, como desafiar, porque ela era poderosa e não se intimidava por nada nem por ninguém.

E você, Gunny? Você é forte?, perguntou sem deixar de olhá-la.

—Sim, Gabriel —respondo ignorante a seus pensamentos. Ela controlou cada emoção que sulcava o rosto de seu Engel enquanto a olhava— Sinto o Mjölnir.

Ele assentiu e segurou-a pela mão, aproximando-a a seu corpo. Tomou uma decisão irrevogável.

Tal como estavam fantasiados, em meio de uma tempestade elétrica, chamariam muito a atenção, e eles deviam passar despercebidos. Nunca se sabia que olhos havia nas ruas e se por acaso, vampiros, lobachos e devoradores estivessem esperando, teriam informantes por todos lados.

— Quer conhecer meu padrinho?— Perguntou decidido.

— Seu padrinho? Não deveria cercar relações com os humanos, Gabriel— disse ela brandamente— Acham que você morreu.

—Ele não sabe.

— Por quê? Como não sabe que morreu?

—Porque meus pais não falam com meu tio Jamie. Assim, em caso de que Aileen e Ruth o tenham informado sobre meu falecimento, Jamie nunca saberia, porque eles nunca o diriam.

— Ah, não? Por que não? Estão zangados com ele?

Porque era muito difícil para um homem machista e arrogante como foi seu pai entender que o irmão que tanto considerava, porque era paquerador e fazia o que queria com as mulheres, revelou ser um homossexual defensor dos animais, membro do Greenpeace e louco pela cozinha de chef. Isso não podia ser motivo de aborrecimento nunca, mas para seu pai foi. *O Sargento*, assim chamava a seu progenitor, tratou a seu próprio irmão como doente e leproso e o repudiou por isso. E essa rejeição para seu tio, e o pouco carinho que já prodigalizava Gabriel a seu pai, acabou de alimentar o ódio e o rancor que tinha para ele. Portanto, seu pai e ele tampouco se falavam. Mas, é óbvio, ninguém sabia sobre isso. Nem sequer o que se supunha que eram suas amigas. Gabriel só falava do que queria e muitas vezes disfarçava sua vulnerabilidade e seus problemas familiares com uma falsa alegria. Não queria aborrecer ninguém com seus problemas. Tampouco aborreceria agora Gúnnr.

— Por que não, Gabriel? — Gúnnr o puxou e insistiu a que respondesse. Viu um brilho de dor em seus profundos olhos azuis e sentiu a necessidade de lhe dar um beijo e acalmá-lo. Queria que ele falasse com ela.

—Por nada. Não importa— encolheu os ombros. — Quer conhecer Jamie, sim ou não? É o único lugar que podemos nos dirigir. Ali estaremos a salvo e poderemos nos organizar. Precisamos mudar de roupa— deu uma olhada à indumentária negra e úmida que todos usavam, —Não podemos nos mover por Chicago assim. Amanhã sairemos para procurar o Mjölnir. Mas antes necessito um computador, e na casa de Jamie certamente há um que posso manusear com tranquilidade.

Começou a caminhar para cima, até sair da praia. Não havias pessoas nas ruas e o tráfego estava pouco concorrido devido à tempestade elétrica.

— Para que quer um computador? — Perguntou Bryn seguindo os passos acelerados do Engel.

—Internet, Generela. O mundo em suas mãos sem sair de casa. É incrível— explicou Gabriel começando a correr com um sorriso de orelha a orelha.

Bem. Em uma cidade que conhecia, com meios que poderia explorar e com dinheiro para poder pagar o que desse vontade, ele era o rei e não havia ninguém que pudesse ganhar.

Chicago, dê boas vindas ao Engel.

Correndo a uma velocidade difícil de ver pelo olho humano, o Engel e sua equipe subiram por Ohio Street. A tempestade seguia atacando os arranha-céu sem perdão.

Mas nem tudo em Chicago eram imensas edificações. Nessa mesma rua havia casas familiares, baixas, pequenos lares que davam a entender que os mais pobres podiam viver em harmonia com os mais ricos e não desmerecer por isso essa grandiloquência da *windy city*[18], a famosa cidade do vento, a não ser, no contrário, dotavam de encanto e acessibilidade.

Gabriel sentiu um beliscão no estômago quando vislumbrou a casa de seu tio. Mesmo enquanto passava seu tempo no *Valhall*, seguia entesourando lembranças de sua vida na terra, e o tempo que passou com seu tio era, sem dúvida, uma de suas lembranças mais doces.

Os oito guerreiros se plantaram frente à casa de pedra branca, cercada por uma cerca negra. Tinha um pequeno jardim zen à frente com a grama cuidadosamente cortada e dois pequenos abetos nos cantos que figuravam como guardiães do edifício. Umas escadas de madeira escura subiam até a porta principal. A casa tinha três andares e um impressionante sótão. E conforme lembrava Gabriel, era uma casa muito grande. De amplos quartos e salões e tetos altos. Conhecendo seu tio, certamente a reformou.

Com mão tremendo, apertou a campainha. Quando era pequeno, Jamie tinha um cachorrinho São Bernardo, Bobby se chamava. Gabriel adorava esse cão. De fato, a fascinação e o carinho que tinha pelos animais vinham certamente por parte de seu tio. Não se ouviu nenhum latido. Nem tampouco se via nenhuma luz acesa.

Gúnnr deu um passo à frente e se concentrou em escutar se no interior da casa havia algum ruído.

—Não há ninguém. —disse, olhando Gabriel.

[18] *Cidade do vento. Chicago e conhecida por ventar e chover muito durante o ano.*

—Entremos, então.

Saltaram a cerca sem dificuldade. Seu tio seguiria guardando a chave reserva naquele lugar especial. Inclinou-se, apalpou o segundo degrau de madeira dando suaves golpes com os nódulos até que soou oco. Bingo! Retirou a madeira perfeitamente talhada e pegou o jogo de chaves.

—Não acredito que a seu tio goste que entre em sua casa como um ladrão— murmurou Gúnnr com cara de preocupação.

—Por que não? —Pergunto Reso com cara de pau— Na Tracia, as casas acolhiam a toda a família. Para isso serviam.

Gabriel introduziu a chave e apalpou a parede para acender a luz. Rezou para que não houvesse nenhum alarme conectado e se alegrou ao não ouvir nenhuma sirene.

—Os tempos mudaram, amigo— disse Gabriel com ironia— Na atualidade, às vezes é melhor não colocar familiares em casa ou podem chegar a jogá-lo fora e mudar a tranca. A humanidade está em crise, não o disse? Passem— afastou-se a um lado e deixou que seus companheiros entrassem e se abrigassem da tempestade.

Gúnnr sorriu ao cheirar o interior do lar. Cheirava a limão e a baunilha… uma mistura doce e afrodisíaca.

—Vou procurar um pouco de roupa —disse Gabriel ficando descalço— Não se movam, não quero deixar a casa inundada de água.

Tudo estava como lembrava. A sala de madeira com sofás cômodos e acolhedores, a chaminé de design, a cozinha com a última tecnologia, ideal para um homem que adorava a arte culinária como Jamie. Tinha uma casa muito grande, com cinco quartos duplos todas com banheiro. E um escritório à parte, no apartamento de cobertura. Esse foi seu refúgio. Aí passou as noites do verão, olhando ao céu e lendo todos esses livros de mitologia que, mais tarde se converteram em sua perdição.

Sorriu ao ver fotos de sua infância na parede do corredor que davam aos quartos. Em uma foto estavam os dois: Gabriel apoiado em sua inseparável bola de futebol e Jamie passando o braço por cima do seu ombro com um enorme sorriso de satisfação e orgulho no rosto.

Era uma casa muito zen. De brancos e negros. Minimalista e ao mesmo tempo cheia de calor. Rebuscou no armário e encontrou jeans e camisetas de algodão tão largas como os corpos dos guerreiros. Jaime era alto e corpulento, sempre gostou de se cuidar, e aquilo era algo do que seu pai debochava, uma vez soube sobre suas inclinações sexuais. Gabriel apertou os dentes e se obrigou a afastar o ressentimento e a vergonha alheia. Pedaço de idiota era o Sargento.

Desceu as escadas correndo e lançou a roupa a cada um. Para elas escolheu camisas xadrez que certamente chegariam até os joelhos —seu tio media um metro e noventa— e também meias três quartos grossas e largas que esquentassem os pés.

Elas foram para a cozinha e eles para a sala.

—Isto é uma envergonha —grunhiu Róta— Onde acha que vamos assim? Ao bosque cortar lenha? —Olhou a camisa enquanto a arregaçava até os cotovelos e dava um toque sexy ajustando-a nas costas.

—Deixa de se exibir, Róta. Aqui ninguém vai vê-la. —Bryn brincou com ela. Por alguma

razão, Bryn sempre instigava Róta com uma coisa ou outra.

—Só porque não a percebem, Generela, não quer dizer que não o façam em mim —sorriu sem vergonha e girou a cabeça em direção à janela que dava à rua e ao jardim.

—É tão convencida. —sussurrou Bryn girando os olhos— Espera alguém? Não deixa de olhar a rua.

Róta a ignorou e rodeou a cintura com as mãos, como se necessitasse calor. Nem Gúnnr nem Bryn deixaram de notar a atitude da *Valkyria*, mas tinham pendente uma longa conversa, assim esperariam o momento adequado.

As gêmeas falavam uma com a outra, comentando alguma jogada da noite passada. Sura fazia gestos com os quadris e Liba afirmava energicamente com a cabeça enquanto apertava os seios.

—Por Freyja, estava descontrolado —disse Sura com olhos sonhadores— Esta noite irei por mais.

— Sim! —Exclamou Liba com uma gargalhada.

As três *Valkyrias* as olharam de esguelha e Gúnnr não evitou perguntar:

— Do que falam?

—De sexo. Definitivamente de sexo —respondeu Róta antes que fizesse Liba— Estas duas já provaram seus guerreiros. Vou tampar os ouvidos e vou ver se me jogando pela janela daqui tenho um pouco de sorte de quebrar meu pescoço e morrer no ato por ser tão desgraçada.

Bryn não pôde evitar rir. Agarrou uma faca afiada do mármore da cozinha e a ofereceu:

—Corte as veias, talvez seja mais rápido. Embora já saiba que só pode morrer se arrancam seu coração.

Róta entortou os olhos gozando da Generela. Elevou o punho e disse:

— Hímen intacto para que te quero! —Soltou melodramática.

Ouviu a gargalhada dos três homens no outro lado da casa.

—Deixa de reclamação reggaeton[19], Róta —sugeriu Bryn abrindo os móveis da cozinha para farejar o que havia neles.

— Deitaram com Reso e Clemo? Ao mesmo tempo? —pergunto Gúnnr muito interessada.

— Não! Pelos deuses, Gúnnr!—Exclamou Sura com os olhos completamente vermelhos— Somos gêmeas, mas não compartilhamos.

—Mas já são…

—Oh, sim! — Sura e Liba não paravam de rir e de lançar olhadas cúmplices— É… É incrível. Ficará louca ao marcar Gabriel.

Gúnnr sentiu que as bochechas ardiam. Marcar Gabriel? Como?

Já disse que sim que queria deitar com ela. Se tivessem continuado se beijando no berço, o que teria acontecido? E se Gabriel tinha intenção de tocá-la e de ser o primeiro em tudo, quando faria?

Disse só sexo e amizade. Ela não podia jurar que só significaria isso para ela. Mas queria

[19] *O reggaeton ou reggaetón é um estilo musical que varia do reggae jamaicano, influenciado pelo hip hop das zonas de Miami, Los Angeles e Nova York latina.*

estar com ele. E se houvesse uma primeira vez, Gabriel seria sua escolha. Era o natural. Ele era seu *einherjars* e ela sua *Valkyria*.

Gabriel abriu as portas trilhos da cozinha e todas se calaram e salivaram ao vê-lo.

Gúnnr não tinha ideia de que a roupa dos humanos ficasse tão bem. Usava uma camiseta negra ajustada no peito e nos bíceps, e jeans largos e baixos na cintura. Ia descalço e carregava a roupa molhada dos guerreiros. Tinha o cabelo loiro comprido e úmido solto e frisados nas pontas.

Olhou a Gúnnr, sorriu maliciosamente e pisco um olho.

—Acredito… Acredito que acabo de gozar —murmurou Róta olhando Gabriel de cima a baixo.

Gúnnr sentiu que as asas ardiam e que os olhos mudavam da cor azeviche natural ao vermelho desejo. Vermelho desejo. Havia uma cor que se chamasse assim? Bem. Pois, desde esse momento, o vermelho desejo seria para sempre a cor de seus olhos quando olhasse Gabriel.

Gabriel abriu a secadora que havia na pequena sala contígua e colocou a roupa nela. A calça deslizou um pouco por seus quadris, marcando um traseiro maravilhoso com marca de *patrimônio da humanidade.*

Gúnnr engoliu saliva a Róta teve vontade de chorar.

—Acredito que sou multi orgásmica —disse com um gemido.

Gúnnr girou e beliscou com força o braço de Róta.

— Ouch! O que?! Acaso é minha culpa? —Protestou ela.

—Me deem suas roupas —pediu ele educadamente, alheio aos comentários em voz baixa das *Valkyrias*.

Róta levou as mãos aos botões da camisa que usava e Bryn lhe deu uma cotovelada.

—Essa daí, *Valkyria* —assinalou a roupa negra que havia no chão.

Róta começou a rir e olhou a Gúnnr sorrateiramente. Apostava o que fosse que Gunny queria arrancar-lhe os olhos. Não encontrava outro modo de esporeá-la para que fosse até ele e o reinvidicasse de uma vez por todas.

Gabriel deixou a roupa preparada para o seguinte turno.

—Parece que se dá bem as coisas do lar —murmurou Gúnnr com o rosto vermelho.

— Brinca? Sei manejar uma secadora porque só tenho que apertar um botão. Não me peça nada mais florzinha. Garotas, à sala, preparei algo enquanto se trocam. E não é uma orgia, Róta.

—Desmancha-prazeres —respondeu a aludida.

Piscou o olho ao do cabelo vermelho e se sentiu bem quando notou que Gúnnr fechava os punhos e tremia ligeiramente do ciúmes.

Ciúmes. Quem ia dizer?, pensou Gabriel.

Sentaram todos ao redor da mesa de carvalho da sala. Em frente, tinham duas estantes enormes de livros. Gabriel caminhou ao redor de seus guerreiros e no final ,parou atrás de Gúnnr e apoiou as mãos no respaldo de sua cadeira.

—Não podem mover nesta realidade se não saberem as coisas básicas de meu ex-mundo. Em Chicago se fala inglês americano. Aqui têm um dicionário para que o leiam e tomem as

palavras básicas para que se desenvolva a xenoglossia. Têm um manual de condução de moto e carro. Um livro de etiquetas e outro de cozinha. Um livro sobre aparelhos de última geração e outro de hacker informático. E alguns mais que poderiam ser de sua utilidade.

Os *einherjars* e as *Valkyrias* tinham mentes superdotadas. Do mesmo modo que aprendia um idioma em poucos minutos, podiam ler dicionários e livros de mais de mil páginas em apenas meia hora. Talvez não tivessem poderes como os vaniros, eram mais físicos, como os dos bersekers, mas em troca, Odín e Freyja deram uma funcionalidade cerebral hiperativa e cem por cento produtiva. Gúnnr explicou em uma ocasião qual era sua teoria a respeito:

—Os deuses são tão vaidosos e ciumentos de seu poder. Enviaram vaniros e bersekers à Terra e lhes outorgaram particulares fraquezas para que não se acreditassem deuses. Acredito que fizeram o mesmo no *Asgard*. Se tiverem a *einherjars* e *Valkyrias* convivendo em seu reino, não podem ser nem mais fortes nem mais poderosos que eles. Por isso puseram limites a nossos poderes. As *Valkyrias* podem brincar com os raios em dias de tempestade, mas não podemos convocar as tempestades. Podemos lançar descargas elétricas com as mãos, e somos muito rápidas e velozes na luta. Mas nossas debilidades estão expostas. Não somos extremamente fortes no corpo a corpo, em troca, temos uma pontaria única com o arco. E vocês são fortes no corpo a corpo, velozes e com uma visão noturna espetacular, e são incansáveis na luta. Mas não podem voar nem têm poderes mentais. Somos máquinas de matar, feitas expressamente para a defesa ou o ataque. Os deuses não o quereriam de outro modo, não acha?

Gúnnr acertou em cheio. Como iam rivalizar em poderes com os deuses? Eles não eram tolos. O que acontecia se seus *filhos* se rebelassem alguma vez? Em igualdade de condições poderiam chegar a perder todo o respeito e o poder, e aquilo não interessava.

Enquanto lembrava essa conversa, observou sua *Valkyria*.

Gúnnr era muito inteligente. Subiu os pés à cadeira, enquanto acariciava o lábio com uma mecha de cabelo, concentrada em sua leitura.

Estava repassando o dicionário. Deixou-o sobre a mesa uma vez finalizado e se lançou com vontade pelo livro de condução. Ela o olhou por cima das páginas e sorriu. Quando Gúnnr sorria não se cansava de olhar seus lábios. Seus olhos riam sozinhos. Gabriel pigarreou e decidiu se afastar da sala.

Subiu as escadas. Iria ao refúgio de seu tio e se colocaria na Internet.

Ele já leu o livro de hacker informático enquanto Reso e Clemo se trocavam. Era genial obter tantos conhecimentos de uma vez e tinha muitas ideias sobre como utilizar o que aprendeu.

Umas horas mais tarde, já fez algumas transações importantes através de suas contas de fundo ilimitado. Contatou pessoalmente com as pessoas idôneas e realizou um montão de compras pela Internet. Amanhã seria um dia muito longo.

Pediu máxima pontualidade para os envios urgentes que contratou. Fez ranger os nódulos enquanto descarregava e imprimia um plano confidencial de túneis de Chicago no PC MAC de seu tio. Tinha o Itunes ligado e pelos alto-falantes do computador escutava o *Freaky Like Me* de

Madcon e Ameerah.

Enquanto ele trabalhava, os de baixo saquearam a biblioteca de seu tio e leram todos os livros de sua coleção.

Alguém ligou a televisão de cinquenta polegadas que tinha na sala, e as mulheres falavam animadamente enquanto viam Oprah.

Reso e Clemo faziam guarda como se esperassem que a qualquer momento os atacassem.

Mas nada disso ia acontecer. Ele sabia que ninguém ia atacar porque tinham o fator surpresa de seu lado. Gúnnr.

Ninguém sabia que estavam ali. Como iam imaginar? Em todo caso, eram eles os que podiam investigar com a segurança de que, no momento, ninguém os esperava, ninguém contava com eles.

Mjölnir tinha muitíssimo poder. Se não o utilizaram ainda era porque esperavam a ocasião ou o lugar adequado para que o martelo impactasse. Um só impacto, um, e as consequências seriam devastadoras para a terra. A tempestade elétrica arremetia com força, e eles tinham a seu favor que Gúnnr era seu pequeno e surpreendente radar do Mjölnir.

Mjölnir atraía às tempestades elétricas, e também atraía sua *Valkyria*.

Entretanto, ainda não usaram o martelo. Por quê? O que esperavam?

De repente, um aroma de bolacha flutuou até seu nariz. Descansou as costas na cadeira ergonômica e desfrutou da essência de canela que flutuava no ambiente. Seu ouvido detectou uns passos tímidos e elegantes que vinham das escadas. Os passos se detiveram na porta. Uns nódulos golpearam com suavidade.

Gabriel sorriu. Gúnnr tinha muita delicadeza para fazer as coisas.

—Entra florzinha.

A jovem entrou e olhou ao redor. Trazia nas mãos um prato com uma generosa porção de bolacha polvilhada com gotas de chocolate. E na mão tinha um copo enorme de limonada caseira.

Ele levantou e a olhou com interesse.

—Preparei um *plumcake*[20]— disse com perfeito sotaque inglês— Gosta?

— Você o fez? —Perguntou elevando as sobrancelhas com assombro.

—Não se surpreenda, *botão de rosa*. Nós aprendemos, muito inteligentemente na verdade —assinalou deixando o prato e o copo sobre a mesa—, de um livro de receitas culinárias. O que esperava? Reso e Clemo passaram por tudo, mas nós não. Deixamos a geladeira repleta de deliciosos pratos e sobremesas. E tem sorte de que não tenhamos um computador à mão como você, nem um carro nem nada parecido, senão, estaríamos fazendo todo tipo de maldades —o olhar de soslaio que lançou estava cheio de bom humor.

—Reso e Clemo estão fazendo guarda.

—Não acreditará isso, verdade? O tracio e o espartano estão babando pelo Audi TT negro conversível que há em frente. Estão imaginando como seria dirigi-lo. Sabe que cozinhar relaxa muito? Pois pelo visto, olhar carros também.

Ele começou a rir e esfregou a nuca com a mão.

[20] *Bolo de frutas.*

Dá a um homem um livro de direção e se juntam olhando um carro. Dá a uma mulher um livro de cozinha e vão e fazem um *plumcake* e uma limonada. Principal diferença entre homens e mulheres: As mulheres são produtivas e os homens vivem dos sonhos.

— Onde está seu tio, Gabriel? Vai levar um susto de morte quando nos encontrar aqui — passou o dedo pela escrivaninha e ficou olhando a tela.

—Vi na agenda de seu computador que ia procurar um animal de uma protetora de Wisconsin. Tem previsão de chegar amanhã.

— Não ficará chateado por ter mexido em computador? —Gúnnr brincou com um lápis do Futebol Clube Barcelona. Jaime era um grande seguidor.

—Nunca coloca senha, em nada. É muito confiante.

— Seu tio…? É uma boa pessoa?

—Das melhores —assentiu com a voz cheia de carinho— Se preocupa muito pelos animais e o meio ambiente.

— E se preocupou… com você?

—Sempre —Até que o Sargento o destroçou.

—Tenho a sensação de que, antes que morresse, já fazia muito tempo que não o via. — Não queria incomodá-lo com suas hipóteses, mas precisava conversar com ele. Gabriel parecia tenso, embora ninguém o notasse. Ele não respondeu, ficou em silêncio. Gúnnr lamentou que ele não se abrisse.

— Tem vontade de vê-lo? —Tocou a barra da parte inferior de sua camiseta negra.

—Sim —Não ia mentir nisso— Ele sempre foi importante para mim.

— E? —Esperou a que acabasse a frase.

—E tenho a sensação de que… De que falhei, de que o decepcionei.

Aí estava. O que aconteceu entre eles? O que aconteceu na família de Gabriel? Quem era ele antes de se converter no Engel?

Desejava conhecer todos os aspectos da vida desse homem.

— Por quê?— Gúnnr apoiou o traseiro na mesa, esperando que ele confiasse de algum modo nela. Que expressasse seus segredos, seus medos, suas vergonhas. Tudo. Via em seus olhos azuis que ele também o necessitava, mas uma barreira invisível impedia de se comunicar como queria.

—Não importa.

A pontada de decepção no coração de Gúnnr foi leve, mas a sentiu igual. Não pressionaria. Não o faria nunca. Levar às pessoas ao limite estava errado. Gabriel falaria com ela quando quisesse, embora ela desejasse que fizesse já.

— Sabe o que? —Disse ele mudando de assunto— Sei como nos deslocaremos no espaço através da tempestade elétrica. Sei o que você percebeu e o que é o pó dourado.

— De verdade? Conta.

—Chamam anti-matéria. Pelo visto, as tempestades elétricas criam partículas anti-matéria sobre elas. A anti-matéria é como uma espécie de buraco negro onde não há nada, não há forma, não há átomos de hidrogênio possíveis, portanto, não há matéria.

— Como um nada da história Interminável? — perguntou ela— Seu tio tem na livraria. Eu o li enquanto cozinhava —encolheu os ombros.

Ele sorriu com doçura.

—Sim. É exatamente como isso. A matéria e a anti-matéria eliminam uma à outra. Mas, parece, podem conviver em nossa dimensão, como no caso das tempestades elétricas, e então, criam as portas dimensionais, as quais estão constituídas por energia anti-matéria. Nós viajamos através dela— explicou pacientemente —e fomos parar no portal anti-matéria que estava abrindo em Chicago com a chegada do Mjölnir e a consequente tempestade elétrica que ele provoca. Poderíamos ter ido parar em qualquer outro lugar, Gunny, mas a anti-matéria da tempestade dos Quatro Cantos se conectou de algum jeito com a de Chicago. E sabe o que acredito?

Ela negou com a cabeça enquanto bebia da limonada de Gabriel.

—Acredito que seu sexto sentido nos trouxe aqui porque tem algum tipo de relação com o martelo de Thor— seus olhos inteligentes a analisaram de cima a baixo— Acredito que faz elo entre portais. Graças a você, todos pudemos viajar através do pó dourado. Está conectada ao Mjölnir a níveis que nem sequer entende.

—Não. Não entendo—reconheceu ela nervosa— Mas, ajudará a descobri-lo? Tampouco eu gosto de não poder controlar as coisas.

Gabriel tirou o copo das suas mãos e colocou os lábios sobre a marca dos lábios que deixou Gúnnr.

—Eu a ajudarei, Gunny.

Ela olhou a seu redor, melhor isso que ficar embevecida com a boca do guerreiro. Assombrou-se pela quantidade de livros que também havia nesse escritório.

—Deuses, morro de vontade de ler todos, sabe?

—Adiante. A leitura é conhecimento— convidou a que bisbilhotasse tudo o que quisesse.

—Tantra— disse em voz alta.

Gabriel se levantou mastigando um pedaço do delicioso plumcake, e tirou o livro da mão.

— *Ejoreno.*[21]

Ela franziu o cenho.

—Engula o que tem na boca, sujo. Não entendi nenhuma palavra.

Gabriel morria da risada. Deu um livro de etiquetas da senhorita Rottenmeier. Engoliu e pôs o livro no alto.

—Este melhor não— repetiu vocalizando corretamente— Não pode ler isto.

—Não me diga o que posso ou não posso fazer.

—É uma ordem.

Gúnnr ficou muito quieta e levantou uma sobrancelha.

—Isso não vai funcionar sempre, Engel. Além disso, somente precisa dizer a uma *Valkyria* que não pode fazer algo para que morra de vontade de fazê-lo. —cruzou os braços e se zangou como uma menina pequena— É ridículo.

—É o prazer do desafiou, Gunny. As pessoas gostam que deixem as coisas difíceis.

[21] *Ele fala de boca cheia, deve ser um palavrão, mas não da para saber qual.*

—Sei. Tem sorte de que seja mais baixa que você. Relaxe, não vou ler.

Gabriel assentiu. Deixou o livro na parte de cima da estante branca e mordeu o plumcake de novo para logo dar um gole à limonada.

—Está tudo muito bom, florzinha. Muito obrigado.

Ela levantou o queixo com orgulho enquanto repassava com o dedo os títulos da livraria.

—De nada. *O Porrete de Meu Namorado*— murmurou em voz mais baixa pegando o livro mencionado.

Gabriel abriu os olhos. Merda! É que aí não havia nem um livro decente? Seu tio era um pervertido? Levantou e cobriu a estante com seu corpo, abrindo os braços.

—Olha, sabe o que? Mudei de opinião. Não leia. Seja uma ignorante toda sua vida.

Ela pôs as mãos em seus quadris e apertou seus olhos.

—Está paranoico.

—Me deixe recomendar um livro, certo? Mas eu o escolherei.

— Por quê?

—Porque vi por aqui uns livros que minhas amigas adoram. Deixe-me ver — girou e moveu os livros com as mãos— Aqui. Olha este.

Gúnnr tomou o livro e por pouco vomita ao ver a capa.

—É uma capa muito feia.

—É um livro romântico. Fala de amor —melhor esse que o Tantra ou *O Porrete de meu namorado.* — Aileen gostava desses livros, e ela foi quem convenceu Ruth para que os lesse. Quando morri, elas já eram leitoras compulsivas do gênero.

Os olhos de Gúnnr se iluminaram e fixou seus olhos azeviches nos dele.

— Quer que leia um livro que fala de amor e não leia os outros que, muito seguro, falam de sexo? —perguntou inocentemente.

Gabriel se rendeu e baixou os ombros.

—Merda, florzinha. Às vezes me deixa sem argumentos.

Ela mordeu o lábio para ocultar seu sorriso, mas marcaram as covinhas das bochechas.

—Está bem, Engel. Lerei esta breguice para ver quais são os gostos de suas amigas. Mas espero não desperdiçar meu tempo com eles. Alguma vez leu um?

—Não, por favor. Todos são iguais— fez um gesto depreciativo com a mão— Falam de amores, beijinhos, príncipes que já não existem e essas panaquices.

— Seriamente? —A *Valkyria* olhava o livro sem ânimo— Não é bom vendedor. Mas quando o acabar direi o que me pareceu. Não necessita que dê uma mão aqui?

—Não, obrigado.

—Se quiser posso ficar fazendo companhia— insistiu com o trinco da porta na mão, e uma expressão esperançosa no rosto.

Merda. Não. Essa garota tinha que sair daquela sala porque ele, simples e sinceramente, estava morrendo de vontade de tocá-la. Desde que se beijaram em seu berço, seu corpo era como uma espécie de ímã para ele. Sentiu sua angústia diante desse pensamento.

A *Valkyria* o olhava com esses olhos enormes cheios de inocência e provocação, vestida

unicamente com aquela camisa de lenhador com a que parecia se sentir tão cômoda… Não usava nem calcinha nem sutiã.

Merda! Não pense nisso… Deixa que se vá!

—Obrigado, Gunny. Mas não preciso que me ajude.

Gúnnr mordeu o lábio inferior e seus olhos escuros se fundiram cheios de decepção. Fechou a porta com suavidade, deixando-o só com seus segredos.

Capítulo 10

Uma hora mais tarde, Gúnnr já tinha lido três vezes o maldito livro que Gabriel recomendou. E isso não era o pior. O pior era que tinha o corpo ardendo, pulsava a virilha e tinha os seios inchados e tão sensíveis que, quando a camisa roçava, ficava louca. Se esse livro era assim, não queria nem imaginar como eram os outros dois que Gabriel a proibiu de ler.

Ele ia matá-la. Passou uma longa hora. O relógio marcava meia noite. Bryn e Róta estavam adormecidas no sofá e as gêmeas transavam como possuídas com o tracio e o espartano. Gúnnr não tinha nem ideia do que estavam fazendo, mas nem eles nem elas podiam parar de gemer ou gritar, e para cúmulo, devido às descargas das *Valkyrias*, haviam atingido o fusível e se foi a luz. E graças a isso, deixou de ler, do contrário, ia ver quem ia ser o bendito que afastasse seus olhos de tão terrível vício literário.

Irremediavelmente, seu corpo despertou com a leitura e estava muito excitado. Tinha a pele muito sensível, a camisa roçava seus seios constantemente e o útero palpitava reclamando que algo o enchesse. O livro era muito explícito, a trama era genial, e aprendeu muito com ele. Também fez com as *sessões noturnas* que Freyja colocava no *Valhall*, mas uma coisa era ver a febre de um homem e de uma mulher em pleno coito, e outra muito diferente era sentir a febre nas própria carne, como agora acontecia.

Desde seu batismo, seu corpo despertou a uma nova dimensão de percepção e sensibilidade, e a libido conhecida nas *Valkyrias*, finalmente, estava-a açoitando também. Sua mente só podia pensar em um guerreiro, naquele que a solicitou, que se comprometeu com ela e que, embora não queria nada mais que um contato carnal, sim que exigiu ser o primeiro em tudo.

E ela estava decidida? Queria que Gabriel fosse sua primeira vez?

Seus hormônios gritaram*: Sim! Sim! Sim! É isso, garota!*.

Gúnnr agarrou o livro romântico e levantou do sofá.

Tudo estava em silêncio e às escuras. Ouvia gemer Sura, e logo choramingava Liba. E Reso e Clemo só grunhiam, como se fossem animais. E enquanto isso, Bryn e Róta dormiam feito pedras.

Pois grande situação. Supunha que tanto Gabriel como ela eram os únicos que, parecia, estavam escutando o escândalo das gêmeas.

Sorriu secretamente. Voltaria a assustar Gabriel.

Estava muito nervosa. Gúnnr engoliu saliva e subiu as escadas que davam ao andar de cima e mais ainda, ao escritório onde estava Gabriel. A luz se foi, era impossível que o Engel seguisse

trabalhando.

A tempestade elétrica seguia açoitando a cidade e, de vez em quando, a casa se iluminava pelos brilhos dos relâmpagos. A chuva seguia caindo, com menos força cada vez, mas repicava de um modo inquietante contra os vidros da casa.

Seus pés descalços deslizavam sobre o piso escuro, até que chegou à sala em que se achava seu *einherjars*.

Quando ia abrir a porta, Gabriel se adiantou e a abriu de repente. Usava um portátil MAC na mão direita, e a tela LED iluminava o atraente rosto. Parecia orgulhoso com ele mesmo, como se tivesse tudo sob controle.

Ele franziu o cenho ao vê-la, e, em um ato reflexo, ela elevou o livro e o pôs diante do rosto.

— Ficou louco? —Recriminou sacudindo o livro diante de seu nariz.

Gabriel observou Gúnnr. Tinha as bochechas vermelhas e os olhos azeviches desprendiam um brilho sedutor.

— Acabou o livro? —Perguntou com naturalidade.

Gúnnr passou a língua pelos lábios e Gabriel sentiu que ficava duro de repente. Mãe do amor bonito. Foi como uma explosão. Um pequeno gesto e já estava enrijecido.

Fechou os olhos, ajustou a porta da sala e passou pela frente de Gúnnr.

—Vou dormir no sótão do apartamento de cobertura. Já fiz tudo o que tinha que fazer e não quero escutar como Reso e Clemo transam com as gêmeas. —Deu uma olhada à camisa de lenhador de Gúnnr. Como podia estar tão bonita com ela? Se em cima a fechou até o último botão! Queria manuseá-la, tocá-la por todos os lados, mas ela passou por muito nas últimas horas e ele não queria se aproveitar da situação. Estar a sós com Gunny não ajudava a manter a calma— Amanhã será um dia muito longo, florzinha. Vá descansar.

Gúnnr se irritou. Ela estava ardendo, o culpado de seu estado era ele e ele a enviava para dormir? Ah, não. Nem pensar.

—Enganou-me.

— Como? —girou sem compreender nada.

Gúnnr deu dois passos para ele e esmagou o livro no musculoso peito.

—Riu de mim. Antes não me queria dar nem o Tantra nem O Porrete de meu namorado e vai e me dá isto? —Gritou histérica. Seus olhos se tornaram vermelhos por completo, mas sacudiu a cabeça, tomou uma inspiração e retornaram a seu estado normal.

—É uma historia romântica. É de amor…..É rosa, não?

Gúnnr compreendeu então que ele não tinha nem ideia do que entregou. Por que os homens não se incomodavam em ler aqueles livros que despertavam secretas fascinações em suas mulheres?

Sorriu e sacudiu a cabeça. Deuses, Gabriel estava tão bonito… E doíam tanto os seios!

—Gabriel. —moveu-se muito rápido.

Ele não a viu vir.

Agarrou-o pela camiseta negra e o chocou contra a parede.

Os olhos do guerreiro se obscureceram e adquiriram a cor do ônix.

Era uma reação natural de um *einherjars* à ameaça e à ação. E era também uma reação muito pessoal para Gúnnr. O *einherjars* levantou uma sobrancelha loira e insolente e elevou os braços em sinal de desarmado.

— O que é o que tanto a incomodou, florzinha? Leia um parágrafo.

Gúnnr soltou e olhou as mãos como se não soubesse o que a havia possuído para tratá-lo assim.

—Não penso ler nenhum parágrafo.

Gabriel sentia o pênis a ponto de explodir. Gúnnr o deixou a mil com essa demonstração selvagem cheia de iniciativa. Chocou-o contra a parede. Por um momento pensou que ia comê-lo, e ele teria morrido feliz por isso.

—Vamos, florzinha. O que te deu tanta vergonha? —Sorriu malicioso— É impossível que nesses livros escrevam nada mais forte que nos outros dois que tirei das suas mãos.

—É muito ignorante — respondeu respirando agitadamente e olhando-o de cima abaixo— Suas amigas não são umas santas, sabe?

Gabriel sentiu em seu corpo o olhar abrasador de Gúnnr. Parecia ou não que Gúnnr estava tão excitada como ele? Que merda acontecia? Sem parar para pensar, agarrou-a pela mão, puxou-a e subiu as escadas.

— Aonde vamos? —Gúnnr não deixava de olhar quão bem ficavam suas mãos juntas. Ele era tão masculino, tão grande, completamente diferente a ela.

—A meu lugar secreto. Se quiser dormir, é o único lugar onde não ouvirá os ruídos desses selvagens fornicadores. As paredes estão protegidas do som.

Tentou se soltar de seu aperto. Ela queria recriminá-lo porque lhe deu esse tipo de leitura tão aditiva, sobretudo, se não tinha intenção de apagar a fogueira que queimava em seu interior.

Ele desceu uma porta do teto e puxou umas escadas metálicas. Subiu e obrigou a *Valkyria* a que o seguisse. Uma vez no sótão, fechou a porta com os ferrolhos interiores.

Gúnnr olhou o teto. Era todo de vidro, e se viam as nuvens espessas, a água cair e os raios iluminando o céu. Aquele sotão não teria mais de vinte metros, mas era quente e acolhedor. Havia uma cama de casal no centro, com um edredom branco nórdico e almofadas negras em cima. Em um lado havia uma estante de cor wengé, e ao lado desta um espelho de corpo inteiro. No outro lado, uma televisão enorme de tela plana embutida na parede. E, além disso, havia um banheiro com ducha e tudo. Como em uma suíte.

—Está tudo quase como lembrava —disse Gabriel com a voz cheia de calor.

Sobre a estante havia dois copos de vidro vermelho com umas velas em seu interior. Acendeu as velas com os fósforos que havia ao lado e as deixou perto da cama. Estava quase tudo como lembrava, mas Jamie deu um toque muito chique e romântico a seu refúgio. A estadia se cobriu de uma tonalidade rosada, excitante e cheia de segredos.

Em seguida, deixou o notebook em um pequena mesa que havia em um canto. Como ainda tinha bateria autônoma, clicou o ícone do Itunes e pôs um pouco de música para relaxar sua *Valkyria*.

Seu tio Jamie tinha umas preferências musicais muito *ternas*, mas ele não ia se queixar. Não

pensava deixar escapar Gúnnr. Não essa noite, e qualquer ajuda para que ela se sentisse cômoda era bem recebida.

—Aqui passei muito bons momentos, sabe? —Caminhou para ela— Em minha cabana secreta poderemos descansar sem que nos incomodem.

— Sua cabana secreta? —*Que bonito. Fala como um menino pequeno*— Não quero dormir, Gabriel —deixou claro. Não queria dormir com ele porque não estava segura de que pudesse se conter e não tocá-lo como ela desejava.

—Desprende calor, Gunny. —inclinou sobre seu ouvido e cheirou seu pescoço— É tão inocente. Mas leia uma parte desse livro que fez que se ruborizasse desse modo.

Os joelhos de Gúnnr se tornaram gelatina. Sobressaltada negou com a cabeça.

—Por favor, Gunny. —Roçou o lóbulo da orelha com o nariz, e ela estremeceu.

—Não faça isso —sussurrou e engoliu saliva.

— Que não faça o que? —Repetiu o mesmo movimento e notou que ela tremia— Tem as orelhas muito sensíveis, verdade? —Sorriu enternecido e acariciou-lhe os braços com suas imensas mãos— Deixe escutar algo do que leu, por favor. Não pode ser para tanto…

Ela se girou muito lentamente para ele e cravou seu olhar no seu.

—Não é boa ideia.

—Sim, sim que o é. Leia isso Gunny —insistiu ansioso por ouvi-la narrar algo daquela historia que a incomodou— É uma ordem.

A *Valkyria* elevou as sobrancelhas negras e seus lábios desenharam uma fina linha de frustração. Muito bem, se isso era o que ele queria… Encolheu os ombros e abriu o livro, procurando por uma página cujo canto dobrou para ler mais tarde a Bryn e Róta. Deu um último olhar a Gabriel e dispôs a ler:

—Ela olhou seu….

—Não, não —Gabriel sorriu como um pirata— Quero entonação e tudo. Sente o que lê —disse exageradamente. Adorava provocá-la.

—Como quiser. —Esse homem não tinha nem ideia, ia lhe arrebentar uma veia do cérebro quando escutasse o que ela ia entoar em voz alta.

—Boa garota.

Sim, sim. Muito bom, pensou cheia de regozijo.

—*Ela olhou sua enorme ereção. Não caberia na boca. Impossível! Passou a língua pelos lábios e sorriu. Inclinou-se para frente e lambeu a imensa cabeça do pênis úmido de líquido pré-seminal que…*

— Mas que merda é isto?! —Gabriel tinha os olhos como pratos. Arrancou o livro das suas mãos. Estava vermelho como uma cereja. Ele sim que tinha uma ereção! — Merda! —Olhou as páginas — é o que leem Aileen e Ruth? Não posso acreditar nisso… O que aconteceu com *o dou-lhe um beijo de boa noite e não irá transar comigo até estivermos casados*?! Como elas podem ler isto?!

—Só é um livro romântico, não? —Grunhiu. Zangada com ele por obrigá-la ler, e zangada consigo mesma por se sentir tão acesa, passou por seu lado e o empurrou. Mas quando estava a

ponto de abrir a porta do sótão para ir dali, Gabriel a agarrou pela cintura e a grudou a seu corpo.

—Agora não vai sair daqui, florzinha.

—Já li isso.

—Não sabia que o livro era assim.

—Óbvio. Deixa que vá.

— Por quê? —Sussurrou em seu ouvido.

—Porque não posso dormir com você. Já disse que não tenho sono — disse, olhando-o por cima do ombro, rogando que entendesse seu estado ou que, no mínimo, o adivinhasse, porque ela morria de vergonha se tinha que explicar o que acontecia— me solte.

Ele não o fez, ao contrário, sorriu compreensivo e a abraçou pela cintura, grudando sua ereção na parte baixa das costas de Gúnnr.

—Eu tampouco tenho sono. O livro alfinetou você, Gunny? —sussurrou afundando o rosto no pescoço da *Valkyria*. Com ela podia ser direto, era sua amiga, com a que brincou durante mais de um ano no *Valhall*. Com ela podia falar de qualquer modo porque havia confiança para fazer— Por isso está zangada, pequena?

Ela apertou os dentes, mortificada pelo que essas palavras provocavam em seu corpo.

—Gabriel…

—Não posso deixar que saia daqui —ele sussurrou acariciando seus quadris, transmitindo o calor das palmas de suas mãos através do algodão da camisa— ia deixá-la tranquila hoje, mas vai ser impossível. Desde ontem de noite não deixei de pensar em você. Em nós, abraçados na água e nos dando esse beijo mortal que demos.

— Você pensou em mim? —Deslizou as mãos por suas coxas e as penetrou por debaixo da camisa. A levantou ligeiramente, até cobrir seu estômago nu com suas mãos— Meu Deus, Gunny. É tão suave…

Ela engoliu saliva e fechou os olhos. Apoiou a cabeça em seu peito e deixou que ele a tocasse e a acariciasse. Gabriel respirava profundamente e esfregava contra suas costas procurando um contato intencionado que a deixava a mil.

—Quero tocá-la por todos os lados, florzinha. Deixará?

Um relâmpago iluminou o escritório, e ela pôde ver a imagem que faziam os dois juntos no espelho de corpo inteiro que havia na parede.

Estava nua da cintura para baixo. Podia ver o triângulo de pelo púbico de cor negra, os quadris, a estreita cintura, as esbeltas e pálidas coxas… E ao guerreiro loiro, atrás dela, acariciando seu ventre com as mãos, tremendo de necessidade, e olhando-a com avidez através do espelho. Deuses, como a olhava! Seus olhos se conectaram, os dele negros de desejo, os dela vermelhos de paixão. Completamente vermelhos.

Bum! Eles ficaram ligados um no outro.

—Fale comigo, pequena.

—Gabriel, eu… Vinha brigar por deixar que lesse algo assim e logo por fazer que desejasse que fosse você quem me fizesse todas essas coisas — disse ela com voz tremente.

Ele sorriu e premiou aquela sinceridade com uma carícia atrevida quase até o púbis.

— Quer que faça tudo o que fez a protagonista desse livro?

Gúnnr engoliu saliva.

—Acredito que sim —choramingou desesperada.

—Me responda com um sim ou não — ordenou. Precisava ter os sinais muito claros.

—Sim.

— Serei o primeiro, então? —Beijou-a no pescoço com muita delicadeza— A primeira vez é muito importante, florzinha. Vai se dar para mim?

—Sim, Gabriel… dou isso a você.

Os dois ficaram em silêncio. A voz de Celine Dion com seu *Let your Heart Decide* e o som da chuva ao golpear os vidros rompiam a quietude.

— Por quê? —Perguntou Gabriel. Ele sabia o porquê. Mas queria ouvi-la dizer. Seu ego precisava escutar que uma mulher como ela queria tudo o que ele pudesse oferecer, embora ele não estivesse disposto a reclamar nada dela em troca. As mulheres humanas não o levaram a sério, uma vanira girou seu cérebro, isso sim, mas uma *Valkyria* o escolheu para que fizesse amor pela primeira vez. Que terno— Quero ouvi-la dizer isso, Gúnnr. Só estamos você e eu.

I understand that you're met someone
With a perfect heart
But you're been questioned by everyone
Are you in the dark?
Can you choose to fall
Should you risk it all?[22]

—Porque —engoliu saliva de novo e se armou de coragem— inclusive antes de conhecê-lo, meu coração já decidiu que ia ser para você.

Ele a olhou nos olhos e enrijeceu.

Sabia o que ia acontecer. Seu piloto automático, que estava funcionando, quis se afastar emocionalmente dessa situação, de Gúnnr, mas ela não permitiu e lhe rodeou o pulso com força.

—Não tem problema, Gabriel. Tenho as coisas claras, sei o que há entre nós e o que não pode haver —e embora doesse horrores, aceitaria, porque ele era o único que sempre importou a seu mutilado coração— Só tome, sem compromissos, sem promessas. Você e eu. Como deve ser.

Gabriel se sentiu humilde, orgulhoso e possessivo, um coquetel de emoções fortes e contraditórias. Gunny dava a ele um presente maravilhoso, um que ninguém o deu. Escolher a ele por cima de outros. Nunca se deitou com uma virgem, e depois do ostracismo sexual ao que voluntariamente se entregou, agora a pequena e doce *Valkyria* dava o presente mais bonito que podia entregar uma mulher. Declarou que não a machucaria. Se sua *Valkyria* fazia isso era porque tinha sentimentos por ele, por essa razão Gúnnr queria fazê-lo com ele pela primeira vez. Era uma mulher sincera e honesta, não havia nenhum tipo de manipulação nela. E seu gesto era algo que

[22] *Eu entendo que você conheceu alguém, com um coração perfeito,mas você tem sido questionado por todos,você esta na escuridão?, você pode escolher cair, você arriscaria tudo?*

ele ia entesourar para sempre.

—Nem Chosobis, nem merdas… —grunhiu apertando o quadril, desejoso de marcá-la como desejava— Ninguém, só eu?

—Só você —sussurrou encorajada por seu grunhido possessivo— Toque por onde quiser, Gabriel — disse ela ao reflexo do espelho. Queria que seu Engel soubesse o que acontecia e entendesse que não era fácil para uma mulher como ela, desconectada durante toda sua vida das emoções *Valkyricas*, anestesiada emocionalmente, despertar de repente e reconhecer aquela debilidade— Isto não me aconteceu nunca, mas não sei como me comportar com esta sensação percorrendo meu corpo. É como se não tivesse controle de mim mesma. Queima e me dói por toda parte.

How am I gonna stop it if you wanna give it all to love
When I'm on your side?
And I understand you're the only one to know
Whether wrong or right
Let your heart decide[23]

O guerreiro parecia que crescia diante daquele convite.

Gabriel levou as mãos lentamente aos botões da camisa. E os desabotoou um a um, aumentando a tensão entre eles.

—Vai deixar que eu faça o que eu quiser. —Não era uma pergunta.

— Precisa dar ordens também nisto? —Perguntou colocando suas mãos sobre as dele.

—Está se entregando para mim, florzinha. Eu cuidarei de você, mas neste quarto, neste momento, mando eu.

Ele mandava? O que queria dizer com isso? Não importava. Ela necessitava que fizessem amor. Amor e não sexo, mas se conformaria com o que fosse.

— Ouço um sim? —Deslizou uma mão em direção a seu peito, mas parou. Não continuaria até não deixar as coisas claras.

—Sim, Gabriel —disse ela com a pele arrepiada. Por Freyja, necessitava que roçasse e tocasse sua pele.

Ele sorriu cheio de segurança e agradecimento e abriu a camisa por completo. Os pequenos seios de Gúnnr, pálidos e de mamilos rosados, estavam inchados pela excitação. Retirou a camisa dos elegantes e graciosos ombros e a baixou até os braços, expondo seu corpo por completo.

Ela tremeu e abriu os lábios para tomar ar. Sua caixa torácica se expandiu e isso fez que elevasse o busto.

Gabriel roçou seu pescoço com os lábios enquanto olhava Gúnnr através do espelho.

—Olhe que bonita é. Tem um corpo que poderia me pôr de joelhos.

Mas não o põe de joelhos, pensou Gúnnr.

[23] *Como eu vou para se você quer dar tudo ao amor, quando eu estou ao seu lado?, e eu entendo que você e o único que sabe, seja certo ou seja errado, deixe seu coração decidir.*

Estava bem o que fazia? Entregar-se a um homem que entregou o coração a outra mulher era algo que sua alma *Valkyria* aceitaria? As *Valkyrias* não admitem ser relegadas a um segundo plano, como se sentiria ela? Arriscava muito? A letra da canção passou sua couraça. Gostava do que cantava essa mulher de voz tão bonita.

Some may tell you don´t take the risk
It's a waste of time
But if you think you'll find happiness
Baby take the dive[24]

Gúnnr apostava por ela mesma, e ia apostar tudo ou nada pelo vermelho. Seu vermelho. O de seu olhar aceso como a desse momento.

Embora, apostar por ela não evitou que, por um momento, desejasse ter olhos verdes elétricos e cara de gata, e o cabelo mais escuro e negro como a noite. Daanna era assim, como uma mulher pantera, tal e como disse ele uma vez. E por todos os deuses, como odiou essa veneração em sua voz. Por um momento desejou poder beber sangue e dar a Gabriel o que ele na realidade desejava. Por um momento…

Por Freyja! Gabriel cobriu-lhe um seio com a mão e o acariciava com reverência. Ela fechou os olhos, e todos os pensamentos sobre se rebaixava ou não ao aceitar o pouco que ia dar Gabriel ao se entregar a ele, desapareceram rapidamente e todos seus sentidos se centraram nas mãos dele.

…Whether wrong or right
Let your heart decide…[25]

Gabriel o massageou com desejo e elevou a outra mão para cobrir o outro seio.

Ela pôde ver como abria a boca para lamber seu pescoço, e sentiu que ficava sem forças quando sua pele e seu cérebro processaram essa sensual lambida. Ele sorriu, sabedor do que provocava nela, e então elevou a boca até sua orelha. Mordeu a parte bicuda e ela o premiou com um tímido gemido.

— A tocaram alguma vez, Gunny?

Gúnnr abriu os olhos de repente. Tinha-os tão vermelhos que pareciam um semáforo. Umedeceu os lábios com a língua.

— Me tocar?

O olhar dele se tornou completamente negro.

—Aqui —esfregou um seio— Ou…—Sua outra mão desceu pelas costelas, o ventre, até cobrir seu sexo por completo— Aqui.

Ela respirava alterada pelo contato. Ficou muito rígida. Gabriel tinha a palma da mão tão

[24] *Alguns podem te dizer para não correr o risco, é perda de tempo, mas se você acha que encontrará felicidade, baby vai fundo.*
[2525] *...seja certo ou errado, deixe seu coração decidir...*

quente que sentiu como se a cobrisse com um pano ardendo. Estava tocando-a entre as pernas, e o fazia com suavidade.

—Não vou dizer isso.

Ele beliscou o mamilo com o dedo indicador e polegar, e o puxou com força.

— Gabriel! — *Deuses, que faça outra vez!*

—Isso é um sim.

Ela abriu os olhos quando sentiu o dedo anelar do Engel acariciar sua fenda e inundá-la entre seus lábios inferiores, sem chegar a penetrá-la.

Estava vendo no espelho tudo o que ele fazia, como se movia essa mão morena entre suas pernas e como fazia que se umedecesse. Ele tinha que notar o muito que gostava disso.

—Garota má… —murmurou beijando-a atrás da orelha, sem deixar de acariciá-la— Está molhada, meu bem. Mmm… que gostoso, merda.

Gúnnr estava em choque. Ardiam as bochechas e podia sentir como as presas cresciam timidamente e apareciam entre seus lábios superiores.

—Deixa-me duro ver sua boca assim, Gúnnr. Tem uns lábios preciosos, em forma de beijo. Dê-me sua boca. — seu dedo brincou com o estreito orifício de entrada de seu sexo, e logo subiu até rodear e acariciar seus clitóris, inchado e palpitante— Gira a cabeça, Gúnnr, e me dê um beijo.

Ela girou a cabeça obediente, elevou um braço e rodeou-lhe o pescoço com uma mão enquanto que os dedos da outra se cravavam no pulso da mão de Gabriel que manuseava em sua virilha com tanto descaramento e tanta liberdade.

Ele rugiu e baixou a cabeça até segurar o lábio inferior com os dentes. Brincou com ela, acariciava seus lábios uma e outra vez, mas não a beijava como ela queria.

Gúnnr ficou nas pontas dos pés e acoplou sua boca a dele, dando a entender que não gostava que a tivesse em brasas.

—Deixa de jogar… —Se queixou ela.

Gabriel apertou o dedo anelar contra seus clitóris e ela soltou um pequeno gemido.

O Engel deixou de torturá-la e a virou.

Gúnnr ficou de frente a ele, tremente, e ele cravou sua vista no espelho. Queria ver-lhe o traseiro, mas a camisa o impedia. A tirou pela cabeça mediante pequenos e exigentes puxões, e lançou a camisa sobre a colcha.

—Minha mãe, Gúnnr. Não imaginava que fosse assim —deslizou as mãos por aqueles quadris tão femininos e tão bem feitos, enquanto olhava com olhos famintos aquelas nádegas perfeitamente moldadas que se refletiam no espelho. Levou suas mãos até elas e as acariciou de maneira egoísta e possessiva. Retirou o cabelo de suas costas e o pôs todo sobre um ombro. As tatuagens estavam de uma cor vermelha furiosa, brilhante e chamativa. Ele sorriu e algo em seu interior emitiu um grito de guerra. A *Valkyria* sempre saia muito coberta no *Valhall*, elegantemente vestida e feminina, mas não saia como, por exemplo, Róta e Bryn, que mostravam mais pele que tecido— Me alegra que se cobrisse no *Valhall*.

O elogio fez efeito nela, e sem saber por que, relaxou. Sorriu, ficou nas pontas dos pés e rodeou-lhe o pescoço com as mãos.

—Eu gosto que se alegre — disse ela ao seu ouvido. Afundou o rosto em seu pescoço e o beijou apaixonadamente na jugular.

Gabriel entrecerrou os olhos e sentiu que seu pênis ficava ainda mais duro. Certo, e achava que tinha que ser terno com essa garota? Se só vê-la nua o estava matando.

As costas de Gúnnr era toda uma escultura, suas pernas eram perfeitas e seu traseiro merecia que o assegurassem. A besta queria fazer com ela, como todos seus instintos e seus desejos selvagens clamavam, mas não podia ser assim em sua primeira vez. Não ia traumatizá-la.

—Me dispa — ordenou ele.

Gúnnr foi rápida e veloz. Afastou-se ligeiramente e tirou-lhe a camiseta negra pela cabeça. Gabriel elevou os braços para que ela a pudesse tirar com mais facilidade.

Morro, pensou ao ver seu torso musculoso e moreno. Passou as unhas pelo peito e as deslizou até o cinto da calça jeans. Levou os dedos ao botão dianteiro e o desabotoou sem deixar de olhá-lo nos olhos. Ele parecia hipnotizado por ela.

Os olhos de Gúnnr sorriram e ele sentiu que ficava sem ar. Um sorriso doce em um rosto de olhos vermelhos era um contraste enlouquecedor, e por pouco fez Gabriel ejacular. Era como o rosto de uma diaba atrevida e virgem que o tentava até a morte. Seu cabelo chocolate cobria seu seio esquerdo e sua franja longa seguia dando um toque cândido que fazia que se sentisse como um pervertido. Mas Gúnnr era uma mulher, não uma menina.

Desceu-lhe as calças pelos quadris e seu enorme pênis se liberou da restrição e saiu pesado e grosso para diante. Não usava cueca. Gabriel acabou de tirar a calça a chutes e a lançou a um canto do quarto.

A garota não pôde evitar estremecer ao ver o tamanho do membro de Gabriel.

—Por todos os… É impossível que…

Gab cobriu seus lábios com um beijo ardente e úmido. Obrigou-a a abrir a boca e colocou a língua, gemendo como se adorasse seu sabor. Ela se agarrou a seus ombros e recebeu as estocadas de sua língua com prazer. Tirou a sua e a escondeu de novo, para surpreender Gabriel e sugar a língua. Cravou os dedos nos quadris e logo levou suas mãos até as nádegas, obrigando-a a ficar nas pontas dos pés para que se acoplasse melhor àquele beijo abrasador.

Ela sentia sua ereção, que se cravava em seu umbigo. Era suave e quente. Grande. Muito grande. De fato não estava segura de que isso pudesse entrar nela. Tudo era possível, o corpo da mulher era muito flexível, por aí saíam cabeças humanas enormes, assim, por essa regra de três, podiam entrar pênis de tamanhos consideráveis, mas essa teoria não a tranquilizava.

De repente, sentiu que o mundo dava voltas, e se encontrou deitada sobre a cama, que cheirava a limpo e a pinheiro. Gabriel estava estirado a seu lado, com aquele corpo de Adônis nu e ardente. Pegou seu rosto com desespero e a beijou como se fosse seu ar para respirar.

Gúnnr tentou se afastar para tomar oxigênio, mas ele a mordeu no lábio. Ela gostou tanto quanto a enervou e o mordeu em resposta, cravando as presas.

— Oh, merda! —Exclamou ele, surpreso, levando os dedos ao lábio inferior— Tenho que te domar, tem os dentes muito compridos.

Ela respirava agitadamente e o olhava receosa e expectante. Teria gostado?

—Você me mordeu primeiro… Eu… Minhas presas… Não as posso esconder. Quando estou com você saem.

—Chist. Eu gosto — acariciou seu quadril com os dedos— Morda-me o quanto quiser, Gunny — disse passando a língua por seus lábios. Levou uma mão à vagina de Gúnnr e voltou a acariciar, medindo-a levianamente com um dedo— Precisará morder qualquer coisa, e eu estou mais que disposto a ser seu mordedor, meu bem. —Então introduziu um dedo em seu interior.

Gúnnr abriu os olhos e jogou a cabeça para trás. Isso não era normal. Sentia milhares de espasmos em seu útero, e uma queimação prazerosa que pedia a gritos que a enchessem com algo maior.

Ele a beijou de novo e engoliu seu grito quando colocou um segundo dedo e começou a rodá-los, para prepará-la e distender aquele diminuto buraco pelo qual ele ia possuí-la. Introduziu mais os dedos até que se deparou com o hímen. Queria, poderia rompê-lo com eles e evitar a dor da primeira penetração. Começou a tocá-lo, e fazer um movimento de tesouras com o anular e o indicador, mas então ela se esticou e se queixou em sua boca.

—Não, Gabriel — pediu, entendendo instintivamente o que ele pretendia fazer— Com você —puxou-lhe os quadris para que se recostasse em cima dela.

Ele ficou quieto. Sorriu e obedeceu.

—Se relaxe, florzinha — pediu, colocando-se entre suas pernas abertas. Surpreendia o modo em que ela confiava nele. Faria bem. Daria-lhe um presente que também pudesse valorizar.

Um raio iluminou o quarto e um trovão retumbou na distância.

Gabriel cobriu seu ventre com a mão esquerda, e deslizou o polegar para acariciar e excitar seus clitóris; com a outra, tomou a base do pênis, acariciando preguiçosamente.

Gúnnr meneava os quadris e acariciava os bicos do peito com os polegares. Desejava tê-lo bem dentro.

Gabriel parou e a olhou fixamente.

— Está assustada?

Gúnnr sorriu com acanhamento, mas aqueles olhos falavam de uma segurança espantosa.

—Confio em você. Só em você.

Uma estranha sensação percorreu seu peito, e se inchou como um galo. Gabriel lhe acariciou a vagina de cima abaixo com a inchada cabeça de seu pênis, e ela emitiu um gritinho cheio de prazer. Viu como a *Valkyria* fechou os olhos e mordeu o lábio com os dentes. Merda, estava muito úmida. Inclinou-se e levou um mamilo de Gúnnr à boca. Ela rodeou sua cabeça com os braços, atraindo-o mais perto de seu corpo, como se quisesse absorvê-lo.

Gabriel passou a língua pelo mamilo e o rodeou repetidas vezes. Fechou a boca de novo e o mordeu e sugou com ferocidade. Levantou a cabeça para soprar ar frio e ver como o mamilo se avermelhava e se levantava reclamando mais cuidados. Ele lançou a dar todas. Trabalhou-o até que esteve bem erguido, e quando Gúnnr tinha o seio tão sensível que um toque de seus lábios provocava dor, presenteou seus cuidados ao outro seio.

—Poderia gozar com apenas chupar seus seios. —grunhiu com desejo.

Gúnnr sentia que ia explodir. Gabriel a estava matando aí abaixo, e sua boca ia liquidifica-la

se seguia mamando-a desse modo. Estava muito úmida e os dedos do *einherjars* escorregavam sobre sua sensível pele.

—Não… Não posso mais. Preciso de você, Gab — disse meigamente.

Nunca utilizou esse diminutivo com ele, mas saiu da alma. Era o Engel, seu guerreiro, seu líder, seu amante e também seu amigo.

Gabriel elevou a cabeça. Tinha os lábios inchados de tanto usá-los, os olhos negros como a noite e o cabelo loiro caía em lindas ondas pelo rosto e o pescoço. Estava morto de desejo. Parecia um animal indomável e selvagem que era capaz de tudo, com tal de conseguir seu objetivo. E ela era seu objetivo.

Gúnnr acariciou seus feições e se levantou para beijá-lo.

Ele abriu a boca e a recebeu. Acomodou-se entre suas coxas, e levou a opulenta cabeça inchada de sua ereção ao estreito buraco de Gúnnr. Moveu os quadris para diante, só um pouco, até sentir que fazia a pressão justa para se colocar com cuidado em seu interior. Sentiu uma chicotada de prazer elétrico na base de sua coluna vertebral. Merda! Era puro fogo.

— Deuses! —Exclamou ela fechando os olhos.

—Não. —Gabriel soou muito imperativo. Estirou em cima dela, e colocou os dois antebraços apoiados no travesseiro a cada lado de sua cabeça. Obrigou-a a abrir os olhos enquanto abria mais as pernas com as coxas— Olhe. Estou possuindo-a, Gúnnr.

Ela abriu os olhos e os cravou no charmoso rosto do Engel. Era dominante e ao mesmo tempo se preocupava muito com ela e com suas necessidades. Um guerreiro humano muito especial e inteligente, um *einherjars* de Odín que estava roubando seu coração com sua ternura e sua delicadeza. Soluçou quando sentiu que a cabeça já estava dentro e a distendia dolorosamente. Gabriel bamboleou os quadris de um lado ao outro, para frente e para trás, para fazer lugar e acariciar todas as terminações nervosas da *Valkyria*.

—Está tão apertada… —Sussurrou morto de prazer— Me aperta como um punho.

Ela começou a tremer. Aquilo era muito incômodo. Se Gabriel seguia olhando-a assim, não só a possuiria em corpo, mas sim que acabaria entregando também a alma. Olhava-a como se realmente o importasse, como se o fascinasse tanto como ele a ela.

Gabriel avançou até que encontrou o hímen. Apertou os dentes e cravou os dedos no travesseiro. *Lento, cara. Lento*. Beijou Gúnnr com desespero e ela colocou os dedos no cabelo dele para atraí-lo mais a sua boca. Adorava beijá-lo. Adorava que ele a beijasse com tanta intensidade.

—Se machucá-la, morda-me. —disse sobre seus lábios.

Sem avisá-la, puxou-a pela coxa e a abriu para penetrá-la até o fundo de um empurrão.

Gúnnr sentiu um relâmpago em seu útero. O útero ardia e queimava. Puxou o cabelo de Gabriel e o mordeu na garganta enquanto gritava e começava a chorar desconsoladamente.

Ele ficou muito quieto, dando tempo para que ela se amoldasse a sua posse. Rompia o coração escutá-la chorar, viu-a chorar alguma vez? Não lembrava. Sua Gúnnr era muito forte e reservada. Não gostava da debilidade. Mas seu pequeno corpo se estremecia e emitia pequenos gemidos cheios de vulnerabilidade que o matavam e o cortavam por dentro, e isso ele não podia permitir.

—Meu bem, não chore, por favor… — disse. Tentou retirar a cabeça para olhá-la nos olhos, mas então percebeu que Gúnnr não só o mordeu, mas também havia cravado as presas em sua garganta e não o soltava. Sentiu um puxão exigente em seu couro cabeludo e, indescritível, percebeu um lambida ali onde ela o pegou como um cão de presa ciumento de sua comida. A *Valkyria* já não chorava, agora só emitia tímidos sons indefesos, mas movia os quadris para frente e para trás e o estava acariciando com suas paredes vaginais— Continuo?

A jovem moveu os quadris em assentimento.

O cérebro de Gabriel sofreu um curto-circuito. Ela gostava. Estava gostando disso, gostava de senti-lo dentro dela. Retirou-se ligeiramente e voltou para a carga, penetrando-a até o fundo.

Gúnnr soluçou, liberou Gabriel e jogou o pescoço para trás, expondo toda a garganta.

Gabriel investia com força comedida. Não queria machucá-la. Pegou Gúnnr pelo cabelo e a olhou diretamente nos olhos.

—Me olhe, meu bem. Você gosta? —Perguntou enquanto rodava os quadris e chegava a um ponto que fazia que as negras pupilas de Gúnnr se dilatassem.

— Oh, sim! — passou a língua pelas presas e o atraiu até ela para beijá-lo nos lábios. Puxou seu lábio inferior e rodeou sua cintura com as pernas.

—Assim, querida. Muito bem. —Ele agarrou suas nádegas com força, e a apertou contra ele, enquanto não deixava de investi-la cada vez mais forte e com mais decisão— vamos deixar isto bem quente.

Gúnnr o mordeu com força na clavícula e sentiu que o pênis de Gabriel se endurecia e crescia em seu interior.

— Merda! —Gritou ele fechando os olhos— Tem fome, não é…—Suas arremetidas eram cada vez mais poderosas. De repente um raio caiu sobre suas largas costas. Sobre suas costas? Gabriel morreu de prazer.

Gúnnr o mordeu no peito enquanto enfiava-lhe as unhas nas nádegas e arranhava a pele dos ombros. Ele se colocou de joelhos no colchão, sentou-se sobre seus calcanhares e a levou com ele, sentando-a em cima.

A *Valkyria* o olhou com os olhos completamente vermelhos e franziu o cenho ao sentir a dolorosa invasão mais profunda que essa posição facilitava.

— Espera!

Gab ficou muito quieto, segurando-a pela cintura para frear as estocadas.

— Pode fazê-lo assim? —Perguntou ele mordendo o queixo dela com suavidade— Faz assim. Mova-se comigo.

—Dói —se queixou ela enredando seus dedos em seu cabelo loiro.

—Também me doem suas dentadas, meu bem. Mas eu gosto. Você gosta disto? —Moveu-a acima e abaixo para que ela notasse tudo o que albergava dele nela— Olha. Olha para baixo.

Gúnnr lambeu os lábios e examinou a visão Havia uma mistura de cabelo loiro e negro, haviam se unido por completo.

—Não vejo você.—disse ela.

Gabriel começou a rir, e lhe rodeou as nádegas com as mãos, ainda sem se mover.

—Estou todo dentro de você —beijou sua bochecha— Ainda dói?

Gúnnr rodou os quadris, concentrou-se nas sensações que tinha em seu interior e encolheu os ombros. Ele se esforçou por não ejacular ante aquele movimento de dança do ventre tão bem executado.

—É grande —disse presenteando os ouvidos ao *einherjars*. Mas o dizia de verdade— Me dói, mas eu gosto. —Deslizou um dedo pelo reto nariz de Gabriel e logo o acariciou nos lábios— Eu gosto. —Sorriu, abraçou-o e afundou seu rosto em seu pescoço— Se mova, Gab.

Ele não esperou outra ordem. Investiu-a com potência, mas também com muito cuidado. As estocadas eram firmes e certeiras. Chegava ao colo do seu útero, tão dentro que Gúnnr pensava que ia parti-la. Mas jamais a feriria.

Gabriel pensava nela. Em suas necessidades.

Inclinou-a de uma maneira que seus clitóris se roçava a cada vez com o púbis dele. Outro relâmpago caiu, desta vez sobre Gúnnr, e fez que os dois gritassem açoitados por um prazer descomunal. Estavam às portas de um incrível orgasmo.

Gabriel a puxou pelo rosto e a beijou sem deixar de mover os quadris. Gúnnr soluçava em sua boca e o beijava com desespero. Gabriel sentiu que seus testículos se apertavam e Gúnnr notou que seus clitóris começava a palpitar dolorosamente.

—Goze, Gúnnr. Goze para mim — disse-lhe ao ouvido.

Ela abriu a boca, mordeu-o no ponto que une o pescoço e o ombro e gozou, seu corpo explodiu como uma granada. Gabriel a seguiu ao mesmo tempo. Um raio caiu desta vez sobre os dois, e estendeu o orgasmo, enchendo-os de êxtase. De repente, as asas de Gúnnr começaram a arder, e Gabriel teve a mesma sensação nas suas. Só eram tatuagens, como podia ser?

Gúnnr gritou e abriu a boca mostrando suas presas. Gabriel jogou a cabeça para trás e rugiu como um animal. Um raio mais forte que os anteriores percorreu-os, e fez que alcançassem um novo orgasmo.

E então, umas asas vermelhas e cheias de luz, emergiram das costas de Gúnnr e se estenderam. Pareciam hologramas, eram exatamente iguais a sua tatuagem.

Gabriel abriu os olhos aturdido, e ficou enfeitiçado pela imagem daquela garota. Trespassada por ele, sentada escarranchada sobre sua pélvis, com o pescoço jogado para trás, expondo seu torso e sua garganta como uma oferenda e, com os olhos vermelhos e aquelas pequenas e brancas presas que emergiam de sua boca, era única. Como uma mariposa que saía de sua larva. Essa jovem, além disso, tinha umas asas maravilhosas, umas asas que pareciam ser feitas de raios laser de cor vermelha.

Meu Deus, era muito bela. Sentiu-se cativado por Gúnnr.

Ela olhou por cima de seu ombro e viu as asas. Capturada pela surpresa e o espetáculo de cor percebeu de que podia movê-las, eram como uma parte de seu corpo. Refulgiam como fogo vermelho.

—Pelas maçãs do Idúnn… —murmurou agitando as asas como um ave. Ao fazê-lo, seu corpo se elevou e esteve a ponto de se separar de Gabriel, mas ele a abraçou pela cintura e então os dois, intimamente unidos, elevaram-se por cima da cama e flutuaram até o teto de vidro.

Gúnnr olhou Gabriel, que seguia com os olhos muito abertos, estupefato diante daquela visão. Continuava em seu interior, muito duro, ainda grande… E ela parecia exultante.

—Tem asas.

—Tenho asas… —Sussurrou assombrada, olhando-o sorrateiramente— Não sabia.

— Não sabia?

—Acabo de descobrir. Não sabia que acontecia isto ao manter relações sexuais.

—Claro, como ia saber se as *Valkyrias* eram virgens? Aconteceu o mesmo às gêmeas? — Estudou suas asas com suma atenção.

Eram espetaculares e elegantes.

—Não falamos muito disso. Só me disseram que ia gostar de marca-lo —com um dedo acariciou os sinais das dentadas que lhe deixou nos ombros, pescoço e peitoral— O machuquei?

Ele negou com a cabeça, estava concentrado em tocar as asas. Seus dedos acariciaram aquelas intimidantes extensões; entretanto, não eram do todo físicas. Eram mais bem etéreas e sentia um estranho prazer ao passar a mão por elas. A ponta dos dedos fazia cócegas.

— Nota isto? —Perguntou, passando o dedo pelo contorno da asa direita. Quando ela assentiu, ele continuou acariciando— É uma asa tribal. Alucinante. Sabe o que? Depois de ver a transformação de Aileen, pensei que ela era estranha. Mas a sua bateu todos os recordes do absurdo.

— Está me chamando de aberração? —Arqueou as sobrancelhas e acariciou-lhe a nuca com os dedos. Por que não parecia fascinada com sua transformação?

Porque longe de mostrar interesse por ter recebido seu dom e de descobrir que as *Valkyrias* podiam desdobrar as asas de suas tatuagens depois de perder a virgindade, longe de prestar atenção a que estava voando com um homem entre suas pernas, o que realmente interessava e no que focalizava seus seis sentidos era nesse homem que a tratou tão bem e que lhe entregou uma parte dele. Era impossível que Gabriel não sentisse a conexão entre eles. Impossível.

— Leva-me ao ninho, passarinho? —Gabriel olhou a cama com nostalgia. Estavam voando e tocavam o teto de vidro com os dedos.

A jovem sorriu timidamente a princípio, mas ao ver o brilho cheio de desejo nos olhos do Engel, o sorriso se fez mais aberta e marcou suas duas covinhas nas bochechas.

—Sim.

—É linda —Gabriel pegou seu queixo e a inclinou para dar um beijo doce e cheio de aceitação.

O gesto comoveu a *Valkyria*, que devolveu o gesto-o beijando a sua vez, e movendo os quadris para acariciá-lo intimamente.

—Desce-nos, Gunny —sussurrou sobre sua boca— darei mais do que me pede. Sabe como guardar suas asinhas, meu bem? Intimida muito assim. É como um anjo vingador.

— Você não gosta? —Perguntou insegura.

— Eu gostar? Ficarei excitado sempre que lembrar este momento. —Retirou-lhe a franja para ver seus olhos— Como nos desce daqui?

Não tinha nem ideia. Aquelas incríveis asas saíram de repente ao experimentar o orgasmo

com ele. Concentrou-se nelas. Visualizou que as asas voltavam de novo para interior de sua tatuagem. De repente, estas se foram, desapareceram e os dois caíram de repente sobre cama.

Ao impactar no colchão, Gabriel se colocou em cima dela, sem sair de seu corpo, e a beijou como se quisesse bebê-la, sem dar-lhe um segundo para reagir.

Já falariam do que aconteceu, mas o fariam depois; agora só queria possuir outra vez aquela mulher incrível que lhe deu uma lembrança ao que sempre recorreria quando se sentisse abatido; Gúnnr desdobrando suas asas como um verdadeiro anjo, justo depois de entregar a ele a virgindade. A ele e a ninguém mais.

Capítulo 11

Sentir o corpo de Gabriel sobre ela, quente, forte e pesado, era a melhor experiência de sua vida. A estava cobrindo como se tratasse de um edredom, e ela adorava que seu peso a esmagasse contra o colchão. Seu mundo acabava de explodir de novo, mas desta vez, conseguiu conter as asas em seu lugar. Gabriel fez amor com ela pela segunda vez, e o orgasmo foi mais forte que o anterior.

Gúnnr olhava as janelas de vidro do teto, presa pelo temperamento daquelas nuvens cintilantes que, agora sim, deixaram de verter água sobre a cidade.

A tempestade se atenuava, mas Mjölnir não se afastava, seguia aí. Em algum lugar.

O Engel respirava sobre o travesseiro, e o ar que ele exalava com força banhava o lado direito de sua garganta. Ela elevou uma mão para acariciar-lhe a nuca, e seus dedos se enredaram com seus úmidos cachos loiros.

Ele levantou sobre seus cotovelos e a olhou nos olhos. Gúnnr tinha o rosto avermelhado pela paixão e pelo exercício físico da cópula de seus corpos; os lábios inchados e os olhos negros com tons azulados, fechados e satisfeitos; as bochechas vermelhas, e o pescoço e o peito úmido de suor. E tudo isso foi ele que provocou. Aquela garota o ordenhou como ninguém. Roubou-lhe até a última gota e esvaziou em seu interior duas vezes. Duas.

Pensando nisso, um calafrio percorreu suas costas. Foi um imprudente, mas, para ser sincero, não o pode evitar. Não gozar de uma vez com Gúnnr foi missão impossível. Tentou ignorar seus gemidos, quis evitar suas dentadas, e lutou por não beijá-la tantas vezes: e todas e cada um de suas tentativas fracassaram.

Agora o acariciava como se quisesse acalmar seus pensamentos, dando-lhe uma tranquilidade e um consolo que jamais recebeu.

—É a primeira vez que faço sem camisinha —murmurou calibrando a reação da *Valkyria*.

—Não vai acontecer nada.

—Conheço um montão de crianças que chegaram ao mundo depois que seus pais dissessem essa frase. Por agora só sei que as berserkers têm mini ninhadas, quer dizer, de dois a três filhos de uma vez. As vaniras são muito pouco férteis e passam realmente mal durante a gravidez, mas não sei nada sobre as *Valkyrias*. Isto que fiz foi um ato completamente irresponsável. Sei que não

temos enfermidades e nada parecido, mas...

Ela sorriu e negou com a cabeça.

—Relaxe, Gabriel, Freyja nos explicou que as *Valkyrias* não podem ter filhos enquanto sirvamos à causa do *Ragnarök*. Somos mulheres feitas para a guerra e para ser as companheiras dos *einherjars*. A maternidade, por agora, não tem espaço em nossas vidas.

Gabriel franziu o cenho.

— E parece bem? As mulheres têm muito arraigada a mentalidade de ter bebês para realiza-las.

Gúnnr soltou uma gargalhada.

—As humanas talvez sim. Nós não somos, Gabriel. Deixamos de ser ao nascer no *Valhall*. Freyja e Odín são nossos pais. Saímos do corpo de uma mulher humana, mas nada em nós é humano. Nem nossa atitude, nem nossos dons, nem nossa *fúria*. Nada —o olhou procurando alguma fresta de dúvida ou desilusão em seus olhos azuis.

—Mas sim que é uma mulher —sorriu e moveu os quadris para que ela sentisse onde estava agasalhado ele.

—Sim... —Tomou ar— Sim sou uma mulher. Você se importa que não possamos conceber? Você gostaria que...?

— A mim? —Perguntou sem compreender. — Está de brincadeira?! Sempre acreditei que os homens têm filhos porque o sêmen é uma consequência do sexo. Como vivemos obcecados com o sexo, não nos importa os danos colaterais enquanto tenhamos um lugar quente onde deixar nossa semente.

— E você é assim?

—Bom, eu sempre pensei que se tivesse filhos, é porque posso ensinar algo em troca. Se olhar este mundo e vê os conflitos abertos que há em todo o planeta, dará conta de que os filhos dos filhos dos filhos do primeiro homem e da primeira mulher são como clones de seus predecessores. Por isso o *Midgard* está como está. Ninguém aprendeu nada. Seguimos sendo igualmente selvagens e retrógrados que há centenas de anos atrás, a diferença de que agora temos tecnologia, E o que faz um ser pouco evoluído espiritualmente com uma tecnologia muito avançada?

— Destruir o mundo? —Perguntou Gúnnr retirando uma mecha loira que caía sobre o olho de Gabriel.

—É óbvio, não?

—É triste —levantou a cabeça e o beijou nos lábios com lentidão.

Gabriel ronronou e devolveu o beijo. Não queria falar de assuntos tão profundos, e menos, depois de explodir duas vezes quase seguidas com aquela doce e atípica *Valkyria*.

— Gostou de fazer amor comigo, Gúnnr? —Perguntou inseguro.

—Tanto que eu gostaria de fazer outra vez —fechou os olhos ao sentir o grosso membro de Gabriel que ainda palpitava em seu interior— Podemos? —Abriu os olhos e sorriu com acanhamento.

—Três é muito para sua primeira vez, florzinha. Não deveríamos ter feito esta segunda vez.

Estará dolorida.

—Estou na glória

Ele riu.

—Amanhã não dirá o mesmo.

—Estar com você me tira todas as dores. Seu corpo sana o meu, temos um kompromiss, você tem minha cura e eu tenho a sua, lembra?

Gabriel assentiu e pôs uma mão sobre o seio avermelhado e cheio de marcas de sucção.

—Quero que descanse —sugeriu como uma ordem— Dormiremos só durante umas horas. Amanhã nos espera um dia muito ocupado.

Gúnnr apertou os dentes. Não era que esquecesse sua missão na Terra, mas tampouco queria perder aqueles momentos de intimidade com ele. Para ela, estar com Gabriel se converteu no mais importante, mas prometeu a si mesma que não suplicaria nada em troca e que desfrutaria da experiência.

As velas se apagaram já, como a paixão que compartilharam.

—Está bem —respondeu cedendo à apatia— Mas tem que sair de cima de mim, preciso ir me lavar.

—Não — deu-lhe um pequeno beijo nos lábios— Eu cuido de você — pouco a pouco saiu de seu interior. Ainda seguia juntos. O que acontecia? Já deveria estar mais tranquilo e, entretanto, continuava semi-excitado— Não se mova.

Levantou e, gloriosamente nu, dirigiu-se ao banheiro. Pegou uma toalha azul escuro que pendurou no insignificante toalheiro e a umedeceu com água muito quente.

Gúnnr suspirou e levou a mão ao ventre para transmitir calor e acalmar essa zona área Gabriel tomou. Mas ele se ajoelhou de novo a seu lado, e a retirou como se fosse o dono e senhor.

—Isto a acalmará. —Abriu suas pernas com suavidade e a lavou com ternura.

Aquilo para Gúnnr pareceu mais íntimo que nada do que já fez e se remexeu, incômoda.

—Gabriel, já faço eu…

—Nem pensar —disse ele concentrado, abrindo-a com o indicador e o polegar e limpando os restos de sangue e sêmen com toda a concentração do mundo— Eu a cuido, florzinha. Eu gosto.

—É embaraçoso.

—Não é —ele franziu o cenho e a olhou como se estivesse louca.

Deixou a toalha úmida sobre sua virilha e a pressionou com a mão.

— É… o justo. Melhor?

Ela assentiu mordendo o lábio inferior.

—Perdoa por tê-la machucado, a primeira vez é dolorosa para a garota.

—Estou bem. A dor foi boa. — Estava tão bom que tinha vontade de chorar. Gabriel a estava mimando e disse que gostava de cuidar dela— Me tornei louca em fazer amor com você.

Dedicou um olhar de orgulho entre os espessos cílios negros. Levantou, foi a pia e ele mesmo limpou o pênis. Estirou de novo a seu lado e a atraiu para ele, abraçando-a e fazendo que ela apoiasse sua cabeça sobre seu peito.

Ficaram em silêncio, ela desenhando pequenos círculos com os dedos sobre o muito duro

peito dele e ele acariciando suas costas de cima abaixo com a mão, delineando suas asas que se tornaram douradas, a cor que, parecia, adquiriam quando estava relaxada.

—Suas asas mudam de cor. Dourado quando está tranquila, vermelho quando está furiosa, excitada ou alegre.

—E azul gelo quando nos zangamos ou estamos muito tristes.

Gabriel levantou a cabeça e a olhou

— De verdade? Nunca as vi.

—Nem as verá enquanto não me ferir, nem quebrar meu coração.

Gabriel beijou o topo de sua cabeça e esfregou a bochecha nela. Não. Faria o possível para não machucá-la.

—Gúnnr.

— Mmm? —Estava tão bem que começavam a fechar os olhos.

—Gostei de ser o primeiro para você, florzinha —reconheceu em voz baixa.

A jovem sorriu e afundou seu rosto em seu peito direito, ocultando a alegria que provocou suas palavras. Um reconhecimento aberto era suficiente para essa noite. Gabriel sentiu a conexão, não havia dúvida.

— Gabriel?

— Mmm?

—Conte algo sobre sua vida aqui. Conte algo que ninguém mais saiba sobre você.

Ele olhou a cabeça morena de Gúnnr. Por que essa pergunta?

—Contei isso tudo.

—Não é verdade —ela esfregou um mamilo com o dedo polegar— Sempre me falava do modo de viver que as pessoas tinham na Terra, também me explicou algumas de suas aventuras aqui junto à Aileen e a Ruth… hoje descobri que amava muitíssimo a seu tio, que acha que ele não sabe que morreu e que, pelo visto, teve muitos problemas com seu pai. Também sei que não quer ter filhos. Mas nunca me falou sobre você, sobre o que você gosta ou o que você não gosta, sobre sua vida, seus desejos, seus sonhos… Não sei nada sobre isso.

—Eu tampouco sei sobre você.

— Isso quer dizer que está bem que sigamos assim? — Perguntou com um claro tom de desânimo— Sem… nos conhecer completamente?

—Nos conhecemos. Temos uma boa amizade. Eu prefiro assim, florzinha.

Ela não. Não preferia a ignorância sobre quem eles eram realmente ao conhecimento e a que abrissem seus corações. Ela desejava poder dizer tudo o que sentia, queria que falassem sobre a conexão, sobre como ele tocou sua alma imortal não só ao fazer amor, mas também desde o primeiro momento que Nanna o havia trazido para o *Asgard*. Haveria tocado ela a sua? Sim. É óbvio que sim. Admitiria ele? Era um homem tão reservado…

Gúnnr também o era, mas com ele se abriria e deixaria de ser, faria uma exceção se Gabriel realmente se interessasse por ela.

—De verdade não quer que conversemos? —Perguntou mais seriamente.

Passaram uns segundos eternos até que o pensativo de Gabriel respondeu:

—Conversamos sempre, florzinha —disse desenvolto— É a mulher com a que mais falei em toda minha vida. Passamos um longo ano conversando sobre o *Valhall* e cada dia estivemos juntos. Eu me feria e você me curava. É minha *Valkyria* favorita. Minha melhor amiga.

—Ruth e Aileen eram suas melhores amigas. — assinalou ela.

—Você também é.

Fantástico. Também as desvirginou? Como podia colocá-la no mesmo saco? E Daanna o que era? Claro. Daanna era a mulher de quem estava apaixonado. Seu temperamento Valkyrico ia emergir de novo, até que Gabriel levantou seu queixo e deu-lhe uma batidinha no nariz.

—Florzinha, estou muito contente de ter alguém como você a meu lado. É minha companheira de guerra, minha melhor aliada. Você está contente de me ter?

—Sim, eu também estou contente. —Um olhar azul como ele lhe dirigia e a chateação passava rapidamente. Que patética era.

—Então, já temos suficiente, não acha? —Acariciou-lhe a nádega nua.

Não, maldição. Não bastava. A ela não. Não era justo e não compreendia.

Gabriel notou como ela se retraía. Sorriu divertido e disse:

—Bala de goma.

Gúnnr o olhou sem compreender o que dizia.

— Algo que ninguém sabe sobre mim? Bala de goma. —esclareceu encolhendo os ombros.

— Bala de goma?

—Sim —começou a rir— Era viciado nelas. Eu adoro. Quando tinha que trabalhar para pagar a Universidade, ou quando fazia programações informáticas a domicílio, assegurava de levar sempre à mão uma boa bolsa cheia de bala de goma. Comia isso de maneira compulsiva.

Gúnnr ficou com a ideia das balas de goma, mas também com a outra informação pessoal que deu.

—E agora fecha os olhos. Durmamos um pouco, Gunny.

Não ia poder tirar nada mais essa noite, mas esperou que dissesse: *diga-me algo sobre você.* Mas esse interesse não chegou. Resignou-se com tristeza.

— Que sabor tem as bala de goma, Gab?

Acariciou o braço dela com os dedos e respondeu:

—Sabor: *Se isto for muito ruim para meus dentes, que vivam banguelas*. Esse e o sabor.

Gúnnr soltou uma gargalhada e Gabriel a seguiu.

—Então são muito boas, não?

—Amanhã comprarei um saco de bala de goma. Talvez você goste delas tanto quanto eu e podemos fundar um clube.

—Está louco.

Gabriel a beijou no topo da cabeça.

—Durma.

Ela assentiu e se apoiou de novo em seu peito.

Não soube se foi o cansaço ou o estresse das últimas horas, ou se foi o fato de que Gabriel dormia com ela pela primeira vez, nus os dois, abraçados, e cobertos por aquele edredom nórdico,

mas uma agradável calma percorreu suas extremidades, seus lábios sorriram e seus olhos se fecharam com plena confiança.

Estava em casa.

O som de uma porta ao fechar acabou com o profundo sono de Gúnnr.

Ao abrir os olhos centrou o olhar adormecido na vela apagada. Tinha três coisas muito claras: a primeira era que passou a melhor noite de sua vida com seu *einherjars*; a segunda era que Gabriel não estava na cama com ela; e a terceira era que ele teve razão, doía todo o corpo. Mas era uma dor prazerosa, uma dessas que se instalam em cada fibra do corpo e que grita orgulhosa que o esforço valeu a pena. A dor de uma mulher satisfeita.

Espreguiçou-se, ergueu-se nos cotovelos e olhou a seu redor. Em frente, em uma poltrona de madeira, havia sacos de papel com nomes como Escada, Gap, Dolce & Gabbana, G-Star… Roupa *humana.*

Roupas humanos. Guloseimas!

As orelhas tremeram pela excitação e, pela primeira vez, a vaidade *Valkyria* fez efeito nela. Havia um Post-it amarelo grudado em uma das sacolas que dizia: *Isto é para você. Vista o que quiser e desce imediatamente. Espero na cozinha. Engel.*

Engel? Girou os olhos. Depois de tê-lo no interior de seu corpo durante a noite anterior, essas formalidades entre eles já não tinham lugar.

Levantou como uma mola e colocou as mãos na sacolas. Caralho! Aí tinha de tudo! Jeans, saias, camisetas, roupa íntima, vestidos, botas, sapatos, calçado esportivo, etc. Era de seu tamanho? Era para ela de verdade?

Morta de vontade por colocar esses objetos, tomou banho e se asseou rapidamente e estendeu suas mãos a uma das sacolas cheias de roupa íntima em que lia Calvin Klein. Depois de olhar todos os conjuntos, optou por um de cor negra. Eram perfeitos. O sutiã levantava os seios perfeitamente e a calcinha eram muito cômoda. Pelo visto, Gabriel teve muito bom olho com seu corpo. Sorriu e mordeu o lábio.

É muito observador, Gab. Logo pegou jeans muito ajustados, botas de cano alto de pele marrom escura, um lindo pulôver de elegante pescoço alto de cor borgonha e um casaco curto espetacular de cor negra e de gola que com apenas olhá-lo, babava.

A roupa era linda, adorava tudo o que Gabriel comprou. Ei! Um Iphone branco! Na televisão, emitiram um anúncio com tudo o que não podia fazer se não tinha um telefone desses. Tirou da caixa e o olhou. Que bonito era…

Passou a mão pelo cabelo úmido e deu um olhar vacilante àquele sotão onde perdeu a virgindade com Gabriel. Estava tudo em seu lugar. Não havia nada fora do lugar, a calma reinava entre aquelas paredes, como se nunca tivesse acontecido nada. Mas sim que aconteceu. Uma *Valkyria* e um *einherjars* fizeram amor, e entregou seu ofegante coração para sempre.

Desceu e se dirigiu à cozinha, não sem antes parar e olhar cada uma das fotos que ali tinha de Gabriel. Seu tio também o amava muito, a não ser, para que guardar tantas lembranças dele? Gabriel era um garotinho muito fotogênico e muito bonito, como um príncipe. Nada a ver com o

guerreiro enorme e temerário em que se converteu. Gúnnr gostava mais do *einherjars*, mas não pôde ignorar que, quando humano, teve um calor especial.

Passou pelo salão e abriu as portas trilhos de madeira da cozinha. Encontravam-se todos sentados à mesa do café da manhã.

Parou seu olhar em Gabriel. Em seu corpo musculoso, moreno e alto… Prendeu o cabelo loiro em um rabo alto e deixava seus traços felinos descobertos. Gúnnr sentiu que ficava sem respiração ao vê-lo de novo. Gabriel era dela. O olhar azul índigo de Gúnnr se tornou suave e ardente ao mesmo tempo.

—Mmm…cheira a… —Inalou com prazer.

—Café —respondeu Gabriel sem olhá-la. Serviu uma xícara e a deixou sobre a mesa sem dizer uma palavra.

Gúnnr levantou a sobrancelha e o olhou de esguelha. *Bom dia para você também* pensou. Queria se aproximar, abraçá-lo e beijar seu lábios, mas, parecia que com a chegada do sol, Gabriel esqueceu o acontecido durante a noite. Não havia nem rastro de calor íntimo nele. Nem sequer um olhar cúmplice.

Róta e Bryn a olhavam com sorrisos de orelha a orelha.

Ela sentiu que ficava vermelha. Não gostava de ser o centro das atenções.

Reso e Clemo a ignoravam e olhavam uns papéis que Gabriel deixou para revisão. Mas as gêmeas deram cotoveladas uma à outra e sorriam a Gúnnr como se soubesse tudo o que ela sentiu durante a noite. Isso deu muita raiva. O que ela experimentou com seu *einherjars* era único e intransferível.

—Venha aqui, Gunny —Róta prendeu o pé no da cadeira de madeira e a retirou para que ela se sentasse.

Gúnnr não reparou na roupa que elas usavam, e era muito diferente da que ela usava. O estilo de suas irmãs parecia ser mais sensual, mais provocador e não tão clássico e recatado como o dela. Por quê?

Apertou os olhos e se sentou, olhando Gabriel com um pouco de aversão.

O guerreiro preparou uma cafeteira enorme para todos, cheia dessa bebida tão excitante e repleta de cafeína. E, além disso, tirou a roupa de guerra da secadora.

A casa estava perfeita, como se ninguém tivesse entrado sigilosamente a noite anterior.

Gúnnr pegou a xícara entre as mãos e deu um gole ao café. Franziu a boca e o cenho e negou com a cabeça.

— Nossa! Mas o que é isto? Urina de jotuns? Quero açúcar.

— Você gosta com açúcar? —Perguntou Gabriel olhando-a por cima do ombro.

—Sim, minhas papilas gustativas agradecem —respondeu ela um tanto enervada, pegando o açucareiro.

Gabriel encolheu os ombros e a ignorou de novo.

Gúnnr sentiu uma faísca de decepção no estômago. Ela era seu *Valkyria* e na noite anterior dormiram juntos. Não ia dar nenhum sorriso, nenhuma carícia, nenhum beijo de bom dia? Grande insípido.

Frustrada, agachou a cabeça e se concentrou em encher a xícara dessa areia branca, mágica e deliciosa.

Gabriel disse que só era sexo. Sexo e não amor nem tampouco carinho. Necessidades físicas que deviam ser desculpadas entre eles.

Suas irmãs a observavam muito entretidas com a situação. Estavam se divertindo muito fazendo suas artimanhas.

Frente a cada um deles havia uma espécie de pasta de pele, não muito grande, do tamanho de um bolso. E estiveram olhando essas folhas brancas que havia no centro da mesa e que pareciam mapas.

— O que há aqui? —Pegou uma pasta entre as mãos.

—Tirei dinheiro em espécie de suas contas —respondeu ele— O necessitarão para utilizá-lo ocasionalmente. Também têm seus documentos de identidade. Necessitamos uma identidade humana para nos mover neste mundo, de acordo? Devemos agir com normalidade e chamar a atenção o menos possível. Nos adaptar rapidamente à vida na cidade.

—Faremos, Gab —disse Gúnnr com segurança.

—Engel. —Corrigiu ele, limpando a garganta.

Na cozinha caiu um silêncio absoluto e todos ficaram em silêncio.

Gúnnr mordeu a língua e se sentiu envergonhada e estúpida por acreditar em contos de fadas e filmes de amor como os que viam de vez em quando no *Valhall*. Entre Gabriel e ela tudo estava como se não acontecesse nada. Mas desta vez, nem sequer ficava o carinho ou a empatia com a que às vezes falavam entre eles. O que acontecia ao guerreiro?

—Perdão, Engel — se obrigou a dizer— E o que é o que estamos olhando? —Gúnnr se apoiou nos cotovelos e olhou com interesse o que mexiam Reso e Clemo com seus dedos. Tinha que se comportar com naturalidade e não demonstrar o muito que ofendia sua frieza e sua indiferença.

—São os mapas subterrâneos dos túneis de Chicago —Gabriel deu a volta e apoiou o traseiro no mármore da cozinha, enquanto bebia de sua xícara negra— Ontem a noite estive investigando.

— Quando? —Perguntou Gúnnr muito interessada.

—Enquanto lia —respondeu sem ainda lhe dirigir um só olhar.

—Ah.

—Entrei em spaceweather.com e estudei o comportamento da tempestade elétrica no estado. A tempestade abrangeu um raio de trinta quilômetros no centro de Chicago, e foi uma tempestade bicelular estática. Esta tempestade tinha dois núcleos ou células, mas as pessoas triplicava o tamanho do outro. —inclinou sobre o mapa de túneis e desenhou círculos sobre uma área determinada— Aqui é onde se intensificaram mais os raios. Aqui estava o núcleo maior. Justo nesta área.

—É a que compreende o centro urbano da cidade —apontou Bryn.

—Exato. Quis verificá-lo com as imagens de rádio e radar via satélite que confirmaram. Rackeiei a câmara satélite e fiz um zoom. Os raios caíam com uma força inusitada e uma intensidade fora do comum sobre os três edifícios mais altos de Chicago: Willis Tower, o Trump

International Hotel and Tower e o John Hancock Building Center. Os três têm para-raios consideráveis, mas nunca conduziram descargas desse tipo. Nos jornais afirmam que o interior dos edifícios segue ionizado, até tendo acabado a tempestade.

— E a que conclusão chegou? —Gúnnr queria saber também.

Gabriel deixou a xícara sobre o balcão e apoiou as mãos sobre a mesa. Desta vez, sim a olhou, mas o fez de um modo impessoal, e isso a confundiu e a feriu. Ela não era como as demais, ou sim?

—Mjölnir está aqui. Justo entre a área que compreende estes edifícios. Talvez esteja oculto neles ou sob deles —assinalou o mapa de túneis subterrâneos com o queixo— Se assegurarem que o ar continua contendo eletricidade é porque o martelo segue fazendo seu efeito.

—O Engel nos disse que sente o martelo de Thor, que está conectada a ele. É verdade? —Perguntou Bryn fixando seu olhar em Gúnnr.

—É verdade —elevou uma mão— E antes que me perguntem algo, asseguro que sei tanto quanto vocês. Não sei por que é assim, mas não posso evitar.

—Os fatos ratificam que algo muito poderoso e de natureza eletromagnética caiu, com igual intensidade e força, com a mesma tipologia de descargas, em Colorado e aqui em Chicago. É o mesmo tipo de tempestade, o mesmo comportamento. Um núcleo que pretende disfarçar uma energia elétrica exagerada. Esse é o que provoca Mjölnir. O martelo atrai os raios, provoca as tempestades, disse Thor.

— Por que desapareceu a tempestade então? —O tracio passou a mão pelo rosto moreno, em um claro gesto de incompreensão— Por acaso pode ter algo desconectando o Mjölnir?

—Não há nada que desconecte o Mjölnir —assegurou Gúnnr com veemência— Mjölnir segue emitindo sinais, eu sinto. Mas faz em uma baixa intensidade.

— E onde está? —Perguntou Clemo olhando-a com atenção— Nos enviaram à Terra em missão de resgate de três totens dos deuses. Estamos há dois dias aqui e não temos nem ideia de onde se encontram.

Os olhos azeviches de Gúnnr brilharam desafiantes. Se Clemo queria insinuar algo, que o dissesse em voz alta. Estava farta desses comentários escondidos.

— Quer me dizer algo, Clemo? —Seus olhos se tornaram vermelhos.

A *Valkyria* do espartano se esticou e olhou Gúnnr pedindo desculpas.

—Só digo que diz que sente o martelo e não sabe onde está. Sei de primeira mão como é o batismo das *Valkyrias*. Estão hipersensibilizadas e acham que…

—Um batismo não é como se tivesse a regra —Gúnnr encheu de falsa suavidade as palavras cheias de veneno. Parecia que falava com um tolo— As *Valkyrias*, como terá contado Liba, não temos menstruação. Coisa que deve se alegrar, porque poderá continuar transando com ela as vezes que dê vontade sem nenhum problema, como tem feito até agora, em vez de procurar o martelo por sua conta. — Todos se calaram. Era a primeira vez que Gúnnr desafiava desse modo— Deixa de duvidar de minha valia só porque tive um batismo tardio. Meu batismo se deu no momento que tinha que acontecer.

—Não era minha intenção ofender —assegurou Clemo com um sorriso de orgulho no

rosto— Eu gosto mais de você assim, Gúnnr. —Liba beliscou a coxa por debaixo da mesa e ele a olhou com seus olhos escuros cheios de regozijo— Eu gosto mais de você assim.

—Devem ter o martelo em algum tipo de câmara couraçada —continuou Gabriel— O que roubou o martelo é um jotuns ou um eton. É capaz de se transformar, mas não é Loki. Seja como for… Se movem em grupo. Têm que ter seus próprios esconderijos e não acredito que estejam muito à vista. Por isso vamos rastrear os túneis, será o primeiro que faremos. Já viram como são os devoradores, não têm aspecto humano. Não são lobachos nem vampiros, portanto, não podem se misturar com os humanos e passar despercebidos.

— Mas o que querem fazer com o Mjölnir? Ainda não o utilizaram. —Murmurou Bryn refletindo — O que esperam?

—O lugar e momento adequado —respondeu Gabriel— Depois, esse momento não chegou ainda e nós temos o tempo contra nós, mas gozamos de uma possibilidade de encontrá-lo e devolvê-lo a seu lugar, e a devemos aproveitar.

— Qual é o plano, Engel? — Perguntou Bryn fazendo rodar sua *bue* direita.

—Ontem estive fazendo algumas transações. Não sabem das coisas que alguém pode conseguir quando tem dinheiro em suas mãos. —Gabriel estava assombrado pela facilidade que tem as pessoas para ser comprada. Não importam os horários, não importa se for legal ou não. Ofereça uma boa soma de dinheiro por esses favores adicionais e consegue o que quer— O Iphone está atualizado e só tem uma linha única codificada para todos. O abri e inclui um software especial feito por mim. É um meio de indução com disco giratório digital.

—Não sei muito. Mas trabalhei com Caleb McKenna que, embora seja um nazista, tem alma de Hacker dos pés à cabeça. Isso, somado a minhas novas aptidões intelectuais como *einherjars*, faz que possa obter coisas como esta —agitou seu Iphone negro com a mão— O plano é rodear a área e entrar pela linha única codificada para nós. Abri e incluí um software especial feito por mim. É um medidor de indução com disco giratório digital.

—Um programa que mede a energia eletromagnética —disse Clemo.

—Sim. Além disso, seus telefones têm localizadores para saber onde estamos a cada momento, e contêm um mapa geral de Chicago, onde verão ativados como pontos vermelhos luzes de alerta às áreas nas que a energia eletromagnética cresce. Também escaneei o mapa de túneis, acoplei-o à imagem via satélite da cidade e fiz um software virtual que nos permitirá saber por onde estamos nos movendo com uma precisão exata. Só clique o ícone correspondente em seu telefone e a cidade se abrirá a seu desejo.

—Sabe muito —Gúnnr sorveu seu café e repassou o olhar pelo menu de seu iphone.

— Eu não sei muito. Mas eu trabalhei com Caleb McKenna, que apesar de um nazista, tem a alma da cabeça aos pés de hackers. Isso, somado às minhas novas habilidades intelectuais como Einherjars, faz como isto possa ser alcançado. — acenou com a mão seu negro Iphone. —O plano é cercar a área e entrar na rede de túneis até o ponto quente que nos indica o medidor. Se o martelo estiver aqui devemos recuperá-lo. Eu tomei a liberdade de comprar uma série de artefatos para nossa causa —sorriu enigmático. Olhou o relógio digital de cor negra— Cinco minutos e o trailer tem que estar chegando…

— Quando saímos? —Róta estava impaciente por sair.

—Assim que chegar a cavalaria.

Gúnnr levantou uma sobrancelha. Gabriel parecia tão seguro de si mesmo que às vezes não parecia que estavam imersos em uma guerra em que podiam perder a imortalidade para sempre.

—Nos dividiremos em dois grupos. Róta e Bryn virão comigo e com Gúnnr. Reso e Clemo vão com Liba e Sura. Varreremos a zona de um extremo a outro. Abram bem os olhos. De dia não há vampiros em Chicago. Isto não é como Londres nem Black Country, em que sim podem sair devido à capa de cinza e o clima. Aqui não. Mas em troca, há devoradores que chegaram com o ladrão dos totens e a estes não importa se houver sol ou não. Assim que nos descobrirem, virão atrás nós. Devemos aproveitar a oportunidade que temos entre mãos para entrar em seu território e surpreendê-los.

Capítulo 12

Gabriel sabia que todos estavam surpreendidos pelo que ele escondeu. Um trailer com dois carros Tesla Roadster: de design especial de quatro lugares, um deles de cor negra e o outro branco chegaram às sete da manhã e deixou os carros previamente pagos por transferência bancária justo diante da porta da casa. Além disso, também conseguiu uns micros da Vaio com os últimos programas de decodificação, microcomunicadores e uma equipamento de micro câmeras de vigilância com bateria independente de longa duração; além disso, bolsas de gás narcótico e coletes especiais de fibras sintéticas e protegidos com finos, mas potentes fios de mental que iriam usar debaixo da roupa para se protegerem de todo tipo de balas, ácidos e materiais agudos.

O dinheiro era poder. E conseguir que facilitassem toda essa mercadoria em questão de horas e a domicílio foi muito mais fácil do que acreditou em primeira instância.

Gabriel aprendeu muito com suas leituras espontâneas, sabia do poder que agora tinha com semelhante tecnologia nas mãos.

À margem de sua excêntrica fascinação pela mitologia nórdica, também quis ser um grande engenheiro técnico de sistemas. Fascinavam os computadores e os programas informáticos, sobretudo os de alta segurança… era uma das poucas coisas que tinha em comum com o companheiro de sua amiga Aileen.

Reso e Clemo por pouco correm ao ver os carros e as *Valkyrias*, ao ver o Tesla, um veículo feito sob medida para ser um carro elétrico, emocionaram-se e exigiram imediatamente um para cada uma. O que era isso de compartilhar? As *Valkyrias* não compartilhavam nada! O plano estava mais que esboçado. O primeiro: limpar os metrôs da área. Os devoradores adoravam a sujeira e a escuridão, não os machucava a luz do sol, mas preferiam a noite. Que melhor lugar para eles que o mundo subterrâneo de Chicago? Mandou Reso e Clemo para que varressem os túneis do outro extremo. Tinham um rádio de uns dez quilômetros para fiscalizar, Gabriel e as *Valkyrias* fariam do outro ponto. Não esperava ter tanta sorte para dar com o martelo na primeira mudança, mas seria um modo de estudar o território e ver a vida do submundo de Chicago.

Ele sabia como fazer as coisas. A arte da guerra se apoiava no engano. Quando se é capaz de atacar, teria que aparentar incapacidade e inatividade. O inimigo tem que acreditar que está longe, embora na realidade esteja justo ao lado. Não era sua intenção a de massacrar todos os devoradores, vampiros e lobachos que encontrasse a seu caminho. Aquilo seria desembocar uma série de danos colaterais que eram pouco inteligentes e que se distanciavam de ser a finalidade pela qual eles se encontravam na Terra.

Primeiro estudaria o campo. Controlaria a seus inimigos. Localizaria os totens e quando menos o esperassem… Bum! Lançaria seu ataque, levaria os objetos e não deixaria nenhum vivo. Exterminaria para evitar represálias, mas só uma vez tivesse conseguido seu objetivo.

Que fodidamente irônico era todo… Seu pai jamais acreditaria no que se converteu! Em todo um guerreiro estrategista. Pensar no Sargento fazia que um ácido corroesse suas vísceras.

Apertou o volante do carro até deixar seus nódulos brancos, e um músculo de mau humor palpitou em seu queixo.

Gúnnr se moveu a seu lado.

— Está bem? —Perguntou timidamente olhando sua face.

Ele assentiu a modo de resposta.

A jovem estava sentada de copiloto e não o olhou nenhuma só vez desde que saíram da casa de Jamie.

Ele não quis soar tão duro na cozinha, mas Gabriel tinha mais que assumido que não queria nada que o distraísse da missão, nem que pudesse tampouco mostrar nenhum tipo de debilidade de sua parte.

O que aconteceu na noite anterior, o sexo e os orgasmos, ficavam no quarto. A realidade, o dia e a vida que os rodeava, era diferente a esse tipo de intimidade. Mas bem, ele não queria nem essa vinculação nem essa aproximação com ela. Mas era difícil ser frio com alguém tão doce como Gúnnr. E para cúmulo… O carro cheirava a nuvem! Era a essência da *Valkyria*. Gabriel estava irritado porque só podia cheirá-la. Nem Róta nem Bryn cheiravam para ele. Só ela.

— Retornaremos para a casa de seu tio Jamie? —Perguntou Gúnnr enquanto olhava pelo vidro aquela incrível cidade cheia de arranha-céu. A tempestade desapareceu e agora o sol iluminava os vidros dos sublimes edifícios e enchia de sombras alongadas as ruas pulcramente cuidadas de Chicago.

Gabriel negou com a cabeça.

— Não deixou nenhuma nota agradecendo sua hospitalidade? Poderia deixar um post-it na secadora… ou na cama —acrescentou maliciosamente enquanto olhava as unhas com desinteresse—, afinal são duas das coisas que mais utilizou, não?

—Isso é algo que tenho que decidir eu, Gúnnr e não estou para notas absurdas.

—É óbvio—Gúnnr respondeu, tão cortante quanto ele.

Bryn elevou uma sobrancelha loira e ele pôde ver esse gesto através do retrovisor. Aquelas intrometidas, certo que estavam mais que interessadas em que Gúnnr explicasse todos os detalhes de sua nova situação.

Entretanto, Róta seguia um tanto ausente. Desde que aterrissaram em Chicago agia de

maneira distinta como de costume. Coisa estranha, já que a *Valkyria* era um furacão, e agora parecia uma brisa, como de verão. Tinha a testa apoiada no vidro da janela, olhando sem ver.

—Ouça, Gabriel — ouviu a voz de Clemo. Ouviam-se as gargalhadas no interior do carro. Pelo visto, as gêmeas e os *einherjars* estavam rindo a custa de algo ou alguém— Nos perguntávamos se já saíram suas asas —um novo estrondo de gargalhadas encheu a linha de comunicação.

Gúnnr teve um sobressalto e esfregou a ponte do nariz.

—Genial —sussurrou.

—Me ouçam —responde Gabriel — A linha não é para comentar essas panaquices.

— Não são panaquices! —Protestou Reso— Merda cara, relaxe. Também saíram em nós, não se mortifique. Qualquer um diria que ontem teve maus momentos com Gúnnr. Todos ouvimos os gritos que…

Gabriel desligou e exalou com cansaço. Ligou o rádio e escutou o *Strip* de Natasha Beingfield.

Só o ligeiro movimento das sobrancelhas negras da *Valkyria* pôde demonstrar que o comentário ofendeu, pelo resto, Gúnnr era uma estátua.

— Foi você quem escolheu a roupa de Gúnnr? —perguntou Róta, cravando os olhos em seu olhar azul através do retrovisor.

—Sim —respondeu ele.

—É elegante —murmurou Bryn com ironia.

—Falta a batina —Róta se inclinou e disse a Gúnnr no ouvido— Assim que pudermos, vamos às compras, Gunny. Esta cidade está cheia de lojas.

Gúnnr a olhou de lado. Ninguém queria falar sobre os comentários jocosos que estavam soltando no outro Tesla e a verdade é que ela agradecia.

—De acordo —disse com voz fraca.

Ah, mas não enganava. A jovem estava pensando sobre as asas. Parecia que os *einherjars* também desenvolviam suas asas tribais tatuadas que usavam nas costas, mas não as desenvolveu, por que?

Estavam no Loop de Chicago, o centro histórico da cidade. Gabriel controlou pela extremidade do olho todas as expressões que cruzavam o bonito rosto de Gúnnr enquanto observava o que os rodeava.

Ele tinha muitíssima vontade de explicar tudo sobre a metrópole, queria mostrar a cidade como ele a conhecia, mas fazê-lo seria se aproximar mais a ela e dar falsas esperanças.

A *Valkyria* sentia uma sincera fascinação por aquela incrível cidade situada à borda ocidental do lago de Michigan. Fixou-se nos metropolitanos: todos pareciam ter um bom status social. A maioria dos homens vestiam-se com terno e gravata, e as mulheres se vestiam também elegantemente, ao estilo executivo, sobretudo em horas de trabalho. As ruas eram largas e estavam incrivelmente limpas. Era uma cidade cheia de cultura, e também de atividade editorial. Gúnnr não pode evitar notar na quantidade de bibliotecas, museus e Universidades que amparava aquela cidade e que eram símbolos representativos da essência da metrópole. Sim, Gúnnr adorava

Chicago. Igual a ele. Estacionou o Tesla no estacionamento externo da Willis Tower, certo de que Reso e Clemo já estivessem nos arredores do edifício Hancock. Entrariam nos metrôs através dos estacionamentos.

Afinal, estavam ao lado da rua mais importante de Chicago, a Avenida Michigan, a rede de esgoto público, segundo seu IPhone, estava justo sob seus pés. Aí estava a entrada dos túneis.

—Há câmaras por todos os lados. Como acha que vamos entrar e passar despercebidos? —Perguntou Bryn.

Gabriel abriu seu note e começou a teclar com a mesma agilidade e competência com que fazia tudo. Gúnnr deu uma olhada ao que estava fazendo.

—Está congelando uma imagem e subindo-a ao servidor externo das câmaras de segurança do estacionamento —disse Gúnnr. Quando notou o olhar de aprovação de Gabriel não pôde evitar acrescentar— Não só li suas recomendações.

Os olhos azuis do Engel sorriram com diversão e fizeram um exploratório virtual do rosto de Gúnnr. Essa mulher era como um tetris[26] para ele. Um vício irritante.

—*Valkyrias*, preparem-se —ordenou, obrigando-se a deixar de olhá-la— Pegue as micro câmeras de vigilância.

Gabriel tirou a jaqueta de pele e a deixou no carro. As *Valkyrias* copiaram seus movimentos. Colocou o pulôver negro até os antebraços e deixou à vista as duas enormes pulseiras de titânio.

As *Valkyrias* fizeram o mesmo. Seus olhos se tornaram brilhantes e vermelhos como dois rubis. Róta e Bryn sorriram, desejosas de começar a cortar cabeças. Gúnnr olhou a entrada circular metálica que tinha a seus pés. Lambeu os lábios e apertou os punhos.

Não sabiam o que havia ali em baixo, mas Gabriel confiava em que os jotuns tivessem suas particulares casas. Ela não duvidava de seus instintos, o Engel era o melhor estrategista de Odín. Entretanto, sim que se sentiu sozinha. Seu *einherjars* quebrou toda a magia nascida entre eles durante a noite anterior, e o fez sem nenhum tipo de reparo.

Além disso, por que a Gabriel não saíram as asas?

Engoliu saliva e sentiu o gosto amargo do fracasso deslizar lentamente por sua garganta.

Gúnnr apertou os dentes. Estava furiosa com ele e consigo mesma.

Sim. Também tinha vontade de esmagar a alguns jotuns.

Estavam ensopados. A tempestade elétrica e a chuva incessante alagou parte do sistema da rede de esgoto da cidade, mas eles conseguiram entrar nos túneis subterrâneos. Achavam-se a uns quarenta pés da superfície. Os túneis subterrâneos de Chicago compreendiam uns noventa e seis quilômetros de terreno clandestinamente.

— Por que têm isto clandestinamente se não o utilizam? – Perguntou em voz baixa Róta.

—Estes túneis foram construídos recentemente a mais de um século —respondeu Gabriel acariciado as paredes úmidas do lugar— por aqui viajavam todos os vagões destinados a fazer chegar à cidade madeira e carvão, e também correio e todo tipo de pacotes aos comércios e

[26] *Jogo virtual.*

escritórios do centro. Até que, aproximadamente, em meados do século passado, começou a utilizar o gás natural e deixaram de utilizar esses produtos, e então os trenzinhos foram utilizados só para a entrega do correio. E um dia, com a construção e a expansão das estradas, os trens subterrâneos deixaram de ser úteis. Faz m torno de meio século que não circula nenhum trem por aqui, a companhia declarou falência e Chicago Tunnel Company ficou sem vagões. —Apalpou a parede com os dedos e olhou a tela do IPhone. Sorriu— Poremos outra câmara aqui. Vamos criar um circuito fechado sob toda a área que compreende os três edifícios mais altos de Chicago. Só ficam uns metros mais por varrer e já teremos esta área controlada. Encontraremos o puto martelo. —Apertou o comunicador— Como vai a segunda equipe? —Perguntou— Há alguma novidade?

—Nada, cara. Cheira a ovo podre, isso sim —respondeu Reso— Mas, pelo resto, está tudo em silêncio e de momento não nos sentimos ameaçados por nada.

—Bem, se virem algo estranho, escondam-se para que não os vejam, e lutem se não houver alternativas, e se desfaçam dos corpos. Não podemos deixar cabos soltos.

—Silêncio. —Gúnnr ficou um pouco para trás. Tinha as mãos apoiadas em seus joelhos e o olhar vermelho cravado na água que cobria suas pernas.

Os três se giraram para atender a ordem de Gúnnr.

Gabriel caminhou até se colocar a seu lado, e rodeou seu braço brandamente com os dedos.

— O que acontece, Gunny?

—Cale-se —pediu deslizando o olhar pela água— Sinto a energia de martelo. Mas não é... Não é o martelo na realidade.

—Não estou para adivinhações. —disse exasperado.

— E acha que eu sim?! —Cuspiu com gravidade— É como uma irradiação. O que for se aproxima, entrou em contato com o Mjölnir. Esteve perto dele.

Gabriel apertou os olhos e aguçou o ouvido. Não se ouviam passos se aproximando, só a destilação ocasional da umidade dos tetos caindo sobre a água que alagava os túneis. Estavam às escuras, mas sua visão noturna era excelente. Não havia nenhuma luz, nem sequer um fluorescente que iluminasse levemente o lugar.

—Fora da água —ordenou Gabriel puxando o braço da *Valkyria*— Aos tetos. Agora! —Gritou em um sussurro.

De um salto se agarraram à pedra dos túneis e ficaram pendurados nos tubulares e nos cabos de fibra de carbono como se fossem morcegos.

Bryn e Róta observavam o radar de movimento de software que fez Gabriel para seus dispositivos móveis. O cabelo vermelho de Róta e o loiro de Bryn caía para baixo como cascatas de cores. Seus olhos vermelhos controlavam qualquer movimento e suas orelhas bicudas se agitaram procurando qualquer tipo de som. Não detectavam que nada se aproximasse.

— Por onde chega a água por aí, meninos? —Perguntou Gabriel em voz baixa aproximando o micro do comunicador.

—Quase pela cintura —respondeu a voz grave do espartano.

—Saiam da água. Subam aos tetos.

Gabriel cortou a comunicação e observou Gúnnr. Ela estava muito alerta e muito segura de uma ameaça que não podiam ver. Estudava a água como sim pudesse ver sua composição atômica. A garota levantou o queixo ligeiramente e inclinou o pescoço para um lado, fixando seu olhar no final do túnel.

A beleza de Gúnnr era inquietante e o desarmava com apenas pestanejar.

Era como uma ninfa de rosto infantil e curvas perigosas.

—Filho da puta! —escutou através dos comunicadores — atrás de você, Sura!

Os quatro ficaram em alerta. No outro lado, seus amigos já estavam brigando contra algo. Escutou o chapinho da água e os gritos e grunhidos selvagens daqueles animais que os atacavam.

Gabriel cortou a comunicação, pois deviam permanecer em silêncio.

—Bryn. Fica nos cobrindo as costas —ordenou Gabriel, preparado para lutar.

Bryn assentiu. Ficou pendurada de joelhos no teto e estendeu o braço à frente, até que a *bue* fez sua metamorfose em arco. Na outra mão já repousavam três flechas feitas de trovão.

—Está aqui — sussurrou Gúnnr, acomodando-se no teto e se colocando em posição de luta.

Gabriel entrecerrou os olhos e notou pela primeira vez um leve borbulho na superfície da água. Borbulhas de oxigênio. As típicas que se criavam quando alguém mergulhava.

Merda. O radar não detectava movimento no meio aquoso, nem tampouco corpos que não irradiavam calor. Ali embaixo não havia humanos, assim que o que fosse que viesse para eles, era muito frio. Falha dele.

Zás!

Um purs de aspecto esbranquiçado e cerúleo, pele escorregadia e veias azuis emergiu da água com a boca aberta disposto a enganchar perna de Gabriel.

Este deu-lhe uma chute no rosto e o purs caiu de novo na água.

— Que não o toquem! Sua pele é ácida e queima.

Gabriel estirou o braço e suas pulseiras se transformaram em suas inseparáveis espadas. Deixou-se cair à água dando uma cambalhota no ar.

O arco de Gúnnr se materializou e ela também se deixou cair, disposta a matar a quem cruzasse em seu caminho e disposta, sobretudo, a não deixar sozinho Gabriel.

—Grande merda —Róta revirou os olhos e sorriu de orelha a orelha. Jogou-se à água com um grito de guerra.

Gabriel elevou a espada e cortou a cabeça de um purs que de novo atacava.

Todos os purs eram iguais. Podiam ser mais altos ou mais baixos, mais ou menos corpulentos, mas todos tinham essa química nociva em seu corpo. Uma substância mucosa que parecia baba, mas era puro veneno. E agora também descobriu que se moviam muito melhor sob a água. Eram velozes e escorregadios.

Gúnnr esquivou um purs agachando o corpo, mas isso propiciou que emergissem os braços de outro e o agarrasse pelo pescoço até inundar sua cabeça sob a água. A *Valkyria* o removeu e deu-lhe um joelhada no queixo. O purs caiu para trás. Ela aproveitou para transpassá-lo com o arco, mas outro mais deu um salto sobre suas costas e rodeou-lhe a cintura com as pernas. O

ácido da pele do purs passou o tecido da roupa e as fibras do colete e alcançaram sua pele.

O grito de dor de Gúnnr sufocou Gabriel.

Bryn transpassou o purs com três de suas flechas e Gabriel girou para ela, deu um salto pelos ares até se colocar à costas do comparsa de Loki e cortou seu pescoço.

Gúnnr fechou os olhos com força e disse:

— Se afaste!

Toda ela iluminou e uma descarga elétrica torrou o purs que queria atacar Gabriel pelas costas.

— Muito bem, Gunny! —Exclamou Róta enquanto esfregava as mãos— Para o teto, Engel!

Gabriel pegou Gúnnr pela sua cintura abrasada e, de um salto, grudou-se no teto.

Róta esfregava com força suas palmas. Três purs se aproximavam dela. Os olhos completamente negros e viscosos, e as bocas abertas e com dentadura desigual e amarelada, um deles lambeu os lábios lilás. Levantou o queixo e pareceu inalar, já que umas brânquias localizadas nas laterais da garganta começaram a bater as asas.

Róta franziu a testa.

— Que feio é! —disse enquanto separava suas palmas. No centro destas, havia uma bola de eletricidade azul levitando e ficando cada vez maior. Róta inundou a bola na água e gritou— Vai gostar disto!

Os purs foram vítimas de uma descarga elétrica atrás da outra. Gabriel aproveitou e caiu de novo à água para cortar a cabeça dos três em um só movimento de suas espadas.

Os corpos degolados dos purs flutuaram na água e pouco a pouco foram desintegrando.

—Muito bem, Róta —a felicitou Gabriel.

—Obrigada —sorriu altiva e colocou bem os seios dentro do top negro que os oprimia.

Gúnnr sorriu e se deixou cair na água. Bryn copiou seu gesto.

Gabriel se aproximou de sua *Valkyria*. Suas espadas recuaram e pôs as mãos sobre os ombros para aproximá-la dele.

— Está bem? —Perguntou acariciando seus braços de cima e a baixo. Isso não era bom. Ele não podia passar tão mal quando Gúnnr lutava com ele. Temia por ela constantemente.

—Sim —disse ela— Esses purs estiveram em contato com o Mjölnir. Sinto sua energia eletromagnética neles —explicou Gúnnr olhando como se desfaziam os corpos— E não faz muito além disso.

—Hei… —Gabriel tinha a vista cravada em seu pescoço e na pele da cintura e do abdômen— Que filho da puta —grunhiu— A queimou.

—Ficarei bem — assegurou ela, retirando as mãos de seus braços.

—Fique quieta, merda —grunhiu Gabriel com tom autoritário.

Aproximou suas mãos à sua garganta e uma luz esbranquiçada de cura percorreu a pele da *Valkyria* e fechou suas feridas.

Gúnnr tinha os mamilos em ponta e olhou para outro lado, envergonhada por sua reação. Gabriel tinha que saber o que seu contato fazia nela. O Engel pareceu não perceber e, com o mesmo movimento metódico e um pouco vago, passou suas mãos pela pele descoberta da cintura

e das costelas. As queimaduras desapareceram. Assentiu, orgulhoso com seu trabalho, e deu meia volta para olhar e inspecionar a área.

A jovem ficou olhando fixamente as costas de Gabriel. Teve muita vontade de gritar e de empurrá-lo até inundá-lo na água, mas se conteve. O Engel nem sequer falava, mas com apenas olhá-la já a deixava nervosa.

— Estão bem, meninos? —perguntou através do microcomunicador. Na linha, só se escutava o chapinho da água e os grunhidos de seus guerreiros.

—Sim, merda… —Grunhiu Reso.

—Os purs atuam como abelhas— informou Gabriel— Não são seres inteligentes, têm um tipo de mente que se move por instintos. Não raciocinam e não pensam. Perceberam em seus olhos? Não se movem. São fixos, isso quer dizer que têm pouca atividade cerebral e não me engano ao assegurar que são cegos. Movem-se só pelo aroma, daí o movimento dessas coisas que parecem brânquias.

—Eles não sabiam que estávamos aqui —comentou Bryn— Se dirigiam para algum lugar pelo que acessam através destes túneis.

—Ou talvez viessem dali —sugeriu Róta.

—No momento —disse Gabriel— nossa teoria fica confirmada. Utilizam os túneis para se mover. Vigiaremos para saber para onde e a que conduz e colocaremos estes dispositivos em lugares pouco visíveis —de sua sacola negra tirou uns pequenos artefatos quadrados com uma luz vermelha de alerta traseira— São bombas de explosão de curto raio cheias de ácido. Fica pouco para chegar ao Mjölnir, mas quando o recuperarmos e saiamos desta cidade não penso deixar os túneis com merda.

—É um sádico —disse Róta olhando com aprovação.

— E você uma idiota! —Gritou Liba pelo comunicador— Sua bola de raios torrou meu *einherjars*! Avisa antes, merda!

Gabriel começou a rir.

—Alegra-me que estejam bem —disse diretamente pressionando o comunicador— Acabemos de fazer o que viemos fazer. Ponham as bombas e acabem de colocar as câmaras —olhou Gúnnr com preocupação— Pode continuar?

—É óbvio—O olhou com os olhos ligeiramente vermelhos*. E você vai continuar se comportando como um imbecil?*

Quando saíram dos túneis, suas roupas jorravam. Por sorte, ao ir da casa de Jamie, encheram o porta-malas com toda a roupa que Gabriel comprou pela Internet. Trocaram-se atrás do carro e expulsaram o Engel para isso.

—Querido, não quererá ficar cego? —Soltou Róta olhando com falsa sedução— Somos três para um…

—Sim, claro, D`Artagnan —Gabriel colocou a mão no peito —e as três mosqueteiras —sorriu com graça e se dirigiu ao banheiro público. Gúnnr revirou os olhos. Era engraçado.

—Que condenado, Engel —respondeu Róta mostrando o dedo do meio— Bom Gunny —disse sorrindo, enquanto colocava um vestido negro ajustado e umas botas negras combinando—

Por fim sozinhas! Começa a contar —estalou os dedos.

Gúnnr exalou com cansaço e se deu a volta para olhá-la.

—As asas dele não saíram. — A *Valkyria* franziu o cenho. Olhou Bryn com cara de pôquer. — Parece, a Reso e Clemo, ao fazê-lo com as gêmeas, saíram asas — explicou a jovem— a mim saem asas —fez um movimento abrupto com os braços— Mas a ele não.

—Quando alcança o orgasmo com ele —respondeu Gúnnr ficando tão fresca como uma alface e tirando o sutiã— Passe uma roupa de meu tamanho —especificou— por favor.

Colocou o conjunto combinando, e colocou o primeiro que pegou de sua sacola particular.

— Orgasmo? —Repetiu Róta— Te deu um orgasmo? Com ele? Como? A animando? — Gúnnr negou com a cabeça. Não imaginava Gabriel com pompons e gritando seu nome para que ela alcançasse um orgasmo.

—Róta, está mortífera. Com ele entre minhas pernas. Deu-me dois e bem seguidos —Gúnnr colocou jeans G-Star de perna larga ligeiramente caídos na cintura, tênis Converse branco e um pulôver de lã cor branca.

—Seu guerreiro não gosta de nada que mostre carne, Gunny —murmurou Bryn olhando sua roupa de lado— Só falta a jaqueta esquimó.

— Não está por aqui? —Róta seguiu a brincadeira de Bryn e tirou os acessórios das sacolas— Pois não. Mas, tcham! O gorro combinando! —gritou caçoando dela, tirando um gorro de lã com viseira da mesma cor que o calçado e o pulôver.

—Muito engraçada —Gúnnr puxou o gorro das mãos e se olhou no espelho do retrovisor, ocultando as orelhas com as pontas dos dedos— eu gosto.

—Você gosta de tudo o que ele faz. Está apaixonada por ele desde que o viu. — Gúnnr apertou os punhos. Estava apaixonada. Estava apaixonada há tanto tempo… Era uma verdade grande como uma casa. Gúnnr estava tão apaixonada pelo Engel, gostava tanto dele, que por muito mal que a tratasse, ela continuava vendo-o como o melhor. Como seu *einherjars*. Como dela. E essa sensação a zangava, porque a fazia sentir como se só recolhesse migalhas por sua parte, e isso não era justo.

—Necessito uns óculos de sol —murmurou Gúnnr— Gabriel me deixa o dia todo neste estado — destacou os olhos vermelhos e sem querer tocou a pálpebra e saltou uma faísca— Não controlo ainda minha *fúria*.

— Gabriel te deixa furiosa, Gunny? —Disse Róta fechando as botas de salto e colocando um casaco negro sobre o vestido. Escondeu o sorriso. — É bom, não?

—Gabriel não gosta de mim como eu gosto dele —O olhar avermelhado de Gúnnr se tingiu de tristeza— Ele… Ele pensa em outra quando me olha. Não me quer. Sei. Sinto… Está longe de mim, não sei se me entendem… —A loira Bryn inclinou para frente e tocou-lhe a viseira com carinho.

—Gabriel gosta de você, só que ele ainda não está preparado para vê-lo.

—É como um purs —espetou Róta com um sorriso genuíno— Ceguinho perdido.

—Não quero me angustiar. Não suporto esperar um sorriso de sua parte, ou que me olhe e me acaricie… as *Valkyrias* não suplicam nem rogam! —gritou irritada— E me sinto envergonhada

por me sentir assim. Isso só me demonstra que continuo sendo uma decepção como *Valkyria*.

—Mas você não é uma *Valkyria* qualquer —Bryn sorriu com compreensão— Você tem suas próprias normas, irmãzinha. Recebeu o batismo quando teve vontade. Desperta seu dom quando dá vontade. Faz viajar do deserto do Colorado a Chicago quando dá vontade. E ama como dá a vontade. É muito honesta e muito transparente por ele… Mas não se compare. Todas somos diferentes. Há traços característicos em nós, mas não temos um coração igual.

Róta olhou Bryn com cara de estupefação.

—Ontem viu muito Oprah —soltou com desgosto— O que Gúnnr precisa é dar um tapa sobre a mesa e pôr em seu lugar ao *príncipe cachos de ouro*. Vá por todas, *Valkyria* — recomendou apaixonadamente— Se quiser, não o deixe escapar e demonstre quem comanda. Somos guerreiras e não meninas em apuros.

Bryn revirou os olhos e acabou de fechar os jeans ajustados.

—Não me admira que ninguém tenha solicitado a você —sussurrou Bryn.

—Pois não é isso o que disse Freyja —Gúnnr girou para encarar suas irmãs— Pelo visto sim que tem *einherjars*. Quem é? — Róta ficou calada, mas reagiu rápido.

—Freyja tem que deixar de beber hidromel… E Bryn —Róta sorriu com falsidade a Generela— Não se preocupe: quando tiver para mim um guerreiro —respondeu com malícia— o último que farei será afastá-lo de meu lado.

— Eu não afastei Ardam! —gritou Bryn ofendida. —Não quero falar com você disto — levantou uma mão, olhou à frente e disse— Solta minha mão.

— É como uma menina pequena! —Exclamou Bryn.

—Por favor, não comecem —Gúnnr estava mais que farta de suas discussões, e no fundo, ela sabia por que brigavam tanto. Tinham que solucioná-lo e deixar de ser tão duras uma com a outra.

— Uma menina repelente! —Gritou a Generela— Deveria castiga-la por sua ousadia, *Valkyria*. Sou sua superior e…

— Garotas? —Gabriel abriu a porta e se sentou frente ao volante. As três se calaram de repente.

— Do que falavam?

—Do gorro tão sexy que comprou para Gúnnr —Róta cruzou os braços e se separou de Bryn— E de que a Generela vai comprar um vibrador com diamantes.

Bryn apertou a mandíbula.

—Antes terei que pegar as pinças para mamilos que me pediu, Róta —respondeu Bryn maliciosamente.

Gabriel olhou a sua *Valkyria* e sorriu. Não entendia nada do que estavam falando, mas era muito interessante. Vibradores e pinças para mamilos. Fantástico.

Estudou a cabecinha de Gúnnr coberta com o gorro de lã, e todo o interesse da conversa sobre brinquedos eróticos sumiu, e isso que o deixava louco. Não pôde evitar se enternecer ao notar que tinha as bochechas rosadas e cobriu as orelhas bicudas.

—Fica bem —disse sem intenção de babar diante dela.

—Esta tarde vou às compras — assegurou a jovem com irritação— Necessito uns óculos.

Ele encolheu os ombros.

—Como quiser. Reservei quartos no Hard Rock. Mas antes iremos comer algo no Cheesecake Factory. Reso e Clemo já estão lá. Dizem que descobriram algo importante nos túneis.

Nunca em sua vida esteve tão incômodo com uma mulher.

Ele se dava bem com as garotas, sabia tratá-las, mas passava algo com Gúnnr. Irritava-o de um modo estranho. Não queria estar preso a dela, nem queria olhá-la a cada instante, nem assegurar de que comesse ou de se gostava ou não da comida… Não queria senti-la perto nem cheirar sua essência uma e outra vez.

Estava-o drogando. Estavam sentados um ao lado do outro, rodeados por seus guerreiros, comendo um delicioso menu no Cheesecake Factory da Avenida Michigan, justo na praça circular que havia em frente do John Hancock. O Cheesecake Factory era uma cadeia de restaurantes norte-americanos que serviam a típica comida americana, com pratos traçados XXI , e além disso, tinham a peculiaridade de que em sua carta de sobremesas tinham mais de trinta bolos de queijo diferentes. Haviam ido ali porque as gêmeas matavam por provar um bolo de queijo americano e se dizia que aí serviam as melhores.

Gabriel estava saboreando a comida, mas a boca salivava diante do pensamento de voltar a beijar Gúnnr. Por que?

Não estava apaixonado por ela e decidiu que não ia sucumbir, porque sabia muito bem o que queria, e a jovem *Valkyria* não respondia ao perfil de mulher que procurava. Mas, então, depois de ter sexo com ela a noite anterior, por que não se ressarciu? Na realidade, ele preferia ter outro tipo de sexo mais tórrido, mais duro, nada a ver com a ternura da noite anterior. De fato, não deveria gostar tanto de deitar com ela, mas a verdade era que gostou muito. E o enfurecia saber que Gúnnr tinha esse poder. Além disso, tinha que protegê-la e não expô-la muito. Se descobrissem que o interessava no mínimo, iriam contra ela, contra seu particular calcanhar de Aquiles. E o Engel não queria a alguém que lhe reforçasse e servisse de escudo.

Em sua vida, em sua família, viu o poder que podia ter um homem sobre uma mulher fraca. Seu pai fez o que deu vontade com sua mãe, e o fez com a desculpa de que a queria muito, de que a amava. Sua pobre mãe sempre cedendo, sempre perdoando, sempre à sua mercê…

E ele não queria isso. Se parecia com seu pai, como assegurou tantas vezes, poderia destruir a uma mulher de caráter doce e submisso como Gunny em um abrir e fechar de olhos. Como seu pai fez com sua mãe.

Apertou o garfo até dobrá-lo e a porção de bolo de queijo caiu ao prato.

—Estes talheres são de má qualidade —pigarreou e moldou o garfo de novo.

Todos estavam olhando para ele. Gúnnr o olhava com aqueles olhos como querendo abraçá-lo e dar consolo. Se soubesse o que estava pensando sobre ela, partiria o coração. Ou talvez sorrisse e dissesse como tantas vezes disse sua mãe a seu pai: *Não há nenhum problema, querido, perdoo você. Amo-o igual.*

— Você gosta do bolo, Engel? —Perguntou a *Valkyria* com medo de que a cortasse diante de

todos de novo.

Gabriel assentiu e levou um bocado considerável à boca.

—Está bom.

O melhor seria que Gúnnr se afastasse dele. Certamente, isso seria o melhor. Gúnnr merecia alguém que a apreciasse devidamente. Gabriel adorava seu corpo e sua forma de ser, mas… Ele queria outra. E entretanto, pensar em fazer mal a Gúnnr… Não suportava.

—Encontramos isto nos túneis —disse Reso tirando um espada samurai de sua sacola negra. O moreno de cabeça raspada olhava com admiração àquela obra de arte. A espada tinha só um lado da folha afiada e tinha caracteres em japonês gravadas no metal. Reso entrelaçou a mão com a da Sura e beijou seu dorso sem importar se isso era muito íntimo ou não aos olhos dos outros— Nos interessará descobrir de quem é.

Pela primeira vez, Gúnnr teve inveja, e da má, para uma mulher. Teve inveja de Sura por ser o objeto de carinho e adoração de um homem. Reso enganava. Era um espartano, um selvagem. Mas podia ser terno com sua *Valkyria*. Um homem tão duro, um assassino no final, e tinha o suficiente coração para acariciar a sua mulher diante de todos. Incrível.

Gabriel tomou a espada entre as mãos e estudou os caracteres da folha, para ler em voz alta:

—Corpo de vaniro e alma de samurai. Imortal —Gabriel ficou sem fala— Um vaniro?

—Isso parece —assegurou Reso.

—Quando estava em Londres trabalhando com os vaniros —explicou Gabriel dando um gole a sua cerveja—, encarregava-me do fórum de mitologia celta e escandinava. Havia uma IP que sempre se repetia no mesmo lugar e à mesma hora. Era de um Starbucks que há nesta mesma rua. Ontem de noite me registrei no fórum com outro nick e o rateei para saber se o usuário em questão seguia conectando dali.

— Entrou em contato com Ruth e Aileen? Com Daanna? —Perguntou Gúnnr repentinamente pálida.

—Não —respondeu muito seco— Odín me advertiu que não o fizesse, que as coisas deviam acontecer naturalmente, não forcei nada. Simplesmente entrei para ver como estavam as coisas e porque gostava de dar uma olhada a essa cafeteria e ver se localizava a esse tipo. Seu nick é Miyaman.

— Deixa-me, Engel? —Perguntou Róta estendendo a mão— Tenho o dom da psicometría. Localizo as pessoas através dos objetos.

—Adiante —Gabriel cedeu a espada à *Valkyria* de cabelo vermelho.

Róta tremeu ao tocá-la e seus olhos azuis se tornaram completamente vermelhos. Apertou a mandíbula e todos viram como seu olhar se umedeceu de lágrimas que não queriam derramar.

Bryn levou a mão à garganta, afetada ao sentir como machucava o contato dessa espada com as mãos de Róta.

—Solte-a, por favor — pediu Bryn colocando as mãos sobre as de sua irmã *Valkyria*. Ao tocá-la, surgiu uma faísca entre elas e as pessoas das mesas ao redor ficaram olhando.

Róta olhou Bryn com uma muda advertência, como se a desafiasse a falar do que sentiu. Entre elas sempre tiveram uma grande empatia e essa foi uma das razões pelas quais chegaram a

se distanciar tanto.

— O que viu? —Gabriel inclinou para frente, motivando-a para que respondesse.

—Vi um guerreiro. Está olhando através das janelas opacas de um andar de design. Tem vistas espetaculares de Chicago, pode ver o Navy Pears e todo o lago. Está nesta cidade — descrevia sem nenhuma emoção— Tem presas, os olhos cinza e o cabelo castanho com reflexos loiros. Seus olhos são amendoados, parecidos com os de um oriental, mas tem feições ocidentais.

—Assim está em Chicago… —Gabriel se apoiou no respaldo do sofá macio de pele vermelha— Devemos encontra-lo. Se for um vaniro, certo que pode nos ajudar.

Capítulo 13

Depois de comer, hospedaram-se todos no hotel Hard Rock, na mesma Avenida Michigan em pleno centro de Chicago. Gabriel sabia da importância dessa área. Acontecia algo pelas noites nessa cidade, seria ao redor da Magnificient Mele, na área como o Millenium Park, conclaves de reunião social e grande atividade… E estavam na rua mais importante e mais cosmopolita e cheia de vida de Chicago.

Sabia que a *Valkyrias* gostariam muito do hotel. Era um lugar magnífico, com um estilo art déco não muito exuberante, com personalidade e todo fashion e variedade que elas podiam desejar. Além disso, as *Valkyrias*, que adoravam a música, agradeceriam a temática dos quartos do hotel. Todas tinham algum tipo de aviso ou quadro dos artistas mais famosos da história do pop e o rock na Terra.

Pediram quatro quartos.

Gúnnr e ele iriam dormir juntos. Não deveria ter solicitado um quarto para compartilhar com ela, mas era algo que seu instinto não podia evitar. Como sua *Valkyria*, Gúnnr devia permanecer perto dele. A jovem não mencionou nada sobre isso e deu por feito ou não que essa noite iriam dormir juntos de novo. E não ia ser ele que negaria esse doce, porque a verdade era que o sexo com Gúnnr foi doce e explosivo e estava desejoso de mais. De fato, decidiu que teria mais. Nos Quatro Cantos, Gabriel deixou muito claro como ia ser tudo entre eles e ela aceitou, assim Gúnnr nunca poderia lhe jogar na cara que se aproveitou dela. Por isso precisava manter a distâncias com ela fora da cama, para que não houvesse maus entendidos.

Ela já notou como ficava tenso quando se aproximava muito, e Gabriel odiava se comportar assim. Mas era o melhor. Não queria que por nada do mundo ela tivesse falsas ilusões. Tinha que marcar a linha entre sexo e casal. Entre prazer carnal e vínculo emocional. Entre amigos com direito a carícias e relações. E não conhecia melhor maneira de fazê-lo que se afastando dela a base de indiferença e frieza. Embora o certo era que agir assim exigia um grande esforço para ele.

Por isso a enviou, junto com Róta e Bryn, para percorrer a cidade. Os radares do software eram confiáveis, mas mais confiável era Gúnnr e a área para ver se detectava brilhos ou repetições de sua energia eletromagnética. Além disso, ordenou que, depois de seu itinerário se dirigissem ao Starbucks onde se supunha que se encontrava o usuário do fórum chamado Miyaman. Deviam

estar aí por volta das oito, que era a hora em que esse tipo se conectava. Elas o seguirão e se apresentariam diante dele para *convidá-lo*, o mais amigavelmente possível, a que as acompanhasse ao hotel e poder obter toda a informação que necessitassem, mas sobretudo, ele queria comprovar com seus próprios olhos de quem e o que se tratava. Era um humano curioso? Era um vaniro? Um berserker? Ou pior, era um dos maus?

Enquanto isso, durante o transcurso da tarde, e para não pensar em Gúnnr, reuniu-se com Reso e Clemo para ativar as câmaras que conectaram nos túneis. As câmaras tinham um sistema incorporado de alarme que se conectava quando detectava movimento. Por sorte, não mediam mais de sete milímetros e eram as menores mais e resistentes do mercado, assim não duvidava da competência desses aparelhos, nem tampouco de sua discrição.

Liba e Sura, por sua vez, estavam entranhadas nos arquivos da vida criminosa da cidade. Havia áreas quentes, como em todas as metrópoles, mas estas estavam nos bairros mais marginais. Entretanto, não havia casos de desaparecimentos nem assassinatos violentos no Gold Coast, que era a zona onde se encontravam. E isso só indicava uma coisa: se Mjölnir estava nesse distrito, os que estavam manipulando o martelo eram muito discretos e sabiam como proceder para não levantar suspeitar.

Conhecer essa discrição em seu inimigo deixava feliz um estrategista como Gabriel. Quando maior fosse o desafio, melhor seria quando o conquistasse. Estavam lidando com jotuns inteligentes, a que ver com os psicopatas se assediavam Londres. Uma luta contra lobachos e vampiros nunca se daria nessa cidade, nunca à vista; depois, isso não queria dizer que não se desenvolvesse de outro modo.

Gabriel olhou a hora em seu relógio digital. Conectou-se ao fórum de mitologia nórdica e entrou direito no chat. Faltava pouco para as oito da noite.

Miyaman devia estar para chegar.

Gúnnr já comprou muito.

A Avenida Michigan era uma loucura. A Magnificient Mele, algo assim como um quilômetro e meio de lojas de marcas exclusivas, era, por direito próprio e como seu nome indicava, um magnífico paraíso para qualquer mulher gulosa e caprichosa. E não havia nada mais guloso e caprichoso que uma *Valkyria*.

Com seu dom recebido, chegaram às típicas indicações das mulheres de sua raça, mas com moderação. Não como Róta e Bryn, por exemplo, que imantavam os vidros das vitrines com os olhos como pratos, mortas de vontade por tudo o que viam e queriam comprar.

—Viemos ao *Midgard* para recuperar os objetos e proteger à raça humana, mas nem por isso vou reprimir nem meus instintos nem minha essência. Talvez não saia desta, assim vou permitir tudo o que me dê vontade— disse Róta olhando as lojas ao seu redor— Trabalho e prazer podem se misturar sem nenhum problema.

Gúnnr sorria enquanto lembrava suas palavras.

As *Valkyrias* eram muito hedonistas, adoravam os perfumes e também as pedras que

brilhavam, e que pudessem brilhar em seus corpos. Sentiu uma especial predileção por umas camisetas com lantejoulas e pedrarias que vendiam em uma loja que se chamava Versace, na qual arrasou todo tipo de roupas e sapatos, e é óbvio, deixou-a comprando compulsivamente também, embora não necessitou muita persuasão.

Disseram:

—Quando Gabriel a ver com isto vai entrar em estado catatônico— assegurou Bryn.

E nada gostava mais a Gúnnr que ver seu Engel nesse estado, fora de controle. *Poderia me pôr de joelhos*, disse a noite anterior. Ela queria vê-lo já.

Compraram tanto que não podiam carregar, assim ordenaram às lojas que enviassem as sacolas ao hotel, para que as subissem a seus quartos, isso sim, pagando por todos esses serviços. Os humanos não faziam nada grátis. O dinheiro mandava, pelo visto.

O que o que adquiriu e mais gostou era um leitor de livros eletrônicos e um livro de edição de luxo. Que estava convencida que ia fascinar Gabriel. Sempre falou da Sun Tzu. Pois bem, entraram em uma livraria chamada Barnes & Nobre e perguntaram sobre livros dessa categoria, e o livreiro recomendou *O Livro dos cinco Anéis* de Miyamoto Mushashi. Compro-o e pediu que o envolvessem para presente.

Róta, por sua parte, comprou um livro sobre a história dos samurais. Sua amiga o leu com afã em apenas quinze minutos, enquanto caminhavam pela Avenida.

Era curioso, mas para Gúnnr, depois da dinheirama que gastou em todas essas coisas fátuas, o que mais lhe dava expectativas era esse exemplar. Porque era para Gabriel. Um presente que esperava que agradasse o *einherjars*.

Agora caminhavam as três juntas. Gúnnr ia ao meio e tinha nas mãos um pacote de chocolates deliciosos da loja Ghirardelli.

—Com certeza, essa loja foi fundada por Odín e Freyja— disse Gúnnr enquanto se deslumbravam de todo os chocolates— Tem um falcão no escudo, seu sabor pode deixar se não cego, meio caolho de prazer, e só vendem pecado.

Comia uma bomba de chocolate. Adorava como explodia na boca e o chocolate negro se fundia em sua língua e cobria seu paladar.

Não evitava as ordens de seu *einherjars*. Gabriel disse que tentasse sintonizar com o Mjölnir. Não notou nenhuma força eletromagnética superior em nenhuma área pela que passaram. O ambiente seguia um tanto ionizado, e a energia latente do Mjölnir seguia aí, resguardada em algum lugar. Não demoraria muito tempo em averiguá-lo. Só precisava sensibilizar-se um pouco mais e estudar melhor o tipo de afinidade que tinha com o martelo de Thor.

Pararam frente ao Starbucks. Essas cafeterias pareciam ter muito êxito entre os americanos. De fato, o escudo da cadeia lembrava ligeiramente a Freyja.

Róta parecia muito nervosa. Olhou às janelas para observar o interior do local e ficou com a vista fixa cravada em um ponto em particular.

—Já é a hora— Bryn olhou seu Tissot Touch com esfera azul— Entremos e vejamos quem está conectado a um computador. Procuremos o Miyaman.

—Aí dentro estão todos conectados com seus notes. Deixem entrar primeiro e dou uma

primeira olhada—pediu Róta com ansiedade. Seus olhos azuis brilhavam de emoção.

Gúnnr e Bryn franziram o cenho.

—Se entrarmos levantaremos suspeitas— explicou Róta— Bryn, está vestida como uma qualquer e chama atenção. A seu lado Gúnnr parece sua filha.

As *Valkyrias* aludidas se olharam uma à outra, analisando-se com o olhar.

Gúnnr estava com seus jeans largos, blusa de pescoço alto e seus tênis Converse da mesma cor que o gorro. Além disso, tinha um dos cantos de seus lábios manchado de chocolate. Os olhos azuis escuros pareciam enormes em seu rosto e, devido ao vento e ao frio dessa cidade, já tinha as bochechas vermelhas.

Bryn usava jeans azuis desgastados justos, uns sapatos vermelhos de salto que comprou na Gucci e que calçou imediatamente, um gorro vermelho inclinado ao estilo parisiense e um casaco de pele de pescoço alto que deixava sua figura sinuosa como uma segunda pele. O cabelo loiro comprido e encaracolado brilhava como um amanhecer. Pintou os lábios de vermelho na loja MAC, que por certo também saquearam.

Róta usava o vestido negro, curto e ajustado por debaixo das nádegas, um lenço da mesma cor preso ao pescoço e um casaco de pele marrom escura que chegava por cima dos rins. Fazia o mesmo que Bryn com o calçado que comprou Gabriel. O mudou por umas botas negras também do Gucci que a cobria até os joelhos.

—É suficiente com que alguém chame a atenção— disse Róta sorrindo com petulância.

Gúnnr esperou o comentário mordaz de Bryn, a réplica que sempre tinha a ponto para Róta e que parecia não poder engolir nunca, mas desta vez, a Generela estava olhando-a de outro modo.

Seus olhos azuis pareciam sábios e não tinham recriminação alguma para a provocação de Róta, a Generela girou para as janelas do Starbucks como se através delas pudesse ver algo que ninguém mais via.

Róta engoliu saliva e apertou a mandíbula.

Gúnnr se incomodou. Era a primeira vez que via sua amiga *Valkyria* insegura e com aspecto de vulnerabilidade.

—Está bem—disse finalmente Bryn — Entra e nos diga o que viu.

Róta não passou nem cinco minutos dentro do Starbucks. Saiu com os olhos vermelhos e ligeiramente inchados e o olhar de cor rubi. Como se algo do que houvesse aí dentro a tivesse afetado de uma maneira íntima e pessoal.

Gúnnr se aproximou de Róta com preocupação e Bryn manteve distância.

—Está dentro— disse Róta passando a mão pelas bochechas para fazer desaparecer as lágrimas— É Miyaman.

— Como sabe? —Perguntou Bryn.

Gúnnr não entendia a pergunta da Generela. Sua irmã estava chorando, e isso que Róta não era das que choravam, e Bryn evitava esse detalhe como se não importasse.

—Bryn, não viu como está? —Reprovou Gúnnr— por que chora, Róta?

—Vi na tela de seu computador portátil— respondeu Róta com raiva— Está conectado ao

fórum, esse que menciona o Engel. Daanna McKenna está com ele. A Escolhida.

Um nó de ansiedade se hospedou no estômago de Gúnnr. Daanna McKenna? A vanira que Gabriel estava apaixonado? Venha!

— Como diz? —Disse Gúnnr em um suave sussurrou.

—Está com ela— repetiu Róta com secura— A espada que Reso e outros encontraram nos túneis é desse homem. É o homem que vi mediante meu dom. O que faz Daanna aqui?

— Acaso viu a Daanna alguma vez? —Perguntou Bryn levantando uma sobrancelha— Como sabe que aspecto tem? Só Nanna sabe como são todos aqui embaixo. Nós unicamente vimos as imagens íntimas de Ruth e Aileen…

—Sempre que toco Gabriel a vejo—respondeu distante.

Gúnnr apertou a mandíbula. Ouvir essas palavras era uma ferida de morte para seu coração. Deixou cair a bolsa de chocolates do Ghirardelli no chão e os bombons se esparramaram pela calçada. Acaso Gabriel tinha algum objeto pessoal de Daanna que tinha com ele? Acaso Gabriel era de Daanna? Como algo dele? Como que com apenas tocá-lo Róta pudesse encontrar a vanira? Tanto a quis ele para estar marcado por ela desse modo?

— O que? Por que nenhuma vez disse isso? —Gúnnr segurou pelo braço Róta e exigiu toda sua atenção. Sentia-se traída por sua amiga.

—Não tem importância, Gunny. Não tenha em conta.

— Ah, não?! —Gritou Gúnnr com os olhos úmidos— Por culpa dessa mulher Gabriel não pode… Não me… — mordeu a língua e fechou os olhos morta de dor.

—Daanna está aí— respondo Róta enfrentando-a— Entra, se atrever, e diga tudo o que tenha a dizer.

Entraria agora mesmo. Seus olhos se tingiram de *fúria* vermelha.

—Basta. —Bryn interpôs entre elas e lhe dirigiu um olhar mortal capaz de fazer calar o mais falador— Neste momento não me importa os conflitos sentimentais que possa ter, Gunny— falou com censura— E me importa uma merda por que chora, Róta. É da sua conta— grunhiu olhando-a nos olhos durante longos segundos— viemos procurar Miyaman e isso é o único que nos incumbe.

—Chama-se Miya, na realidade— apontou Róta afastando o olhar.

—Miyaman já está aqui— disse uma voz masculina, rouca e gutural a suas costas.

Todas, exceto Róta, giraram para ver esse homem.

Era muito alto, mais alto uma cabeça e meia. Tinha costas tão grandes como as dos *einherjars*, a pele morena e aspecto de surfista. Usava um casaco de couro com a gola levantada, um pulôver de lã branco e jeans azuis desgastados remetidos em umas botas altas, negras desabotoadas. Seu cabelo castanho escuro com reflexos claros estava recolhido em um improvisado coque à altura da nuca. Seus olhos cinza amendoados tinham nuances orientais e parecia que estava rindo delas.

—Não são humanas. O que são? —Disse com um sorriso de incredulidade em seus lábios.

Quando Bryn ia explicar o que faziam ali, alguém disse:

—Tem que ter saco... —Um homem muito grande, com olhos claros, o cabelo loiro e um aparado cavanhaque se dirigia a Gúnnr muito irritado. Estava envolto com uma mantinha rosa nos

braços. Fosse o que fosse o que tinha, agarrava a sua camisa negra como se fosse um salva-vidas— Você!

Gúnnr olhou para trás e não viu ninguém, assim que se destacou a si mesmo. Esse homem só a estava olhando? Esse homem era muito parecido a… Merda!

— Eu?

—Sim, você! Esteve em minha casa com meu sobrinho Gabriel! Vi-os!

Bryn ficou tensa e disse a Gúnnr ao ouvido.

—Incrível. Solucione isto agora mesmo.

— Como? —Sussurrou com os dentes apertados.

—Você verá. —Bryn levou Róta e Miya com ela porque não queria que nada disso se espalhasse.

O homem parou diante de Gúnnr e a olhou de cima a baixo.

— Como que nos viu? —Repetiu horrorizada.

—Em meu escritório. Tenho uma câmara oculta em meu lápis!

Isso não podia estar acontecendo. Definitivamente, era o último que devia acontecer.

— Onde está esse menino sem vergonha? Utilizam minha casa como um bordel e não são capazes de deixar uma nota de contato? —se queixou, visivelmente ofendido.

Bryn revirou os olhos.

Róta olhou Miya sorrateiramente.

Miya não podia acreditar no que havia soltado o outro homem pela boca.

E Gúnnr ficou vermelha como um tomate. Esse homem a pegou de surpresa e não sabia como reagir.

— Você é o tio de Gabriel? Jamie? —Perguntou Gúnnr prendendo a vista no vulto rosa que esse homem segurava com tanto carinho.

—Sim, jovenzinha— seus olhos azuis se tornaram travessos e risonhos— E agora mesmo vai me dizer onde está esse mal educado.

Não. Não podia fazer isso. Poria Gabriel em um apuro. Era impensável.

—Sinto, mas… —ia dizer Gúnnr.

—Nem pensar. Agora mesmo me diz isso ou mostro o vídeo às autoridades e os denuncio.

Fica horrorizada, pensou. *Faz como se isso desse medo de verdade. Terá que aparentar a máxima normalidade possível.*

— Você faria isso?! —Gritou espantada— Não pode fazer isso! Não compreende…!

—Menina bonita— disse se aproximando dela. Uma mão pequena de compridos dedos enrugados e muito cabelo negro emergiu da manta cor rosa e tocou o cabelo chocolate de Gúnnr. Jaime sorriu ao ver a confiança de seu filhotinho com Gúnnr— Não pode ser má garota, Chispa gosta de você.

— Chispa? É um macaco? —Disse Gúnnr assombrada.

A Gúnnr foi impossível não sentir ternura para esse animal. Elevou um dedo e Chispa o agarrou, soltando de uma vez um pequeno alarido de alegria. Teve vontade de descobri-la e pegá-la nos braços, mas se Jaime a ocultava desse modo era por alguma razão. Não seria tão ousada

para descobri-la. E ainda por cima se chamava Chispa.

Sorriu. Ela também dava faíscas de vez em quando.

—Por favor, entende. Quero ver meu sobrinho— a voz de Jaime era um rogo cheio de sinceridade e carinho— Faz muito tempo que não o vejo e me inteiro de que esteve em minha casa e não me disse nada.

—Senhor— Miya apareceu como um relâmpago e se colocou atrás de Jamie. Tocou-o no ombro e obrigou a que o olhasse nos olhos. Os olhos de Miya clarearam e se fundiram como prata.

—Não, por favor— disse Gúnnr parando Miya. Era um vaniro, e os vaniros tinham poderes mentais e podiam atuar sobre a vontade das pessoas— Não faça… Está bem.

— Quem é este? —Perguntou Jamie sem entender nada e olhando Miya com interesse.

—Posso solucionar este inconveniente— assegurou o vaniro.

Gúnnr mordeu o lábio e elevou os olhos para o tio de Gabriel. O que faria Miya? Apagaria essa lembrança? Não. Não podia ser. Se as *nornas* decidiram que isso acontecesse, era por uma razão, não? Além disso, esse homem seriamente que se via ansioso para ver Gabriel. E elas acreditavam que faria bem a Gabriel vê-lo, ao menos, uma vez mais. Não entendia como era a vida de Gabriel antes de morrer, mas estava segura de que amava Jamie.

—Não há problema— disse Gúnnr finalmente— Só estamos conversando.

Miya encolheu os ombros e se reuniu de novo com Bryn e Róta.

—Já sabem onde vivo— Jamie sorriu de orelha a orelha— Mas me liguem antes, pode ser que eu não esteja quando vocês forem.— levou a mão ao bolso traseiro de sua calça negra e tirou um cartão quadrado e de cor negra— Aqui está meu telefone. Como se chama, jovenzinha?

—É… Gunny— disse timidamente.

—Genial. Sou Jamie— deu-lhe um abraço cheio de calor e carinho e a beijo na bochecha— Se for a namorada de Gabriel, também é minha sobrinha.

—Eu não sou…

—Não importa— Jaime levantou uma mão sem dar importância— Sei o que vi no vídeo…

— Como?

—Espero a chamada—fez o gesto do telefone com o mindinho e o polegar e piscou um olho— Venha à minha casa com ele, Gunny. É minha única família. E Chispa espera que venha. Gostou de você.

—Bom…

— Ah! E obrigado por encher minha geladeira de todos esses pratos suculentos. Cozinha muito bem—sorriu abertamente e elevou a mão em sinal de despedida.

Com essas palavras, Jamie se afastou dela e desapareceu no horizonte.

Droga… Esse homem era como um tornado, não? Estava cheio de boa energia, e tinha um olhar desses nos que uma pessoa poderia confiar sempre.

Soprando, cheia de adrenalina por esse encontro, reuniu-se com os outros.

— Tudo bem? —Perguntou Bryn cruzando os braços sob o peito.

Gúnnr assentiu.

—Está controlado— *de forma alguma.*

Róta franziu o cenho e olhou os olhos e a boca de Miya.

—Sou uma *Valkyria*, sabe? —Disse como se esquecesse de algo, ou pior, como se ele tivesse perguntado.

—Uma *Valkyria*, sei… — Assentiu, analisando-s de cima a baixo— Nunca viu uma.

— Que fazia Daanna McKenna aí com você? — Perguntou Róta surpreendendo-o.

— Conhece-a?

—Sim. É do clã vaniro da Black Country. Por que está com você?

—Já não está—encolheu os ombros— Uma pena— estalou com a língua— Me alegrou o dia.

Róta apertou os punhos ao lado de seus quadris.

—Eu a vi. Estava aí quando…

—Sumiu diante de meus olhos. Pulou —explicou Miya estudando às *Valkyrias* com seus olhos cheios de bruma. — O que viu era uma projeção de seu corpo. Veio me dar uma mensagem, pelo visto, era a primeira vez que fazia isto. Disse que temos que reunificar os clãs para o *Ragnarök*. Suponho que sabem do que vai tudo isto, não? O que fazem as *Valkyrias* aqui? Algo muito grande deve estar acontecendo para que Freyja e Odín enviem seu esquadrão mais fiel à Terra. O que é? O que aconteceu?

—Nos acompanhe, por favor— pediu Bryn— explicaremos quem somos e o que viemos fazer aqui.

Miya levou a mão às costas e acariciou uma espada samurai que tinha sob o casaco.

—Farei, as frequências mentais que veem de vocês, são baixas e boas, mas, se tentam me enganar, as cortarei em rodelas.

— O que o faz pensar que pode nos vencer? — Róta arqueou as sobrancelhas vermelhas e seus olhos azuis o desafiaram.

—Eu só aviso vocês— olhou suas botas negras de salto, suas coxas esbeltas, a saia que moldavam seus quadris e seu traseiro e o generoso busto que erguia orgulhoso— É impossível que saibam lutar vestidas desta maneira.

—Diga isso quando estiver pisoteando um ovo com meu salto, bonito.

Bryn se cansou dessa repetição e no final disse a Miya:

—As *Valkyrias* nunca mentem. Nunca. Asseguro que não é nenhum tipo de emboscada. Necessitamos que nos ajude. O *Ragnarök* pode se desencadear antes do tempo, Miya. Por favor, nos acompanhe— Bryn cravou seu olhar nele e permitiu que refletisse sua sinceridade.

—Está bem— Miya olhou sorrateiramente a Gúnnr— E a menina também vem?

Aquele comentário irritou Gúnnr. Só faltava ouvir isso para arrematá-la e deixá-la sem autoestima. Ao lado de Bryn e Róta pareceria uma caçula com suas irmãs mais velhas, e vestida tal e como estava, pois não chamava muito a atenção, na verdade. Estava cansada disso. Cansada dela mesma.

Ainda por cima, agora conheceu ao tio de Gabriel e quase lhe tinha afirmado que iriam vê-lo. E a revelação sobre Daanna e Gabriel rasgou seu coração. Teria que ver ao menos como era a vanira. Não. Isso teria sido mais destrutivo, se pudesse.

Gúnnr era quem era e não o podia mudar, não podia competir com alguém que tivesse tanta

vantagem sobre ela. Aceitaria sua situação e lutaria com suas próprias armas. Estava Gabriel com ela agora. Deitava-se com ela agora. Bom, ao menos esperava deitar com ele de novo. E mais, o Engel lutava com ela e não a deixaria sozinha nunca. Talvez não os unisse o amor, mas sim o Kompromiss. E ele solicitou a ela por alguma razão. No momento de sua morte, escolheu-a para que cuidasse dele e compartilhasse sua vida imortal. Isto queria dizer algo, não? Eram companheiros de guerra. Daanna não podia contra isso, portanto, Gúnnr ainda tinha uma oportunidade.

Sorriu a Miya com um desses sorrisos destinados a pôr de joelhos aos homens, o típico sorriso que ela nunca colocou em prática e que saiu de forma natural.

—Se for a minha babá, vou com você onde você quiser, Kung-fu.

Miya soltou uma gargalhada.

—Que gracinha... Isso vai ser divertido.

Estava revisando as telas dos computadores quando Gúnnr entrou e com sua presença orvalhou o quarto de aroma de mashmellow.

Gabriel sentiu que o zíper de sua calça esticava. Irritava-o que aquela mulher o pusesse em alerta tão fulminantemente. Como um raio.

Gúnnr usava o gorro de lã na mão e penteava o cabelo comprido com os dedos. Caminhou para Gabriel e disse:

—Temos uma visita.

O Engel girou com interesse e se apoiou na mesa do escritório, olhando diretamente a moldura da porta.

Róta entrou cabisbaixa. Depois dela, Bryn levantava o queixo com orgulho. E depois de Bryn apareceu Miyaman.

Reso e Clemo rodearam o Engel.

Gabriel estudou ao recém-chegado. Era um vaniro. Seu olhar cinza refletia inteligência e fidelidade, mas, sobretudo emitia retalhos de humanidade, algo que os vampiros já não tinham.

Miya não precisou saber quem era o líder do grupo. Gabriel gotejava liderança por cada poro de sua pele, mas foi a perigosa segurança em si mesmo, essa segurança que poderia se tornar arrogante sim se a descuidava, a que mais respeito deu a Miya.

Ambos se olharam nos olhos, como em um duelo de pistoleiros, pensando se sacavam ou não suas armas.

—Posso confiar em você— afirmou Miya assentindo— por que confia você em mim?

— Como sabe que faço?

—De outro modo não me convidaria a seu lar e não deixaria que conhecesse seus guerreiros.

Gabriel elevou o canto do lábio.

—Este não é meu lar— respondeu olhando o guerreio de cima a baixo— E vi lutar os vaniros. Asseguro que não poderia contra três *Valkyrias* como elas— assinalou com um gesto do queixo. Caminhou para ele e estendeu a mão— Sou o Engel, um *einherjars* de Odín.

—Miya. —Aceitou a mão que oferecia— Vaniro. O que acontece? O que fazem em Chicago?

Gabriel não demorou em explicar tudo sobre o que faziam ali e por que razão estavam nessa cidade. Miya ouvia suas palavras quase sem piscar. A história era assombrosa e a situação era mais crítica que o normal. Gabriel explicou sua história no Black Country e o que ele sabia dos vaniros e berserkers dessa área inglesa. Também contou o pacto de irmandade que fizeram os dois clãs inimizados para proteger à humanidade.

—Vejamos se entendi. —A incredulidade assolava o rosto da Miya— Você já sabia que eu estava aqui porque administrava o fórum de mitologia nórdica e escandinava que eu visitava. Tão fácil foi me encontrar?

Gabriel encolheu os ombros e sorriu desculpando-se.

—Muito poucas pessoas sabe tanto como você sobre idiomas antigos e cultura nórdica, e além disso, sobre o comportamento dos deuses… E muito poucos entendem a mensagem criptografada que há sobre o cabeçário do fórum.

—*Entra só se Odín e Freyja o fizeram um imortal*— recitou o vaniro— Assim era um convite literal.

—Sim. É um vaniro samurai, verdade?

—Sim.

—Não imaginei que os deuses transformaram em vaniros outros guerreiros que não fossem Keltoi como são os da Black Country. —Não imaginava, mas por outro lado, parecia inevitável. Quanto mais guerreiros para a causa, melhor.

—E eu não posso imaginar que vaniros e berserkers se deem bem—respondeu Miya negando com a cabeça— São uma raça muito selvagem os… cães. Por aqui já não vêm, estão todos no Milwaukee. —levantou da chaise longue em que se acomodou e olhou através da ampla janela através do qual se podia ver a cidade de Chicago. Inspirou e seu peito se expandiu notavelmente— Então, não só terá que lutar com os fodidos chupa-sangue, mas também, além disso, agora terá que localizar o martelo, a espada e a lança de Odín. —O vaniro entrelaçou os dedos e fez estalar seus nódulos— Estamos em sérias dificuldades. Muito sérias.

—É tão importante uma coisa como a outra— explicou Gabriel oferecendo uma cerveja da geladeira— Além disso, são os mesmos, só que agora estão divididos em conseguir objetivos distintos, mas, com a mesma finalidade.

—Não, obrigado— Miya levantou a mão e rejeitou a bebida educadamente— Eu não bebo.

Róta soprou como se ele a aborrecesse, e Miya a olhou de soslaio.

—Hoje foi o dia dos encontros inesperados— Miya massageou o ombro —primeiro Daanna McKenna e agora você…

A surpresa de Gabriel passou por seu rosto com claridade. Seus olhos azuis claros destilaram interesse somente em ouvir o nome da vanira.

Gúnnr captou todas suas emoções e se obrigou a olhar para outro lado, porque ver que a seu Engel iluminava o olhar ao saber da Escolhida supôs um golpe para seu orgulho de *Valkyria*.

Miya explicou todo o encontro com Daanna. Havia descrito como ela apareceu e desapareceu diante de seus olhos depois de dar uma importante informação. Teriam que

reunificar os clãs e manter o contato perdido para quando chegasse o *Ragnarök*. O fórum era a ferramenta que iam utilizar para seguir esse procedimento.

—Então, Freyja tinha razão— disse em voz baixa, pegando uma garrafa de água. Lançou-a a Miya e este a agarrou no voo— Daanna recebeu seu dom. Pode se transportar e contatar com os guerreiros perdidos. Fascinante.

Quando ele chegou ao *Valhall*, Freyja e Odín asseguraram que, graças ao desejo que pediu, a vanira keltoi receberia seu dom.

—E… Como está? —Perguntou Gabriel— Essa mulher é incrível, verdade?

Gúnnr se abraçou pela cintura e apertou os dentes. Por que tinha que doer tanto? Só eram palavras de admiração… Nada mais.

—Sim. Sem lugar a dúvida — assegurou Miya sorrindo com cumplicidade— É como uma pantera. É… linda e perigosa.

— Por que deu a ele sua espada Chokuto? —Perguntou Róta com frieza enquanto ela mesma se dirigia à geladeira e pegava uma Coca-cola Light do frigorífero.

O samurai bebeu de sua garrafa e seus olhos se converteram em uma linha prateada cheia de má vontade para aquela mulher de cabelo vermelho.

— Sabe de espadas, *Valkyria*? —Disse finalmente sem olhá-la.

—Sei onde está a que perdeu—assegurou Róta dirigindo-se a um armário de design que havia na sala de estar. Tirou a espada de Miya que encontrou nos túneis.

O vaniro levantou de repente e apertou os punhos.

—Não a perdi. Roubaram-me, esse bando de vampiros do Whiskey Sky em uma briga, na mesma noite que começou a tempestade… por que a tem você? —Recriminou-a como se só o feito de que Róta tocasse sua espada fosse uma ofensa.

Os olhos de Róta se tornaram vermelhos de repente. Vermelhos de raiva e um pouco parecido à pena.

—Róta— advertiu Bryn dirigindo-se para ela e se colocando em seu campo visual periférico— se controle.

As *Valkyrias*, como a irmandade de guerreiras que eram, não demorara em posicionar ao lado de Róta, e em olhar Miya como se fosse um piolho.

—Nós que encontramos sua espada— explicou Reso— Nos túneis antigos.

Miya não afastou o olhar da *Valkyria* em nenhum momento, ignorando o comentário do outro guerreiro.

O que estava acontecendo ali? Gabriel e Gúnnr se olharam um ao outro. Pediu algum tipo de explicação com o olhar, mas ela encolheu os ombros e negou com a cabeça. Não tinha nem ideia.

—Devolva-me, meu chokuto não te pertence.—ordenou Miya com a vista cravada nos olhos de Róta.

Desta vez os olhos de Róta se tornaram rubis, e seu corpo foi coberto por pequenos raios azulados que lambiam sua pele como se fossem línguas. Estava zangada e muito ferida por essas palavras.

— Róta! —Bryn a sacudiu.

—Me solte, Generel— advertiu sua irmã.

— Não, maldição! Miya está conosco. Pelos feios dos anões! Comporte-se!

— Quer sua espada? —Róta não atendia a Bryn. Sorriu com suficiência a Miya e disse— Pega!

A espada voou pelos ares como um míssil, em linha reta, sem fazer nenhum tipo de curva. Miya aumentou os olhos e se moveu o suficiente para esquivá-la, mas não tanto para que o fio da folha cravasse no pescoço de sua jaqueta de pele e o trespassasse na parede.

— Róta! —Gritaram Gabriel e Bryn ao mesmo tempo.

O samurai, que tinha as costas contra a parede, olhou a folha de sua espada, a qual de vez em quando cintilava pelos reflexos das luzes da cidade que entravam pela janela. Seus olhos cinza se cravaram no pescoço de seu casaco agora furada e logo desviaram até centrar em Róta.

—As mulheres como você— Miya impregnou suas palavras de veneno— mereceriam um castigo pelo que fez. Confio em que seu Engel lhe dê uma lição, pois está jogando por terra as possibilidades de que colaboremos juntos, e tornou um encontro amigável em um muito pouco cordial.

Róta deu um gole a sua Coca-cola light, encolheu os ombros, e sem dar importância a sua advertência, desta vez a jogou com força na cabeça dele, mas Miya a agarrou no voo, a virou sem derramar uma só gota e grudou seus lábios à garrafa.

—Uma ofensa atrás de outra… — Sussurrou divertido enquanto bebia.

Gabriel passou as mãos pelo cabelo loiro e olhou Róta com uma incredulidade. Bryn aumentou os olhos e olhou estupefata a sua irmã.

—Generela, controla suas *Valkyrias*— grunhiu o Engel.

Um músculo tenso palpitou na delicada mandíbula de Bryn. A loira grudou no nariz de Róta e sussurrou:

—Peça perdão.

Róta engoliu saliva e apertou os lábios. Tinha as bochechas vermelhas da raiva e da vergonha, mas se negava a baixar o olhar diante de Bryn.

—Não penso pedir desculpas. Não vou fazer.

Bryn pegou Róta pelo decote do vestido negro e a sacudiu.

—Maldição, Róta. Pede desculpas.

—Não.

—Róta.

—Não. Não… Não me obrigue.

—Não importa o que você quer. Sou sua Generela e deve me obedecer. Não tolerarei esse tipo de comportamento em minhas *Valkyrias*. Não penso deixar que passe por cima de minha autoridade.

Os olhos de Róta se encheram de lágrimas.

Gúnnr levou a mão à boca aberta e sentiu pena por sua irmã. Róta tinha muito orgulho e embora essa atitude para Miya fosse intolerável e incompreensível, não podia ser por simples capricho. O que acontecia?

—Não me obrigue…, por favor— rogou em voz baixa.

Gúnnr nunca escutou Róta suplicar por nada e sua irmã de cabelo de fogo, estava suplicando nem mais nem menos que a Bryn.

Bryn a parou e negou com a cabeça, impávida diante das palavras de sua amiga.

—Não posso, Róta. Peça desculpas.

Róta se limitou a olhar fixamente seu cara. Seus olhos retornaram a seu estado normal, mas estavam cheios de frieza e recriminação para Bryn. Uma recriminação que se encarregou de verbalizar com muita precisão.

—Nunca pode. Bryn, a Generel. É o único que importa. Sua posição diante de Freyja. Por esse status pode sacrificar todo o resto, não é mesmo Bryn? Pode fazer mal às pessoas que te amam, pode sacrificar o amor, e pode sacrificar a amizade… vende-se como uma pu…

A bofetada ressoou nas paredes do quarto do hotel, e girou a cabeça de Róta para o outro lado.

Bryn respirava agitadamente, e estava tão tensa que se puseram em guarda. De todas as *Valkyrias*, a *fúria* e o temperamento de Bryn era a pior. A mais letal e silenciosa.

Róta levou a mão à bochecha, vermelha pelo golpe. Seu cabelo vermelho cobria seu rosto e a escondia da vergonha.

—Está bem—disse Miya incômodo— Já é suficiente com…

—Não— grunhiu Bryn olhando ainda Róta com um amálgama de contradições muito intensas em seu interior.

Gúnnr passou a mão pelo cabelo comprido e disse:

—Róta se arrepende de fazer isso, verdade?—Tentou acalmar os ânimos com sua doçura— Não vai fazer mais, é só que…

—Silêncio, Gúnnr. —Bryn tremiam os ombros.

Gabriel olhava a situação, seduzido por completo pela energia e a força de Bryn, o jogo de Róta e a lealdade de Gúnnr. As *Valkyrias* não eram seres aos que alguém pudesse bater quando desse vontade. Prova disso era a demonstração de autoridade e respeito que Bryn emitia.

—Diga, Róta. Diga, e deixarei que saia do quarto. Não faça isto mais difícil.

Róta elevou a cabeça e ficou olhando Bryn, como se fosse a primeira vez que a via, como se não tivessem passado a eternidade juntas como irmãs.

A Generela pôde sentir como se distanciava dela, e o fazia de repente. Bryn fez um gesto de dor, mas se repôs rapidamente. Até então, acreditou que Róta não seguia presa a ela não, mas… Pelo visto sim que continuou havendo algo invisível que as unia. Fosse o que fosse, já não estava.

A *Valkyria* afastou a mão de sua bochecha machucada e passou pelo lado de Bryn com as costas bem retas e toda a dignidade que roubou com esse tapa. Róta parou frente a Miya.

O samurai já tinha tirado as costas da parede e estava colocando bem seu casaco.

—Minhas desculpas— disse Róta em tom baixo— Não voltará a acontecer.

O vaniro assentiu. Ela não o olhou nos olhos e ele em troca se recreou com seu rosto.

—Peço permissão para me retirar—disse Róta com a vista cravada na porta de saída do quarto.

—Concedido. —aceitou a voz estranhamente tremente de Bryn.

Assim que Róta se foi, e fechou a porta com um suave clique, Gabriel se encarregou de quebrar a tensão silenciosa que se hospedou no quarto.

—Não sei o que aconteceu— disse Gabriel— Mas já a puseram em seu lugar. Não voltará a acontecer.

Miya seguia com a vista cravada na porta.

—Sabemos que Mjölnir está aqui, em Chicago—Gabriel centrou a vista nos dedos tatuados de Miya.

O vaniro se sentou de novo na chaise longue e acabou a Coca-cola light que aquela impetuosa *Valkyria* jogou contra ele. Já não queria água.

—Supus que a tempestade elétrica que assolou o Gold Coast os dois dias anteriores não era uma tempestade normal. E também intuíamos que os seres que vimos faz duas noites no Whiskey Sky, justo quando se desenvolvia a tempestade, não eram os típicos vampiros. Eram distintos, de aparência menos humana que eles.

—Assim é. Não era uma típica tempestade elétrica— assegurou Gabriel— O que entrou no *Asgard* e levou os totens, trouxe com ele um exército de devoradores, são os seres que viu. Encontramos com eles nos Quatro Cantos e hoje mesmo nos túneis, onde encontramos seu chokuto. Precisamos trabalhar com você e com os seus. Necessitamos toda a informação possível que nos possa facilitar sobre a atividade vampírica nesta cidade. Se há ou não há ninhos de jotuns, e em caso afirmativo onde estão? Se trabalham humanos com eles ou se sabem que tenham escravos que lhes sirvam de olhos durante o dia. Se localizarmos os ninhos, talvez encontremos Mjölnir. Devemos trabalhar lado a lado.

—Conte conosco. Nos associamos tudo o que seja para exterminar a Loki e seus comparsas.

—Bem—Gabriel assentiu concordando.

—Venham comigo esta noite. Vou mostrar tudo o que está oculto nesta cidade. Com um pouco de sorte veremos o Khani— disse Miya acabando a bebida de um gole.

— Khani?

—Todo sabá tem um caudilho[27]. Khani é o caudilho dos vampiros de Chicago.

Capítulo 14

A noite em Chicago era um espetáculo de luz e cor, a cidade se vestia de ornamento e fazia não só para os residentes, mas sim o fazia especialmente para aqueles que vinham de visita.

Simplesmente apaixonante.

Gabriel sempre ficava fascinado ao ver todos esses enormes arranha-céus iluminados com um sem-fim de luzes de cores chamativas.

Conduzia o Tesla e a seu lado, uma pensativa Gúnnr e duas silenciosas Róta e Bryn olhavam com os olhos cheios de admiração àquela metrópole.

[27] *Seria como o Mestre dos vampiros.*

O que estaria pensando? O que dançava por suas cabeças? O que pensava Gúnnr da humanidade e seu modo de vida desde que pisaram em terra firme?

Não perguntou nada. Nem sequer se interessou por seu estado emocional depois de ver a incômoda discussão que tiveram suas amigas no quarto de hotel. Pensaria que era um insensível. Ou, certamente, a jovem chegaria à conclusão de que não interessava nada do que ela pudesse sentir. E estava bem assim. Esse era o trato não? O fodido era que embora esse fosse o trato, por alguma estranha razão que não queria interiorizar nem estudar, ver Gúnnr tão distante com ele doía. Incomodava.

Quando estiveram sem conversar no *Valhall*, ele se sentiu… sozinho. Era estranho ter uma convicção tão fraca a respeito de algo. Ele, que era o Engel, que não duvidava a respeito de nada, que era poderoso e estava seguro de si mesmo, não tinha claro sobre se fazia bem ou não se distanciando de Gunny.

Mas era o melhor para ela. O fazia por ela. Porque ao final, cedo ou tarde, a feriria…seu pai sempre o lembrou.

Você é como eu. Meu sangue corre por suas veias e, por muito que fuja disto, nunca poderá escapar do que é.

A lembrança de sua mãe consumida pelo caráter de seu pai corroeu suas vísceras; e a raiva, tão conhecida por ele, encheu de ressentimento. No melhor, um dia, ao lembrar de seus pais e como o sargento tratava sua mãe, poderia sentir uma total indiferença. Mas esse dia não chegava e Gabriel sabia que a ferida seguia aberta. Quando ia fechar?

Quando deixaria de se compadecer por sua mãe por ser tão fraca, por ter-se deixado se manipular? Quando deixaria de odiar a seu pai por ser um filho da puta?

Gúnnr suspirou e estendeu sua mão de elegantes dedos até a rádio digital do carro. O ligou e Gabriel agradeceu. *All of the lights* do Kanye West e Rihanna anulou o silêncio. Melhor escutar outras coisas que não a sua fodida cabeça, e dado que ali ninguém falava, o som relaxaria o ambiente.

O mais curioso desse surpreendente dia foi averiguar que ao ouvir o nome de Daanna McKenna nos lábios de Miya, não sentiu que tremiam os joelhos. Desapareceu o desejo como se nunca existisse, aliás, ainda ficavam frestas de sua teimosia. Daanna era sua mulher ideal, mas, então, por que essa falta de emoção ao ouvir dela? O alegrava, é óbvio, mas não o deixava louco. Gostou de saber que tinha um dom e que esteve perto dele, mas não foi tão devastador como em outras ocasiões.

Não ia pensar na Escolhida. Tinham coisas extremamente importantes entre mãos, e se esta noite saía tudo bem e Gabriel conhecia finalmente ao chefe de Chicago, não duvidava que Mjölnir aparecesse cedo ou tarde. Miya disse que ficassem nos subúrbios da cidade, que ali esperaria com seu clã.

O samurai comentou que iriam mostrar os pontos quentes que eles controlaram. E Gabriel estava ansioso por organizar o primeiro ataque.

Miya os chamou no Wicker Park três horas depois de seu primeiro encontro.

Era uma da madrugada. Quando chegaram, deram-se conta de que estavam em um bairro

muito boêmio de gente jovem e de muita vida noturna. Gabriel recordou a aparência do Notting Hill, com seu duplex e triplex de princípios de século vinte, todos em fila. Além disso, estava lotado de pequenos negócios, dessas típicas lojas de roupas vanguardista e mobiliário de decoração art déco que os grandes centros comerciais se encarregaram de dilapidar.

Estacionaram os carros frente ao pequeno parque que dava nome ao bairro e se encontraram com Miya e dois vaniros mais. Um deles era uma mulher. Ambos de cabelo comprido liso e negro e olhos amendoados e muito finos, não grandes como os de Miya, e estranhamente claros. Vestiam-se de negro e couro, inclusive ela, estética que os fazia parecer como a Nikita original.

—Boa noite— saudou Miya— apresento-lhes meus irmãos: Aiko— assinalou à garota—, e Isamu— assinalou o rapaz.

Os dois japoneses se inclinaram em sinal de reverência e respeito, e as *Valkyrias* e os *einherjars* fizeram o mesmo.

Róta olhou a Aiko com fascinação, mas em nenhum momento olhou ao samurai com o que, aparentemente, tão mal se dava.

—Só são vocês— disse Gabriel dando por feito— Onde estão os outros? Não posso acreditar que só vocês três…

—Não, é óbvio que somos mais. Estão fazendo guarda, dispersos na cidade.

—Entendo. Por que no Wicker Park? –Perguntou Gabriel dando uma olhada a seu redor.

Miya olhou para um edifício triangular onde confluíam duas das ruas mais importantes do centro de Chicago.

—Subamos a esse terraço — sugeriu.

Uma vez nela, tiveram umas esplêndidas vistas do West de Chicago e de sua capital. Os três edifícios mais altos se viam à perfeição, um afastado do outro, mediante distâncias virtualmente exatas.

—Nós temos perseverança do seguinte. Estamos vivendo aqui há um século e descobrimos isto: a área de ação dos chupa sangues e dos lobachos compreende os bairros que abrangemos daqui: Lincoln Park, Gold Coast, que é onde se hospedam, Old Town, Streeterville e Greek Tawn. Em menor medida, a área em que nos encontramos, que é West Park. Onde detectou a presença do Mjölnir?

Gabriel assinalou a linha que faziam os três edifícios que se sobressaíam ao horizonte.

—Justo nessa área.

—Na Gold Coast.

—Exato. Como agem aqui os jotuns?

—Verá— o samurai encolheu os ombros—, até agora todos aqueles humanos que vimos marcados e que vivem neste raio são *complacentes* com os vampiros. É uma zona muito vaidosa, cheia de luxos e demais… Muitas das pessoas que vivem no West End de Chicago dariam o que fosse pela imortalidade.

— Quer dizer que estão de acordo com que os vampiros bebam deles? —Pergunto Gúnnr horrorizada.

—Sim, assim é. Procedem de outro modo nos subúrbios de Chicago. Ali os lobachos e os vampiros bebem até matar, violentam e sodomizam os cidadãos. E o fazem de um modo que se assemelham a assassinatos entre guetos ou tribos urbanas… Não importa se forem mulheres ou crianças, não importa. Parte de meu clã está nessas áreas, tentando salvar os que puderem. Mas, aqui, na área alta, é assim —assentiu Miya aborrecido— Eles prometem a juventude eterna em troca de sustento, assim aceitam e se convertem em servos de sangue. É o modo com o que Khani pode mandar em Chicago. Tem a cidade controlada. Muitos olhos trabalham de dia para ele, e inclusive autoridades. Nós só podemos espreitar a vampiros e lobachos, e aniquilá-los um a um antes que sigam nos sequestrando e tomando tudo o que querem de nós. Agora nós somos presas.

—Assim nem sequer estão defendendo os humanos?— Bryn olhou ao horizonte e sua longa juba loira foi balançada pelo vento.

—Não podemos. É muito difícil. Já nem sequer tentamos salvar aos servos de sangue. Como defender a alguém ao que gosta daquilo do que você quer proteger? Salvamos muitos, mas nem todos querem ser salvos— concluiu Miya— O que veem seus olhos, Engel, é terra de vampiros. Marcam a seus servos como se tratasse de gado. No antebraço. Todos os servos têm a rã Bjarkan tatuada.

—A que representa Loki— Róta olhou as luzes dos aviões cruzar o céu.

—Não entendo por que deveriam marcar –disse Gabriel— A não ser que queiram diferenciar um gado de outro. E, se for assim, é porque não só está esse tal Khani trabalhando para Loki, verdade? Deve haver um caudilho mais.

Os olhos cinza de Miya brilharam com interesse.

—É muito inteligente, Engel.

—Só amarrei cabos — a voz de Gabriel não gotejava petulância por nenhum lado— Marca a seus servos quando quer deixar claro qual é seu território e, sobretudo, o faz para que não se misture com o gado de outro. É simples. Então, o que outro ganho há?

Isamu falou pela primeira vez. Sua voz era suave e sossegada.

—Aparentemente estão trabalhando com importantes geneticistas, todos eles são adoradores de Loki e formam parte de uma seita internacional de gente muito enriquecida e com meios, que se fazem chamar seita Lokasenna. Realizam estranhas mutações nos corpos humanos, vampiros e lobachos, como se quisessem conseguir algo através deles. Fizemos a perseguição de um deles. Tinha uma espécie de código de barras no pulso com as siglas NS. No final, umas poucas noites depois se transformou em algo parecido a um lobacho. Metade lobacho, metade vampiro. O matamos antes que fizesse mal a alguém, mas no momento de morrer recitou algo que só diria um adorador de Loki:

Bjarkan´s laufgrænstr lima:
Loki far floroar tima.[28]

[28] *O abedul tem ramos de verde folhas: Loki leva o tempo do engano.*

—Estão fazendo experiências de campo com estes humanos— disse Miya— Isamu escaneou o código de barras do pulso e encontrou uma mensagem cifrada que nos levou ao lugar de onde saiu. Trata-se do Newscientists, uma corporação internacional que se faz passar por empresas de materiais cirúrgicos…

—Conheço perfeitamente. A Newscientists não goza só de grandes geneticistas, mas sim, além disso trabalha com brilhantes cientistas quânticos, decididos a oferecer sua inteligência para causas como o fim do mundo. Conforme nos disse Odín, não só utilizam a humanos, vaniros e berserkers para fazer todo tipo de experimentos, também procuram o modo de criar uma porta dimensional para entrar no *Asgard*, e abrir a porta de nosso mundo ao Jotunheim. Querem adiantar o *Ragnarök* antes que o universo dite a data. E já conseguiram abrir uma pequena fresta, por isso levaram os totens dos deuses que viemos recuperar.

Gabriel explicou tudo o que ele sabia a respeito do Newscientists. A história de Aileen, Mikhail, Víctor, Samuel, Lucios, Seth, Strike, Patrick, Cerrill, Sebastián Smith e esse tal Hummus.

—Quem pôde entrar no *Asgard* mediante a transformação?— pergunto Aiko— Não era Loki o último transformista? Ele que utilizava o seidr para seus enganos?

—Aparentemente, alguém mais sabe fazer –concluiu Gabriel— Newscientists está atrás dessa desgraçada façanha, mas não sabemos quem a liberou. Na Espanha e na Inglaterra há duas sedes, mas já as têm sob controle— assegurou Gabriel.

—Equivoca-se. Não viu as notícias?

— Que notícias? —Gabriel ficou alerta.

—Faz quatro dias as duas sedes voaram pelos ares, as duas ao mesmo tempo — explicou com um sorriso.

Gúnnr sorriu a sua vez. Isamu tinha um sorriso contagioso e gostou imediatamente.

— Explodiram? —Gabriel franziu o cenho.

—Sim —respondeu Aiko— Mencionaram algo sobre um engano nas turbinas…

Duas sedes do Newscientists foram pelos ares. O que aconteceu? Isso de não poder entrar em contato com seus amigos tirava-o do sério. Mas aquele sinistro era boa notícia, não?

—Quando soubemos do acontecido — Miya fez estalar os nódulos—, compreendi que alguém estava de nosso lado. Mas nunca pensei que havia mais como nós. Dava nossa batalha contra os jotuns por perdida, embora isso não ia me impedir que lutasse até o final. Foram muitos séculos sozinhos. E a sede causou estragos e provocou que alguns perdessem sua alma. Só os mais disciplinados continuam de pé.

—Deve entrar em contato com Ás e Caleb —ordenou Gabriel— Não me mencione para nada, porque não sabem que estou aqui. Eles explicarão como estão trabalhando para ter aos jotuns o mais afastado possível. Não estou dizendo que aqui ganharam a partida, mas sim que estão em uma posição muito cômoda — as últimas palavras de Gabriel soaram como recriminação.

—Fizemos o que pudemos — Miya passou a mão pelo coque que usava. Parecia ofendido— Talvez, se os clãs se mantivessem em contato, ou se os deuses nos tivessem avisados sobre onde e como estávamos repartidos, possivelmente, agora estaríamos em uma situação mais vantajosa.

—Não. Não seria assim —negou o Engel— Mas isso agora não importa… — Não. O importante era o seguinte — Onde está a sede do Newscientists?

—Está em Wheaton. Nos subúrbios de todo núcleo de atividade.

—Em Wheaton… — Gabriel acariciou o queixo. Se estava nos subúrbios, queria dizer que o martelo não estava aí. A Newscientists não estava se localizada na cidade. Por que? Em Barcelona e em Londres era justamente o contrário. Localizava-se à vista de todos — Bem. Faremos o seguinte: me leve esta noite até o Khani. Vamos até ele.

—É muito escorregadio, Engel. Não é fácil caçar, ou então já o teria feito eu —desta vez Miya o olhava desafiante— Tenho observadores por toda a área vigiando os locais mais assiduamente. Eu também tenho meus meios.

Gabriel sorriu e lhe pôs uma mão no ombro.

—Perdão se pareci depreciativo, não era minha intenção. Leve-me até esse vampiro, ele sabe perfeitamente onde está Mjölnir. E amanhã você e eu, voaremos Newscientists pelos ares.

Miya sorriu e mostrou suas afiadas presas.

Róta cravou seus olhos em sua boca.

—Trato feito — respondeu o samurai. Seu iPhone tocou em uma carcaça negra e um yin yang começou a soar. O desprendeu. Enquanto escutava, seus olhos amendoados se iluminaram— Perfeito, Ren. Vamos para lá — fechou a comunicação e olhou Gabriel— Voilá! Khani se encontra no Streeterville, no clube noturno Underground. É a noite dos seres do bosque, uma festa temática em que quase todo mundo vai disfarçado. Que melhor lugar para se camuflar que uma festa de máscaras? Pelo visto, e com a desculpa da festa, estão celebrando uma reunião com algum de seus servos mais importantes.

Borrifaram-se com sprays desodorantes, tal e como aprenderam a fazer os vaniros da Black Country. Os *einherjars* e as *Valkyrias* fizeram o mesmo. Os vampiros e os lobachos cheiravam tudo, e era melhor passarem despercebidos. Deixaram os carros no estacionamento, e se dirigiram à entrada do clube noturno. Não havia lugar melhor para um encontro com jotuns que fazê-lo em um metrô. Um Underground.

O escudo do Underground era por si só muito simbólico. Três runas Bjarkan, como três b's acabadas em ponta, unidos de modo que criassem um triangulo. Portanto, casualidade ou não, era o melhor lugar de reunião para os adoradores de Loki.

—Se inverter as b's —explicou espontaneamente Isamu ao Gúnnr— verá que as runas formam um v duplo. É porque Loki também pode ser representado pela runa Wunja, que simboliza a travessura e a selvageria.

—Isso resume ao Loki muito bem — simplificou Gúnnr com interesse.

Isamu parou e olhou Gunny gentilmente.

—Espera. Sempre se cede a entrada às damas, mas não desta vez, poderia expô-la desnecessariamente, *Valkyria* —disse Isamu com um sorriso de desculpa.

Gúnnr pensou que se não estivesse obcecada com Gabriel, gostaria muito de Isamu. O japonês parecia tudo o que não era Gabriel. Solícito e muito carinhoso.

—Por certo — Isamu cravou seus olhos negros em sua boca — Eu gosto de como cheira.

Cheira como sândalo.

Gúnnr cheirou a roupa dissimuladamente. Gabriel disse que cheirava a açúcar, e o japonês soltava que cheirava a sândalo? O que estava acontecendo? Olhou o Engel, e este, surpreendentemente, estava vigiando-a com aqueles olhos completamente negros. Por que estavam negros? Estava zangado?

—Meu tio Jamie — disse Gabriel de repente, colocando-se às suas costas de modo protetor — vive justo a duas quadras daqui. Dá conta de que vive rodeado de putos vampiros? —Sussurrou preocupado.

Gúnnr sentiu um beliscão no estômago. Deveria dizer ao Engel que conheceu seu tio, mas Gabriel estava tão distante com ela que não encontrou a coragem de fazer. Estava controlando sua *fúria* muito bem, e se Gabriel respondesse mau ou recriminasse algo ao respeito, certamente explodiria. Não aguentava a tensão que havia entre eles. Era incômoda e não a merecia. Cansou de procurar o consolo de Gabriel e não se afetar por sua frieza. Ou no mínimo, tentava que não se afetasse.

— Teme por ele?

—Sim. É óbvio que sim —grunhiu Gabriel— Gúnnr?

— Sim?

—Não me faça de bobo com Isamu. E ainda menos faça diante de meu nariz. Lembra que de cara você e eu temos um kompromiss. Sou o Engel, deve-me respeito.

E dito isto, colocou-se diante dela e a deixou com a vista centrada em suas enormes costas, pensando unicamente naquelas palavras.

Só de cara a outros? Perdeu o respeito em algum momento? Ela paquerou? O Engel estava como um louco.

Quando entraram no Underground, a música excessivamente alta os deixou momentaneamente aturdidos. Escutava de fundo o *Till the World ends* da Britney Spears.

—Menos mal que ninguém nos viu, nem em sua casa nem tampouco em sua companhia — disse Gabriel referindo-se de novo a Jamie —Foi inconsciente por minha parte ir a sua casa. Menos mal que ele não sabe que estivemos ali. Não nos podem relacionar com ele, poderiam utilizá-lo e é o último que quero.

—Gabriel… Engel, com respeito a isso…

Gabriel pôs a mão na parte baixa das suas costas e a animou a que caminhasse.

—Concentre-se, Gunny. Pode ser que entremos em ação rapidamente.

O Underground estava repleto de gente disfarçada. Uns foram de elfos, outros de duendes, outros de fadas e havia algum ou outro gnomo.

O local tinha imensas caixas de madeira repartidas por toda a sala que faziam a função de mesas. Estas tinham o logotipo do Underground, as três runas formando um triângulo. As luzes que o iluminavam eram verdes, amarelas e rosas. Os tetos estavam cortados de imensos tubos metálicos que se assemelhavam às que havia sob os túneis da cidade. Em uma das paredes havia um mapa-múndi com o fundo negro e os continentes iluminados como se fosse uma base secreta de investigação militar. A madeira e o metal se combinavam para criar um ambiente especial e

quente, mas ao mesmo tempo cheio de modernismo. E logo estava toda essas pessoas disfarçadas e bastante atípicas, que só faziam beber e dançar sem nenhuma coordenação.

Muitos deles tinham a runa tatuada no antebraço, tal ou como disse Miya. As mulheres tinham os olhos dilatados, e sorriam e paqueravam com tudo o que aparecia pela frente.

Quando os *einherjars* e os dois vaniros apareceram, concentraram todo o interesse das damas. Elfas, fadas e duendes, todas extremamente maquiadas e com exuberantes decotes, os olharam confusas.

Miya ficou tenso.

—Estão sob o influxo do Khani. Os tem hipnotizados. Posso sentir sua rede mental atuando em seus servos. Agora mesmo está se alimentando em algum lugar— varreu o local com o olhar.

— Khani é negro, tem a cabeça raspada e um armário roupeiro como guarda-costas? — Perguntou Róta sem muito interesse.

—Sim.

—Pois é esse daí — os olhos azuis de Róta se tornaram vermelhos e ficaram olhando à frente.

Na outra ponta da sala, um homem de pele escura, um traje branco de grife e um sorriso de satisfação no rosto, estava lambendo os lábios manchados de carmesim e olhava à multidão com orgulho. Subiu em uma mesa e abriu os braços reclamando atenção.

— Temos visita! —Olhou Miya, mas parou os olhos cravados em Gabriel e Gúnnr— Seiva nova… — Murmurou lambendo a presa. Imediatamente, dois lobachos o cobriram e mostraram seus amarelados caninos aos *einherjars*.

Reso e Clemo jogavam com suas pulseiras até que fizeram aparecer suas espadas. Gabriel franziu o cenho. Aquilo era uma cilada.

—Dá a ordem, Engel, e começarão a rodar cabeças — grunhiu Clemo.

Gabriel olhou a Khani. Era um estrategista como ele. Não havia dúvida. Tinha um olhar inteligente, mas sobrava soberba. Menosprezava seus inimigos e esse era o pior engano de um líder.

—Miya, por que tenho a puta impressão de que nos prepararam uma emboscada?

—Não deveria ser assim — respondeu o samurai inquieto.

—As gêmeas —a ordem de Gabriel foi clara.

— Sim! —gritaram as duas de uma vez.

Sura e Liba apertaram os punhos, fecharam seus olhos e emitiram um raio que se dirigiu às luzes do local, partindo os fluorescentes e as lâmpadas das mesas.

O salão ficou às escuras. Os servos sendo humanos, não tinham dons, não poderiam ver na escuridão.

Eles sim. Gabriel deu outra ordem.

—Bryn, adiante.

A Generela plantou a mão no chão e de sua palma surgiram milhares de raios que eletrocutaram os servos de Khani, que ficaram aturdidos e inconscientes, enfraquecidos sobre a superfície do local.

Khani abriu a boca com surpresa, como se estivesse maravilhado do que viam seus olhos.

— Maravilhoso! —Exclamou dando palmadas ao céu— Os samurais pediram reforços —se gabou o vampiro— Não sabem nos parar e foram o procurar papai e a mamãe — olhou Miya e negou com a cabeça— Seu irmão e você são fisicamente como duas gotas de água. Só que o dotaram de bom senso, e a você de incompetência.

Miya não respondeu à réplica, mas mordeu a língua. Róta o olhou por cima do ombro como se não compreendesse esse comentário. De fato ninguém, exceto Aiko e Isamu, sabia o que significava aquilo.

Um grupo de devoradores apareceram pela entrada, e rodearam. Havia Trolls e também purs. Khani os rodeou da escória nova de Loki, a que chegou com o martelo. Isso queria dizer que Khani sabia onde estava Mjölnir, essa era sua prova.

—Eu também tenho surpresas —assegurou Khani dando um gole a seu copo cheio de sangue— Loki me provê daquilo que necessito.

— Onde está Mjölnir? —Perguntou Gabriel dando um passo para frente.

— Mjölnir? —Repetiu como se não fosse com ele a coisa— O martelo, diz?

—Sabe a que me refiro — disse Gabriel controlando pela extremidade do olho a dois vampiros que se aproximavam deles sigilosamente.

Khani jogou a cabeça para trás e soltou uma gargalhada.

—Veja, loiro. Está em minha cidade, em meu estado, está colocando os narizes em minha casa e vem me exigir que devolva algo que não tenho a intenção de dar. Toma-me por um estúpido? Quem acredita que é? Não tem ideia do que vamos fazer, verdade? Prepare-se, porque Loki serve sua vingança em prato frio.

—Só advirto isso, puto vampiro mafioso —se sentiu insultado pela condescendência de Khani— me dê o martelo, por bem ou por mal.

— Me ameaça em minha casa? Interessante… antes que o mate, deixe-me dizer que toda seu palavreado e seu atrevimento vai custar caro— Khani analisou as *Valkyrias* e estudou a posição e a postura de todas elas— Com quem transa de todas estas? —Gabriel estava ligeiramente inclinado para Gúnnr, tentando protegê-la com seu corpo— A ela? —Olhou a Gúnnr com interesse— É adorável, um salgadinho celestial —sussurrou como se a estivesse saboreando.

Isamu deu dois passos à frente e protegeu Gunny do olhar do vampiro.

—Muito tarde, japonesinho. Já a vi —deu outro gole ao último dedo de sangue que havia na taça— Assim, a garota é importante… Tem a atenção e a segurança de dois guerreiros… Quando menos esperar isso, fanfarrão —cravou seus olhos brancos no rosto de Gabriel— me fodeu por todos os lados. —encolheu os ombros e dedicou uma risada sardônica— E juro que a devolverei tão imprestável e desequilibrada que desejará que a mate.

Gúnnr fez um punho com sua mão e apertou os dedos até que os nódulos se tornaram brancos. A *bue* se iluminou. Esse vampiro era odioso e arrogante! Seu arco se materializou em décimos de segundo, o suficientemente rápido para armar uma flecha e disparar ao coração do vampiro. Este abriu os olhos surpreso e se moveu para a esquerda. A flecha cravou em seu ombro direito.

Gabriel lhe dedicou um olhar cheio de irritabilidade e desaprovação.

A ação de Gúnnr foi o tiro de saída para que uns se equilibrassem contra os outros.

Os devoradores, os vampiros e os lobachos passaram por cima dos corpos humanos inconscientes dos servos do Khani e se lançaram contra o *einherjars* e sua equipe.

Bryn subiu a um dos tubos e se pendurou de barriga para baixo como já fez sob os túneis.

Aiko e ela se coordenaram perfeitamente. Jotuns que a *Valkyria* alcançava com uma de suas flechas, cabeça que o samurai fatiava.

— Ren! —Gritou Miya olhando ao recém-chegado— Controla aos vira-latas!

O samurai, vestido de negro, com o cabelo arrepiado escuro e com mechas loiras, fechou os olhos, junto as palmas das mãos e ficou nas escadas, ligeiramente afastado de toda briga.

Os lobachos começaram a grunhir, soltando todo tipo de explosões e alaridos, enquanto se arrancavam mechas de cabelo da cabeça.

Gabriel levantou suas duas espadas e gritou eufórico para começar a luta. Agarrou uma das caixas de madeira que servia de mesa, e a lançou contra três etones que se dirigiam a Gúnnr. Dois deles caíram ao chão pelo impacto, mas um troll conseguiu esquivá-la e lançar-se contra as *Valkyrias*. Gúnnr abriu a palma da mão e dela saiu um raio que atravessou o peito do troll. Gabriel deu um salto pelos ares, e aproveitou para cortar a cabeça do troll e trespassar a dois etones que havia no chão com o crânio aberto. Levantou como uma mola e se dirigiu para o Khani, mas este já escapou.

Miya se agachou para se esquivar das garras de um vampiro, e ao fazê-lo, Róta aproveitou para apoiar com o pé em suas costas e saltar por cima do samurai até golpear com o joelho o rosto do vampiro. Este saiu disparado para trás, e Miya viu sua oportunidade para colocar a mão no plexo do não morto e arrancar o coração.

As paredes do Underground se salpicaram de escuridão, putrefação e morte.

Um vampiro atacou Isamu, mas o samurai pôde agachar a cabeça a tempo. Impulsionou para diante para dar uma cabeçada no peito e afundar o plexo. Isamu tirou sua espada e a cravou no peito esquerdo, até tirar o coração com um movimento de alavanca.

Quando acreditavam que acabou tudo, um grupo maior de vampiros e devoradores entraram no Underground.

O *You're gonna go far kid* do The Offspring amenizou a luta, Gabriel olhou para um lado e para o outro.

Reso sorriu como um demônio e disse a Clemo:

—Ouça, meu bem, aposto o que quiser que sou capaz de acabar com estes rapidamente.

—Sou melhor que você — respondeu Clemo— Além disso, eu gosto desta canção. Motiva.

—Quem ganhar, fica com a que mais se pareça com nossa *Valkyria*— pisco um olho.

Clemo soltou uma gargalhada e fez chocar suas espadas por cima de sua cabeça.

—Minha Liba só obedece a seu dominante, putinha.

Os dois amigos, tracio e espartano, correram para os vampiros e começaram a cortar cabeças como se tratasse de uma competição.

—Esses são muito bons. Não? —Disse Miya observando com atenção a raiva dos dois

guerreiros imortais.

—São os melhores —Gabriel assistiu com orgulho— Quando acabarem com eles, o que acontecerá à merda que há no chão? Quem a limpará?

Os servos humanos inconscientes. Seria bom fazer uma limpeza.

—Ren e Aiko —respondeu Miya— São os melhores no controle mental. Eles farão um reinicio e chamarão a nossos contatos para limpar o clube. Interessa que investiguem sobre isto. E, de agora em diante, a situação vai piorar. A guerra ficou oficialmente declarada.

—Bem, porque, sabe o que? —Gabriel abandonou Miya contra a parede e lhe pressionou a traqueia com o antebraço— Me colocou em uma fodida ratoeira. Esta noite poderiam ter acabado conosco. Ou pior, com vocês. É uma sorte que os tenhamos acompanhado, não?

Os olhos de Miya se tornaram como a névoa, igualmente volúveis.

—Estou tão comprometido com isto como você. Passo toda minha vida dedicada a isso.

—Pois deve haver um delator —grunhiu Gabriel com os olhos completamente negros— Ou isso, ou têm seus telefones grampeados. Não pode esquecer nenhum detalhe.

Gabriel soltou o vaniro e esperou a que Reso e Clemo cortassem as últimas cabeças e arrancassem os poucos corações que ficavam. Quando o último não morto e o último eton morreram, deixaram tudo nas mãos dos vaniros Aiko e Ren.

Os *einherjars* e as *Valkyrias* não tinham dons telepáticos, os vaniros eram os únicos que podiam arrumar aquele desatino.

Capítulo 15

Gabriel seguia muito zangado. A noite não saiu como ele queria. Depois do Underground, fazia guarda pelo Streeterville e Old Towr, pensando que encontrariam o rastro de Khani e seus comparsas, mas não foi assim. Os vaniros foram controlar as áreas das praias, e outro grupo mais ficou no Bucktown e Wickerpark esperando que o vampiro se manifestasse de algum modo. Mas Khani havia sumido.

Gabriel revisou em seu Iphone o vídeo que retransmitia as câmaras dos túneis em tempo real, esperando ver algo ou a alguém entrando ou saindo através deles, mas suas esperanças caíram em um saco rasgado.

O satélite seguia mostrando que Mjölnir adormeceu por completo, que seu sinal era vago, mas Gunny assegurava que continuava aí. Que ela podia sentir. Sentia-se frustrado por não ter pleno controle da situação, mas a paciência era a último que perdia um bom estrategista e Gabriel sabia que cedo ou tarde, apareceria sua oportunidade e não a desperdiçaria.

Mesmo assim, que Khani escapou não foi o pior da noite.

Gúnnr e ele ficaram uns minutos a sós, apoiados no capô do Tesla, enquanto esperavam Bryn e Róta. Róta, que precisava ir ao banheiro, demorou mais do habitual em sair do Underground, e Bryn disse a Gabriel que ela esperaria que saísse. Assim Gúnnr e ele ficaram a sós.

— Está muito falador – Disse ela com sarcasmo.

— Humf!.

— Por que está tão zangado? – Perguntou Gúnnr penteando o cabelo com os dedos e colocando o gorro branco de novo. Estavam congelando as orelhas.

Gabriel a olhou de esguelha. Ela tinha seus grandes olhos da cor da noite atentos sobre sua pessoa.

— As coisas não saíram bem.

— Humph. – Gúnnr apoiou o quadril no capô e cruzou os braços sobre o peito. — Para bem ou para mau? Quem sabe? — Recitou Gúnnr sem dar muita importância.

Algo beliscou o coração de Gabriel. Gúnnr tinha esse dom. Essas mesmas palavras, essa mesma frase zen a repetia ele muitas vezes e durante muitas das situações que viveu como mortal e imortal.

— Suponho que tem razão — disse olhando-a com calor.

Gúnnr se encheu de esperança diante desse gesto e encorajou:

— Espero que o veja igual quando disser o que tenho a dizer — disse se armando de coragem, porque não podia ocultá-lo por mais tempo — Engel, antes, quando fomos procurar Miya, encontramos com seu tio. — Gúnnr pôde perceber a repentina frieza e a tensão de Gabriel como se a rodeassem e dessem uma bofetada. Foi como uma frente fria do norte. Pouco a pouco sentiu que perdia a bravura. — Estávamos frente ao Starbucks e ele me reconheceu. Tem uma câmara no lápis de seu escritório e se conecta quando alguém entra nele… E, bom… gravou-nos… Gravou a você mexendo em seu computador e me gravou analisando sua biblioteca, e… Bom, ele me disse que tínhamos utilizado sua… casa… como um bordel. E que não parecia bem que não dissesse nada. Que esperava nos ver amanhã, você e a mim. — Gúnnr estava levando uma mão tremente ao bolso traseiro de seu jeans para mostrar o cartão que deu, quando Gabriel a agarrou pelo pulso com força e a aproximo dele de um puxão.

— Me diga agora mesmo que me está brincando com minha cara! — Grunhiu a um centímetro de seu rosto — Diga isso Gúnnr!

Ela engoliu saliva e negou com a cabeça.

— Não é uma brincadeira, Engel. Aconteceu furtivamente. Bom, Miya… Se… ofereceu para apagar essa lembrança, mas eu não deixe por que…

— Por todos os demônios?! Por que não me coloca um porrete pelo traseiro, Gúnnr?! Já que, parece, está somente para me foder! — Gritou Exasperado.

Gúnnr lambeu os lábios ressecados.

— Deu o chute até o fundo! — Gritou sacudindo-a de novo. — Que parte não entendeu de: *Não pode ter relação conosco*? Acaba de pôr um alvo na frente. Que merda pensou para não aceitar a petição de Miya? Que merda pensou para não obedecer minha ordem? E já que estamos, o que pensava quando disparou abertamente a Khani no Underground? É tola, Gúnnr?!

Os olhos de Gúnnr se tornaram vermelhos.

— Em Khani disparei por falar assim de mim, como se eu não estivesse na frente dele. Toma nota, Engel, acredito que está se excedendo.

— E mais vou me exceder, merda! Nada é mais importante que esta missão! Nada! Você não

é mais importante que isto! — Estava tão raivoso que deixou que a ira e o medo pela segurança de seu tio o consumissem.

O fundo de olho vermelho de Gúnnr desapareceu, e foi suprido por um olhar triste e sem expressão.

— Bom… Isso já sabia.

—É óbvio que já sabia, por isso acaba de pôr preço à cabeça de meu tio. Estou desejoso de ouvir o motivo pelo qual cercou contato com Jamie e não permitiu que Miya apagasse sua memória, por quê?!

— Eu… Pensava que não era justo para ele nem para você. — murmurou desanimada. —Ele esperava vê-lo e tinha um rosto… muito ansioso, como se de verdade quisesse… Ele acreditou que eu era sua namorada e que poderia nos convidar os dois... — se angustiou e se calou de repente. A conversa não deveria se desenvolver desse modo.

— Assim é isso? — Soltou-a de repente e estirou em todo seu tamanho — Você gostou de sentir que ele a considerava minha namorada?

— Não se trata disso...

— Conheço você, Gúnnr. Isto não é uma história romântica, compreende *Valkyria*? Disse a você que se pedisse mais em troca de nosso Kompromiss, o nosso acabaria, verdade? Você e suas ideias sentimentais… Se esqueça disso. Nunca acontecerá. Acabaria sempre comparando-a com… a feriria… não importa.

— Já me feriu. Não me fale assim, por favor.

— Não? Talvez desse modo, sendo frio e sacana, entre nessa cabecinha frita pelos raios tardios que experimentou. Não quero que seja minha companheira. É uma *Valkyria a* mais e está sob minha responsabilidade. Mas com você tenho sexo e com as outras não. Ponto final. — abateu-se sobre ela e absorveu seu espaço vital. — Agora entende bem o que vou dizer: se Jamie sofrer algum dano por isso, cairá toda a responsabilidade em você e não terei piedade com você.

Nunca, em sua vida de *Valkyria*, sentiu-se tão mal e tão ferida para querer que a tragasse a terra. Mas sempre havia uma primeira vez. E era muito amarga.

— Esta bem, Engel. Não siga, entendi. — respondeu olhando a um ponto em cima de sua cabeça. Como se ela fosse uma recruta que recebesse o castigo de Gabriel, seu Generel.

— Isso espero — deu a volta e deu as costas enquanto chutava uma pedra imaginária do chão e soltava mais palavrões pela boca.

Às cinco da madrugada chegaram ao Hard Rock. Subiram no elevador absolutamente em silêncio, sem dirigir a palavra em nenhum momento. Todos se hospedavam no mesmo andar.

Saíram do elevador um a um.

Bryn e Róta se dirigiam a seu quarto quando a *Valkyria* de cabelo vermelho e encaracolado passou ao seu lado. Bryn a olhou por cima do ombro e levantou uma sobrancelha loira cheia de incredulidade.

— Passou o quarto, Róta — advertiu Bryn com os olhos azuis cheios de preocupação.

— Essa não é meu quarto *Valkyria*. — respondeu Róta até parar em outra porta. Tirou o cartão que servia de chave e a colocou na fenda — Este sim.

— Solicitou um espaço para você sozinha? — Perguntou Gabriel com tom cansado.

Róta encolheu os ombros e abriu a porta.

— Róta, não tolero estes atos. Necessito que me informem de tudo — pediu Gabriel como se não tivesse forças para isso. — Façam o que fizerem. É crucial que eu saiba cada um de seus movimentos para mantê-los compactos, como um muro, compreende?

Róta girou para o Engel, lançou-lhe um olhar atrevido, tirou o casaco e o deixou cair ao chão, expondo uma estranha mancha vermelha em forma de círculo sobre a parte superior de seu peito.

Gabriel olhou sobre a pele curvilínea da *Valkyria* O que era? Parecia muito às marcas que deixava Caleb no pescoço e no ombro de Aileen…

— O que é isso?

— Isto? – Ela elevou o seio sem que saísse do decote de seu vestido negro. — Um seio.

Gabriel sacudiu a cabeça.

— Se deite Róta — Gúnnr se aproximou de Róta, colocou-a dentro de seu quarto e fechou a porta de um golpe.

Gúnnr olhou a Bryn, esperava que ela arrumasse as coisas, mas esta tinha os olhos fixos na ponta de seus sapatos. A Generela colocou seu cartão na fenda e entrou sem sequer dizer boa noite.

— Como estão os ânimos… — Sussurrou Reso, entrando atrás de Sura e desejando boa noite a Gabriel, piscando o olho.

Clemo e Liba fizeram o mesmo.

Gúnnr e Gabriel ficaram sozinhos no corredor.

A *Valkyria* sabia perfeitamente que Gabriel a olhava com o cenho franzido, como fez toda a noite desde que saíram do Underground e desde que confessou de seu tio. Gúnnr não queria encontrar com seus olhos azuis irritados, ou pior, completamente negros e repletos de censura, assim aproveitou para caminhar diante dele e se dirigiu a sua porta.

— Entro para pegar minhas coisas. Eu também pedirei outro quarto — informou com voz uniforme.

Ela só queria descansar. Deixar de pensar em Bryn e Róta, e deixar de pensar no tio Jamie e, sobretudo, deixar de se sentir humilhada e envergonhada depois da reprimenda do guerreiro, merecida ou não. E o pior é que parecia ridícula por albergar sentimentos para ele quando deixou muito claro que não só entregou seu coração a outra, mas sim a considerava pouco competente. Gabriel sempre foi seu amigo, sempre se sentiram bem um com o outro, por que agora não podia ser assim? Por que tudo mudou até o extremo de querer se afastar dele?

Colocou o cartão.

A luz vermelha se tornou verde.

Sentiu a respiração de Gabriel em seu ouvido, e sua presença grande, poderosa e intimidante atrás dela.

Abriu a porta e entraram os dois.

Ouviu um golpe e percebeu que os quadros POP-ART da parede se sacudiam por sua violência.

As suítes do Hard Rock eram muito amplas, estavam cobertas de um suave carpete cor bege, e umas paredes em azul e outras em marrom escuro. Havia duplo ambiente e uma divisão entre a sala de estar e o dormitório. Na sala havia um grande sofá de cor esverdeada, em forma de L, com almofadas vermelhas perfeitamente distribuídas, que estava situado ao lado de um das janelas. Havia uma televisão de quarenta e duas polegadas sobre um móvel de madeira com várias prateleiras. E em outro canto, havia uma escrivaninha com os computadores MAC e todo o material que tinha comprado Gabriel. A cama aparecia da entrada, justo ao final da suíte, era grande e alta, coberta com colchas branca e creme, e tinham um respaldo de madeira do mesmo modelo que o móvel do escritório e o da televisão. As janelas tinham a moldura de cor negra e eram tão grandes que parecia que levitava sobre Chicago, não apta paras pessoas com vertigem.

Seria um lugar ideal para um casal de apaixonados, para um fim de semana especial e romântico… Poderia ser muitas coisas, mas não era nenhuma delas.

Ainda seguia escuro aí fora, sinal de que de noite ficava algumas horas para reinar sobre a cidade.

Gúnnr engoliu saliva, apertou os punhos e foi recolher as sacolas cheias de compras que havia no chão. Caminhou com as costas retas e erguidas. Não ia parecer derrotada, por muito que o estivesse. As *Valkyrias* tinham dignidade e ela sabia muito bem o que era e como pô-la em prática. Sairia de seu quarto e não queria estar aí um segundo mais.

— Deixa as sacolas em seu lugar e dê a volta. — A voz de Gabriel pareceu fria e impessoal quando soou.

Gúnnr, que já havia pegado as alças de algumas sacolas ficou muito quieta e girou para olhá-lo. Não confiava nele.

— Disse — repetiu Gabriel — que deixe as sacolas onde estão e dê a volta.

Gúnnr esfregou a bochecha com o antebraço, girou a sacolas de má maneira e deu a volta com sua paciência a ponto de voar pelos ares.

— Contente?

— Não. Até que não se dispa não estarei contente — ficou descalço, apoiando os pés nos calcanhares das botas, olhando o corpo de Gúnnr com vulgaridade. — E talvez nem sequer depois do que vou fazer fique contente, assim faz bem. Vai fazer algo por mim, Gúnnr? Quer que volte a ser simpático com você? Então seja boa e se aproxime. Agrade o Engel.

A Gúnnr caiu à alma aos pés. Gabriel não podia se comportar assim com ela.

— Quer me castigar porque está zangado porque escondi sobre seu tio. Já te disse que sinto…

— Não! Não só por isso! Estou até o pênis das suas desculpas! — Grunhiu tirando a camiseta negra pela cabeça. Seu comprido cabelo loiro e encaracolado caiu em cascata sobre suas costas e seus ombros. Seus olhos estavam completamente negros. — Você e Róta me desobedeceram duas

vezes no dia de hoje — levantou o indicador e o anular. — Duas cada uma! Róta repreende Miya e logo faz transações por sua conta no hotel. E o teu é de tribunal de guarda. — levou as mãos ao cinturão de pele e o desabotoou com movimentos bruscos. — Não penso deixar outra desobediência mais sem castigo. Não tenho mão dura, mas acabou. Pensava que a conversa fiada da psicologia funcionava melhor para trabalhar com grupos, mas… — Negou com raiva. — É minha *Valkyria* e está sob as minhas ordens. Agora faz o que ordeno.

— Mas… Está zangado – repôs ela incômoda. — Pensava que esta noite você não queria…

— Sim? Olha o zangado que estou. — levou uma mão ao botão do jeans e sob a braguilha. — Venha comprovar você mesma.

Gúnnr tinha os olhos abertos e dilatados. Não tinha medo de Gabriel, mas sim que a assustava a situação.

— Não quero que seja assim entre nós. — Gúnnr passou a seu lado, disposta a ir e a deixa-lo só com sua particular irritação. Gúnnr não queria isto.

— Se sair deste quarto, amanhã reclamarei aos deuses que a levem de volta ao *Valhall*. Aqui me dá problemas.

Gúnnr parou quando sua mão estava apoiada no trinco da porta. Fechou os olhos e sentiu uma dor surda no peito. Uma agonia que cobriu de ressentimento tudo o que sentia por Gabriel.

— As *Valkyrias* não podem voltar. Deixa de nos ameaçar com estas tolices.

— As *Valkyrias* podem voltar se eu peço a Odín. Não há nada mais importante que o que viemos fazer aqui, e Odín aceitará se eu vejo comprometida a missão por culpa de alguma de vocês.

— Não estaria em Chicago se não fosse por mim — respondeu com voz cortante.

A jovem tinha razão, mas Gabriel estava furioso e não importava. Só queria provocá-la. Olhou seu próprio reflexo no vidro da janela. Sempre acreditou que as pessoas tinham duas faces: uma de herói e outra de vilão. Ele era das pessoas que pensava cegamente em que todos os humanos tinham o bem e o mal em sua natureza. Estava comprovando pela primeira vez que ele também tinha um lado escuro e dominante.

Desejava Gúnnr com todas suas forças, mas estava zangado e queria castigá-la por ficar em perigo e por pôr a seu tio no olho do furacão. Gunny e sua coragem, ou Gunny e sua incrível temeridade estavam arrancando sua saúde mental.

Gúnnr desafiou abertamente Khani, quando Khani só deveria se concentrar nele. Agora tinha posto preço a sua cabeça ao se expor e desafiá-lo. Não podia lutar a seu lado e pensar que qualquer deslize lhe pudesse fazer mal. Era uma angústia desnecessária para ele. Um problema muito enorme no que pensar enquanto estavam em missão. E era… muito para ele. Não estava preparado para ela. Não estava preparado para nenhuma relação de nenhum tipo e menos com alguém que o deixava nervoso. Que o debilitava.

Mas queria deitar com ela porque, estando em seu interior todos os problemas se desvaneciam. Só eram ele e o êxtase, Ele e o prazer. Ele e Gúnnr. O sexo desestressava e Gúnnr era o rosto e a cruz de uma mesma moeda.

A *Valkyria* o estressou com seu comportamento, mas a *Valkyria* podia desestressá-lo com

seu corpo. Mas não ia forçá-la, não poderia se perdoar nunca, embora o Engel pudesse fazer o que desse vontade com sua *Valkyria*, ele não era tão sádico como os deuses. Em troca, sua alma de estrategista encontrou a maneira de retê-la.

— Saia deste quarto e amanhã não estará aqui. Fique e assume as consequências de seus atos. Fez uma promessa diante de freyja. Fez uma promessa diante de Odín. Disse que cuidaria do Engel. Sou um *einherjars*, não estou pedindo nada do outro mundo, só aquilo que me pertence, aquilo que você e eu podemos fazer com naturalidade. Não lhe farei mal.

A *Valkyria* apoiou a testa na porta. *Gabriel, não. Assim não*. Doeram os olhos pela vontade de chorar.

— Assim que fico e me fode, mas em troca me perdoa — disse com voz tremente. — E se não fico, desterra.

Gabriel se surpreendia da dura e expressiva que era Gúnnr quando a pressionavam.

— Você decide.

Ela decidia? Gúnnr não poderia viver no *Valhall* com o pôster de fracassada. Não era nenhum sacrifício deitar com Gabriel, pois, a crua realidade era que ela o amava, mas ele só queria castigá-la. Queria que se sentisse mal por querê-lo. Sabia perfeitamente o que sentia por ele, estava apaixonada desde… Desde que ele a escolheu, virtualmente. O vínculo se criava espontaneamente e o certo era que, aquele homem duro e dominante que estava no centro do quarto, roubou-lhe o coração no *Valhall*, com sua forma de ser, seu sorriso, sua simpatia e sua doçura. Embora agora quisesse pisoteá-la com sanha e jogar por terra todas essas qualidades.

Decidiu em menos tempo do que pensava. Deitaria com ele, mas ao dia seguinte abraçaria seu orgulho e diria que quebrassem o kompromiss antes que também perdessem sua amizade. Porque agora nem sequer gostava dele.

— Como deseja, Engel — disse finalmente.

Gúnnr se retirou da porta e caminhou lentamente até se colocar diante dele. O olhou com uma expressão vazia em seus olhos azuis escuros. Tirou o casaco com movimentos mecânicos e tirou os Converse manchados de álcool e um pouco do sangue do Underground.

— Ligue a televisão e coloque um canal de música — ordenou Gabriel colocando uma de suas mãos morenas no interior de sua cueca branca.

A *Valkyria* nem sequer perguntou por que. Não importava. Tentaria desfrutar desse momento, pois ia ser o último desse tipo que ia experimentar com ele. Girou, procurou o controle e ligou a televisão.

— Ponha na MTV — Gabriel se aproximou dela pelas costas e roçou suas coxas contra as nádegas. — E sobe o volume.

Gúnnr nem sequer se alterou diante dessa proximidade. Havia duas maneiras de praticar sexo: com emoções ou sem emoções. Desta vez ia ser sem emoções envolvidas, por isso não tremia ao cheirar ou ao sentir que seus olhos a exploravam de cima a baixo. Nem tampouco tremia ao senti-lo tão perto e roçando seu corpo contra o seu. O coração não tinha nada que dizer aí, só o corpo.

Quando a *Valkyria* pôs o canal que seu Engel pediu, girou para continuar despindo-se, mas

Gabriel pôs as imensas mãos nos seus quadris e a imobilizou.

— Não me pergunta por que quero a música?

— Importa?

— Sim – Afirmou com voz rouca. — Não quero que a ouçam gritar.

Claro, não ia ser porque às *Valkyrias* adoram a música, verdade? Gabriel não pensava nela, pensava nele. Gúnnr encolheu os ombros.

— Se você não gostar que grite, não gritarei — O que importa ser cínica nessas circunstâncias? — Hoje pode ser quem quiser querido — acrescentou com voz sedutora. — Por um módico preço: que não me expulse.

Gabriel ficou em silêncio, olhando o topo da cabeça daquela mulher que tinha em suas mãos. Estava chamando puta a si mesma? Por quê? Por fazer algo que os dois queriam? Gúnnr estava ferida e ele zangado, mas sob essas couraças havia desejo e atração; e os dois o queriam e ele era o suficientemente sincero para admiti-lo e também ávaro para arrancar uma confissão. Atrás de seu comportamento tão furioso, havia um instinto apaixonado.

Na televisão emitiam um videoclipe da Alezandra Burke, *The silence.*

— Levanta os braços.

Isso era fácil. Podia fazer. Gúnnr obedeceu.

Gabriel tirou o pulôver branco pela cabeça. A calefação do quarto esquentava a pele, embora seguisse sentindo frio por dentro. A música estava muito alta, mas era uma suíte e na suíte se podia fazer de tudo.

Gúnnr sentiu como as ágeis mãos do *einherjars* desabotoavam o sutiã. Tinha os seios inchados e os mamilos sensíveis. Era a reação a Gabriel. Forte, humilhante e inevitável.

Gabriel afundou o rosto no pescoço de Gúnnr e cobriu os seios com as palmas das mãos. Apertou-os e os massageou, reunindo força e suavidade ao mesmo tempo.

— Isamu disse que cheira a sândalo — mordeu-lhe o lóbulo da orelha com força para logo dizer ao ouvido: — Você não cheira a sândalo.

— Cheiro a açúcar, já sei, e o que? — Respondeu ela sentindo que se umedecia entre as pernas. Olhou para baixo e viu os grandes dedos de Gabriel apertando os mamilos como se fossem pinças. Os puxou e um pequeno gemido saiu dos lábios de ambos.

— Doem?

— Importa?

Gabriel apertou mais forte e escutou o grito misturado de dor e desejo de Gúnnr.

— Ouça *Valkyria* — grunhiu Gabriel sobre a pele de seu ombro. — Você não quer que eu seja rude com você verdade? Você é suave e doce. Assim não me desafie. Ontem fui cuidadoso com você porque era sua primeira vez, mas…

Gúnnr sorriu com indiferença.

— Não importa o que me faça. Isto não vem de mim. Vem de você e de suas necessidades. A Gúnnr que você conhece está fora deste quarto. Aqui só há um homem e uma mulher com instintos básicos. Frios e sexuais, como você quer que sejam — Gúnnr sabia que Gabriel sentia como tremia e como odiava cada uma das palavras que estava dizendo — Nada nos une verdade?

O kompromiss é só uma espécie de nó invisível entre nós, mas não significa nada mais sério para você. Assim, o que importa se for amável ou não? Já não me importa.

Gabriel apertou a mandíbula. De verdade estava sendo assim idiota? Gúnnr ia ter prazer com ele e, sim, nem que lhe cortassem os ovos. Nesta situação, Gúnnr evitava algo: não dizia que o queria na realidade, por muito mau ou distante que fosse com ela, a *Valkyria* o queria. Mas ficava em silêncio e se fazia de dura, e o deixava no rol de animal.

You lift me up, and knock me down
I'm never sure just what to feel when you're around
I speak my heard, but don't know why
Choice you don't ever really say what's on your mind[29]

— Mas você me quer. E quer tudo o que possa dar verdade? — Deixou seus seios e caminhou grudado a ela até o respaldo do sofá. Gúnnr se apoiou nele e Gabriel grudou todo seu torso às suas costas. — Diga isso, diga-me que me quer — queria provocá-la e que admitisse o que ambos sabiam. Gabriel estava desejando ouvi-lo de sua boca, embora fosse desse modo vil e vantajoso, porque ela nunca o disse a ele diretamente. Deslizou suas mãos até sua cintura e as levou a parte dianteira da calça, mas então parou — Demonstre que me quer e desce a calça e a calcinha.

Gúnnr o olhou por cima do ombro. Seus olhos vermelhos cintilaram entre os fios de sua franja como os de um animal agressivo encurralado. Grudou os dedos no respaldo do sofá que chegava à altura do ventre.

Gabriel sorria com segurança.

— Vai ser tímida agora?

Gúnnr levantou uma sobrancelha castanha escura e sorriu com um desamor e uma decepção que bateu em Gabriel em lugares que acreditava que não tinha.

A garota desabotoou os jeans e os deixou cair por seu quadril. Quadril que essa roupa que usava ocultava à perfeição, mas que nua como estava agora. Eram femininas e não se podiam esconder. Tirou as calças de um chute. Levou as mãos à calcinha e deixou que escorregassem por suas coxas, deixando que Gabriel visse cada centímetro de pele que se revelava. As nádegas suaves de Gúnnr eram escandalosamente sexy. O Engel engoliu saliva enquanto Gúnnr tirava a calcinha pelos tornozelos e a lançava em cima da calça. E logo também tirou as meias três quartos.

Gabriel grudou sua ereção às suas costas e se agachou pouco a pouco para roçar seu comprimento, ainda oprimida pela cueca, contra as nádegas de Gúnnr. Ela se esticou e ele levou uma mão à virilha dela. Acariciou seus cachos escuros com suavidade e ambicionou estar nesse momento dentro dela. Colocou um dedo entre suas dobras e começou a acariciá-la, ao mesmo tempo que colocava outra mão por atrás de suas pernas e com dois dedos duros e exigentes penetrou sua entrada.

[29] *Você me eleva e me derruba. Nunca sei como me sentir quando está ao redor. Falo com meu coração, mas nem sequer sei por que, já que nunca me dirá o que acontece em sua mente.*

Gúnnr abriu os olhos e exalou surpreendida pela impressão da invasão tão brusca.

— Há muito mel aqui embaixo, abelha— sussurrou Gabriel mordendo-lhe o pescoço com sua branca e reta dentadura. Desejou que fosse Gúnnr quem o mordesse, mas se ela fizesse, se descontrolaria. Moveu os dedos, tirou-os e os colocou com insistência enquanto o outro dedo torturante não deixava de acariciar-lhe o clitóris. — Está excitada e você gosta do que faço. Diga-me que me deseja. — Colocou os dedos mais dentro e mexeu em seu interior, controlando em cada momento os espasmos de seu corpo e a expressão do rosto da *Valkyria*.

Ela jogou o pescoço para trás e fechou os olhos com força. Seu cabelo comprido e liso acariciou seu estômago e sua ereção, que já saía pela costura de sua cueca.

Soul say love me
Or say you need me
Don't let the silence
Dou the talking
Just say you want me
Or you don't need me
Don't let the silence do the talking[30]

— Diga isso — ordenou beliscando o botão do prazer com os dedos.

— Desejo isso — Isso podia dizer. Era uma confissão que não implicava um coração quebrado.

— Me diga que me quer — a esporeou de novo. — Diga-me. Todos sabem. Eu sei. Mas você nunca me disse isso.

Gúnnr negou com a cabeça e mordeu o lábio inferior.

It's killin'me (the silence)
It's killin'me (the silence)
It's killin'me (the silence)[31]

Gabriel grunhiu diante da negativa de Gúnnr a expressar seus sentimentos a soltou durante uns segundos para poder liberar o pênis da cueca. Não tinha tempo para tirar e baixar. O único que ocupava sua mente era estar no interior de Gúnnr e acabar com aquela loucura.

Ela olhou para trás. Tinha as bochechas vermelhas e os olhos completamente vermelhos de paixão e desejo. Mas faltava algo naquela expressão. Algo que sempre esteve nela quando o olhava e que desapareceu. Não pensaria nisso enquanto a tivesse quente e disposta. Pôs uma mão sobre o quadril direito e com a mão esquerda agarrou a base de seu pênis.

— Não me diz isso? — Perguntou exigente — bem. Porque comecem os foguetes.

---

[30] *Assim me diga que me ama, diga que me necessita, não deixe que o silêncio responda por você. Diga que me quer, ou que não me necessita, mas não deixe que o silêncio responda por você.*

[31] *Está me matando (O silêncio). Está me atando (O silêncio)*

Gabriel olhou como a ponta redonda de seu membro fazia pressão na entrada de Gúnnr já lubrificada com o desejo da garota.

Ela gemeu e deixou cair a cabeça para frente. Seu cabelo cobriu seu rosto por completo.

O Engel rugiu e se colocou de repente em seu interior.

Gúnnr gritou de dor. Fez força com seus músculos internos para tirá-lo, mas caiu para frente até apoiar com as mãos nas almofadas do sofá, pela força do impulso de Gabriel e porque ele caiu com ela.

A *Valkyria* não sabia o que aconteceu. A feriu. Sentia-o muito grande e incômodo dentro dela. Agora estava quieto, mas doía horrores.

— Gabriel!

Esse era seu nome e não o do Engel. Ouvi-lo na boca de Gúnnr foi como um relâmpago que devolveu parte da prudência.

O guerreiro rodeou-lhe a cintura com o antebraço e a levantou um pouco para liberá-la de seu peso. Acariciou-lhe as coxas, a cintura e o ventre, e o fez com carinho, pedindo perdão silenciosamente por ser tão brusco. Acaricio-a pacientemente até que Gúnnr voltou a excitar-se e a umedecer.

— Se apoie nas mãos — disse com os lábios grudados a sua nuca.

Gúnnr se preparou para as investidas potentes que iam chegar. Gabriel queria machucá-la, pô-la em seu lugar, isso ia ser um castigo, mas então por que a acariciou desse modo?

Gabriel se equilibrou de novo sobre ela e abriu as pernas com as suas. Suas penetrações eram precisas e duras, movendo a pélvis ritmicamente de frente para trás, e, entretanto, não fazia mal, ao menos não fisicamente. Ela fechou os olhos agradecida porque inclusive, embora seu *einherjars* estivesse zangado, procurava um modo de agradá-la.

Seu sexo encheu de calor e umedeceu ainda mais. Gabriel rugiu e levou uma mão para frente, para acariciar o clitóris inchado e escorregadio.

Ela gemeu.

— Diga isso Gunny — pediu com sua voz cheia de preocupação. — Só quero ouvi-la dizer isso.

Gúnnr ficou em silêncio e se cravou as unhas nas palmas das mãos.

— Por quê? Não se importa com o que eu sinto.

— Quero ouvi-la dizer porque estou mandando.

Estava a ponto de gozar. Não diria. Nem pensar.

Gabriel parou e ela choramingou meneando os quadris.

— Gabriel, não me faça isto. Por favor!

— Nem… Nem ocorra gozar — grunhiu, lambendo-a no pescoço — terá seu orgasmo quando disser abertamente o que sente por mim. Isso a liberará. Um mestre da Terra o disse uma vez: *A verdade nos fará livres.* Diga a verdade.

— É autodestrutivo. Aí vai uma grande verdade — disse ela com sua voz débil. As lágrimas de frustração caíam pelas bochechas e se fundiam no tecido do sofá. — E um imbecil. Aí vai outra.

Gabriel franziu o cenho, meneou os quadris brandamente e passou a mão pelas asas

tatuadas. Estavam vermelhas como um ferro candente. E queimavam igual.

— Isto vai ser longo, florzinha. Vamos ver quem pode mais dos dois.

Uma hora depois, Gúnnr ainda não gozou e Gabriel tampouco. Ela gritava a cada investida, estava tão sensível que qualquer movimento ou roce interno produzia dor e prazer extremo. Estava tão inchada que cada penetração era todo um êxito. Lutava por conseguir seu objetivo que não era outro que explodir em êxtase. Mas quando estava a um segundo de obtê-lo, Gabriel detinha seus dedos e seus quadris e a ancorava com força em seu lugar, para que ela não encontrasse liberação, roçando nem contra o sofá nem contra suas mãos.

Os dois estavam suarentos, respiravam com dificuldade. O *einherjars* nunca desejou tanto a uma mulher como a desejava, e tampouco lutou tanto pela rendição de uma garota na cama como estava lutando pela dela.

Gúnnr seria a delícia de qualquer amo dominante, teria muito trabalho com ela até convertê-la em uma submissa. Mas ele não era dominante. Ele só queria escutar como Gúnnr dizia a verdade.

— Venha, *Valkyria*. Estou esperando. Quer que fiquemos assim ou que dure a eternidade?

— Para, por favor… — Pediu ela entre soluços — Não posso mais. Arde…

— E a mim — disse compreensivo. — Tenho o pênis irritado, Gúnnr, vermelho vivo, mas só quero que me diga isso. Diga: *É verdade, Gabriel, amo você*.

— Eu… Não. — Gemeu ao notar que a investida de Gabriel chegava ao colo do útero — Por todos os deuses! Animal! — Gritou dando um tapa para trás. — me deixe em paz. Maldição, deixe-me tranquila… — Murmurou com o rosto contra o sofá. — Não quero voltar a fazer isto com você nunca mais.

— Está jorrando, Gunny — sussurrou sobre seu ouvido empalando mais a fundo. — Não diga que você não gosta, porque nós dois sabemos o fodidamente bom que é. Duas palavras. Diga e darei o maior orgasmo de todos os tempos, e será nosso Gunny. Dos dois. Quem vai nos tirar isso? Ninguém pode.

Gúnnr decidiu que ficaria em silêncio. Já não queria falar com ele. Até aí chegou. Não ia se render. O que estiveram fazendo nesse quarto, que cheirava a sexo duro, não esteve bem, não o sentia assim. Não parecia a vontade consigo mesma. Não queria que ninguém menosprezasse umas palavras tão importantes, as primeiras palavras que ela diria em sua vida imortal. Gabriel estava rindo dela e tirava importância. Gabriel a rebaixou e isso a feria no mais fundo, assim podiam desfazer o Jotunheim antes que ela se declarasse. Afastou-se dele desde esse momento. Olhou-se em seu interior, em um canto retirado da escuridão e da ambição do Engel, da desgraça de seu nascimento, da dor do batismo tardio e da ferida de morte que provocava a rejeição do único homem que amou.

Mas já não o amava. Ou, no mínimo tentaria não amar.

Nessa hora interminável o amor congelou.

Gabriel notou que ela se retraía e esfriava. Um medo atroz o ultrapassou e percorreu a alma. Gúnnr se afastava dele a passos aumentados e era estranho senti-lo quando estava tão preso em seu corpo que podia até notar o batimento de seu coração em seu ventre. Notou que as tatuagens

de Gúnnr se apagavam pouco a pouco e percebeu que do perfil da tatuagem saía fumaça, como se a pele se chamuscasse, como se estivesse queimando.

— Gúnnr? — Perguntou solícito, retirando-lhe o cabelo do rosto com mãos tremendo.

Ela negou com a cabeça e afundou o rosto no sofá.

— Merda — disse aborrecido. Colocou em seu interior e a despertou de novo. Desta vez não pararia. Daria o orgasmo, ambos mereciam por se torturarem assim durante tanto tempo. Acariciou-a com os dedos enquanto a investia e, Gúnnr, a contra gosto, ergueu-se nas mãos de novo. Abriu a boca e os dentes apareceram entre seus lábios. Ia gritar de verdade. — Isso, florzinha. Toma. É todo seu.

Gúnnr gritou com todas suas forças, e os vidros do espelho do banheiro saltaram pelos ares em mil pedacinhos. Gabriel gozou com ela, jogando o pescoço para trás como o guerreiro que era e gritando de prazer como um selvagem.

Deixou-se cair sobre as costas dela, que estava tão fria que queimava como o gelo seco. Algo aconteceu. Ele estava ardendo e ela tensa. Não era normal.

Passou uma mão por sua pele e então viu que as asas da *Valkyria*, já nem sequer eram douradas. Agora eram azuis, de um azul prata ártico. *Nunca quebre meu coração,* disse Gúnnr.

Gabriel separou de cima dela e a puxou pela cintura para levantá-la com ele. Saiu com cuidado, mas nem esse gentil gesto tardio pôde evitar que ela tremesse diante do mínimo toque. Pôs uma mão sobre os ombros dela e a girou para ele, porque queria ver seu rosto. Ela olhava ao chão.

— Gúnnr? – Elevou o queixo e retirou-lhe a úmida franja dos olhos. — Está bem? O que acontece com suas asas? Estão bem?

Ela retirou o rosto e procurou sua roupa que estava jogada pelo chão.

— Nada. Ficarão bem — sua voz era tão suave e baixa que mal as escutou. Mas já não importava que ele o fizesse. — Preciso me trocar.

— Já fará depois. Prepararei um banho e dormiremos um pouco — tomou-lhe a mão, fria igual às suas costas, e a dirigiu ao banheiro do dormitório. Acendeu as luzes e abriu o grifo da banheira. Gabriel estava assustado.

— Quero tomar banho. Não quero na banheira — pediu fracamente.

Ele assentiu. Fechou o grifo da banheira e abriu o da ducha até que saiu água quente e a estadia se encheu de vapor.

Ficou olhando-a fixamente, um em frente do outro.

Tirava quase dois palmos e ela parecia menor do habitual e mais distante que nunca. A tomou nos braços e a entrou na banheira, colocando-a sob o jato da ducha. Não pesava nada. Era a primeira vez que era consciente do peso leve do corpo de Gúnnr.

Gúnnr elevou a cabeça para a água e abriu a boca até enxaguar. Notava a garganta em carne viva, e também notava que suas partes mais íntimas não estavam melhor. Enquanto estava imersa no prazer não importou, mas uma vez que o fogo desapareceu, era uma sensação ruim.

Gabriel cobriu as mãos de sabão. Dirigia-se a limpá-la ele mesmo quando Gúnnr o olhou toda úmida pela água, com o cabelo jogado para trás e lhe mostrando aquela lindo rosto sem

nenhuma vergonha. Tinha marcas de seus dedos nos quadris, e dentadas e chupões por todo o pescoço, e, além disso, estava inchada entre as pernas. Ele não estava melhor. Sentia-se irritado também.

— Vou lavá-la— disse ele sem inflexões.

— Quero fazer eu mesma.

— Não. Eu sou responsável por…

—Não vai fazer — respondeu ela— Não é responsável por nada. Diga-me, Gabriel, fiz bem? Ganhei meu não exílio?

— Não continue, por favor — Gabriel tinha vontade de vomitar de como se comportou. — Poderíamos fazer como se a conversa que tivemos depois de entrar neste quarto não aconteceu alguma vez? Nunca. — Murmurou desejando entrar na banheira com ela e tranquilizá-la. Tranquilizar aos dois. Abraçá-la e só acariciar. Isso era o que ele queria agora.

— Sinto, mas não vou esquecer — ela assegurou, controlando o tremor de sua voz — Suponho que todas essas coisas que agora quer esquecer eram pensamentos que têm vontade de me dizer desde que me abandonou no *Valhall*, ou desde que simplesmente viu que o olhava de um modo mais íntimo, não é Engel? Aposto que pensava que era patética ou que era tola por ter sentimentos para você… — tremia-lhe o queixo e não sabia se era pela comoção ou pela tristeza. — Ou pior, por acreditar que poderia me querer… Que estupidez, que estúpida fui— repreendeu a si mesma. — A mim ninguém quis. Por que foi fazê-lo você? Incomodei muito.

Gabriel se sentiu humilhado pela integridade e a franqueza de Gúnnr. Ela sempre foi assim. Direta e sem rodeios, mas com uma simplicidade que afligia. A que se referia com isso de que ninguém a quis?

Ele não soube o que responder nem que dizer.

— Não é verdade, Gúnnr. Estamos os dois cansados e eu… — Levantou as mãos para segurar sua cintura, mas ela se afastou. O Engel não sabia o que era o que estava acontecendo, por que lhe doíam a barriga, a garganta e o peito? — fui um bruto, perdoe-me — rogou com arrependimento.

— Perdoo — assegurou ela, valente em sua nudez — O perdoo, Engel.

Gabriel deu valor ao gesto de Gúnnr. Como podia perdoar? Ele não podia.

— Menos mal… — Bufou e passou o antebraço pela testa — Aproxime-se, quero compensá-la, Gúnnr.

— Não. — disse ela brandamente.

— Mas… Disse que me perdoa — grunhiu franzindo o cenho.

— E o faço. De verdade — as gotas de água caíam por seu queixo, por seu peito e seu ventre.

Gúnnr sorriu, mas estava a anos luz dele. E Gabriel o sentia em cada poro de sua pele. Levantou uma mão tremente para roçar o rosto de Gúnnr, mas ela girou o rosto. Não deixava que a tocasse.

— Não sei por que me escolheu Engel — disse com o mesmo tom monótono. — Tentei entender durante o longo tempo que estivemos juntos… Mas não o compreendo. Não sei por que solicitou a mim quando nunca me deixou aproximar o suficiente, quando nunca fui o que

procurava. Acreditava que a escolha entre o *Valkyrias* e *einherjars* era única e certeira, mas sempre há uma exceção, suponho.

— Aonde quer chegar, Gunny?

— Acredito que chegou a hora de arrumar nosso engano. Eu o libero, Engel. Já não é… meu.

Gabriel olhou ao teto, esperando que algum deus se materializasse ou que algum raio caísse sobre eles, mas não aconteceu nada disso.

— Não me libera. Não pode me liberar e não quero que o faça. Tudo continua igual. Eu sigo aqui e você está aqui. Estamos juntos, vê? — Assinalou ao espaço que havia entre ambos. — Você e eu como sempre.

Era ridículo acreditar que Gúnnr podia ter quebrado o kompromiss com essas palavras. Mas algo nos olhos tristes da garota o fizeram acreditar o contrário.

Deu um passo a frente e segurou seus antebraços, úmidos pela água da ducha.

— O que fez Gúnnr? Peço perdão, de verdade. Ajoelho-me e me arrasto se quer… Ouça florzinha, me responda… Fiz algo?

Os olhos da *Valkyria* se encheram de lágrimas enquanto assentia com uma tristeza profunda.

— Sim. Disse adeus.

Gabriel sentiu que se angustiava e que um nó oprimia sua garganta. Como disse adeus se a tinha diante dele?

— Minhas asas… Minhas asas mudaram de cor — explicou resignada — Freyja nos disse uma vez que só desejando não pertencer a um *einherjars* podíamos quebrar o kompromiss, mas devíamos desejá-lo com a alma e o coração. Não aconteceu nunca, afinal nunca uma *Valkyria* e um *einherjars* com kompromiss quiseram sequer se afastar um do outro, já que se supõe que são almas afins. Mas se conseguia quebrar o compromisso com sinceridade, a única prova de que se conseguiu era ver que as asas da *Valkyria* e do *einherjars* se tornavam azuis. Era um sinal de que a paixão se congelou.

— Minhas asas continuam aí — se olhou as costas — não mudaram. Esta brincando comigo, só quer me deixar nervoso, verdade?

— Suas asas tampouco se desdobraram ontem a noite — refutou com simplicidade. — Sura me disse que os *einherjars* desdobram as asas cada vez transam com sua *Valkyria*. Esse é o sinal de que estão com sua alma afim. Eu desdobrei as minhas e você não — Gúnnr sentiu pena pelo rosto de desolação de Gabriel. Retirou o cabelo da bochecha, esfregou seu peito loiro que tanto a fascinou com os dedos e logo o deixo ir. — Parece que a que está equivocada aqui sou eu. Sou eu a que o retém, Engel. Eu não sou sua alma afim.

Quando escutou essas palavras de boca de sua *Valkyria*, Gabriel foi para trás como se tivesse sido golpeado.

— Você tampouco desdobrou hoje as suas… — Disse ele com a voz rouca.

— Desde que tivemos a conversa no carro e logo me pôs contra o sofá, desejei que nosso kompromiss acabasse. Meu corpo reagiu a meu desejo.

O Engel não sabia onde olhar. Só sabia que via impreciso, que pesavam os olhos e que o coração palpitava muito rápido.

— Isto não é definitivo. Não pode ser — murmurou ele com cara de estupefação — Gúnnr, você não pode deixar… Não está bem… Não pode ir!

— Não vou a nenhum lado, Engel. Fico lutando a seu lado. No final, ganhei minha permanência no *Midgard*, não?

Gabriel notou que os joelhos debilitavam e decidiu sair do banheiro antes de cair aí rendido.

Jamais se sentiu tão mal. Doía à garganta, como se quisesse sair um grito do mais profundo de sua alma, mas se visse incapaz de fazê-lo ou de expressar tudo o que sentia e queria dizer a essa mulher.

Precisava pensar.

Colocou suas calças, guardou sua carteira e o passaporte no bolso traseiro se por acaso decidia sair a limpar. Olhou seu relógio. Eram seis e meia da madrugada. O que devia fazer agora? Sentia-se doente pelo que aconteceu nesse quarto. Tinha nojo de si mesmo.

Sentou em um canto da cama, apoiou os cotovelos sobre os joelhos e acariciou o cabelo com as mãos. Que merda fez? O louco modo de agir era esse? No final, seu pai tinha razão. Era como ele. Um violentador, um chantagista emocional. Uma merda.

Repentinamente, o salão se iluminou, e Gabriel pensou que era Gúnnr com seus raios. Pensou que era a *Valkyria* que por fim ficava furiosa e vinha com pressa. Merda, estava desejando vê-la assim em vez de ver como toda sua alegria e calor se apagaram por sua culpa, mas Gúnnr estava no banheiro. Então, quem havia ali?

Levantou e seus pés ficaram imóveis quando encontrou uma mulher vestida com um traje de época de cor vermelha e uma máscara negra sobre a cabeça. Tinha os olhos verdes, um cabelo longo azeviche e um rosto de pantera espetacular. Olhava a seu redor, um pouco aturdida, mas com segurança, como se não fosse à primeira vez que estivesse fazendo para fora.

Era alguém que Gabriel acreditava ter amado.

Alguém que não foi mais que um capricho.

Alguém que já não provocava nada em seu sistema nervoso.

A vanira Daanna McKenna.

— Gabriel? — Disse ela com os olhos brilhantes com a emoção — Não posso acreditar que… Por Morgana. Gabriel! O que faz aqui? Você… vimos como…

Gabriel estava igualmente impressionado como ela.

— Daanna? O que… O que está fazendo aqui? Eu… Sou o Engel. Um *einherjars* de Odín. Ele me recrutou.

Daanna ficou boquiaberta e o olhou de cima a baixo.

— Um *einherjars*… Disse que é o Engel? Você é o Engel?! É… É incrível! Tenho muitas perguntas que fazer e tenho mais que agradecer — Disse ela de maneira atropelada. — Então… — olhou de novo a seu redor e ficou pensativa. — É você a quem devo buscar — disse para si mesma. — Incrível. Tenho que levá-lo comigo.

— Me levar? Agora? Aonde?

Só estendeu a mão e sorriu.

— Está bem, está bem… — Daanna levou a mão ao ventre, como se tentasse acalmar algo ou

a alguém, e logo girou os olhos. — Temos que fazer uma viagem. Vamos, tenho pressa — moveu os dedos da mão. — Não controlo muito os deslocamentos ainda e, para justificar, não sei nem como me desloquei. Estava dançando no jardim com Menw, feliz e plena por ter recebido uma excelente notícia e… Zas! Desloquei-me, não é surpreendente? — perguntou sem esperar reposta. — Mas desta vez, no túnel a voz de Freyja disse que devo levá-lo comigo e acredito que estou a ponto de ir já. Começo a enjoar — Daanna ficou olhando um ponto ao lado do ombro esquerdo do Engel. — Ui, não está sozinho. — tentou se desculpar.

Gabriel deu a volta e encontrou Gúnnr, que tinha o corpo envolto em uma toalha azul. A *Valkyria* tinha os olhos inchados pelas lágrimas e reconheceu Daanna imediatamente, porque era uma mulher, as mulheres tinham esse sexto sentido.

— Não me diga — disse isso Gúnnr brandamente. — É Daanna, não é? O amor de Gabriel — engoliu saliva e levantou o queixo.

Daanna franziu o cenho e fico com a vista fixa em Gúnnr. Era uma garota linda e muito adorável. Era a namorada de Gabriel?

— A este passo todas as mulheres vão odiá-lo… — murmuro a vanira com resignação. — preciso levá-lo, mas o devolverei, prometo isso — assegurou com um sorriso de desculpa.

— Não precisa. Pode ficar e asseguro que ele está descansado. Eu… Eu Já o liberei de minhas garras — olhou a Gabriel pela última vez, como se na realidade não o quisesse deixar partir. Com gesto derrotado deu a volta e sentou na cama.

Gabriel parecia cada vez pior. Deu dois passos para Gúnnr e se sentiu mal ao ver a surpresa no gesto da jovem, como se a garota jamais esperasse algo dele, como, por exemplo, que a escolhesse. *Ninguém me quis nunca*, disse Gunny.

Era um desgraçado, isso era por permitir que alguém tão doce e bom como Gúnnr sofresse por sua culpa, e era um miserável por ter medo dela. O Engel não temia nada, mas sim que tinha medo do amor puro e incondicional de uma jovem *Valkyria*. Ele era o patético e o covarde, não ela. *Florzinha, o que fiz?* Quis arrumar tudo imediatamente. Se a abraçasse forte e pedia cem mil vezes perdão, ao melhor ela…

— Sinto muito, mas já o arrumará logo. — Daanna puxou o pulso dele.

Gúnnr viu que o olhar angustiado de Gabriel a percorria, e logo viu como ele cravava seus olhos definitivamente nos olhos verdes de Daanna.

A vanira e o *einherjars* desapareceram de um puff, deixando uma esteira de partículas brilhantes a seu redor.

E deixando Gúnnr em Chicago, com as asas geladas e o coração quebrado.

Capítulo 16

Em um túnel de cor muita parecida ao que utilizou para viajar através da anti-matéria, levava Daanna com Gabriel pela mão.

Então, esse era o poder de Daanna, pensava Gabriel. Deslocava-se no tempo e no espaço; mas o que não entendia era o vestido de época de cor vermelha e cheia de pedraria brilhante que

usava a vanira. O túnel se enchia de luz e dava voltas como se estivesse no vórtice de um furacão. Ouviam vozes e todo tipo de ruídos, como os que faz uma rádio quando quer sintonizar uma estação.

Daanna. Segurava sua mão, com os dedos entrelaçados. Em outro tempo poder tocá-la assim faria que gozasse nas calças rapidamente. Mas na atualidade, embora a vanira seguisse sendo um espetáculo para a vista, não era tão fascinante, nem para seus sentidos nem para seu coração. E ele sabia perfeitamente quem tinha a culpa disso: a *Valkyria* que deixou chorando no quarto do hotel, com as asas geladas e um olhar desolador cheia de abdicação.

Sua Gúnnr. O punho que lhe oprimia o peito retornou de novo, e com ele chegou também a vontade de retornar imediatamente e pedir a Gúnnr que o perdoasse e o ajudasse a superar seus medos. Ninguém melhor que ele sabia que tinha um problema que defendia com outro. Ele o defendeu com Daanna.

Estar apaixonado por Daanna foi fácil, quem não estaria? E tudo o que Daanna representava como mulher era um estímulo para seguir gostando toda a vida… Era um escudo para que ninguém se aproximasse, para que todas as mulheres que se aproximassem jogassem a toalha antes de tentar algo com ele, antes de sequer chegar a conhecê-lo. Estar apaixonado por Daanna foi como usar um anel de casado. Muitas mulheres, as melhores como Gúnnr, não se aproximariam. Mas a *Valkyria* o fez de um modo sigiloso, inocente e puro, como se tecesse uma canção de sereia ao redor, colocando-se pouco a pouco sob sua pele. Gunny foi sua amiga, a que lhe arrancava os sorrisos, a garota que deu calor e proteção quando esteve no *Valhall*; o corpo e a alma de mulher a quem requisitou.

Sim; amar platonicamente Daanna foi fácil e simples, porque podia amá-la para sempre na distância e não arriscar a despertar a natureza que seu pai estava convencido que ele tinha. Em troca, havia convivido com sua *Valkyria* e a feriu de propósito para que ela se afastasse dele.

Era um idiota. Ferir Gúnnr e perdê-la era uma ferida que acabaria com ele, que nunca se perdoaria. Por isso, quando retornasse a ela, rogaria que não o deixasse e brigaria por ganhar de novo sua confiança, uma confiança que entregou às cegas desde o primeiro dia que se viram.

Decidiu. Lutaria por Gunny por que… por que… Porque sentia coisas muito fortes por ela. Coisas que quis anestesiar com frieza e indiferença, mas, no final, compreendeu que não pode fazer dormir um dragão com um tranquilizador, verdade? Descer à terra volatizou todas essas emoções reprimidas que tinha para a *Valkyria*, embora nem sequer ele soubesse que as tinha.

E agora o que? Só ficava esperar a vê-la outra vez. E enquanto isso, iria aonde Daanna o levasse.

Veria seus amigos? Daanna disse que Freyja ordenou que levasse a quem encontrasse em seu deslocamento. Portanto, era um encontro permitido, além disso, não foi ele o que foi em busca deles, já que isso foi proibido; mas ao ser Daanna quem viesse buscá-lo, as condições mudavam. Veria a Aileen Ruth, Nora, Liam, Ás…? Estava desejando ver o rosto que poriam os arrogantes dos vaniros e os berserkers quando vissem que ele era o Engel, o melhor *einherjars* de Odín. Ia desfrutar como uma criança ao ver sua reação. Quando era humano e estava com eles, tinha que aguentar todo tipo de graças. O chamavam de “Barbie” ou “Principezinho”. Mas já não

podiam. Sorriu maliciosamente.

Subitamente, o redemoinho desapareceu e se encontrou em um jardim, diante de uma fonte que mudava de cores, com uma estátua de Odín e seus dois corvos no centro. Gabriel seguia segurando a mão de Daanna, mas esta estava nos braços de um Menw McCloud vestido de branco e com um rabo loiro alto que deixava entrever uma trança bicolor. Usava uma máscara dourada sobre a cabeça. Daanna estava sentada sobre seu colo, com a cabeça apoiada em seu ombro e uma expressão de paz e felicidade que nunca antes viu em seu rosto. Parecia completa.

O vaniro, curador do clã keltoi, levantou com ela nos baços e olhou Gabriel com cara de estupefação. Gabriel soltou a mão de Daanna e olhou a Menw sem titubear.

— Gabriel?! Filho da puta! — Abriu os olhos como pratos— Você! Você está morto!

— Você acha? — olhou o peito nu e os braços com as pulseiras.

Daanna despertou pouco a pouco, e ao abrir os olhos, olhou Gabriel com um sorriso de alegria e incredulidade nos lábios. Seus olhos verdes repassaram Menw e a seu amigo humano morto. *Não brigariam, não*? Menw captou o pensamento de Daanna, e ainda surpreso, inclinou a cabeça e a beijou com doçura nos lábios.

— Onde esteve *mo graidh*[32]? — Perguntou Menw com preocupação — desceu ao inferno e resgatou a alma deste louco?

Daanna sorriu.

—É o Engel.

O curador arqueou as sobrancelhas loiras e ficou momentaneamente calado, assimilando a informação.

— Ele é…? Mas como?

—Droga, desça-me — pediu Daanna.

Quando a vanira tocou os pés no chão, deu dois passos para Gabriel, rodeou-lhe a cintura e o abraçou com suavidade.

—Não posso acreditar que esteja vivo, Gabriel — reconheceu com a bochecha em seu peito —, mas antes que todas descubram e nos explique o que faz aqui, quero dizer algo.

— Por que sou mais alto, mais forte e mais bonito que antes? —Respondeu olhando a Menw com diversão. Era estranho não sentir absolutamente nada tendo Daanna em seus braços.

Gúnnr, o que fez comigo? Pensou resignadamente.

Daanna negou com a cabeça e Menw pigarreou com a garganta.

—Obrigado por me devolver meu coração. — A vanira ficou nas pontas dos pés e o beijou na bochecha— Você desejou que eu recuperasse Menw — confessou — Ele era o único que podia ativar meu dom, e graças a isso pudemos… falar de muitas coisas — olhou a seu vaniro com um sorriso desavergonhado nos voluptuosos lábios.

— É isso verdade, curador? — Perguntou Gabriel acariciando os ombros de Daanna — Por fim vai tratá-la como merece? Já não se odeiam?

Menw afastou Daanna dos braços de Gabriel e olhou a sua caraid com uma desculpa em seus olhos azuis.

[32] *Em gaélico, meu amor.*

—Já sabe o que dizem… Do ódio ao amor não há mais que uma dentada. Verdade, amor? — Sepultou o rosto no pescoço de Daanna e esta permitiu que fizesse algo com ela — Deixa-me nervoso seus deslocamentos, Daanna — sussurrou— Estávamos dançando aqui, abraçados, você fechou os olhos e de repente, ficou mole em meus braços. Assim, sem avisar.

—Parece que posso me deslocar mediante o estado de euforia. É curioso…

—Não é curioso. É horrível.

Daanna acariciou a bochecha de Menw.

—Está bem. Estou feliz, amor.

—E eu. Mas se deslocar assim… Não sei nem quando nem como voltará…

—Sempre retornarei a você *mo Priumsa*[33]— murmurou beijando-lhe a bochecha e entrelaçando seus dedos com os dele— Por certo, não queria dizer algo a Gabriel?

— Agora?

—Não, quando chegar o *Ragnarök* — respondeu Daanna com sarcasmo — Me disse que se tivesse oportunidade de vê-lo outra vez, o agradeceria.

Menw franziu o cenho e estalou a língua.

O curador ficou olhando o Engel com um respeito que até agora nunca protagonizou. Plantou-se diante de Gabriel e ofereceu a mão, com sinceridade e reconhecimento.

—Deu-me uma lição, Gabriel. O odiei por pensar que queria me roubar Daanna.

Gabriel pensou: *Pois não foi muito mal enganado. Mas era plenamente consciente de que nunca poderia consegui-la. Por isso… Por isso gostei muito dela*. Gabriel apertou a mandíbula. *Sou um galinha, Gúnnr.*

—Mas seu desejo no *Valhall* fez possível que agora estejamos juntos — prosseguiu Menw — Foi nobre por sua parte e sempre, sempre, sentirei-me agradecido. Conta comigo para o que precisar, Engel.

O *einherjars* aceitou o antebraço de Menw, e quando o agarrou, Menw puxou-o até que se chocaram os ombros e se abraçaram com o braço livre.

—Agora é meu irmão – proclamou Menw — *Mae, mo Brathair*[34].

Uma onda cheia de orgulho varreu os dois guerreiros.

—É uma honra — assegurou Gabriel.

Daanna limpou uma lágrima com a ponta dos dedos e entrelaçou as mãos diante de sua barriga.

—Sei de duas pessoas que quando o virem vão desmaiar— murmurou Daanna.

O latido de um cão separou Menw e Gabriel.

O Engel deu uma olhada por cima de seu ombro e começou a rir quando viu quem se aproximava:

— Brave! — Abriu os braços e se ajoelhou no chão à espera que o cachorrinho huskie de Aileen chegasse até ele dando pinotes e com a língua para fora. Gabriel ficava louco pelos animais, e amou a esse cão com todo seu coração — Venha aqui, bonito!

[33] *Em gaélico, meu príncipe.*
[34] *Em gaélico, meu irmão.*

Brave saltou em cima de Gabriel e este o abraçou, acariciando-o por todos os lados.

—Cada vez está maior — Brave latiu em resposta.

A silhueta de dois meninos pequenos apareceu entre os arbustos que davam à fonte. Eram os gêmeos, Liam e Nora, os sobrinhos de Adam.

Nora usava um vestido branco com cós rosa, um rabo coque loiro e seus olhos escuros olhavam Gabriel com assombro.

Liam sorria como se descobrisse um tesouro. Parecia um homenzinho, com seu traje negro e aquele rosto de índio. Os dois pirralhos usavam as máscaras sobre a cabeça, e Liam ainda tinha as marcas da borracha no rosto.

— Estamos em uma festa? —Perguntou Gabriel, observando a indumentária que todos usavam.

—Estamos no Wiltshire— respondeu Menw — Na casa de campo de Ás. Preparei um baile de máscaras para minha Daanna. Na vida há tempo para a guerra e também para a celebração. Hoje pedi que se case comigo.

—Já vejo — murmurou Gabriel sorrindo a sua risonha amiga vanira. Alegrou-se por Daanna e por Menw. Eles mereciam. Cravou a vista nos gêmeos. — Olá, meninos.

Nora se aproximou de Liam e agarrou seu braço:

—Não o diga a ninguém, Liam, mas acredito que eu também sou uma caçadora como Ruth — cobriu a boca com uma mão, e lhe disse ao ouvido — Eu também vejo mortos.

—E eu — disse Liam assombrado.

—Deixe-me ver… Slytherin! — Gritou Nora com convicção elevando a mão e esperando que o arco branco dos elfos, característico da Caçadora, aparecesse em suas mãos.

—Isso é do Harry Potter, Nora… — respondeu Liam rindo de sua irmã — O arco de Ruth se chama Sífilis! — ele também elevou a mão morena, mas nada nela se materializou.

Gabriel levantou com lentidão e deixou o cão no chão, mas Brave continuava se pendurando em sua perna, pedindo que o acariciasse.

—O arco de Ruth se chama Sylfingyr. — ele recordou com um sorriso.

— É um zumbi? — Perguntou Liam.

Daanna e Menw começaram a rir. Nora revirou os olhos.

—Não é um zumbi. Os zumbis caem os olhos e os dentes — olhou Gabriel estudando-o de cima a baixo — Eu gosto de seus braceletes — disse a menina intrépida, aproximando-se dele e tocando as pulseiras metálicas que usava nos antebraços — Já sei o que é. É uma munia.

Merda, quanto sentiu falta desses pequenos!

— Uma munia? — repetiu Gabriel prendendo uma gargalhada.

—Sim, esses que enterram com um montão de ouro e joias e logo revivem — explicou Nora agarrando a mão de Gabriel e o puxando — Venha, Ruth tem que vê-lo, ela vai ficar contente quando ver você…

Liam agarrou a outra mão de Gabriel e puxou até que saíram da área da fonte, com Brave, Menw e Daanna atrás deles, emocionados pelo encontro.

Quando chegaram à magnífica casa de campo, Gabriel ficou parado diante da porta de entrada.

Elas estavam dentro. Aileen e Ruth. Suas amigas.

Como iam reagir ao vê-lo?

Ouvia o folguedo típico de uma festa. Risadas, palmas, o som de um brinde, o tamborilar dos sapatos no chão e música muito alta. A canção de *Where We Are* do Westlife estava fazendo tremer as paredes daquela mansão de pedra branca.

Stay, stay where you are
Don´t let me go
Don´t let me go
Made in this far[35]

Gabriel engoliu saliva para que o nó que tinha na garganta descesse de uma vez. Não sabia por que, desde o que passou com Gúnnr, parecia tão emocionado e sensível. E agora, estava convencido de que ia chorar como uma criança quando voltasse a ver suas garotas.

Mas não importava chorar, as palavras de seu pai jamais o fariam envergonhar-se de chorar por elas. Por elas não. Jamais. Suas amigas eram autênticas guerreiras, mulheres que lutavam por aquilo no que acreditavam, cujos objetivos e valores, sempre estavam por cima de seu egoísmo. Por Ruth e Aileen poderia chorar.

…OH baby stop!
Stop right there
Don´t walk away…

Liam e Nora entraram como dois foguetes, e agora puxavam pelas mãos Ruth vestida com um traje de princesa cor amarela e uma máscara negra, o qual fazia reluzir seus olhos de cor dourada. Com o cabelo mogno e aquele rosto de gata que tinha estava muito bonita. Aileen vinha atrás dela com a segurança que a caracterizava. Seus olhos lilás cobertos com uma máscara prateada e o cabelo negro alvoroçado ao redor do rosto o deixaram nocauteado. Suas duas amigas estavam deslumbrantes.

— Olha a munia! — gritou Liam assinalando Gabriel.

Liam e Nora sorriram com graça.

Aileen e Ruth olharam à frente e no final o viram.

Ficaram paralisadas.

Não podiam acreditar o que viam seus olhos. Não podiam piscar.

Aileen fechou os olhos e levou a mão ao coração. O queixo começou a tremer enquanto tentava articular palavra.

[35] *Fique, fique onde está. Não me deixe ir, não me deixe ir. Estende este momento.*

Ruth levou os trementes dedos aos lábios e tomou ar repetidas vezes enquanto seus olhos se enchiam de lágrimas.

We survived the crash,
Made it through the wreckage.
Standing fire at last.
So perfectly written.[36]

As duas de uma vez tiraram a máscara lentamente e deram um passo para frente, temerosas de que, com aquela ação impulsiva, a imagem adorada de seu amigo desaparecesse como se jamais viessem a elas. E elas desejavam que ele fosse real, porque nada foi pior que perdê-lo e ver que a luz de Gabriel se apagou.

Eles sempre foram três, até que ele se foi.

E como se fossem ambas um casal perfeitamente coreografado, jogaram a máscara ao chão, porque poderia ser que ficaram sem forças para segurar algo tão pequeno. A vida dava surpresas incríveis, e era certo que, no final, os melhores momentos eram aqueles que deixavam alguém sem respiração. Como aquele instante.

Com um grito esmigalhado de angústia ou de alegria, as duas saltaram os seis degraus de repente, esqueceram os trajes e protocolos, levantaram o vestido e correram para seu amigo perdido em batalha.

—Gaby!!!

— Gabriel!

Now where we are,
Is where were suppose to be.
Where we are,
Keeps the breathe in me,
Where we're been,[37]

Risen from the days.
Where we're no one
Can tear us apart
That's where we are.[38]

Gabriel não pôde suportar a emoção e cobriu os olhos com o antebraço, antes de abrir os braços, morder o lábio inferior e abraçar Aileen e Ruth, que se impactaram contra ele com seus corpos, em uma confusão de braços e pernas.

[36] *Sobrevivemos ao golpe, e o fizemos caminhando por cima dos escombros. E aqui estamos de pé, por fim. Perfeitamente escritos.*
[37] *Onde estamos é onde se supõe que devemos estar. Onde estamos, mantenho minha respiração. Onde estivemos elevados pelo dia. Onde estamos agora, ninguém poderá nos separar. Ai é onde estamos.*
[38] *Ressuscitou entre os dias onde nós não somos um, pode nos separar, que e onde estamos.*

Não é vergonhoso chorar.

As pessoas devia ter o direito de escolher por quem chorar, porque não se podia chorar por todo mundo. E ele escolheu chorar sinceramente por elas e com elas.

Os deuses diziam que a virtude não deixava os valentes chorarem, e que em vez disso mandava os fracos chorarem.

Seu pai dizia que chorar era ser maricas.

E Sun Tzu mencionava que não devia mostrar debilidade alguma.

Mas ele era Gabriel. E Gabriel chorava porque tinha vontade. Ninguém diria nunca mais o que ou quem era, ou o que devia ou não fazer.

Quando abraçou os pequenos corpos de suas duas amigas, entendeu tudo.

Chorava por ele, chorava por elas, por vê-las de novo, por não ser sincero com elas, por um montão de coisas que não sabia expressar com palavras. De agora em diante seria quem era na realidade, e chorava porque se despedia daquilo que mostrou a elas e a todos outros, porque se despedia de muitas coisas. Chorava porque era o modo de expressar que queria e continuava querendo. E isso era um grande descobrimento para ele. E chorava porque sempre havia uma primeira vez.

Aileen e Ruth não deixavam de soluçar, acariciando-o por toda parte, beijando-o, tocando-o maravilhadas, como se fosse um milagre vê-lo de novo. E era.

—Gaby… — Disse Ruth entre soluços — Gaby, eu te perdoei —não me ver nunca… mais. Arriscou sua vida por mim. —Afundou a cabeça em seu enorme pescoço e choramingou como um bebê — E ainda por cima usava essa camiseta melodramática…, que me fazia mal… Desgraçado.

Gabriel sorriu compreensivo e acariciou as costas de Ruth para tranquilizá-la.

Aileen o abraçava tão forte e com tanta força que toda ela tremia e toda a energia para falar ia nesse gesto. Ela não precisava dizer nada para expressar como estava feliz por vê-lo.

Suas duas amigas, tão boas e tão diferentes uma da outra… Que afortunado foi por contar com elas.

—Me alegro tanto de vê-las — disse com voz rouca.

Aileen levantou a cabeça. Tinha o rosto cheio de vergões. Vermelha e úmida pelas lágrimas.

—Onde… Onde esteve? E… O que aconteceu? — Apalpou-lhe os ombros e o pescoço — Está enorme. E… E mudou a voz. E onde está sua camiseta?

— Por que não deixam que entre e conte isso tudo? — Sugeriu uma voz de barítono muito familiar e carismática para ele.

Ás Landin, o *leder* [39]do clã berserker, aproximou-se deles com respeito e silêncio. Usava o cabelo comprido e solto, um smoking negro, a barba muito bem cortada salpicada de branco e seus olhos verdes cheios de satisfação.

Gabriel caminhou com Ruth e Aileen penduradas nele como se fosse um cabide. Era certo que estava mais alto que antes: prova disso era que os pés de Aileen e de Ruth não tocavam o chão por uns quarenta centímetros. Agora era como um berserker ou um vaniro. Igualmente mortífero que eles e igualmente desafiante. Agora era um guerreiro imortal, não era só o humano

[39] *Em norueguês, líder.*

que passou despercebido pela vida e que em última instância, tentou ajudar. Esse humano já não existia.

—Olá, leder Ás.

—Guerreiro — saudou Ás com a boca cheia de orgulho — É uma honra tê-lo aqui. — Tomou Gabriel pela nuca e juntou seu testa à dele, olhando-o fixamente nos olhos. — Está em sua casa, filho.

Uma vez dentro, Caleb McKenna, o líder do clã vaniro da Black Country, o abraçou com força e bateu suas costas com a mão aberta. Maria e as sacerdotisas o encheram de beijos. Adam, o xamã do clã berserker, o abraçou dando uma quente e sincera acolhida. Gabriel salvou com sua vida não só a Ruth, mas também a seus sobrinhos.

—Minha gratidão para você será eterna, kompis. Tenho uma dívida com você — disse o moreno de cabeça raspada em tom solene.

O resto dos vaniros o saudaram e brindaram por ele. Foi recebido como um guerreiro que ganhou a maior das vitórias, burlar a morte. Entretanto, ele sabia perfeitamente que essa não era sua missão.

Gabriel esteve um bom momento falando de tudo o que aconteceu desde que Nanna o subiu ao *Valhall*. Todos escutavam com atenção, não saíam de seu assombro. Explicou sobre o roubo dos objetos dos deuses e tudo o que ele descobriu sobre sua localização. Falou dos vaniros de Chicago, dos devoradores que desceram à terra, dos berserkers de Milwaukee, e do transformista que enganou os deuses e entrou no *Asgard* fazendo-se passar por Freyja.

—Se não recuperarmos esses totens o quanto antes, talvez os jotuns consigam acelerar o dia da chegada do *Ragnarök* — concluiu Gabriel — Por isso nos enviaram. Para recuperá-los.

—O mais importante é recuperar o martelo e a lança — disse Ás acariciando a barba — Como podemos ajudar? Há algum modo de que possamos interferir ou estar informados?

—De momento nós estamos em Chicago —explicou Gabriel — Sabemos que Mjölnir está em algum lugar da área central da capital, mas encontraram um modo de camuflar sua energia eletromagnética e embora perdessem sua localização exata, seguimos seu rastro. Não vejo apropriado que se mobilizem leder. Por isso me contatou, fizeram muitos avanços aqui, não? Menw se dedicou a afundar a Newscientists e a encontrar uma espécie de antídoto para a fome vanira. Encontrou um montão de guerreiros e crianças perdidas e maltratadas dos clãs, e destruiu os túneis do Capel-O-Ferne. É incrível. Nós os manteremos informados através do fórum. Seguro que cedo ou tarde necessitaremos sua ajuda.

—Temos Mizar Cerril — murmurou Caleb — A filha adotiva de Patrick Cerril.

Os olhos azuis de Gabriel reconheceram o nome do homem.

—É um dos cientistas do Newscientists.

—Está morto — asseguro Menw — Mas… Temos sua filha adotiva. Pelo visto é uma garota muito inteligente, que trabalhou no Newscientists e, além disso, é uma das que usavam o projeto da detecção de portais eletromagnéticos na terra. É um gênio dos quarks.

— E bem? Interrogou-a? — perguntou espectador — Como entraram no *Asgard*? Criaram um portal sem lugar a dúvidas, mas, como puderam fazer isso?

—Não… Já não podemos interrogá-la. Cahal está se encarregando dela e está utilizando seus próprios métodos.

— Onde? —Olhou a seu redor — por que não está aqui?

— Verá… — Daanna se incomodou ao falar disso — Mizar foi uma das que torturou Cahal. Sequestraram Cahal a noite que fomos ao Ministry of Sound, lembra?

—Sim. Caramba.

—Não pudemos achá-lo até dois dias atrás. O encontramos no Capel-O-Ferne. Cahal estava muito mal, ferido.

—Pequena puta.

—Acredito que estava confusa sobre o que Cahal era na realidade. Não sabia nada sobre os vaniros. Para ela, vaniros e vampiros eram o mesmo: assassinos.

—Não a desculpe, Daanna — pediu Menw — Faça o que fizer meu irmão com ela, estará bem. Não podemos julgar. Não passamos pelo que ele passou nas mãos de sua cáraid.

— É sua cáraid?! — Gritou Gabriel impressionado — Que merda!

—Sim — Assentiram todos os machos vaniros ficando em posição.

— E o que se sabe sobre eles dois? — Gabriel não podia deixar de se compadecer de Cahal. O vaniro mais paquerador, Cahal McCloud, o mais acreditado por todo o clã, foi cruelmente torturado por sua cáraid.

—De momento nada. Só que Cahal se retirou para se recuperar e que a levou com ele. Está se recuperando com… ela.

—Bom, esperemos que seu retiro seja para o bem — Gabriel não podia imaginar como parecia Cahal a respeito — Onde está Ás? — olhou a sala com curiosidade — Não o vejo por aqui.

—Saiu faz um momento para tomar ar — explicou Adam, enquanto embalava Nora entre seus braços.

— E o que se sabe das *Valkyrias* e os *einherjars*? Estão se preparando para o *Ragnarök*? — Ás estava muito interessado na vida do *Valhall*.

Gabriel falou de suas *Valkyrias* e seus *einherjars*, de como brigavam e de como eram valentes. Explicou a relação do kompromiss e suas peculiaridades.

—São guerreiros excepcionais — disse com orgulho — É uma honra lutar ao lado deles. Minha *Valkyria* se chama Gúnnr. Vocês a adorariam — assegurou olhando a Aileen e Ruth.

— Assim tem uma *Valkyria*? — Perguntou Adam com um sorriso de lobo — É sua? É sua… kone?

Gúnnr não era sua kone. Ele perdeu o direito a ser, por sua estupidez e seus medos. Merda, que farto estava de si mesmo! E quanta vontade tinha de retornar e recuperá-la!

—Estamos em um ponto morto.

Aileen e Ruth levantaram uma sobrancelha cheia de incredulidade e olharam uma à outra como se soubessem perfeitamente o que passava.

—Então, diz que conheceu os vaniros de Chicago. Já conheceu Miya, verdade? — Perguntou

Daanna enquanto mordia um pedaço de bolo de creme e morango — O que acha dele?

—Assim é — respondeu ele surpreso — Ontem mesmo. Curiosamente, pela tarde quando você o visitou pela primeira vez.

A vanira levantou com o rosto pálido e os olhos abertos como pratos.

— Como disse?

—Que ontem pela tarde o visitou você. Disse que era seu primeiro deslocamento.

—Mas isso não pode ser… — Disse ela sentando de novo, com o olhar perdido. Deixou o bolo sobre o prato.

— Como que não? É óbvio. Ontem pela tarde fomos ao Starbucks, porque lembrei que todos os dias, a partir das oito, se conectava ao fórum muito informado e versado em mitologia escandinava. Seu Nick era Miyaman. O encontramos. Seu nome é Miya, é de um clã vaniro de samurais. Cinco minutos antes que minhas *Valkyrias* o encontrassem você apareceu diante dele. Ficou tão surpreso como eu quando nos conhecemos.

—Um momento — Caleb apertou a ponte do nariz — Daanna visitou Miya faz quase uma semana.

O rosto de Gabriel perdeu toda expressão. Como fazia uma semana?

—Mas isso é impossível, porque eu…

—Deuses, Gabriel… Eu… Posso me mover no tempo através de meus deslocamentos— explicou Daanna — Não sabia que viajou ao passado. Não sei por que acontece assim, mas, faz sete dias me desloquei ao futuro, assim suponho que posso fazê-lo também ao passado. Contatei com Ardam, um *einherjars* das Highlands…, e ele me disse… Ele me falou de você. Disse que o conheceu.

O Engel passou a mão pelo rosto.

—Eu não conheço nenhum Ardam das Highlands — repôs aturdido.

—Agora sim — confirmou Ás com um brilho inteligente em seus olhos de jade — Talvez precisasse vir aqui para que Daanna falasse dele. Talvez seja uma peça chave para que achem os totens, ou talvez…

—O mais urgente para mim agora é retornar a Chicago. Merda! — Gritou irritado com a situação — Deixa ver se entendo, supõe que faz uma semana que não me veem? E que os deixei sozinhos?!

—Sinto — Daanna estava afetada — Freyja só me pediu que levasse comigo o guerreiro que encontrasse. Ouço sua voz em meus deslocamentos, e normalmente, devo obedecê-la. Não tive em conta em que linha temporária me movi. Nunca sei. Só fiz quatro deslocamentos até agora — se desculpou — E uma deles nem sequer lembro. — Menw pôs um braço protetor por cima dela. Daanna falava do momento em que se deslocou no Capel-O-Ferne, quando Hummus a deixou inconsciente e ia violá-la. De repente se deslocou e apareceu nas cavernas externas do escarpado do Capel Battery. Sabendo o que, no momento, só ambos sabiam, que não era outra coisa que a boa nova da gravidez de Daanna, não tinham nenhuma dúvida de que Aodhan teve a ver algo naquele deslocamento espacial.

—Se te servir de consolo — assegurou Caleb tentando dar ânimos —, de momento, não

houve nada apocalíptico na Terra. E não houve notícias sobre nada estranho em Chicago, exceto a menção sobre a força das últimas tempestades elétricas. Ainda não utilizaram os totens. Olha, Gabriel, nós prometemos obter a máxima informação possível sobre os portais dimensionais e sobre os *einherjars* das Highlands. Não sabíamos nada deles, e isso que somos vizinhos. Solidificaremos nossos vínculos e faremos uma rede informativa entre nós. Você volta com os seus nos mantém informados sobre Miya e seu clã.

Mas nada disso servia a ele. As notícias sobre Chicago não demorariam em chegar. E Gúnnr… Gunny esteve sozinha, sem ele. Não a protegeu. E se aconteceu algo? Não! Nem pensar! Não podia pensar em nada disso.

—Necessito um telefone urgentemente — levantou afetado pelo golpe daquela notícia.

—São ordens de Freyja, Gabriel — tentou tranquilizar Ás — Não fique nervoso. Ela o queria aqui, agora. Seus homens entenderão. Você não pode fazer nada contra os intuitos dos deuses.

—Não. Tem razão. Mas se pelos intuitos dos deuses me inteiro de que algo aconteceu a algum de meus guerreiros, os deuses me ouvirão. — Ás não o entendia. Gúnnr não ia compreender. Nem Bryn, nem Róta… Para eles seria uma deserção em toda regra. E Reso e Clemo o odiariam — Preciso voltar. Preciso voltar já!

—Miya ficou em contato conosco no dia seguinte que Daanna se apresentou no Starbucks — anunciou Caleb entrelaçando os dedos com Aileen— Pela tarde. Nós íamos ao concerto do Hyde Park que organizava a MTV. Não é certo, Lua?

Uma das quatro humanas que trabalhavam para eles no local do *Ragnarök* assentiu com a cabeça e disse:

—A comunicação teve lugar por volta das sete. Mas a cortou rapidamente. Só se apresentou e disse que estavam em Chicago e que precisavam entrar em contato com Ás e Caleb. Depois disso, não tivemos informação relevante de sua área.

—Após não tornou a se conectar conosco — disse Emejota, outra das quatro.

Gabriel puxou os cabelos e os deixou desordenados, formando um halo loiro ao redor de seu rosto.

—Isto eu não gosto nada — grunhiu com desgosto.

—Ofereço um void privado ultra rápido, Gabriel — Ás tinha o celular na mão— Faço uma chamada, e chega a Chicago em menos de dez horas.

—Faça, leder — o olhou fixamente — Faz já, por favor.

Queria estar mais um momento com eles, compartilhar mais informação, mas, basicamente, se ele estava ali era para que os do Black Country soubessem que era o Engel, e tivessem notícias sobre os totens desaparecidos. Deviam ajudar uns aos outros.

Caleb e Aileen, Ruth e Adam, aproximaram Gabriel com seu Porsche Cayenne negro à pista de aterrissagem pessoal de Ás.

Gabriel levava uma sacola cheia das pastilhas milagrosas que conseguiu fazer Menw. Chamavam-se “Aodhan”. E em um pacote à parte uma USB com toda a composição química das

pastilhas. Seriam muito úteis aos vaniros de Chicago, já que Miya advertiu que a fome já venceu a vontade de alguns deles. Além disso, Menw encheu a bolsa de todos os artefatos que eles estavam utilizando contra os jotuns.

Ruth emprestou seu telefone. Gabriel ligou a todos os números, pois sabia de cor, e todos estavam ou desligados ou fora de cobertura.

Sentia um medo tremendo em seu interior. Medo por uma *Valkyria* de olhos grandes e ternos a que fez muito mal. *Por favor. Por favor. Que não tenha acontecido nada.* Nesse momento desejava ter dons telepáticos como os vaniros e poder se conectar com sua companheira. Porque Gúnnr era dele. Sua de verdade. Não sua por kompromiss. Mas, paradoxalmente, descobria quando ela já o renegou. Porque, como um homem que acreditou desde pequeno que não sabia amar, reconheceria os sinais quando amava de verdade? Quando um homem descobria que seu amor não feria as pessoas, tal e como o fizeram acreditar?

Todas essas perguntas responderia Gúnnr. Mas ela devia estar viva.

— Como é Gúnnr? — Perguntou Ruth e Aileen. As duas o olhavam com um sorriso nos lábios, sabendo que Gabriel não gostava de falar de si mesmo nem de seus sentimentos. Mas desta vez o ia fazer, porque nem sempre se recuperava a um amigo da morte.

—É… especial. É uma *Valkyria* que tem muito caráter, embora disfarce de doçura. É amiga de seus amigos e tem um coração enorme. Quando se zanga levanta o queixo assim — e a imitou enquanto se partia da risada — E está cheia de bondade. Nunca feriria ninguém de propósito. É das boas.

Suas amigas ficaram em silêncio e assentiram de acordo com a descrição da mulher de Gabriel.

—Está em uma confusão, cara — disse Caleb olhando pelo retrovisor com seus olhos verde elétrico — Você gosta dessa mulher. Você não gostava de minha irmã na realidade. Além disso, não tinha nenhuma possibilidade com ela. Ela era de Menw. Sempre foi.

Em outro tempo, aquele comentário o teria incomodado muito. Mas não agora. Gúnnr tinha exorcizado a Escolhida.

—Sua irmã é uma mulher que se pode admirar, mas só de longe, ou então, Menw pode arrancar sua cabeça de uma vez.

Todos começaram a rir.

—Meu desejo no *Valhall* foi para eles porque queria que Daanna fosse feliz, e não encontrava outro modo para que o fosse que juntando com Menw de novo.

—Um gesto de honra — admitiu Caleb — Todos estamos agradecidos por isso, Engel. Graças a você tudo se desencadeou.

Gabriel não se importou que acreditassem que foi um gesto honrado. Ele sabia a verdade.

Sim, fez por ela. Mas, sobretudo o fez por ele. Era um modo de se flagelar e não acreditar no amor. Poderia pensar em Daanna tanto o que quisesse, e sempre o faria à distância, acreditando erroneamente que era a mulher que na realidade desejava, e que renunciava a ela ao deixá-la nas mãos de outro homem.

Mas não renunciava a ela na realidade. Estava renunciando à possibilidade de errar e se

comportar como o Sargento. E sempre teria a desculpa de dizer que Daanna era de Menw, tudo para não tomar a iniciativa e descobrir se ele era um clone de seu pai. Tão mal quanto ele.

Agora não tinha alternativa que averiguá-lo, porque, por nada do mundo, queria se afastar de Gunny. A compensaria.

O Bombardier Lear jato 40XR que Ás tinha em seu mini aeroporto privado, estava preparado para que levasse Gabriel a Chicago. Caleb emprestou um pulôver negro de lã de pescoço alto, e umas botas militares.

Antes de subir ao avião, Aileen e Ruth voltaram a abraçá-lo com força.

— Sabe o que, Gab? — Disse Aileen — Parece diferente. Não só de físico, há algo em você que está mais receptivo.

—É essa *Valkyria* que está tão zangada com você — esclareceu Ruth sorrindo.

— Como sabe que está zangada? — Disse Gabriel — Eu não contei nada.

—Para variar. Mas sabemos por que ficou como eles — assinalou a Adam e Caleb — Arrogante e também muito soberbo. Aposto que acha que ela deve agir como você diz e o incomoda que surpreenda e que o faça perder o controle. Certo?

—Não fique contra — disse Adam revisando o interior do avião e dando o aviso de tudo certo ao piloto — Ruth é uma máquina de tirar conclusões.

—E sempre acerto — recordou a Caçadora — Gab, vai ter que deixar atrás seus medos e suas inseguranças e não se envergonhar delas. Todos temos nossos próprios fantasmas. Só terá que enfrentá-los e perderão força sobre nós. O conhecemos e, embora não saiba, sabemos como é.

—Agora é o Engel — Aileen o agarrou pelo rosto e o obrigou a agachar para dar-lhe um beijo na testa — E se for verdade que é tão preparado e despachado, terá que ser o suficientemente inteligente para se dar conta que essa Gúnnr é a única garota que o tocou de verdade.

— E por que está tão segura, sabichona?

—Porque nunca antes o vi chorar de emoção — Aileen sorriu com ternura — Essa *Valkyria* está acariciando cordas de seu interior que tinha oxidadas. E, por fim, está começando a reconciliar com o que é. Um homem que não tem medo de chorar diante de outros, é um homem que começa a aceitar a si mesmo. Você precisava se abrir. E eu me alegro por isso, e morro de vontade por conhecer essa *Valkyria*. Merece um monumento.

—Agora sobe esse traseiro a esse avião. Salva ao mundo e pega à garota — gritou Ruth levantando o punho.

— Não vai ser fácil! — Gritou Gabriel do alto das escadas, com a mochila cheia de material nas costas e um sorriso de agradecimento nos lábios.

— O amor nunca é! — Respondeu Caleb pondo voz de mulher e movendo os quadris para frente e para trás.

Gabriel soltou uma gargalhada e levantou a mão em sinal de despedida.

Voltaremos a nos ver logo, declarou.

Capítulo 17

Gabriel saiu da Inglaterra às cinco da madrugada e o Bombardier chegou a Chicago às seis da madrugada do mesmo dia, devido a diferença de fuso horário. Pediram permissão para aterrissar, e daí, um táxi o levou até o Hard Rock. Às sete chegou ao hall do hotel.

Na recepção, um tal Sammy, muito magro e com o cabelo engomado, disse que fazia cinco dias que Gúnnr e os outros deixaram o hotel.

— Deixaram o hotel? — Não podia acreditar. O que aconteceu? Onde foram? — Desculpe, não deixaram nenhuma nota para mim?

Sammy girou para olhar nas pequenas bilheterias de madeira dedicadas a clientes VIPS. Eles se hospedaram nas suítes e Gabriel abriu as contas com o Hard Rock como tal.

Sammy sorriu e girou com uma sacola verde de papel da livraria Barnes & Nobre.

—Sim. Deixaram isto para você. Essa garota tão bonita… a morena de pele clara e grandes olhos veio duas vezes esta última semana e me pediu que deixasse uma nota dentro da sacola. Eu não li nada, é óbvio, é confidencial — esclareceu de modo pedante — A última mensagem, a trouxe uma loira espetacular.

Gabriel pegou a sacola e a abriu. Nela havia um pacote grande, três envelopes vermelhos pequenos e seu iPhone. Nada mais.

Abriu o pacote envolto em papel de presente. Sentia-se fraco e tinha as palmas das mãos suarentas e os dedos intumescidos. Por trás do papel de presente havia uma edição de luxo do livro dos cinco anéis: A estratégia do guerreiro do Miyamoto Musashi. Passou a mão pela capa de letras vermelhas em japonês. Engoliu saliva.

Gúnnr. Foi Gúnnr.

— Permite? — Perguntou Gabriel apoiando na recepção para ler as notas que sua *valkyria* deixou. Precisava sustentar.

Gúnnr dedicou o livro e dizia:

Sun Tzu é muito bom, mas… Não é o único.
Sempre pode mudar de gostos, não?
Gúnnr

Queria se afundar na miséria; isso era o que queria Gunny lhe dando presentes como esse, demonstrando como errado esteve com respeito a ela, com respeito a todas suas reservas e a sua atitude distante.

Deus, que tolo foi.

O primeiro envelope vermelho continha uma nota que dizia:

Abandonamos o hotel, Gabriel, aconteceu algo terrível.
Khani localizou seu tio.
Queimou sua casa. Sinto muito. Sinto muitíssimo.
Gúnnr

Empalideceu e os joelhos cederam ligeiramente. Jamie. Morreu?

Não! Seu tio… morto? Não podia ser…

A segunda nota também era direta e clara:

Não sei se vai voltar. Estamos no Trump. Não encontramos o Mjölnir ainda, mas há movimentos reveladores.

Gúnnr

O que faziam em um dos edifícios onde se supunha que podia achar o martelo? Por que estavam aí? Que novidade havia?

Merda! E ele não esteve aí com eles, não esteve ao lado de Gúnnr. Quase uma semana ausente. Era um puto incompetente.

Leu a última mensagem apesar das lágrimas de raiva que nublavam a vista.

Levaram Róta e às gêmeas. Esses filhos da puta as levaram diante de nossos narizes.

O que fica de nós está no Trump.

Bryn

E esse era a última mensagem.

— Quando foi a última entrega? — Perguntou com tom exigente.

Sammy fez memória.

— Ontem de noite — fez cara de preocupação — É difícil acreditar que essas garotas sejam boxeadoras. Parecem anjos.

Gabriel franziu o cenho.

— De que fala?

O recepcionista tocou o rosto.

— Todos esses machucados e cortês… Disseram-me que eram boxeadoras. Mas esses golpes que elas tinham foram feitos sem luvas.

Gabriel apertou os punhos e seu animal interior rugiu como se o tivessem ferido ou repreendido. Sim, sim que repreenderam. Faziam mal às pessoas que amava e isso não ia ficar impune. E seu tio? O que fizeram com ele? Seguia vivo?

Tomou a sacola e foi correndo do hotel, até o lugar onde se supunha que estavam seus amigos, em caso de que ainda tivessem o respeito suficiente para ao menos escutá-lo e aceitar suas desculpas.

O Trum era um dos três edifícios mais altos de Chicago, um sobre o que os raios da tempestade elétrica criada pelo Mjölnir caíram.

Na recepção, disseram em que suítes se hospedavam Gúnnr e outros.

Gabriel estava tão irritado consigo mesmo que não era consciente do aspecto ameaçador

que apresentava.

Caminhava a passos largos, com os braços tensos e os punhos fechados aos lados. Tão grande como era, era intimidante. Os clientes do hotel se afastavam a seu caminho. No elevador uma mulher com duas crianças agarradas em suas mãos se retirou sutilmente de seu lado. Uma mulher com um carrinho da limpeza por pouco grita quando o viu sair do elevador como um vendaval.

Apresentou-se em uma porta de uma das suítes, a que cheirava doce. Parecia um cão farejando atrás de seu osso, mas não se importou. Começou a esmurrar com força. Sabia que por trás da porta estava Gúnnr, mas quem a abriu foi Bryn.

Bryan tinha os olhos marrons claros, sinal que indicava que em algum momento se tornariam vermelhos e começaria a bater a torto e direito. Tinha o rosto cheio de marcas avermelhadas, outro sinal de que teve feridas que estavam cicatrizando.

Esperava um recebimento frio e acusador, mas a General parecia desesperada.

— Por fim! — Puxou-o e o colocou dentro do quarto. Uma suíte perfeitamente equipada, com dois dormitórios, mini cozinha e vista espetacular— Aiko! — bramou olhando para a porta que dava ao dormitório — O anjo esta aqui! Ele pode curá-la! Deixa que ele a trate!

O quarto estava às escuras, as janelas cobertas pelas cortinas.

Aiko, a vanira japonesa, ficou olhando com incredulidade a Gabriel. Tinha as mãos e a roupa cobertas de sangue. Levantou da cadeira que havia ao lado da imensa cama.

Gabriel cravou os olhos na figura que tinha estirada nela.

Nua de cintura para acima, e de barriga para baixo, com umas queimaduras horríveis nas costas e cortes profundos dois dedos por cima das nádegas, achava-se sua *valkyria*.

A pele queimada comeu a tatuagem e deixava ver os músculos destroçados de suas costas. Tinha inclusive arranhões na nuca e horríveis dentadas nos ombros.

Gúnnr.

Em um suspiro estava ao lado de sua garota.

— Cure-a, maldição — grunhiu Bryn— E logo terá que nos dar muitas explicações — tomou entre as mãos o telefone do hotel discou um número— O anjo esta aqui, Miya. O que ouve. Venham ao quarto — girou para Gabriel e disse — O esperamos na sala.

—Não entrem e não me incomodem até que nós saiamos e tenha curado Gúnnr, de acordo? — Ordenou Gabriel.

— Tem muita coragem ao aparecer e seguir dando ordens como se nada tivesse acontecido — Bryn lhe dirigiu um olhar cheio de ira.

Gabriel apertou os dentes. Ele mereceu.

— Meu desaparecimento foi justificado, General. Quando sair, falaremos. Agora, o mais importante é Gúnnr — com um gesto do queixo a convidou a ir.

A loira e a japonesa fecharam a porta do quarto e deixaram a um surpreso e assombrado Gabriel com uma gravemente ferida Gúnnr.

Gúnnr afundou o rosto no travesseiro.

Estava aí. Voltou o cretino. Entre a bruma da dor, cheirou a hortelã. Sim, era o aroma de

Gabriel.

Não queria ver. Não queria falar nunca mais. Esses dias foram terríveis sem ele, doeu o corpo cada noite. Não dormia devido as muitas feridas que sofreu nas últimas brigas. Mas o que mais doía era o coração.

Quando ele se foi com Daanna, bateu algo em seu interior que ativou o modo *fúria permanente*. Só tinha vontade de brigar. De bater, agarrar, eletrocutar e matar a qualquer jotuns que se pusesse pela frente. Tal era sua ira que fazia seis intermináveis dias que seus olhos não escureciam e adquiriam sua cor natural.

Queria gritar e destroçar coisas. Lançar objetos contra a parede e arranhar a pele. Para uma *valkyria*, ver como seu *einherjars* ia com outra era uma ofensa muito grande para seu amor próprio e seu orgulho.

Não queria estar com ele, e em troca, sentia-se tão bem agora que ele estava perto… Mas não podia perdoá-lo. Nem podia perdoá-la por tudo o que passou em sua ausência.

Quando Gabriel soubesse o que aconteceu com Jamie, ia repudia-la e, desta vez sim que ia enviá-la ao *Valhall*. Mas é que aconteceram tantas coisas… E ela foi a culpada de todas elas.

— Deuses, Gúnnr…

A trêmula voz cheia de dor e tristeza do Engel a tirou de sua dor interior. Afundou mais o rosto no macio travesseiro e negou com a cabeça.

— Só me tire a dor — disse com os dentes apertados—Tire, preciso me livrar disso.

Gabriel aceitou seu rogo com rapidez e eficácia. Passou os dedos brandamente por cima das nádegas e cicatrizou os cortes das incisões. Reteve uma arcada de raiva e desespero. Os fizeram com garras ou espadas.

— Quem fez isso? — Havia um juramento de vingança nessa pergunta.

— Já nem me lembro — respondeu sem dar importância — Poderia ser um purs, ou um eton, ou um dos muitos vampiros que tem infestado esta maldita cidade, ou um lobacho… Não lembro — calou ao notar a suave pressão da palma de Gabriel sobre seu coxis. Estava tocando-a como se ela fosse uma obra de arte — O aconteceu? Onde esteve?

Em vez de irritar-se por aquela insinuação, por outro lado completamente pertinente, o guerreiro seguiu acariciando sua pele maltratada e fechando cada queimadura, fazendo-a cicatrizar, até que começou a vislumbrar aquelas asas tribais que tanto gostava. Seguiam azuis.

Falariam, mas quando ela estivesse melhor.

— Não fui para a festa, *Valkyria*. Quer a verdade, Gúnnr? Vai acreditar em mim?

Gúnnr girou a cabeça para olhar para outro lado. Claro que queria a verdade. Mas o que não queria era que doesse, assim decidiu mentir.

— Não me importa a verdade. Só espero que faça o que seja que tenha feito nestes últimos dias, tenha valido a pena para nos abandonar assim — *me abandonar*.

Gabriel tremeu ao imaginar que deviam doer esses cortes. Cicatrizou as queimaduras e as dentadas dos ombros. O kompromiss era sagrado entre eles. Se Gúnnr já não o quisesse, sua cura não atuaria sobre ela. E não era o caso. Seu tato estava fazendo que curasse e que voltasse a reluzir aquela pele de alabastro que a jovem possuía.

— Daanna McKenna faz viagens atemporais. Pode viajar ao passado, ao futuro e ao presente. Levou-me com ela, porque era a premissa que recebeu de Freyja. Sim, sei o que esta pensando. Pelo visto, ouve a voz de Freyja em suas viagens — explicou pacientemente, passando a ponta de seus dedos pela curva de um ombro e logo do outro — Levou-me para ver meus amigos. Pude vê-los de novo, Gunny.

Gúnnr sentiu que se angustiava. Gabriel devia se sentir muito emocionado ao reencontrar de novo com a Aileen, Ruth e outros… alegrou-se ao saber que teve outra oportunidade. Era tão tola. Deveria odiá-lo e deveria não se alegrar por ele. Mas fazia.

Explicou como foi a noite na Inglaterra e a surpresa que teve ao saber de que fez uma viagem ao futuro, exatamente seis dias para frente.

— Nem sequer Daanna sabia — se justificou — Tive uma grande ansiedade ao me dar conta que a deixei tanto tempo sozinha. Estava tão assustado... — Murmurou com voz rouca.

— Não acredito, estava acompanhado pela perfeita e grandiosa Daanna McKenna. É tão bonita… Entendo que não pudesse evitar me comparar com… — Apertou os olhos com força e fechou o punho contra os lençóis. Não pôde sufocar um gemido de dor.

Gabriel viu os lençóis que havia sob o estômago da *valkyria*. Estavam ensopados de sangue. Estava sangrando pela frente. Sem pedir permissão, a puxou pelos ombros e a virou.

Gúnnr gritou e cobriu o rosto com as mãos quando ficou de barriga para cima.

— Gunny… meu bem, vou de deixar bem — assegurou enquanto olhava o pomposo corte em diagonal que ia do ombro direito ao quadril esquerdo — Que idiotas! Idiotas! — Gritou com o corpo tenso. Obrigou-se a permanecer sereno. Não a faria bem vê-lo nervoso.

Ela não podia acreditar no que estava acontecendo. Gabriel estava aí cuidando dela e se ocupando de suas feridas com uma suavidade que fazia que tivesse vontade de chorar. Estava aí. Voltou.

E via os seios dela, outra vez!

Gabriel passou a mão pelo ombro e curou o corte.

— Não olhe. Não tem direito de olhar — disse entre soluços, sem mostrar o rosto em nenhum momento.

A mão curadora de Gabriel titubeou ao ouvir aquelas palavras. Não podia ser tarde para pedir perdão. Nunca seria tarde enquanto houvesse vida.

— Como pensava se curar, valente? — Gabriel odiava fazer tanto dano. Porque ele sentia que essas feridas eram sua responsabilidade. Saiu de seu lado.

—Com o tempo. As *Valkyrias* cicatrizam com…

— Necessitaria alguns dias, que não temos, para se curar — grunhiu Gabriel fechando o corte do estômago — Não posso permitir tê-la tanto tempo na cama, Gúnnr. Seu lugar é a meu lado e a necessito.

Gúnnr apertou os dentes e sentiu que as asas ardiam de indignação. Aquilo era o cúmulo.

— Não minta! Abandonou-me!

— Tem todo o direito de se zangar. Lamento o que aconteceu…

— Lamenta?! — A que vinha tanta docilidade? Por que Gabriel parecia realmente

arrependido? — levaram Róta e as gêmeas! — Explodiu com desespero — E foi por mim! Por minha culpa! — Exclamou — Tinha razão de se zangar comigo. Deveria me enviar ao *Valhall*. Estou descontrolada… E você não estava aqui! E eu... tentei…

— Se tranquilize, por favor — sussurrou lhe acariciando o ventre — O que aconteceu?

— Não quero me tranquilizar! — Um raio saiu disparado do estômago de Gúnnr para o teto — Eu… senti o Mjölnir mais perto que nunca e pedi a Róta que viesse comigo. Bryn nos proibiu sair. Mas eu jurei que sabia onde estava o martelo. Róta e Bryn seguiam sem se falar e Róta viu a oportunidade de desafiá-la abertamente e provocá-la. continuam muito zangadas. E então, Róta disse que viria comigo. E fomos as duas! Sozinhas!

— Chist. Tranquila, querida — Gabriel lhe acariciou o cabelo com ternura enquanto fechava o corte do quadril completamente — Já está, florzinha… O que aconteceu?

— Não! Era uma maldita armadilha! Sabiam que íamos a sua busca. Ainda havia sol no alto. Os vaniros não podiam nos acompanhar e eles… Os jotuns nos esperavam! Em algum momento, antes de chegar à torre Sears…

— Na torre Sears? Ali sentiu o martelo? — Então tinha razão desde o começo. Acreditavam que podia estar ou no próprio Trump ou no Hancock ou no Sears. Foi o Sears.

— Sim. Foi ali… Mas Mjölnir deixou de emitir sua energia quando estávamos no estacionamento. Liba e Sura não seguiram as ordens expressas do Reso e Clemo. Nós dissemos que íamos só reconhecer a área e a nos familiarizar com ela. Eles queriam estar informados sobre onde íamos e o que fazíamos, se surgiriam problemas. Não imaginaram que desobedeceríamos Bryn. Então, Liba E Sura apareceram e também as agarraram e… Estão feridas, e Róta… A ela também a pegaram! Estão muito feridas, Engel… — Chorou desconsolada— E eu… no final escapei. Não sei como fiz — exclamou entre soluços — Só sei que quando tentaram me levar, eu… eu… explodi. Explodi! Havia luz por toda parte. Me queriam! Todos davam prioridade a que me caçassem. A mim! Não a elas! Mas as levaram — gritou desesperada — E nem sequer sei aonde as levaram. As carregaram em uma caminhonete negra. Bateram em nós. Tinha tudo nesse estacionamento… E eram tantos… Como podia haver tantos? Purs, etones, Trolls… Vampiros… Liba e Sura chamaram Bryn para dizer onde estávamos — tomou ar entre soluços descontrolados — e por isso Reso e Clemo me encontraram. Eu… não podia caminhar. Estava ferida e…

— Entendo — se encarregaria de matar um a um — Tem mais feridas, Gunny? — Gabriel estava ficando doente por ouvir o relato de Gúnnr. Ela era prioridade, mas tomou nota de tudo — … eles fizeram algo mais? A tocaram? Obrigaram a…?

Ela negou com a cabeça. Sentiu as mãos de Gabriel puxando seus pulsos. Queria ver seu rosto. No final, a venceu também nisso, e obteve que baixasse as mãos.

Gabriel olhou seus olhos completamente vermelhos e cheios de lágrimas e ela os seus plenamente negros e transbordantes de pesar. Pelo visto, ele também estava afetado e zangado. O Engel engoliu saliva.

— Me escute bem: vamos recuperar Róta e as gêmeas. Vou fazer de Khani picadinho no inferno e vou roubar o Mjölnir. Mas preciso de você a meu lado. A você e a todos. Não fiz de propósito. Minha ausência não foi um ato de irresponsabilidade nem de premeditação. Se Daanna

me dissesse que íamos dar um salto no tempo, diria que não ia com ela. Mas obedecia a ordens de Freyja. E eu trago informação e coisas muito importantes da Inglaterra.

— Não entendo — sussurrou Gúnnr — por que Freyja ia querer que nos deixasse sozinhos? Não tem sentido. Olha tudo o que aconteceu desde que não está…

— Levantaremos. Prometo. Só necessito uns minutos para pensar o que devo fazer… — Passou os dedos entre o cabelo loiro e apoiou a testa nas palmas das mãos— enterrou meu tio?

Gúnnr se ergueu nos cotovelos e colocou uma almofada sobre os seios nus.

— Lamento muito o que aconteceu. De verdade que sinto — reconheceu com pesar.

— O que aconteceu? Como o mataram? O queimaram, Gunny?

Gúnnr ficou em silêncio, observando Gabriel com cara de surpresa e arrependimento.

— Com respeito a isso… Seu tio... verá, é que, na realidade… Ele… Não está morto — apertou a almofada contra ela.

Gabriel permitiu que se cobrisse porque não ia assustá-la com seus recém descobertos sentimentos intensos sobre ela. Mas só por agora. Um momento. O que disse?

— Meu tio não está morto — repetiu como um robô. —Como disse?

Como explicava a este homem o que aconteceu com Jamie? Não ia acreditar. Inclusive ela tinha dificuldades para acreditar. Quantas vezes acontecia isso na vida? As *nornas* eram muito benevolentes.

— Engel…

— Gabriel — grunhiu. —Não me chame Engel nunca mais. Você não. — rugiu apaixonado.

— O que você disser — a espetou sem dar importância— No dia seguinte de sua ida, durante a noite, invadiram a casa de seu tio. Ele estava lá. Eram lobachos. Rasgaram sua garganta.

Gabriel sofreu um deja vú, e se viu ele mesmo perdendo a vida no Wolverhamptom, pelas mãos de uma berserker, diante da porta da casa de Adam e frente a sua melhor amiga, Ruth. Com Jamie aconteceu o mesmo… Apertou a mandíbula e duas imensas lágrimas caíram de seus olhos enegrecidos. Ele amou tanto seu tio…

Gúnnr não o suportou. Sentou na cama e se colocou diante dele. Gabriel nunca chorava. Jamais chorou nem expressou nenhum tipo de emoção sentimental para nada nem ninguém. E de repente, chorava diante dela, sem máscara nem vergonha.

— Perdoa — murmurou limpando as lágrimas de um tapa.

A *Valkyria* levantou o queixo com uma mão, com a outra apertava a almofada ao torso nu.

— Está bem que chore. Não se envergonhe — murmurou ela com doçura.

— Estou assim por sua culpa — disse ele.

Gúnnr deixou cair a mão. Claro que estava assim por ela. Ela teve a culpa.

— Sinto — se desculpou.

Gabriel tomou sua mão e a colocou em sua bochecha. A pele de Gúnnr cheirava bem e lhe esquentava o coração e o sangue.

— Não entenda errado. Continua — murmurou sobre sua palma.

— Miya… — Não tirava a vista de seus lábios e sua mão. Estava deslocada — Miya me disse que Khani e seus comparsas foram atrás de seu tio e que devíamos nos apressar e ir procurá-lo e

dar segurança. Que certamente leram a lembrança de Jamie em minha mente, no Underground. E que, por isso, foram atrás dele. Os jotuns vão sempre pelos pontos fracos —reconheceu as palavras de Gabriel — Você tinha razão. Cometi um grande engano.

— Não importa isso Gunny. — Beijou a palma de sua mão com ternura— Continue.

— Miya e Isamu chegaram à casa enquanto nós revisávamos os programas dos túneis e Aiko e Ren reorganizavam ao clã para agir de noite e ter a seus olheiros preparados para localizar Khani — retirou a mão com brutalidade. Gabriel tecia seu enfeitiço com naturalidade. E isso a contrariava — Encontraram seu tio na sala de sua casa. A casa estava em chamas. Mas quando Isamu o viu, algo aconteceu entre eles.

Gabriel arqueou as sobrancelhas.

—Descreva *algo.*

— Lembra que Isamu me disse que cheirava a sândalo? — Disse Gúnnr.

— Sim. Lembro que tem muito mau olfato.

Gúnnr levantou e se cobriu com um travesseiro pela frente e outro atrás. Gabriel pôde ver o perfil de um seio e a beleza de seu ventre e suas pernas.

— Dizia que cheirava a sândalo porque cheirava Jamie em mim. Eu me encontrei com ele esse dia, lembra? O sândalo é seu aroma favorito, entretanto, nunca pensou que pertencesse à essência de um homem. Isamu nunca se fixou em homens. Sabia que nunca conheceria sua cáraid, mas resultou que seu cáraid, seu companheiro de vida, é um homem. E é seu tio.

Ouviu a buzina de um carro na rua, e também o som do tinido dos pratos e as colheres do café da manhã que os garçons do serviço subiam às suítes.

— É uma brincadeira — disse depois de longos segundos.

— Não.

— Não zombe.

— Não.

— É uma brincadeira.

— Repete. — Gúnnr arqueou as sobrancelhas e não pôde evitar sorrir. Marcaram as covinhas e a ponto esteve de cair a almofada que a cobria pela frente.

— Me conte toda a história — ordenou Gabriel — Não acaba aí, verdade? Esclareça-me porque meu tio não morreu.

Gúnnr se colocou no banheiro e abriu a ducha.

— Ao ver seu tio e o reconhecer, Isamu não duvidou nem um segundo e, como ainda seguia com vida, deu de beber de seu sangue.

Gabriel abriu os olhos e colocou as mãos sobre a estreita cintura.

— Faz três dias que Jamie é um vaniro — continuou Gúnnr— Seu companheiro é Isamu e…, e estão juntos. Aqui e agora. Seu tio quer vê-lo, mas terá que esperar ao entardecer.

Gabriel a seguiu até a ducha. Tremiam as pernas e as mãos, sentia o estômago vazio. Seu tio Jamie era um vaniro? Onde estava a câmara oculta?

— Onde está?

—Seu tio tem problemas para aceitar sua nova vida e Isamu quer estar seguro de que,

quando sair, esteja completamente em comunhão com sua nova natureza. É um homem muito ativo e muito simpático. Agradável. E só tem vontade de vê-lo para nãose encontrar tão perdido. — Quando girou, chocou-se contra o peito de Gabriel — Saia do banheiro — ordenou muito séria.

— Não vou — se negou girando, afastando e sentando-se sobre a tampa do vaso.

Gúnnr se cobriu com os travesseiros. Estava morta de vergonha. E parecia muito exposta a ele.

Gabriel preferia Daanna e a traiu. Não podia estar ali. Ela não ia permitir que se aproximasse mais do necessário.

— Vai me pressionar aqui também?— a língua de Gúnnr era como um açoite — Já contei isso tudo. Agora saia daqui. Não sou a Escolhida. E não vou deixar que me toque ou que me use, nem tampouco que me castigue como a última vez que…

Gabriel se equilibrou sobre ela e a impressou contra o biombo, que não se quebrou por milagre. Gúnnr estava impressionada por aquele gesto tão espontâneo. Gabriel a pressionava contra a almofada dianteira.

— Vou deixá-la tranquila, Gúnnr. Mas só porque você me pede isso e porque não está preparada para mim, não está para as emoções que desperta e que sinto quando estamos juntos. Mas quero que entenda algo: não toquei Daanna, ela está apaixonada por outro homem. Estão felizes juntos — inclinou-se para frente e roçou seu nariz com o dela — Ela já não é importante.

— Não é agradável segundo ser prato de ninguém, não é? — seus olhos cintilaram com raiva.

— Estou tentando ser amável, florzinha. Quero lhe dar espaço e tempo. A última noite que passamos juntos me abriu os olhos. Não quero perder seu desfile, assim quando estiver preparada para se vestir para mim, avise-me. Estarei esperando.

Estava falando sério? Vestir-se para ele? Isso acompanhava segundas intenções, claro. Não podia acreditar de qualquer jeito.

— Não é tão fácil— respondeu, empurrando-o para que a libertasse — Não pode me fazer o que me fez e me abandonar logo para voltar e… Não vou permitir. Não sou uma boneca.

— Não— sorriu com admiração — Não é — por um momento quis beijá-la e tirar de repente a decepção que se refletia em seus olhos, mas não ia se aproveitar do desejo que havia entre eles— Gúnnr.

— O que?

— Só estive fora umas doze horas e senti muita saudade sua. Muitíssimo.

— Esteve uma semana fora. Foi com Daanna e me abandonou depois de foder-me como um animal. Acha que por dizer que sentiu minha falta vou perdoá-lo, é que não me conhece absolutamente.

— Erra. Nunca fodi com você. E eu não gosto de nada que fale assim.

— Não? Pois vá se preparando, porque agora faço muitas coisas que você não gosta.

— Já veremos — sorriu desafiando-a.

— Saia — disse enquanto retirava o rosto e tremia o queixo — vou tomar banho.

Gabriel deu um passo atrás e lhe deixou espaço. Não ia se render. Gúnnr era sua guloseima e

ele era viciado nos doces. Ela não ia escapar e ele tampouco. Não podia fugir do que eram nem do que havia entre eles.

— Reunião em dez minutos. Não demore.

— Nunca demoro — disse sem olhá-lo ainda.

Sorriu de novo e saiu do dormitório. Gúnnr não sabia ser estúpida nem cruel, por muito que a tentasse.

Na sala se encontrou com Reso, Clemo e Miya. Tinham olheiras e o olhavam como se fosse uma merda. Fizeram trazer cafés extra longos do Starbucks e bebiam para não sucumbir nem ao cansaço nem ao sono.

Bryn estava sentada no sofá, com as pernas recolhidas e o semblante triste e apagado.

Gabriel demorou para que decidissem escutá-lo abertamente, mas uma vez que contou tudo o que aconteceu e toda a informação que trazia da Inglaterra, os guerreiros cederam e recuperaram a confiança nele.

— Isto é uma grande merda, Gabriel — grunhiu Reso — As levaram, merda!

O tracio e o espartano se viam muito afetados pelo desaparecimento de suas *Valkyrias* e estavam ansiosos para achá-las. Temiam que e Liba se encontrassem em pior estado de que encontraram Gúnnr.

Bryn não falava. Estava concentrada em seu café. Como se sentiria Bryn? Suas duas amigas a desobedeceram. E agora estava certo que estava se corroendo pela culpa. Róta não falava com ela quando se foi, e Gúnnr desobedeceu as suas ordens…

Miya tinha o rosto em sombras. Parecia descuidado e faminto.

— As encontraremos — jurou Gabriel abrindo a mochila negra — Onde está Aiko?

— Descansando um pouco. Passou toda a noite com Gúnnr e precisava repor — Miya olhou a porta do quarto que permanecia fechada no canto — Sabe de remédio e de pontos de acupuntura. Acalmou sua dor.

— De acordo. Miya, isto é para você — lançou uma sacola cheia de pastilhas Aodhan e um livro com sua composição e instruções para elaborá-las — Me disse que em seu clã se perdia as pessoas pela fome vanira. Estas pastilhas farão que não sofram.

Miya não pensou duas vezes. Abriu a sacola com desespero e colocou duas à boca. Tomou um gole comprido de café para acompanhá-las. Tremia-lhe ligeiramente a mão.

—Menw, o curador do clã vaniro da Black Country — explicou Gabriel sem perder de vista a Miya —, assegurou que são mais eficazes quando acrescenta o sabor adequado para cada vaniro.

Gúnnr saiu do quarto como nova, ao menos, melhor de como esteve umas horas antes. Tomou um café da bandeja, abriu três envelopes de açúcar e os jogou. Deu um gole, ignorando o atento olhar de Gabriel.

— Obrigado Engel. Isto nos pode servir de muita ajuda — assegurou Miya.

— Alegra-me. Liam e Nora, os gêmeos do clã berserker, são especiais. Liam detectou portais na terra, portais através dos quais Loki pode trazer seus jotuns e começar o *Ragnarök*. E Nora localiza Loki e aos praticantes do Seirdr. Me deram um esboço do homenzinho que a pequena

agora está vendo em seus sonhos, e também um mapa onde Liam marcou os pontos que ele vê como possíveis portais eletromagnéticos. Terá que escaneá-los e passá-los a nossos dispositivos móveis e a nossos computadores. Que todos os membros de seu clã estejam atentos — disse Miya— Procuraremos um programa de reconhecimento facial e o instalaremos para achar este rosto — assinalou o rosto tenebroso que desenhou Nora, o de um homem moreno e cabelo muito comprido. Tinha aspecto de lutador do Pressing Catch.

— Parece que estão conseguindo coisas boas — murmurou Bryn.

— Daanna também me mencionou que se supõe que eu entraria em contato com um *einherjars* das Highlands. chamado … Ardam

O copo de café de Bryn caiu no carpete e ela se apressou a limpá-lo.

— Que to-torpe fui… — Murmurou.

— Conhece Ardam?— Perguntou Gabriel arqueando uma sobrancelha.

Bryn assentiu em silêncio. Não diria nada mais.

— Sim.

— Sabe onde vive?

— Sei exatamente onde vive — assegurou com voz amarga.

— Pois não sei de onde o conhece, mas quando isto acabar, deverá me levar diante dele. Terá que preparar aos clãs das Highlands.

— Sim, Engel — respondeu Bryn.

Gabriel levantou e analisou os computadores do quarto.

— Quero analisar todos os vídeos dos túneis — ordenou — Podemos ter deixado algo. Os estão usando para movimentar o martelo, e as câmaras têm que detectá-los. Aposto que agora não há água neles, não continuarão alagados. Revisemos e vejamos se nos esquecemos de algo. Reso e Clemo colocarão gravações.

— Ontem a noite pedi a Isamu que me ajudasse a revisá-los — disse Bryn — Eu mesma pensei que seria bom revisar esses vídeos. Reso, Clemo e Miya estiveram toda a noite procurando as *Valkyrias*. Aiko esteve com Gúnnr toda a noite, e Isamu devia estar com Jamie.

— De acordo — Gabriel se sentiu bem ao ver a iniciativa de Bryn — averiguou algo?

— Por minha parte, não encontrei nada. Dividimos as câmaras. Depois, Isamu pega uma seção para revisar. Chamará assim que o tenha revisado tudo.

Gabriel assentiu agradecido com Bryn.

— Miya, seus delatores devem saber se esta noite há movimento. O informaram?

—Ren me assegurou que Khani vai estar em Excalibur — olhou as pastilhas com pesar.

— Eu não gosto de Ren — disse Clemo — Chega tarde às brigas e sempre parece que sabia aonde vai se originar uma, mas logo nunca está. Eu não gosto dele — repetiu olhando Gabriel.

Miya desembainhou seu chokuto e colocou a folha sobre a garganta do imortal.

— Ren tem mais dignidade que todo nós juntos. Foi ele quem me disse que fossem até Jamie. Não o julgue. Não permitirei.

— É seu guerreiro — Clemo encolheu os ombros — Confio em você, mas não nele. Além disso, bem poderia ter informado antes sobre o tio de Gabriel.

— Se insultar a meu irmão insulta a mim — advertiu Miya com cara de poucos amigos — Somos um.

— Parem — gritou Gabriel — Miya, por que não entrou em contato com o foro depois que eu desapareci?

— Porque Khani reforçou a vigilância na cidade. É arriscado, não se pode confiar em ninguém.

Gabriel e Miya se olharam fixamente um ao outro.

Gúnnr estudou a postura dos dois guerreiros. Conhecia Gabriel. E juraria que Miya e ele sabiam algo que ninguém mais sabia. O que era? A Gabriel pareceu bem a resposta do samurai e não insistiu nisso.

— Esta noite é nossa—disse Gabriel — Gúnnr, tornou a perceber o Mjölnir depois do Sears?

— Tiraram-no daí, segue nos arredores, mas o movem continuamente.

— Continua na cidade?

— Sim — concretizou Gúnnr — Mas não está tão perto como antes.

— E Ren assegurou que Khani estará no Excalibur? — voltou a perguntar olhando a Miya.

— Disse que organizou uma festa particular com espetáculos incluídos. Eles o chamam showroom. As festas do Khani estão cheias de decadência e sacrifícios.

— Estão tentando nos desviar da atenção do martelo — Gabriel sabia por que era uma tática que ele conhecia muito bem — E nós fingiremos seguir a confusão. Embora, na realidade, o que faremos será agir por nossa conta. Também os despistaremos. Deram-nos uns bons chutes, mas não vão nos derrubar.

— E quanto a Róta?— Perguntou Bryn com voz tremente — E as gêmeas?

— Direi o que é Khani: é um líder ególatra. Gosta de juntar seus troféus, gosta de expô-los — explicou Gabriel. —E curiosamente, esta noite dá uma festa de exposição. Um showroom. É um provocador, e quer nos desviar do que realmente está movendo. A isca desta noite, o que vão expor no showroom, serão as *Valkyrias* que podem tentar matar — refletiu despretensioso — Não tenho nenhuma dúvida. Querem-nos passar isso pelo rosto. Mas se a formos resgatar, perderemos a oportunidade de seguir o rastro do Mjölnir, e ver por onde se move, porque não tenho nenhuma dúvida de que planejam tirá-lo da cidade. Assim que nos dividiremos em dois grupos.

O telefone do quarto soou uma vez até que Gúnnr o agarrou.

— Sim? E bem? — Os olhos de Gúnnr se abriram com surpresa — Perfeito. Até agora — desligou o telefone — Isamu encontrou algo. Está chegando.

— Bem — Gabriel se alegrou para ouvi-lo — Miya?

— Sim?

—Saiamos fora um momento. Necessito que esclareçamos uns pontos em particular.

Capítulo 18

Durante o dia, estiveram instalando os programas de reconhecimento facial e revisaram o

que Isamu encontrou nos vídeos. Comeram no hotel. Gabriel repartiu as sacolas que Menw deu, com todo tipo de terapias de choque que usavam os vaniros. O curador carregou algumas na mochila, além de novos pequenos artefatos de design que serviriam muito em Chicago.

O que gravou as câmaras era muito revelador. Havia uma sequência, de cinco dias, em que a área cega de umas das câmaras do túnel captava de soslaio o movimento brusco da água, e logo dois homens que se inundavam nela. Um desses homens tinha uma crista e o rosto tatuado e segurava o outro que parecia ter o corpo e o rosto queimado. Apareciam poucos segundos em uma área do túnel entre a câmara quinze e a dezesseis: isso os localizava justo sob o Sears.

—Justo aqui— Bryn congelou a imagem por ordem de Gabriel. —Passa a câmara super lenta. Assim. Não se veem bem os rostos, estão um pouco imprecisas e não são fáceis de reconhecer. Temos que limpar a imagem. Olha, aí. Vê? Parece que o que está queimado diz algo ao punk. Precisamos tirar todo o ruído da gravação e passar vários filtros. Mas pode ser suficiente para fazer um reconhecimento facial. Com um programa via satélite poderíamos localizá-lo.

—Demorará muitas horas— disse Isamu ativando o programa do outro computador.

—Não importa. Olha aí— assinalou Gabriel— Quando mergulham, o movimento da água para a batida. Vê?

—Sim— disse o japonês— É o que acha?

—Sim. Sem dúvida. Aí há ou uma porta de entrada ou uma de saída, mas o que for está justo nessa área. Ali iremos você e eu, Gunny — Gabriel girou para olhar sua *Valkyria*.

Gúnnr encolheu os ombros e assentiu.

—Preferiria ajudar a resgatar Róta. — Para ela, sua amiga era o mais importante.

— Agora importa?— Perguntou Bryn com a vista cravada no computador. — Não importou pô-la em perigo.

Gúnnr levantou e ficou diante de Bryn. Por fim lhe dirigia a palavra. Elas eram amigas, embora desde que estavam na Terra, a energia visceral do planeta parecia que também as afetou.

— Acredita que fiz de propósito? Acha que se soubesse o que ia acontecer seguiria adiante?

Bryn não respondeu e isso feriu Gúnnr.

—Bryn.

—Não quero falar com você. — A voz da General, tão alta e clara, agora parecia a de uma menina zangada que ou começava a chorar ou dava quatro gritos.

—Pois terá que fazer em algum momento— girou a cadeira da *valkyria* e a encarou— Sei que quer brigar. Brigue comigo, mas depois disso espero que continuemos juntas e que possamos ir procurar Róta.

Os olhos de Bryn se tornaram laranjas e se levantou pouco a pouco da cadeira, até ficar à altura de Gúnnr.

—Faça Bryn— sugeriu Reso com tom mordaz— Porque merece que alguém a castigue. Eu tenho vontade de fazê-lo. Se a Sura acontece algo…

—Eu castigarei Gúnnr— anunciou Gabriel com um brilho perigoso nos olhos— Mas agora a necessito inteira e em forma. Ela é minha responsabilidade. Não se preocupem por isso.

Gúnnr o olhou pela extremidade do olho. Gabriel não ia tocá-la de maneira nenhuma. Ela

não ia permitir.

—Nem sonhe— respondeu entre dentes.

Ele a puxou pelo queixo em um gesto fortemente brusco e a obrigou a olhá-lo.

—Não me desafie, *valkyria* — Gabriel estava rogando com os olhos que seguisse o jogo, afinal tentava fingir ser duro com ela, mas não sabia se Gúnnr estava entendendo— Se equivocou e pôs seus companheiros em perigo. É óbvio que será castigada. É minha *valkyria* e as normas são para todos, fica claro? Não terei piedade Gúnnr.

Gúnnr soltou de seu braço.

Era justo. Olho por olho e dente por dente era um dos credos e princípios dos deuses. Os enganos se pagavam. Não era um trato estranho para ela, além disso, Gabriel não poderia lhe fazer mais mal do que já fez. Ainda assim, a incomodava que na sala aclamou e aliviou sua culpa com seus cuidados e suas palavras doces, e agora, diante de todos brigava. Ela esperava a rixa de Bryn, não a dele.

—Faça o que quiser— Desviou o olhar de Gabriel e a cravou em Bryn— Eu também estou preocupada com elas, mas me preocuparei mais se no final me afastar de você assim. É minha irmã.

— De verdade? E pensava nisso quando decidiu não me obedecer?

Gúnnr se retirou como se tivesse recebido um tapa de Bryn.

Nunca tiveram uma briga desse tipo. Nunca se afastaram desse modo. Mas Bryn elevou o mesmo muro entre elas que o que elevou com Róta antes que a sequestrassem.

— Quando vamos? — perguntou Gúnnr olhando Gabriel por cima do ombro.

—Em meia hora.

—Vou dar comida para Chispa e ver como está Jamie— Gúnnr precisava sair dali.

Gabriel franziu o cenho e se encheu de curiosidade.

— A quem vai alimentar?

—Não sabe, verdade? Tem uma prima muito bonita…— E demorou tudo que pôde. Deu um último olhar irado a Bryn e Gabriel e saiu da sala.

— De que fala? — Perguntou o Engel com a vista cravada na porta.

Bryn deixou cair os ombros e fez um gesto com a mão como se não desse importância. A *Valkyria* parecia seriamente afetada por Gúnnr e por tudo em geral.

—Olha você mesmo. Vá visitar seu tio, são quase sete da tarde— sugeriu Isamu em tom amável— A esta hora já costuma estar acordado. E não deixou que perguntar por você. Vá vê-lo. Assim que tivermos tudo preparado aqui em cima, o avisaremos.

O japonês deu a volta e esperou que o *einherjars* seguisse seu convite.

Era verdade. A suíte cheirava a sândalo. Poderia ser que, como resultado da transformação em vaniro, seu tio expectorasse sua essência com maior força. Ou o aroma viria do incenso de sândalo que acabava de descobrir sobre a mesinha de madeira do salão.

Gúnnr estava sentada na chaise longue, com um pé colocado sob sua coxa e olhando a espetacular vista que havia da janela.

Muitos edifícios. Muitas pessoas. Muito estresse. E muita ignorância. Os humanos usavam uma vida estúpida e sem sentido. Gabriel sabia perfeitamente que isso era o que diziam os preciosos olhos de Gúnnr enquanto limpava as lágrimas das bochechas e arrulhava para uma mantinha rosa com algo diminuto entre seus braços.

Um pé, com dedos longos e enrugados, agarrou o braço de Gunny.

—Chispa, fique quieta. Tem muita fome hoje— Tentava sorrir apesar da tristeza e a desolação que a embargavam.

Gabriel ficou parado. Parou por ver aquele estranho pé, mas também pela linda imagem de Gúnnr, com essa calça de cintura baixa e essa camiseta de alças cor negra, que tinha um decote muito provocador. Tinha as bochechas rosadas e o cabelo comprido e liso cor chocolate escorregava por seus ombros e suas costas. Dava golpes no carpete com o salto das botas negras de cano alto que usava. Cobria o pescoço com um lenço de caxemira vermelho, e sorria amavelmente ao vulto rosa. Merda, estava tão sexy sob a luz do entardecer dando a mamadeira a…

— O que é isso? — A pergunta saiu com um tom muito agudo.

Gúnnr não se surpreendeu ao vê-lo. Embora entrasse sem fazer ruído.

—Deixou a porta aberta— disse Gabriel— Tenha mais cuidado. O que é isso? — Repetiu.

—É uma macaquinha. Chama-se Chispa.

— Uma macaca? O que faz você com uma macaca?

—É de seu tio. É o animal que a protetora de Wisconsin estava procurando.

Gabriel se aproximou de Gúnnr e retirou parte da mantinha rosa para ver a carinha de uma linda macaca de olhos grandes e castanhos, que bebia da mamadeira como se fosse humana e olhava a Gúnnr como se tratasse de sua mamãe.

A Chispa não importou nada. Foi olhar nos seus olhos e roubou seu coração. A macaquinha deixou o bico da mamadeira e acariciou o cabelo loiro de Gabriel enquanto fazia ruidinhos com a boca.

—Apaixonei-me— admitiu Gabriel— que coisa mais bonita. —Gúnnr sorriu, mas evitava seu olhar.

—Sabia que você gostaria — respondeu a voz rouca de seu tio às suas costas.

Gabriel fechou os olhos com força. Girou lentamente para ele.

Era o momento.

Chegou a hora da verdade depois que quebrou o contato abruptamente com Jamie. Depois de ouvir o cretino de seu pai. Depois de ser um covarde.

Agora Jamie estava ali. Poderia ter morrido por sua culpa, mas as *nornas* e a maravilhosa revelação do Isamu lhe deram uma segunda oportunidade. Poderia ter ele uma segunda oportunidade com seu tio? Nada gostaria mais. Mas nem sequer sabia o que podia dizer. Passou tanto tempo…

Entretanto, havia momentos em que, por muito que meditasse, não saíam como acreditava

que iam sair. Gabriel pensou sentar cara a cara com ele e falar como um adulto. Pensou desculpar-se e ser sincero com seu tio. Pensou deixá-lo a par de tudo, mas, certamente, Isamu já fez esse trabalho. Pensou tantas coisas… Entretanto, quando finalmente o olhou nos olhos, encontrou com seu adorado tio Jamie. O único.

Seu tio Jamie. O de sempre.

Encontrou-se com o homem que amou mais que a seu pai. E então, recordou os verões em Chicago, os longos bate-papos até o amanhecer, os sorvetes da Stracciatella e os bolos de guloseimas; acampamentos e as histórias sobre os deuses nórdicos enquanto queimavam marshmallow nas fogueiras; lembrou do seu incentivo para que fizesse o que realmente desejava, de suas brincadeiras que sempre arrancavam lágrimas de risada, ao contrário que seu pai; lembrou-se dos livros de mitologia que dava de presente às escondidas só para que seu pai não os encontrasse e os tirasse dele; lembrou-se de todos esses valores que tentou incutir: respeitar o meio ambiente, ser vegetariano, cuidar dos animais, tentar ser o mais espiritual possível, e ser sempre fiel a quem quer que fosse, dissessem o que dissessem os outros. E então soube que, graças a seu tio Jamie, ele era quem era. Graças a ele, ele aprendeu a ser o Engel e a tentar ser justo com todo mundo. E graças a tudo de bom que ensinou, pôde esquecer tudo de mal que seu pai quis incutir. Seu tio Jamie sempre teve fé nele, e essa fé o permitiu seguir adiante e desafiar abertamente ao General. E decidiu, nesse justo momento, que não ia ficar com tudo de azedo que seu pai ensinou, mas ficaria com tudo de bom que aprendeu, voluntariamente e sem nenhum tipo de coações, de seu tio Jamie.

Foi por isso, por se dar conta de tudo aquilo, e por lembrar como mau ele se comportou com seu tio ao se afastar definitivamente de sua vida sem nem sequer dizer um mísero adeus, que Gabriel se derrubou e esqueceu a maturidade.

Voltou a ser um menino, frágil e arrependido, e começou a chorar de alegria e de pena.

Jamie abriu os braços com seus olhos azuis úmidos de emoção, suas recém descobertas presas, e seu rosto cheio de bondade e ternura para seu sobrinho. E soube, Gabriel soube nesse gesto cheio de aceitação, que seu tio era um grande homem, o mais valente que conheceu.

Os homens, os homens de verdade, abraçavam e choravam como faziam eles dois. Os homens como Jamie, bons de coração, amavam outros, fossem homens ou mulheres, e faziam porque, para eles, o amor se expressava ajudando àqueles que amavam a conseguir ser quem era na realidade.

Jamie conseguiu. E deu uma lição a Gabriel.

Mas Gabriel estava em contínua aprendizagem e não ia esquecer o tipo magistral de perdão e superação lhe que deu seu tio.

—Sinto não dizer nada durante tantos anos— disse Gabriel com uma angústia imensa— Sinto me afastar de você quando na realidade o necessitava tanto…

—Isso já passou, Gaby. Já passou— alvoroçou-lhe o cabelo enquanto o abraçava.

—Sinto o que aconteceu, de verdade.

—Eu não— piscou um olho a Gúnnr e mostrou a língua.

Gúnnr sorriu a Jamie. Ficou de pé, com Chispa nos braços. Assim que viu Gabriel nesse estado, levantou como uma mola como se a tivessem atiçado. Era a segunda vez que via chorar Gabriel com sinceridade e abandono. Se houvesse uma terceira, não teria outra opção que deitar com ele para acalmá-lo.

A uma *Valkyria* como ela, nada parecia mais sexy que um homem mostrando seus sentimentos sem pudor. Parecia um ato de valor incomensurável. Ela vinha de um reino onde os homens não choravam nunca. E a afetava, porque ao vê-lo assim, tinha vontade de abraçá-lo e dizer que fizesse o que lhe desse vontade para sentir-se melhor.

Gabriel pareceu acalmar e pegou seu tio pelos ombros.

—Deixe-me vê-lo— murmurou com interesse— Tem fome?

—Morro de fome —respondeu com malícia— Mas tranquilo, descobri que será sushi.

Gúnnr soltou uma gargalhada e Gabriel começou a rir.

Seu tio era uma contradição. Ninguém diria jamais que era gay, porque tinha uma presença hetero muito notável. Não era uma louca, nem tinha nenhum ar feminino. O cavanhaque loiro e bem cuidado e o cabelo cortado davam um ar de vândalo muito delatador, mas nem sua roupa, nem seu estilo, nem sua maneira de falar poderiam delatar suas preferências sexuais. Por isso irritou tanto o Sargento, pensou Gabriel, porque o confundiu e jogou por terra sua maneira de catalogar as pessoas.

— Isamu contou tudo? Necessita que explique algo? — Jamie sorriu para tranquilizá-lo.

—Não se preocupe. Meu *hanbun*[40] me explicou isso tudo muito bem. Não posso acreditar que o mataram faz quase um mês. Não tinha nem ideia. — Disse Jamie com cara de estupefação— Já sabe que seu pai não fala comigo e não me disse nada des…

—Não sabem.

Os dois homens se olharam um ao outro com cara de circunstâncias.

— Não?

—Não— Gabriel engoliu saliva— Não quero que saibam. Nada me une a eles. Não me amam. E eu… Eu tampouco os amo.

—São palavras muito duras, Gaby.

Gúnnr não entendia aquela conversa. Assim Gabriel e seus pais não se davam bem? Como podia ser? Seus pais não o amavam?

—São seus pais— recordou Jamie.

—É somente um título honorário, nada mais. O Sargento me repudiou sempre. Quando ele me olha vê você. Vê que não me pareço em nada com ele.

—Pois então deveria estar contente porque eu sou muito bom. — Jamie começou a rir e abraçou a seu sobrinho. — Não importa nada disso. As coisas tomaram o curso que deviam tomar. Você tomou uma decisão. Afastou-se.

—Prefiro isso a ter que estar discutindo uma e outra vez, aguentando todo tipo de humilhações e suportando seus comentários sobre tudo o que não gostam de mim. — Sim, aquilo

[40] *Em japonês, metade.*

acabou para sempre— Acabou.

—São uns cretinos— sussurrou entre dentes.

—Bom, foram os que tocaram. Mas nem os quero nem gosto. E agora, falemos de coisas mais importantes Como está você?

Jamie encolheu os ombros e olhou Gúnnr com um sorriso de diversão no rosto.

—Não deixa de me surpreender esta realidade dentro da "nossa" — fez o sinal de aspas com os dedos— realidade. É tudo verdade.

— O que?

—Os livros que li. Os mesmos que você leu sobre Odín, Freyja e todo o resto. É tudo verdade.

Gabriel assentiu e Jamie convidou a que se sentasse.

— Come um pouco, anda— pediu Jamie amavelmente enquanto ia atrás da comida— Esta menina de orelhas bicudas esteve aqui estes dias e cuidou de nós perfeitamente, verdade, pequena? Temos a geladeira cheia de comida deliciosa. E eu tenho fome constantemente— tocou a barriga.

Gúnnr ficou vermelha como um tomate.

—Não foi nada…

—É muito modesta— disse o vaniro a Gabriel— Mas se não fosse por ela, Chispa não beberia nem uma gota de leite. Só deixa que ela a alimente, vinculou-se a Gúnnr. Além disso, sua garota vinha me trazer comida e café, e me ajudou bastante na conversão. Não é fácil, sabe? — coçou a nuca— a conversão é um processo muito difícil e desagradável.

Gabriel olhou Gúnnr enquanto Jamie oferecia uma salada e um wok de carne vegetariana.

—Aprende muito rápido. E virou vegetariana— Jamie se aproximou de Gúnnr e a beijou na bochecha— É um anjo.

—Me espeta com sua barba— se queixou ela com um sorriso cheio de confiança. Olhou a Jamie. — Virei vegetariana porque me deixou pasma com o que me contou.

Gabriel sentiu que o coração parava. Gúnnr tinha cuidado de seu tio e daquela macaquinha. Fez por ele? Não, provavelmente, fez porque ela era assim. Doava-se às pessoas.

— Como pode ser que as pessoas continuem comendo carne? Como pode ser que continuem matando para alimentar-se? A evolução não se mede também em sua alimentação? — Gúnnr olhou Gabriel— Deixou-me alucinada, Gabriel. Sabia que a fome no mundo acabaria se em vez de investir o dinheiro nos mantimentos que cevam os animais para logo comê-los, investisse primeiro nos mantimentos para os humanos que estão em piores condições?

—Não me olhe— Gabriel levantou as mãos em sinal de defesa— Eu já sou vegetariano.

—Mas é que é revoltante — exclamou a *valkyria*— Como pode saber isso e seguir comprando carne? Mas isso não é o pior— Gúnnr beijou Chispa que reclamava um beijo— O pior é saber que a fome no mundo poderia acabar se o ser humano mudasse sua dieta carnívora a uma vegetariana. O planeta não abastece a toda a demanda de produtos que necessita a Terra. Consome-se cinco vezes mais do que a terra é capaz de dar.

—Os Estados Unidos é o líder em abusar do consumo. A Espanha consome três vezes mais

do que sua terra pode dar. Cada ano matam a dois trilhões de animais, Gaby — Jamie soprou indignado— Trilhões, sabe quanto é isso? Para alimentar estes animais, tem que cultivar três vezes mais pasto e grão do que se necessitaria para alimentar a toda a humanidade. Mas o ser humano prefere seguir abusando dos animais e exterminá-los, não porque tenham proteínas e formem parte de uma dieta equilibrada nem tolices assim— Jamie colocou um pedaço de carne vegetariana na boca— Eles fazem porque há muitas pessoas que vivem do negócio da carne. Assim é a humanidade. Não são carnívoros. São açougueiros.

Jamie elevou a mão e Gúnnr a aplaudiu com a sua.

— Gimme five! [41]Bem dito, presas— disse a jovem.

Jamie começou a rir e assinalou à *Valkyria* com o polegar.

—A primeira vez que vi as *Valkyrias*, acreditei que despertei em meio de uma convenção de mulheres a favor da otoplastia[42]. — Brincou Jamie tocando as orelhas— Mas logo pensei que, se mudavam a cor dos olhos de repente e batiam, não tinha a ver com má formações nem doenças de nenhum tipo… Assim disse: *Merda, morri e fui ao país de Arthur e os Minimoys*[43].

Gabriel jogou o pescoço para trás e começou a rir como um louco. Segurou o estômago do muito que doía. Seu tio tinha um senso de humor excelente e sempre via a situação do ponto de vista cômico e menos alarmista.

—Mas Isamu me explicou tudo com muita paciência…

— Aceita… que ele seja seu companheiro?

—Estou tão encantado como você está com Gunny. Ela me contou como mudou e o bom guerreiro que é. Estou muito orgulhoso de você.

Gabriel dirigiu a *Valkyria* um olhar penetrante. Gunny mentiu. Ele não a tratou bem. Mas o faria. Jurou que faria.

Gúnnr se concentrou em Chispa e começou a cantarolar uma melodia para deixá-la louca.

—Terá que mudar a fralda— disse a jovem com voz cantante.

Desapareceu e entrou no outro dormitório para deixá-los sozinhos.

— De verdade o que acha de tudo acontecendo? — Perguntou Gabriel mais seriamente.

Jamie centrou o olhar nos olhos de seu sobrinho.

—Suponho que há pessoas que não aceitariam viver o que eu vivi. Não vou enganá-lo, Gabriel. Tenho medo. Estou assustado. E me aterra este sentimento louco que tenho pelo "da Katana" — admitiu com sinceridade— Não me importa beber sangue e não me enoja o que sou, porque sei que a transformação não tocou minha essência. Continuo sendo eu. Sabe o que mais me assustava na realidade?

—Não

—Me assustava a sociedade. As pessoas. Porque não sabia por onde as segurar. Os humanos têm máscaras, todos. E somos monstros ambiciosos. Há bem no nosso interior, mas só deixamos a parte má se manifestar. Somos vigaristas. Por isso Loki se move tão bem entre nós. Temos

[41] *Em inglês, Dê cinco! Quer dizer bata com a sua mão na minha, um tipo de saudação.*
[42] *Cirurgia de correção das orelhas.*
[43] *Fabula infantil.*

diferentes faces para cada momento. Eram as pessoas as que me davam medo porque podiam apunhalar com a traição. Entretanto, não há subterfúgios nesta realidade. Os vampiros, os lobachos, os jotuns… Todos estes seres que nos atacam são maus e não usam máscaras, são o que são, por isso nunca me pegarão despreparado. Sei ao que vêm.

—Quero que esteja protegido, tio Jamie. Não sabe lutar, não sabe controlar seu instinto ainda…— disse preocupado.

—Cedo ou tarde aprenderei. Mas por agora sou como um bebê que começa a engatinhar. E todos gostam de mim e me ajudam.

—Tentarei cuidar você, tio.

—Gaby, você já tem muito do que cuidar. — Olhou a porta do quarto em que estava Gúnnr— Sei que não a tratou bem, por muito que ela tenha tentado falar de você de maneira positiva. Sei que o filho da puta de meu irmão tem a culpa de que se afastou dela. Sempre se afastou de todo o mundo. Agradável, muito simpático, boa pessoa… Mas nunca o conheceram completamente. Nunca o fariam por completo. Isso tem que acabar— Jamie estava farto de que seu sobrinho não soubesse ser feliz. Porque era impossível ser feliz pela metade, para ser por completo, tinha que se mostrar por completo— Você não é ele. Não é meu irmão. É o Engel, e é meu sobrinho. Um herói. Faz o que tenha que fazer, Gaby. Estamos no meio de uma guerra, mas volte são e salvo para casa. Volte são e salvo por mim e por Gunny. Temos muito tempo para recuperar.

É óbvio que tinha muito tempo que recuperar. E ia fazer todo o possível para que ninguém mais de sua equipe se perdesse. Recuperaria a todos. E recuperaria o que tiraram e o que ele estragou. Ele amava seu tio e queria o amor de Gúnnr.

—Ouvi da cozinha, tio. — Era uma das frases que dizia desde pequeno para fazer Jamie ver que entendeu o que explicou.

Gabriel assentiu e bebeu o suco de frutas de uma vez.

Levantou e deu uma palmada amistosa a Jamie em todas as costas.

—Obrigado pelos conselhos.

—Aqui estarei… eternamente— Jamie piscou o olho.

—Temos que ir.

Gúnnr saiu com Chispa nos braços. O bebê bonito não deixava de lhe dar beijinhos no rosto.

—Me enche de baba, Chispa— mas notava que gostava— Sim, eu também te amo. Toma, Jamie— Tentou dar a macaquinha, mas esta não se soltava do pescoço de Gunny, e então o bebe viu Gabriel e se jogou nos braços dele.

Gabriel a agarrou e a arrulhou. Esse bichinho era adorável. A fralda estava um pouco grande, e era tão peludinha e pequena… E ele se prendeu completamente a esse pequeno e peludo animal.

— O que faz com um macaco em Chicago? — Perguntou Gabriel— Pensava que não deixavam os ter como animais de companhia.

—Adotei. Comprei. E não vai ser a última. — Assegurou Jamie— A comprei no mercado negro da Ásia. Era isso ou deixar que fosse vítima de um costume de psicopatia.

— Qual? — Arrulhou com ternura à macaquinha.

—Em alguns países da Ásia se comem os cérebros dos macacos enquanto ainda estão vivos. Não vou explicar o procedimento porque estaria saindo de um filme Gore[44], mas me afetou tanto saber que decidi montar uma entidade protetora em Wyoming. Já há muitos macacos ali, além de outros animais que são espécies em extinção ou vítimas de maus tratos. Chispa me roubou o coração e decidi ficar com ela. Parece uma injustiça que permitissem que fizessem coisas tão horríveis aos animais e que não deixem que pessoas como eu, que podem cuidar e dar carinho, encarregar-se deles. Puta burocracia asquerosa. Mas, o que posso esperar desta sociedade? Se inclusive traficam com a vida de bebês inocentes que necessitam pais ou pessoas que cuidem deles. Quer um bebê? — Pôs voz de mulher— Sim? Então paga quarenta mil dólares que aposto que não tem. Ah, ele é homossexual? Ui, pois melhor não, porque os meninos podem sair gays como você. Certo, não pode porque não tem dinheiro? Pois o bebê continuará aqui, sem ninguém que o queira e em umas condições deploráveis. Pode ser que morra, pode ser que não… Quem sabe? — disse com acidez— O que disser. Eu gosto mais dos vampiros que dos humanos. Ao menos, eles não saem com falsa moralidade, são filhos da puta e não escondem isso.

Quanta razão tinha seu tio.

Quem eram os maus na realidade? Todos eram?

—Vamos— Gabriel beijou a Chispa nos lábios. Cheirava a leite em pó— Adeus, macacada. Tio Jamie— o abraçou— Obedece a Isamu. Não saia daqui se não for estritamente necessário.

—Ouvi da cozinha. *Valkyria*, procura não perder o coração— disse ao Gúnnr a abraçando com força— E você, Engel— lançou um olhar de advertência a Gabriel— espero que perca a cabeça, mas só por esta mulher. É um tesouro.

Capítulo 19

Khani ia provar seu próprio remédio. Ele queria distraí-los do que era importante, queria enganar e esconder o relevante que cozinhava onde estava, mas Gabriel não ia colocar mais enganos e não ia cair em sua armadilha. Khani aproveitaria para imobilizar o Mjölnir, porque não havia momento melhor para isso que fazer enquanto seus inimigos estavam em outro lugar, jogando com a vida para salvar um dos seus.

Miya, Reso, Clemo e Bryn iam penetrar no Excalibur e iam libertar as *Valkyrias*.

Isamu, Ren e Aiko avisariam a suas patrulhas para que ficassem no perímetro do Buck Town e Wicker Park, para ver se viam algum movimento.

E, enquanto isso, eles rodeariam o clube e agiriam à distância, ajudando Miya e outros a sua maneira.

Por sua parte, ele e Gúnnr acabavam de descer aos túneis subterrâneos de Chicago, e se

[44] *Existe um gênero dentro do universo do terror que, por até mesmo falta de conhecimento, é confundido com cinema de má qualidade. Esse gênero é o "gore", um termo utilizado para representar filmes onde a escatologia é exagerada, com cenas de sangue em excesso, órgãos expostos e outras nojeiras. Em geral, esse tipo de filme atrai muitas pessoas aos cinemas pelo conteúdo chocante, liberando um certo prazer mórbido, mas muitos os vêem como um cinema liberal, inventivo e com muita qualidade.*

dirigiam velozmente à seção que mostraram as câmaras quinze e dezesseis.

Essa noite, a eficácia e a frieza eram básicas para tudo dar certo. Os túneis eram o meio através do qual Khani e seu comparsas se moviam pela cidade. Gabriel não duvidava de que devia haver uns labirintos subterrâneos sob os que eles já conheciam. E foram ali para ver que merda tinham clandestinamente.

Iriam reagir, aproveitariam o fator surpresa. Ninguém os esperava.

— Esta preparada, Gúnnr? — Perguntou enquanto caminhavam imersos na escuridão do túnel— Lembra: colocamos os explosivos de amitol, os grudamos à parede, ativamos e quando já não estivermos perto…

—Sim. Sei o que temos que fazer.

Já havia quatro explosivos de curto raio nos túneis preparados para explodir. Mas se descobriam o que Gabriel acreditava que havia ali embaixo iriam necessitar o amitol.

— Está assustada?

—Não.

— Está zangada comigo?

Gúnnr não respondeu e seguiu caminhando.

—Já vejo. Continua muito zangada— murmurou Gabriel em voz baixa— Está preocupada com a Róta e as gêmeas? — Não queria que ela se preocupasse. Queria tê-la aos cem por cento com ele.

—É óbvio que estou preocupada. As *Valkyrias* se chamam irmãs. Mas a verdade é que eu só tenho três. Nanna, Bryn e Róta. Não tenho Nanna comigo e ela sempre me faz rir e me faz sentir bem. Bryn é como minha irmã mais velha, a que sempre cuidou que mim e em quem sempre confiei. Não suporto ver que a feri ao desobedecê-la. E Róta é minha companheira de brincadeiras. E não quero que lhe aconteça nada.

— Eu tampouco quero, Gúnnr.

— Uma câmara mais e chegaremos a quinze— disse ignorando seu comentário.

—Ficam uns cem metros— contou mentalmente.

— Posso fazer uma pergunta?

— Só se for pervertida.

— Falo a sério.

Gabriel sorriu. Ia ser adorável conseguir o perdão de sua *Valkyria.*

—Claro.

— O que o faz pensar que não estão nos esperando aí embaixo? Porque tem tudo tão claro? É estranho… Na realidade, você não tem certeza se o plano que desenvolveu sairá bem. Não é arrogante? É… frio e calculista, Engel.

— Está pondo em dúvida meu profissionalismo, florzinha? — O tom de voz de Gabriel se suavizou ao chamá-la por seu apelido carinhoso.

—Acredito que estou perguntando o que todos pensamos em algum momento. Não duvido de seu valor.

—A resposta é não. Não quero pensar que peco em arrogante. O único fator surpresa que

até agora aproveitei e que decidi utilizar porque minha intuição diz que é o correto é seu dom. Decidi confiar em você nos quatro cantos. E acreditei em você quando me diz que ainda sente o Mjölnir— sua Gúnnr parou e Gabriel, que notou o retraimento da *Valkyria*, segurou-a pela mão e a puxou, embora a jovem tentasse se soltar— O resto, cada passo que estivemos dando desde que chegamos, cada passo que estamos dando esta noite, esta tudo muito estudado. Antes disse que desobedeceu a Bryn. Seu ato impulsivo trouxe uma série de consequências que não pensou.

—Sim, e por isso me vai castigar— murmurou com raiva— Mas pouco me importa o que faça. Aceitarei o castigo porque o mereço. Por minha culpa, Róta pode estar nas mãos dos jotuns. Por minha culpa…

Gabriel puxou-a bruscamente até que esteve a sua altura e assinalou seu rosto com o indicador:

—De nada serve lamentar, Gunny. Não acredito que errou. É uma *Valkyria* e é de sangue quente. É muito emocional. Mas as emoções fazem que não estudemos o terreno, enviam-nos de cabeça a isso que queremos salvar ou àqueles pelos que queremos lutar, e às vezes terá que serenar e se afastar, só para observar, entende? Necessitamos perspectiva.

—Não compreendo— o olhou como se fosse azul e nascesse um nariz de palhaço— Se lhe arrebatarem das mãos a alguém que amasse, duvido que fique em uma poltrona até que chegue o momento adequado.

—Se sentasse nesse momento, chegaria à conclusão de que era uma armadilha. Queriam você porque sabem que é nosso radar. Não me pergunte como sabem: mas sabem, me acredite. Queriam eliminá-la. De algum modo Khani o averiguou no Underground, do mesmo modo que captou meu tio.

— Mas eu não podia saber nada disso!

—Por isso necessita um líder que saiba jogar xadrez e não damas— Gabriel continuou caminhando e não soltou sua mão— Deveria tê-la ensinado algo em todo este tempo que estivemos juntos— se repreendeu.

—Sim. Deveria ter feito muitas coisas que não fez. —De repente, toda a raiva que sentia por Gabriel começou a emergir como o despertar de um dragão que passou muito tempo hibernando.

—Agora tenho tempo para fazer tudo o que não fiz— jurou, dando de presente um olhar cheio de más intenções— Empurre, Gunny e vai encontrar. Também aprendi muitas coisas nestes dias. —Começava a ficar de mau humor—Também errei e não é agradável se dar conta disso.

— Seriamente? — A *Valkyria* parecia contente pelo mal-estar de Gabriel— Errou? Sim, claro que sim. — riu sem vontade— Errou ao pensar que Daanna poderia esperá-lo ou poderia ser para você. Aí estava se lamentando no *Valhall*, fazendo o ridículo enquanto ela estava se deitando com outro… Que golpe para seu orgulho—estava zombando dele. —sabe o que desejaria?

— Ser Daanna? — disse com segundas intenções, medindo o mau humor de Gúnnr. Ele também podia repreendê-la.

—Não Gabriel— assegurou com dignidade— Desejaria ter podido ver seu rosto quando a encontrou com Menw e quando viu que sua venerada escolhida era feliz com ele. E sua perspectiva, Engel? Onde a deixou? Também não importou?

Gabriel apertou os olhos. Gúnnr pensava que errou com essas palavras, mas a florzinha não sabia que Daanna já não significava nada para ele.

—Às vezes as coisas mudam— encolheu os ombros— Eu também posso errar, e ver as coisas de longe ajuda muito.

Ela apertou os dentes e se soltou de sua mão. Não havia gostado nenhum pouco da resposta, a julgar pelo músculo que palpitava brandamente em sua bochecha.

— Me solte! — Exclamou irritada e negando com a cabeça— Você é como um bloco de gelo. É incapaz de sentir nada, inclusive quando vê que a mulher de sua vida está com outro homem. É como uma pedra! — Gritou em um sussurro.

Não. Estava muito errada. Se visse Gunnr com outro, provavelmente o mataria e não se arrependeria de nada. Mas queria assegurar de dizer quando estivessem sozinhos de verdade e não em meio de uma missão.

Então, falou:

—Nunca diga isso. Não sou impassível mulher, nem um fodido eunuco! Sou frio em assuntos de guerra e estratégias— assegurou aproximando seu rosto ao dela. Excitou-se quando viu uma faísca vermelha em suas profundidades— Em todo o resto, em todo o resto posso sentir as mesmas coisas que você, florzinha, e quando quiser experimentá-las, só terá que me pedir isso. Se atrever a pedir, claro…— a desafiou abertamente.

Gúnnr o empurrou, necessitava espaço. O que estava jogando esse homem? Estava louco ou que? Ela já não queria jogar. Era competitiva e odiava perder, e com Gabriel já perdeu muito.

—Chegamos—disse esfregando o peito—pegue duro, *Valkyria*.

— Me esqueça.

—Impossível— disse enquanto se abaixava no chão e fixava seus olhos azuis em uma comporta metálica que havia a seus pés— É aqui. Entram e saem por aqui; mas aonde os levam? Averiguemos.

Gabriel recebeu uma mensagem através do comunicador.

—Engel— era Bryn.

—Me diga, Bryn.

—Estamos dentro.

—Bem, localizem o objetivo. Tentem permanecer serenos, mantenham a calma. E quando chegar o momento vão por elas. Há sempre um momento ideal: procurem o seu. Aproveitem as barras de luz. Só têm que ligá-las, coloquem os óculos e vão por Róta e as demais, de acordo? É uma luz muito potente, ferirá os vampiros e a todo aquele que não use óculos escuros. Ficarão desorientados.

—Tentaremos.

—General.

— Sim?

—Farão muito bem. — queria impregnar confiança em Bryn.

Ela era diligente e competente, mas a energia emocional do *midgard* estava passando da

conta, a ela e a todos seus guerreiros— Controle Reso e Clemo, que permaneçam tranquilos até que chegue a ocasião. Eles são os que mais me preocupam. Permaneçam ocultos e logo ajam.

—De acordo

Bryn cortou a comunicação e Gabriel agitou suas pulseiras, até que delas emergiram suas incríveis e poderosas espadas, as enfiou profundamente nas laterais da comporta e olhou a sua guerreira.

— Está preparada?

—Sempre estou preparada— respondeu ainda com raiva.

— Lembra tudo o que temos que fazer?

—Não sou estúpida.

—Bem. Imagina que tudo o que se move aí embaixo tem meu rosto. Certo que acabará com eles rapidamente.

O canto esquerdo do lábio de Gúnnr se elevou ligeiramente.

—Não duvide.

—E, Gúnnr, sabe o que mais? —fez alavanca com as espadas até que as dobradiças da comporta cederam e se arrebentaram.

Ela negou com a cabeça enquanto fixava seus olhos azeviches no rosto de Gabriel. Esporeou seu *bue* e tirou o arco em uma mão e uma flecha na outra.

— O que?

Um sorriso como um lobo se desenhou nos lábios do Engel.

—Melhor que o faça muito bem aí embaixo ou então, acumularei seus castigos.

O Excalibur era o clube noturno mais popular de Chicago. Com um ar de castelo medieval, iluminado por focos de cores, este edifício, localizado no coração da vizinhança do River North, era uma exaltação do luxo e da classe, e foi renomado tesouro arquitetônico da cidade.

Seu interior tinha múltiplos ambientes, todos decorados com sua própria atmosfera e estilo, desde salas chill out, a áreas de piscinas e salas de entretenimento, além de uns dos espaços maiores para dançar em Chicago. Não podiam faltar suas salas de festas particulares, fechadas à grande maioria, é óbvio.

Khani fechou uma sala do Excalibur só para sua particular festa.

Miya e Bryn se introduziram ao ritmo de *What About my Dreams* de Kati Wolf. Estavam em um canto daquela incrível sala que lembrava um Molan Rouge futurista. O palco parecia uma plataforma de teatro, do teto pendurava uma incrível bola que emitia brilhos dourados, e nas laterais havia balcões para os observadores. Reso e Clemo se situaram na área oposta onde eles estavam, para não chamar muito a atenção.

Chegaram fazia cinco minutos. Pulverizaram-se com os sprays desodorizantes para que nem vampiros, nem lobachos pudessem os reconhecer, e Miya estava agindo como um escudo mental para anular seu sinal gama e que ninguém os detectasse.

Mas não era nada fácil controlar seus pensamentos.

Reso e Clemo eram bombas a ponto de explodir, ferviam de raiva e impotência, e não estava

seguro de que seguissem as diretrizes que estabeleceram para a missão.

Em troca, Bryn era toda retidão e disciplina. Não ouvia nada dela, mas sua tensão a delatava.

Os quatro usavam negro para não chamar muito a atenção. Eles vestiam jeans escuros e camisetas negras ajustadas e Bryn, com um vestido curto de cor violino que cobria suas costas, mas que mostrava todo o decote. Usava umas botas escuras até o meio da perna e prendeu o cabelo em um coque baixo que cobria suas orelhas bicudas. Ela controlava tudo com esses olhos claros e cheios de inteligência. Miya gostava da *Valkyria*, porque era séria e responsável, tudo o que Rota não era.

Essa *Valkyria* de cabelo vermelho era um furacão impulsivo e caprichoso que deixou fora de controle. Era muito sensual e coquete.

Abusava de seu atrevimento e sua ousadia até o ponto que podia chegar a intimidar. Deixava-o nervoso.

Ele não era assim, eram completamente diferentes. Polos opostos e de caracteres inflexíveis e, entretanto, sabendo essa verdade inalteráveis e inevitáveis, estava inquieto e precisava saber que ela estava bem. Precisava vê-la. E necessitava que ela o ajudasse.

—Khani sabe que estamos aqui— murmuro Miya em voz baixa só para que Bryn o distraísse de seus pensamentos— Noto sua presença mental. Esta tentando varrer tudo.

— Não pode nos detectar?

— Não. Ren está ajudando do exterior. Essas canetas que trouxe Engel são muito boas. Mas para mim, Ren é mas seguro que um dispositivo.

Gabriel deu umas canetas que anulavam as ondas mentais.

— O pode fazer isso? —Bryn tomou um gole de sua tequila com limonada só para aparentar normalidade—Esse Ren… Parece muito forte.

—É —assentiu o samurai— Todos os membros de meu clã somos. Fomos doutrinados desde nosso nascimento para desenvolver nossa vontade mental. Só que uns os podem controlar mais que outros.

—E… Ren é dos que podem controlá-lo melhor?

—Aiko e Ren são irmãos, os melhores escudos mentais que temos. São meus melhores amigos. Dos dois, Ren é o mais poderoso.

—Me alegro saber — Bryn elevou a cabeça para estudar o perfil elegante e severo do samurai— Me prometa que aconteça o que acontecer vai tirar Róta daqui?

Miya elevou uma sobrancelha castanha escura, mas seguiu com os olhos cinza cravados no palco que continuava vazio.

—Vamos libertá-la e caçar Khani— declarou ele.

—Bom… Eu somente peço que se eu não puder, seja você quem salve Róta. Ela é muito importante para mim e a amo. A situação entre nós não está bem… Faz muito que não está bem… E estou muito arrependida do que fiz.

— A mim não pareceu mal sua resposta a suas provocações. É sua líder e merece seu respeito.

—Mas antes que sua líder sou… Sua irmã de coração. Sua nonne. Não devia esbofeteá-la. Não devia ter feito— negou com determinação.

—O que aconteceu já é passado, Bryn. Está aqui, no agora e terá que me ajudar a libertá-la. É como uma irmã mais velha para elas, e às vezes as irmãs mais velhas dão bofetadas nas pequenas quando se comportam muito mal e não fazem conta. Não se torture. Não sei o que aconteceu aí dentro, no hotel, mas terão que consertar.

A gêmea elevou o queixo e o olhou de cima a baixo. Era complicado explicar o que acontecia entre Róta e ela.

— E que ela fez a você? Porque a odeia?

O samurai teve um sobressalto.

Alguns escravos do Khani passaram diante deles e olharam Bryn com interesse, mas Miya se aproximou para que se afastassem e a deixassem em paz.

—Parecem que não nos conectamos— respondeu a sua pergunta com desinteresse.

—E uma merda que não conectam. Você a olha como se tivesse quebrado seu coração. Róta nunca é transparente com os homens, nem tampouco vulnerável. Quando esteve com você a vi perder toda sua segurança e se converter em um ouriço. Fez algo…—o recriminou.

Fez algo. Mas não diria a Bryn. Ninguém devia saber.

As pessoas se amontoaram em frente do palco. Bryn e Miya seguiram à multidão, mas ficaram um pouco para trás como Reso e Clemo.

Os dois guerreiros se olharam e insuflaram forças para ter paciência. Suas companheiras, suas *Valkyrias*, estavam ali e iriam libertá-las.

Os simpatizantes do Khani elevaram o punho e fizeram coro em seu nome.

Ele saiu de um nada e subiu ao palco com um smoking cor lilás, os olhos completamente brancos e as presas manchadas de sangue.

Saudou a multidão com um sorriso cheio de ego e de vaidade. Achava que era o rei. Era o amo da cidade e controlava a todos.

Miya queria arrebentar a cabeça dele, mas qualquer movimento ameaçador seria alertado por todos os que o adoravam como a um deus. Esse vampiro criou seu paraíso pessoal naquela cidade e também a sua própria fortaleza.

—Bem-vindos a meu showroom particular— saudações a todos— sabem que cumpro sempre minhas promessas e, como tal, hoje trouxe carne nova.

O líder vampiro elevou o rosto e pregou seus olhos brancos e sem alma na abóbada do cenário.

De repente, penduradas de uma corrente, desceram três jaulas douradas. Nelas havia três mulheres que davam as costas à multidão, com a cabeça coberta por uma máscara de couro negra, as mãos atadas por cima da cabeça, e as costas e a parte posterior das coxas cheias de chicotadas e em carne viva. Só se viam retalhos das asas tatuadas entre a pele rasgada. Unicamente usavam calcinha negra, e Bryn imaginou que inclusive sob o tecido de couro dessas calcinhas, também tinham a sensível pele fustigada. O que fizeram com elas?

Miya percebeu o buraco na barriga de Reso e Clemo quando viram descer suas *Valkyrias*.

Porque não havia dúvida. Eram elas.

Sentiu na dor e na fria *fúria* de Bryn. E percebeu o mesmo, no aroma. Suas fossas nasais se abriram e se encheram do aroma dela. Róta.

E estava sofrendo. Róta estava sofrendo e agonizava de dor.

Sensibilizou seu ouvido e se concentrou no pulsar dos corações das três mulheres. Ficou lívida ao averiguar algo terrível.

Só pulsava um coração. Só um. E era fraco.

Róta era a única das três que estava viva.

Eles teriam notado, Reso e Clemo?

O sangue das gêmeas ainda cheirava, estava quente, portanto, acabavam de matá-las minutos antes que descessem nas jaulas. Fizeram de propósito.

Bryn se centrou na pele descoberta das mulheres.

— Continuam vivas? —Pergunto a General em voz muito baixa, cravando suas unhas no antebraço do samurai— Miya, por Freyja…, continuam…—Se obrigou a engolir saliva para umedecer a garganta, seca pela impressão— continuam vivas? Há uma que… Oh deuses! —levou a mão ao coração como se recebesse uma informação que ninguém mais que ela podia receber. Os olhos se tornaram marrons e encheram de lágrimas de indignação. Fechou os olhos com força e cambaleou ligeiramente, mas Miya a sustentou pelo antebraço.

—Mantenha-se de pé, Bryn— ordenou— Ela segue viva.

—Sim— chorando, a *Valkyria* tentando ser tão forte como a ocasião merecia— Mas as gêmeas não. —sentiu-se mesquinha ao alegrar-se de que Róta não fosse uma delas. A empatia que tinha com Rota, e a dor e a vergonha que ela sentia nesse momento, esbofeteio-a e a deixou sem forças— Minha Róta— gemeu afetada—Liba e Sura…

Miya negou com a cabeça e Bryn sentiu que revolvia a bílis.

— Olhem que corpos mais bonitos! —Gritou Khani se colocando frente à jaula do meio. Moveu-a de um lado ao outro para que se chocasse com as demais e se movessem em sincronia.

Qual das três era Róta? pensou Miya. Pareciam todas iguais. Não viam as tatuagens porque a pele das costas estava muita castigada, completamente rasgada. O cabelo oculto no interior daquela máscara de couro negro, e não podia delatá-la, porque o vermelho de Róta anulava outros, por isso o ocultaram.

Quem foi o sádico que fez isso com elas?

Gostava da sodomização?

O que fizeram?

— Cheiram o sangue? Cheiram o medo? —Continuava o vampiro —Isto é o que acontece àqueles que ousam me desafiar em minha cidade, em meu território. Se estiverem comigo darei tudo que precisem, mas se estiverem contra mim… arrancarei cada uma das coisas que são importantes para vocês. E no final, os deixo sem nada.

Essa mensagem não ia dirigida a seus comparsas. Ia dirigida a eles.

Os olhos de Khani estavam buscando-os entre a multidão, notava no movimento nervoso e em como movia a cabeça de um lado a outro.

—Hoje vão ver a execução destas três mulheres— disse sem mas, passando depois a língua pelas presas.

Miya apertou o comunicador e tentou dissimular tudo o que pôde, para falar com o tracio e o espartano.

—Escutem…—precisava prepará-los.

Reso e Clemo permaneciam em silêncio. Eles amavam essas mulheres.

Eram guerreiros, sabiam como deviam proceder, mas o amor que sentiam por suas *Valkyrias* os cegou, e Miya percebeu o momento justo em que os homens se descontrolaram pela emoção.

A multidão explodiu em aplausos, os gritos ansiosos por ver a execução encheram o local.

E foi o momento em que os dois *einherjars* decidiram que não iriam esperar eternamente e que não iriam deixar sofrer Liba e a Sura nem um segundo mais.

Ativaram as barras de luz sem pedir permissão nem a Miya nem a Bryn e tudo ficou iluminado.

Bryn colocou os óculos e pôde ver como uma das jaulas subia de novo para o teto e desaparecia da cena. Aí estava Róta!

As pessoas gritavam ao redor, muitos vampiros tinham os olhos e a pele queimados devido à luz.

Miya controlou a jaula que desaparecia e Bryn se concentrou no assassino e malfeitor Khani. Mas quando Reso e Clemo alcançaram as respectivas jaulas de Sura e Liba e as abriram, quando abraçaram suas *Valkyrias* e se deram conta de que já não havia vida nelas, quando tiraram as máscaras para chorar sobre seus lábios machucados, nesse cruel momento os corpos das *Valkyrias* explodiram e levaram com elas seus dois *einherjars* e a tudo o que houvesse a frente.

A sala do Excalibur voou pelos ares.

O túnel subterrâneo cheirava a mofo e a putrefação. Gabriel caminhava com as duas espadas na mão, e Gunnr tinha o arco tenso e preparado com duas flechas.

Ouviam ruídos estranhos, parecidos com os sons das tripas se movendo no estômago, e também uma destilação ocasional. A chuva da tempestade elétrica alagou os túneis, mas depois de seis dias a água filtrou de algum modo e já não estava enchendo.

Gabriel esteve certo. Caminhavam por umas grutas distintas, por debaixo dos túneis da cidade. Não fazia muito que deviam ter construído aquele labirinto inferior.

Estava muito escuro e não havia nenhuma luz que iluminasse o caminho, mas isso não os incomodava porque viam suficientemente bem para vislumbrar no final do túnel uma porta mecânica e, nas laterais mais duas portas com barrotes negros.

Uma delas se abriu e saíram cinco etones, vestidos com roupa humana. Eram patéticos. Pareciam ter pele negra e os olhos muito amarelos. A língua viperina se movia de dentro para fora e as presas proeminentes gotejavam de veneno.

Quando os etones se colocaram como barreira para não deixá-los passar.

—Gunny, ativa a onda de frequência inversa.

Gunnr acendeu o lápis prateado, apertou um botão e emitiu uma luz intermitente de cor vermelha. A onda de frequência inversa era algo no que Menw McCloud esteve trabalhando. Limitava-se a anular qualquer frequência mental, e iriam utilizá-la para rebater os poderes mentais dos vampiros. Pelo visto o método funcionava porque os etones se moveram incômodos, olharam uns aos outros.

Aqueles monstros do Jotunheim podiam manipular a mente de sua vítima, mas se havia algo que os anulava, ficavam sem faculdades.

—Olá, filhos da cadela— grunhiu Gabriel sorrindo e se achando vencedor, elevando as espadas— o carteiro faz uma visita!

Correu para eles. Os etones, ao ver a força e a energia de Gabriel, não fico mais remédio que tentar fugir, mas ele não permitiu.

Cortou a cabeça de um e deu um salto sobre se mesmo para esquivar do chute raso de outro.

Gúnnr disparou uma flecha e atravessou a cabeça do eton que corria para ela.

— Não deixe que a peguem! —Gritou Gabriel a Gúnnr enquanto atravessava um segundo purs com as duas espadas e logo cortava em dois seu tronco. A parte superior se foi para um lado e as pernas caíram para outro.

— Vigia seu traseiro e me deixe tranquila! —gritou Gunny.

Guardou o arco e levantou os braços para frente.

Irritava que o Engel estivesse preso a ela sempre que lutavam. Era uma *Valkyria*, merda! Era hora de se inteirar de uma vez! Abriu as palmas e eletrocutou os outros dois etones até elevá-los do chão e colocá-los contra o teto. Não parou a descarga até ver como se queimavam e agonizavam emitindo gritos e gemidos como os das serpentes.

Gabriel a olhou por cima do ombro e, quando Gúnnr relaxou e deixou de emitir raios, o Engel sorriu com malícia e disse:

—Na realidade é uma sádica, verdade?

Gúnnr encolheu os ombros e se colocou a seu lado.

—Não. —ficou muito quieta e suas orelhas bateram as asas sutilmente. Seus olhos se tornaram vermelhos e pregou o olhar na outra porta lateral de barrotes.

— Percebe algo? —Gabriel abriu seu Iphone e conecto o radar eletromagnético via satélite— É o martelo? —O telefone não tinha apenas cobertura e o programa não respondia.

—Não sei…—Sussurro ela— Talvez sim. É um sinal muito fraco— negou com a cabeça— Poderia ser, mas… E se for uma armadilha? Não é um sinal claro, esta muito… Não estou certa. Não quero me equivocar.

—Fica pouco tempo, maldição. Não temos margem— disse Gabriel exasperado, olhando de lado o monitor com um luz verde de alerta— Os etones deram o alarme de intruso. Não demora em chegar.

—Então abramos o que seja que há aí— disse ela assinalando a porta metálica com um golpe de cabeça, mas sem deixar de mostrar interesse pelo que havia atrás das grades.

—Bem.

Gabriel esmurrou as dobradiças da porta do andar com suas botas negras. O cimento ao redor cedeu e começou a cair em pedaços. Logo colocou as espadas entre a abertura da porta e a parede e fez alavanca de novo. Ficou vermelho como um tomate e incharam as veias do pescoço, gritou como um sansão e então a porta cedeu e se desencaixou.

Gunnr ajudou a retirá-la e os dois entraram naquela sala em penumbra.

Havia uma piscina maior que as olímpicas. Cheirava a enxofre e no interior da piscina havia algo enorme. Mas isso sim não o podiam ver bem.

— Ilumina, florzinha? —pediu com suavidade.

Gunnr elevou a palma da mão e evocou uma esfera de raios que iluminou por completo aquele pestilento lugar.

Do teto pendurava uma espécie de baba. A baba criada pelas bolsas, que pareciam larvas envoltas em baba. Mas algumas dessas bolsas, parecia, caíram à água como consequência de sua maturação.

Ambos cravaram a vista no interior da piscina. Aquilo grande e negro que acreditava que havia nas profundidades desse incrível reservatório subterrâneo, era na realidade ovos, de cor negra e rugosa.

—Tem que ser brincadeira— murmurou Gabriel.

Um ovo estava quebrando e começava a emergir as cabeças de um purs e a de um eton, como se fossem irmãos.

— É um berço! —Gritou Gabriel— Por isso há tantos! Eu sabia!

Gunnr abriu seus olhos com espanto.

— Criaram uma espécie de barriga de aluguel sob a terra!

Claro. De onde a não ser daqui saíam esses purs e etones? Era impossível que pela porta dimensional do Quatro Cantos fizessem descer um exército inteiro à terra, chamariam muito a atenção.

Os purs e os etones e os trolls não podiam transformar ninguém, mas podiam matar. Então, não havia modo de que se reproduzissem, porque eram assexuados. Portanto, o que fizeram foi descer uns quantos para que eles pudessem nascer aí, segundo suas condições, justo no *midgard*.

—De acordo. Vamos fazer voar o experimento. —O *einherjar* tirou as bombas de amitol e imantou uma à parede.

Gunnr fez o mesmo e grudou outra ao corredor e outra mais no buraco que saíram mais cinco etones. Mas ali parou e ficou olhando um notebook portátil e uma tela que havia à parede. Na tela se via refletido o mapa desses subtuneis, onde podiam divisar a piscina, o quarto onde se encontrava e um caminho tão longo que podia medir centenas de quilômetros. Sobre o túnel se desenhava a disposição do guia de ruas da cidade que tinham sobre suas cabeças.

Gabriel entrou com ela e olhou a tela com interesse. O passadiço secreto finalizava no Wheaton e justo ao final do túnel piscava uma luz amarela que estava em movimento. Alguém acabava de chegar ao outro lado e parecia que fugiu às pressas.

—Alguém acaba de chegar a seu destino— disse Gabriel.

—Wheaton. Não é aí onde Miya disse que localizou a sede de newscientists?

—Sim. É justo aí. —acabava de descobrir algo super importante, por isso sorriu a Gunny e a beijou rápido e com força nos lábios.

A *Valkyria* abriu os olhos como prato e tentou afastá-lo empurrando-o pelos ombros. Gabriel se separou dela e passou a língua pelo lábio inferior como um maroto.

— Que acha que está fazendo? —Recriminou ela, passando o dorso da mão pela boca.

—Chama-se beijo surpresa.

Gunnr ficou olhando os dentes brancos e retos de Gabriel e logo o brilho sedutor de seus olhos, agora completamente negros.

O que devia dizer? Que morria de vontade de que voltasse a fazer?

Não. Nem pensar. Os tempos de ir atrás de Gabriel se acabaram.

—Não o faça mais— pediu com você tremente dando as costas e se concentrando no computador portátil que havia na mesa.

Gabriel cravou a vista na elegante curva de seu pescoço e apertou os lábios com impotência. Sua *Valkyria* estava muito ferida pelo ocorrido, mas a recompensaria. Não podia rejeitá-lo para sempre e percebeu, que com Gunnr, não sabia ser paciente.

O computador monitorava uma das bombas conectadas à piscina através de uma série de cabos de cores. Pelo visto mediam as condições da água e o estado dos ovos.

—Pegue-o— ordenou Gabriel do umbral da porta— veremos que há no disco rígido.

A *Valkyria* o desconectou e o levou com ela.

Gabriel pegou sua mão livre e pediu a deus para que ela não a soltasse. Os dois ficaram olhando a porta com grades.

—Vamos fazer voar este lugar— disse dúbia— Mas esse corredor que leva até o Wheaton… foi por aí que moveram o martelo.

—Sabemos o que precisamos saber e acredito que inclusive mais— assegurou— Agora enviemos ao inferno este lugar, e vamos saudar Róta.

Gunnr assentiu com diligência e seguiu seus passos.

Saíram dos túneis e chegaram até o estacionamento. Os sócios de Khani deviam estar para chegar. Gabriel e Gunnr subiram ao tesla negro.

Gabriel elevou o detonador em sua mão e disse a Gunnr

— Aponta?

Gunnr pensou que não ia poder lutar mais contra ele se continuasse tratando-a como se contasse com ela para tudo. Era estranho sentir que era importante para ele. Era alentador e dava esperança. Era, mais que nunca, aterrador.

Mas, até estando morta de medo por estar outra vez com Gabriel e perceber essas emoções novas, não pôde evitar colocar sua mão sobre a dele e sorrir timidamente.

—Aponto.

—Dê, *Valkyria*— a animou, transcrevendo o calor e a confiança que ela sempre teve e que nunca soube dar valor, até esse momento.

Gunnr apertou o botão vermelho e, enquanto ouviam o ruído de uma explosão, parecido a um metrô se movendo clandestinamente, a *Valkyria* e o *einherjars* saíram do estacionamento que

havia sob o Sears a toda velocidade.

Aquilo saiu muito bem. Mas não queria que fosse a única boa noticia. Gabriel esperava de coração que sua General e seus amigo, tivessem recuperado Róta e as gêmeas. Necessitava a todos devolvidos porque no dia seguinte iriam recuperar o martelo.

Capítulo 20

Gabriel estava a frente um homem completa e irrevogavelmente destroçado.

Bryn e Miya saíram do Excalibur como puderam depois das explosões e recolheram o que restou de seus amigos.

De Clemo e das gêmeas nada. Não ficara nada deles.

De Reso restava um corpo quebrado por todos os lados, mas ainda com vida física. Só com esse tipo de fôlego, já que sua alma se perdeu no horror e na tristeza. O tracio estava na cama; a explosão lhe amputou uma perna e um braço e cortou parcialmente a jugular, mas não arrancou a cabeça, como aconteceu com Clemo.

O Engel não podia piscar. O quarto estava às escuras, só iluminado pela claridade que entrava pela cidade e as luzes da noite.

Clemo e Reso eram seus guerreiros, seus companheiros de guerra…, e em apenas uma noite perdeu os dois.

Bryn devia sentir o mesmo a respeito de suas *Valkyrias*; ela parecia tão responsável pelas suas como ele por todos. A Generala estava em seu quarto, precisava estar a sós. Gabriel não sabia e Bryn o deixou entrar.

Miya estava atrás dele, tinha um corte superficial, mas nada mais.

Reso olhou o teto e sua caixa torácica levantou compulsivamente para tomar ar.

—Arrancaram o coração. Da minha Sura…—parou para tomar ar de novo— Já estavam mortas. E nos fi-fizeram acreditar que ainda viviam. No lugar onde deviam ter o coração, havia uma puta bomba.

Gabriel deu um passo para cama e sentou na cadeira que havia em frente ao corpo maltratado.

O tracio o olhou de lado, tinha um derrame enorme no olho, e Gabriel não podia afastar o olhar escuro.

—Quero ir, Engel —grunhiu ele.

Gabriel era suficiente honesto para reconhecer a verdade. Reso não podia viver assim. Mas tampouco podia morrer, a não ser que cortassem sua cabeça. Segurou sua mão e Reso teve suficiente reflexo para apertar os dedos em agradecimento.

—Ninguém disse que ia ser fácil, certo? —Assegurou Reso morto de dor.

—Não— apertou os dentes— Não é.

—É curioso… No *Valhall* sabe que é imortal. Mas quando chega ao *Midgard*, tudo se descontrola, porque aqui não há nada escrito —Reso tiritava, seu corpo perdia cor— A imo…

imortalidade é subjetiva.

O Engel assentiu de acordo com suas palavras.

—Na terra não estamos a salvo nem de outros nem de nós mesmos. É uma exposição constante. E tem que saber como ficar aqui —explicou Gabriel— Mas lutou com honra, Reso.

— Que honra há em ver como mataram sua-sua mulher? —Perguntou Reso— Que honra há nisso? Não… Não há honra para mim. Não sabe o que… —parou pela tosse—, não sabe o que é sentir o corpo frágil e enfraquecido de sua *Valkyria* em suas mãos… Ver que arrancaram sua vida de um modo tão injusto… Não sabe o que é.

Gabriel estremeceu e pensou imediatamente em Gúnnr. Não. Não sabia e não queria averiguar. Não podia pensar se a imaginava em perigo.

—Mas sei que a verei de novo, lá aonde ela está, estarei eu —assegurou Reso— Nossas almas sim são imortais, e se pertencem. Assim… tenho que pedir um favor.

Gabriel apertou com força a mão de Raso e abaixou a cabeça.

—Já sabe o que é… Engel —Reso o olhou com tristeza, mas também com orgulho que o tracio de cabelo raspado nunca ocultou a ninguém— Leve-me ao outro lado —Reso notou a tensão de Gabriel — Leve-me Engel. Mas antes de fazer, me prometa…, me prometa que vai vingar a morte de seus guerreiros. De Clemo, de Liba, da minha Sura e a minha. Não deixe o *Midgard* sem justiça. Todos confiamos em você, sempre o fizemos.

Ficaram em silêncio e se olharam um ao outro, em suspense, reconhecidos por cada gesto.

—Prometa, Engel. E prometa também que vai cuidar de Gúnnr. Cuide de sua *Valkyria* e desfrute de cada momento com ela porque nunca sabe quando vai desaparecer, e Gúnnr já chamou a atenção. Já sabem que ela é importante para você.

—Prometo —clareou a garganta— Eu prometo Reso.

Reso sorriu e olhou o teto, enquanto soltava a mão de Gabriel.

—Ouça, samurai —disse a um silencioso e respeitoso Miya — Vá atrás de Róta. Ela é sua *Valkyria* e tão bem posicionada como você.

Gabriel olhou Miya por cima do ombro e este o olhou sem baixar o olhar.

—Vamos, Engel. Estou preparado —Reso abriu os olhos. Não os fecharia, porque então não poderia ver Sura reclamando sua alma de guerreiro de novo, lá onde fosse ou lá onde estivesse.

Gabriel custou muito para levantar. Tomou uma profunda respiração e agitou sua pulseira direita. A espada emergiu dela até que se materializou por completo.

—Foi uma honra lutar ao seu lado, Gabriel. —Era a primeira vez que Reso se dirigia a ele por seu nome.

Gabriel assentiu com a alma tremendo e o coração cheio de tristeza por seu companheiro.

—A honra foi minha, Reso.

Elevou o aço:

—*Farvel, Reso*![45] —Exclamou Gabriel com emoção— Odín, aí vai teu filho! —Elevou o rosto ao teto— Acolhe e o guia à origem!

Cortou a cabeça do tracio, e seu corpo se desintegrou e deixou um rastro dourada no

[45] *Em norueguês, Adeus Reso!*

quarto.

Gabriel ficou de pé, frente à cama vazia coberta de um plástico todo manchado de sangue. Escutou os passos da Miya atrás dele e sua voz que dizia:

—Na guerra também há dignidade, Engel. E também há espaço para as despedidas. Acompanhe-me e bebamos sake pela alma de seu amigo. —O que Miya não diria era que também beberia por sua própria alma, pois ele já estava condenado— Todos merecem seu adeus.

—Pensei que não bebia —disse Gabriel com voz débil.

—Hoje farei uma exceção.

Gúnnr se armou de coragem. Bryn podia ser sua General, mas era Bryn, sua amiga que sempre cuidou dela. Agora era sua vez.

Estava na porta do dormitório. Bryn a deixou entrar na suíte, mas não permitiu que entrasse com ela em seu retiro.

Gúnnr não ia deixar que sofresse a sós nem um minuto mais.

Entrou no dormitório e encontrou a General, com um penhoar enorme de cor branca, sentada apoiada no respaldo da cama, olhando com olhos ausentes os arranha-céus daquela cidade cheia de luzes e sombras, de arte e de destruição.

Os olhos negros azulados de Gúnnr repassaram Bryn. Bryn era forte, sexy e ameaçadora, mas nesse momento sua pose só refletia desolação e desconsolo.

—Não entre —disse com aquela voz suave e afiada que podia cortar como uma navalha— Não permito isso.

Gúnnr não parou e ficou de pé, justo a seu lado, interpondo-se entre Bryn e a janela.

— É que já nem sequer vai respeitar meus desejos de ficar sozinha? —Elevou seus olhos azuis claros, que se tornaram laranja escuros por momentos. A *fúria* fervia em seu interior, mas não com força suficiente para manifestar em vermelho. A dor pesava mais.

Gúnnr secou as lágrimas das bochechas e levantou o queixo.

—Sinto muito pelo que aconteceu. Se pudesse, tentaria fazer as coisas de outro modo…

— Não se desculpe agora! —Gritou a General visivelmente angustiada. Seu cabelo loiro e ondulado caía como cascatas de ouro, e seus lábios faziam caretas, como se estivesse a ponto de começar a chorar— Não me servem as desculpas! Agora não! Já não importa! Róta estava em suas mãos e não importou levá-la com você então! Não importou me desobedecer!

— Não me diga que ela não me importava! —Gritou Gúnnr por sua vez, com os olhos completamente vermelhos— Não diga, Bryn! Acha que não me arrependo de tê-la animado que viesse comigo?! Tudo o que ela está sofrendo agora é por minha culpa. Por meu engano!

— Sim, é por sua culpa! Em que diabos estava pensando?! —Gritou ficando de joelhos sobre a cama e assinalando Gúnnr com o dedo— E se ela morrer, se continuarem a feriando ou se acontecer algo pior, você e ninguém mais além de você será responsável por isso! E eu… Não quero ver seu rosto nunca mais, Gúnnr! Traiu-me! E não quero traidoras comigo! Deveriam ter levado você e não ela! Mas você se salvou, verdade?! —Respondeu querendo machucar. Uma estocada sutil. Uma pergunta aberta que dava a entender muitas coisas.

Ela se salvou, verdade? Sim, fez. Mas não fugiu, como estava insinuando Bryn. Gúnnr começou a chorar e enfiou as unhas nas palmas. Não era justo.

—Então… Bem! Não me verá mais! —gritou se virando para sair do quarto, mas parou e disse em voz baixa— Eu espero que nunca a firam e que nunca a magoem, Bryn. Não desejo nada mau, nunca farei, porque a amo e é minha nonne.

Gúnnr saiu do quarto com a segurança de que Bryn a desprezava.

Bryn agarrou as pernas e afundou o rosto nos joelhos, começando a chorar desconsoladamente.

Não deveria dizer essas coisas que não sentia a Gúnnr. Mas estava zangada com ela e com Róta… E Róta estava sofrendo tanto. Odiava ter a empatia que tinha com ela. E agora, com seu indomável temperamento e crueldade, tirou Gúnnr de seu lado, quando sua doce nonne vinha consolá-la.

Mas a porta da suíte não fez nenhum clique, e Gúnnr entrou de novo ao dormitório como se fosse um furacão, com o rosto sulcado de lágrimas. Dirigiu-se para ela, olhou a *Valkyria* dos pés a cabeça, com a *fúria* chispando em seu olhar. Ela mudou e faria Bryn saber disso. Sim, se algo a feria, o diria e não guardaria numa gaveta em seu interior. E se havia alguma injustiça como aquela, lutaria para que pelo menos soubesse a verdade. O amor e a rejeição a mudaram.

Não pensou duas vezes. Pulou em cima de Bryn e sentou sobre seu estômago para agarrá-la pelas lapelas do penhoar.

— Acredita que pode me falar assim?! Que pode me enganar?! —Recriminou sacudindo-a— Pode preferir que fosse eu quem estivesse nessa jaula em vez de Róta! Pode acreditar que escapei de forma vil e que deixei que a levassem! Mas direi o que acontece, General — Bryn não se defendia, só podia olhá-la com arrependimento por tudo que disse— Está assustada. Tem medo. Te assusta se aproximar muito das pessoas. Por isso se afastou de Róta. Usa sua patente para marcar distâncias com outros porque não quer que a machuquem, porque é vulnerável. Fez com Ardam! E por isso Róta se zangou tanto com você, porque ela sofreu muito por vê-la assim. E você a afastou e ela se afastou de você depois de tudo. Nega as coisas mais importantes e se castiga. Por isso castigou Róta. A bofetada que deu, deu isso a você mesma! E por isso me castiga. Quer me ferir! Quer me responsabilizar por tudo! Sabe por quê? —Bryn negou com a cabeça, como se estivesse derrotada— Porque tem medo de deixar de sentir raiva, de deixar de sentir *fúria*, de se dar conta que quando isso desaparece você está sozinha com seu coração quebrado. Não é tão forte como acha. Você nunca chora, e tem muitas lágrimas. E isso é errado? Não! Não é! Às vezes temos que nos deixar levar por nossos sentimentos! Deixa de ser covarde, General!

Uma língua de eletricidade percorreu as duas *Valkyrias* e iluminou o quarto.

Bryn levantou a mão e esbofeteou Gúnnr. Chamou-a covarde? Olhou a mão com consternação, e logo a bochecha machucada de Gunny.

Gúnnr soltou o penhoar, fungou e lançou um olhar impenetrável e então, zás! Esbofeteou Bryn também.

As *Valkyrias* eram assim. Explosivas, temperamentais. E sentiam e faziam as coisas sempre muito bem e sem pensar muito nas consequências e atos.

Bryn tinha o rosto voltado para um lado, com o cabelo loiro que cobria a bochecha.

—Não bati na General. Bati na minha amiga Bryn, e na minha nonne que diz coisas horríveis quando fica histérica —esclareceu— Agora já posso deixá-la sozinha. —Gúnnr tremia e sua voz estava cansada— Se tiver sorte, amanhã, ou dentro de umas horas, também me pegarão e me levarão com eles, e isso será uma alegria para você, verdade?

Saiu de cima dela, mas então Bryn levantou e a segurou pelos ombros.

— Não! Gúnnr! Não! Não! Não vá… —tinha os olhos inchados e cheios de desolação e lamento. Aproximou-se dela de joelhos e apoiou a testa em seu ombro, afundando o rosto nele— Gunny… Perdoe-me. —Seu corpo estremecia pelas lágrimas. Abraçou Gúnnr com força, reclamando que a desculpasse— Não vá! Fica comigo um momento. Por favor!

— Por quê? Se não quer que eu fique aqui com você —encolheu os ombros desolada sem devolver o abraço.

— Não! —Bryn a apertou com mais força— Não disse a sério, Gúnnr! Só queria te fazer sentir mal, porque me assustei muito quando você e Róta se foram. Depois de tudo o que aconteceu entre nós… E logo ao ver que só você voltava me caiu a alma no chão. Não quero que façam mal nem a você nem a ela! Me trocaria com prazer por qualquer uma das duas.

— E eu também, Bryn! Acha que não quero ser eu a que esteja em seu lugar?

Bryn negou com a cabeça.

— Não quero que vá lá! Nem quero que ela continue sentindo todas essas coisas lá dentro! Sinto tudo, vi tudo! Só quero recuperá-la! Sou sua líder e têm que me obedecer! O *Midgard* é uma merda, aqui matam e matam de verdade! Hoje morreram as gêmeas, Gunny. Foi espantoso, mas sabe o que foi pior? Saber que me alegrei porque a única que continuava viva era Róta.

—Bryn… chama-se sentimentos. Amar as pessoas e as escolher acima de outras não é errado. —Tentou tranquilizá-la. Podia gostar de muitas pessoas, ou podia ter simpatia por muitas outras, mas só umas poucas amava com o coração.

—Não quero perdê-las. Não quero perder Róta… E quero que me perdoe, e quero… quero que também me perdoe.

Gúnnr apertou os dentes. Sua linda amiga loira disse coisas muito feias.

—Não Bryn. Não sei nem quem sou nem o que sou —Esclareceu. Tinha que deixar as coisas claras— Explodi, meu corpo se encheu de luz e matei num golpe cinco lobachos que me batiam e mordiam por todos os lados. Não posso explicar nada mais. Mas sei que não sou nenhuma covarde e que nunca deixaria sozinha uma irmã em perigo. Nunca o faria.

Bryn assentiu e tomou-lhe o rosto entre as mãos.

—Sim, é óbvio que sei. Me envergonha ter dito essas coisas. Já não necessita da minha segurança Gúnnr. É muito forte e se converteu numa grande guerreira. Uma que ainda não sabe qual o limite de seu poder. Faz coisas… que nenhuma de nós faz. E me enche de orgulho que seja… minha. Róta, Nanna e você são minhas.

Gúnnr levantou uma sobrancelha, ainda magoada com Bryn. Seus lábios faziam uma careta, e a General limpou as lágrimas dos olhos.

—É muito má, Bryn —a acusou com um tom mais afável.

—Sim, sou uma puta —assentiu um pouco mais serena— Mas continua me amando, nonne? —Abraçou-a enquanto enchia de beijos sua bochecha.

—É uma enganadora.

—Sim, isso também.

—E tem uma língua muito maldosa.

—Sim… a morderei e me envenenarei com ela.

—E morre de vontade de ver Ardam.

E Gúnnr estava obrigando-a a reconhecer todos seus pequenos segredos.

—Está acontecendo, Gunny. Mas é verdade. Quero vê-lo.

—O Engel o entregou de bandeja. Entre em contato com ele, Bryn. E diga tudo que não se disseram.

Bryn pensou que esse não era o problema. Disseram muitas coisas, mas na hora da verdade, nenhuma teve importância relevante.

—Isso farei.

—E quando recuperarmos Róta vai dizer também que a ama e que sente tudo o que aconteceu com vocês. E vai falar e consertar suas diferenças. Eram muito boas amigas…

—Quando a recuperarmos, eu lhe darei uma sova e, melhor, quando tiver quebrado cada um de seus preciosos ossinhos, pararei para falar com ela.

— Bryn!

—De acordo —Bryn sorriu— Falarei com Róta e direi o muito que a amo.

Gúnnr sorriu com malícia.

—E eu verei. E ela é muito mais dura que eu. Fará que se arraste pelo chão…

—Me encarregarei.

—Bem.

—Bem.

Ficaram em silêncio, mas Gúnnr seguia rígida como um pau entre seus braços.

—Gunny, perdoa-me? —Perguntou Bryn com humildade.

Gúnnr assentiu e afundou o rosto no pescoço de Bryn. Logo levantou os braços e a abraçou, acariciando o cabelo loiro e as costas.

—A amo muito, tola —murmurou Bryn mais tranquila, depois de desabafar com Gúnnr e depois de comprovar que não a perdeu também— Fica um momento comigo.

Deitaram as duas na cama e Gúnnr abraçou Bryn pelas costas como se fossem duas colheres.

— Sabe o que diria Róta em um momento assim? —Disse Gúnnr em voz baixa.

Bryn negou com a cabeça e se inundou no calor, na tranquilidade e carinho de Gúnnr. Certamente diria alguma barbaridade.

—Diria algo como *Te amo como amiga e amo como irmã, mas não amo mais porque não sou lésbica.*

Bryn começou a rir como uma descontrolada e Gúnnr a acompanhou, mas no final só ficou um abraço sentido e aflito, somando silêncio e à tristeza por não ter Róta com elas.

Gabriel precisava de companhia.

A conversa que teve com Miya o deixou desconcertado. Tudo que o samurai contou era fascinante e assustador.

—Estas pastilhas podem ajudar Ren —disse Miya enquanto tomava duas pastilhas Aodhan e ajudava a descer com um pouco de sake— Eu acredito que pode ajudar, mas ele diz que não.

— O que acontece com Ren? Perdeu a fome vanira? Por que faz o que está fazendo?

—Perdeu seu cáraid faz um mês, pelas mãos dos comparsas do Khani.

Os vaniros não podiam viver sem seus companheiros. Era muito difícil que continuassem com sua existência antes de ficarem completamente loucos ou se entregar a Loki.

—Ren está morto, porque sabe que já não pode continuar. Mas vai jogar uma última mão — bebeu o resto do sake e o encheu de novo— Deve a Sharon. Sharon era sua companheira, uma mulher americana. Estavam juntos há meio século. Amavam-se tanto…

— Por isso Ren se faz passar por contato de Khani? Por isso está se pondo em perigo? Por vingança ou porque é correto?

—Suponho que por uma mistura das duas coisas. Já bebeu sangue humano, mas milagrosamente e graças ao seu autocontrole ainda tem consciência. Não obstante, falta pouco para perder sua essência. Muito pouco.

—Reso e Clemo não confiavam nele —recordou Gabriel— Eu não sabia como dizer que estavam certos, mas você me assegurou que Ren não ia nos trair. As *Valkyrias* tampouco confiavam nele. Mas eu não podia dizer a verdade porque ninguém podia saber, ninguém podia saber que era nosso delator.

—Sim —os olhos amendoados de Miya se encheram de raiva e fechou os dedos sobre o copo com força— Mas confio muito nele, é meu melhor amigo. Ele sabe quais são os movimentos do Khani, o que fazem e para onde vão. Tentou se colocar na cabeça do vampiro e averiguou coisas muito interessantes. Mas Khani acredita que Ren está do seu lado: por isso não pode se envolver nem se deixar ver conosco muito. E por isso não podia dizer a verdade a ninguém. Khani teria visto alguns deles na sua mente, nossa cobertura iria para o espaço, e não podia permitir.

Na realidade a tática estava bem urdida, Miya falou com Gabriel sobre Ren no primeiro momento que se viram no Hard Rock.

—Khani leu Gúnnr no Underground e você me assegurou que Ren nos protegeria mentalmente —disse Gabriel observando as garrafas que tinham no bar— Você devia fazer como se nos cobrisse, mas Ren era o encarregado de abrir a vedação para que o vampiro soubesse que estava do seu lado. Devido a isso sabem de Gúnnr e quem é meu tio.

Por isso Gabriel teve que se fingir de ofendido no Underground com Miya e acusá-lo que havia um espião no clã, para que Ren pudesse registrar a cena e relatar ao Khani. O vampiro tinha que continuar confiando em Ren.

—Isso foi meu. Quando encontrei as *Valkyrias,* não sabia quem era esse homem que se aproximou, e Bryn ordenou a Gúnnr que era ela quem devia falar sobre isso. Ao não receber nenhuma ordem por sua parte à respeito antes de ir ao Underground, não apagamos a memória.

Supunha que Ren devia se centrar em proteger suas mentes e não suas memórias, mas isso

pesava muito na consciência de Gúnnr, e apareceu.

—Leram Gúnnr e averiguaram quem era Jamie. O relacionaram a você como a ela, por seu modo de protegê-la, e por isso atacaram os dois.

—É certo. Gúnnr me falou depois sobre isso —e a *Valkyria* sofreu sua ira, pensou pesaroso— Mas também sabia que Gúnnr podia detectar o Mjölnir.

—Não —negou Miya— Não era algo que soubesse com segurança. Ren me explicou que Khani não concebia que algumas de nossas *Valkyrias* captasse o Mjölnir, mas seu líder, que foi quem roubou os objetos, disse que deviam ter um tipo de sensor que localizasse o martelo, e que era uma mulher. Cobrem o Mjölnir com uma caixa de cristal e metal e um sistema de para-raios interno. Por isso não recebem sinais eletromagnéticos. Mas Khani queria saber que *Valkyria* podia captar o martelo. Por isso o despistou.

—Mas com Gúnnr chegaram três *Valkyrias* mais e isso o despistou.

—Exato. Tentaram capturá-las, mas a que mais interessava escapou. Gúnnr tem um poder surpreendente, Gabriel. De onde vem?

—É algo que eu gostaria de saber também —murmurou bebendo um gole da bebida japonesa.

—Ren me assegurou que a festa que Khani organizou no Excalibur não era o prato principal. Disse que pretendia mobilizar Mjölnir essa mesma noite, mas ainda não sabia onde se encontrava o martelo, pois a cabeça do vampiro estava muito confusa e controvertida e não podia ficar muito tempo em seu interior sem que a escuridão o afetasse e levasse. Por isso acreditei que seria boa ideia colocar patrulhas no Wicker Park e Bucktown, pois se tentassem mobilizar algo do Loop de Chicago nos daríamos conta. Mas não foi assim.

Não. Khani e os seus tinham outros planos.

—Na realidade mobilizaram o martelo e agora mesmo está no Wheaton —explicou Gabriel observando o fundo vazio do copo— Embora nunca mais possam usar essa via —Não. Gunny e ele o dinamitaram —Mjölnir está na superfície e terá que se aproveitar disso.

Miya assentiu e limpou a boca com a manga do pulôver negro.

—Já viu o que há nos subterrâneos —acrescentou Gabriel com desgosto— Esses idiotas conhecem todos. Espero que Isamu tire proveito dos dados que tiramos do notebook que encontramos.

—Fará, além disso, o programa de reconhecimento facial está quase pronto, falta só cinco por cento para limpar a imagem e já saberemos quem são os homens que aparecem nos vídeos.

—Miya —o Engel o olhou intensamente—, se Ren está se sacrificando, não duvido que será o suficientemente responsável para ajudá-lo a partir, finalmente, se essa for sua decisão. A escuridão pode prender inclusive os mais fortes.

—Sou um samurai, *einherjars*. Temos esses valores muito entranhados. Ren está deixando sua vida para me ajudar. Eu… Eu me encarregarei dele, embora saiba que vai me custar. Não foi fácil para você ajudar Raso a partir.

—Não. Às vezes achamos que os amigos estarão aí para sempre, e quando não os imagina com você é porque acha que irá antes deles. Mas o que nunca imagina é saber que tem que ajudá-

los a fazer a viagem de despedida.

—É um grande guerreiro, Gabriel. Tem uma essência muito espiritual. Muito samurai — reconheceu Miya.

—Agradeça a Sun Tzu.

O vaniro sorriu.

—Prefiro Miyamoto Musashi.

Desta vez foi Gabriel quem sorriu abertamente. Sua Gúnnr tinha bom olho, pelo visto. Não agradeceu o presente que comprou para ele. Ele agradeceria.

—Parece honorável que cumpra com Ren —admitiu Engel— E quanto ao seu irmão?

Miya ficou paralisado e encheu outro copo de sake. Gabriel era muito inteligente e não deixava passar nenhum detalhe.

—Khani mencionou algo sobre ele no Underground. Parece que Khani e ele têm uma boa relação. Também era samurai?

—Seiya… Seiya se perdeu faz muito tempo — esfregou os olhos com o dorso da mão. Estava cansado— Sim, era samurai. Mas não teve honra suficiente para ser inquebrável e fiel ao seu voto.

— Continua sendo vaniro?

—É. Mas está do lado de Loki.

—Acredita que Seiya está informando sobre os objetos?

Miya começou a rir sem vontades.

—Todos os jotuns de Loki estão informados sobre cada um de seus movimentos, Engel. Os únicos até agora descoordenados e desconectados são os que se supõe que devemos proteger no *Midgard*. É uma puta merda.

—Você o disse. Seiya está em Chicago?

—Faz séculos que não vejo meu irmão. Não sei onde está.

Gabriel colocou em funcionamento a engrenagem de sua mente. Tentava encaixar todas as peças.

—Por que mantêm Róta com vida? —Abateu seu olhar acusador sobre Miya— Me parece mais uma provocação que uma necessidade. É Róta importante para eles?

Miya apertou a mandíbula e franziu o cenho.

—Sim, é uma provocação, asseguro que me provocam. Ela, agora, é minha responsabilidade.

—Isso espero —concluiu Gabriel— Porque Róta é uma de minhas *Valkyrias* e é minha amiga. E os Vaniros têm o feio costume de machucar minhas amigas. Assim espero que seja a exceção. Tive suficiente com Caleb Mackenna.

—É muito observador e muito controlador.

—Sou quem sou e não penso deixar nenhum cabo solto.

Miya elevou o copo e brindou por ele.

—Falou com os berserkers do Milwaukee? Necessitamos que se acredite numa rede de informação e de ação —Gabriel olhou seu relógio. Já era uma da madrugada.

—Sim. Tentamos cercar novas relações. De momento, estão informados e esperam conhecê-lo. Ficou muito popular.

O *einherjars* assentiu. Levantou e disse ao barman.

—Traga minha conta.

—Sim, senhor —respondeu educadamente.

— Ren ainda não ligou? —Disse a Miya dando-lhe um golpe amistoso no ombro. Gostava muito do samurai e sabia que podia confiar nele.

—Não. Assim que o faça, o avisarei e iremos.

—Bem. Tenho muita vontade de chutar o traseiro desses desgraçados.

—Já somos dois.

Depois da conversa, foi procurar seu tio Jamie e explicou todo o acontecido. Isamu disse que em algumas horas teria provas relevantes e oficiais do vídeo e dos personagens que saíam nele, e poderiam ouvir inclusive aquilo que se disse um ao outro.

—Gúnnr veio faz dez minutos —explicou Jamie enquanto ajudava no que podia Isamu— levou Chispa com ela, não sei o que faz, mas a macaca só dorme com ela. É como sua mamãe.

Gabriel não perdeu o tempo e, imediatamente, foi a seu quarto para se conectar ao fórum e dar toda a informação que obteve. Contou qual ia ser o passo seguinte, e o que iriam fazer. E depois disso tomou banho e se dirigiu à suíte de sua *Valkyria* com o livro dos cinco anéis nas mão e algo envolto em papel de presente na outra.

Gabriel experimentou a perda: viu a dor nos olhos de um homem destroçado como Reso; viu a ressurreição nos olhos de seu tio Jamie, a desolação e a resignação nos olhos de Gúnnr, a decepção e o medo nos de Bryn e a fome nos olhos de Miya. Eram todas emoções muito extremas, mas a morte e a possibilidade de perder aquilo que se ama suporta a libertação e a exposição de todas suas emoções. E lembrava que estava vivo e que teria que celebrar a morte e a vida, a guerra e o amor, embora fossem mesma linha do tempo.

E se havia algo que não queria evitar, era a última mensagem de Reso: queria aproveitar cada momento que não estivesse brigando estando ao lado de Gúnnr. Só esperava que ela fosse misericordiosa e o deixasse pelo menos abraçá-la e descansar algumas horas a seu lado, porque ele também tinha esse único complexo, e já não podia dormir sem ela.

Bateu na porta, e esperou pacientemente a que a *Valkyria* abrisse.

Gúnnr abriu e Gabriel sentiu pela primeira vez que o deixou nocauteado.

Diziam que o amor tinha esse poder. E ele acreditou erroneamente experimentado com Daanna, mas sua Gúnnr acabava de demonstrar que o que sentia pela vanira era um mero jogo de crianças comparado com o que a *Valkyria* despertava em seu interior.

Então, todos os pretextos, todas as táticas para se aproximar dela essa noite voaram pelos ares. E ficou ele, só ele, em frente a ela, sob o umbral da porta, esperando e rogando aos deuses que aquela mulher deliciosa que cheirava a mashmellow, que vestia somente uma camiseta de manga curta dos Chicagos Bulls, e um olhar de surpresa e incerteza, o deixasse entrar, não só no quarto, mas também em sua vida.

Capítulo 21

Gúnnr não esperava que Gabriel fosse vê-la depois de tudo o que aconteceu, embora se encontrasse desejando-o desde que deixou Bryn dormindo em sua suíte. Como não queria dormir sozinha e queria abraçar Chispa, a tirava da suíte de Jamie quase a cada dia, e a levava com ela. Mas Chispa já estava dormindo, e ela… ela parecia inquieta.

Sentia-se inquieta porque sabia que Gabriel ia castigá-la, mas por outro lado não esperava que fosse imediatamente, porque precisava preparar seu coração para outro revés. Pelo visto, para o guerreiro, era importante demonstrar que continuava mandando, embora estivesse uns dias ausentes.

Gúnnr era muito contraditória.

Queria vê-lo e não queria vê-lo. Queria confiar nele, mas não confiava. Queria dizer que ela não quebrou o kompromiss, não na realidade, mas não queria que a pisoteasse de novo. Queria bater e beijá-lo ao mesmo tempo. E Gabriel a estava olhando de um modo muito estranho, como se a estivesse vendo pela primeira vez. *Integridade, Gunny. Deve mostrar integridade.*

— O que faz aqui?

Gabriel encolheu os ombros. Usava uns jeans claros e uma camiseta branca de manga curta. No hotel não fazia nenhum frio.

—Devo cobrar o que me deve —entrou sem pedir permissão e inalou o aroma de Gúnnr; também percebeu o doce aroma de leite que destilava da pele e cabelo de Chispa.

Gúnnr retirou a franja dos olhos e permaneceu impassível.

Fechou a porta atrás dela e caminhou muito reta até onde estava o sofá. Ele viu isso e não devia esquecer.

—Vem me castigar por ter feito que sequestrem Rota. E vem jogar a culpa em mim pelas mortes das gêmeas, de Reza e de Clemo, verdade?

Colocou-se frente ao sofá, de costas a ele. Pegou o controle da televisão com mão tremente e a ligou.

— Quer que ponha na MTV para que não me ouçam gritar?

Gabriel se sentiu mesquinho por ter criado essa tensão entre eles.

Ela pensava que ia tratá-la como a última vez, e não podia culpá-la por acreditar algo assim. Deus, quanto dano fez. Olhou o presente e o livro sobre a mesinha que havia frente ao sofá, e ficou olhando as costas e as coxas nuas de Gúnnr, que usava um rabo alto. Estava descalça, tinha as unhas dos pés e das mãos pintadas de azul escuro e estava tão sexy que ficava duro vendo.

A *valkyria* usava a camiseta vermelha extra grande da NBA. Era vermelha e tinha um touro que o olhava desafiando. *Um touro contra outro touro,* ele pensou. Antes que ela a tirasse e ele perdesse toda capacidade de falar ou raciocinar a parou com uma única palavra:

—Me olhe.

Gúnnr fechou os olhos com força e girou, colocando-se de frente a ele. Seguia sendo o Engel e o obedeceria. Gabriel tinha as mãos nos bolsos dianteiros dos jeans. E seus olhos azuis não refletiam irritação de nenhum tipo, nem ódio para ela. Só a olhavam, sem perder nenhum detalhe de sua pessoa, e Gúnnr começou a perder a paciência.

—Ouça, não precisa fazer nada disto… —estava nervosa. Sentia-se estranha, como se

esperasse coisas impossíveis— Quero dizer que, se tiver que me utilizar, se quer me açoitar ou o que seja que necessite para me castigar, faz. Pode fazê-lo, os Deuses o permitem, já sabe. Entre você e eu não há nada para preocupar, talvez possíveis arrependimentos ou recriminações. Nosso compromisso não serve neste caso.

Gabriel sentiu uma adaga perfurando-lhe as vísceras. Gunny afundava a faca cada vez mais, e teve medo de não poder consertar o que estragou. O único modo de se aproximar era que o visse como o homem que na realidade era, que mostrou ser. Mas não era tarefa simples se libertar da armadura.

—Já li o livro que me deu de presente. É muito bom.

As pupilas de Gúnnr se dilataram um pouco e esse foi o primeiro gesto que indicava a Gabriel que ela estava tão nervosa como ele, mas, além disso, a jovem estava à defensiva.

—Que bom. Já comprou a roupa?

O Engel caminhou para ela.

—Não é seu estilo ser tão fria e tão indiferente.

—Você me fez assim. Acostume-se.

Outra bofetada mais. A miséria também podia se instalar na alma dos homens.

—Meu nome de humano era Gabriel Feliu —disse se armando de coragem— Filho único. Meu pai… meu pai era um militar muito respeitado, um homem que mostrava aos outros ser idealista e perfeito, mas que em casa era um ditador filho da puta. Ele sempre quis que eu seguisse seus passos, não por orgulho nem nada disso, mas sim porque ele era o chefe e em casa se fazia o que ele dizia.

Gúnnr deu um passo para trás e se assustou. Franziu a testa.

O que estava fazendo? O que estava contando? Ela não queria saber nada disso O que importavam todos esses detalhes quando Gabriel a tratou como fez nos últimos dias, tanto no *Valhall* como no *midgard*?

—Não se afaste, Gúnnr —rogou chegando até ela e segurando-a pelos quadris. —Isto é difícil para mim.

— O que pretende?

—Falar com você.

—Isto não é o que veio fazer… —Quis se retirar, mas Gabriel a segurou no lugar.

—Meu pai necessitava o poder continuamente. Ele fez minha vida impossível, qualquer coisa que eu gostasse, jogava-o por terra. Nunca me dei bem com ele, ele me odiava e eu deixei de reclamar sua atenção. Ele era um destruidor, Gunny. Um homem machista e arrogante. Na terra há muitos desses, sabe? Um ególatra que só ajudava os que não o conheciam, e só o fazia para aparecer, porque considerava que assim se faziam os amigos. Tinha um conceito distorcido de amizade, e minha mãe foi uma vítima, meu tio também e é obvio eu também fui. Tudo o que vê errado em mim, Gúnnr, tudo é dele. Levo no sangue e não posso tirar isso de mim.

Gúnnr sentiu os olhos úmidos, mas quis manter a distância.

—Não pode culpar seu pai por suas ações. Você não é ele.

—Sim, começo a acreditar, florzinha… —devia continuar e contar toda a verdade— Meu tio

Jamie me ama muito. Ele me ensinou tudo o que meu pai não quis me ensinar. Mas a meu pai pareceu vergonhoso que meu tio fosse homossexual e o atormentou, e repreendeu até afastá-lo de mim para sempre. Meu pai processou meu tio, o acusou de pedofilia comigo e nunca mais voltei a ver meu tio. É óbvio, era falso. Eu então era um menino, era menor de idade, não sabia o que acontecia, mas cheguei a compreender que era algo errado e muito feio. Um dia entendi o que era pedofilia e fui falar com meu pai sobre isso em relação a meu tio. Neguei categoricamente diante de seus amigos. Isso ofendeu tanto meu pai que não pude sentar em uma semana; eu então tinha quinze anos. Quando cresci, desafiei-o de todas as maneiras possíveis. Nunca faria, nem me converteria em nada do que ele esperava. Jamais. Dizia que todos os homens que trabalhavam com computadores eram maricas de quatro olhos, incompetentes que escondiam sua falta de dignidade por trás de um computador. Assim decidi estudar engenharia técnica em sistemas e fodê-lo a minha maneira. Dizer que estudava mitologia ou lia livros fantásticos era uma perda de tempo e comecei a comprar esse tipo de livros e fiz um semestre de mitologia nórdica na universidade. Estava contra os homens de cabelo comprido, assim comecei a deixar o meu longo — levou a mão ao cabelo e sorriu como se desculpasse— Me disse que nunca seria alguém sem ele, que dependia dele economicamente e eu comecei a trabalhar a partir dos dezessete. Ele nunca pagou nada para mim depois. Eu paguei meus cursos e tudo o que precisava. Afirmava que os animais existiam para comê-los e me tornei vegetariano. E assim em um sem-fim de coisas. Mas houve algo por cima de todo o resto que me afetou muito até o dia de hoje; repetiu, uma e outra vez, que eu seria como ele, porquê nas minhas veias corria o mesmo sangue que nas dele. E à margem de tudo o que contei, a mim aterrorizava acreditar nisso por pensar que alguma vez poderia tratar uma mulher como ele tratou minha mãe. Isso era o que mais me preocupava.

—Gabriel… não tem que… —Disse fascinada pelo tom de sua voz e por ver o olhar transparente e sincero dele. Estava tão diferente.

— Gúnnr! —apertou-lhe os quadris com os dedos. Tinha o rosto congestionado— Preciso contar isso. Nunca expliquei a ninguém. Só a você. Quero que me escute. Minha… mãe era frágil. Era doce, como uma flor, sabe? Sempre tinha um sorriso para todo mundo, mas não tinha muito caráter. Era a mulher perfeita para um homem como ele, um homem que destruía a beleza. Ele era a besta e ela era a bela. Mas em termos completamente literais a níveis psicológicos. Com o tempo, minha mãe se apagou e deixou de brilhar. Meu pai falava por ela. Meu pai a vestia, meu pai sabia o que era o melhor… meu pai consigo destruir tudo de bom que havia em minha mãe e, no final, conseguiu pô-la contra mim.

—Gabriel…

—E isso me destroçou. Odiava meu pai por ser tão idiota e me compadecia a minha mãe por ser tão fraca. Com o tempo, o ódio e a compaixão se converteram em indiferença… mas inclusive às vezes —sussurrou a tocando no cabelo— às vezes, volta a espetada à altura do coração e me diz que não pude ser o que eles queriam.

Gúnnr escutava atentamente cada uma de suas palavras. Gabriel estava se abrindo para ela, mas havia algo que disse que não concordava com o que ela sabia sobre ele.

—Eu… acredito que… na realidade não podia ser o que você não queria ser. Isso foi o que

aprendeu deles, a ver todos seus enganos e a não copiá-los. Os enganos de seus pais não devem se converter nos seus.

O Engel estremeceu ao ouvir as palavras de Gúnnr.

—Mas, Gunny também aprendi o que era o que não queria para mim. Agora sei que me dão medo mulheres como minha mãe. Porque o sargento sempre me dizia que eu ia ser como ele, e o último que desejava era fazer mal a uma mulher, afundá-la e roubar sua autonomia, justo como ele fez com ela.

—Aonde quer parar? Por que me conta isto?! —gritou ela aturdida por toda essa informação e por ver como vulnerável ele parecia. Não devia se deixar enganar. Tinha que esclarecer as coisas— Acredita que sou como sua mãe?! Por isso escolheu Daanna?! Por que ela é tudo o que eu não sou?!

— Não! —Gabriel pôs as mãos nas bochechas dela— Não, Gunny! Só estou contando porque tive tantas reservas com você, mas isso não quer dizer que estive correto. Você disse que cometi muitos equívocos. Em Daanna vi uma mulher muito forte, que não nunca dava o braço a torcer. Valente e poderosa como poucas.

— Para! —disse ela empurrando-o e afastando-se. Doía que Gabriel falasse dela com essa admiração.

— Me escute! —correu para ela e a imobilizou, rodeando-a com os enormes braços. Mas Gúnnr lutava e tinha muita força— Escuta, por favor… pensava que estava apaixonado por ela e a coloquei em um altar como se fosse o único tipo de mulher que um homem como eu, com genes tão destruidores, podia ter a seu lado. Convenci a mim mesmo me dizendo que a queria quando, na realidade, Daanna me servia de escudo. Sabe qual é a verdade, florzinha?

—Não quero saber —chorou se esfregando contra ele— me solte!

—A verdade é que me assusta amar; dá medo me entregar, porque tenho medo de Gunny, por favor, fica quieta! —A jovem paralisou, rígida como uma vara— Tenho medo de parecer com ele e fazer mal a mulher que possa compartilhar minha vida. Tenho medo de ser igualmente mesquinho e ruim e me aproveitar da debilidade e da bondade dos outros. Daanna me serviu para ficar entre eu e você, foi um modo de mantê-la afastada de mim, de pôr distância entre nós… desse modo nunca tentaria com você, nunca comprovaria se meu pai tinha razão ou não com respeito de mim.

Gúnnr se indignou e elevou a cabeça para olhá-la diretamente nos olhos.

—Porque eu sou a fraca. Eu sou a florzinha. Dou alegria. Acha que pode me esmagar, que eu não tenho caráter… —tentou sair de cima para ele entender o que dizia— Nem todas são como sua mãe. Deixe-me em paz, Gabriel. Deixe-me…

Frustrado, pensou que com Gúnnr só funcionavam as ordens. Mas não queria ordens, desejava que ela o tocasse e acariciasse a seu desejo, sem necessidade de que exigisse nada. Desejava que Gúnnr fosse sua companheira de batalha, de jogos, de cama e de vida. Só com ela poderia ser quem era realmente e superar seu medo ao amor. Porque Gúnnr lhe dava uma lição atrás da outra, e aprenderia com ela toda a vida e daria o melhor dele em troca.

—Não vou deixa-la. Já disse isso —afundou a cabeça em seu pescoço e murmurou sobre sua

pele— agora sei o que quero. Quero isto. Deixe-me dormir aqui. Necessito que me abrace, Gunny… lamento o que aconteceu na última vez. Lamento. Deixe-me dormir com você e com Chispa. É pedir muito?

Em Gúnnr, as lágrimas deslizavam pelas bochechas. Tinha os olhos vermelhos. Separou-se de seu braço.

—Sim, é pedir muito. Não quero abraçá-lo. Só tenho vontade de machucá-lo como você me machucou , não sou tão boa como acha e deve saber que *valkyria* e misericórdia são palavras quase antagônicas. Foram uns dias muito duros e… perdi muitos amigos.

— Eu também! Eu mesmo tive que me encarregar de Reso, Gúnnr! —Exclamou destroçado— eu também perdi amigos, mas já não quero perder mais coisas…

Gúnnr engoliu saliva e sentiu a dor de Gabriel como dela.

—Não me sinto doce nem para dizer querido, nem para dar calor, Gabriel. Vá procurar outra —falou sem pensar.

—Peço isso como amiga —devia parecer patético. A ponto de voltar a chorar diante dela porque Gunny não o queria e não o perdoava— Podemos dormir… como amigos.

— Amigos? Você e eu não somos amigos.

— Tampouco?

—Não. Os amigos não se abandonam, nem tampouco se negam.

— Já não me ama?

— Não! —Respondeu cheia de *fúria*— Que eu lembre, nunca disse essas palavras, por muito que me provocou a última noite. Isso não lhe diz nada?

Gabriel deixou cair os ombros e olhou o chão, passando o peso de seu corpo de uma perna à outra. Gúnnr mordeu o lábio ao vê-lo tão desamparado. Aquele homem queria desequilibrá-la.

—Então… então me castigue, Gúnnr. Se for o que quer para se sentir melhor, castigue-me como eu fiz com você —ordenou levantando os olhos e deixando que visse o desejo cru em seu olhar negro— Se for o que quer fazer comigo, adiante. —tirou a camiseta branca, e mostrou o torso musculado e moreno, os ombros largos e inchados, e o estômago com uma série de abdominais incríveis. Sua pele dourada em contraste com as pulseiras prateadas e negras que usava nos antebraços. Era todo um guerreiro. Um espetáculo— As *valkyrias* são vingativas, não é verdade? Vocês adoram. Esta noite vinha castigá-la. De fato, merecia isso por ter desobedecido a sua superior, a Bryn. Mas não quero fazê-lo porque já fiz a última vez e não me senti bem. Por isso, desta vez, serei eu quem se entregará a você.

Gúnnr soltou uma exclamação afogada e abriu muitos os olhos.

—Não sabe o que diz —respondeu ela passando a língua pelos lábios. Era inevitável. I-ne-vi-tá-vel. Esse homem tirava a roupa, e Gúnnr perdia o fôlego e a raiva— E ponha a camiseta!

—Tem razão —reconheceu com pesar, levando as mãos ao botão do jeans— Mas não me importa. Só quero que me toque. Não me importo como faz. Só… só quero estar com você. Estou preparado para qualquer coisa. Se quiser me bater, me bata. Se quiser me usar, me use. O que for, Gunny —sorriu com segurança— Sou forte e posso com tudo.

Gúnnr engoliu saliva. *Seja forte. Seja forte. Não caia em cima dele.*

—Não quero te bater —murmurou fracamente.

Mas ela tinha que demonstrar que não era uma mulher fácil. Gabriel não disse em nenhum momento nada romântico, nem disse que a amava, nem nada disso… ela tampouco diria.

Durante quase uma semana tentou se convencer de que já não amava o Engel. De que não o amava. Mas tinha retornado, e se dirigiu a ela como se fosse o centro de sua existência; e então ela percebeu de que podia mudar de ideia rapidamente. Claro… a quem queria enganar?

Estava apaixonada por ele desde muito tempo e, por mais mal que fizesse, não pode arrancá-lo do coração. Não se enganaria e tampouco ia ceder. Se havia algo que sobrava a uma *valkyria* era, sem dúvida, o orgulho. Mesmo assim, pensou em ter Gabriel à sua mercê e sua pele começou a formigar. Excitou-se.

—Então faça com meu corpo o que tiver vontade. Mas não me mande embora —Gabriel tinha o rosto cheio de incerteza— Eu… somente… só quero estar com você — tirou o cinto.

— Pode deixar de se despir? E veja se entendi. —retirou a franja a um lado— Quer…?

—Diga, florzinha. —provocou ele.

—Quer que eu o viole?

—Merda. —Deu uma olhada a sua virilha que já estava dura e preparada para qualquer coisa; puxou os jeans escorregando sobre seus quadris para que ela pudesse ver uma cueca ajustada azul escura— Isso soou muito pervertido e… eu adoro. Faça-me o que tiver vontade.

—Me faça sofrer como eu fiz você. Venha, *Valkyria*.

Gúnnr começou a respirar rapidamente. Seus olhos se tornaram vermelhos muito claros, a virilha esquentou e os mamilos endureceram. Seria assim fácil?

— Por que faz isto na realidade?

—Porque quero demonstrar que não tenho medo. Que confio em você. E que eu gosto de estar com você —sorriu como uma fantasia de diabo.

—Mas eu não… eu não quero —levantou o queixo de maneira orgulhosa, vangloriando-se por ser tão valente de dizer sem que tremesse a voz.

Se Gúnnr voltava a dizer que não o queria, ia estrangulá-la ali mesmo.

—Não acontece nada. —levou uma mão ao pênis— Não precisa que me diga isso enquanto me monta.

A *Valkyria* arqueou as sobrancelhas com fingida segurança, como se não a escandalizasse o comentário.

—Está louco. As *valkyrias* não montam os homens. Desmontam-nos —sorriu com frieza e percebeu o ligeiro tremor que produziu no pênis de Gabriel. *Rota estaria tão orgulhosa de mim*— Quer dar o poder a uma *Valkyria* que está furiosa com você.

—Não quero te dar o poder. Quero dar tudo.

Gúnnr não escutou a última parte, porque deu dois passos e se colocou a um centímetro de seu corpo. Estava tão atraída pela proposta que Gabriel estava a ponto de cair de joelhos e rezar a Deus agradecendo.

A jovem pôs uma mão aberta sobre seu peito. O calor da pele contra a pele fez saltar um raio entre os dois corpos, mas nenhum dos dois reagiu, pois era natural que entre eles saltassem

raios.

— Disse que não me tocaria e não faria nada que eu não quisesse? —perguntou concentrada na dureza e na deliciosa definição de seu musculoso estômago.

—Prometo.

—Estou muito zangada com você. Disse o que aconteceria se me fizesse mal uma terceira vez.

—Sei —Disse com estoicismo— Dê meu castigo.

Gúnnr pensou no distinto que parecia tudo em relação à última vez.

Gabriel retornou com surpreendente alegria por estar com ela. Ela tinha mais poder que nunca; controlava sua *fúria* com muita dificuldade e estava machucada emocionalmente. Era uma *valkyria*. Não uma humana com problemas de personalidade, nenhuma vanira com extremadas dose de segurança e fortaleza. Era uma mulher *valkyria* a que fizeram mal e era forte a seu modo; tinha seu próprio caráter e, sobretudo, a *valkyria* se fazia mal. Não era como a mãe de Gabriel, que dava uma e outra vez a face, nem tampouco era o suficientemente distante como Daanna para que nunca ninguém a ferisse.

Era Gúnnr. E tinha vontade de dizer a Gabriel que nunca devia dar por vencida. Elevou nas pontas dos pés e sussurrou:

—Vai chorar, *capullito*[46] —disse mordendo-lhe o lóbulo da orelha com força.

Gúnnr deslizou a calça de Gabriel por suas atléticas e robustas pernas, ele chutou o jeans e ficou de cueca diante dela. Essas pernas eram maravilhosas. Tinha um pelo loiro e claro, e os músculos se delineavam à perfeição, inchados e poderosos. Deslizou as unhas pelos quadríceps e sentiu como o membro de Gabriel saltava diante da carícia. Estava tão contente que ia arrebentar o tecido.

Gúnnr se levantou e ficou cara a cara com ele. Ela passou as unhas azuis escuras pelo peito dele e puxou seus mamilos, pequenos e marrons, com força.

Gabriel ficou sem respiração.

Ela sorriu como uma malandrinha e penetrou seus dedos pelo elástico de sua cueca, puxando e guiando Gabriel até o sofá. Empurrou-o, e o deixou sentado e enfraquecido. O *einherjar* era tão grande que esse sofá para quatro pessoas parecia ridículo. Obrigou-o a abrir as pernas e ela se situou entre elas, de joelhos.

—Ai, merda… —grunhiu Gabriel.

Gúnnr sabia o que queria fazer. Era algo que viu na Ethernet e na televisão e morria de vontade por prová-lo com Gabriel. Com nenhum outro homem, só com ele. Quando viu que as mulheres o faziam aos homens e que eles sofriam até o ponto de quase chorar, imaginou a ela mesma torturando Gabriel desse modo. As *valkyrias* faziam isso com seus *einherjars* no *valhall*, ela presenciou, mas não sabia que podia ser um método de tortura.

Antes de por mãos à obra, queria estar perto dele. Dar-se o luxo de tocá-lo um pouco a seu

[46] *Quer dizer uma pessoa ingênua, torpe, de pouca experiência.*

desejo. Queria que se roçassem pele com pele. E… queria tantas coisas que não sabia por onde começar. Ficou muito quieta, com as mãos apoiadas nas coxas, e observando seu peito e seu estômago como se fosse um manjar.

Gabriel se sentiu fascinado ao ver como o estava olhando. Desejava-o tanto como ele a ela e isso era muito bom. O brilho de seus olhos vermelhos, as presas que apareciam atrás de seu lábio superior, suas orelhas bicudas que seu cabelo preso não ocultava, aquela boca tão suculenta e com essa forma tão terna, e esse rosto infantil e juvenil… chegava-lhe à alma. Cheirava a nuvem… e queria comê-la.

—Ouça, princesa, vou querer tocá-la… —murmurou abrindo e fechando os dedos de suas mãos— Me dói a pele.

Gúnnr parecia ouvir a chuva cair. Tirou a camiseta do Chicago Bulls e a jogou ao chão sem cerimônias. Sem strip-tease no meio. Seus seios cheios e brancos se ergueram para frente. Ficou só com uma calcinha vermelha, casualmente da mesma cor que do que usava no peito direito. O mamilo direito?

Gabriel sofreu um curto-circuito. *Meu Deus. Meu Deus. Gozo já.* Seus olhos se tornaram negra fuligem.

— O que é isso que tem aí? —a voz soou mais aguda que o normal.

— Isto? —dirigiu seu olhar a seu seio, e puxou o aro de aço com um rubi atravessado— Um piercing. Eu o fiz com Rota faz três dias.

Ela e Bryn me levam a todo lugar…

—Me diga que não fez nada aí em baixo —sua voz era rouca. Doía pensar que algo agudo poderia ter atravessado sua tenra carne, embora fosse concebido para o prazer.

Gúnnr deixou de puxar o piercing e levantou uma sobrancelha escura e desafiante.

— Importa?

—Sim.— Engoliu saliva com força— Me importa muito.

— Por quê? —inclinou-se sobre ele e cravou-lhe as unhas nas coxas.

—Por que… — jurou que sentiu a língua de Gúnnr em seu estômago.

— O que? —disse sobre seu mamilo direito. Mordeu e o lambeu fazendo círculos. Os lábios, os dentes, a língua e o coque cor chocolate daquela preciosidade o estavam reduzindo a menos que nada.

—Por que… porque não quero que ninguém a toque aí, Gunny — estava ficando doente em só imaginar.

— De verdade? Quem fez isso foi um homem que pesava uns cento e cinquenta quilos, era calvo, tinha tatuagens por todos os lados e usava óculos de sol. Chama-se…

— Importa uma merda como se chama! —inclinou-se sobre ela, mas Gúnnr passou uma descarga elétrica nas suas coxas e saltou surpreso— Sádica!

— Tampouco me importa o que você quer! —gritou com as bochechas vermelhas e os lábios inchados e úmidos— Se me tocar, a descarga será em outro lugar.

Um músculo palpitou na mandíbula do Engel. Olharam-se com desafio, ela parecia muito mais divertida que ele.

Gabriel colocou as costas no respaldo do sofá e apoiou os braços como se fosse um marajá. Era seu castigo, e se isso fazia que Gúnnr se suavizasse e que as coisas se arrumassem substancialmente, então tudo o que fizesse sua *valkyria* seria bem recebido.

Gúnnr voltou a se inclinar sobre seu peito. Adorava mordê-lo e saboreá-lo. Sugou um de seus mamilos com força, enquanto penetrava os dedos no elástico de sua cueca e a puxava de repente e para baixo.

O pênis de Gabriel saiu em propulsão. Disparado para cima. Grosso, longo e venoso, e vermelho e inchado na ponta. Tinha um arbusto de cabelo loiro, suave e macio.

Não o olhou nas duas vezes anteriores. A primeira vez foi às escuras e a segunda vez nem sequer se olharam no rosto. Mas agora que tinha tudo para ela, queria fazer exploração. Desceu a cueca um pouco mais, e deixou que aparecessem os testículo, duas bolas grandes e pesadas. Puxou o elástico da cueca debaixo de suas bolas, e pensou que Gabriel parecia como uma oferenda.

—É como uma casquinha invertida de duas bolas —disse inocentemente—, mas muito maior.

Se risse não estaria a ponto de gozar, e isso não o tocou ainda.

—Eu gosto, Engel —anunciou com sinceridade, acariciando o saco de bolas com suavidade e curiosidade— Esta tão duro e tão grande…

—Ouça, Gúnnr… —seu pênis deu outro salto— O que vai fazer?

Gúnnr tomou o pênis de Gabriel com as duas mãos e nem sequer assim o cobria por inteiro. Inclinou-se para frente, e sussurrou sobre o prepúcio:

—Vou castigá-lo.

Gabriel queria morrer. Desaparecer. O que fosse, com tal de se liberar, embora só fosse uma vez. A primeira lambida de Gúnnr veio com acanhamento e insegurança. Ela parou para saboreá-lo e sorriu como se gostasse de seu sabor. Logo deu outra lambida mais longa, até a base, e seus olhos vermelhos se cravaram nele enquanto fazia. Gabriel acreditou que ia sucumbir como um garoto. Mas justo quando acreditava que ia gozar, Gúnnr rodeou a base do pênis com força, como se fosse um grilhão e ele se viu impedido, seu orgasmo se negou a sair.

Então, a jovem *valkyria* se dedicou a brincar com ele. Às vezes de uma forma ousada e experiente… outras, sugando na ponta enquanto trabalhava com as mãos, introduzindo até o fundo da garganta e soltando justo quando ele estava a ponto de ejacular.

— Gúnnr, por favor! —Gabriel esmigalhou o sofá com os dedos de tanta tensão acumulada que tinha— Por favor, tenha piedade!

Mas ela não a teve. Não a teve durante uma longa hora castigando-o e mortificando-o. Nunca se sentiu tão reprimido. Engasgava e estava cheio de suor. As pernas tremiam e Gúnnr não fazia outra coisa que dar um festim com ele, e deixá-lo sempre com vontade, às portas de algo grandioso.

— Dói? —pergunto depois de soltá-lo e emitir com os lábios um suave pop! Ela o controlava perfeitamente. Sabia que o estava enlouquecendo— Dói, Engel?

—Sabe que sim, bruxa —reconheceu jogando o pescoço para trás, sentindo o movimento da mão de Gúnnr. Ordenhava, estava a ponto de gozar, quase lá. Uma sacudida mais e… ela pressionou de novo a base do pênis, e seu orgasmo fico frustrado. Gabriel jogou o pescoço para trás e apertou os dentes para não explodir.

—Me senti assim no salão do Hard Rock. Dolorida — deu uma longa lambida que culminou na ponta da cabeça em forma de cogumelo e vermelha como uma ameixa— E tão excitada que ia ficar louca, mas você não me deixava.

Gabriel ia ficar vesgo se a garota não parasse de estimulá-lo. O coração ia sair do peito, e sentia línguas de fogo percorrendo suas costas e seu ventre.

Mas Gúnnr não parou e estendeu a tortura meia hora mais. Gabriel se estremecia e acreditava que estava ficando doente. Segurar o orgasmo era bom ou mau para um homem? Dava igual, se tinha que acabar com ele, que o matassem já.

— Quer gozar já? —pergunto Gúnnr com malícia. Seus olhos seguiam vermelhos e, além disso, estavam dilatados.

Gabriel negou com a cabeça, apertando os lábios em uma fina linha. Agora não ia gozar. Não dava vontade! Essa mulher o reduziu a um insignificante pudim e não ia ser vencido por ela!

Gúnnr entrecerrou os olhos. O desafio dançou neles.

— Já não quer gozar? —perguntou docemente.

—Não penso fazer — grunhiu Gabriel muito irritado. Tinha os olhos úmidos, como se estivesse a ponto de chorar— Vamos ver quem dos dois pode mais. Vejamos a quem dos dois dói mais: se a mim os ovos, ou você a mandíbula.

Gabriel ficou adormecido. Dormiu como um bebê.

O que ela acreditou que ia ser um castigo, não foi, mas sim, muito ao contrário, parecia uma desculpa em toda regra, e também um convite a acreditar que ele estava apaixonado por ela como ela estava por ele.

Atreveria-se a confiar nele?

Capítulo 22

Gúnnr dormia profundamente. E fazia nua, sem nenhum pudor nem nenhuma vergonha, mostrando seu lindo e sensual corpo a qualquer um que quisesse olhar. Ela estava nua porque ele a descobriu para se recrear nas vistas. Chicago tinha umas vistas espetaculares, mas Gúnnr, nua em sua cama e dormindo como uma pedra era tentadora e viciante. Sentiu-se afortunado por ter uma mulher *valkyria* como ela como companheira. Embora ainda não o perdoasse. Ainda não.

Estava sentado na cama, observando sua serena beleza. Acariciou o rabo do cabelo desfeito quase por completo. Passou o dedo indicador pela orelha bicuda e esta se mexeu. Gabriel sorriu. Era tão terna. Retirou-lhe o cabelo da nuca, e a expôs a ele. Inclinou-se e cheirou sua pele.

—Puro açúcar —grunhiu com desejo, beijando com suavidade.

Logo desviou a vista ao longo de sua coluna vertebral. Suas asas adquiriram de novo o tom

avermelhado, já não eram azul gelo.

Assentiu com orgulho. Já não estava gelada. Agora ardia. Ele a fez arder. Passou a palma da mão pela tatuagem tribal, por aquelas asas que morria de vontade de ver desdobradas outra vez. Sua garota tinha a pele tão suave que tinha vontade de chorar quando a tocava. Como chorou ele a noite anterior.

Não chorou só por sua tortura; chorava porque estava se libertando de anos e anos de opressão e raiva para seus pais: da introversão desnecessária com aquelas que foram suas amigas; de anos de covardia por ver e experimentar o amor só de longe. Gúnnr o ajudou a tirar todas as couraças. Agora era sua vez de ajudá-la, porque a jovem também tinha as suas.

Sentia-se eufórico e liberado, sobretudo depois de ter desdobrado suas asas. Era uma sensação estranha sentir que o corpo de alguém se expandia desse modo tão fantástico. Estudou suas costas e os intrincados tribais que tinha. As asas não só deviam sair ao fazer amor com a *valkyria* adequada. Eram uma prolongação do próprio corpo e, como tal, deveriam desdobrar segundo sua vontade. Esteve praticando enquanto ela dormia, e no final tinha preso os cabos. Se um *einherjars* desdobrava suas asas quando estava com sua *valkyria*, era porque o sentimento de estar com ela o estimulava e o fazia *voar.*

Então, depois de se colocar frente ao espelho de corpo inteiro da sala, pensou em Gúnnr. Olhava a seu próprio reflexo, com as pernas abertas, o torso descoberto, e os braços a cada lado dos quadris. Queria ver como funcionavam as asas. Seriam de grande utilidade para os *einherjars*. Pensou em Gúnnr e seu corpo se encheu de calor. Reconheceu o comichão na pele tatuada, e de repente disse:

—Gúnnr.

Zás! As asas se abriram. Asas de cor azul, iguais a sua tatuagem. Eram grandes e largas e pareciam ser feitas de raios laser.

Sorriu e, inconscientemente, pôde mover uma e logo a outra.

—Isto vai ser divertido… —Agitou as asas, coordenando o movimento de modo inato, e se encontrou levitando pela suíte. Agora já sabia que o kompromiss consumado dava de presente novas armas, novos dons tanto aos *einherjars* como as *Valkyrias*. Umas asas com as quais poderiam voar e lutar também pelos céus.

Tinha muita vontade de mostrar e desdobrar suas asas a *valkyria*. Embora para isso, primeiro tinha que admitir que o continuava amando. Gabriel não concebia nenhuma outra verdade, embora dissesse a noite anterior que não o queria.

Depois de exercitar suas asas, fez várias coisas. Não dormiu mais de três horas, mas foram suficientes para descansar e se renovar. Miya enviou uma mensagem às cinco da madrugada no que dizia o seguinte.

De: Miya

Khani adotou Ren como homem de confiança de seu círculo. Conseguiu. Ren averiguou que Khani e dois membros do Newscientists Internacional, vão se reunir na sede do Wheaton ao meio-dia. Ren assegura que hoje vão transferir o Mjölnir e nos espera às três horas. Vai permitir que

entrem na sede e, a partir daí, o que façamos dependerá de nós.

Olhou a seu Tissot. Desde que leu a mensagem, não havia voltado a dormir e levantou. Agora ficavam três horas para as nove.

Era momento de despertar Gúnnr, mas vê-la dormir o enchia de paz. A *valkyria* não queria ser doce, mas sua doçura não tinha a ver somente com seu caráter, mas sim com sua aparência. A qualquer homem sairia açúcar no sangue ao contemplá-la tal e como estava agora.

Bateram na porta da suíte.

Gabriel a abriu. O Trump tinha um serviço excelente e qualquer coisa que alguém pedia, seus homens o facilitavam. Trouxeram um café da manhã completo do Starbucks. Os cafés e as massas sempre os pediam aí. Um capuchino, tal e como gostava Gunny, e dois muffins de chocolate. Era uma boa maneira de começar o dia.

Dirigiu-se ao dormitório com a bandeja do café da manhã e cobriu de novo a jovem com a colcha. Não queria que de pela manhã ficasse na defensiva com ele.

Chispa despertou e fez um ruído divertido com a boca.

A macaca era uma piada. Aí com suas fraldas e um coquinho na cabeça com um laço rosa. Estava olhando-o com esses adoráveis olhos que diziam: *Deixa de me olhar e me tire daqui*. E não pôde evitar. A pegou com a mão livre e o animal se agarrou a seu pescoço como se estivesse acostumada a que a carregassem assim. Gúnnr e Jamie a haviam mal acostumado.

—Bom dia, Chispa. Vamos despertar à mulher trovão? —Dizia em voz baixa enquanto beijava sua cabeça— Sim. Vamos despertá-la e dar de comer.

Aproximou-se de Gúnnr e pôs o capuchino sob seu nariz. Ela abriu os olhos e piscou várias vezes.

—Bom dia, minha sádica —disse ele com um sorriso.

Gúnnr se levantou e se apoiou sobre os cotovelos, um pouco desorientada por despertar rodeada de aroma de café junto a Gabriel. Um Gabriel diferente, sorridente e quente e com Chispa abraçada a ele como se toda a vida tivesse levado crianças nos braços. Como se fosse seu novo herói.

—Ah… bom dia.

— Vê isto? —Mostrou a bandeja com os capuchinos e os muffins.

A barriga de Gúnnr roncou.

— É para mim?

—Não —respondeu com voz cantante— Se não vir em dez minutos à sala, Chispa e eu comeremos isso tudo. Estarei esperando.

Olharam-se fixamente. Gúnnr estudava a seu rosto como se fosse um quebra-cabeças que tentava encaixar.

—Não pode dar açúcar a Chispa. Não é bom para ela. —aconselhou Gúnnr se levantando e cobrindo o corpo com o lençol.

—Não. O que não é bom é que se cubra diante de mim. Depois de tudo o que me fez faz umas horas… —Gostava de ver como se ruborizava sem baixar nunca o olhar— Dez minutos. O

tempo começa… Já.

Gúnnr tomou banho em três minutos. Trocou-se em três mais. E se maquiou em outros dois. A maquiagem das humanas era fascinante. Abriu a porta do dormitório orgulhosa de ter demorado só oito minutos, e fico cativada pelo que via. Gabriel tão bonito, tão varonil e tão sexy, com a macaca nos braços lhe dando uma mamadeira. Era um sonho. Não se foi, não a deixou sozinha e, além disso, parecia que estava de bom humor e queria compartilhar seu tempo com ela.

—Sobraram dois minutos. —comentou tranquilamente.

Gúnnr encolheu os ombros e se sentou no sofá. Ligou a televisão e pôs uma emissora musical. Era viciada na música. A única virtude divina que tinham os humanos foi a de ser capazes de criar melodias e poesias e as unir para compor canções.

O café da manhã estava na mesinha da frente, e cheirava delicioso… E os muffins pareciam excelentes. Com gotas de chocolate grandes e uma bolacha macia e escura. Começava a salivar.

— Sabe algo de Róta e o martelo? Vamos a algum lugar? —Gúnnr acariciou a macaco e deu-lhe um beijo na cabeça— Por que me despertou?

—Ainda fica um momento até nos movermos —Gabriel estava concentrado em colocar bem o ângulo da mamadeira. Chispa tinha os olhos entrecerrados, lutando para não dormir, só para não deixar de beber.

O olhar de Gúnnr se tornou vacilante.

— Você a preparou?

— A bebê?

—Sim.

—Só tive que ler as instruções. Comprou de tudo para Chispa, como se fosse um bebê. Fraldas, brinquedos, um berço, roupa… —Enumerou como se em qualquer momento estivesse a ponto de cair na risada— É muito terna, Gunny.

—É um bebê —levantou as duas sobrancelhas e olhou a imagem do guerreiro com a bebê bonita nos braços— Não acreditava que bastaria comprar um mordedor em forma de plástico?

—Não. Ouça, Gúnnr…

A *valkyria* agarrou os joelhos com os braços e apoiou o queixo neles enquanto o olhava.

— O que?

—Obrigado. Por cuidar de meu tio, de Chispa e de todos enquanto eu não estive presente. É incrível—afirmou com paixão.

Os olhos azuis escuros de Gúnnr se encheram de agradecimento ao escutar essas palavras. Esfregou a bochecha no dorso da mão.

—Só tentei ajudar. —ficou muito nervosa ao ver que Gabriel a olhava com tanta intensidade— Ouça, o que vamos fazer? Tem cara de ter notícias novas.

Ele sorriu. Gúnnr o conhecia perfeitamente.

—Sim. Hoje deixaremos o hotel. É o grande dia.

—Temos notícias do martelo, então? —perguntou emocionada.

—Droga. —De repente, a macaca, que já tinha ficado adormecida, soltou o bico da mamadeira e um jorro de leite saiu disparado até o pulôver negro de lã de Gabriel e parte de seu olho direito.

Gúnnr mordeu o lábio para não voltar a rir, mas foi inevitável.

—Chispa é uma porca — murmurou Gabriel com o olho fechado com força, deixando a mamadeira vazia sobre a mesinha— Sim. Você ri, *valkyria*.

—Sinto muito. — desculpou-se falsamente, agarrando o estômago sem poder parar suas gargalhadas.

Gúnnr se compadeceu dele e tomou a macaca nos braços para que Gabriel pudesse se limpar. Chispa ficava virtualmente em coma depois de tomar a mamadeira. Deixou-a no berço com suavidade e ajustou a porta do dormitório. Eram seis da manhã e ainda estava escuro em Chicago.

Gabriel limpou o pulôver e o rosto com uma toalha e quando deu a volta, não pôde tirar os olhos de cima de Gúnnr. Por Deus. Desde quando estava tão obcecado com ela?

Tinha o cabelo limpo e úmido da ducha. Pôs uma blusa jeans, uns leggings negros e umas botas de cano alto Tommy. E usava um pulôver de pescoço alto e negro e uma jaqueta de couro que rodeava seus braços e fechava apertada, rodeando a esbelta cintura e o peito como uma segunda pele. Gúnnr não precisava sair linda para chamar a atenção. Seu estilo era chamativo por si só. Porque estava em harmonia.

—Vejo que renovou seu vestuário — disse à vontade. Sentou no sofá— Venha aqui e tomemos o café da manhã.

Gúnnr o fez porque simplesmente morria de fome. Provou o capuchino e fechou os olhos cheia de satisfação. Estava em seu ponto. Bem carregado de açúcar e o sabor era uma maravilha.

—Que bom está…

—Provou um destes? —Perguntou emocionado por degustar coisas novas— pus muito açúcar e um pouco de canela por cima. Pensei que você gostaria assim. Você gosta do doce.

Ela assentiu com a cabeça e olhou a madalena sorrateiramente.

Gabriel se adiantou, pegou um muffins e o partiu. Levou um pedaço aos lábios de Gúnnr.

—Prova. Verá como você gosta…

Gúnnr entrecerrou os olhos e retirou o rosto. Muito íntimo e muito oferecido.

—Posso comer sozinha, obrigada.

—No *Valhall* me dava de comer, lembra? —Repôs com ternura— Eu era seu convidado ali. Não soube o muito que eu gostava até que deixei que tivesse esse privilégio —confessou em voz baixa— Aqui você é minha convidada. Sei que não fui bom anfitrião, mas… Quero que prove muitas coisas que sei que você adoraria. E quero ver como desfruta disso.

—No *Valhall* era diferente. Desde que estou aqui aprendi muito —assegurou esquentando as mãos com o capuchino. Seguiu com os olhos escuros como Gabriel deixou o pedaço de muffins na bandeja— Não precisa que me mostre nada mais.

—Sim, já vi que aprendeu muitas coisas. —Estava aborrecido e também um pouco desanimado pelos receios de Gúnnr— O que fez com tudo o que comprei?

—Dei de presente às senhoras do serviço do Hard Rock —respondeu com sinceridade.

—Mmm… Você não gostava de nada do que trouxe?

—Não. Pensei que não ia me usar nada seu depois do que aconteceu —claro que não. Ela tinha dignidade e também dinheiro— Decidi encontrar meu estilo.

—Já vejo. Está muito bonita. —Seus olhos eram quentes e também inescrutáveis— Que mais fez nestes dias?

— Além de tentar salvar minha vida a cada dia? —Seu tom era ácido.

—Sim. Além disso.

—Muitas coisas. —Muitas. E quando não tinha problemas, tentava ocupar seu tempo em outros para não pensar nele.

—Claro, muitas coisas —repetiu— Já vi que furou os mamilos e que a depilaram de maneira muito atrevida. Que mais? Uma tatuagem em forma de caveira, alguma orgia, um ménage, um pouco de bondage, Gunny?

A *valkyria* arqueou uma sobrancelha e tomou um gole de capuchino. Começava a estar zangado e era divertido vê-lo.

—Não saberá nunca. —respondeu provocadora.

Percebeu que ele se ofuscava e apertava os punhos. Não estava nada cômodo com seu sarcasmo nem com sua atitude desafiante. Mas assim era ela agora. Uma *valkyria* podia aprender muito em uma semana no *Midgard*. A verdadeira sobrevivência estava aí, no mundo dos humanos.

—A noite que fui com Daanna, depois de deixá-la no banheiro, dei-me conta de que não queria que me afastasse de você. Ia voltar para pedir que me perdoasse.

Gúnnr ficou tensa e apertou os dentes.

— De verdade?

—Gúnnr, pode deixar esse tom, por favor?

— O tom de *não acredito em nada do que diz*?

—Sim. Esse. Tento me justificar com você — rogou— Quero que confie em mim.

—Sinto se incomoda, mas que espera que ache? Não vou fazer ilusões a respeito de você Gabriel. Passei muito tempo me fazendo isso e não quero sair escorraçada de novo. Sempre que acreditava que podia gostar de mim, dizia ou fazia algo que me esmagava o coração. Não quero voltar para isso. Assim me perdoe se cubro minhas costas ou tenho cautela.

—Mas… Não se sente melhor depois do que aconteceu neste sofá faz umas horas?

—Chupar seu pênis não me faz sentir melhor, o asseguro —espetou isso com dureza.

Uau! De onde saiu essa resposta? Gabriel se sentiu indignado e envergonhado em partes iguais. Agarrou-a pelos braços e a aproximou dele.

— Ouça, não se converta algo tão ruim! Não se tratou disso e sabe!

O gesto que ele teve durante a noite ia além de uma mamada. Ele se entregou a ela e lhe deu todo o controle. Abriu-se a ela e contou tudo sobre ele. Deu a chave de sua casa, dizendo de algum modo, quando nunca deixou entrar nenhuma garota nela. Mas Gúnnr o rebaixou e sujou.

—Me solte. —Os olhos de Gúnnr se cravaram nele, inexpressivos.

—Tampouco foi agradável para mim. —devolveu e a soltou— Me trataram muito melhor outras vezes.

Gúnnr se encolheu ao ouvir o tom ferido de Gabriel. Que Freyja a ajudasse… Mas estava à defensiva e não o podia evitar. Tinha medo de Gabriel. Tinha medo do Engel. Amava-o com todo seu coração, mas não estava disposta que a ferisse outra vez.

Estava se protegendo?

—Acreditei que tinha valor… —Olhou com desgosto o capuchino e a madalena— Queria tomar o café da manhã com você para conversar um momento. Esperava que passássemos um tempo juntos antes de ir atrás do martelo — explicou com uma atitude distante e derrotista— Eu contaria coisas sobre mim e você me contaria coisas sobre você. Eu lhe daria de comer e falaria de um montão de lugares que não viu ou que não conhece. Se o dia fosse muito bom, o melhor seria segurar a mão e me dar algum beijinho terno e ocasional. Digo de verdade. Desses que fazem que saia um sorriso tolo no rosto… Sabe?

Não. Não sabia. Ela não experimentou nada disso. Não sabia do que estava falando, mas ouvi-lo falar assim a emocionava e a fazia desejar todas essas coisas.

—Gabriel, o que quer de mim? —esfregou os braços, como se sentisse frio.

—Quero tudo. Imagino-nos comendo os dois do mesmo prato. Imagino-nos rindo de qualquer tolice. E nos imagino lutando juntos, um ao lado do outro, como tem que ser. Imagino a acariciando, Gunny, e demonstrando que sou de confiança… Imagino fazendo um montão de coisas e todas a seu lado. Mas só é imaginação. Porque não me deixa te ressarcir e assim não poderei me aproximar o suficiente para dizer o muito que me importa e quanto me arrependo de ter tido tanto medo de você. Faz uma semana, me disse que como eu iria escolhê-la se ninguém nunca a quis—a olhou nos olhos com solenidade— A escolheram, princesa. Imagino pedindo perdão por ser um deles. Deviam te querer. Devia te cuidar.

Os olhos de Gúnnr se encheram de lágrimas e olhou para o outro lado. Gabriel não podia deixá-la sem armadura. Como ia se proteger então? Ele podia dizer que agora queria estar com ela, mas não dizia que a amava. Entretanto, suas palavras eram como um bálsamo para sua alma ferida. *Devia te cuidar.*

—Desejo que um dia me conte quem é, Gunny, e o que aconteceu com você. Eu já contei isso tudo sobre mim. Pedi perdão. Não sei que mais dizer… Não tenho paciência com você. Eu gostaria que se abrisse hoje mesmo e me permitisse demonstrar que sim que pode funcionar —se aproximou dela até que seus corpos se tocaram.

Gabriel desprendia calor e a esquentava pouco a pouco.

—E eu necessito tempo —pediu cheia de arrependimento— Esteve apaixonado por uma mulher que nem sequer beijou durante todo o tempo que esteve comigo no *Asgard*, Gabriel. Eu tocava-o e acariciava todos os dias. Alimentava-o e curava suas feridas. Conversava com você e ríamos juntos. Mas sempre me mantinha afastada de você. Sempre. Porque dizia ter entregue seu coração a outra pessoa. E de repente, volta depois de não saber nada de você durante quase uma semana e me diz que ela não significa nada e que a quem teme é a mim…

—Gúnnr. Sei que não é fácil. Só quero que acredite em mim.

—Não posso acreditar, não compreende? Nem sequer me deu uma razão suficientemente poderosa para confiar em você. Você agora quer estar comigo, muito bem, eu o quis desde que o conheço. E o que? Fez o que eu queria? Não!

—Está assustada. Agora é você a que tem medo —segurou-lhe o rosto entre as mãos e acariciou suas bochechas com os polegares— Me pede tempo, e tempo é o único que não temos —respondeu Gabriel com tristeza— Olha como vivemos?! Hoje sairemos daqui e ninguém nos assegurará se ao anoitecer seguiremos com vida. Mas se for o que necessita, toma todo o tempo que quiser enquanto continuarmos vivos. Nossa luta toda, Gúnnr —grunhiu apaixonado— Estamos em meio de uma guerra e hoje podemos dar o golpe definitivo. Eu adoraria estar em outro lugar, eu adoraria a ter só para mim, e dar toda a atenção que só você merece. Mas nos vemos obrigados a brigar. E entre guerras, mortes, mal-entendidos e brigas quero demonstrar que quero estar com você. Não pode tornar isso mais difícil?

—Não quero tornar difícil —refutou indignada, segurando seus pulsos para se segurar.

—Não, claro que não. —Cravou seu olhar nos lábios macios e úmidos de Gúnnr— Você é das boas… —Sua expressão se contorceu como se doesse algo ou faltasse algo— Estou aqui. Só quero que saiba. Tive que ir para me dar conta de que o que sempre quis estava diante de mim. Sou patético.

—É um caipira míope.

—Se cale já, Gunny. Preciso de gasolina para hoje. De verdade que necessito.

— Gasolina? —Repetiu como um papagaio.

—Sim. Me mime um pouco, florzinha, me tratou muito mal.

Gúnnr lambeu os lábios e seus olhos cor índigo se fecharam. Por que Gabriel tinha que estar tão bom? Por que se tornou tão doce e tão sincero com ela? *Diga-me isso uma só vez. Se for verdade*, *diga-me uma só vez que me ama. Eu sou das que precisa ouvir.*

— Quer uma descarga como Tesla? —estava ficando maleável. A proximidade de seu corpo a deixava louca e ofegante. E todas as razões pelas quais não deveria se aproximar dele, apagaram-se de repente.

—Me dê um beijo. Quero algo doce e açucarado. Quero uma lembrança cheia de nuvem, porque hoje pode ser nosso último dia. Cada dia pode ser o último e não quero esquecer. E se vou daqui de volta à origem, quero que seja seu sabor que me acompanhe.

— Meu sabor?

O céu estava nublado e trazia chuva. A água golpeava os vidros timidamente. Mas Gúnnr estava perdida nos olhos azuis de Gabriel e o clima era absolutamente indiferente.

— Me dá essa lembrança feliz? —Sussurrou ele com ternura.

Ela engoliu saliva com força e assentiu com a cabeça muito lentamente, como se cada movimento estivesse calculado. Na realidade, estava, porque estava medindo a grandeza do momento.

—Certo —respondeu cativa— Mas a roupa continua em seu lugar depois.

—O mesmo digo, *valkyria*.

Gabriel sorriu e passou o polegar por seu lábio inferior. Inclinou-se e elevou Gúnnr para ele.

Só ia ser um beijo. *Só um. Não se torne louco,* dizia. Mas ela estava bastante linda. Seus olhos eram uma linha escura; seus lábios rosados se entreabriam para ele. Acariciou com seus lábios os dela. Uma, duas, três vezes. Gúnnr cravou as unhas nos pulsos. Seus fôlegos se misturaram. Olharam-se fixamente e um pequeno raio dançou entre os lábios dele e dela. Gabriel sorriu e passou a língua pelo lábio superior. Ela se aproximou um pouco mais a ele, com supremo interesse, como se o corpo grande de Gabriel fosse um ímã.

Ele deixou cair a cabeça e grudou sua boca na dela e se beijaram. Sugou-lhe o lábio superior e lambeu o inferior. Logo o mordeu e o puxou.

Gúnnr deixou sair ar de seus pulmões e soltou seus pulsos para agarrar ao pescoço de seu pulôver negro.

—Se abra —ordenou ele.

Se foi uma ordem, não importava. Gúnnr entreabriu os lábios e Gabriel colocou a língua em sua doce cavidade. A *valkyria* tremeu e sugou-lhe a língua. Ele gemeu e ela se encorajou. Introduziu sua língua e acariciou os dentes e os lábios com ela. Logo dançou com a de Gabriel, dando sugadas e lambidas. Queria sentar sobre ele, o montar. Adorava essa posição e precisava sentir o corpo de seu guerreiro contra o dela. Mas fazê-lo e se deixar levar significava se despir de novo, porque ela não saberia parar o desespero e fome que parecia ter de Gabriel, ele tampouco poderia parar. Não obstante, estava bem beijar. A seus lábios gostava de beijar e a seus donos também.

Era um beijo. Mas nem Gúnnr nem Gabriel valorizavam os beijos. Eram conscientes de que neles podiam dizer todas as coisas que não diziam. Era como a colisão de dois mundos que, através da rendição, criavam um novo. Efêmero, mas mais brilhante e real que o mundo que ambos deixaram.

Gabriel cortou o beijo, segurando ainda a cabeça de Gúnnr entre suas mãos. Beijou seu queixo, sua bochecha e a ponta de seu delicado nariz. O peito de Gúnnr subia e descia rapidamente. Ainda não abrira os olhos.

—Já pôs meu motor em movimento—sussurrou Gabriel sobre seus lábios. Beijou-a de novo, um beijo que de tão rápido que foi nem sequer o sentiu— Pus o seu?

Gúnnr abriu os olhos de longos cílios negros. Os pintou com o Kohl azul escuro. Piscou para se localizar e focalizar o rosto amado de seu Engel.

— Como? —Disse sem compreender a pergunta.

Deu-lhe de presente um sorriso perfeito e branco. Roçou seu nariz com o dele.

—Que pôs meu motor em funcionamento. Já tenho gasolina, meu bem.

Meu bem. Meu bem? Pelas visões das *nornas*! Podia um homem ser sexy falando? *Muito bem Gúnnr. Reage. Que não pense que é lerda.*

—Meu motor é elétrico. Não necessita gasolina —sorriu por sua resposta.

—Então, darei o que necessita. —estava se aproximando, inclinando-se para beijá-la outra vez como um homem desesperado. Mas o som do telefone do quarto o parou.

Isamu o chamou. O programa de reconhecimento captou uma semelhança de noventa e nove por cento, e os filtros de áudio se limparam e podia escutar o que diziam os dois homens no túnel.

O vídeo era muito claro. E as palavras que trocavam também.

—Avisem o Diabo. Que esteja preparado em uma semana —disse que estava encapuzado e tinha o rosto e o corpo queimado— Siga o procedimento. Primeiro Batávia. Depois Diabo. A lança e a espada dever ir juntas. Abriremos o portal.

—Sim, senhor. —foi a única coisa que respondeu o punk.

—Ah, e Cameron —disse o queimado—, quero a garota que detecta o martelo. Vou desfrutar muito quando a tiver em minhas mãos.

Gabriel e Gúnnr olharam o vídeo com atenção. Quem eram Batávia e Diabo?

Já imaginavam por que queriam Gúnnr. Ela detectava o Mjölnir e, portanto deviam eliminá-la, assim não o impressionou ouvi-lo.

—Há mais —assegurou Isamu enquanto recebia agradecido uma taça de café de mãos de Jamie— O de rosto queimado é o mesmo que desenhou a menina do clã do Wolverhamptom.

— O mesmo que desenhou Nora? —Perguntou Gabriel assombrado.

Nora desenhou o homem que via em seus sonhos, como um dos que entravam em contato com o Loki e praticavam o Seirdr.

Fazia pouco que a pequena conseguiu ver o rosto já que, as últimas vezes que o desenhou, sempre o via de costas, com o cabelo comprido por debaixo dos ombros e o tronco nu. Entretanto, Nora por fim o viu, e o programa de reconhecimento facial o delatava.

—Então, trata-se de Hummus —disse Gabriel— Me explicaram que era um berserker, e que parece ser o líder do Newscientists e a seita Lokasenna. Atentou contra os clãs faz quatro dias e, sobretudo tentou ferir a Escolhida. Atemos os cabos. Hummus aparece queimado nos túneis de Chicago o dia depois de ter instalado as câmaras. Faz uma semana que isto foi gravado. No vídeo fala da lança e da espada, e de dois homens: Batávia e Diabo. Eles abrirão o portal.

—Batávia não é o nome de uma pessoa —assegurou Jamie com segurança.

— Não? —Gabriel franziu o cenho.

—Batávia, sobrinho, é o nome de uma cidade que está no condado de Kane. Perto de Wheaton e Geneva. E, além disso, muito popular porque ali se encontra o Fermilab.

—Claro —exclamou Isamu— É o laboratório de física de altas energias, onde se acha o segundo acelerador de partículas mais potente do mundo. Caralho, isto começa a dar muito medo.

Os cinco ataram cabos imediatamente.

—Mjölnir está na sede do Newscientists de Wheaton. Ren nos espera ali, e vai facilitar a entrada —disse Gabriel— Devemos recuperar o martelo.

— Ren é um traidor! —Gritou Bryn— Sabia!

—Não é — declarou Gabriel— Generala, tem que confiar em mim. O assunto tem muito mau aspecto, mas acredito que já sabemos todos para onde vão os tiros. E não temos tempo que perder. Tio Jamie —disse Gabriel— Preciso que entre em contato com os clãs de Black Country e

os informe de tudo o que temos descoberto. Vamos a Wheaton imediatamente.

Jamie assentiu.

— E se for uma armadilha? —O bonito rosto desafiante de Bryn encarou o Engel— Já perdemos muitos. Róta está nas mãos deles, e não pode acontecer nada…

—Por isso não podemos falhar desta vez —Gabriel agarrou os ombros de Bryn para tranquilizá-la e insuflar confiança— Temos que aproveitar que o vento, às vezes, sopra a nosso favor.

Gabriel, Bryn e Gúnnr viajavam para Wheaton no Tesla.

Miyako, Aiko e Isamu, foram atrás deles em um Jipe Wranglers de cor negra metalizada e com os vidros pretos.

No horizonte, o sol manchava as espessas nuvens, mas não o suficiente para dar claridade. Estavam preparados para tudo. Era agora ou nunca.

As mãos livres se iluminaram e a voz de Miya emergiu com claridade.

—Engel.

—Sim —respondeu Gabriel olhando a estrada.

—Milwaukee vai para Betavia. Estão se mobilizando.

— Chegarão a tempo?

—Tentarão.

—De acordo. Como vamos entrar?

—Terá que me ceder a liderança uns minutos, poderá com isso?

—Não. Não poderá —murmurou Bryn com malícia.

Miya começou a rir e cortou a comunicação.

No Tesla, Gúnnr olhou Gabriel com preocupação.

— Por que confia em Ren? —era uma pergunta óbvia. Tudo indicava que Ren podia estender uma armadilha.

Gabriel olhou pelo retrovisor e fixou seus olhos azuis no Jipe.

—Porque Miya confia nele e eu confio em Miya. Sei que o samurai não permitirá que Ren o traia.

— Como pode controlar isso? É impossível —Bryn vestia negro e vermelho. Calças negras, botas negras e um espartilho negro e vermelho, muito apertado, com uma jaqueta escura por cima. A General estava muito zangada e tinha vontade de entrar em cheio na guerra.

—Não pode controlar. Mas sim pode cortar o mal pela raiz quando o vir —respondeu Gabriel.

—Deve ser doloroso que um amigo o traia desse modo —supôs Bryn— As *Valkyrias* não suportam a traição. E levamos ao final o olho por olho.

—Já me dei conta —murmurou olhando a uma silenciosa Gúnnr— Mas Miya sabe o que tem que fazer, e se descobrir que no final foi traído, não o cortaria pela raiz por vingança. Cortaria pela raiz por respeito a Ren. —*O samurai é digno e leal,* pensou— No que pensa, Gunny? —a *valkyria*

estava meditativa e olhava à frente com um gesto claro de concentração.

Gúnnr encolheu os ombros.

—Acredito que se Ren consegue abrir as portas do Newscientists e recupera assim o Mjölnir, terá aplicado com êxito tudo o que dizia Sun Tzu.

Gabriel ficou surpreso e, se não estivesse apaixonado por ela, acabou de cair em suas redes depois dessa conclusão a que a jovem chegou.

— Por que acha isso?

Gúnnr tirou uma penugem invisível do leggings negro.

—Porque li várias vezes o manual desse homem e acredito que se opõe à guerra, como você. Você não procura um confronto aberto entre eles. Não nos encontramos num campo de batalha em nenhum momento. Foi dando passos de formiga sábia e chegou ao coração de seus centros de operações, sem fazer ruído, justo quando menos o esperavam… Sabia de Ren e não disse a ninguém. Desse modo pode se infiltrar nas linhas inimigas e descobrir seus segredos.

— Leu Sun Tzu? —perguntou com uma ereção de cavalo. Essa mulher penetrou diretamente em sua alma e em sua calça.

—Sim. —ruborizou, mas tentou dar um tom de pouca importância— Você gostava tanto que entendia o que via nele. E agora compreendo. Pode conseguir o que quiser se não fazer muito ruído.

Meu deus. Queria dar uma freada e beijá-la até que os dois ardessem.

—E me diga, por que acha que agora é o melhor momento para atacá-los?

Gúnnr inclinou a cabeça a um lado e mordeu a unha do polegar enquanto refletia qual era a melhor resposta.

—É agora, não só porque se deram as condições graças a Ren, mas sim porque eles se sentem ganhadores. Explodimos seus túneis, mas eles têm Róta, os totens e assassinaram nossos amigos. Além disso, Khani acredita que Ren está com ele e que é um delator. Não esperam nada do que vai acontecer e se curvam à sua glória particular. Se não lembrar errado, seu querido mestre diz algo assim como: *"Quando eles estão satisfeitos, prepare-se para lutar; quando se sentirem poderosos, evite-os".*

Mas eu gosto dela. Gostarei desta mulher enquanto puder. Não vai se libertar de mim nunca mais.

—Mjölnir está perto —murmurou Gúnnr com a palma aberta contra o vidro— E o estão manipulando. Chama-me, Gabriel… —Sussurrou.

O Engel pôs sua mão sobre a coxa de Gúnnr e levantou a palma para cima. Gúnnr a olhou em dúvida e, no final, entrelaçou seus dedos com os dele e comprovou a diferença física que havia entre eles. Sentia-se pequena a seu lado.

Wheaton estava a quarenta e cinco minutos de Chicago. Newscientists estava nos arredores de Cantigny, uns jardins botânicos espetaculares de duzentos hectares. A Newscientists se erigia ali como um edifício de quatro andares, todo envidraçado, para que vissem o que fazia com total transparência. A vista da sociedade trabalhavam com substâncias e materiais cirúrgicos; deviam guardar as aparências. Acima estavam os escritórios, mas Gabriel sabia que a verdadeira vida da

Newscientists estava sob o edifício. Como aconteceu em Londres, na rua Oxford, ninguém imaginaria nunca o que ali se fazia realmente, mas o clã vaniro de Miya conhecia perfeitamente o que acontecia em seu interior. Ali levou a alguns membros sequestrados de seu clã.

Eram nove da manhã. A hora exata.

Gabriel se preparou bem no interior do Tesla. Colocou as proteções de ombros e torso, e ajudou a colocar suas *Valkyrias*. Colocou os braceletes americanos de titânio e revistou suas pulseiras. Iriam entrar pelo estacionamento subterrâneo que tinha entrada particular e direta ao edifício.

Bryn e Gúnnr fizeram o mesmo com seus *bue*.

—Gúnnr, não preciso dizer nada, porque é toda uma guerreira — disse Bryn— Mas se não tomar cuidado, a matarei.

Gúnnr sorriu e colocou sua testa sobre a dela.

—*Surripie takk for alt, nonne. Jeg I hjertet.*[47]

O rosto de Bryn se enterneceu e refletiu o mais profundo vínculo entre mulheres. Um invisível cheio de respeito, solidariedade e carinho. Como devia ser. A Generala sorriu à sua irmã caçula e se rendeu a sua aceitação e amor.

—*Jeg I hjertet, nonne*[48]. —respondeu Bryn beijando-a nos lábios. Separou-se dela e olhou Gabriel— Estou preparada, Engel.

Gabriel assentiu e olhou a Gúnnr.

— E você, florzinha? Está preparada?

Gúnnr se levantou do capô do Tesla e cravou a vista no edifício que iriam demolir. Mjölnir estava ali e ela sabia como encontrá-lo. Só tinha que se deixar levar.

—Vamos atrás deles*, capullito.*

Entraram pelo estacionamento onde encontraram Miya. O guarda não estava, tal e como informou Ren. O vaniro abriu as portas para que eles pudessem entrar e, além disso, congelou as imagens dos monitores de segurança.

Miya os guiou até os elevadores. O plano era chegar aos andares inferiores.

Khani estava em uma sala magnetizada com Ren. Ren nunca esteve no Newscientists, mas, aparentemente, tinha três andares mais subterrâneo. O primeiro era a que estava protegida por vampiros e lobachos, e ali é onde deviam ir.

—De acordo —Miya desembainhou sua espada e deixou que a luz do elevador a banhasse— Chegamos até aqui, o principal é não deixar que saibam que estamos em sua casa. Todos os andares terão um sistema de alarme e nos seria muito ruim que o ativassem, porque o primeiro que evacuariam seria o Mjölnir. Ren me disse que cada andar tem sua própria rede de eletricidade, quer dizer que não há uma caixa comum para todas. Portanto, se querem fundir o ferro, podem fazer. Não sabemos onde estão a espada e a lança. Mas eu sim sei algo com segurança e é que Róta esta aqui.

[47] *Em norueguês significa, muito obrigado por tudo irmãzinha. Eu, eu seu coração.*
[48] *Em norueguês, eu em seu coração, irmãzinha.*

Gúnnr e Bryn se agitaram diante da notícia. A Generala não deixava de tocar o esterno como se algo estivesse errado.

— Como sabe? —Perguntou Gúnnr.

—Posso cheirá-la —disse sem mais. Tirou o vidro de pastilhas Aodhan e colocou duas na boca. Engoliu a seco. Sim, Róta estava aí, e era um aroma impregnado de dor e sofrimento, pensou cheio de ira.

—Róta continua viva —assegurou Bryn com os olhos cheios de lágrimas— Mas está fraca e sente muita dor.

Gúnnr e Gabriel apertaram os dentes. Deviam salvá-la dali. A ela e a todos os que estivessem presos com ela.

—Este é o plano. Dividiremo-nos em casais —disse Miya— Gúnnr e Gabriel e Bryn e eu. Aiko e Isamu estarão fora controlando o que passar ao redor. Quando virmos Ren, ele nos dirigirá para a Róta e poderemos libertá-la.

Saíram do elevador com as premissas claras. Parecia que todos os andares, menos o que estavam, tinham dois guardas revisando a sala de monitores. Ambos tinham a runa de Loki no braço.

—Bryn —murmurou Gabriel— Quebra as telas.

A General centrou seus olhos azuis na sala, e caminhou para ela.

— Ei, olha! —Disse um guarda ao outro— Bela fêmea —grunhiu alisando o espesso bigode— Venha aqui, bonita e nos diga no que podemos te ajudar.

Bryn sorriu com suficiência. Levantou a mão com a palma aberta e logo a fechou fazendo um punho. Milhares de fios elétricos saíram dele e impactaram nas telas dos monitores. Qualquer aparelho elétrico deixou de funcionar, e isso provocou um curto-circuito no andar. Logo esporeou seus *bue* e tirou seu arco e duas flechas. Colocou-as na corda e atravessou as cabeças dos surpreendidos guardas que morreram com caras de autêntico terror.

Gabriel olhou a seus guerreiros.

Miya sorriu.

Gúnnr cravou o olhar na porta metálica que abria e fechava ao fundo. Ouviram gritos de surpresa e estupefação. Ninguém sabia o que acontecia.

Gabriel sim. E o faria ter sabor de Khani.

—Por essa porta daí —assinalou Gúnnr com seu arco em mão— Mjölnir está aí.

—Aí é onde nos espera Ren —assegurou Miya.

Correram juntos até seu destino.

Gabriel foi o primeiro que, com suas duas espadas na mão, cortou as cabeças de dois lobachos que corriam pelas laterais das paredes, desafiando as leis da gravidade e se lançando para eles. Aquelas bestas selvagens atacavam sem ordem alguma. Não eram inteligentes, eram só força e violência, pensou Gabriel. Dois mais vieram contra ele, mas uma flecha cor vermelha atravessou a cabeça de um dos lobachos e isso permitiu que Gabriel se equilibrasse de joelhos sobre os ombros do outro e cravasse suas duas espadas no crânio da besta, trespassando-o por completo. Olhou para trás e se encontrou com Gúnnr, mostrando a língua e sorrindo como uma

menina pequena.

— Cuida do seu traseiro! —Gritou a *valkyria*.

Gabriel soltou uma gargalhada, deu um salto mortal para trás e fez um bloqueio a alguns humanos que tentavam parar a correria de seus guerreiros. Agarrou ambas as cabeças e as chocou uma contra a outra, matando-os no ato.

Na Black Country os vaniros e berserkers tinham um pacto de não agressão aos humanos, mas não marionetes dos jotuns. Ele, como guerreiro, não ia deixar o marionete com cabeça.

Bryn lançava raios a torto e a direito. Primeiro os feria e logo os queimava.

Gúnnr se limitava a esquivar os golpes e a trespassar jotuns como se tratasse da melhor das elfas. Bryn era a melhor arqueira, mas Gunny não ficava atrás.

Miya era incrível. Deslizava sobre o chão a grande velocidade. Seus cortes eram certeiros e nunca falhava.

Quantos teriam matado? Considerava-se genocídio quando as vítimas eram seres demoníacos filhos de Loki? Já não importava.

Chegou um momento em que já não os atacavam: não saía nenhum jotuns mais de nenhum lugar para espreitar. Não demoraram nem quinze minutos para derrubá-los. Ao fundo, uma sala se iluminava em rajadas e se escutava o som de algo elétrico em movimento. Algo que não necessitava eletricidade para funcionar.

Gúnnr sentiu que ela mesma se carregava de energia e caminhou para frente.

Gabriel a parou com seu braço e fez negações com a cabeça.

—Apara trás, florzinha. Não se exponha.

Gúnnr assentiu e obedeceu a Gabriel.

Entraram os quatro, manchados de sangue, com passos cheios de segurança. A sala estava infestada de metais e vidros por todos os lados. Era um cubículo circular.

No centro de uma plataforma havia uma caixa quadrada de vidro escuro.

— Ren? —Perguntou Miya.

—Ren vai matá-lo, perdedor —disse Khane, aparecendo atrás da caixa, vestido de negro, com aquele sorriso de presas afiadas— Vá pegá-los.

Ren saiu de trás de Khani com o rosto em sombra. Tinha olheiras, os olhos muito brancos e expressão de loucura. O cabelo arrepiado loiro e negro estava desordenado, como se tivesse passado os dedos uma e outra vez, e para todos os lados.

—Ren —murmurou Miya com pena— Irmão? Continua aí?

Um grupo de oito vampiros e lobachos os rodeou.

—Os ataque, Ren —ordenou Khani.

O vaniro não se moveu. Olhou fixamente aos que ainda reconhecia como seus amigos, mas não atacou; não moveu nem um músculo.

—Gúnnr. Bryn —disse Gabriel assentindo com a cabeça.

As *Valkyrias* dirigiram as palmas de suas mãos para os jotuns que os rodeavam. Dois raios azuis com uma potência sublime atravessaram aos oito e caíram fulminados ao chão. Gabriel e Miya, limitaram-se a rematá-los no chão, ante o incrédulo olhar de Khani.

— Maldição, chinês de merda! —Khani empurrou a Ren— Se mova, merda!

Ren o olhou por cima do ombro e lhe dirigiu um olhar assassino.

—É japonês. Imbecil. —Elevou a perna e bateu no rosto do vampiro. Khani caiu ao chão. Ren o agarrou pelas lapelas de sua inseparável jaqueta e o arrastou até onde estava Miya.

—Dou-lhe de presente Khani, e de presente toda esta escória —assinalou a sala abrindo os braços— Mas já não posso continuar. —Olhou fixamente a seu amigo Miya— A *valkyria* de cabelo vermelho está no andar inferior três. Não está sozinha, há muitos outros que a acompanham. São todos reféns.

— Nem você nem ninguém pode salvar Róta! —Gritou Khani com o lábio aberto e sangrando— Ela é de Seiya! Sim! Ela é de seu irmão! —Khani riu fortemente olhando Miya.

Miya empalideceu e apertou os cabos das espadas.

— Seiya não está aqui! —Gritou Miya— Ele não tocou Róta! Não!

Khani jogou o pescoço para trás e riu com mais vontade.

—Continuo sem acreditar que sejam irmãos. Um ambicioso e o outro tão conformista. Seiya sabe o que quer, não como você. Quando agarramos a *valkyria* pareceu curioso que ela cheirasse a você. O comuniquei a Seiya e veio imediatamente conhecê-la. Não demorou em confirmar. Ele disse que você marcou a *valkyria*, que podia cheirá-lo nela. São irmãos e têm gostos similares, assim quem pode culpá-lo pelo que fez? Simplesmente, ele a viu e a tomou para ele.

Miya girou e correu com desespero para ir procurá-la. Bryn o seguiu, igualmente afetada.

—Não a busquem —disse Khani entre gargalhadas possuídas de maldade— Não está aqui. De fato, saíram faz dez minutos.

Gúnnr se aproximou de Gabriel e sussurrou.

—Algo vai errado.

—Me diga.

—Não sinto ao Mjölnir. Nessa caixa de cristal negro não está o martelo. Não… Não o sinto já. Estão o movendo.

Gabriel parou Miya, que estava lançando a katana contra Khani, o qual atemorizado, cobria-se com os braços.

—Não nos serve de nada morto, Miya. Ren. —ficou olhando o samurai— Está seguro que Mjölnir segue aqui?

Ren olhou a caixa de cristal negro com interesse. Miya ainda seguia com a katana em alto.

—Deveria estar aí —respondeu Ren.

— É óbvio que não! —Exclamou Khani entre dentes— Acredita que sou estúpido? Acha que não tenho um plano de evacuação para estes casos? Sou igualmente estrategista que você, loiro —olhou Gabriel— Troquei a caixa sem que ninguém se desse conta. Pressiono um botão e a caixa viaja até onde realmente importa. Quer dizer, fora de seu alcance. E em troca, coloco essa linda caixa em cima para substituir a outra.

Ren se aproximou da plataforma. A caixa estava situada sobre um tubo vazio que conectava com um subtúnel. O ainda vaniro deu um salto nela e caiu de pé sobre o cristal. Não havia nem rastro do martelo nela.

—Tiraram-no —disse descendo de um salto— Tem razão. Não vi como o fizeram. Lamento.

—É óbvio que tenho razão puto traidor. Ainda resta sua alma, como é possível que tenha me traído?

Gabriel tentou não perder o controle. Nunca, em seu tempo como líder, sentiu-se tão contrariado como nesses momentos.

Miya chutou Khani com força.

— Onde está Róta?! Onde está?! —Gritava enquanto o golpeava, possuído pelos demônios da ira e da raiva.

Gúnnr apertou os punhos e se dirigiu para o Khani. A *valkyria* o olhou de cima a baixo. Gabriel abriu seu iPhone e ligou o programa via satélite que localizava energia eletromagnética fora de controle. Um ponto vermelho e intermitente se movia para o Winfild.

—Isamu e Aiko —disse Gabriel pressionando o comunicador em sua orelha— saiu algum caminhão ou algum trailer do estacionamento?

—Faz dez minutos —respondeu Isamu através do comunicador.

—Sigam-no e tentem detê-los. Neles vão Róta e Mjölnir. O que se sabe dos berserkers?

—Os vira-latas já estão na Batávia —respondeu Isamu.

—Bem. Que não se movam daí. Que rodeiem Fermilab e destrocem o acelerador. Ninguém deveria utilizar isso nunca. —Gabriel pressionou a ponte do nariz.

— Como o averiguou, loiro? —perguntou Khani com assombro.

—Sou um estrategista como você, mas sou muito melhor. Miya e Bryn, necessito que, por um momento, deixem as emoções de um lado —pediu— Necessito Khani vivo.

Gabriel passou as mãos pelo rosto e gritou de raiva e impotência.

—Ao menos o temos. E é um covarde. Pode contar, Gabriel —declarou Gúnnr querendo dar apoio — o farei chorar. Igual a… como fez chorar Róta —disse emocionada sem poder parar suas lágrimas.

—Sei, Gunny —a aproximou dele e a abrasou com força. A sua querida Gúnnr pesava mais em não ter recuperado a sua amiga que Mjölnir escapasse dos dedos. Ela afundou o rosto em seu peito.

Capítulo 23

Khani despertou em uma cama metálica. Com um foco de luz no rosto e uma câmara de vídeo gravando. O vampiro entrecerrou os olhos e limpou a garganta. Não podia mover nem os braços nem as pernas. Um Jipe e um Tesla o rodeavam como se ele fosse uma estrela que necessitava atenção.

Ao lado direito de seu rosto, apoiado sobre a mesa metálica, havia uma caneta com uma espécie de luz que emitia um brilho vermelho. Era curioso porque não podia se comunicar com ninguém mentalmente nem ler nenhuma das pessoas que aí se encontravam.

—Bom, bom… —Murmurou Gabriel se inclinando sobre o Khani— Estará perguntando: Onde

estou?

— Onde estou? —Perguntou aturdido.

—Está na Batávia —respondeu solícito— Certo que também está pensando por que não pode utilizar seus dons mentais, verdade?

Khani entrecerrou os olhos e sorriu a Gabriel.

—Drogou-me, filho da cadela: posso sentir a droga em meu sangue. Mas, sabe o que? Não penso falar. Não vai tirar nenhuma…

Gabriel enfiou-lhe uma adaga orvalhada de ácido na coxa e Khani gritou, mas Miya tampou sua boca para que não se ouvisse nada. Estavam ao ar livre, perto de Fermilab. De fato, de onde estavam, tinha uma vista fantástica do laboratório nacional.

Isamu e Jamie ficaram com Ren no Budget Inn da Batávia. Isamu tentava manter a sede de sangue de Ren sob anestesia.

Os berserkers do Milwaukee se reuniram com eles e Jamie estavam os informando sobre tudo o que acontecia e agradecendo sua colaboração. Jamie se destacou como um incrível relações públicas com um maravilhosos dom para as pessoas.

Gabriel não podia estar mais feliz por ele. A vida de seu tio deu um giro brutal e precisava se amoldar o mais rápido possível e se sentir útil para os clãs e, sobretudo, para Isamu.

—Verá, Khani —Gabriel removeu a adaga entre seus músculos e um jorro de sangre negro saiu disparado de sua perna— Não me importa quanto tempo vou estar com você. Vai falar — jurou, cravando seus olhos obscurecidos em seu rosto— Necessito que me responda algumas duvidas que tenho.

— Que se foda. Não pode me matar, precisa saber que vai acontecer. Se continuamos aqui ainda é porque Mjölnir não fez nada com os anéis do acelerador, verdade?

Gabriel o ignorou e seguiu com sua tortura.

—O Fermilab foi eficazmente manipulado por um grupo de berserkers de Milwaukee — explicou Miya com voz assassina.

—Os vaniros dos Estados Unidos não têm relação com os berserkers —cuspiu Khani— Nos asseguramos disso.

—Agora sim. —O samurai encolheu os ombros— As coisas mudam.

Khani franziu o cenho momentaneamente.

— Não importa. Chegarão tarde, não podem parar algo que está planejado desde…

Gabriel enfiou outra adaga na outra coxa de Khani, e este se sacudiu preso da dor.

—Tenho toda a noite —declarou o Engel.

— Tem uma merda! —Gritou Khani com os olhos sanguinolentos.

— Quer ver como uma mulher o faz chorar como um neném? —perguntou Gabriel trabalhando meticulosamente em sua outra perna.

Gúnnr, que estava com Aiko e Bryn, aproximou-se deles porque queria saber que tipo de resposta dava. A *valkyria* abraçou a cintura e se situou ao lado de Gabriel. O Engel a olhou a sua vez com uma aceitação e uma adoração absoluta.

Khani a olhou e sorriu.

—Olá, megera.

O rosto da *valkyria* era inescrutável. Gúnnr colocou a mão aberta a dois palmos do pênis de Khani e lançou uma descarga elétrica, que o levantou da maca e o fez chorar como uma criança.

—Minha *valkyria* —disse Gabriel— se assegurou que é um covarde e que não suporta a dor, de fato. —Soltou um sorriso cheio de orgulho— E concordo plenamente com ela. É um líder, Khani. Na realidade, ganhou o respeito de outros porque parece violento e agressivo, implacável. Mas o único que eu percebo nessa atitude é o medo de um vampiro muito emocional.

—Os vampiros não têm emoções.

—Quando há um ego tão grande como o seu, segue havendo uma emoção subjacente. E essa é a que vou reduzir.

Gabriel, Gúnnr e Miya lidaram com o corpo de Khani durante uma hora. Produziam suficiente dor para deixá-lo louco, mas não para deixá-lo inconsciente.

—Certo que nunca se sentiu tão vivo como agora. É o que faz a dor. Aviva nossos sentidos e nos lembra de que estamos vivos.

Um não morto como você deve agradecer este presente.

Khani nem sequer podia falar. Estava derrotado.

Quando Gabriel acreditou que era suficiente, que o vampiro estava vencido, Aiko lhe inseriu pentatol no sangue, um soro que obrigava a dizer a verdade.

Afastaram-se de Khani, sentaram sobre o capô dos carros e começaram a torpedeá-lo com perguntas.

Aiko segurava uma câmara de vídeo com a que ia gravar toda a informação que desse o vampiro.

—Muito bem, Khani. Façamos isto rápido —Gabriel esfregou as palmas e fez lugar para que Gúnnr se sentasse bem perto dele— Quero que saiba que destroçamos sua sede. Já não fica nada do Newscientists aqui. Tudo e todos os que trabalhavam aí dentro voaram pelos ares. E agora vamos ao que realmente importa. Quando minha equipe perseguia os dois trailers pela estrada que vai desde Winfield a Geneva, dois helicópteros militares de transporte se colocaram sobre eles e capturaram as duas cargas que levavam. Em um contêiner foram os reféns que estiveram torturando. Róta estava entre eles. No outro estava Mjölnir. Também estão a lança e a espada? Em que contêiner?

—Não… devem ir juntas. Mas se falhassem na missão, havia ordens expressas de que deixassem os dois objetos no contêiner dos reféns.

— Aonde levam os reféns?

Khani lambeu os lábios secos e cheios de seu próprio sangue. Movia a cabeça de um lado ao outro, como se quisesse fugir do interrogatório e suas possíveis respostas, mas isso não ia acontecer.

—Levam aos reféns aos Bálcãs.

Em Miya abriram os orifícios do nariz e apertou a mandíbula. Seus olhos amendoados eram duas frestas prateadas.

— Por que aos Bálcãs?

—Porque a sede principal Newscientists se encontra justo ali. É… ali onde levam todas as espécies. Desde humanos com dons a seres como nós…

—Levam diretamente? —Perguntou Miya ansiosamente.

—Não… —Negou com a cabeça— Se interessa por alguém que há nesse contêiner?

— Não foda, Khani e me responda!

—É patético… —Cuspiu o vampiro—…Param na Escócia.

— O que há na Escócia? —Gabriel tinha um quebra-cabeças diante de si, mas não sabia unir as peças para que formassem um desenho.

—Ali estão Seiya e Cameron. Pararão para deixar a puta com Seiya. Já que… —olhou para Miya com prazer — a *valkyria* é dele.

Miya se levantou do Jipe, decidido a arrancar o coração do maldito nosferatus. Mas Gabriel e uma pálida Bryn o detiveram.

—Se acalme. Terá que chegar ao final de tudo isto, Miya. —Perfeito, é aí onde Gabriel queria ir parar. Os reféns faziam uma parada na Escócia — Onde pararão?

—Não… sei. Seiya tem um laboratório aí e está em contato permanentemente com Lucius. Mas não sei onde o têm localizado.

—Lucius…

—Sim. Ele e Hummus vinham hoje ver o espetáculo. E mais, eles dois estão trabalhando especialmente em localizar todas as possíveis portas de entrada de Loki a seu mundo.

Assim, depois das tentativas frustradas de matar Daanna, Hummus devia dar um golpe de efeito na América.

— O que é Diabo? —Perguntou Gabriel— Hummus disse que primeiro deviam ir a Batávia, e logo a Diabo.

Khani sorrio e olhou o céu estrelado.

— Conheceu a nosso senhor? —Cuspiu— Diabo… Está na Flórida —a droga fazia seu efeito e relaxava— Primeiro queríamos utilizar o acelerador de partículas para abrir a primeira brecha neste Moderado. Um buraco o suficientemente grande para começar a engolir esta parte de seu planeta. Na Batávia devíamos começar a criar o caos. Teríamos posto em marcha o acelerador e com o Mjölnir nas mãos, bum! Mjölnir não é somente um martelo. Abre portas quando se impacta nos lugares adequados. Mas é uma chateação, puto loiro. Você e os seus nos farejaram continuamente.

— Por que não fizeram imediatamente desde que chegaram a Chicago? —Perguntou Gúnnr— Por que esperar tanto?

—Mjölnir debilita, consome e queima a pele. Não pode tocá-lo sem que o mate. Só Thor pode tocá-lo, só um deus como ele pode fazer sem que fira. Não pode estar em contato a menos que esteja protegido, mas há um modo de rebater sua energia: e mesmo assim, segue sem ser suficiente.

—Um momento —Gabriel levantou a mão para parar suas palavras— Nas imagens que vimos do Hummus ele estava queimado. Por quê?

—Hummus carregou o Mjölnir —Khani começou a rir de novo— Foi ele quem entrou no

Asgard. Custou muitíssimo para abrir o portal para conseguir. Mas, até sendo mais forte e poderoso que outros, acabou mau e precisava se recuperar. Por isso nos deixou aqui as diretrizes para poder manipulá-lo, e obrigou a nossos cientistas para que pudessem criar uma caixa de contenção.

—E ele se foi à Inglaterra atrás da Escolhida.

—Exato —murmurou Khani com aprovação— Se foi por essa vanira que é igualmente chata como você. Sempre no meio. Não é tão tolo nem tão inofensivo como parece.

—É seu principal engano, Khani. Subestima seu inimigo. E agora responde a minha pergunta. O que há na Flórida? Flórida é muito grande… O que tem a ver Diabo com a Flórida?

—Flórida é o paraíso… Há um dos principais vórtices da terra.

— Onde?

—Em suas costas. E sabe que há também? A central nuclear de Diabo Canyon — estava se debilitando devido à perda de sangue.

Gabriel ficou com a pele arrepiada.

— Levam Mjölnir para lá?

—Sim. Depois de abrir o primeiro portal na Batávia, devíamos transportar o Mjölnir para Flórida e ali criar o segundo estalo. Imagino que se os helicópteros militares carregaram os contêineres dos trailers, agora devem se dirigir até ali. O que acha que vai acontecer quando o martelo tocar a terra em um ponto tão delicado? Uma reação em cadeia… Bum! … Bum!… Bum! Mortos! Mjölnir abre portas dependendo da natureza de quem o segure. Se um jotun o segurar e impactar no *Midgard*, fará que o Jotunheïm entre nele. E com os nossos entrando em seu mundo em abundancia seria o fim. Odín jamais poderá ganhar. Quando a lança tocar a terra no lugar adequado, desencadeará o *Ragnarök*. E com a espada de Frey, venceremos.

— E quem imagina que vai manipular o martelo? —Gabriel começava a atar cabos.

—Os devoradores que Hummus que trouxe com ele, já que somente pensa em amarra-los uma única vez e golpear a terra. Um só golpe. Mas os devoradores estão dispostos a se sacrificar pela causa. Os vampiros não duram nada com ele em suas mãos e queimam quase imediatamente. Os devoradores são mais resistentes. Eles ajudarão.

—Matamos a muitos devoradores —respondeu Bryn.

—Não suficientes, loira. Newscientists está especializando em clonar. E além disso, sabe como reproduzir corpos.

— Como os reproduzem? —Perguntou Aiko com interesse.

—Os etones e os purs se reproduzem mediante esporos. Os esporos nascem no Jotunheïm. Mas Hummus… Hummus foi o suficientemente inteligente para adquiri-los e colocá-los nos tubos de ensaio. Newscientists tem esses esporos e estão fazendo o que querem com eles. Sim, Gabriel, esses humanos que protegem tanto são piores, muito piores que nós.

—Nem todos —respondeu o Engel. Devia acreditar nisso, devia se convencer dessa verdade, ou não encontraria razões suficientes para lutar pelos humanos. De repente entendeu o que Caleb, Adam e Menw haviam sentido a respeito, e era uma sensação inconsolável.

—Se for o que quer continuar acreditando… Faça. Só você pode se enganar.

—Cada vez ficam menos sedes —assegurou Gabriel com um sorriso, inclinando-se para ele, com o rosto envolto em luzes e sombras devido aos faróis dos dois carros que o iluminavam— E asseguro que com a informação que nos está dando, faremos o possível por voar os que ficam ainda em pé.

—Se… Seguro que farão o possível… Mas acaba o tempo e…

Aiko observou Khani.

—Fica sem forças, Engel.

Ficava uma última pergunta. A mais intrigante para ele.

— Por que Hummus sabia que Gúnnr podia detectar o Mjölnir? Ele sabia. Por quê?

Khani fechou os olhos e negou com a cabeça.

—Acaso não conhece os que lutam com você, General?

Gabriel bateu a maca com força.

— Me responda!

Khani deixou cair a cabeça para o lado de Gúnnr. Olhou-a com interesse.

—Porque os semideuses podem captar entre eles, não sabiam? Os semideuses de verdade —esclareceu— E a menina… A menina desprende a mesma energia que Mjölnir. Hummus nos disse isso. Hummus a captou. E se ela tiver essa mesma energia em seu interior, pode reconhecer e receber o mesmo sinal da parte do Mjölnir. O Kybalión diz: *É atraído e atrai a mesma energia que desprende. É a lei da atração.*

Gúnnr abriu a boca e se separou da maca compungida e rígida como um pau.

Gabriel olhou a Gúnnr, esperando que esclarecesse coisas. O que queria dizer com isso?

Bryn cravou seus olhos azuis em sua nonne, e Miya e Aiko fizeram o mesmo.

Gúnnr engoliu saliva e negou com a cabeça.

—Não sabe o que diz…

— Não falou isso a seus amigos? Ou acaso seria verdade que não sabia, bonita?

Gúnnr abriu e fechou as mãos úmidas e frias. Khani estava pegando seu cabelo.

— Cale-se! —Gritou Gúnnr.

— Quem é seu papai? —Perguntou Khani com ironia.

— Não sei! —Exclamou ela limpando as lágrimas de um tapa— Está mentindo!

— Você é a que mente! —espetou o vampiro

Gabriel lançou um olhar cheio de ira a *valkyria*.

— Por que não me disse nada? —sussurrou furioso.

—Não… Não sei do que fala, Gabriel. Juro. Não sei de… Tem que acreditar em mim!

— Como?! Nem sequer sei quem é! Nenhuma vez me falou de você… —Murmurou aborrecido e surpreso pela revelação— De quem é filha, Gúnnr?!

Gúnnr começou a chorar. Estava assustada e não compreendia o que estava dizendo. Ela era diferente. Nenhuma vez teve dons até fazia uns dias… E Khani dizia que era filha de um deus ou de uma deusa? Ficaram todos loucos.

— Disse que não sei! —Gúnnr começou a correr e se afastou dos carros enquanto as lágrimas deslizavam por suas bochechas.

—Não é difícil adivinhar —murmurou Khani com um sorriso por completo— Se a garota… —Engoliu saliva misturada com sangue e o tentou de novo— Se a garota for a única *Valkyria* que pode sentir o Mjölnir, e a Mjölnir é por excelência o totem de Thor… Quem é o pai de sua puta?

Gabriel gritou com todas suas forças. Seus olhos se tornaram negros. Suas espadas saíram disparadas de suas pulseiras e baixou os braços de uma vez para cortar o pescoço de Khani.

Bryn correu atrás de Gúnnr, mas o Engel a assinalou com sua espada cheia de sangue escuro.

— Quieta, Generala! Ela é minha!

—Gabriel —Bryn estava consternada e o chamou pela primeira vez por seu nome— Gúnnr nunca foi como nós… Ela…

— Terá que me explicar isso ela, Bryn! Não você! —Gabriel desprendia uma energia fora de controle, furiosa e aterradora— Não estou de humor para segredos tão transcendentes como esse. Ela me deve dizer isso

—Ela não sabia. Pelo Odín, ninguém sabia! —exclamou furiosa como ele.

—As pessoas sempre sabe quem são seus pais. De um modo ou de outro acabam sabendo —Gabriel destroçou uma das pernas da maca metálica com a espada, e o corpo decapitado de Khani caiu ao chão e começou a se desintegrar, o sangue chamando sangue—ele sabia melhor que ninguém— Teve uma eternidade no *Valhall* para descobrir!

Bryn olhou ao chão e mordeu a língua. Gabriel não entendia a situação de Gúnnr. Nunca entendeu. Desejava que sua amiga saísse graciosa da discussão que criava.

Gabriel serenou para se dirigir a Aiko.

—Envia o vídeo a Isamu e Jamie. Que mandem toda a gravação a Ás e Caleb. Necessito que estejam atentos ao que possa acontecer. Aqui já não temos nada mais que fazer —tentou pensar no seguinte passo— Tentaremos controlar a localização exata do martelo neste minuto mediante os satélites. Ponha isso —Gabriel ficou olhando o caminho frondoso e cheio de árvores pelo qual desapareceu sua esquiva *valkyria*— eu me encarrego dela.

Capítulo 24

Gúnnr corria tentando escapar de si mesma e do que as palavras do vampiro despertaram em seu interior.

Era impossível tal afirmação. Ela não podia ser filha de um deus, e menos de Thor. Era tudo uma grande mentira para desestabilizá-los.

Viveu no *Valhall* e pertenceu às *Valkyrias* como uma mais. Não, não era verdade que foi uma mais. Ela tinha algo que a diferenciava das demais: nunca teve dons. Esse defeito, ou essa cruz, fizeram-na assim. Uma mulher que nunca sentiu nada em seu interior o suficientemente forte para lutar por algo. Separada. Desvinculada. Só Freyja e suas três amigas foram minimamente importantes para ela. Mas, embora elas enchessem sua alma entorpecida, em certo modo, sentiu-se vazia durante toda sua existência.

E um dia, tudo mudou. Chegou Gabriel e avivou sua aparente frieza e introversão com uma chama que até então nunca ninguém acendeu nela. E agora Gabriel a perseguia porque acreditava que o enganou. Que omitiu essa informação tão importante.

— Gúnnr! —Gritou ele, saltando arbustos e pedras pelo caminho— Não pode escapar!

A *Valkyria* correu com maior velocidade. Não, não podia escapar dele. Nem sequer estava fugindo dele. Fugia dela mesma. Do que podia ou não podia ser verdade.

Gabriel a alcançou, rodeou-lhe a cintura com um braço e tampou sua boca para que não gritasse. Os gritos de uma *Valkyria* zangada se ouviria a quilômetros de distância.

— Por que foge?! —Grunhiu ao ouvido dela.

A *Valkyria* se mexeu contra ele, movendo a cabeça frenética.

— Me deixe, Gabriel! —Pediu ela.

—Nem pensar. Deixei-a tranquila durante muito tempo e não prestei atenção necessária. E agora descubro… Como pode me ocultar isso?! Enganou-me!

— Eu não sabia! —Deu-lhe um chute na tíbia com o calcanhar e se soltou. Girou para encará-lo — juro que não sabia. Não é verdade!

Gabriel tinha o cabelo loiro preso em um coque alto. Marcavam suas feições à perfeição. Seus olhos de uma mágica cor negra. As sobrancelhas desafiantes, loiras e altas. A testa larga, seu nariz reto, os lábios sensuais e proeminentes e aquele queixo tão marcado. Palpitava um músculo na mandíbula. As mangas de seu pulôver negro estavam arregaçadas e pareciam as pulseiras de titânio que rodeavam por completo seus antebraços.

—Não acredito — disse— Ninguém oculta que é filho de um deus.

— Por que ia ocultar algo assim? Alguém omite quando não é verdade. Não tenho por que ocultar uma mentira.

— Por que não?! —Repetiu ele irritado— Passou toda sua vida se ocultando. Escondendo-se do que é. Tentava passar sempre despercebida, a doce e dócil Gúnnr —gozou— Uma *Valkyria* sem poderes, justamente o contrário ao que uma guerreira de Freyja devia ser.

Gúnnr explodiu e os olhos ficaram vermelhos. A seu redor a energia eletrostática crepitou.

—Não fale de me esconder — recriminou dando um passo para ele— Você é especialista nisso, Gabriel. Sempre ocultando o que sentia, sempre se escondendo sob um montão de areia, antepondo seu medo a todo o resto. Foi tão covarde que entregou seu coração a uma mulher que nunca o amou só para assegurar de que jamais o machucasse. O que?! —Gritou quando ele pôs cara de surpresa— Acha que engoli o que ontem me contou? Acha que na realidade tenho medo porque acha que pode me fazer mal?! Não me protege! Protege a você, hipócrita! —Gúnnr estava esplêndida em sua *fúria*. Seu cabelo chocolate ondeava de um lado a outro e seu corpo estava em tensão, disposta ao que fosse por defender— Na realidade lhe dou medo porque o assusta que eu possa feri-lo como fizeram as pessoas que mais deveriam te amar!

Gabriel a agarrou pelas axilas e a sacudiu.

— É a filha de Thor? —Estava desesperado por ouvir a verdade.

—Para, Gabriel… — rogou querendo esconder em um canto. Ele tinha razão. Era uma grande covarde— Todas as *Valkyrias* são filhas de Thor, o deus do tro…

— Não, maldição! Fale-me, Gunny! Sabe ao que me refiro!

Ela se defendeu e suas mãos se cobriram de fios cheios de eletricidade que dançavam através de suas palmas e seus dedos. Colocou suas mãos sobre o peito de Gabriel e deu uma descarga.

O Engel suportou o ataque como pôde. Puxou-a pelo cabelo e jogou-lhe o pescoço para trás.

— Não me machuque, Gúnnr! —Gritou ele ainda tremendo pelo contato com os raios da *Valkyria*— É Thor seu pai?!

Gúnnr o empurrou com todas suas forças.

As costas do Engel se chocou contra o tronco de uma árvore, mas ela não o deixou ir em nenhum momento.

— É impossível que seja meu pai! Quer escutar a verdade?! Nunca soube quem foi minha mãe nem meu pai. Só sei que minha mãe não me queria ter e que fez todo o possível por quebrar o pacto com Freyja! Tentou me perder uma e outra vez! Quis tirar a vida centenas de vezes antes de me conceber, Gabriel! Minha mãe humana nunca me quis! Por isso nasci diferente! —Gúnnr não perdia olhar Gabriel enquanto dizia sua triste verdade— Por isso não fui *Valkyria* como as demais! As *Valkyrias* são filhas desejadas, todas, sem exceção, exceto eu! —limpou as lágrimas com um tapa. Sua outra mão segurava Gabriel contra a árvore— Quando Freyja me deixou no berço e cantou sua canção de ninar para ver se eu reagia, nenhum raio saiu de mim. Freyja cantou! —Gritou até ficar afônica— *Er du veldig glad og vet det, ja sa klapp*[49] —cantarolou abatida— Nenhum raio caiu em meu berço nem saiu de minhas mãos. Seja a *alle menn'sker se det, ja sa klapp*[50]. E meus olhos não mudaram de cor, nem meu rosto sorriu. Minha mãe me fez muito mal, anulou meu dom e também anulou minhas emoções. Entende, Gabriel? —Gúnnr ficou sem forças nos braços de seu Engel— Um dia —recordou com tristeza—, estava com todas minhas irmãs *Valkyrias*. Competiam para ver quem atravessava mais maçãs com suas flechas. Todas riram de mim porque eu nem sequer podia convocar as flechas trovão. Assim que me pus a chorar desconsoladamente. Freyja tentou me explicar o acontecido com o maior tato possível, e isso é muito difícil para ela, sabe? E embora tentasse, o golpe foi igualmente duro. Ela tentou me dar um lugar no *Valhall*, e me cobriu sob sua asa. Tentou que as *Valkyrias* me respeitassem ao me dar a confiança para estar com seus tigres de bengala. Cuidava de mim mais que a nenhuma. Sempre me dizia que eu despertaria no momento mais adequado: "como os grandes jogadores que nunca falham nas grandes finais", dizia. Mas eu nunca acreditei! Como pode despertar uma pessoa a que tentaram matar ativa e passivamente antes de nascer? Como?! E, por quê?! O que fiz eu a minha mãe para que quisesse acabar comigo com tanta vontade?

Gabriel a escutava, sentindo-se sobressaltado por tê-la pressionado desse modo. Gúnnr estava destroçada. As *Valkyrias* afirmavam que não eram humanas, mas as magoavam as mesmas coisas. Não obstante, embora a mãe de Gúnnr fosse uma filha da puta, e seu pai um desconhecido para ela, isso não confirmava que seu pai não fosse Thor.

Khani dizia a verdade. Ninguém podia esquivar o pentarol sódico. Não se podia mentir sob

[49] *Em norueguês, Se for feliz e sabe, bata as mãos.*
[50] *Em norueguês, Se refletir seu rosto, bata as mãos.*

seu efeito. E se Khani dizia a verdade, também confirmava algo muito importante: os semideuses se reconheciam, e Hummus reconheceu Gúnnr, então, Hummus era um semideus. De quem era filho?

Além disso, Gúnnr era a única *Valkyria* que estava em sintonia com o totem de Thor. Isso não podia ser uma casualidade.

—É impossível que Thor seja meu p-pai. Sabe por quê? —Nunca se sentiu tão mal como nesse momento. Perdida e assustada como uma menina pequena que não podia deixar de chorar— Por-porque vi Thor milhares de vezes lá em cima —assinalou ao céu—, e ele nunca me dirigiu a palavra. Jamais! Se eu fosse sua filha, acha que não ia me saudar? Acha que não…? Não! Deixe-me!

O Engel a rodeou com os braços e aproximou seu rosto a seu peito. Acariciava suas costas de cima a baixo, para dar calor e agasalhá-la. Apoiou o queixo sobre sua cabeça.

— Não sou covarde, Gabriel! —Gritou contra seu peito— Eu seria a primeira em dar um p-passo para me aproximar dele se isso fosse verdade. Se ele fosse meu pai, eu… Ele deveria querer conhecer, não?! Ou é que sou tão pouca coisa que não valho a pena? Sou tão decepcionante? Deveria me dizer!

O coração de Gabriel partir ao escutar Gúnnr falar assim de si mesmo. Ela nunca se autocompadeceu. Era muito forte, e essa fortaleza era o que a mantinha em pé.

—Está bem, florzinha —sussurrou com ternura— Está bem. Calma —olhou o céu estrelado que caía sobre eles— Acredito que desconhece a verdade do comportamento universal, Gúnnr. E se Thor for seu pai, posso desculpá-lo.

— Que verdade é essa? —Sussurrou entre soluços— De que fala?

—Que a covardia e o medo são comuns entre humanos e deuses —murmurou beijando o alto da sua cabeça. Deslizou suas mãos até suas bochechas, e levantou seu rosto— É verdade, Gúnnr. Antes me disse que me escondia de você porque me atemorizava que me ferissem de novo. E você é tão pura e tão autêntica, Gunny, que dá medo. Dá amor, e o amor gratuito e sincero não é fácil de aceitar, sobretudo em um universo onde sempre se espera algo em troca. Ninguém a rejeitou pelo que é, a evitaram porque sua luz põe em evidência todos nossos defeitos.

Gúnnr mordeu o lábio inferior, se aconchegou no pescoço de Gabriel e afundou seu rosto nele, para chorar à vontade. Queria se esvaziar de verdade. Queria se desafogar, e só podia fazer isso se Gabriel a segurasse e a abraçasse como estava fazendo.

O guerreiro deslizou um braço por debaixo de seus joelhos e a levantou, apertando-a a seu corpo e aproximando-a mais que nunca a seu coração.

Gúnnr assustava homens e deuses. Essa era a verdade. Se sentiam agredidos por sua ternura e doçura e, em ocasiões, punha-os em seu lugar com sua repentina *fúria*. Como o colocou em seu lugar.

Caminhou com ela nos braços, lentamente, desfrutando de seu contato e de tudo o que representava para ele. Chegou até o pequeno relevo rodeado de árvores onde torturaram Khani. Seus guerreiros deixaram o Tesla enquanto eles se dirigiam ao hotel com o Jipe para se reorganizar.

—Gabriel.

— Sim?

—Obrigada por me dizer algo tão bonito.

—É a verdade —respondeu ele com os joelhos tremendo. Caminhou com ela até o carro.

— Gabriel?

— Hum?

—Se for verdade que sou filha de Thor, e que atraio o que sou… Acredito… Acredito que posso encontrar o modo de que todos cheguemos ao Mjölnir.

Ele parou e esfregou a bochecha em seu cabelo. Ele também o imaginou, mas não ia pressioná-la.

—Me fale com clareza, florzinha.

—Não estou segura, mas posso tentar. Posso tentar leva-los até o martelo.

— Como?

—Atraindo uma tempestade elétrica e deslocando-nos através da anti-matéria. Nos levará diretamente à tempestade elétrica onde acreditamos estar Mjölnir. Se for verdade que é o totem de meu pai, também é meu, e me pertence. Eu… Eu poderia manipulá-lo. Não temos nada a perder.

A que preço?, perguntou Gabriel. Claro que havia muito que perder: poderia perdê-la. Khani disse que o contato direto com Mjölnir matava os jotuns. Hummus era um semideus e mesmo assim queimou como um pedaço de carne humano. Se Gúnnr era filha de Thor, quereria dizer que era imune ao martelo ou, pelo contrário, era igualmente vulnerável a ele como foi Hummus? Abraçou-a, temeroso de perdê-la.

—Não. Deve haver outro modo.

— Por que não? —Resmungou ela— Pode ser nossa única alternativa, Gabriel. Devem ficar poucas horas para chegar a Flórida. Nós não poderemos chegar antes que eles. Ganhar o terreno e as possibilidades, Engel.

—Foi uma má ideia que lesse Sun Tzu, *Valkyria* —grunhiu ele desenhando um meio sorriso em seus lábios.

—Sabe que tenho razão —refutou-a. — Ninguém poderá chegar aí antes. Estamos em Chicago, a milhares de quilômetros deles.

—Não.

— Gabriel!

— Não, Gúnnr! Não vou expô-la assim.

Gabriel sentou no carro com ela nos braços. Pôs em marcha o motor elétrico, mas Gúnnr pôs suas mãos sobre a dele.

O guerreiro parou e a olhou espectador.

— O que acontece?

Gúnnr o abraçava com suavidade.

—Tem que me deixar fazer, Gabriel. Tenho que tentar. E sabe. Não temos mais opções.

Ele apertou a mandíbula e olhou para outro lado.

A jovem agarrou-lhe o queixo e o olhou com seus olhos azuis escuros, um pouco inchados pelo pranto.

—Perdemos muitos amigos. Sou a única carta que fica, você goste ou não. E não podemos deixar que Reso, Liba, Sura e Clemo tenham morrido por nada. Não deixarei que Róta sofra por nada. Não vamos morrer por nada. Se houver uma possibilidade, e está em minhas mãos, eu estou disposta a me entregar a vocês.

—Não vamos morrer — jurou ele— Gúnnr… Eu sofro quando a vejo em perigo. Eu não gosto da ideia de que possa se submeter a algo assim.

—Está bem que sofra um pouco por mim, não? —Grudou sua testa à dele e brincou com o pescoço de seu pulôver negro— Quero fazer. Acha que não sou capaz de convocar uma tempestade elétrica?

Gabriel a olhou fixamente.

—Gúnnr, acredito que é capaz de qualquer coisa. Acredito em você. Mas também estou em meu direito de me preocupar.

Gúnnr lhe acariciou o queixo com o polegar.

—Eu gosto de vê-lo assim.

—Sei, é uma sádica.

Ela sorriu e Gabriel pensou que poderia passar toda sua vida vendo-a rir. Que complicada era a vida. Que difícil era reconhecer que frente à pessoa adequada todos ficam nus.

—Dá medo perdê-la, Gunny.

—Sei.

— Está segura?

—Sim.

— Quando acha que pode fazer?

—Não sei. Não sei nem como fazer, não controlo meu poder… Mas poderia começar a tentar agora —olhou a seu redor, procurando com seus olhos o melhor lugar para convocar uma tempestade elétrica— Poderia fazer aqui mesmo.

O Engel exalou e se rendeu à petição de sua *Valkyria*.

Poderia fazê-lo aí mesmo. Se Gúnnr o conseguia, todos viajariam com ela e se apresentariam lá onde estivesse o martelo. Era arriscado, mas era a melhor ação que podiam empreender.

Mas antes que Gúnnr conseguisse atrair algo, antes que se centrassem em evitar o fim do mundo, antes que seu tempo juntos pudesse chegar a seu fim, precisava estar com ela de verdade.

—De acordo. —Ligou o rádio e introduziu o CD que comprou Róta. Saiu do carro com Gúnnr nos braços— Vamos lá fora —Deixou Gúnnr sentada sobre o capô negro do Tesla e se dirigiu ao porta-malas. Entre armas e bolsas cheias de explosivos feitos sob medida, estava envolto o presente que levava para Gúnnr a noite anterior, quando foi visitá-la em sua suíte. Deixou o presente sobre o capô e se colocou frente a ela.

— O que é isto? —Perguntou— Pensei que ia convocar uma tempestade…

—Não. Ainda não.

— Ah, não?

Ele negou com a cabeça com segurança.

—Ontem trouxe isto, porque queria que provasse algo que esperava que não tivesse provado estes dias. Queria ver o rosto que…, que faz quando o…

—Traz. —O tirou das mãos dele, emocionada. Uma *Valkyria* seguia sendo uma *Valkyria*. Os presentes eram sua perdição. Abriu e olhou o que era. Diante de si, tinha um bolo chocolate salpicado de um montão de cores e formas— Cheira bem. O que é?

—Chocolate. Você disse que adorava chocolate e que era viciada nele.

A *Valkyria* elevou as sobrancelhas e olhou Gabriel com curiosidade.

— Isto é o que faz que caiam os dentes?

—Sim.

— Quer que coma isso antes de ir procurar o Mjölnir?

Gabriel apertou os dentes, abriu as pernas de Gúnnr e se colocou entre elas. Apoiou as mãos a cada lado de seus quadris sobre o capô e disse:

—Adivinha o que quero, florzinha. Adivinha o que desejo antes que me leve pelos céus e me remova o estômago com suas viagens.

Havia um tom risonho em sua voz que chamou a atenção da *Valkyria*.

— O que… O que quer? —titubeou um pouco.

Gabriel deslizou seu olhar por seu rosto, tão elegante, feminino e sexy.

—Adivinha, meu bem.

Gúnnr pousou a mão aberta sobre o coração de Gabriel. Havia tanto calor em seu olhar que ela se desfez por ele.

— Quer… Quer-me ? —Perguntou com uma mistura de esperança e emoção.

Gabriel aproximou seu rosto ao dela e roçou-lhe as bochechas com o nariz.

—Só se me deixar. Posso tê-la agora, Gunny? Aqui? Antes de nos lançar às cegas para um destino que nem você nem eu conhecemos?

Da *Valkyria* saiu a guerreira e a lançou sobre o teto do Tesla. Afundou os dedos no coque mau feito de Gabriel e tirou o elástico que o segurava.

—Você sempre me teve, mas nunca se deu conta.

Gabriel se lançou por ela com um grunhido parecido ao de um animal selvagem enquanto a música cheia de prelúdios os rodeava. Era *I can,* de Blue.

You were the eyes in the face of fortune
I lost my way and I couldn't find you…[51]

Beijou-a com toda a paixão e a *fúria* que tinha dentro; fez por todas as vezes que não a beijou e a acariciou por todas as vezes que não a consolou. Um beijo por ser tão cego e outro por ser tão negado.

Gúnnr gemia sob seu corpo de um modo que fazia que fervesse o sangue, que se

[51] *Você foi o rosto da sorte, eu perdi meu caminho e não podia te encontrar.*

convertesse em lava espessa e quente. Esmagava-a com seu peso contra o capô, e ela não demorou em rodear sua cintura com suas longas pernas.

Gabriel penetrou as mãos sob o pulôver de Gúnnr. Acariciou-lhe as costelas e logo subiu até seus seios. Cobriu-os com suas palmas e a *Valkyria* se arqueou para intensificar a carícia.

We're not the first ones to be divided
Won't be the last to b reunited
Oh
OH no[52]

—Gúnnr… —Grunhiu, afundando o nariz em seu pescoço e movendo os quadris para frente e para trás— Quer provar o saber que tem para mim?

Ela levantou a cabeça e assentiu com os olhos vermelhos, nublados de feroz desejo.

Gabriel agarrou uma nuvem de bolo de chocolate e o levou a boca, deixando o outro extremo livre e oferecendo a ela.

—Prova —ordenou ele com o pedaço entre os dentes.

Gúnnr sorriu de modo coquete e levantou a cabeça para morder o doce que oferecia. Quando o mordeu, Gabriel fez a sua vez, e as duas bocas se uniram em um beijo cheio de açúcar e necessidade. A língua de Gúnnr brincava com a dele, os lábios sugavam, os dentes mordiam e puxavam. As almas se alimentavam. Os beijos chegaram entre texturas doces e aveludadas.

A *Valkyria* passou a língua pelos lábios de Gabriel.

… I can
I will
I know
I can untie these hands
And get backup again…[53]

— Tão bom assim é meu sabor? —Perguntou sobre sua boca, dando beijinhos nos cantos.

Gabriel agarrou-lhe as nádegas e empurrou entre suas pernas.

—Não, florzinha. Seu sabor é melhor, muito melhor.

Gúnnr se levantou um pouco e bisbilhotou o bolo de chocolate. Pegou um morango, porque fazia graça.

—Abre a boca —murmurou sobre seus lábios.

Gabriel obedeceu e colocou o morango dentro. Seus olhos vermelhos clarearam e fechou a boca de Gabriel com a sua. Colocou a língua, e juntos saborearam aquele pecado.

As mãos de Gabriel apertaram os globos de suas nádegas e as moldaram. Gúnnr estava em uma forma ótima. Dura e suave em partes iguais.

---

[52] *Nos não somos os primeiros a serem separados, não seremos os últimos a nos reunir. Não*
[53] *Eu posso ,eu vou, eu sei, eu posso, desatar essas mãos,e ficar de pé novamente.*

—Quero fazer amor —disse ele com voz rouca.

A *Valkyria* o beijou na bochecha e afundou o nariz em seu cabelo. Nada gostava mais que o aroma de chuva de Gabriel. Nada cheirava melhor para uma *Valkyria*. Limpo e a hortelã.

—Eu não vou parar. —Mordeu-lhe o pescoço e cravou as presas com suavidade.

O *einherjars* jogou o pescoço para trás e fechou os olhos, morto de prazer.

—Eu gosto de… Eu gosto, meu bem. Mais forte —levou as mãos aos botões da saia e a desabotoou para deslizar imediatamente pelas pernas.

Gúnnr o mordeu com mais força e tirou a leggings com movimentos bruscos. Encontrou com sua calcinha amarela. Gabriel não esperou: colocou a mão em seu interior e acariciou sua fatia de um modo efêmero. Quando viu que estava úmida, colocou um dedo em seu interior, até o fundo.

Ela saltou no capô, franziu o cenho e cravou as unhas nos ombros dele. Sorriu ao ver a fome de seu guerreiro e gemeu quando ele começou a movê-lo dentro e fora.

Gabriel se inclinou para ela e a beijou.

—É um bruto —murmurou Gúnnr entre um beijo e outro. Desabotoou-lhe a calça e a desceu pelos quadris.

Gabriel tomou uma mão de Gúnnr e a guiou ao interior de sua cueca negra.

—Mmm… Sou um bruto —ronronou o guerreiro excitado— Toque-me, querida.

Por que tinha vontade de chorar quando Gabriel dizia querida?

Porque não teriam suficiente tempo para desfrutar de um do outro, porque a palavra "querida" chegava muito tarde para eles, porque não sabiam se iam sair vivos da seguinte aventura.

Mas estavam no agora. Era muito difícil decidir todas essas coisas que queriam dizer em tão pouco tempo. Fazer amor não demoraria muito, as declarações se atropelariam umas com as outras e, no meio do êxtase, quais seriam sinceras e quais não? Mas, isso acaso importava? Essa poderia ser a última experiência juntos e Gúnnr estava disposta a aproveitá-la.

Não ficava outra.

— Gabriel?

O Engel estava concentrado na umidade e a estreiteza de Gúnnr. Era incrível.

—Gabriel, o piercing do mamilo…

—Não me diga isso.

—Quem o colocou foi uma mulher que se chama Margarida. Eu não… —ficou quieta quando ele encontrou um ponto em seu interior que fazia que se estremecesse e tremesse— OH… Por todos os deuses! Não… Não quero que nenhum outro homem me toque. Eu gosto que só você me toque.

— E o trovão de seu púbis? —Grunhiu ele com aprovação.

—Isso me fez um homem chamado Pedro.

Gabriel beliscou-lhe o clitóris com força e ela por pouco não sai voando para cima.

— É brincadeira! É brincadeira! — Exclamou segurando a risada e cravando-lhe as unhas no pulso— Também foi Margarida…

—Isso está bem, amor —grunhiu ele beijando-a nos lábios— Me alegra saber — deitou-a no

capô e se colocou entre suas pernas.

Gúnnr fechou os olhos e tomou ar enquanto suportava as carícias de seu macho.

—Esta semana que me deixou sozinha… eu… estive a ponto…

Gabriel acariciava o pênis enquanto a olhava fixamente no rosto, e com a outra mão mexia com suavidade e profundidade em seu interior.

— O que aconteceu esta semana? —Não podia deixar de olhá-la. Gúnnr era linda em todas as partes.

—Que estive a ponto de morrer de tristeza sem você. Sei que sou fraca, que não deveria dizer todas estas coisas…Mas é só o que me ocorre agora —cobriu o rosto, envergonhada.

Gabriel sorriu. Tocou seu clitóris com o polegar e cravou os dedos mais dentro. Estava de pernas abertas para ele, sobre seu Tesla esportivo, e era tão bonito que queria escrever poesias sobre ela. O amor o tornava tolo.

— Quer morrer de outra coisa, florzinha? —inclinou-se para Gúnnr e subiu o pulôver por cima dos seios. Em seguida, liberou os seios da opressão do sutiã e se esparramaram em suas mãos— Minha *Valkyria* sexy… —murmurou maravilhado— Você gosta disto? —beliscou o mamilo com força e se inclinou para morder o outro.

Gúnnr se agarrou às longas mechas de seu cabelo loiro e o atraiu mais a ela.

—Sim… Sim, eu gosto muito —adorava a linha entre a dor e o prazer. Gostava que Gabriel fosse rude quando tinha que ser. Deixava-a quente em décimos de segundo.

— Sim? —Puxou o piercing e lambeu ao mesmo tempo.

— Sim! Sim! —Choramingou ela movendo a cabeça de um lado ao outro.

—Abre bem as pernas, meu bem. —Gabriel passou a língua pela curva de um seio e logo pelo outro. Beijou e lambeu os dois com ternura, e logo foi deslizando sua boca pelos abdominais suaves de Gúnnr e pelas graciosas curvas de seus quadris. Encantava-o que ela queria ver tudo o que fazia. A jovem tinha os olhos muito vermelhos, as presas descobertas e os lábios trementes. Era linda.

— O que faz?

—Vou comer a mãe de todas as nuvens. Abre mais as pernas. Mostra como é bonita.

—Isso não é bonito… —Murmurou em desacordo.

Gabriel abafou uma gargalhada. Gúnnr não imaginava o muito que os homens gostavam do sexo das mulheres.

—É bonito, muito bonito. Está brilhante, inchado e rosa. E é meu.

—E tenho um trovão —respondeu ela divertida.

—Sim… —Gabriel ia explodir como um adolescente se não a penetrava já. Mas queria que ela estivesse mais preparada— Vou matá-la a beijos.

A *Valkyria* se ergueu em um cotovelo e levantou uma sobrancelha. Ia responder quando sentiu a ponta úmida da língua de Gabriel jogando entre suas dobras como se fosse um mineiro em busca de ouro.

— Gab! —Caiu fulminada para trás e deixou um braço morto por cima de sua cabeça. Com o outro agarrou o cabelo loiro do *einherjars* e o animou a que continuasse. Subia e descia os quadris,

louca pelo excitante ritmo que impunha. Os lábios de Gabriel foram implacáveis com ela, os dentes mordiam com suavidade e a língua se metia onde dava vontade. Aquilo úmido, suave e macio ia matá-la se seguia acariciando-a assim— Não, Gabriel… vou gozar já se não parar…

Gabriel levantou a cabeça e sorriu com os lábios úmidos. Passou a língua por eles.

—Goze, Gúnnr —a animou. Baixou a cabeça de novo e a torturou como só ele sabia. Introduziu a língua com força e sentiu como as apertadas paredes de Gúnnr se convulsionavam, presas de um orgasmo fabuloso.

A *Valkyria* gritou e se queixou pelo prazer extremo. Uma língua de eletricidade percorreu-lhe o torso e foi parar na sua vagina. Gabriel se alimentou dela e desfrutou da sensação elétrica e do sabor doce de sua mulher.

Quando Gúnnr ainda sofria tremores pós-orgásmicos, Gabriel a cobriu com seu corpo, introduziu a larga cabeça de seu pênis e se deslizou pouco a pouco em seu interior. Gúnnr era escorregadia, mas estava inchada e muito sensível ainda. Apertava como um punho.

—Vai me ordenhar como ninguém, amor —grunhiu ele olhando-a no rosto e agarrando-lhe a cabeça e o cabelo com as mãos— Se prove em mim, benzinho. —Baixou a cabeça e a beijou. Adiantou os quadris e se deslizou até o fundo, até tocar o fundo do útero.

Ela se queixou, e mordeu o lábio inferior.

—É muito duro, Engel —choramingou sobre sua boca e se saboreou— E isto… isto não tem sabor de nuvem.

Ele começou a rir pelo comentário e acariciou os lábios com os dedos. Começou a mover com cuidado. Medindo cada estocada, cada arremetida cheia de poder e resolução.

—Vai gozar outra vez.

—Não pode me ordenar isso —provocou ela— Gozarei se quiser…

—Vai gozar —rodou os quadris e segurou-lhe os pulsos por cima da cabeça com uma de suas imensas mãos— Sim, amor, aceita, sou maior que você.

Gabriel a olhava com os olhos entrecerrados, negros por completo, as bochechas com uma cor rosada pela excitação, e os lábios inchados pelos beijos. Era o príncipe da perversão. O conquistador.

— Sente? —Colocou-a mais a fundo.

—*Jeg har kroppen full*[54].

Gúnnr notava que o pênis de Gabriel golpeava justo atrás do umbigo. Sentia-se cheia dele. A fricção de sua dureza a estava lançando a um orgasmo demolidor.

—Me deixa louca, Gunny… Não… Não sei o que me acontece com você… Mas… —Não deixava de acossá-la entre as pernas— Me rendo. Rendo-me a você, meu bem. É o que quer? Ter-me de joelhos diante da princesa sádica…?

Gúnnr apertou os dentes e se negou a tornar a chorar, mas as lágrimas foram a seus olhos a uma celeridade vergonhosa.

—Não me pergunte isso. Sou eu o que quer?

—Sim. Sim, florzinha… —Gabriel sabia que fazer amor com Gúnnr, querê-la e aceitá-la, era

[54] *Em norueguês por todo o corpo.*

como conduzir a quinhentos quilômetros por hora, sem freios e sem retrovisor. Nunca poderia parar e nunca olharia para trás de novo. E o mais importante, não ia reduzir a velocidade.

—Meu nome… —A *Valkyria* lutava para puxar ar, meneando os quadris ao compasso agressivo de Gabriel— Me diga…

—Gúnnr. —Ele afundou a cabeça em sua garganta e a marcou com os dentes e lábios. Seu pênis sentiu como ela gozava com um grito que era uma mistura de pranto e alegria. —Amo… Amo você, Gúnnr…

E ele a seguiu se lançando de cabeça e enchendo-a com toda sua essência.

A corrente entre eles cresceu e um trovão crepitou sobre suas cabeças, elevando seus corpos.

O corpo da *Valkyria* se curvou desenhando um arco perfeito, com o guerreiro sepultado profundamente em seu interior. O trovão os elevou do capô do Tesla, e as asas do *einherjars* e da *Valkyria* se desdobraram ao mesmo tempo.

As dele azuis e as dela vermelhas. Emitiam tanta luz que iluminavam o perímetro de bosque onde se encontravam. Gúnnr se abraçou a Gabriel e observou suas asas com um sentimento de orgulho e propriedade que nunca experimentou. Seu *einherjars* voava para ela e ela voava para ele.

Acariciou-lhe o cabelo e retirou uma mecha da boca. Baixou a cabeça e a beijou enquanto a segurava pelas nádegas e se movia em seu interior a um ritmo cometido.

—Minha florzinha voadora… —Murmurou admirando suas lindas asas— Acreditei que nunca voltaria a vê-las.

—Não pude quebrar o kompromiss. —Explicou contrita— Mas me feriu muito… Zanguei-me muito e por isso mudaram de cor.

Ele assentiu pedindo perdão com suas carícias calmantes. Ela fechou os olhos e apoiou a testa em seu ombro. Estava tão bem assim.

—*Sulla meg litt. Engel mi*[55]—pediu brandamente entregue a ele e a esse momento.

Gabriel a balançou tal e como pedia. Os dois se emocionaram e se ocultaram do mundo. Esse momento celestial não poderia roubar ninguém. Nem o ódio, nem a guerra, nem a morte. As lembranças vivem para sempre, flutuam no espaço e no tempo. Vibram e têm vida.

—Eu sim que pedi algo em troca de cuidá-lo e mimá-lo, Gabriel —fungou e se levantou para olhá-lo nos olhos— Não sou tão altruísta como acha.

O guerreiro sentiu que seu coração se enchia de amor. *Por Deus, que mulher tão bonita.*

— O que pediu, preciosa?

Gúnnr acariciou-lhe os ombros e sorriu com inocência e humildade.

—Que me amasse assim, embora só fosse uma vez.

Capítulo 25

Gabriel e Gúnnr estavam sentados, os dois sobre o Tesla.

[55] *Em norueguês, Balance-me um pouco, meu anjo.*

Enquanto escutavam *In the Arms of the Angel* de Sarah McLachlan, esperavam que Bryn, Miya e outros chegassem ao mirante onde se encontravam. Gúnnr queria Bryn perto para convocar a tempestade, se é que na realidade era capaz de fazer.

Ele tinha as costas apoiada sobre o vidro dianteiro, e Gúnnr estava estirada entre suas pernas. Tinham se vestido, já que começava a esfriar. Enquanto comiam o bolo de chocolate como dois lobos famintos, Gabriel dava-lhe pequenos beijos nas orelhas e ao longo do pescoço.

Observavam a instalação do laboratório. Era incrível que se investisse tanto dinheiro em construções que podiam pôr em perigo o planeta inteiro. A comissão de energia atômica dos Estados Unidos aprovou o projeto. Acaso expuseram o projeto a votação popular? Não. Nem eles nem nenhum outro país pioneiro em aceleradores de partículas.

O Fermilab constava de dois incríveis e enormes anéis de igual tamanho que ocupavam quilômetros de diâmetros. Um dos anéis era o injetor principal e o outro era Tevatrón. Supunha que esse acelerador de partículas utilizava campos eletromagnéticos para carregar partículas eletricamente e alcançar velocidades que podiam ultrapassar a velocidade da luz.

— Por que deixam que se construam estas coisas? —Perguntou Gúnnr enquanto mastigava uma bala de goma de creme.

—Porque aos humanos não importa. A maioria não sabe nem o que é. Não entendem que se um acelerador de partículas falha, poderia criar um buraco negro que poderia chegar a engolir todo o planeta e inclusive criar matéria estranha, quer dizer, que a Terra tal e como a conhecemos, poderia deixar de existir, convertendo-se em algo completamente diferente ao que concebemos.

—Não me respondeu. Por que permitem que o construam?

—Sim, respondi, mas suponho que é tão óbvio que inclusive é difícil de acreditar. Eles as constroem porque ninguém se opõe. Constroem porque a individualidade e a consciência de cada um se centra em seu próprio ego, não em uma consciência coletiva. Não em outros. Não em seu planeta. Se o fizessem, as pessoas se manifestariam contra a construção de centrais nucleares como a do Diabo Canyon. Parece lamentável tudo o que deixamos fazer. Não ocorre outra coisa que montar uma central nuclear sobre um lugar que sofre sismos e onde há falhas muito importantes. Se fossem realmente conscientes de que vivem em um planeta que deve respeitar e cuidar, exigiriam que se fechassem todas as centrais nucleares do mundo. Uma pessoa inteligente nenhuma vez teria um explosivo em sua casa, não?

—Eu acredito que a questão está em que uma pessoa boa e decente jamais elaboraria um explosivo. Por que as criam? Armas, centrais nucleares, drogas, vírus, enfermidades, aceleradores de partículas… Se tornaram loucos? Este planeta pode se abastecer sem necessidade de energia nuclear; a natureza, as energias alternativas dão tudo o que necessitam. Parece que os seres humanos têm pressa por destroçar uns aos outros. Atrai o nocivo, o destrutivo. Por que o ser humano não se dá conta de tudo isto?

—Antes estava muito obcecado com as profecias, sabe? —Explicou enquanto acariciava seu cabelo com a bochecha e beijava o pulso de sua garganta— As profecias não mentem. Os Hopi sabem. Os maias sabiam. Os sumérios sabiam. Qualquer civilização que alcance um grau de

tecnologias e que não esteja de acordo com seu grau de espiritualidade vai destinada à destruição maciça. Acredito firmemente que, para que o planeta se salve, tem que eliminar seu principal parasita, que é o ser humano. Mas, se acontecer assim, que possibilidade temos de nos redimir? Não está todo o jogo dos deuses montado para ver nossa capacidade de redenção para outros e para nós mesmos?

Gúnnr franziu o cenho e disse:

—Nós, como *Valkyrias* e *einherjars*, descemos ao *Midgard* porque nossos instrumentos e nossas ferramentas foram roubadas e são tão perigosas que poderiam chegar a destruir seu mundo. —Gúnnr untou seu dedo do picapica que havia na bandeja. Gabriel roubou o dedo e o levou a sua boca— Ladrão —seus olhos escuros refulgiram de vermelho— Se nós estivermos aqui para protegê-los e agimos de maneira responsável em relação a nossa tecnologia, como é possível que construam objetos muito maiores aqui e igualmente perigosos? Sinto-me como uma estúpida. Como os podem ter à vista desse modo? É como pôr um pôster enorme que diz: *Quer acabar com o planeta? Manipule-me e fodemos a todos.*

Gabriel assentiu e cravou a vista no Fermilab.

—No fundo é porque Loki sabe que a ignorância coletiva é sua melhor arma. Não se importa com os humanos e sabe que não farão esforços por entender o que é um acelerador.

— E então que droga fazemos aqui? —colocou-se de joelhos sobre o capô e o olhou zangada— É absurdo.

—Nós estamos aqui em nome de nossos deuses, que são os pais de tudo, inclusive desta humanidade ignorante e absurda. E pelo visto, o Alfather acredita neles. Agarre-se a algo no que acreditar e luta por isso ou então tudo isto perderá sentido.

—Eu acredito em seu tio Jamie —a provocou—, mas agora é um vaniro…, e não me serve. E acredito na inocência de Chispa, mas é uma macaca. —sufocou uma risada e tentou fazer um rosto sério e reflexivo— Acredito na simpatia de Margarida, embora tenha me machucado muito… —Recordou com desgosto— Acredito no Ankti e em Chosobi. Acredito neles. Mas também acredito em você. Você veio do reino dos humanos. E só por isso, posso acreditar neles. Só por você.

Gabriel a abraçou pela cintura e a beijou com ternura, saboreando um ao outro.

—Assim eu gosto, *Valkyria*.

Os faróis dianteiros do Jipe da Miya os iluminaram. Gabriel e Gúnnr se separaram e desceram do capô.

Bryn repassou Gúnnr de cima a baixo e levantou uma sobrancelha indagadora.

— E suas leggings, *Valkyria*?

Gúnnr olhou as pernas só cobertas pelas botas de cano alta e saia curta, e encolheu os ombros.

—Perdi-as.

Miya saiu do carro com o cenho franzido, cheio de preocupação; Ren ia atrás dele, com um olhar cheio de determinação. Gabriel e Miya se olharam um ao outro.

—É minha última batalha, Engel —jurou Ren sabendo que podia causar desconforto— Quero

lutar.

— Está seguro? —Gabriel não sabia por que confiava em Ren na verdade. Estava a ponto de entregar sua alma a Loki, via em seus olhos que se tornavam brancos e claros a cada momento e, com tudo e com isso, havia algo no samurai que o impelia a confiar em sua palavra.

—Sim. Se tiver que morrer, farei sendo eu mesmo. Loki me roubou muito, mas não quero que me roube minhas lembranças. Quero continuar lembrando de Sharon como minha cáraid, e se vou daqui, será ela quem me guie ao outro lado. Ao menos, saberei que é ela. —O vaniro esfregou a nuca em um claro e transparente gesto de cansaço. Lutou muito— Não quero morrer como vampiro e me esquecer de todas as emoções e as lembranças. Partirei como um guerreiro vaniro enquanto me resta consciência.

A Aiko encheram os olhos de lágrimas, enquanto escutava a seu irmão falar com tanto orgulho e honestidade.

— Palavra de samurai? —Perguntou Gabriel.

—Palavra de samurai.

Os dois guerreiros se mediram e, no final, decidiram que acreditariam um no outro, como Miya não duvidava de Ren.

—O satélite indica que a energia eletromagnética do Mjölnir se deslocava sobre a costa da Flórida —detalhou Bryn— Faz meia hora que se formou uma descomunal tempestade elétrica no mar.

—É possível que a caixa que protege ao Mjölnir tenha arrebentado —anunciou Aiko— Balançou muito os trailers, e deram severas inclinações bruscas enquanto os perseguíamos.

— Informou sobre o contêiner que viaja na direção da Escócia?

—Sim. Isamu e Jamie se encarregaram disso e alertaram os clãs da Black Country para que controlem o espaço aéreo da área. Ajudarão a interceptá-los —declarou Bryn.

—Eu chegarei antes —disse Miya com os olhos cinza avermelhados e com os vasos sanguíneos muito vermelhos. O samurai tinha aspecto de louco.

—Como pensa chegar antes? —Gabriel estreitou os olhos, tentando olhar através dele— Conhece algum modo?

—Simplesmente chegarei antes —anunciou com convicção— Mas isso agora não importa. Importa o martelo e que não o impacte na Flórida.

— É capaz de nos ajudar, Gúnnr? —Perguntou Bryn com curiosidade.

—Vou tentar. Não sei se sou ou não a filha de Thor, mas é nossa única possibilidade. Talvez necessite sua ajuda, Bryn.

A Generala caminhou para Gúnnr e entrelaçou os dedos com ela.

—Conta comigo, nonne.

Tratava-se de criar dois campos de forças que se chocassem ente eles para criar energia. Bryn e Gúnnr estavam uma em frente da outra. Permaneciam com os olhos fechados, concentradas em seus encargos.

Os guerreiros se colocaram a seu redor e esperaram ansiosos a que os poderes das duas

Valkyrias se manifestassem de algum modo.

—Agora, Bryn, ataque-me —disse Gúnnr.

A Generala elevou as duas palmas de suas mãos e as dirigiu para ela, lançando poderosos raios que impactaram no corpo de Gúnnr.

Gabriel olhava a cena apavorado. Sua pequena *Valkyria* ia tentar, sabendo como era tenaz e como era cabeçuda até que conseguia aquilo que queria, não duvidava em que podia conseguir tudo que se propunha. Mas isso o atemorizava. Se Gúnnr era capaz de invocar uma tempestade elétrica e viajar através dela, o risco ia ser muito grande. Mjölnir tinha um poder descomunal e Gabriel tinha medo do que pudesse acontecer. Sabia que tinham que recuperar o martelo, mas não queria que ela saísse ferida. Entretanto, aí estava sua valente guerreira, invocando nada mais e nada menos que uma tempestade elétrica, como se fosse uma deusa, ou melhor, como se fosse filha do deus do trovão.

Gúnnr repeliu o ataque de Bryn.

— Vamos, Generala! —A animou. Fechou os olhos e abriu os braços para o céu. Seu corpo se encheu de eletricidade e foi rodeado por milhares de fios e línguas de luz que fustigam sua pele. Os calcanhares de Gúnnr se deslizavam pela grama, desenhando profundos sulcos na terra.

Olhou fixamente a sua irmã

— Mais forte, Bryn! —Gritou— Não… Não pare!

Gabriel e Miya olhavam a cena com fascinação. Aquelas mulheres eram muito poderosas para seu próprio bem.

Bryn açoitou Gúnnr com novas descargas.

A jovem absorveu a energia da Generala como dela e, então, ativou sua própria energia elétrica. A energia interna de Gúnnr colidiu com a que recebeu de Bryn. Sentiu que seu sangue circulava com maior velocidade, e notou como seu coração palpitava a um ritmo frenético.

—Gúnnr… —Sussurrou Gabriel querendo se aproximar.

— Não! —Exclamou Gúnnr cravando-o no lugar.

Não, ele não podia se aproximar. Não podia pará-la. Sentia sua própria energia e não tinha medo dela. Jamais se sentiu tão poderosa, nunca antes concebeu tanto poder em seu interior. Acreditava-se capaz de tudo, e queria desfrutar da sensação.

Era a filha de Thor? Era? Isso o demonstraria.

Gúnnr abriu os olhos, que alternavam da cor vermelha a um cinza azulado metálico como o das tempestades e os raios. Apertou os punhos e jogou o pescoço para trás, e um redemoinho de ar começou a se criar a seu redor.

No céu se criou ao princípio uma espessa névoa. A névoa se fez mais pesada e consistente e desenhou nuvens, nimbos alongados que se elevavam em forma de espiral sobre suas cabeças. O ar a seu redor soprava em rajadas muito fortes, quentes e úmidas.

Gabriel recolheu o cabelo em um coque alto. Preparando-se para o que estava por chegar e assentiu enquanto olhava Gúnnr.

— Venha, florzinha! Já tem! —Aclamou-a— Você pode! —A voz usava o vento.

Bryn seguia lançando raios sobre Gúnnr e esta lutava por não se deslocar do chão e fincava

os calcanhares com força.

Algo, algo silencioso a estava enchendo. Como a calma que precede à tempestade.

O céu se iluminou e emitiu um estalo. Um bramido de aborrecimento por não ser ele quem decidisse o clima que devia fazer.

Gúnnr apertou os dentes e mostrou suas presas. Olhou Gabriel e sorriu.

—Pare — bramou Gunny.

Bryn parou imediatamente. A Generala olhava a sua irmã como se nunca antes a tivesse visto. Uma imensa bola de luz a rodeava, e seu corpo brilhava como o sol.

Gabriel engoliu saliva com força.

Miya observava à *Valkyria* com solenidade.

Aiko passava a mão pelo rosto, como se tivesse que tocar para ver que aquilo era real.

E Ren olhava Gúnnr como se fosse um amanhecer.

Gúnnr desdobrou suas asas vermelhas e parecia um anjo do inferno, batia e se elevava para o céu, que agora sim, tornou-se escuro. Os relâmpagos caíam sobre a Betavia, e ressoavam por todos os lados.

—*Er du veldig glad og det, Ja sa klapp*… — Recitou Gúnnr olhando Gabriel, lembrando a canção de berço que cantava Freyja às *Valkyrias* recém-nascidas. Freyja cantou para Gúnnr sendo um bebê, e embora Gúnnr agitasse suas mãozinhas, de suas mãos nunca saiu nenhum raio furioso, nem tampouco seus olhos tornaram-se vermelhos. Entretanto, agora era seu momento, e ela cantava sua própria canção.

O Engel estava emocionado. Quem era aquela criatura tão fascinante? Tão linda que inspirava respeito e reverência. E aquelas asas… Era fantástica. Emocionou-se e seu coração se encheu de orgulho. Porque essa *Valkyria* era dele e de ninguém mais. Era um fodido afortunado.

—Bata as mãos, meu bem —sussurrou Gabriel sem perder detalhe daquela demonstração de poder. Ao vê-la em todo seu esplendor vinha à cabeça a canção do *Fucking perfect* de Pink. Perfeita— Bata, Gunny!

— Bata as mãos, nonne! —Exclamou Bryn elevando o punho com os olhos cheios de lágrimas— Bate as mãos!

A *Valkyria* sorriu agradecida pelo apoio. Abriu as palmas das mãos e as dirigiu ao centro do redemoinho que se criava a vinte quilômetros por cima de suas cabeças.

Gritou com todas suas forças e um raio que saía de sua alma e de seu coração se dirigiu ao centro do redemoinho. A tempestade elétrica tomou vida, e com ela, a *Valkyria* percebeu a anti-matéria que também se formava por cima das espessas nuvens que traziam água, granizo e trovões.

Estava aí. O vínculo com o Mjölnir a chamava, a atraía como se atraíam dois polos opostos.

Gúnnr estendeu a mão e a ofereceu a Gabriel.

—Engel, temos que ir —inclusive a voz parecia diferente. Era a voz de uma sereia que arrastava os marinheiros contra as rochas.

Gabriel olhou ao resto de sua equipe e disse:

—Meninos, pode ser nossa última viagem. Vamos nos segurar bem nas curvas.

Gabriel tomou a mão de Gúnnr, pensou nela e desdobrou suas asas azuis. Uniu-se a sua *Valkyria* e a abraçou pela cintura.

—Mas, que merda acontece? —Disse Miya hipnotizado pelas asas— São pássaros ou o que?

Bryn encolheu os ombros, embora estivesse tão maravilhada quanto ele.

—São companheiros. Segure-se a mim —ordenou Bryn.

—Podemos voar —murmurou Ren mal-humorado.

—Claro —respondeu Bryn com um sorriso— Mas necessitam um para-raios.

Ren, Aiko e Miya decidiram que a *Valkyria* loira tinha razão. Puseram as mãos sobre seus ombros.

— Asynjur! —Gritou Bryn elevando uma mão.

Uma língua de luz rodeou seu antebraço e Bryn saiu disparada para o céu com os três vaniros que a seguiam voando em permanente contato.

Gúnnr cravou seus olhos vermelhos em Gabriel.

—Vamos diretos a ele, ao martelo. Terão que se afastar —pediu uma inquieta Gúnnr.

—Não vou me separar de você.

—Mas Gabriel…

—Você nos leve na viagem, *Valkyria* —juntou sua testa à dela e a beijou nos lábios— Que comecem os foguetes.

Gúnnr ficou olhando Gabriel durante longos segundos.

—Como deseja, Gab —respondeu agradecida.

Gúnnr e Gabriel empreenderam o voo com os rostos elevados para o centro do redemoinho, para o centro do coração da tempestade elétrica que criou. A seus pés, Chicago começava a parecer pequena. As luzes da cidade titilavam como vaga-lumes, e o som ambiente era um tímido e relaxante. Os trovões e os relâmpagos sobressaltavam como guiando para a anti-matéria, esporeando para que os seis guerreiros se apressassem e se deixassem levar pela força da natureza.

Transpassaram a barreira de nuvens e deixaram para trás o vórtice da tempestade. Diante deles se achava a neblina amorfa e dourada.

— O que é isso? —Ren olhava a nuvem de ouro como se fosse o paraíso.

Gúnnr bateu as asas com força.

—Bryn, têm que estar em contato comigo!

A Generala assentiu e, utilizando os raios como se tratassem de linhas selvagens, colocou-se ao lado de sua amiga e entrelaçou os dedos com ela. Os guerreiros criaram uma cadeia humana.

Gúnnr os olhou pela última vez, e quando memorizou seus rostos, sorriu e voou de cabeça para a anti-matéria, arrastando-os com ela para um destino que ninguém conhecia.

O mar estava bravo. A tempestade elétrica que assolava a Califórnia colocou a todo o estado em alerta máximo. O helicóptero militar descia sobre a planta nuclear de Diabo Canyon, agitado por tornados imprevisíveis que deslocavam o contêiner de um lado ao outro.

Um grupo maciço de devoradores, vestidos com túnicas negras e acompanhados de pálidos

vampiros, esperavam que o contêiner entrasse em contato com terra firme. O helicóptero se moveu de um lado ao outro, resistindo às agressivas e adversas condições climatológicas e, finalmente, deixou o contêiner no chão, para ir por aonde veio.

Os devoradores correram até o contêiner e abriram suas comportas. A caixa de contenção do Mjölnir estava quebrada, e o martelo liberava toda sua energia, desdobrando um espetáculo de emissões elétricas de todas as cores.

A central nuclear de Diabo Canyon constava de dois reatores gêmeos de água a pressão de quatro circuitos de mil e cem mega cada um. A cúpula do reator se elevava a quarenta metros de altura e os jotuns de Loki sabiam muito bem o que tinham que fazer para criar o caos. Entre quatro vampiros, tomaram Mjölnir e voaram com ele nas mãos o tempo suficiente para deixá-lo sobre a cúpula do primeiro reator. Seus corpos se desintegraram um instante depois de deixar o cabo do martelo sobre a superfície e Mjölnir ficou à vista de todo aquele que sobrevoasse Avila Beach.

Do martelo emanou um estranho amarelo que impactou na tempestade elétrica.

Alguns encapuzados que esperavam sobre o reator se detiveram frente ao martelo. As pessoas eram muito magras, e o outro era mais alto e fornido.

O alto de descobriu e mostrou seu rosto. Moveu os dedos da mão embainhados em uma luva metálica, sorriu a seu companheiro e disse:

—Acabemos com todos eles e abramos o portal, Lucius.

—Estou ansioso, Hummus —assegurou mostrando suas presas afiadas e sedentas de sangue humano.

Uma esfera dourada se criou no céu justo à mesma altura do escarpado onde se encontrava a planta nuclear. Desta esfera, cheia de vida e luz, saíram seis guerreiros que impactaram contra o chão cimentado do recinto.

Gabriel levantou e ajudou Gúnnr a levantar. A *Valkyria* meneou a cabeça para limpar a mente e deu uma olhada a seu redor.

—Estamos no andar nuclear —disse olhando por volta de um dos reatores. Quatro vampiros sobrevoavam a plataforma com o Mjölnir nas mãos enquanto este desfazia a pele morta— Mjölnir… Ali! —exclamou assinalando aos *nosferatu*s vestidos de negro.

Bryn correu para eles e disse:

— Ocupe-se do martelo! —Ativou seus *bue* e preparou o arco com suas flechas— Nos encarregamos destes —e assinalou com o queixo ao grupo de vampiros e devoradores que se dirigiam correndo para eles.

Miya, Aiko e Ren se lançaram para eles, com Bryn à frente.

Gabriel e Gúnnr bateram suas asas e se dirigiram voando a grande velocidade para o reator. Os vampiros acabavam de deixar o martelo sobre a plataforma do primeiro reator. Viram como dois encapuzados foram até ele e tiravam o capuz do rosto.

— É Hummus! —Exclamou Gabriel adquirindo maior velocidade— Não pode pegá-lo!

A *bue* de Gúnnr materializou o arco e a jovem apontou à mão metálica que aparecia entre a

manga longa da túnica negra do lobacho. Concentrou-se.

Respira. Aponta bem. Agora.

A flecha cortou o ar carregado de eletricidade e bateu na mão metálica que estava a ponto de se fechar sobre o cabo prateado e cheio de runas do Mjölnir.

Hummus afastou a mão e se agarrou o pulso com um gesto de dor. Elevou a cabeça, só para ver que um raio azul se dirigia para ele e batia no seu peito, lançando-o pelos ares.

Por sua parte, Gabriel impactou contra Lucius e rodaram os dois sobre a superfície do reator.

Abaixo, os gritos dos vampiros e os devoradores se chocavam contra o som dos gritos da *Valkyria* e os vaniros.

Gúnnr, com os joelhos para a frente, bateu no rosto de Hummus enquanto este caía depois de ser arrastado por uma de suas descargas.

Chocaram contra o chão.

Mjölnir continuava soltando o magnífico raio amarelo que parecia mesmo estar furando o teto estelar e abrindo com sua força uma porta direta às estrelas.

— Maldita *Valkyria*! —Grunhiu Hummus enquanto batia no queixo de Gúnnr com o cotovelo.

A jovem caiu para trás, e mordeu a língua. Cuspiu sangue e gritou quando sentiu algo afiado se inserir em sua coxa.

— Gúnnr! —Exclamou Gabriel ao escutar seu grito. Bateu em Lucius com o soco inglês e abriu a maçã do seu rosto— Afaste-se dela! —Agarrou o vampiro e, o grudando pela túnica, colocou o pé no peito e o alavancou para trás, para o tirar de cima e fazê-lo voar pelos ares.

Lucius rodou no ar, e bateu em Gabriel pelas costas.

— Hummus, agarre o martelo e bata! —disse Lucius enquanto rasgava o pescoço e as costas de Gabriel com suas unhas afiadas e seus dentes.

O *einherjars* rugiu, girou rapidamente e cortou o peito do vampiro com sua espada.

Lucius caiu de traseiro ao chão e olhou o sangue do torso com surpresa.

—É rápido, *einherjars* —murmurou.

Seis vampiros chegaram ao reator e rodearam Gabriel.

Enquanto isso, Hummus imobilizava e retorcia a adaga da coxa de Gúnnr, enquanto desfrutava ao sentir que os tendões e alguma e outra veia do interior da perna da *Valkyria* eram cortados no movimento. Logo tirou a adaga ensanguentada e a dirigiu a seu peito.

Ren e Bryn foram ao resgate de Gabriel e Gúnnr.

Os samurais jorravam sangue, dos pés à cabeça e movia suas espadas em círculos diante dele.

Bryn lançou duas flechas às costas de Hummus, e este girou e arrancou as flechas da coluna. Gúnnr aproveitou para pegar ar e, embora estivesse morta de dor, o acertou no rosto com o arco. Um jorro de sangue saiu da sobrancelha de Hummus.

Gúnnr viu sua oportunidade e aproveitou então para lançar um raio no Mjölnir. Tinha que afastar o martelo daí. Os músculos do braço queimaram e lançou o martelo para cima, ao céu. O elevou tanto como o raio permitia.

Um portal começou a abrir no céu, um buraco vermelho impressionante que emitia luzes e sons de outros mundos.

— Merda, não, não! Que ela não o toque! —Exclamou Hummus chamando a atenção dos vampiros.

— Está abrindo o *Valhall*! —Assinalou Lucius aterrorizado.

Hummus rugiu e se transformou em um terrível lobacho, o maior que Gúnnr e Gabriel viram. A *Valkyria* fez todo o possível por manter ao martelo aí, levitando a milhares de metros de distância, fora do alcance dos jotuns.

— Assim que a garotinha está chamando seu papai?! —A adaga do Hummus traçou o bíceps do braço e seus dentes afiados a morderam o antebraço. A *Valkyria* uivou e deixou de controlar o raio. O martelo começou a cair à terra de novo, já que Gunny não o podia sustentar. O braço ficou imprestável. Tentou erguê-lo com o outro, mas antes que seu raio impactasse no martelo, Hummus pisou em seu estômago com força e a deixou sem respiração.

A jovem dobrou sobre si mesma e cuspiu sangue.

— Vamos, Hummus! —Disse Lucius— — Thor e Odín estão para chegar! A energia da *Valkyria* entrou em contato com o totem de seu pai e abriu um portal! Chamou-os! Vamos, nossa porta segue aberta!

Gabriel chutou Lucius no estômago, o lançou sobre Hummus, e o atravessou com sua espada, tirando-o de cima de Gúnnr.

— Solta-a! —Gritou.

Bryn já matou a um dos vampiros que foi atrás dela, mas ainda tinha aos outros dois em cima. Olhou impotente como o martelo, embora estivesse abrindo uma porta dimensional no céu, voltava a cair na terra. Não podia atingir o reator nem nada dessa área. Seria o fim.

Cinco vampiros se lançaram sobre o Engel para evitar que seguisse maltratando seu líder, e Hummus pôde sair de debaixo dele ferido gravemente e capengante. O lobacho olhou para baixo. Os dois vaniros samurais acabaram com todos os devoradores, e no reator já não tinham o martelo nem tampouco estavam em boas condições para encarar esses guerreiros.

Estudou a situação.

Gabriel girou sobre si mesmo várias vezes seguidas e cortou as cabeças dos vampiros. Arrancou os corações de cada um e os puxou para fora. Estava feito, faziam mal a Gúnnr e isso não podia permitir.

Ren acabou com os nosferatus que foram atrás dele, embora estivesse muito ferido gravemente, mas acabou com eles.

Miya e Aiko caíram de um salto voador ao reator.

Hummus sorriu. O martelo seguia caindo; o portal deixou de crescer, mas seguia aí. Os deuses não demorariam em aparecer, mas, embora eles viessem, Mjölnir bateria igual. O andar nuclear explodiria e os terremotos aconteceriam um atrás do outro. O vórtice marítimo da Flórida se abriria… os Estados Unidos se converteria em um novo Chernobyl. Não estavam tão mal. Fariam mal igualmente. O semideus decidiu.

—Vamos. Cubra-se —disse a Lucius. Elevou o braço e ligou um pequeno aparelho que

lançou uma luz tão forte que todos tiveram que cobrir os olhos.

Lucius e Hummus decidiram abandonar o andar nuclear, pois, estavam em inferioridade de condições. Saíram correndo e saltaram ao vazio, para desaparecer por outro portal.

Gabriel correu atrás deles às cegas, até que ouviu o grito de Bryn que dizia:

— Está caindo! Mjölnir está caindo! Cai sobre o reator! —A *Valkyria* estava tirando o último vampiro de cima.

Gabriel olhou Gúnnr, que estava tão ferida gravemente que a pobrezinha mal podia se mover. Não pensou duas vezes. Se alguém devia agarrar o martelo seria ele e não ela. Porque não queria perdê-la, não queria arriscar que a Gúnnr, sua florzinha, acontecesse nada errado. Nem pensar. Ele a queria. Amava. E por amor se sacrificava todo o resto, inclusive a própria vida. Bateu suas asas e se dirigiu para o martelo.

Ren olhou o gesto de Gabriel, e logo cravou seus olhos esbranquiçados em Miya e Aiko. Sua irmã negou com a cabeça e Miya apertou a mandíbula e franziu o cenho.

—Inclusive aqueles que começam a perder suas almas, têm a oportunidade de ser heróis — sussurrou Ren a seus amigos— Irmãos, foi um prazer lutar a seu lado. Nos veremos logo. —Juntou suas mãos e inclinou o tronco para diante, em uma típica saudação samurai cheia de respeito e cordialidade.

— Ainda está a tempo, Ren! —gritou Miya com os olhos cinza úmidos— Pode se salvar! As pastilhas…

—Irmão meu, não pode salvar aquele que não quer ser salvo. —impulsionou-se nos calcanhares e elevou o voo, em busca da única salvação que ele procurava através do sacrifício.

— Não, Ren! —Lamentou o samurais.

Aiko caiu de joelhos ao chão, tampou o rosto e começou a chorar.

Gúnnr se ergueu sobre os cotovelos. Tinha a perna e o braço abertos e completamente amassados. Não os podia mover, mas quando elevou a vista e viu as asas azuis de Gabriel que batiam com força para alcançar o martelo e evitar o impacto, agarrou forças de onde as tinha e se levantou. Agitou suas asas e foi por seu guerreiro.

Gabriel, que estava ferido gravemente, com suas costas abertas em carne viva por todos os lados, sentiu que suas asas falhavam. Pela extremidade do olho viu um missel negro com a cabeça loira e morena que passava por seu lado.

Era Ren.

— Eu chego antes! —Gritou o samurai— Aguentarei o martelo tudo o que puder. —Fez uma saudação militar com os dois dedos da mão e sorriu, deixando ver a pouca humanidade que ficava em seu interior— foi uma honra, Engel.

—A honra foi minha, kompis —assegurou Gabriel com humildade assentindo com a cabeça.

Ren passou pela frente e desapareceu entre as nuvens.

Gabriel tentou voar mais rápido. Talvez pudesse ajudar. Perder a um guerreiro com tanta honra nunca era boa. Já perdeu muitos. Quatro em poucos dias, e os de maior confiança.

Atravessou o banco de nuvens e observou que Ren retinha o Mjölnir e voava com ele para cima.

O corpo do vaniro começou a carbonizar, seu rosto refletiu a paz mais absoluta e, no final, explodiu como uma pequena supernova.

Gabriel apertou a mandíbula. Ren se sacrificava por eles.

Era sua vez. Lançou-se pelo martelo com todas suas forças. O portal do céu seguia aberto, mas daí não saía ninguém. Nenhum deus. Nenhuma *Valkyria*. Nenhum guerreiro que os ajudasse. Tinha que chegar até o portal e, no melhor dos casos, seria absorvido por ele e levaria o martelo consigo.

Gabriel elevou os braços e amarrou o cabo do Mjölnir. O golpe foi tão doloroso que não pôde suportar. Sentiu que o sangue espessava, que o corpo não respondia. O cabo queimava as mãos e a eletricidade percorria os ossos e o deixava tiritando.

E então, umas mãos mais suaves e femininas cobriram as dele. Um corpo quente grudou-se às suas costas, e a nuvem mais quente de todas o abraçou. Os olhos de Gabriel se encheram de lágrimas. Gúnnr não devia estar aí. Ela devia viver.

—Solta, Gabriel — pediu com a bochecha apoiada em suas costas— Solta.

Gabriel não podia falar. Doíam os dentes, e tinha um gosto amargo e metálico na boca. Ele negou com a cabeça. Não queria olhar seu rosto ou se desmoronaria.

—Solta, guerreiro —beijou suas costas machucada e suas asas quebradas. Tremia a voz e não o ocultava— Mjölnir é meu, não seu.

—E você é minha, Gúnnr. Não vou… —Um raio o chamuscou por dentro e um grito afogado emergiu de sua garganta.

— Gabriel! —Gúnnr se colocou diante do *einherjars* e o segurou pelas bochechas— O solta — lágrimas escorregavam pelo queixo— Por favor, dê a mim.

— Não! —Seus olhos se fechavam— Se o faço, não a verei mais. Eu… eu quero vê-la sempre. Não entende?

Gúnnr o abraçou com força e afundou seu rosto em sua garganta.

Chovia e os trovões iluminavam o céu.

—Sempre poderá me ver. — murmurou contra sua pele queimada.

Gabriel tremeu o queixo e negou com a cabeça. Como ia vê-la? Mjölnir ia consumi-la, a converteria em energia em pó. Não, ele não acreditava em que as pessoas se converteriam em energia; não se conformava com essa verdade. Não pode abraçar à energia, nem beijá-la, nem se zangar com ela nem dizer o muito que a ama.

—Você é o Engel. Deve ficar —anunciou com serenidade. Beijou-o nos lábios e sorriu abertamente— Obrigada por tudo, meu Engel — sussurrou sobre seus lábios de novo.

— Por… por quê? Fracassei, vamos morrer todos. Ninguém pode tocar este maldito martelo sem que seja consumido. Nem sequer você —murmurou limpando o sangue que começava a gotejar de seu nariz.

—Não importa —acariciou o rosto de seu amado— Não há fracasso a seu lado, amor. — Gritou ao sentir como os músculos ardiam e se desfaziam diante da energia brutal do martelo—

Obrigada por despertar meus dons… Obrigada por me querer e por me escolher —memorizou seu rosto.

—Gúnnr…

—Me perdoe.

— Por quê? —Gabriel estava a ponto de ficar sem conhecimento.

—Por te amar o suficiente para desejar que viva pelos dois.

Gúnnr agitou a *bue* e pegou uma de suas flechas elétricas. A cravou no estômago de Gabriel. Este abriu os olhos e fixou o olhar azul e desolado no rosto da *Valkyria*. Duas imensas lágrimas deslizaram pelos cílios do guerreiro e suas mãos escorregaram do comando metálico do martelo e o liberaram.

Gabriel caía ao mar, sem forças suficientes para bater suas asas azuis; sem a energia necessária para gritar a Gúnnr pelo que acabava de fazer; sem oxigênio suficiente para dizer com palavras que a amava e a amaria sempre. Não podia fazer nada disso, só chorar e deixar que suas lágrimas se misturassem com as gotas da chuva.

Gúnnr começou a chorar enquanto via Gabriel desaparecendo entre as nuvens. Nunca a perdoaria. Acabava de jogar por terra sua livre eleição de como morrer. O traiu, e um líder como Gabriel não tolerava essas coisas.

A primeira chicotada a deixou sem ar.

A segunda língua elétrica parou seu coração.

O terceiro trovão que a alcançou a fez explodir como uma bola de energia no ar.

Ela e o martelo se desintegraram e o portal os absorveu.

Gúnnr se foi.

Capítulo 26

Reino do Asgard, Púdheirmr (Lar da Força)
Palácio do Bilskinir.

Ela não queria morrer. Gúnnr só queria retornar para Gabriel, cuidá-lo até que se recuperasse de suas feridas e viver a seu lado, rodeada de guerra, morte e destruição, mas também de guerreiros fiéis, amizade e felicidade, como constataram.

O *Midgard* era um reino onde havia tensão e conflitos constantes em todas as partes do globo, e os humanos aprenderam a conviver com isso, ou a base de indiferença ou a apoiar-se na luta contra esse mundo tão contraditório.

Ela decidiria lutar não contra o mundo, mas sim lutar a lado dos que respeitava e amava, lutar por defendê-los: Bryn, Róta, Gabriel, Isamu, Chispa, Jamie, Aiko, Miya, Ankti, Chosobi… Eles valeriam a pena. Como valeram a pena aqueles que já caíram.

Na morte permanecia a memória? Lembraria todos eles? Lembraria de seu Engel? Gúnnr desapareceu? Seguia sendo ela ou só energia?

Mjölnir, o maldito martelo voador, consumiu-a. E Gúnnr se deixou consumir com prazer, porque valeria a pena a vida de Gabriel: merecia cada lágrima e cada queimadura. Ele tinha que viver. Ela era apenas uma *Valkyria* a mais, mas o único que poderia manter aos guerreiros unidos no *Midgard* não era outro que seu anjo de cabelo loiro e encaracolado. Não ela.

Foi com muito amor, mas ficou um gosto amargo na boca. Porque não disse a seu einherjar que o amava com todo seu coração, com cada fibra de seu corpo e com toda sua alma. As palavras às vezes aterravam, sobretudo essas.

Uma dor terrível se instalou em sua perna. Parecia que a estava pisando em um sabá de cavalos selvagens. Deuses, quanto doía!

Mas, se doe a perna… é que tenho corpo, não? As almas não têm corpo, não sentem dor. E eu tenho a sensação de que me estão arrancando a pele em pedaços.

Elevou suas, ainda, mãos físicas sobre seu rosto e tocou as bochechas e os lábios. Deixou cair o braço direito porque, se doía a perna, então o que sentia no braço era como uma Paixão de Cristo ao *Gore*.

Abriu os olhos e cravou seu olhar azul escuro em um céu multicolorido, de cores pasteis, estrelas brilhantes, e várias luas. Um grupo de aves luminosas cruzaram a abóbada celestial, deixando uma esteira luminescente atrás delas.

A *Valkyria* reconheceu esse céu.

Estou no Asgard?

Levantou sobre um cotovelo, e gemeu ao mover suas maltratadas e sangrentas extremidades.

—Está acordada, garotinha? —Disse uma voz feminina às suas costas.

Como? Não pode ser

Gúnnr fez um esforço para girar a cabeça e olhar Freyja por cima do ombro. A deusa, coberta com um tecido negro e dourado e o cabelo preso em um coque alto, estava acompanhada de Thor, o deus do trovão, do clima e das batalhas. Thor, o mais temido do Jotunheim. Thor, tão loiro, grande e barbudo que não se parecia com nada a Gúnnr. Thor, que tinha filhos reconhecidos com Sif, e outros não tão reconhecidos com a gigante Járnsaxa, e entretanto, não reconhecia a nenhuma filha que teve com uma humana, como por exemplo ela. Thor usava as luvas especiais para segurar o Mjölnir, e estava olhando-a com admiração. Gúnnr tinha vontade de vomitar.

— O que faço aqui? —Perguntou em tom cortante— Acreditei que Mjölnir acabaria comigo.

Freyja ficou olhando o deus, esperando que respondesse.

—O teria feito —assegurou o deus do trovão— Os pequenos Sindri e Brokk só o criaram para mim, expressamente para mim. Não pode tocar o martelo prolongadamente sem perder a vida por isso. Necessita estas —levantou os antebraços e mostrou as luvas de ferro, com mensagens rúnicas gravadas neles onde se lia: *Rainha sobre o relâmpago e o trovão em sua voz*— Mjölnir é uma arma sob medida.

Gúnnr revirou os olhos e se deixou cair de costas sobre o chão morno do palácio Bilskinir, o maior do *Asgard*, onde residiam Thor e sua família. Uma família que não tinha e que não era dela.

—Morro de dor… —Grunhiu entre dentes — quer dizer que continuo viva?

Freyja se apressou a levantar a cabeça de Gúnnr e colocá-la sobre seu colo.

—Continua viva —afirmou a impressionante deusa— Deixa que a alivie— aconteceu uma elegante e pálida mão sobre as feridas do braço da *Valkyria*— vou matar o vira-lata sarnento no *Ragnarök*; penso em matá-lo por fazer isto —murmurou com desgosto.

Hummus lhe esmigalhou o braço e a perna e a apunhalou com raiva. Esse lobacho tinha muito poder.

—Hummus entrou no *Asgard*. Foi ele quem roubou os totens. Como pode ter feito isso? É um seirdrman[56]? Controla a magia, pode mudar, tinha a adaga guddine[57]… Quem é?

Freyja e Thor se olharam com preocupação. O que diriam? pensou Gúnnr.

—Hummus não importa agora —a Deusa penteou o cabelo com os dedos e sorriu com seus olhos prateados como flores amarelas— Olha como está, *Valkyria*. Converteu-se em uma mulher completa —reconheceu com orgulho.

Gúnnr não estava para adulações nem para reconhecimentos.

— Por que continuo viva? —Perguntou apertando os dentes. Que merda fazia no *Asgard*?

—É minha filha —disse a voz de Thor abaixando-se a seu lado— Por seu corpo corre o mesmo sangue que o meu…

—Por desgraça.

Freyja sorriu diante da insolente e mordaz resposta e Thor a ignorou.

—Mjölnir abre portas —explicou Thor— É uma arma destrutiva, mas também é uma chave. Hummus a queria utilizar para abrir as portas do Jotunheim e de todos os reinos sombrios, porque essa é sua natureza. Você tocou o martelo e abriu a porta do *Asgard* porque é filha de um deus e aí é onde devia retornar, e onde devia retornar o martelo. É sua natureza. E eu —encolheu os ombros— não ia deixá-la morrer.

— Por que não? Matou-se durante todo este tempo, Thor —recriminou ferida— Me negou.

O deus, tão grande e corpulento como era, agiu como se não importasse a dor refletida na voz de sua filha.

—Omiti.

Gúnnr apertou os punhos e seu corpo se carregou de eletricidade. Freyja tentou acalmá-la e a ajudou a levantar. Discutir em uma posição tão pouco vantajosa não era elegante, e sua *Valkyria* era dela: era mais filha dela que de Thor, assim não ia permitir que se sentisse humilhada ou agredida pelo deus arrogante por excelência.

— Por quê? Por que me omitiu? Odín não o omitiu. Não omitiu Prúdr, que é uma *Valkyria* como eu. A ela sim a reconheceu. —Não elevava a voz. Não gritava. Mas cada palavra certeira se ouvia alto e claro— Nem omite Magni nem Modi, que também são seus filhos. Mas em troca, omitiu-me, porque sou filha de uma humana. Tenho que supor que não valho o mesmo? —Os olhos azeviches de Gúnnr se tornaram vermelhos.

Thor soprou cansado e olhou a Freyja.

—Me expulse.

---

[56] *Se chama o bruxo que trabalha com a magia obscura Seirdr.*
[57] *Adaga dos deuses.*

—Nem sonhe —respondeu Freyja— Minha *Valkyria* merece uma explicação.

O deus pegou o punho do Mjölnir e Gúnnr girou o rosto com asco.

—Afasta isso de mim. É muito daninho.

Thor o lançou contra uma árvore e o martelo ficou preso em sua casca.

—Tive uma aventura com sua mãe —explicou Thor— Se chamava Glenn e era uma mulher incrível, linda, com um caráter doce e aprazível. Conheci-a no território que os humanos chamam Espanha. Era morena, de sangue quente, divertida e… Se parecia muito a você —recordou com melancolia— Sua mãe se apaixonou perdidamente por mim —e falou como se a mulher fosse tão tola por se apaixonar por um deus nórdico de dois metros de altura atrativo como o pecado— Mas ela não podia saber que eu era um deus, assim cessei minha aventura com ela. Desapareci de sua vida.

—Abandonou-a. Abandonou uma mulher grávida —repetiu Gúnnr sem nenhum tipo de respeito por Thor.

—Eu não sabia que tínhamos concebido um bebê —tentou se defender— Mas um dia, uma mulher desse território foi alcançada por um raio. Freyja e eu descemos ao *Midgard* para recuperar a mulher, retorná-la à vida e pactuar pela vida de sua filha. A mulher era Glenn.

Freyja soltou uma risada.

—Queria matar Thor. Quando o viu… Queria arrancar os olhos por abandoná-la… Teria que tê-la visto, Gunny.

Gúnnr levantou uma sobrancelha mal-humorada.

—É muito louvável. Vivem um romance, a deixa grávida e desaparece, o que esperava?

—Sua mãe —prosseguiu Thor com gesto arrependido—, não aceitou o trato. Dissemos que se a devolvêssemos à vida era só para que concebesse o bebê. Glenn se tornou… Ela não aceitou bem o pacto. Mas nós asseguramos que era irrevogável, que sua filha nos pertencia.

—Não sou um objeto, sabe? —Espetou Gúnnr encarando Thor— Continua.

—Ui, sim —assegurou Freyja olhando a Gúnnr de cima a baixo— Não há nenhuma dúvida de que é sua filha. Tem uma parte arrogante e autoritária como você.

—Freyja, estou muito zangada com você —a *Valkyria* se dirigiu à deusa e a assinalou com o dedo— Você sabia e nunca disse nada! Isso não se faz! Mentiu como ele!

—Não sinto, doce Gúnnr — defendeu-se a deusa recuando com um gesto altivo— Assim devia ser.

A *Valkyria* massageou as têmporas. *Bem-vinda a casa, Gúnnr*, pensou.

Thor se aproximou de sua filha e pôs uma mão no seu ombro.

—Glenn se vingou de mim, e tentou de qualquer modo tirar sua vida. Não a importava matá-la, ela não a queria porque não me queria. Por isso nasceu sem dons. As *Valkyrias* são filhas queridas. Seus dons se outorgam quando conceberam o amor, e não há amor mais puro que o cuidado que tem uma mãe por sua filha ainda não nascida. Incondicional.

—Sim, claro, o amor de Glenn era tão puro que quase me mata —murmurou enfastiada daquela situação. Separou-se das mãos de Thor— E o amor de meu pai é bem conhecido. Tem muito amor repartido por todos os reinos, verdade? São muitos filhos os que amar.

—Não brinque, *Valkyria*.

—Não me diga o que posso ou não posso fazer. Você não é meu pai —Gúnnr não se importava elevar a voz para fazer calar às pessoas nem aos deuses— Não tem nenhum direito a me dizer nada. Vivi uma eternidade com você e nunca me fez sentir especial, nem me tratou de modo preferencial. Era uma mais. E em troca, todas as *Valkyrias* sabem que Prúdr é sua filha. Ela se encarrega de gritar aos quatro ventos —murmurou com desgosto. Prúdr era uma mimada. Boa guerreira, mas uma mimada e menina do papai no final. Isso não era para ela, não era para Gúnnr— Mas nada disto importa já. Não importa ser sua filha.

Thor entrecerrou os olhos azuis e grunhiu.

—Não diz a sério.

Esse homem não a conhecia. Viveu toda sua vida com ela e não sabia como era.

—Muito bem, Thor, vamos ver, o que quer? —Perguntou impaciente— Por que me trouxe aqui? Já tem o Mjölnir, já não precisa de mim.

—Pensei que você gostaria de saber que é minha filha —respondeu ele assombrado— Sei como levou isso mal. Eu não podia dizer quem era porque ninguém acreditaria. Não tinha dons, nem poderes, nem *fúria*…

Os olhos de Gúnnr se encheram de lágrimas e ela as secou com raiva.

—Claro, era uma vergonha para o grande Thor admitir que a garotinha sem poderes fosse sua filha, verdade?!

Thor baixou o olhar e esfregou o rosto com as mãos.

—Sinto muito.

— Não ocorreu pensar que talvez necessitasse que alguém me quisesse? O que uma das duas pessoas que me conceberam se interessasse por mim e me desse carinho?! —Apertou os punhos. Tinha vontade de bater— Isso poderia ter despertado meus dons.

—Pensei que seria melhor para você que não soubesse. Assim não se sentiria estranha ao ser diferente.

Gúnnr abriu a boca e pôs cara de assombro.

— E tenho que agradecê-lo por sua delicadeza?

—Não quero agradecimentos, Gúnnr —o adicionou austero— Só quero dizer que esta é sua casa. Todos têm vontade de te receber. É… é uma heroína. Por que não entra e conhece seus meios-irmãos? —Ofereceu com amabilidade.

Gúnnr olhou o palácio que tinha em frente. Era espetacular. Brilhava como o sol e, quando o céu escurecia, mudava de cores. Estava rodeado de jardins, todos com rios que desembocavam em grandes cascatas.

Ela não queria casas.

Nem queria ser recebida como heroína.

Nem queria um pai que a negou toda sua vida.

Ela sabia a quem queria e, precisamente, não se encontrava no *Asgard*.

— Meus meios-irmãos sabiam quem eu era? —Gúnnr cravou a vista na porta de entrada do palácio.

Thor torceu o rosto e olhou para outro lado.

—Sim, sabiam —deduziu Gúnnr. Decidiram que não precisava saber mais. Sua conclusão era que não queria tampouco irmãos que riram dela e que em todo momento conheciam a verdade— Todos sabiam, menos eu.

—Gúnnr —Freyja se colocou atrás dela e tentou falar com tato— Tem a oportunidade de ter aquilo que desejava: carinho e alguém a quem pertencer de verdade, não? —A deusa a olhava divertida, como se a insistisse a que a contradissesse, como se Freyja também soubesse a verdade, mas queria ouvi-la de seus lábios— Thor é seu pai e ele vai dar tudo o que precisar. Ficará aqui, no Bilskinir, e terá todos os privilégios dos que goza a malcriada da Prúdr —sussurrou com malícia.

—Sabia a verdade, Freyja, e não me disse isso. Agora mesmo não me agrada.

—Tem razão. Sabia a verdade. Mas eu cuidei de você porque eu gostava. Perdi a esperança a respeito de você. Não reagia —se justificou ela— E então subiu Gabriel, e ele solicitou você. Thor e eu dispusemos a vigiá-los. Pensávamos que seus dons deviam despertar imediatamente, mas Gabriel tinha uma obsessão.

—Gabriel não tem nenhuma obsessão. A obsessão tem você em sua cabeça —espetou Gúnnr.

Freyja cruzou os braços pela frente de sua cintura e riu com vontade.

—Eu gosto disso, Gunny. cresceu. Ficou maior. Mas me deixe dizer que sim que tinha uma obsessão, um defeito muito importante. Seu querido Engel acreditava estar apaixonado por Daanna —Freyja revirou os olhos— Sim, é muito linda. O que vamos fazer?

—Gúnnr também é — defendeu Thor com um sorriso de orgulho.

Gúnnr levantou uma sobrancelha. Ficaram loucos. Nada podia ser mais surrealista, valorando o presente, do que ela ser uma *Valkyria*, estranha no *Asgard*, e Thor era seu pai.

—A questão é que Gabriel, o Engel, acendeu sua *fúria*. —A deusa mordeu o lábio e sorriu— ficou ciumenta e furiosa quando a rejeitou. Isso a ativou. Portanto, não há mal que não venha para o bem, verdade?

—E então roubaram os totens… —Continuou Thor.

— Sim! —explicou Freyja animada— Com seus poderes a ponto de emergir e a possibilidade de que as *Valkyrias* e os *einherjars* pudessem ter relações, você foi uma escolha perfeita no *Midgard*. Estar com Gabriel a faria florescer como *Valkyria* que na realidade é. Pura *fúria*, Gúnnr, a filha secreta de Thor, descia para procurar o martelo. Era questão de tempo que o encontrasse. Foi nosso elemento surpresa.

— Por que não enviou Prúdr? Tinha medo de perdê-la? — Perguntou Gúnnr desafiante. A ela pouco valia toda essa explicação. Sentia-se mal, embora devesse reconhecer que toda aquela aventura a fez aprender muito sobre o que realmente importava e sobre ela mesma.

—Não enviamos Prúdr porque ela não tem companheiro —respondeu Thor.

—Tinha. Arrumou um casamento com o pequeno Alvíss — acusou Freyja com malícia. Ela sempre ria daquela decisão mercantil de Thor.

—Não me recorde isso— Thor fez um gesto enojado.

Thor vendeu Prúdr em casamento em troca de que Alvíss construísse armas para os Aesir.

Finalmente, Prúdr não se casou porque Thor conseguiu enganar o pequeno.

—Sim —Gúnnr não pôde deixar de sorrir. Aquela história era muito popular, de fato, Róta, Bryn, Nanna e ela riam do que poderia ser a orgulhosa Prúdr com um anão que lhe chegava aos quadris— Disse a Alvíss que, antes de casá-lo com Prúdr, tinha que provar sua inteligência, porque temia que como ele era pequeno fosse curto de ideias. Assim que o coloquei a uma prova de inteligência que durasse até que saísse o sol. E como os anões se convertem em pedra quando chega o sol…

—É uma bonita figura ornamentaria — desculpou-se o deus— Fica bem em meu jardim.

— Enfim, não importa! —Exclamou Freyja— Seus dons despertaram com Gabriel. Ele despertou sua autêntica *fúria* através de sua paixão e de seu amor. E graças a isso, a trouxe para o Mjölnir. Agora só faltam as outras duas ferramentas. É imprescindível recuperá-las. Você pode descansar um tempo Gúnnr. Mas será chamado ao *Ragnarök* — declarou Freyja pegando seu rosto entre as mãos. Freyja estava mais feliz de seus lucros que ela mesma.

Um momento. Ela não era um guerreiro que se aposentava e a quem agradeciam seu lucros. Em *Midgard* precisavam dela. Ou não; para ser sincera, ela precisava de sua gente de *Midgard*. Não queria ficar no *Asgard*.

—Quero voltar —Gúnnr elevou o queixo e teimou.

A deusa se afastou ligeiramente e olhou a Thor por cima do ombro.

— Ouviu sua filha? Quer voltar.

—Ouvi. —O deus do trovão acariciava a barba com incredulidade —… Dê uma boa razão para que possa descer ao *Midgard*.

Os dois deuses agiam de um modo um tanto fingido. Como se, na realidade, conhecessem o desejo de Gúnnr e esperassem alguma coisa dela para outorgar.

—Não tenho que dar explicações de nada — desafiou Gúnnr.

—Desta vez sim, menina —murmurou a deusa nórdica com uma tristeza um tanto artificial em seu gesto— Só ele pode devolvê-la a *Midgard*. É seu pai e comanda sobre você. Ele decidirá seu futuro.

Gúnnr ficou *furiosa*. Ninguém podia mandar nela. Já não. O que queria dizer que explicasse agora? Nenhuma vez antes se falaram, e agora esse homem queria saber as razões pelas quais preferia estar em *Midgard* que no *Asgard*?

—Diga isso Gúnnr. Decidirei se for ou não uma boa opção —o homem era inflexível.

— O que quer que eu diga?! —Estava indignada.

—Só a verdade. O motivo pelo qual quer descer. Acaso não prefere esperar aqui o *Ragnarök*?

Não. É óbvio que não queria.

A verdadeira ação, os valores mais poderosos, a incerteza e o *carpe diem* se encontrava no reino dos humanos. Uma terra que estava em sério conflito, não só contra os jotuns, mas também contra eles mesmos, e era fascinante ver como decidiriam agir quando vissem as orelhas ao lobo.

Não sabia quem eram, nem sabia o que faziam nesse planeta. O *Midgard* era uma grande escola. E no *Midgard* ela aprendeu a lutar, a perdoar e… a amar. A amar um homem com cara de

anjo, espírito de estrategista e coração de guerreiro. Ele era seu verdadeiro lar. Mas não só descia por ele. Suas amigas estavam em um momento delicado e elas eram suas verdadeiras irmãs, a família que escolheu. Gabriel, Bryn, Róta, Miya, Aiko, Jamie, Chispa, Isamu e todos os que teriam que chegar eram as pessoas que conformavam sua vida. Eles eram a razão pela qual ela removeria céu e terra para poder lutar a seu lado. E era sua verdadeira família, porque assim o dizia o coração.

O que poderia competir contra isso? Nada.

—Quero descer porque amo a todos os que deixei ali em baixo. São meus —explicou com voz tremente— E não se deixa nem se abandona às pessoas que pertencem a alguém —Gúnnr recriminou Thor em sua atitude para com ela— E é impossível abandonar ou esquecer quando têm seu coração em suas mãos. Eles têm meu coração de trovão. Agora só falta eu.

— Não desce para salvar à humanidade? —Freyja bateu o queixo com o dedo indicador— Eles não roubaram seu coração? Não são bonitos?

—O ser humano é muito complexo. Não pode entregar seu coração a alguém que não sabe o que fazer com ele. Os humanos são seres magnéticos. São emotivos, passionais, viscerais, e também são cruéis, indiferentes e ignorantes… São de tudo, e são muito. Há um grande potencial atrás deles, mas não querem se dar conta. São bonitos porque são imprevisíveis. Mas eu escolho a quem dou meu coração e não os dou a eles.

—Não gosto de sua resposta —respondeu Thor— disse que me dissesse a verdade e não me disse isso. Ficará aqui.

Gúnnr abriu suas asas e seus olhos se avermelharam. Suas mãos se encheram de eletricidade. Não ia indignar-se mais, tinham que escutá-la!

Thor parou quando viu sua filha disposta a brigar com ele. Caralho, fosse o que fosse o que havia aí em baixo, era tão importante para ela encarar com um deus, seu próprio pai. A quem lembrava?

—Seja sincera e valente, Gúnnr —ordenou Thor.

— Sou valente! Não sou como você.

Freyja tampou a boca aberta com as mãos. Sua *Valkyria* perdeu toda a vergonha e a educação.

—Gunny, céu, fecha a boquinha — sugeriu com doçura.

—Não penso ficar aqui —assegurou enquanto as lágrimas caíam pelas bochechas. Negava-se terminantemente a morrer em vida.

Thor se aproximou de sua filha e pôs uma mão na sua bochecha. Milhares de fios elétricos a rodeavam e temeu porque, a qualquer momento, a *Valkyria* lançasse uma descarga. Inclinou a cabeça a um lado e sorriu com seus olhos azuis claros impregnados de reconhecimento.

—Se for valente e sabe, diga a verdade — cantarolou ele entreabrindo o tom da canção de ninar de Freyja— O que há aí em baixo que faz que renuncie à segurança do *Asgard*? O que é que vale tanto a pena?

— Lá em baixo está o meu amor! —Soluçou— Você… Não entende. Não pode me tirar isso.

Thor estudou o rosto de sua filha. Gúnnr era poderosa e feminina e tinha tanto caráter ou

mais que ele. Ele também teve atrevimento de encarar Odín em alguma ocasião.

Na realidade, importava. Era uma honra admitir que a *Valkyria* que recuperou o Mjölnir era sua filha. Mas também seria uma honra recuperar um pouco do tempo perdido com ela. Entretanto, ele fez mal e reconhecia. Agora não podia exigir nada de sua filha. Em todo caso, para demonstrar que a respeitava e que queria arrumar as coisas entre eles. O único que podia fazer era ajudá-la a fazer realidade seu desejo. Ao melhor, com suas ações, Gúnnr aprenderia a aceitá-lo.

—Não pode tirar meu Gabriel —prosseguiu a jovem, angustiada e rouca— Ele… ele vai estar sozinho. Eu vou estar sozinha sem ele — colocou a mão aberta sobre o coração— E não quero me sentir vazia de novo. Quero… quero dizer que o amo. E quero… eu só quero estar com ele, pode entender? —Perguntou agarrando-se à armadura dourada do robusto peito de seu pai.

Thor olhou para a mão que apertava o peito. Ele sorriu e os cantos de seus olhos se encheram de rugas.

— Você Quer descer? Realmente quer descer?

—S-sim —Ela fungou. Estavam todos surdos?

—Estará em perigo e há muito que fazer —advertiu o deus da batalha— De vocês depende a segurança de *Midgard*. Loki e seus jotuns já sabem que é minha filha e não terão piedade. Tentarão ir atrás de você e me chantagearão com você.

—Tudo bem —negou ela com rapidez— Somos fortes, poderemos com eles, façam o que nos fizer. E se me pegam… Não preciso que me defenda ou resgate. Eu…

Thor pôs uma mão sobre seus lábios.

—É minha filha. Acha que não a salvaria se estivesse em perigo? Esteve no *Valhalla* muito protegida, mas tive momentos difíceis desde que desceu para *Midgard*. Fez-me envelhecer, *Valkyria* —sussurrou com voz grave.

—Isso é verdade —assegurou Freyja mordendo uma maçã que fez surgir sobre a palma de sua elegante e estilizada mão— Estava muito preocupado por você, Gúnnr, e não dormia. Sif disse isso.

Assim Thor se preocupava com ela? Bem. Isso estava bem, pensou a *Valkyria*.

—Preocupo-me com você, Gúnnr. E embora não ache, importa-me— jurou Thor. Sua voz soava rouca e solene— Me ouviu?

Gúnnr engoliu o nó que tinha na garganta e moveu a cabeça afirmativamente.

—Sim.

—Sim, pai —retificou ele.

—Brinca. Isso é passado— espetou com as bochechas vermelhas como um tomate.

—Diga ou não desce —ameaçou o deus.

Gúnnr olhou para outro lado, sobressaltada como uma menina pequena.

—Sim… —Engoliu com força— Sim pai.

—Muito bem, filha —sorriu abertamente. Thor levou a mão ao pescoço e tirou um colar com uma réplica do martelo— O colar é uma réplica de meu totem. Poderá lançar contra os jotuns e sempre retornará às suas mãos. Mas não abre portais nem nada disso… Isso só faz meu Mjölnir! —

o martelo foi às suas mão.

Freyja sorriu e meneou a cabeça.

—Que vaidoso é… —Sussurrou

A deusa dos Vanir assistiu, e juntos decidiram qual era o melhor momento para que Gúnnr aparecesse. Depois de dizer, Freyja abriu um portal justo em frente dela. Uma porta de luz branca que podia levá-la até seu guerreiro.

Freyja passou a mão pelo corpo de sua *Valkyria* e trocou a roupa que usava.

—Assim está melhor —disse a deusa analisando-a com aprovação— E agora… — passou-lhe a mão pelo rosto e a maquiou. Uma sombra de olhos escura, a linha do olho bem negro, cores e os lábios pintados de cor fúcsia— Está muito bonita. Tem que comprar esta maquiagem em *www.thepinksheeps.com*. Trazem o que precisa em casa e têm de tudo, fica muito bem. Gúnnr. Muito belo.

Gúnnr olhou o vestido azul escuro e brilhante purpurina. Era ajustado e marcava à perfeição o corpo curvilíneo e cheio de suaves e delicadas formas de Gúnnr.

—Freyja.

— Sim?

—Preciso saber algo.

A deusa entrecerrou os olhos e a olhou com interesse.

—Dispara.

Gúnnr não estava segura de querer saber, mas era algo que corroia seu coração desde que o disse Róta no Starbucks.

—Róta disse-me que quando tocava Gabriel via Daanna. Por quê? Ele me disse que me ama, mas ... —*Era normal ter dúvidas, não?*

Freyja sorriu e negou com a cabeça.

—Daanna deu seu sangue para salvá-lo. No organismo de Gabriel há sangue de Daanna, mas não o vincula a ela não. Por isso, Róta via o rosto de Daanna quando tocava o Engel. Tranquila, céu, Gabriel não sente amor por essa mulher. Nada.

Gúnnr tirou o ar que não sabia que retinha e deixou que todas suas reservas se abrissem. Podia confiar em Gabriel.

—Esteve enrabichado por Daanna. Mas não a amou. Os homens são muito animais — explicou Freyja procurando as palavras adequadas. Passou o indicador pelo canto do lábio— Acreditam que podem amar a uma mulher, mas, na realidade, é o instinto de procriação o que os leva a acreditar nisso. O homem está feito para gerar, para procriar, para pôr sua semente em qualquer lugar. Todas servem. As mulheres humanas são completamente diferentes. Elas se apaixonam. Apaixonam-se por homem que pode ser um futuro pai para seus filhos. Apaixonam-se por ele, mas são exigentes, fazem um teste de qualidade, sabe?

—Não está me ajudando —disse Gúnnr.

—Só quero que entenda que os *einherjars*, os vaniros, as *Valkyrias* e os berserkers amam de maneira diferente. Seus vínculos são outros, são mais emocionais. Inquebráveis. Assim se Gabriel se atreveu a dizer que te ama, é que ama de verdade.

A deusa lhe tocou o cabelo chocolate solto e enredado, e fez um meio coque baixo que deixava cair parte de sua juba por suas costas tatuada e pôs uns sapatos de salto com tiras negras que rodeavam as panturrilhas.

—Perfeita —Freyja piscou um olho.

A *Valkyria* se olhou e franziu o cenho.

—Gabriel caiu ao mar. Vestiu-me assim para me molhar? Vai desfazer a maquiagem e é uma pena.

Freyja franziu os lábios, e encolheu os ombros.

—Terá que cair com estilo. Ouça… Gúnnr —advertiu Freyja com tristeza— Têm que recuperar a Róta e ajudar Bryn. Elas… Elas necessitam que as ajudem. Necessitarão muito de você e de Gabriel. Devem ser fortes para o que virá.

—É óbvio, Freyja —assistiu Gúnnr— Não vamos descansar até recuperar Róta. Ela não pode sofrer mais. Nem pensar. E com Bryn… Eu acredito que se solucionará tudo. Elas devem solucionar.

A deusa a abraçou e a beijou na testa.

—Bata as mãos, menina —a despediu com um sorriso intrigante.

Antes de cruzar a soleira, a *Valkyria* estudou o pendente com olhos inteligentes. Deslizou-os entre os dedos e olhou a Thor.

—Estarei vigiando —declarou Thor admirando— Sejam diligentes e ajam com rapidez. O Engel está fazendo muito bem. Diga que, como seu novo pai, sinto-me muito orgulhoso dele.

Gúnnr assistiu e mordeu o interior da bochecha. Gabriel o agradeceria.

— Sabe o que… pai? —Custava muitíssimo chamá-lo assim.

— O que?

—Prometo que vai ficar de cabelo branco —assegurou Gúnnr com um sorriso maléfico. Agitou o pendente entre suas mãos— Como se abre? Como… como funciona? —O pendente seguia com o tamanho original por muito que o agitasse.

—Ah, isso… —Thor limpou a garganta e sorriu como um diabinho, como segundos atrás sua filha, a *Valkyria* mais furiosa do *Valhalla*, fazia— Se abre com a palavra papai.

— O que me parta um raio! —Exclamou Gúnnr.

Capítulo 27

Um dia depois da batalha de Diabo Canyon.
Dez da noite, Chicago.

Gabriel estava na cama.

Estava sob os cuidados de Jamie e Isamu. Comprou uma casa vitoriana no centro de Down Town diretamente para entrar e viver. Era uma casa que, em suas formas, parecia um pequeno canto, com um jardim que a rodeava, com a peculiaridade que estava construída na parte alta de um dos lagos e grandes edifícios da cidade. Tinha por sua vez alguns arranha-céus um pouco mais

altos que a cercavam como se fossem seus protetores. Cansaram-se de ir de hotel em hotel. E Jamie sugeriu que podiam adquirir algo central que se convertesse em sua base de operações.

Khani já não estava; a Newscientists de Wheaton desapareceu e os túneis subterrâneos já não se utilizavam, ficando imprestáveis, assim era momento de deixar de fugir e dar um golpe em cima da mesa. Eles não sairia dali. Iriam defender o que era dele.

Era o momento de pôr ordem na cidade, e momento também de cercar relações com os berserkers de Milwaukee. Eles foram parte ativa na ofensiva e a desativação de Fermilab da Botavia. Se não fosse por eles, o que teria acontecido? Assim, se cuidem, não ia reinar a paz de repente, nem muito menos, ainda restavam vampiros e também servos de sangue, mas, sem um líder à vista, estavam desorganizados, e, unidos os dois clãs de Odín e Freyja, seria mais fácil dobrá-los. Isamu e Jamie se encarregariam disso.

Depois da batalha em Diabo Canyon, tudo se precipitou.

Miya recolheu Gabriel do fundo do mar, inconscientemente e muito mal ferido. O samurai o deixou na borda, aos pés do complexo da central. Ele foi voando recuperar Róta e levava a Generala para que desse uma mão. Aiko se encarregou dele, e demorou umas doze horas para chegar a Chicago voando. Ali permanecia, sob os dos cuidados de Jamie e dos dois samurais. Graças a eles e a seus remédios, suas feridas sanavam pouco a pouco.

Não podia lutar em seu estado. Não podia nem se mover nem abrir os olhos, e se os abria, não via quase nada, porque a carga elétrica do martelo chamuscou suas retinas. Suas feridas, em troca, demoravam em cicatrizar. As queimaduras ainda superavam e sem o *helbredelse* de Gúnnr, até sendo um imortal, seu corpo não sanava com rapidez.

Ainda ardiam as mãos, queimava a pele e doía a mandíbula de tanto apertar os dentes. Mjölnir era um puto torturante. Era daninho, lacerante e capaz de dobrar a vontade das pessoas.

Entretanto, o que mais dor provocava, não era nem o martelo nem as feridas, mas sim o coração e o orgulho. Sentia-se ultrajado.

Gúnnr o humilhou e partiu o coração.

O sacrifício deveria ser dele e não dela.

Lembrava perfeitamente o último olhar. Gúnnr entregava sua vida pela sua. Ela fazia de um modo valente, altruísta, inalcançável como uma semideusa, e sem remorsos. E isso doía tanto… Sem remorsos. Não importou deixá-lo aí.

Doía porque sua ausência o estava matando.

Doía porque a mulher a quem ele entregou seu coração, a primeira e última, sacrificou-se por ele.

Doía porque precisava ver sua carinha de novo, tocar sua pele e rir com ela.

Mas não, não era possível. A *valkyria*, a maldita *valkyria*, tinha que mutilá-lo. Deus, sentia raiva e tristeza ao mesmo tempo. Tristeza por querer abraçar um impossível, raiva porque, apesar da redundância, aquilo que temia e que nos últimos dias pareceu impossível, se tornou realidade. Perdeu e fez mal a sua florzinha. Deixou que se fosse e que levasse com ela todas suas ilusões e sua vontade de viver e lutar.

Gabriel sentiu a ardência das lágrimas, e as secou com os antebraços enfaixados. Tinha

ataduras por todos os lados: nas coxas, peito, costas, pescoço… Mas a ferida mais importante não se via. Quem ia ver que seu coração foi incinerado pela coragem e desejo de fazer heroína uma *valkyria* furiosa?

O pior de tudo era que não dava nada bem estar de cama, mas, além disso, não queria se mover e, entretanto, devia se obrigar a sarar bem porque Miya e Bryn precisavam dele.

Bryn estava destroçada. Sentia-se igualmente fracassada que ele. A altiva *valkyria* insistiu em acompanhar Miya e desafogar sua *fúria*. Ela parecia responsável pelas suas, e Róta era sua irmã, e a Generala não foi à mesma desde que sequestraram a sua nonne. Depois de ver como Gúnnr explodia no céu como uma estrela, a luz de seus olhos azuis desapareceu. O líder samurai jurou por sua honra que recuperaria os objetos e, sobretudo, a *valkyria*. Sua intenção era interceptar o helicóptero militar antes que repusesse ou pudesse tocar terras escocesas. Não se sabia nada deles ainda.

Jamie e Isamu avisaram os clãs da Inglaterra para que estivessem atentos ao tráfego aéreo, pois se esperava que Róta e os totens chegassem em breve. De momento, não havia notícias deles.

Gabriel deu uma olhada ao mapa que desenhou Liam. Estava cheio de pontos quente, pontos de energia eletromagnética. O menino marcou a zona da Florida como possível portal. Acertou. Ele comentou com Caleb e Ás, para dar uma olhada a todos os pontos. Também disse que Hummus era um semideus. A notícia não surpreendeu em demasia aos líderes dos clãs.

Toc. Toc. Toc

Gabriel levantou como pôde, e gemeu para não se queixar pela tensão das feridas. Jamie abriu a porta. Trazia Chispa com ele, e uma caixa branca quadrada na outra mão. A macaquinha usava um pijama rosa e um laço da mesma cor sobre a cabeça, e assim que viu Gabriel fez uma festa e se jogou nos seu braços.

Gabriel sorriu. Só a macaca podia arrancar esse gesto.

—Sinto muito, Gab — desculpou seu tio— trouxe uma pizza do Giordano's, sei o muito que você gosta. E também trouxe Chispa. Cheira Gúnnr em você, e só deixa que você dê mamadeira.

—Não importa —Gabriel tomou nos braços a bebê e agarrou a mamadeira que dava Jamie— Vê-la me faz sentir melhor.

Jamie sabia pelo que estava passando. Parecia que estava mais morto que vivo. Seu sobrinho era um zumbi em espírito. Não ficava nada de cor nem de esperança nele. Zero.

—Esta noite me vou —disse Gabriel de repente— Pegarei um avião particular. Ligarei para Ás para que envie um dos seus para me buscar e me deixar na Escócia.

—Gabriel, precisa se recuperar e ficar bem. Seus guerreiros precisam de você, mas… Mas continua ferido gravemente.

— Meus guerreiros precisam de mim? O que resta deles, certo? — Especificou com derrotismo— Quatro de meus morreram. Minha *valkyria*, minha companheira —concretizou—, sacrificou sua vida por mim, o grande canalha… —Elevou a voz— E Róta está sequestrada e sofrendo seja que tipo de abusos… Bryn e Miya foram procurá-la e eu estou em uma puta cama sem poder me mover porque não tenho nem as pequenas beberagens comigo, nem um frasco,

tio! Sou um… —Se calou e esfregou o rosto com a mão. Chispa agarrou a mamadeira com uma de suas mãozinhas e com a outra tocou o rosto de Gabriel, querendo consolar com essa carícia o guerreiro.

Jamie se sentou na cama e o olhou fixamente.

—Que bom, a auto-compaixão não combina com você, Gab.

—Assim é como me sinto…Eu perdi tudo.

—Enquanto há vida não há nada perdido.

—Isso é uma merda —grunhiu de modo visceral— A perdi. A Gúnnr. Gúnnr se foi e me deixou sozinho… Eu não tenho vida agora sem ela. Eu… Preciso sair daqui! Preciso ocupar minha cabeça! Gosto tanto da *valkyria* que é impossível que… E a dor está me matando. Dê-me algo para isso —urgiu meneando a mão.

—Isamu e Aiko estão dando seus remédios, mas pelo aspecto de suas feridas… —Levantou o curativo do ombro com cuidado—. Ainda fica um dia ou dois para melhorar.

—Um dia ou dois... —Um dia ou dois pensando em Gúnnr. Uma vida inteira desejando-a. Como a odiava por ter feito o que fez— Se ninguém pode me ajudar, e se o que querem é me obrigar a ficar na cama, então é melhor que me dê algo para beber e esquecer ou posso me tornar um insuportável, entendido?

Os lábios de Jamie estiraram em um sorriso. O vaniro acariciou o cavanhaque, levantou e se foi do quarto. No final de uns segundos entrou com uma garrafa do Jack Daniel's Black Label.

—Toma. Vamos. Se embebede. Vive o luto. Mas isto não vai devolver sua *valkyria*. —Jamie o olhava com cara de tristeza— Ela não quereria vê-lo assim. Chore, Gabriel. Chore-a como merece, mas não pode se render… Ela não quereria. Gúnnr era uma lutadora, ela não…

— Ninguém pode devolver isso. E ela não está aqui! Traiu-me no céu. —As veias do pescoço de Gabriel se incharam e seu rosto avermelhou— Me cravou uma de suas flechas e eu… E eu estava tão fraco que… Caí. Ela se foi.

— E assim agradece?

— Não penso agradecer nunca!

—Deixou que vivesse —Jamie recolheu Chispa dos braços de Gabriel. O guerreiro estava desenquadrado.

— Gúnnr queria que eu a amasse, que a necessitasse; e justo quando não posso evitar reconhecer o que faço e que sinto coisas boas e fortes por ela, a filha de Thor me apunhala! E diz que tenho que agradecer? Não, merda, nem pensar! —Gritou e arrancou a garrafa de Jack Daniel´s das mãos de seu tio— E agora, por favor, me deixem em paz! Quero estar sozinho!

Jamie saiu do quarto de Gabriel, que ocupava uma ala da casa, e fez seu desejo.

Gabriel ficou sozinho no dormitório. Imóvel. Em silêncio.

Olhou a garrafa negra e passou os dedos pela etiqueta negra e dourada.

—Eu assim não posso viver… —Engoliu o nó da garganta e tremeu o queixo. —Isto tem que parar.

Levantou pouco a pouco da cama, com a garrafa de uísque na mão. A abriu e a levou aos lábios. Deu três goles seguidos. O álcool queimou-lhe a garganta e ele o agradeceu. Melhor sentir

o comichão do que a angústia e a dor das lágrimas que estava farto de derramar. Apoiou as plantas dos pés no quente tapete negro e cinza.

—Vamos lá, —Animou a si mesmo. Apoiou-se nos calcanhares e levantou. Rugiu como um animal e ficou quieto. O corpo tinha que se acostumar. Deu outro gole à garrafa— Bem…

Saiu do quarto, e ligou a televisão. Elevou o volume à máxima potência. E pôs na MTV. Abriu o balcão que dava ao jardim superior de sua ala, e saiu para tomar ar. As luzes de Chicago titilavam: a atividade noturna se desenvolvia com normalidade na cidade. Uma buzina por aqui, uma gargalhada por lá… A lua estava no alto, lua cheia que sorria, gabando-se de sua desgraça.

—Isto é por você, florzinha. — a choraria como ela merecia.

Gabriel não estava do todo bêbado, mas sua alma e sua tristeza ficaram um pouco entorpecidas. Isso era bom porque assim não sofria. Usava só uma calça de pijama larga de cor azul escura. As ataduras rodeavam os bíceps, o torso, a mãos e os ombros, mas as pulseiras metálicas não podiam cobrir, assim que as mostrava , até sabendo que sob elas a pele ainda continuava ferida.

A música soava tão alta que parecia discoteca. Uma festa particular, isso era o que era. Uma festa de despedida.

—*Easy come, easy go, That's just how you lleve*[58] — cantava em voz alta e rasgava as cordas vocais, gostariam de cantar igual a Bruno Mars e sua *Granade.*Estava tão magoado e raivoso…—OH!! *Take, take, take in all, but you never give*!!![59]Isso, Gunny —Gritou ao céu— levou isso tudo e não me deixou nada!

Gabriel se apoiou no corrimão de pedra grossa e calcária que rodeava o balcão. Como gostaria de voltar atrás. Se não tivesse sido tão covarde, poderia dizer a Gúnnr que a amava desde o começo. Sua razão o negou, mas seus instintos e seu coração a aceitavam sem nenhum medo. E ele lutou contra isso como um puto cego obstinado. Não ia se embebedar.

Não podia. Seu tempo no Vallhall bebendo hidromel o imunizou ao álcool humano. Riu de sua sorte.

—Nem sequer posso me embebedar, merda —grunhiu rindo do Jack Daniel's e de si mesmo. Pressionou a garrafa com os dedos, e a lançou com toda sua impotência e *fúria*, para a lua— *Mad woman, bad woman... That's just what you are, yeah. You'll sile in my face, then rip the breaks outmy car*[60]… Gúnnr! – Deixou cair a cabeça para trás e abriu os braços— É isto o que quer?! Deixando-me só e necessitado?! Dar-me uma lição?! Para isso queria que apostasse por você, *valkyria* caprichosa?! Para que me abandonasse?! Eu seguraria uma granada por você! Cortaria uma mão por você! Faria qualquer coisa por você! Mas você…!

—Eu faria o mesmo —disse uma voz cheia de lágrimas atrás dele— Daria minha vida por você.

Gabriel não moveu um só dedo. Abriu os olhos com surpresa e estupefação, e cravou os

[58] *Vem fácil, vai fácil, e assim que você vive.*
[59] *Oh, leva, leva tudo mas você nunca dá!!!*
[60] *Mulher louca, mulher má e o que você é...sim você sorri para mim e depois arranca os freio do meu carro...*

dedos no corrimão de pedra, criando pequenos sulcos circulares.

Gúnnr não imaginaria encontrar Gabriel nessa situação.

Seu cabelo loiro estava solto e selvagem, açoitado pelo vento que sua aparição o levantou.

O que podia dizer? Amava-o tanto, tinha tanta vontade de abraçá-lo e beijá-lo, que não sabia como proceder.

As costas do guerreiro tremeram, e os ombros estremeceram várias vezes. O *einherjar* fungou.

—Estou tão mal, que acredito que ouço sua voz, florzinha… —Inalou e fechou os olhos com gosto— E acredito que até a cheiro. Minha nuvem… — Murmurou.

Gúnnr cravou as unhas nas palmas das mãos. Ela não tinha um aspecto melhor. Vê-lo assim triste e mau destroçava Gabriel. E isso, ela provocou. Deu um passo até ele, o salto bateu a madeira. Logo deu outro, e outro mais, até se colocar a um palmo de suas costas machucadas.

— Gabriel?

O *einherjars* girou de repente e encarou sua visão particular.

Mas que preciosidade, pelo amor de Deus! Quem a maquiou assim? Tinha os olhos enormes e brilhantes. E aquela boca… Vê-la tão real oprimiu seu peito. Foi como um soco que o deixou sem fôlego. Porque estava vestida desse modo? O vestido era arrasador e os sapatos aberto de tiras intermináveis o deixavam em guarda.

Era Gúnnr. Apertou a mandíbula e seus olhos azuis se encheram de lágrimas. Sim, era ela.

A *valkyria* estremeceu e se sentiu agitada ao ver a emoção em seu guerreiro. “Não caiu ao mar. Essa Freyja…”, pensou agradecida.

—Gabriel, sou eu — sussurrou Gúnnr se aproximando mais ainda.

Quando o guerreiro compreendeu que Gúnnr estava aí, que continuava viva, que a tinha ao alcance da mão, que era real e não uma alucinação, sua mente reagiu e despertou com ela sua ira e sua paixão.

— Quem? —Reagiu ele com um grunhido— É minha torturadora? A mulher que me cravou uma flecha no céu?

Ela moveu a boca como um peixe e desviou a vista para outro lado. Gabriel parecia zangado e desesperado. Era como uma granada com todo o rosto. Estava muito irritado com ela.

— Quem é? Diga-me— ordenou sem se atrever a tocá-la. Se o fazia, perderia a oportunidade de dizer a essa mulher o que fez com ele, reduzi-o a nada.

—Sou Gúnnr. —Ela elevou uma mão e, com sua cura, tratou as feridas faciais de Gabriel. *Menos mal. Pensei que ia se afastar.* Sua mão se iluminou com um fulgor avermelhado, e sanou o guerreiro. Aí estava o rosto varonil e ao mesmo tempo doce. Deslizou os olhos por seu pescoço e seus ombros, e não pôde evitar morder o lábio inferior para evitar tornar a chorar. Tinha muitíssimas feridas— Eu sinto, Gabriel. Sinto muito que…

— O que sente? —O olhar de Gabriel era selvagem. As feridas não doíam comparadas com a dor que sentia sua alma— É real?

—Sim. Sim, sou —respondeu Gúnnr ainda insegura por seu recebimento.

— Para que veio? Fica? Vem ficar? —Exigiu saber com tom autoritário. Precisava se

assegurar— Não importa, porque daqui não vai — jurou ele caindo sobre ela.

Não. Não podia ter essa sorte. Não queria fazer ilusões para que logo ela sumisse de novo. Tinha que se assegurar.

—S-sim. Gabriel. Vim para estar com você. —Gúnnr conhecia muito bem o temperamento louco de Gabriel. E sabia que ele ia estar muito aborrecido com ela. Gabriel tinha muito arraigada a ideia de que o homem era quem devia salvar à mulher. E de fato, salvou-a de outra maneira mais autêntica e mais especial. Assim não importava que se convertesse em um resmungão, porque seus olhos, além de estarem assustados, estavam a transbordar de amor, cheios de *fúria* e paixão. O alimento da *valkyria*.

A música do *Invincible* de Kelly Rowlan e Tinie Tempah encheu o jardim e os céus de Chicago.

—Se ficar, e diz que é Gúnnr —sua voz soava rouca e baixa—, diga em voz alta quem é na realidade.

Gúnnr sorriu interiormente. Aí estava. Era sua reivindicação.

Que mandão e que doce.

They say we shouldn´t, yeah say we wouldn'T.

Look where we are, we'vê doe what thought we could´t.[61]

—Sou sua *valkyria*, Gabriel— passou-lhe a mão pelo peito e curou suas feridas. Cortou a atadura com suas unhas azuis e liberou sua carne da opressão. O acariciou com as pontas dos dedos. Os músculos de Gabriel se tencionaram e marcaram seu abdômen e seu peitoral. Gúnnr beijou um mamilo nu e o acariciou logo com a bochecha— Sim, Thor e Freyja me deram escolha. Queriam que ficasse com eles, mas eu não pertenço a esse lugar.

—Não. Então. Eu não quero ouvir isso agora. Agora eu quero ouvir a verdade.Você é minha *valkyria*? Minha? —Elevou as mãos e lhe abrangeu o rosto com elas— Minha, Gúnnr!?

Ela assentiu e o olhou fixamente nos olhos. Rodeou suas mãos feridas e enfaixadas com as suas, e estas se iluminaram. Suas queimaduras e suas cicatrizes desapareceram.

Gabriel estreitou os olhos e entreabriu a boca.

Gúnnr tirou as ataduras e passou seus lábios por seus machucados e suas mãos. Morenas. Grandes. Masculinas. E sem nenhum arranhão. Moveu o rosto para a palma de sua mão direita, procurando uma carícia como um gatinho.

—Sempre fui sua. Desde o primeiro dia.

Gabriel rugiu, afundou uma mão desesperada no cabelo meio preso de Gúnnr, e se inclinou ferozmente sobre seus lábios. Beijou-a.

Ela gemeu e ele grunhiu, enquanto com o outro braço rodeava sua cintura e a trazia contra ele.

—Gabriel, espera… suas feridas… Ainda tem algumas… —Gabriel não a deixava respirar. A queria engolir inteira.

Ele girou e apoiou as nádegas de Gúnnr no corrimão. Abriu-lhe as pernas e se colocou entre elas, sem deixar de beijá-la, de acariciá-la, de querê-la. A pedra estava muito fria e transpassava o fino tecido do vestido.

---

[61] *Eles disseram que não devíamos, disseram que não faríamos. Olhe onde estamos, fizemos o que achavam que não podíamos.*

— Maldição, Gúnnr! —Exclamou ele sobre sua boca— Vem aqui vestida de purpurina, como se fosse uma fada… E eu aqui morto de tristeza por não voltar a vê-la. O que acha que sou? Não pode brincar comigo assim! — Mordeu-lhe o pescoço com força.

— Arg! —Gúnnr fechou os olhos e puxou o cabelo loiro de Gabriel— Não jogo… Eu não jogo, Gabriel. Eu…

— Você! Bruxa manipuladora! Penetra sob minha pele, faz que a ame como ninguém, e logo me trai no céu e ainda por cima me deixa com vida para que chore toda a eternidade! —Gabriel elevou as mãos até o decote do vestido e o arrancou. Dando puxões até embaixo, até que a roupa se abriu por completo e deixou à vista o sutiã de Gúnnr, e a calcinha azul combinando. Gabriel por pouco cai de joelhos diante dela.

— Rasgou meu vestido! —Os olhos de Gúnnr se tornaram vermelhos e se encheram de lágrimas de emoção. Por fim Gabriel se descontrolava com ela— E é óbvio que o salvei! E o faria outra vez!

Um relâmpago cruzou o céu. Essa era Freyja irritada por fazer migalhas seu lindo vestido.

— Não! —Bramou ele— Não, Gúnnr! Você não pode me converter em um homem imprestável. Como acha que posso lutar sem você? Hein?! —Sacudiu-a pela cintura e seus seios se moveram de um lado ao outro— Como?! Como merda respiro sem você? Eu… Eu não valho nada se não estiver a meu lado. Um *einherjar* não é ninguém sem sua *valkyria*.

Gúnnr começou a chorar desconsoladamente.

— Fiz porque te amo, Gabriel! E não me importa que se zangue! Não me importa que fique furioso porque você caiu no mar e eu desapareci entre as nuvens! Sempre escolherei você! Sempre! —Cravou-lhe as unhas no peito e o empurrou. Mas Gabriel não se movia, era um muro de concreto instalado entre suas pernas— E se está zangado aguenta! Estas coisas se fazem por amor!

Gabriel a olhou fixamente. Ele ainda estava tremendo pelo choque. Gúnnr o amava. Isso era o que estava dizendo, não? Seu *valkyria* furiosa dizia que o fez por amor.

—Pois não o faça mais. Por favor, não mais…

—Farei o que me dê vontade — desafiou ela— Você não pode me dizer como devo amar.

—Gunny… —Não saía a voz.

— Gunny o quê?! Diga! O quê?! —Voltou a empurrar .

—Gúnnr, morro sem você.

Rendeu-se diante dela. Não encontrava melhor modo de dizer a sua *valkyria* que ela era o melhor dele.

Ás bad as the odds were looking.
Push yeah, we kept on pushing
And every teme I nearly hit the ground,
You were my cushion.[62]

[62] *Por muito mal que fossem as coisas, nós empurramos e seguimos empurrando. E cada vez que estava a ponto de se chocar contra o chão, você foi minha almofada.*

Aí estava. A *valkyria* ia morrer de alegria. Isso era o que queria dele. Uma confissão desesperada, uma confissão rasgada dessas que deixa a pele arrepiada.

—Tive que morrer para ouvi-lo falar assim. E sabe o que? —Gúnnr levantou o queixo de Gabriel.

— O que?

—Morreria outra vez por você.

O *einherjar* apertou os dentes para não fazer bico como um menino pequeno.

—Gabriel… —acariciou-lhe o rosto— Não chore, por favor…

—Não choro. É a chuva que não cai —admitiu com uma meio sorriso— Estou furioso com você Gúnnr. Tirou-me a vida nestes dois dias. Você acha que me deu isso porque me deixou viver. Mas não é assim. Viver sem vê-la um só dia, sem tocá-la, sem cheirar seu aroma de açúcar, é como estar morto. E não vou agradecer isso. —Penetrou suas mãos em sua calcinha azul e a rasgou.

Gúnnr sorriu, e atraiu a seu guerreiro para ela.

—Deixa de rasgar minha roupa. Venha aqui, guerreiro.

Ele lutou contra suas carícias e seus beijos, brigou contra sua doçura e sua ternura, mas no final se rendeu a seu amor.

Gabriel bufou e gemeu, e no final rodeou Gúnnr com seus fortes braços e afundou seu rosto entre seus seios. Acariciou-lhe o cabelo e beijou seu cocuruto enquanto dizia todo tipo de tolices mimosas.

—Gabriel —murmurou deslizando os lábios ao longo de seu cabelo loiro, sua orelha, a lateral de seu pescoço e logo seu queixo— Gabriel… —Beijou sua mandíbula e logo se aproximou do canto de seus lábios— Eu tampouco posso viver sem você. Por isso estou aqui com você.

As palavras tinham a capacidade de acalmar ou avivar tempestades. Essas palavras tinham um efeito surpreendente em Gabriel. O despertaram e o voltaram para a vida.

Beijou Gúnnr com exigência e agressividade.

Ela não pôde fazer nada contra o ataque do guerreiro. Era impossível parar suas mãos e a fome voraz que o consumia. E ela não queria parar, queria que também a consumisse. Uma mulher devia se sentir orgulhosa da paixão que despertava em um homem. O importante era não sentir medo disso.

There's evidence that proves. That you were sent
'Cos ehen I needed rescuin. You were there at my defence
Girl in you I find a friend, You make me feel alive again
And I feel like the brightes star. 'Cos you make me shine again.[63]

Gabriel deixou Gúnnr nua sobre o corrimão. Deixou de beijá-la e lambeu sua garganta de cima a baixo. Logo mordeu a clavícula com suavidade e finalmente chegou até seus seios. Ali,

[63] *Há provas que evidenciam que foi enviada do céu, porque quando eu necessitava que me resgatasse você saiu em minha defesa. Garota, em você tenho uma amiga, fez sentir vivo de novo e me sinto como a estrela mais brilhante porque faz que eu volte a brilhar.*

neles, entre eles, Gabriel se sentiu o rei. Lambeu e beliscou. Mordeu-os e os mamou, como se quisesse tirar leite deles.

—Gabriel… Mais suave… —Pediu Gúnnr com voz tremente.

Ele levantou o olhar para ela e sorriu. Mordeu o mamilo do piercing com força e Gúnnr gritou abandonada ao prazer e às carícias. Um relâmpago caiu sobre eles iluminando-os por completo. Gabriel rugiu como um selvagem, encantado das sensações e a recepção de energia.

—Este é seu castigo, florzinha, por ser tão ruim comigo —lambeu o mamilo de novo e o beijou. Agarrou-a nos braços e a insistiu a que rodeasse seus quadris com suas pernas. Acariciou-lhe o traseiro e sorriu como um felino— É perfeita, amor— a beijou nos lábios e puxou brandamente o inferior.

Gúnnr se sentiu fascinada por aquele Gabriel. O estava descobrindo diante dela. Era sexy, dominante, selvagem e sabia muito bem como tinha que tocá-la e tratá-la para acender sua paixão.

No meter where are (yea). No meter just how are paths my lead
We don't need no shields, Love is the armour that we need
We're invincible (we are), Incincible (you are)[64]

— Aonde me leva?

—Eu não vou deixar os espectadores te olhando e vendo como tudo. —Sugou sua garganta e deixou uma marca, enquanto caminhava com ela nos braços ao interior do castelo.

Entraram no quarto e Gabriel deixou Gúnnr sobre a cama. Arrancou a calça como pôde. Puxou as pernas de Gúnnr, aproximou-a dele e abriu.

Inundou a língua e a boca no sexo de Gúnnr como se fosse um lobo faminto e ambos enlouqueceram. Os raios e os trovões fizeram um concerto especial naquele quarto, só para eles e devido a eles.

Gúnnr gritava e puxava seu cabelo.

Gabriel se limitava a torturá-la e a fazer que gozasse uma e outra vez. As asas vermelhas de Gúnnr se desdobraram e teve que se erguer, cruzar os pés atrás da nuca de Gabriel e se agarrar a seu cabelo loiro.

Quando a *valkyria* já não podia se mover mais, Gabriel beijou o interior de suas coxas, sentou-se no centro da cama, levantou Gúnnr pelas axilas e a sentou sobre ele.

—Morro de vontade de fazer isso Gúnnr —beijou seu ombro enquanto guiava seu pênis a sua estreita e úmida entrada.

Gúnnr parecia como de gelatina, parecia um pudim. Tinha a bochecha apoiada em seu ombro e notava o suor percorrendo seus seios e suas costas.

— Como? O que quer me fazer que não me tenha feito já?

—Quero fazer amor com você. Amá-la como eu sei. Como você me ensinou.

[64] *Não importa onde estejamos, quanto afastados estejam nossos caminhos. Não necessitaremos escudos, porque nosso amor e nossa única armadura. Somo invencíveis. Você e invencível.*

Gabriel impulsionou os quadris para diante e a penetrou até o fundo. Beijou-a enquanto se balançava com mestria. Gúnnr choramingou por como sensível estava e também pela emoção de ver Gabriel tão entregue a ela.

— Quem sou eu? —Sussurrou Gúnnr com as lágrimas deslizando por suas bochechas— Diga isso.

—Gúnnr.

— O que sou eu? —gemeu ao sentir a estocada cada vez mais profunda do pênis de Gabriel.

—Minha *valkyria*. A mulher de minha vida —afirmou Gabriel, beijando-a e acariciando suas bochechas— A única

— A única? —Perguntou para assegurar— Você gosta muito?

Ele sorriu e secou as lágrimas com os polegares.

— Eu te amo, amo muito. É a mulher que eu quero, inclusive antes de saber o que era o que queria. Encomendei você. Minha alma, meu corpo e meu coração são seus. Amo você, Gúnnr.

Gúnnr grudou a testa à dele e sorriu feliz. Suas covinhas iluminaram seu rosto como dois sóis, e seus olhos se clarearam. Havia corrido um pouco o rímel e estava adorável.

—Diga isso Gúnnr. Não faça que rogue. —Gabriel parava seus quadris e a olhou com seriedade—Diga-me, morro de vontades de ouvi-la dizer isso.

—Amo você, Gabriel. Amo com meu coração de trovão e minha alma de *valkyria*. Meu corpo, e tudo o que sou é seu. —Beijou seus lábios com doçura— Eu sempre soube que foi o homem que queria para mim.

Gabriel estendeu suas asas, por fim recuperadas depois do contato com Gúnnr. A declaração da *valkyria* o fez livre e o completou. Suas asas azuis se agitaram, mas nenhum dos dois quis voar.

Eram belos. Como dois pássaros luminosos entregues ao amor. Não quiseram voar porque já voavam, juntos, elevados por sua rendição, purificado pela sua redenção, por sua redenção, não havia necessidade de bater suas asas.

Ah from wildest water. Yeah to the highest mountains
Aah you and I forever. Even through the driest decerts
You life me higher than ever, I feel an light an a feather
And when we're fighting 'together, we can take on the weather
I will keep you waterproof. Every single storm you
Ever have to walk though. I will go before you
I will b the vice when you, Need someone to talk to
Please don't ever doubt me. Let me ressure you.[65]

Permaneceram abraçados, unidos um ao outro. Com os corpos grudados pelo suor e pela paixão.

[65] *Da água mais bravia até a montanha mais alta, você e eu para sempre, inclusive através dos desertos mais áridos. Eleva-e mais alto que nunca, sinto-me ligeiro como um pluma. E quando lutamos juntos podemos controlar até o clima. Manterei seca em cada tempestade que tenha que passar, eu irei sempre diante de ti. Eu serei a voz que necessite quando te fizer falta falar com alguém. Nunca duvide de mim, deixe demonstrar isso.*

—Contornarei cada tempestade, florzinha —murmurou Gabriel com os olhos fechados e abraçando Gúnnr não só com os braços, mas também com todo seu corpo e sua alma— Não duvide jamais de mim.

—E agora me conte o que aconteceu aí em cima. Por que a deixaram livre? Diz que não pertence a esse lugar. Por quê? Seu pai está lá, não?

Gúnnr sorriu e o beijou nos lábios.

—Uma pessoa só pertence àquela que a escolhe acima de si mesmo. Thor não fez. Meus meios-irmãos não fizeram. Eu pertenço a um príncipe loiro, com cara de anjo e má reputação. E pertenço a minhas amigas, que sempre acreditaram em mim e que nunca me deixaram de lado. Elas precisam de mim. Você precisa de mim?

—Eu preciso de você. Eu pertenço a você —assegurou Gabriel retirando uma mecha de cabelo chocolate de seu rosto— Quer falar disso, de seu encontro com seu pai?

—Agora não, amor. —Voltou a beijá-lo e murmurou com um suave toque de sua língua— Depois. Agora é meu.

Quando se dispunham a beijar-se de novo, o iPhone de Gabriel soou com força.

Gabriel e Gúnnr se olharam fixamente, espectadores.

O guerreiro pegou o telefone.

— Sim?

—Gabriel.

O *einherjars* abriu os olhos e os cravou nos de sua *valkyria*.

— Miya?

—Tenho Róta localizada.

O samurai não mencionava nem a espada nem a lança. Só interessava a *valkyria*.

— Onde? De onde liga? —Perguntou Gabriel com ansiedade e urgindo a que desse mais informação.

—O helicóptero está prestes a decolar de um navio assalto anfíbio —explicou Miya.

—Nos diga a posição, Miya. Nos mobilizaremos imediatamente.

—Bryn e eu estamos escondidos sob o helicóptero. Está a ponto de descer para carregar o combustível. Estão a uns três mil quilômetros da Irlanda. Têm pensado descarregar aí, no Cork. Mudaram os planos.

— Por quê? O que vai fazer você? —perguntou Gabriel.

—Vamos tentar resgatar Róta e recuperar os objetos. Mas não podemos esperar que cheguem. Está amanhecendo e preciso cobrir-me. Agiremos o mais rápido que pudermos. Te deixo, Engel.

—Miya —Gabriel acariciou a bochecha de Gúnnr— Conta conosco. Vamos para lá.

O samurai cortou a comunicação.

Gabriel e Gúnnr se abraçaram com força e ela chorou de alegria.

—Está viva. Róta continua viva —levantou o punho vitorioso.

—Sim. Miya e Bryn já estão no helicóptero — disse Gabriel— Não entendo como conseguiram… vão resgatá-la.

—Então devemos ir até eles. Precisam de nós.

—Sim —Gabriel assentiu e afundou o rosto no pescoço de Gúnnr. As coisas ficavam em seu lugar pouco a pouco— Sim, mas me dê outro beijo, minha *valkyria*.

Gúnnr sorriu e se lançou por ele.

Juntos se beijaram e se amaram.

Aceitaram-se e se libertaram.

Descobriram que eram invencíveis, não por ser imortais, mas sim porque seu amor podia com tudo, inclusive com a morte.

E assim foi como uma *valkyria* de Freyja e um einherjar de Odín entenderam que a pior batalha de todas não incluía trovões, nem armas, nem guerras, nem presas.

A batalha mais cruel e sangrenta é a que inclui dois corações que devem aprender a ser valentes.

O trovão mais sonoro e poderoso é o que criam um homem e uma mulher quando colidem e se dizem que se amam.

A guerra mais incrível é a que se desata quando a *fúria* e a paixão vão sempre de mão dadas.

Epílogo

Em algum lugar do oceano Atlântico

Miya e Bryn morriam de frio.

Não dormiram desde que saíram voando desde Diabo Canyon. E levavam cinco horas praticamente sob o helicóptero militar.

Conseguiram alcançar o helicóptero que saiu do Diabo Canyon. Mataram dois vampiros que eram pilotos, e entraram na cabine e assumiram o controle da aeronave. Graças a isso, puderam comunicar com o outro helicóptero que levava o contêiner de reféns e que se dirigia a Escócia, mas receberam novas ordens de desembarcar no Cork, zona portuária da Irlanda.

Eles seguiram o rastro de um outro helicóptero por radar. Agradecido que os vidros eram negros, Miya pôde resistir às horas diurnas com mais comodidade.

Em algum lugar do oceano Atlântico, o helicóptero no qual iam ficou sem combustível, mas estavam a quase uma hora do outro, que era o que mais interessava. Ele e Bryn deixaram que seu transporte caísse no mar, e eles continuaram voando.

Nunca em sua vida voaram tão rápido como agora. Um vaniro desesperado podia ser muito rápido, embora tivesse que carregar uma *Valkyria*.

E então, o localizaram; e pensaram que, para não chamar a atenção e não colocar os reféns nem aos totens em perigo, o melhor era que não os vissem. Por isso ficaram sob a cabine. A *Valkyria* de cabelo vermelho estava aí, em cima dele, e ele ainda não podia fazer nada. Se fizessem algo indevido e os descobriam podia acontecer muitas coisas e nenhuma boa. Por isso, antes de arriscar, asseguraria de não ficar indefeso no meio do oceano, com todos os reféns feridos

gravemente em um helicóptero sem combustível e a plena luz do dia. Nem pensar. Agiria no momento justo.

Seu aroma se desvanecia. O aroma de Róta, tão aditivo e matador para ele, desaparecia. Era como se estivesse deixando para trás sua essência.

Miya cravou os dedos com raiva nas rodas de aterrissagem do Chinook ao que estavam cuidadosamente presos. Não suportava não poder entrar em sua mente.

Não podiam vê-los, estavam bem escondidos. Ninguém apareceria para olhar sob as portas da cabine e da fuselagem. Não sabiam que estavam aí.

Miya queria contatar com Róta só para que se sentisse um pouco melhor e soubesse que não estava sozinha, mas… Já não podia.

Merda, perdeu o controle.

Definitivamente.

Ou resgatava Róta ou se reuniria com seu amigo Ren mais rápido do que nunca imaginou.

Aquela mulher de cabelo vermelho e incríveis olhos azuis acabou com sua serenidade e sua prudência em uma maldita noite. Em umas horas.

Desde que a muito atrevida lançou contra ele sua própria chokuto no Hard Rock, colocou todo seu mundo e a toda sua eternidade de disciplina e respeito de pernas para cima. Assim, sem mais.

Valkyria provocadora, grunhiu.

—Fica ainda mais de uma hora e meia para que amanheça —disse Bryn— Ou nós temos pressa, ou alcançará o sol, Miya. E temos que libertá-los antes que cheguem à Irlanda.

Miya sabia que a Generala tinha razão. No meio do oceano estava a mercê do sol. Não poderia se ocultar.

Bryn era uma *Valkyria* impressionante. Rigorosa e ordenada. Mas Bryn e Róta tinham uma empatia fora do comum, e a Generala sofria muito devido a isso.

Depois que sequestrassem sua amiga, às vezes a viu fechando os olhos com força e tremendo de choque. E não duvidava de que sentia tudo o que experimentava Róta em seu corpo.

Miya perguntou o que era o que estava passando com Róta, pois era impossível entrar em sua cabeça. Mas sua amiga se negou a dar uma mísera descrição ou detalhe sobre o que viveu ou estava vivendo a jovem.

—Não posso. Sinto muito. —Apertou a mandíbula e voltou para o outro lado para esquivar seus olhos instigadores, ocultar deles e esconder todas essas verdades que ele queria revelar— Ao menos, agora está tranquila. Não… não fazem nada.

— Você está bem?Está com frio? Com fome?

Bryn sorriu sem vontade e cravou os olhos no insondável mar que havia sob seus pés. O vento açoitava sua juba loira de um lado para outro.

—Só sente dor. Só… dor. E muita tristeza —Bryn se angustiou e deixou de falar durante um bom momento.

Ele fez muito mal a Róta. Não devia tocá-la. Não devia ter perdido o domínio de si mesmo. Mas o olhar desafiante dessa mulher jogou tudo a perder.

Alguém nunca espera encontrar com uma mulher que é um furacão e uma desbocada. Os samurais e as pessoas como essa *Valkyria* são completamente antagônicos.

—Miya, me responda algo: mordeu Róta? —Perguntou Bryn sem nenhum tipo de censura em seu olhar.

Um músculo incômodo palpitou na forte mandíbula de Miya.

—Não é da sua conta.

—Sim é —respondeu Bryn— Se fizer mal a minha nonne se converte em algo pessoal.

—E você me diz isso — o samurai levantou uma sobrancelha— virou o rosto diante de todos os guerreiros.

Bryn se calou de repente e o arrependimento cruzou seu rosto. Ela estava tão arrependida. Via nos seus olhos.

Um silêncio cheio de recriminações caiu sobre eles.

—Quero salvá-la, Miya. —Sua voz soava débil e muito afetada— Quero salvá-la para pedir perdão e para dizer que a amo. Mas estou neste maldito helicóptero, sei que a tenho em cima de mim, destroçada, e não posso ir até ela. Morro da impotência, Miya!

—A salvaremos, Bryn — declarou ele— Não duvide. Quando o helicóptero descer para abastecer, será nossa vez.

Miya apertou os punhos e negou com a cabeça. *Róta, aguenta*.

Agora precisava recuperá-la. Precisava resgatá-la.

Se seu irmão Seiya colocou suas sujas mãos sobre essa *Valkyria* só porque o cheirou nela; se fez mal a Róta só porque tinha sua marca; se Seiya abusou dela só para fazer mal a ele, então, nunca o perdoaria por ser tão descuidado.

E então, Miya não ia ter mais remédio que reclamá-la. Embora fosse o último que devesse fazer, mas por sua alma maldita que faria.

Seiya a mataria e a torturaria por diversão. E Miya não podia permitir.

Assim ia ignorar todas as malditas lendas que falavam sobre ele e sua maldição. Já sabia que eram verdadeiras. Só tinha que olhar a seu redor.

Aqueles todos aos que amava, morriam. Seus pais, Naomi, Ren e Sharon… Todo aquele com o que podia ter um vínculo afetivo, acabava desaparecendo de sua vida para sempre.

Mas não importava. Preferia isso, a deixar Róta nas mãos de um desalmado como Seiya.

Ele tinha um plano que urdiu e visualizou em sua cabeça, pelo menos, vinte vezes desde que perseguiam o helicóptero com o contêiner.

Gabriel já estava informado sobre seus avanços. Eles viriam cedo ou tarde, mas enquanto isso, só Bryn e ele podiam fazer o milagre.

— Por que você quer salvá-la? —Perguntou Bryn de repente— Fez um grande esforço para chegar até aqui, como se fosse sua vida nisso. E não só está aqui pelos objetos. Está aqui por ela. Assim me diga: por que razão quer recuperá-la?

Miya inspirou profundamente e depois de exalar disse:

—A salvarei para dizer: *Gomenasai*[66]. Conhece o gêmeo mau. Eu sou o gêmeo bom.

Fim

**** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros da Tiamat.**

Muita gente está querendo ganhar fama e seguidores usando os livros feitos por nós.
Não retirem os créditos do livro ou do arquivo.
Respeite o grupo e as revisoras.

[66] *Em japonês Lamento muito.*